THE KNIGHTS SERIES

ALL I Need

E. SALVADOR

E. SALVADOR

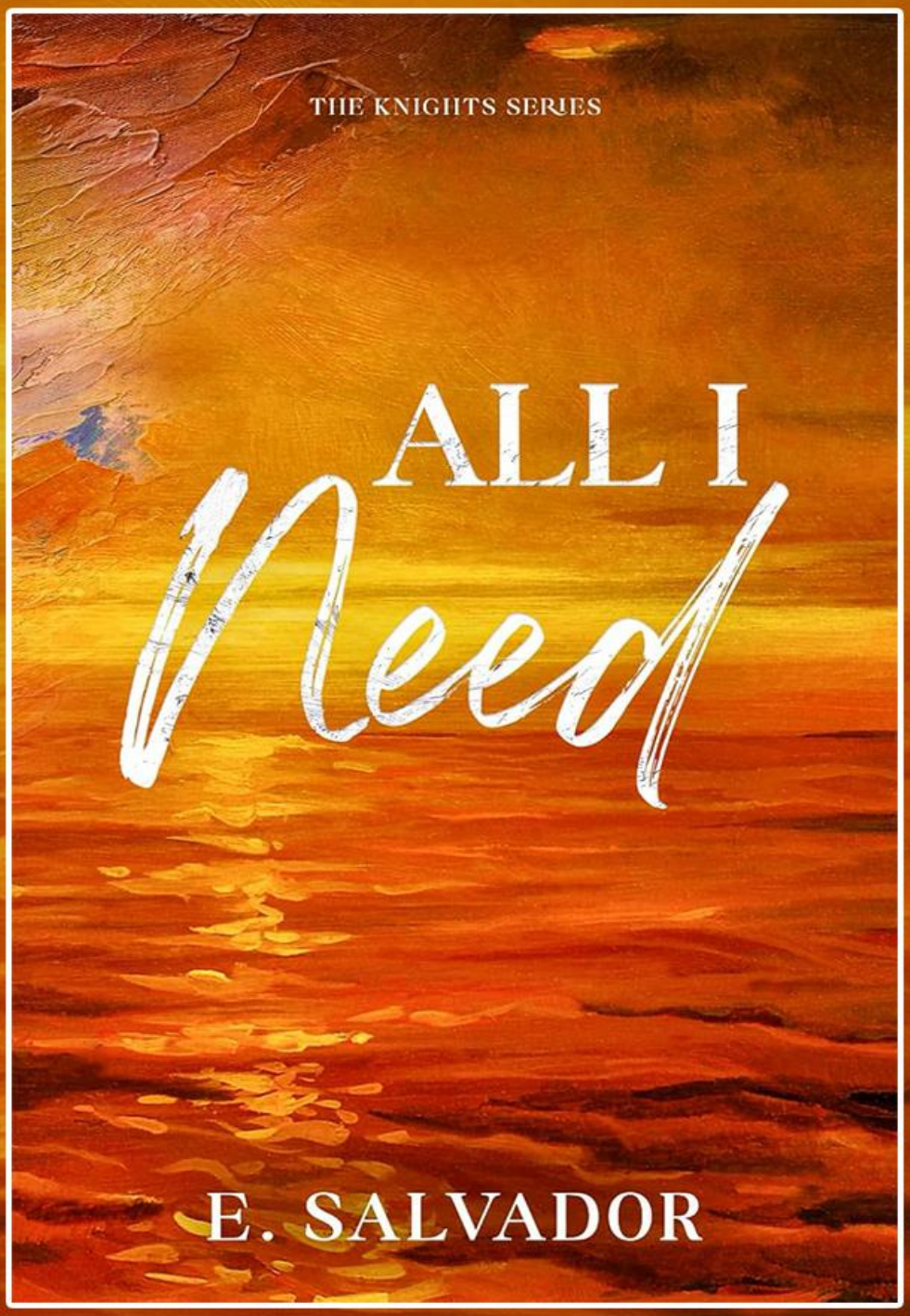
A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE KNIGHTS SERIES

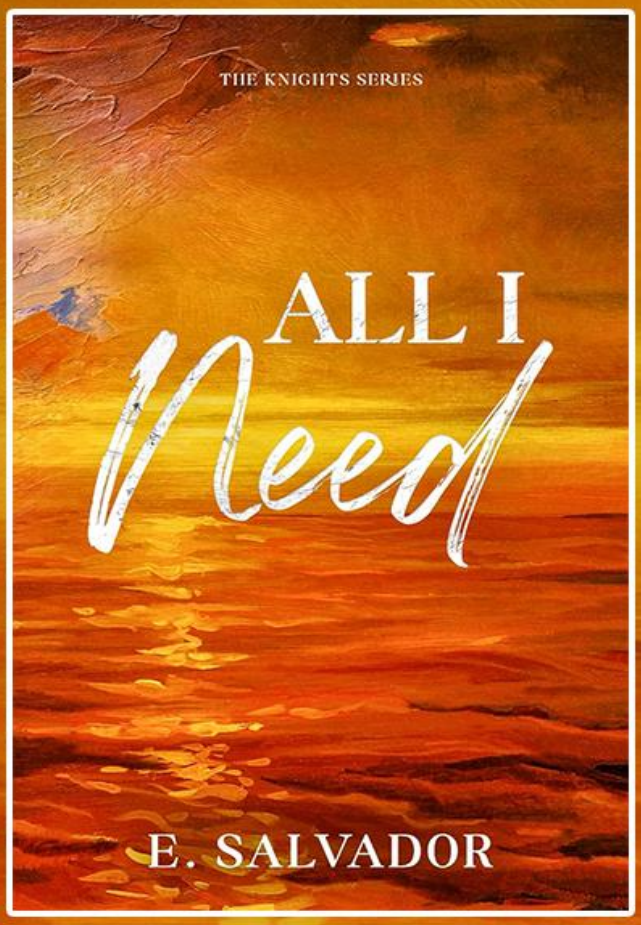
Lançamento



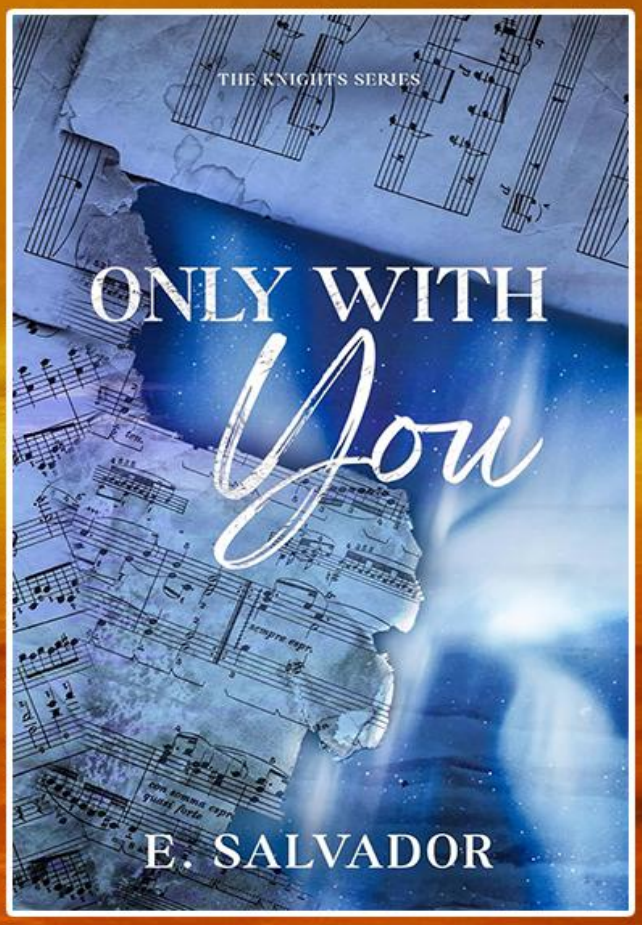
LIVRO UM

THE KNIGHTS SERIES

ordem da série



LIVRO UM



LIVRO DOIS

SINOPSE

Eles se encontrarem durante a semana dos formandos, no dia dos seus aniversários, foi pura coincidência.

Para Lola Larson e TJ Kingston, deveria ser apenas três dias de namoro falso antes de voltarem para suas vidas normais. Sem pensar que se veriam novamente, eles se despedem sem saber os sobrenomes ou números de telefone um do outro.

Dois anos depois, já na faculdade, eles se reencontram. No entanto, as prioridades deles são diferentes do que eram da última vez que se viram.

TJ quer nada mais do que entrar no draft e jogar na NBA. É tudo pelo que ele lutou e fez questão de não deixar nada nem ninguém atrapalhar seu sonho.

Até que ele vê Lola novamente e percebe que o basquete não é mais sua única prioridade ao descobrir que tem um filho.

ALL I Need

E. SALVADOR

CAPÍTULO 1

lola

Pensamentos racionais e álcool não combinam.

Para ser sincera, nenhum pensamento racional existe quando estou com minhas duas melhores amigas, Daisy e Cara. E, por acaso, o álcool sempre acaba entrando nessa equação.

Na minha embriaguez, parecia uma boa ideia – na verdade, parecia uma ideia ótima. Mas quanto mais penso sobre onde estou e para onde estou indo, mais tenho certeza de que fiz besteira.

O plano era simples: ir para Myrtle Beach, na Carolina do Sul, com minhas melhores amigas para a famosa *semana do último ano* e comemorar meu aniversário. A ideia era passar alguns dias na praia com os amigos e meu namorado, Matt.

Mas tudo mudou. Não estou em Myrtle com meu namorado. Quer dizer... ex-namorado. Em vez disso, estou dentro de um Uber em Miami, Flórida.

O estalar de dedos me arranca dos pensamentos. Pisco algumas vezes até que minha visão turva comece a clarear e me dou conta de que estou encarando a pulseira enrolada no pulso cor de bronze de Cara.

— Para de pensar nele. Ele não vale a pena.

— Não estou.

Forço um sorriso, mas a sobrancelha arqueada e a cabeça inclinada dela deixam claro que não acredita em mim.

— Não estou pensando...

Pauso no meio da frase quando Daisy me corta com um olhar afiado.

— Hoje é seu dia, querida. Não o deixe estragar. Se precisar de ajuda para esquecer, pense no corte de cabelo trágico e naquela risada horrível dele. Nada que valha a pena guardar. — Ela faz uma careta, estremecendo.

Dou uma risada baixa porque, infelizmente, ela tem razão. Matt ria como uma hiena e tinha um corte de cabelo digno de pena, mas eu relevava porque estávamos juntos.

— Ok, eu estou pensando nele..., mas principalmente nos meus pais.

Eles não têm a menor ideia de que estou aqui – e eu rezo para que continue assim.

Era para eu estar sofrendo pelo término com o cara que namorei por dois anos, mas só consigo pensar no que meus pais vão fazer quando descobrirem que estou a quilômetros de casa.

Demorei um ano inteiro implorando para que eles deixassem – e quando finalmente concordaram, dava para ver que se arrependeram. Nas semanas antes da formatura, parecia que eu andava em cima de cascas de ovo, morrendo de medo de que eles mudassem de ideia.

Queria ser como minhas amigas, vivendo sem se preocupar com nada. Mas minha cabeça adora me sabotar, sempre imaginando os piores cenários.

Principalmente porque, em algumas horas, eles vão me ligar – como prometeram – para se certificarem de que estou *em segurança*. Tradução: garantir que estou no quarto do hotel e não fazendo algo que não devo.

O rosto de Cara se suaviza, sua expressão é compreensiva. — Prometemos que eles não descobririam e eu juro que não descobrirão.

É mais fácil falar do que fazer, mas não sei como vou dizer a eles que terminei com o cara com quem eles achavam que eu iria me casar, usei metade das minhas economias e alguns caras aleatórios me convidaram para ir à casa de praia deles para comemorar o aniversário de um amigo.

— E essa é uma promessa que a gente pretende manter. Eu sei que isso não é garantia suficiente para sua mente que não para nunca, mas se amanhã de manhã você ainda não se sentir confortável, a gente vai embora — acrescenta Daisy, com um sorriso genuíno nos lábios. E sei que isso não tem nada a ver com o pré-drink que ela fez antes de sairmos do hotel.

Mesmo com minha cabeça gritando o contrário, eu não posso fazer isso com as meninas. Elas fizeram muito por mim – e depois dessa semana, cada uma vai seguir para um canto. Vamos morar em estados diferentes e, por isso, quem sabe quando a gente vai se ver de novo?

Toco meus dedos na coxa, odiando o fato de ser um hábito nervoso que adquiri nos últimos anos. Eu deveria ter bebido mais antes, mas estava muito ocupada pensando em meus pais.

— Não, está tudo bem. Eu tenho certeza de que eles não vão descobrir e, de qualquer jeito... que se foda. — Eu não acredito nisso de verdade, mas espero que, se repetir o bastante, talvez comece a acreditar. — Estamos em Miami, e é o meu aniversário.

— Isso mesmo, é a porra do seu aniversário! O seu dia! — diz Daisy, animada.

Cara joga o braço por cima do meu ombro e me puxa para perto. — Eu juro que depois dessa noite você não vai querer ir embora de Miami.

Não sei com o que estava me preocupando, mas Cara estava certa. Não quero sair de Miami. Apesar de não conhecer ninguém além dos dois caras que nos convidaram, estamos nos divertindo muito. Sem contar que a casa fica bem perto da praia e eles têm um estoque ilimitado de álcool.

A gente ainda nem conheceu o aniversariante, mas sinceramente? Eu não poderia me importar menos – e tenho certeza de que as meninas também não.

Enquanto Cara e Daisy estão no banheiro, fico na cozinha, parada em frente ao balcão, olhando para todas aquelas garrafas:

bebidas alcoólicas, energéticos, sucos... no meio de tudo aquilo, só tem duas coisas que eu realmente quero:

Crown Royal e suco de pêssego.

Pegando a garrafa de vidro, despejo o líquido âmbar no meu copo. Mas não posso fazer o mesmo com o suco de pêssego porque, quando estou prestes a pegá-lo, uma mão se antecipa.

— Ei!

— Ei! — Uma voz grave e divertida desvia minha atenção da mão grande que agarra a garrafa para um par de olhos maliciosos.

Pisco uma vez, depois outra, e as palavras ficam presas na minha garganta. Abro a boca para falar alguma coisa, mas para minha vergonha, nada sai. Tudo o que consigo fazer é encarar, como se tivesse entrado em transe.

Eu já vi muita gente bonita, mas esse cara... esse cara está em outro nível. Olhos cor de uísque, uma mandíbula afiada, cachos castanho-escuros que me dão vontade de passar a mão e um sorriso que parece mais um aviso. E, mesmo assim, eu não consigo evitar me sentir atraída por ele.

E ele é imensamente alto, fazendo com que eu incline a cabeça para trás devido à sua proximidade. No entanto, agora que estou olhando para ele de perto, percebo que o canto direito de seu lábio se inclina para cima, transformando-se em um sorriso arrogante.

Eu me forço a sair dessa, mas o constrangimento sobe pela lateral do meu pescoço, porque ele sabe que eu o estava observando.

Ignorando o constrangimento que me acomete, coloco minha mão em volta do gargalo da garrafa e a puxo em minha direção.

— Eu peguei primeiro.

— Tecnicamente, eu a peguei primeiro. — Ele a puxa em sua direção e o sorriso irritante se abre ainda mais.

Eu zombo, olhando para ele. — Eu teria pegado primeiro se você tivesse esperado sua vez. — Eu a puxo de volta com mais força, mas ele é tão teimoso quanto eu, pois não a solta.

— É meu aniversário, faço o que eu quiser. — Ele dá de ombros sem se desculpar e a puxa de volta.

Leva um momento para meu cérebro registrar que ele é a razão pela qual fomos convidados.

A contragosto, eu a solto. Seu sorriso vacila, suas sobrancelhas se franzem e ele inclina a cabeça para o lado, olhando atentamente para mim até que o mesmo sorriso irritante se enrole em seus lábios novamente.

— Aqui, você pode pegar. — Ele a estende para que eu a pegue.

— Não, tudo bem. — Empurro de volta para ele. — Você primeiro. É seu aniversário.

Uma risada profunda sai de seus lábios quando ele a empurra para trás. — Não, eu quero que você fique com isso.

— Você é frustrante, sabia? Pegue primeiro. — Coloco minha mão de volta na garrafa, mas paro momentaneamente. Minha palma está em cima da dele, mas mal a cobre. Nossa diferença de

tamanho não é a única coisa que chama minha atenção, mas o número seis tatuado em seu pulso direito.

— Você flerta assim com todo mundo? — A presunção em sua voz desvia minha atenção de seu pulso.

Sua declaração me pega desprevenida, mas eu sorrio mesmo assim. Espere, não, o que estou fazendo?

— Não estou flertando com você — respondo, balançando a cabeça no momento em que Caleb, o cara que nos convidou, fica ao lado do homem irritante, ainda sorrindo para mim.

— Eu estava procurando por você. — Caleb sorri preguiçosamente para seu amigo e depois olha para mim. — Que bom, você também está aqui.

— Vocês dois se conhecem? — Os olhos de Whiskey saltam entre mim e Caleb.

— Não — respondemos ao mesmo tempo.

— Eu a conheci na praia. Ela é a aniversariante de quem eu estava falando. — Ele sorri maliciosamente, com os olhos piscando brevemente em minha direção antes de voltar para seu amigo.

Algo entre eles não é dito enquanto se olham. Não tenho tempo para analisar o que isso pode significar, porque sinto uma vibração suave contra minha pele. Estou prestes a ignorá-la, mas a percepção me atinge rapidamente como um balde de água fria. É o meu celular enfiado no cós da minha saia.

Ao puxá-lo e sem poupar um olhar aos dois caras à minha frente, saio da casa e espero, por Deus, parecer suficientemente sóbria.

CAPÍTULO 2

Tj

Eu estou perdendo a cabeça.

Passei os últimos trinta minutos procurando uma garota que, possivelmente, foi fruto da minha imaginação. Não há outra explicação porque, apesar de ter bebido muito esta noite, sei que não estou bêbado.

Ou pelo menos eu achava que não estava.

Uma ruiva atrevida não sai da minha cabeça. Seu cabelo era cor de cobre-dourado, e seus olhos marcantes eram de um verde-floresta terroso com manchas de marrom.

Mas acho que minha cor favorita nela era o tom rosado em suas bochechas quando a peguei me observando. Eu me senti muito convencido e fiz o mesmo. Deixei que meus olhos percorressem seu corpo, mas quando a olhei novamente, ela me encarou apaticamente. Como se não desse a mínima para o fato de eu estar observando-a e flertando com ela de propósito.

E só isso já me fez querer fazer isso novamente.

Dando uma última olhada na sala de estar cheia de gente, passo os dedos pelo cabelo antes de me levantar e voltar para a cozinha.

Caleb e o resto dos meus amigos estão reunidos perto da barraca de barris, exceto pela única pessoa que quero ver novamente.

De pé ao lado dele, mas mantendo meus olhos na multidão, levanto minha voz. — Ei! Você viu a aniversariante?

Meus amigos disseram que tinham um presente para mim, um presente de aniversário extremamente sexy. Eu realmente pensei que eles estavam se referindo a uma stripper. Só porque eles sempre fizeram piadas sobre me dar uma no meu aniversário de 19 anos. Mas tive uma surpresa quando eles convidaram três garotas aleatórias que conheceram na praia.

Seus lábios se erguem lenta e preguiçosamente, os olhos brilhantes descendo até a garrafa em minha mão. — Você ainda anda com isso por aí?

Ignoro sua pergunta. — Você a viu?

Seus olhos se voltam para a câmera presa ao meu pescoço. — Você pode tirar algumas fotos?

— Caleb. — Dou um tapa em sua mão antes que ele a toque. — Você a viu?

Ele ri e bebe um gole de sua cerveja, sabendo que está me irritando pra caramba. — Ela está lá fora. — Ele aponta o polegar por cima do ombro em direção à porta de vidro deslizante que dá para a praia.

Eu me afasto, andando enquanto ele grita se vou tirar fotos.

Saindo de casa, procuro a aniversariante, mas ela não está à vista. Todos os lugares estão ocupados por corpos bêbados. Quase volto para dentro, mas quando vejo uma silhueta parada na praia, com os cabelos soltos em uma suave rajada de vento, meus pés imediatamente se movem naquela direção. Não tenho ideia se é realmente ela, mas isso despertou minha curiosidade.

Há cem por cento de chance de eu nunca mais vê-la depois desta noite, portanto, não vou perder a oportunidade de conversar com ela mais uma vez.

Passando por entre os corpos bêbados, pulo do parapeito que divide a praia e a casa e tiro os sapatos antes de ir em sua direção.

Ela anda de um lado para o outro, parando ocasionalmente para observar a água, e depois continua. Não percebo, até estar a alguns metros de distância, que ela está ao telefone falando com alguém. Ela segura o telefone longe do rosto e depois o coloca de volta no ouvido.

Não me aproximo dela. Parado onde estou, passo os dedos pelo meu cabelo novamente para me certificar de que ele não está uma merda. Ter cabelo cacheado às vezes é uma droga. Na maioria das vezes, ele funciona a meu favor, mas ocasionalmente não.

— Sim... Myr-Myrtle Beach é realmente ótima. Estamos nos divertindo muito — ela balbucia e tenho certeza de que ela percebe isso, porque força um riso que soa estranho.

Myrtle Beach? Myrtle Beach, Carolina do Sul?

Ela fica quieta, acenando com a cabeça e ouvindo a pessoa com quem está falando.

Ouço fracamente a música que toca ao longe, mas as ondas que se sobrepõem quase abafam o barulho. Elas rolam até a margem e se apagam antes de serem puxadas de volta e o processo se repetir novamente.

Desviando meu olhar das ondas, admiro a forma como a lua cheia e brilhante ilumina seu corpo.

O vestido laranja-queimado que ela está usando é justo na parte superior, acentuando suas curvas, e passa da cintura, fluindo livremente, com a bainha chegando logo acima do meio da coxa.

— Sim... mamãe, eu sei. — Ela limpa a garganta, afastando meus pensamentos e meu olhar de sua cintura para sua cabeça. — Eu... eu prometo que estou me comportando. — Ela limpa a garganta novamente e percebo agora que ela está tentando segurar uma risada. — Vejo vocês no sábado à noite. Eu amo vocês.

Quando ela afasta o telefone do ouvido, a risada que ela estava lutando para conter finalmente consegue escapar.

Eu me aproximo dela, balançando a cabeça e sorrindo. — Da última vez que notei, aqui não é Myrtle Beach.

Ela grita, pulando para trás, e seu celular cai na areia fria com um baque suave. Não tenho certeza de como ela conseguiu fazer isso, mas a lanterna de seu celular acende, iluminando o espaço entre nós.

— Merda, desculpe, Peaches[1]. — Aperto os lábios, fazendo o possível para não rir enquanto me inclino para pegar o telefone dela. — Eu não queria assustá-la.

— O que há de errado com você? — Ela coloca a mão sobre o peito, olhando para mim. — Você me assustou!

Tapo a boca, mas não é o suficiente para disfarçar meu riso. — Desculpe, Peaches, não queria assustá-la.

— Não é engraçado. — Ela bufa, pegando o celular da minha mão. — É assustador que você... — Suas sobrancelhas se unem. — Você acabou de me chamar de... Peaches?

— Não cheguei a saber seu nome. — Aperto o gargalo da garrafa de suco de pêssego que estava carregando para dar a ela.

Embora o nome seja realmente adequado.

— Então você pensou em Peaches? — pergunta ela, mantendo a cara séria, mas posso ver através de sua fachada, porque o canto de sua bochecha continua se contraindo.

Estico meu braço, segurando a garrafa. — Você nunca chegou a pegar isso. Afinal de contas, é seu aniversário.

— Estou bem — ela responde hesitante, dando um passo para trás.

A culpa aumenta, pois entendo o que ela está fazendo.

— É novinho em folha. — Tiro a tampa, mostrando a ela o revestimento de plástico que está bem vedado no aro. Também viro

---

[1] *Peaches*, pêssego, costuma ser usado como um apelido carinhoso e doce. Aqui usado especialmente em referência ao suco que ela queria tomar.

a tampa para mostrar a ela que não vai vazar. — Mas essa deve ser a menor de suas preocupações — digo, tampando a garrafa novamente. — Você não deveria estar aqui fora sozinha. Fiquei parado atrás de você por uns dez minutos e você nem percebeu.

Esta é uma propriedade privada. Ninguém deveria estar perambulando por aqui, mas ela não sabe disso.

— Certo, é melhor eu ir andando. — Ela já está se afastando, sem me dar a chance de dizer nada.

— Espere, Peaches — chamo, seguindo-a até que eu esteja caminhando ao lado dela.

Ela acelera o passo. — Pare de me chamar de Peaches.

Sorrio, porque, em minha visão periférica, vejo suas pernas se moverem mais rápido. Ou ela está alheia ou não se importa com o fato de eu não estar andando nem de longe tão rápido quanto ela. Ela poderia estar fazendo uma corrida leve e eu ainda estaria andando no mesmo ritmo que ela. — Você foi embora antes de me dizer seu nome, de novo. De que outra forma devo chamar?

— Nada. — Ela para abruptamente, girando para olhar para mim. — Depois desta noite, não nos veremos mais, então isso realmente importa?

Ela está certa, mas também não está.

Caramba, pareço desesperado pra caralho, mas que se dane.

— TJ — estendo minha mão para ela. — Meu nome é TJ.

Ela considera minha mão por um segundo, com aqueles olhos cor de avelã quentes passando para o número seis tatuado em meu pulso e depois de volta para minha mão.

— *Foi um prazer* conhecer você. Feliz aniversário, TJ. — Ela sorri, colocando sua mão na minha. A diferença de tamanho entre nossas mãos é cômica. A minha mão engole completamente a dela, mas não me concentro nisso por muito tempo porque me distraio com a sensação de maciez.

Espere, ela disse que *foi*? Meu cérebro nebuloso está muito preocupado com a sensação da mão dela, e não percebo que ela já retraiu a palma da mão e está se afastando novamente.

Eu me coloco ao lado dela. — Oh, vamos lá. Não seja assim.

— Não estou sendo nada — ela responde simplesmente, desligando a lanterna do celular. — Não tenho que lhe dizer nada.

— Tudo bem, então que seja Peaches. — Eu sorrio, ouvindo-a resmungar enquanto acelera o passo. Eu poderia dizer que ela só está se esforçando demais, mas não digo. Estou gostando demais disso. — Então, *Peaches*... da última vez que notei, aqui não é Myrtle Beach.

Silêncio.

— Então seus pais não sabem que você está em Miami?

Silêncio novamente.

— Você fez a escolha certa — eu zombo. — Prometo que Miami é muito melhor do que Myrtle.

Ela é teimosa. Eu gosto dela.

— Eu também teria mentido para meus pais. Não sei quem diabos iria para a Carolina do Sul para a semana do último ano de todos os lugares.

Eu esperava silêncio, mas em vez disso, ela joga a cabeça para trás, soltando um gemido alto e exasperado.

— O quê?

— Vir para Miami foi uma decisão de última hora. — Ela para de andar quando chegamos à borda e pensa em como vai voltar lá para cima. Estou prestes a lhe dizer que há degraus à nossa direita, mas então ela olha para mim. — Olha, eu não vou transar com você. Se acha que isso vai rolar, está perdendo seu tempo.

Dou uma risadinha, esfregando a parte de trás do meu pescoço. — Não foi isso que eu...

Ela cruza os braços contra o peito, encarando com um olhar fixo.

— Isso passou pela minha cabeça — respondo honestamente, dando de ombros. — Mas estou aqui para lhe dar isso. — Agito a garrafa em minha mão. — Feliz aniversário.

Eu esperava que ela a afastasse, que me mandasse à merda, mas, para minha surpresa, ela a aceita.

— Obrigada. — Removendo a tampa, ela arranca o revestimento de plástico e coloca os dois em cima da borda. — Fico feliz em saber que algumas pessoas ainda são assim. — Ela dá uma risadinha sem humor, olhando para longe.

Eu me encosto na borda enquanto ela faz isso, seus ombros caem em derrota.

— Você está feliz por algumas pessoas serem o quê?

— Honestas. Obrigada pelo presente. — Ela suspira, caindo na areia. Ela segura a garrafa perto do peito, estica as pernas e cruza um tornozelo sobre o outro. — Tenha uma boa noite.

Eu poderia voltar e fazer o que planejei originalmente, ficar bêbado pra caralho e possivelmente transar. Esse é o objetivo da semana do último ano. Após a formatura do ensino médio, todos vão à praia para beber, transar e festejar.

Mas não posso fazer isso. Não posso deixá-la aqui sozinha. Seria uma coisa ruim de se fazer.

— E deixar você sozinha com todo esse suco? Acho que não. — Eu lhe mostro um sorriso.

Seus olhos acompanham meus movimentos enquanto me sento ao lado dela, ainda deixando um ou dois centímetros de espaço entre nós. — Você não disse que isso era para mim?

Dou de ombros. — Semântica. É meu aniversário também. Não seja mesquinha.

— Mesquinha? Eu não sou mesquinha. — Ela empurra agressivamente a garrafa em meu peito.

Eu sorrio, pegando a garrafa de sua mão. — Obrigado, Peaches.

— Lola, meu nome é Lola.

Eu me sento ereto, olhando para ela com incredulidade.

Lola. Que gracinha. — Acho que gosto mais de Peaches.

— Você é frustrante, sabia? — Apesar da irritação em sua voz, há também uma sutil diversão por trás dela.

Posso estar bêbado, mas tenho certeza de que essa é a maneira de ela dizer que gosta de mim.

— Então, quer me dizer o que está fazendo na Flórida e não na Carolina do Sul? — pergunto, ignorando o que ela disse antes de tomar um drinque. — Embora eu não a culpe. Quem quer ir para a suja Myrtle? — Eu já vi a água de lá; não vale a pena ir.

Um longo silêncio se instala entre nós e então ela ri amargamente.

— Meu namorado me traiu. Ele me enviou acidentalmente um vídeo de uma garota fazendo sexo oral nele. Uma garota com a qual ele me disse para *nunca* me preocupar.

Meus olhos se arregalam e eu engasgo com a respiração. Agora gostaria de ter algo mais do que suco de pêssego, porque o que diabos eu deveria dizer a isso? Nunca estive em um relacionamento. Eles são muito confusos e complicados para o meu gosto.

Fico esperando as lágrimas, que ela perca o controle, mas isso não acontece. Ela inspira e expira e estende a palma da mão. Coloco a garrafa em sua mão e espero até que ela esteja pronta para falar.

— Como meus pais são rigorosos, eles não me deixaram viajar até alguns dias depois que Matt, meu namorado, já havia partido. Na manhã em que eu e minhas amigas deveríamos ir, ele acidentalmente me enviou o vídeo. — Ela enfia os dedos dos pés

na areia, tomando um gole do suco. — Resumindo, eu fiquei bêbada, minhas melhores amigas reservaram um hotel aqui para o resto da semana e agora estou aqui contando isso a você... — ela se arrasta nas palavras. — Meu Deus, isso parece patético.

— Não é patético. — Balanço a cabeça. — Na verdade, ele é patético e um maldito pedaço de merda, mas, sabe, foi bom que isso tenha acontecido.

— Isso foi bom? — Ela pisca, atônita, e toma outro gole, depois passa para mim. — Descobrir que seu namorado a está traindo com a garota com quem ele lhe disse para não se preocupar não é algo *bom*.

Bebo antes de falar sobre o assunto. — Nós nunca teríamos nos conhecido, e você nunca saberia como é ter um namorado *de verdade*.

Lola pega a garrafa da minha mão, olhando para mim, totalmente confusa.

Pode ser que o álcool esteja confundindo minha mente. Ou talvez seja porque me sinto extremamente atraído por ela. Ou poderia ser o fato de saber que nunca mais a verei, mas abro a boca, sem pensar em meus pensamentos.

Pegando a garrafa de sua mão, tomo um gole rápido. Droga, eu queria ter algo mais forte. Aqui vai nada.

— Você gostaria de ter um namorado nos últimos dias em que estiver aqui? — Sorrio docemente para ela, embora a confusão se aprofunde em seu rosto e ela me olhe como se eu tivesse perdido a cabeça. Sim, provavelmente perdi, mas talvez isso possa ser uma

coisa boa... ou talvez não. — Vou mostrar a você como é ter um namorado de verdade.

— Um namorado? — A palavra soa estranha vinda de seus lábios. Diabos, ela soa estranha para mim e saiu de minha boca. — Você quer ser meu *namorado*? — Dessa vez, ela ri como se não conseguisse entender a palavra.

Acho que nunca gostei tanto do som de uma risada como agora.

— Eu quero. É verdade que nunca fui um namorado, mas juro que serei um ótimo namorado e prometo que vou lhe proporcionar bons momentos. — Eu sorrio, mas pressiono meus lábios quando percebo como isso soa.

Ela não responde, nem faz nenhum comentário sobre a insinuação que eu não queria fazer. Ela apenas me olha atônita, com os lábios ligeiramente entreabertos.

Aceno com a mão na frente de seu rosto. — Lola?

Ela começa a rir. — Desculpe-me, mas isso parece loucura. Você quer ser meu namorado? Vou embora em três dias. Por que você faria isso por mim?

Levanto minha mão até seu rosto e coloco os poucos fios que ficaram presos em seus cílios atrás da orelha. Ela fica tensa, mas não se afasta. — Considere isso um presente de aniversário.

Na verdade, não sei por que estou fazendo isso. Acabei de conhecê-la há poucas horas, mas por algum motivo desconhecido para mim, ela me intriga.

— Vamos lá. — Acaricio sua bochecha, sentindo sua pele macia e quente, e inspiro seu hálito com cheiro de coco. — O que você acha? Apenas dois dias, você e eu. Juro que vou fazer valer a pena.

— Você não sabe nada sobre mim, e eu não sei nada sobre você. Não vejo como isso poderia dar certo.

— Eu não preciso saber muito para saber que você é a pessoa certa para mim. — Não tenho ideia de onde vem tudo isso, mas vou colocar a culpa no álcool.

— Mas...

— Qual é o seu filme favorito do Shrek?

Ela bufa. — Você não está mesmo dizendo que vai decidir se a gente combina por causa do meu filme favorito do Shrek, né?

— Apenas responda à pergunta. É importante.

Lola sorri. — Dois, é claro.

— Eu sabia, Peaches, nós fomos feitos um para o outro. — Sorrio, deleitando-me com o som de sua risada e com a forma como seu joelho roça o meu. Não sei se ela percebe, mas se percebe, não está fazendo nada para movê-lo.

— Por causa de Shrek 2?

— Não. — Lambendo meus lábios, meu olhar se volta para o dela. — Por este momento.

Ficamos nos encarando, o silêncio nos envolvendo por um instante antes de aqueles olhos terrosos se encherem de determinação e os lábios dela se curvarem para cima em um pequeno sorriso.

— Tudo bem, mas se você não prestar, vou levar todo o seu dinheiro e as crianças — brinca ela.

— As crianças? — Meu queixo cai, minha voz está cheia de mágoa fingida. — Não vamos envolver as crianças nisso. Queremos fazer o que é melhor para elas. — Tento manter uma expressão séria, mas essa conversa parece ridícula e, ainda assim, não me importo com isso.

— Tudo bem. — Ela dá uma risadinha. — E agora?

Não pensei nisso com tanta antecedência, mas uma ideia surgiu em minha cabeça. — Qual é o lugar que você sempre quis ir em um encontro, mas nunca foi?

— Um museu. — Ela não hesita em responder. — Matt sempre achou que era uma porcaria, então nunca fomos.

Talvez eu nunca quisesse estar em um relacionamento, mas não entendo por que alguém se envolveria em um se não fosse se esforçar ou trair. Parece inútil e uma perda de tempo.

— Um museu? — Cantarolo distraidamente, baixando os olhos para seu queixo.

— Esqueça isso.

— Não, não é isso. Você tem tinta seca aqui. — Passo a ponta do meu dedo sob a linha de sua mandíbula, onde está a mancha laranja seca, sentindo seu pulso constante.

Seus olhos se arregalam. — Achei que tinha limpado tudo. Minhas amigas me levaram a uma aula de pintura hoje de manhã para o meu aniversário. — Ela sorri, e não é do tipo que parece

forçado, mas um sorriso genuíno que parece mais brilhante do que a porra da lua.

— Não se preocupe, tenho certeza de que fui o único que notou. — Eu engulo, sentindo sua pulsação aumentar quando seus olhos se voltam para os meus lábios. A tentação de puxá-la e beijá-la é subitamente forte, mas ela esteve bebendo esta noite e eu também. Deixo minha mão cair.

— E quanto à sexta-feira?

— Eu escolho o nosso encontro. — Pisco para ela, vendo seus olhos se encherem de curiosidade. — Prometo que você vai adorar.

— Ok. — Lola sorri e olha para baixo, para onde seu telefone vibra ao seu lado. Seus olhos dobram de tamanho e ela se levanta. — Tenho que ir. — Estou prestes a lhe contar sobre as escadas, mas ela se levanta facilmente e fica olhando para mim. — Onde...

— Vejo você amanhã na praia onde meus amigos a conheceram.

— Está bem.

— Lola, espere. — Ligo minha câmera, quase me esquecendo de que a tenho comigo. — Posso tirar uma foto sua? Como posso ficar obcecado por você se não tenho nada para ver?

Acho que ela fica corada, mas não tenho certeza. — Use sua imaginação.

— Vamos lá, Peaches. Não me faça implorar.

Ela franze a sobrancelha, mostrando-me que quer que eu faça exatamente isso.

— Implore.

Há muitas coisas que eu não faço, e implorar é uma delas, mas por ela, vou fazer exatamente isso.

— Por favor, Lola, por favor, deixe-me tirar uma foto sua.

— Faça com que eu fique bonita. — Ela sorri, segurando a garrafa como um bebê.

Eu rio baixinho enquanto preparo a câmera. — Você já está. — Tiro a foto.

— Feliz aniversário. — Lola me entrega a garrafa. Ela sai correndo, mas antes de desaparecer completamente, ela olha por cima do ombro e grita: — Boa noite, namorado!

— Feliz aniversário e boa noite, namorada! — Eu rio, balançando a cabeça.

Mesmo depois de ela ter ido embora, fico olhando como um idiota com um sorriso largo no rosto. Até que levo a garrafa aos lábios e percebo que ela está vazia.

CAPÍTULO 3

Lola

— Eu juro que nunca mais bebo desse jeito. Se eu pegar outra garrafa de tequila, vocês têm permissão para me dar um tapa.

Cara ri, balançando a cabeça. — Tentei impedir, mas você não quis ouvir. Aqui. — Ela procura em nosso refrigerador e tira uma garrafa de suco de coco. — Pare de reclamar e beba.

Ela desliza os óculos escuros pela ponta do nariz, olhando para mim quando eu rio. — Eu não teria ficado tão bêbada se você não tivesse sumido com o aniversariante.

— E o que eu ter sumido com ele tem a ver com você ter ficado bêbada? — brinco, desviando meu olhar para a água azul-claro que se estende por quilômetros.

— Eu tive que tomar todas as suas doses. — Ela torce a tampa e bebe metade da bebida.

— Oh, pobre de você.

Ela me dá as costas, levantando os óculos escuros para cobrir os olhos castanhos cansados. — De qualquer forma, você vai contar sobre o que você e o aniversariante estavam conversando? Já que você diz que vocês não fizeram absolutamente *nada*.

Elas ficam olhando com expectativa, esperando e torcendo para ouvir que eu me escondi atrás de um arbusto ou fui até a casa da

piscina com ele e fiz algo selvagem. Nada de *selvagem* passou por minha cabeça, mas a ideia de beijá-lo uma ou duas vezes passou.

— Juro que não aconteceu nada. — Repito a mesma coisa que disse ontem à noite umas vinte vezes. — Nós apenas conversamos.

— Sobre? — perguntam as duas, inclinando-se para mais perto de mim como se isso fosse arrancar a informação de mim.

— Nada emocionante... — Eu me arrasto, enfiando a mão na areia e pegando um punhado. Deixo-a escorregar entre meus dedos, minha mente gritando que aquilo foi mais do que nada. Não consigo parar de reproduzir a memória em minha cabeça. Algumas partes estão confusas, mas me lembro de quase tudo.

O sorriso arrogante de TJ, a garrafa de suco de pêssego, sua mão na minha bochecha e ele me pedindo para ser sua namorada.

— Não rolou nada demais. A gente só conversou, riu e dividiu um suco. Só isso. Nada além disso. — Eu só queria que meu cérebro aceitasse isso e não analisasse demais como ele me olhou e como falou. E gostaria, acima de tudo, de parar de repetir a parte em que ele fez a proposta para me mostrar como deve ser um namorado de verdade.

— Nada, é? Sei... — A voz de Daisy interrompe meus pensamentos e, quando levanto a cabeça, ela sorri conscientemente, assim como Cara. — Esse sorriso diz o contrário. Vamos lá, conte.

— Ele me ouviu falando... — Suspirei e contei tudo. Elas escutam, seus sorrisos aumentam e a ressaca há muito tempo foi

esquecida. — Ele disse que me encontraria aqui — falo por fim, meu sorriso desaparecendo.

Já estamos na praia há três horas e ainda não o vi. É constrangedor que eu continue olhando em volta na esperança de que ele apareça. É impossível que eu não o veja. É difícil não ver alguém como TJ e isso não tem nada a ver com o fato de ele ser incrivelmente atraente. Ele tem mais de um metro e oitenta. Uma pessoa dessa altura não pode passar despercebida.

— Uau. — Cara é a primeira a romper o silêncio, mas ela parece tão sem palavras quanto Daisy.

Dou de ombros, na esperança de parecer indiferente. — Mas isso não importa. Nunca mais vamos nos ver.

Teria ajudado se tivéssemos combinado o horário, mas tudo aconteceu muito rápido. Eu não pensei. Estava zonza e presa à sensação de seus dedos em minha bochecha.

— Peaches.

A voz familiar me pega de surpresa e o resto da areia escorre rápido pelos meus dedos.

— Finalmente encontrei você. — O alívio é evidente em sua voz.

As bocas das garotas se abrem, seus olhos atônitos observam por cima da minha cabeça.

— Graças a Deus — diz um de seus amigos. Ele para no meio da frase, grunhindo e murmurando um *foda-se*.

— Peaches? — perguntam as meninas, seus olhares se voltando para minha cintura. — Peaches. — Elas sorriem com conhecimento de causa.

— Não é por isso... — Eu me detenho, balançando a cabeça. Embora fingir estar irritada não esteja funcionando para mim, porque um sorriso traidor surge e meu coração se acelera com entusiasmo. — Eu lhe disse para não me chamar assim.

Inclino minha cabeça para cima, forçando meus lábios a permanecerem retos, mas a tentativa é inútil. Ele se agacha para que fiquemos na altura dos olhos, e o sorriso que eu estava tentando tanto conter se liberta até espelhar o dele. Fica impossível fingir que estou irritada quando ele está só de bermuda e com aquela câmera pendurada no pescoço. A mesma que ele tinha ontem.

Meus olhos percorrem sua pele lisa e bronzeada, desde os ombros até o peito esticado, seguindo cada depressão e crista em seu abdômen.

— Pronta para nosso encontro, namorada? — Seu tom presunçoso me tira do meu estupor. Quando encontro seus olhos cor de uísque, ele faz uma careta e um sorriso de tirar o fôlego se estende por seu rosto.

Controle-se!

— Encontro?

— Você já se esqueceu do nosso encontro? De mim? — TJ coloca uma mão no peito, fingindo decepção. — Ela faz isso com frequência? — ele pergunta às meninas, embora sua atenção

esteja voltada apenas para mim, e tenho certeza de que elas não estão prestando atenção em mim, pois estão ocupadas demais conversando com os amigos dele.

— Faço o quê? — pergunto.

— Partir corações.

Não tenho palavras, mas rio de como isso foi cafona.

— Lola. — A voz de Daisy chama minha atenção para ela. — Nós voltaremos.

Ela e Cara já estão de pé, indo embora com os amigos de TJ em direção à praia, antes que eu diga qualquer coisa. Observo, de queixo caído, as duas se afastarem de nós.

— Então, Peaches, sobre nosso encontro?

— Você sabe que pode me chamar pelo meu nome.

TJ balança a cabeça, os olhos percorrendo meu corpo antes de se sentar ao meu lado. — Não, eu gosto mais de Peaches. — Fico olhando para ele, sem me impressionar, mas ele não me leva a sério e ri. — Não fique me olhando assim. Você é minha namorada. Eu deveria ter um apelido bonito para você.

— Bonito?

— Sim.

— Uau. — Mordo a parte interna da bochecha, fazendo o possível para manter a cara séria.

— O que foi? Achei que era bom. — Ele dá uma cotovelada de leve na minha lateral, batendo o joelho ao lado da minha perna.

Meu corpo inteiro queima e eu gostaria que fosse por causa do calor escaldante de Miami. — Ou não é?

— Eu diria que é muito cafona — respondo, olhando para a areia e pegando outro punhado para esconder o sorriso no rosto.

Ele zomba. — Como *minha* namorada, você deve adorar todas as minhas palavras cafonas. Faz parte do pacote.

Eu rio com isso, deixando a areia escorregar entre meus dedos. — Pacote?

— Lola, como vamos fazer esse relacionamento funcionar se não agirmos como os casais da primeira base agem?

Olhando para ele, eu o satisfaço com um sorriso. — E como exatamente os casais da primeira base agem?

— Brigam, são pegajosos, obcecados, felizes e um em cima do outro. — O olhar de TJ desce para minhas mãos e permanece ali. Ele não precisa pedir para que eu ouça a pergunta não dita. *Posso segurar sua mão?*

Quero fazer exatamente isso, mas hesito, porque tudo isso parece bom demais para ser verdade. Não consigo deixar de pensar que há uma pegadinha.

— Você estava falando sério ontem à noite?

— Eu não estaria aqui se não tivesse falado sério — responde ele, descansando a mão ao lado do meu colo, com a palma voltada para cima. — Vamos, pegue minha mão.

Meu coração se acelera, batendo erraticamente contra o peito, quando decido não pensar demais, de uma vez por todas, e coloco minha mão sobre a dele, entrelaçando nossos dedos.

São dois dias. Qual é a pior coisa que pode acontecer?

— Estamos mesmo fazendo isso? — pergunto, engolindo enquanto ele esfrega o polegar em círculos suaves em minha mão.

— Não há como voltar atrás. Você está presa a mim para o resto da vida e, por vida, quero dizer até sábado.

— Para sempre.

— Para sempre, Peaches. — Ele aperta minha mão e a solta quando ouvimos as vozes de nossos amigos ao longe. — Encontre-me na Miami Gallery and Garden às sete.

— Miami Gallery and Garden, às sete. Estarei lá — repito para ele enquanto se levanta, Cara e Daisy se sentam em suas toalhas, enquanto os amigos de TJ ficam a alguns metros de nós, esperando.

— Estarei esperando por você. — Ele dá uma piscadela e se vira para voltar para os amigos, mas antes que eles se afastem, ele corre de volta para mim e se ajoelha até pairar um pouco acima de mim. — Que tipo de namorado eu seria se não desse um beijo de despedida na minha namorada?

TJ coloca dois dedos embaixo do meu queixo, inclinando minha cabeça para trás. Seus lábios roçam brevemente os meus.

— Tchau, *namorada.*

— Tchau, *namorado*. — Minhas bochechas se inflamam incontrolavelmente.

Ele sorri, satisfeito, antes de se erguer em sua altura máxima. Dando-me mais uma olhada, ele corre até seus amigos e sai.

Soltando um suspiro trêmulo, limpo as palmas das mãos suadas em meu vestido.

Meus olhos vagueiam sem rumo pelo enorme edifício branco em estilo mediterrâneo. Ele é lindo, com cores vibrantes aparecendo nos cantos, e em frente ao museu há uma enorme fonte de três níveis. Eu gostaria de poder me concentrar mais nos detalhes, mas estou muito nervosa para fazer isso.

Desviando o olhar do prédio, olho para o vestido curto de linho sálvia que escolhi usar para o meu *encontro*. O decote cai no meio do meu peito, o vestido é justo na cintura e flui livremente até o meio da coxa.

Adoro esse vestido, a cor, a maneira como ele se ajusta perfeitamente ao meu corpo e como ele me faz sentir. Não é muito exagerado para o meu encontro, mas ainda assim me pergunto se deveria ter usado outra coisa.

Mas sei que minha mente está agitada porque concordei de bom grado em sair com alguém que não conheço. Um cara cujo sobrenome nunca perguntei.

Mordo a parte interna da bochecha, inspirando e expirando lentamente enquanto tento organizar meus pensamentos. Mesmo que eu não tivesse namorado Matt por dois anos, eu não teria saído da minha zona de conforto por um cara que não conheço, ou pelo menos pensei que não teria saído. Porque com TJ, não parece que eu tenha feito isso. Com ele, tudo parece tão... confortável... tão normal.

Apesar de meu coração frenético e de como meu corpo fica febril quando falo com ele, não consigo deixar de me sentir à vontade com ele.

E eu me odeio por me sentir assim porque, apesar de nenhum de nós dizer isso em voz alta, não nos esforçamos muito para nos conhecermos de verdade. Sabemos que, depois que eu for embora no sábado, nunca mais nos veremos.

Por que começar algo que está fadado ao fim?

— Peaches. — A voz de TJ faz meus pensamentos pararem. Nossos olhos se conectam assim que levanto a cabeça. Ele está no topo da escada, com os cantos da boca curvados para cima em um sorriso. — Achei que você tinha me deixado na mão. — Seus olhos percorrem meu corpo de forma apreciativa enquanto ele desce os degraus.

Meus lábios se entreabrem, mas se fecham quando decido não o lembrar de que meu nome é Lola. Algo me diz que, não importa quantas vezes eu o lembre, ele ainda me chamará de Peaches.

— Pensei nisso, mas eu não poderia lhe dar seu presente de aniversário.

— Você tem um presente?

Não era algo que eu planejava fazer, mas antes, quando as meninas e eu estávamos fazendo compras, passamos por uma loja que fazia lembranças personalizadas. Cara, brincando, disse que eu deveria comprar algo para TJ se lembrar de mim. No começo era uma piada, mas depois vi as pulseiras de couro sintético marrom penduradas na vitrine e a vendedora disse que poderia fazer uma gravação gratuitamente.

— Apenas algo pequeno, para que você nunca se esqueça de mim — brinco, tirando a pulseira embrulhada em papel de seda branco da minha bolsa e entregando-a a ele.

— Acho que *nunca* vou conseguir esquecer você. — Ele balança a cabeça, pega o presente e, lenta e cuidadosamente, puxa o papel de seda de volta. — Uma pulseira? — Seus lábios se contraem, mas quando ele pega o couro sintético e o ergue para o céu, um sorriso de megawatt toma conta de seu rosto. — Peaches. — Ele ri baixinho, lendo o nome gravado, depois a envolve em seu pulso e a fecha com um estalo.

— Obcecado. Confere. — Levanto meu pulso e o giro lentamente para que ele veja que tenho uma também.

Ele envolve sua mão na minha, levantando-a para inspecionar as letras gravadas em minha pulseira. — TJ. — Sua voz é baixa enquanto ele lê seu nome.

Por mais piegas que seja, eu estaria mentindo se dissesse que não gosto disso. Mesmo que seja tudo falso, vou fingir que ele

realmente gostou do fato de eu ter comprado pulseiras iguais para nós.

Matt nunca teria fingido gostar desse tipo de coisa. Ele teria feito uma piada e se recusado a usar. Eu temia que TJ também o fizesse, mas ele sorria e olhava para a pulseira como se fosse um Rolex.

Não acredito que tudo isso está me fazendo perceber como Matt foi um namorado ruim e como eu ignorei tudo.

— Não são camisas que combinam, mas achei que essas serviriam.

Ele passa a ponta do polegar em seu nome. — Merda de casal da primeira base.

— Merda de casal da primeira base — repito, o sorriso em meu rosto aumentando à medida que pequenas vibrações surgem em meu estômago.

— Esse é o espírito. — Ele arrasta lentamente os dedos pela palma da minha mão até ficarem entre os meus dedos e os entrelaça. — Agora só precisamos ser pegajosos e ficar um em cima do outro.

— Você se esqueceu da felicidade.

— Lola. — Parado na minha frente, ele segura meu pescoço com a mão livre, passando o dedo gentilmente pela minha bochecha enquanto seus olhos se fixam nos meus. — Estou muito feliz e, se você não estiver, já fracassei como namorado.

Meu coração dispara e as vibrações se espalham por toda parte, mas tenho que me lembrar de que tudo isso é *falso*.

— Estou feliz — admito, apertando sua mão.

Algo se acende em seus olhos quando eles descem até meus lábios, mas o que quer que esteja neles desaparece quando uma gota de água cai em sua bochecha.

— Bem-vinda à Flórida. — Ele abaixa a mão, limpando a gota perdida. — Onde o clima é imprevisível pra caralho.

Eu aceno com a cabeça. Houve uma tempestade na noite passada, mas hoje de manhã o sol estava brilhando intensamente como se nada tivesse acontecido.

Embora o clima na Flórida não seja a única coisa imprevisível.

— É melhor irmos para dentro. Você não vai querer se molhar no primeiro encontro — diz TJ, guiando-nos pelas escadas. Ele olha por cima do ombro, seus olhos percorrendo meu corpo. — Você está linda.

As três palavras soam sinceras, mas eu ainda estreito os olhos para ele, sem saber se haverá outra insinuação ao lado dessas três palavras.

— Estou falando sério. — Ele mantém o olhar fixo em mim enquanto subimos os degraus. — Você está linda. Mesmo com a tinta em seu cabelo, você ainda...

— Está falando sério? — Eu o interrompo, e minha mão indo imediatamente para o meu cabelo.

Gostamos da aula de pintura que fizemos ontem, então fomos a outra hoje de manhã.

— Não se preocupe com isso. Isso a torna dez vezes mais atraente. Acho que nunca mais vou conseguir olhar para a pintura da mesma forma. — Ele sorri, envolvendo a mão em meu pulso e afastando-a do meu cabelo. — Prometo que ninguém vai notar.

— Mas você notou — digo, levantando a mão para o meu cabelo, mas ele me impede novamente antes que eu possa tocá-lo.

— É meu trabalho perceber as pequenas coisas.

A qualquer momento, meu coração vai se transformar em nada se eu ouvir algo assim sair de seus lábios novamente.

Eu o olho com atenção. Ele é um pouco piegas, mas acho que é assim que todo relacionamento sempre começa. — Tem certeza de que sou sua primeira namorada?

— Você é a primeira. Como estou me saindo até agora?

Fico em silêncio, pensando em como ele me tratou desde o momento em que o conheci até agora.

— Melhor do que eu esperava. Eu meio que esperava que você me desse um bolo.

— Achei que você fosse *me* dar um bolo.

Olhamos um para o outro e rimos.

— Então, como você me classificaria?

— Como eu o classificaria?

— Sim. — Ele acena ansiosamente com a cabeça. — De um a dez.

Cantarolo, fingindo que estou pensando profundamente. — Não sei... o encontro ainda não terminou. Portanto, não posso tomar uma decisão.

— Ok, é justo, mas estou confiante de que, no final da noite, será onze. — E ele está falando sério, a expressão em seu rosto está repleta de confiança.

— Uau, um onze?

— Um onze. — Ele não apenas diz isso com muita autoconfiança, mas também com um pouco de arrogância em sua voz.

— Vamos ver. Então, o que há com a câmera? — pergunto enquanto ele abre a porta para que eu entre.

Ele estava com a mesma câmera pendurada no pescoço ontem à noite e hoje de manhã.

— Posso realmente ser considerado um namorado se não tiver fotos da minha namorada? — TJ não espera que eu responda para continuar. — Pensei que eu poderia tirar fotos de arte ao lado de arte.

Sorrio estupidamente com suas palavras e isso não tem nada a ver com o fato de parecerem piegas, mas com os fogos de artifício que explodem dentro de mim.

CAPÍTULO 4

lola

— Você decide. — TJ lê o nome na placa didática colocada ao lado da pintura. — Não estou entendendo. O que é isso? — Os braços cruzados sobre o peito, sobrancelhas franzidas e os lábios comprimidos, torcidos para o lado enquanto ele examina minuciosamente a grande tela.

Não sei ao certo há quanto tempo estamos aqui, mas, infelizmente, estamos no final da exposição.

Eu deveria estar olhando para a pintura, mas estou fixada no único cacho castanho-escuro que repousa em sua testa e a maneira como seus olhos seguem atentamente cada pincelada com admiração e confusão.

— Isso não faz sentido para mim. — Ele me olha de cima a baixo. — O que você acha que significa?

Minha respiração fica presa quando ele dá um passo para trás e fica atrás de mim. Fico parada, concentrando minha atenção nas letras gravadas na placa. Embora seja difícil centralizar minha atenção nela, porque meu corpo está muito atento a ele.

— Hmm? — O murmúrio é baixo, mas provoca um arrepio em minha espinha.

— Acho que... — Eu me demoro, sentindo as pontas de seus dedos deslizarem suavemente pelos meus braços e depois voltarem para baixo. *Foco.* — Você decide — eu leio em voz baixa, depois olho para o quadro. É o único nesta parede e provavelmente tem a metade do tamanho do TJ.

Em um dos lados da tela, as pinceladas são rápidas e agressivamente desleixadas, com diferentes tons de vermelho, laranja, branco e amarelo. O outro lado tem as mesmas cores, exceto pelo fato de serem suaves, cuidadosas e detalhadas, criando o que parece ser um pôr do sol. E no meio, as pinceladas abrasivas e suaves se misturam perfeitamente.

Faz sentido o fato de ele estar sozinho. Ele faz com que tudo em comparação pareça sem graça.

Ao contrário das outras placas que apresentam um breve resumo de quem é o pintor ou o significado da pintura, essa placa não revela nada.

— Acho que deve ser sobre a vida.

— Vida — ele pensa.

— Posso estar errada, mas acho que esse lado foi feito para ser o caos. — Inclino minha cabeça para um lado. — E esse lado é calmo. — Faço uma pausa, estudando lentamente a pintura. — Acho que o objetivo é nos deixar decidir. Calma, caos ou um pouco de ambos. Um lado é errante e o outro é propositalmente limpo, mas quando se juntam, eles se equilibram e criam algo bonito.

— Como nós — ele murmura, passando os braços em volta dos meus ombros, mas deixa um pequeno espaço entre nós. A alça de sua câmera está pendurada em sua mão.

Meu coração desacelera drasticamente. — Você acha que equilibramos um ao outro?

— Não acho, eu *sei* que sim — ele sussurra, seu hálito mentolado roçando a concha da minha orelha. — Você é calma, eu sou o caos, e juntos podemos criar algo lindo... não acha?

— Sim... acho que podemos. — Dou um passo para trás até me encostar firmemente em seu peito.

Posso estar analisando demais, mas parece que ele estava deixando que eu decidisse se fechava a lacuna ou não.

Um silêncio reconfortante se abate sobre nós, mas ele mal dura um segundo quando alguém limpa a garganta. Preciso de tudo dentro de mim para não gemer e dizer à pessoa para ir embora.

— Desculpe-me por interromper, mas vamos fechar em vinte minutos — diz uma das funcionárias do museu.

Quando TJ e eu nos afastamos e nos viramos, um sorriso amigável surge no rosto da funcionária e seus olhos se voltam para a câmera.

— Gostaria que eu tirasse uma foto?

— Sim, por favor — ele responde, entregando a câmera. — Obrigado.

TJ fica ao meu lado, passando o braço em volta da minha cintura para me puxar para perto dele. Eu o encaro enquanto ele

me olha de cima a baixo. — Pegajoso. Verificado. — Ele sorri para mim.

Algo *intenso* se agita em meu peito. Percorro a costura de seus lábios, passando pelos cachos selvagens em sua cabeça antes de encontrar seus olhos novamente, um brilho de malícia neles.

O flash brilhante da câmera desvia nosso foco um do outro e para a funcionária que segura a câmera em seu rosto.

— Ah, ser jovem e apaixonado. — Ela suspira alegremente, tira outra foto e a entrega de volta para ele. — Vocês formam um casal tão bonito.

Não estamos apaixonados. Apenas somos muito bons em fingir.

Ele sorri para ela em agradecimento. — Obrigado.

— O prazer é meu. — Ela olha para o relógio em seu pulso. — Não se esqueçam de que fecharemos em vinte minutos — ela nos lembra e, com um sorriso, vai embora.

TJ enlaça nossos dedos e nos leva até a porta da frente. Caminhamos em silêncio, com o foco dele na câmera e o meu no modo como o polegar dele faz círculos suaves na minha mão.

Agora que estamos do lado de fora, ele fica na minha frente. — Então, como me saí? Atendi às suas expectativas?

— Bem... eu daria a este um sólido seis de dez. Se você tivesse me comprado aquele quadro, talvez eu lhe desse um nove. — Dou de ombros como se não estivesse impressionada, mas me esforço para não sorrir com a expressão ofendida em seu rosto.

— Um nove? Você sabe que aquele quadro custa uns vinte mil dólares?

— E daí? Eu não valho a pena?

Assim que ele ri, minha expressão séria se desvanece e eu rio com ele.

— Você tinha razão, isso é um onze.

Isso é mais do que um onze. Acho que nem poderia classificar esse encontro, porque ele superou todas as expectativas. Não que eu tivesse muitas, para começar.

— Amanhã vai ser melhor que isso. — Sua voz é promissora.

Minhas sobrancelhas se erguem, cruzando os braços contra o peito. — É sério?

— Sim. — Ele agarra minha cintura, puxando-me para ele. — Encontre-me na Miami Davenport Marina, no píer B, às cinco horas.

— Miami Davenport Marina, píer B, às cinco — repito, com a voz sem fôlego, enquanto ele se inclina até que seus lábios se aproximem dos meus.

— Estarei esperando por você — diz ele antes de encostar seus lábios nos meus.

— Eu estarei lá. — Eu sorrio para ele.

— Peaches? — Ele sorri quando eu reviro os olhos para o apelido. Embora ele tenha crescido em mim.

— Sim?

— Você vale a pena.

Fico em frente a um portão branco, sorrindo desajeitadamente para o guarda que está sentado dentro da cabine, olhando-me com cautela.

Cheguei aqui exatamente às cinco horas, mas TJ ainda não chegou. Continuo dizendo a mim mesma que ele não me deixaria na mão, mas já estou esperando há vinte minutos.

O guarda limpa a garganta. — Senhorita, não pode ficar aqui. Você vai ter que...

— Desculpe pelo atraso. — TJ aparece do nada, parecendo cansado. Ele fica ao meu lado e pega minha mão com a sua, entrelaçando nossos dedos. — Ei, Greg, ela está comigo.

A expressão cautelosa no rosto de Greg se transforma em um sorriso de boas-vindas. — Ei, TJ, é bom ver você. Seus pais...

— Não, só nós. — Ele o interrompe rapidamente.

As sobrancelhas de Greg se contraem e ele parece querer dizer algo, mas balança a cabeça. — Tudo pronto. Fique em segurança lá fora. — Ele pressiona um botão que destranca a porta.

— Sempre. — TJ me conduz pelo portão e para a doca. — Desculpe pelo atraso. Tive que fazer algumas coisas que demoraram mais do que eu imaginava.

Aperto mais forte a tela nas mãos — Está tudo bem. Só estou feliz por você não ter me deixado na mão.

— Eu não faria isso com você. Estou muito envolvido e não posso voltar atrás agora, figurativa e literalmente falando.

— O que... — O resto das minhas palavras fica preso no fundo da garganta quando paramos em frente a um grande barco.

Ele aperta minha mão, puxando-me com ele. — Vamos lá.

Meu corpo parece estar preso no piloto automático enquanto ele me guia.

Assim como a casa de praia, o barco é igualmente bonito e extravagante.

— Eu não poderia deixar você sair de Miami sem ver os golfinhos e o pôr do sol.

Eu suspiro, sem conseguir controlar o entusiasmo em minha voz. — Sério?

— Sim. — Ele ri e fica na minha frente, segurando minha cintura e me puxando para perto dele. — Qualquer coisa pela *minha* namorada.

Respiro fundo quando seus dedos deslizam por baixo da minha blusa e roçam suavemente minha pele, provocando arrepios.

— Isso é demais. — As palavras saem de minha boca antes que eu possa detê-las. Quero voltar atrás e aproveitar esse momento, mas somos apenas estranhos. Gastei um total de trinta dólares com ele. Não quero nem imaginar quanto ele pagou para alugar esse barco. — Quero dizer, essa é a melhor e mais gentil coisa que

alguém já fez por mim, mas não posso deixar você fazer isso. Só consigo imaginar o aluguel desse barco...

Ele ri, com a diversão dançando em seus olhos. — O *iate* é do meu pai. — Ele tira a mão da minha cintura e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

Minha mandíbula fica frouxa.

— Não se preocupe com nada.

Fecho a boca quando ele acaricia meu pescoço.

— É seu último dia aqui, então vamos nos divertir. — Um sorriso hipnotizante curva seus lábios, tornando difícil eu dizer qualquer coisa. Então, tudo o que faço é acenar com a cabeça. — O que é isso?

— Oh. — Dou um passo para trás e entrego a ele a tela embrulhada em papel pardo. — Um agradecimento não é suficiente, nem isto, mas obrigada por fazer deste um dos melhores verões.

— Você não precisava... — Ele para no meio da frase quando o papel marrom cai no chão. Seus olhos se arregalam, o olhar oscilando entre mim e a tela algumas vezes até que finalmente param na tela. — Lola, santo Deus, quem foi que pintou isso? — Ele arrasta os dedos ao longo do pôr do sol que pintei.

— Não é o meu melhor, mas...

— Você está brincando comigo? — Ele me encara como se eu tivesse acabado de dizer a coisa mais absurda. — Isso é uma

loucura. Quase parece realista. Você realmente pintou isso. — Não é uma pergunta, mas uma declaração de descrença. — Você é foda.

Ele me abraça com força, derretendo tudo dentro de mim. Meu coração se move de forma irregular, mas juro que o dele tem a mesma sensação. Batendo simultaneamente, evocando um pequeno buraco em meu coração que será difícil de preencher quando nos separarmos.

Fico olhando para o oceano, sem piscar, e as ondulações constantes que fluem para frente e para trás me cativam ritmicamente. Elas são infinitas, vastas e completamente hipnotizantes, com dois tons diferentes de azul, royal e índigo. E então as cores siena-queimada, champanhe profundo e tangerina são lindamente pintadas no céu.

Elas se derramam sobre o mar e se unem, criando uma vista de tirar o fôlego que se estende até onde posso ver.

Suspiro ao me lembrar de que tudo isso é fingimento. Quero continuar fingindo que tudo isso é real, mas o senso de realidade está se instalando lentamente.

TJ fez um trabalho incrível para me fazer esquecer de tudo. Eu estava concentrada apenas em seus olhos, em seu sorriso de partir o coração e em tudo o que fizemos.

Mesmo que eu quisesse pensar em qualquer outra coisa, não conseguiria. Não quando eu estava sentada em seu colo no leme

do iate e ele dirigia, quando seus dedos roçavam e cavavam minha pele, ou quando ele depositava beijos carinhosos em meu ombro nu. E ficou mais difícil me concentrar em qualquer outra coisa quando vimos os golfinhos. Eu gostaria de poder dizer que isso foi o ponto alto do dia inteiro, mas então ele nos levou para nadar em uma área onde quase não havia pessoas.

A água era tão clara, a areia era tão branca e o calor do sol era perfeito.

Não sei como vou superar isso, mas uma coisa é certa: eu *nunca* o esquecerei.

— No que você está pensando? — ele pergunta, sua voz dissolvendo a nuvem dos meus pensamentos terríveis.

Estamos sentados no lounge da proa, lado a lado, olhando enquanto o sol desce lentamente abaixo do horizonte.

Puxando as pernas até o peito, envolvo-as com os braços e deito a lateral do rosto sobre os joelhos. Meus cabelos caem em cascata pelo meu rosto e, antes que eu possa afastá-los, TJ se antecipa, colocando os fios úmidos e crespos atrás da minha orelha. Quando nossos olhos se encontram, um sorriso suave surge em seus lábios.

Eu retribuo o sorriso. — Nada... não quero estragar o momento.

— Diga. O que está pensando? — Ele me olha com intriga e paciência enquanto espera que eu responda.

— Como vou odiar voltar à realidade... voltar ao mundo real. — Eu não elaboro, mas ele acena com a cabeça como se estivesse entendendo.

É deprimente pensar que isso está quase acabando, que vou começar a estudar e que terei de fazer cursos para os quais não estou preparada. Meus pais insistiram para que eu me tornasse uma contadora como eles e, embora não seja isso que queira fazer, não tenho muita escolha. Afinal de contas, eles estarão pagando minha mensalidade da faculdade.

Ele olha fixamente para frente, parecendo estar pensando profundamente, como se estivesse pensando no que quer dizer. — Posso dizer uma coisa?

— Tudo o que acontece e é dito aqui, fica aqui.

Seu sorriso cresce no momento em que o sol lança um tom dourado perfeito em seu rosto, fazendo com que a cor de uísque em seus olhos pareça um âmbar incandescente.

— Estou um pouco ansioso em relação ao mundo real... — Ele se interrompe como se estivesse duvidando do que acabou de dizer ou não tivesse certeza se deveria ter dito aquilo. — Quero dizer, estou pronto, mas às vezes penso em como *uma* coisa pode estragar tudo.

Não tenho certeza a que ele está se referindo, mas nunca me identifiquei tanto com algo. Meus pais têm grandes expectativas, e às vezes me preocupo em decepcioná-los.

— É estressante, não é? Um dominó cai, e os outros caem, e não há nada que você possa fazer a não ser ver tudo ir por água abaixo.

— Sim, é exatamente assim que me sinto. — Ele parece aliviado por eu entender.

Olho para ele e ele olha para mim. — Nós deveríamos fazer uma promessa um ao outro.

— Que tipo de promessa?

— Encontrar nossa felicidade e nos lembrar de que *tudo* ficará bem.

— Eu prometo. — Ele coloca seu dedo médio em volta do meu.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Você não quer fazer a promessa do mindinho?

— Não, isso é superestimado.

Rio baixinho, segurando seu dedo, e olho para o pôr do sol, deixando que ele sele nosso voto.

— Obrigada por isso. Por tudo.

Ele junta o resto de nossos dedos. — Não me agradeça. Só estou fazendo o que qualquer namorado faria.

— Você não precisa mais fingir ser meu namorado. Você superou todas as qualificações de namorado. Parabéns, meus padrões agora estão extremamente altos e vai ser difícil encontrar alguém que seja digno.

Ele sorri. — Bom. Nunca se contente com menos.

— Eu não vou. *Eu prometo...*

Não consigo evitar que meus olhos caiam em seus lábios. Era para ser apenas um olhar rápido e sutil, mas quando ele passa a língua no lábio inferior, não consigo desviar o olhar.

— Lola?

— Hmm? — cantarolo distraidamente, forçando-me a olhar para ele.

— Você está pronta para voltar?

A resposta é sim. Embora não tenhamos que fazer o check-out do hotel até as dez da manhã de amanhã, ainda precisamos fazer as malas e nos certificar de que temos tudo o que precisamos antes de partir. Além de fazer as malas, temos uma viagem de doze horas pela frente.

Eu deveria dizer sim, mas...

— Lola? — Meu nome sai de seus lábios em um tom baixo e desesperado.

Ele só disse meu nome, mas eu entendi a pergunta em sua voz. Mas isso não importa, pois o som se torna inexistente. As gaivotas voando ao longe, as ondas balançando para frente e para trás, o martelar do meu coração e o aviso na minha cabeça se tornam nada.

Meu foco está apenas no tom das íris dele, poças de âmbar-escuro que incendeiam todos os nervos do meu corpo.

Não me permito ficar pensando nos *e se*, porque, depois desta noite, nunca mais o verei. Sem pensar muito, fecho o espaço entre nós e conecto nossos lábios.

CAPÍTULO 5

Lola

DOIS ANOS DEPOIS

Pagar oito dólares por um café gelado deveria ser crime. E, como uma universitária quase falida, não tenho o direito de substituir meu leite por leite de aveia, adicionar três doses de expresso e passar meu cartão.

Não é uma necessidade e sei que minha conta bancária está em frangalhos, chorando pelo fato de ter gastado oito dólares em algo de que não preciso. Considerando que estou com um orçamento apertado, tenho empréstimos estudantis, contas e um bebê, não deveria ter passado meu cartão de débito.

Mas ao pensar muito sobre isso, percebo que eu mereço.

É o que continuo repetindo para mim mesma ao sair da cafeteria do Student Union.

Eu poderia dizer *parabéns por quase ter conseguido passar pelo primeiro dia de aula do terceiro ano.* Também estou exausta e não confio que conseguirei manter os olhos abertos durante minha última aula do dia, Estilo de Vida Saudável.

A aula não me pareceu muito ruim quando me inscrevi. O problema é que ela começa às quatro e dura uma hora e meia. E a

pior parte é que moro a uma hora de distância; quando eu chegar à minha casa, já serão quase sete da noite.

Não foi uma escolha minha, mas minha orientadora disse que eu precisava dessa disciplina eletiva para me formar. Ela me deu três opções diferentes: Estatística, Geologia e Estilo de Vida Saudável. Eu teria preferido qualquer coisa que não fosse essas opções. Infelizmente, era tudo o que eu podia escolher. Portanto, a última opção era a melhor e mais fácil. Felizmente para mim, são apenas duas vezes por semana e eu conheço uma pessoa.

Bem, eu realmente não conheço essa garota. Ela é a melhor amiga da Gabby, uma garota que conheci em minha aula de Arte de Estúdio hoje de manhã. Sentamos uma ao lado da outra e nos identificamos imediatamente. Depois da aula, comparamos os horários e, embora Arte de Estúdio seja a única aula que compartilhamos, ela me disse que sua melhor amiga, Polly, também está cursando Estilo de Vida Saudável.

Então, agora estou esperando a Polly do lado de fora da Student Union e, enquanto isso, tomo meu café e mando uma mensagem para a minha babá.

Eu: Ei, como ele está?

Elena: Ele está bem, curtindo o lanchinho :)

Elena: Foto anexada.

Eu sorrio para a tela, olhando para o meu bebê, Phoenix, sorrindo para a câmera com aquele sorriso maroto em seu rosto bochechudo.

Nunca fez parte dos meus planos levar meu filho de um ano e meio comigo para a faculdade, mas também nunca esteve nos meus planos ter um bebê aos dezenove anos, para começar.

Aconteceram muitas coisas que não faziam parte dos meus planos. Descobrir que estava grávida um mês depois de sair de Miami, meus pais me renegarem e tudo o mais que veio depois.

Dizer que foi caótico é pouco para descrever minha vida desde Miami, e tudo começou no momento em que conheci TJ.

— Lola?

Uma linda garota com cabelos louros como morango e olhos verdes profundos está na minha frente, com um sorriso amigável estampado no rosto.

— Oi — cumprimento, retribuindo o sorriso. — Polly?

— A primeira e única.

— Espero que não tenha se esforçado muito para me encontrar — digo, afastando a franja dos olhos. — Se teve, desculpe. Tenho certeza de que eu teria...

— Bobagem — ela me interrompe, acenando com a mão com desdém. — Eu estava indo nesta direção e, mesmo que não estivesse, não se preocupe com isso. Este campus é enorme e a última coisa de que precisamos é que você se perca. Confie em

mim, eu sei por experiência própria. No primeiro dia do primeiro ano de calouro, entrei na sala errada.

Sorrio timidamente ao me lembrar de que entrei na classe errada esta manhã. — Bem...

Ela solta uma risada. — Era para acontecer, mas, pelo menos, você não entrou em uma sala de aula com trezentos alunos. — Um sorriso irônico aparece em seus lábios.

Balanço a cabeça, porque definitivamente não me identifico. A classe em que entrei mal tinha trinta alunos.

— De qualquer forma — ela inclina a cabeça para o lado, fazendo sinal para continuarmos — o que você está achando da NCU até agora?

— Estou adorando — respondo com alegria, achando difícil conter o entusiasmo que sinto por estar na escola dos meus sonhos.

Se eu não tivesse engravidado, estaria aqui no meu primeiro ano. Recebi minha carta de aceitação no último ano do ensino médio e estava pronta para me mudar para o dormitório em agosto. Mas então descobri por que estava me sentindo mal há um mês e tive de me retirar.

Caminhamos lado a lado pela rua de tijolos, conversando sobre nossos cursos e, principalmente, sobre a experiência dela na faculdade. Ela fala sobre as festas, as ressacas e os garotos. Só ouço e absorvo cada palavra e expressão. Eu viveria isso por tabela através do que ela dizia, se já não estivesse fazendo isso com Daisy e Cara.

Agora que sou mãe, minha vida é diferente e não posso fazer o que quero quando quero. Se não estou em casa com Phoenix, estou na faculdade, e se não estou na faculdade, estou no trabalho. Eu saio com as meninas, mas isso só acontece uma vez por mês. Também não tenho o luxo de gastar dinheiro, porque minha única fonte de renda vem de mim.

Entramos na sala de aula e nos sentamos na última fileira, já que encontramos quatro lugares disponíveis. Sentamos e guardamos os assentos ao nosso lado para os amigos da Polly, que estão atrasados.

— E não se deixe enganar por esses rostos bonitos, especialmente os atletas. Muitos deles são arrogantes e convencidos pra caralho. Há alguns bons, mas o resto — ela faz uma pausa, com os lábios franzidos enquanto pensa no que quer dizer — são no mínimo idiotas com direitos.

— Obrigada pelo aviso. — Colocando minha mochila na cadeira ao meu lado, tiro meu laptop e o coloco sobre a piada de uma mesa presa ao meu assento. — Mas não estou procurando nada no momento. Tenho muita coisa acontecendo e relacionamentos são complicados.

Eu não menciono que tenho um filho. Assim que um rapaz descobre que sou mãe, ele se vira na outra direção. Eu poderia contar para Polly e Gabby, mas a última coisa que preciso é de um comentário ou olhar crítico sobre o fato de eu ser uma mãe jovem. Eu não deveria presumir que elas fariam isso, mas já passei por isso o suficiente nos últimos dois anos.

Vou contar a elas eventualmente.

— Aspiro ter o seu nível de autocontrole. — Ela levanta uma sobrancelha e inala profundamente. — Não me julgue. Sei que disse que eles são idiotas com direitos, mas são idiotas com direitos extremamente *gostosos*.

Eu seguro uma risada. — Gosto de esportes, mas não tenho tempo suficiente para acompanhá-los.

— Não é preciso estar em dia com o esporte. Você só precisa olhar para o cara. É como uma vitrine ou você pode comprar e devolver depois. Você tem um esporte favorito? — Os olhos dela se iluminam e um sorriso provocante se forma em seus lábios quando ela desbloqueia o celular e acessa o Instagram.

— Eu gosto de basquete e...

— Meu Deus, se gosta de basquete, então preciso mostrar o T para você.

— Saia da frente, Pols. — Uma voz grave impede que seu dedo toque a tela.

Quando levanto a cabeça, fico olhando atônita para os dois caras imensamente altos olhando para Polly. Ela sorri para eles e tira suas coisas do assento que estava guardando. — É melhor você ficar feliz por termos chegado aqui a tempo e, a propósito, de nada.

— Nós? — pergunta o primeiro a falar, com seus olhos castanho-escuros voltados para mim. — Oi. — Ele me dá um sorriso torto enquanto se senta ao lado de Polly.

— Nem pense nisso — ela o adverte.

O cara faz um comentário, mas eu não presto atenção, pois o outro amigo dele fica ao lado do meu assento e olha para as minhas coisas.

— Desculpe. — Pego minha bolsa e a coloco no chão.

— Obrigado, Lola. — Ele sorri e se senta.

O amigo dele é bonito, mas esse cara... ele é lindo. Não acredito que acabei de chamar um cara de *lindo*, mas é irreal o quanto ele é atraente. Cabelo preto imaculado penteado para trás com alguns fios na testa, sobrancelhas pretas grossas e impecavelmente penteadas, olhos azuis incrivelmente claros, pele de marfim impecável, um sorriso de tirar o fôlego e um rosto perfeitamente simétrico.

— Como você...

— Está no copo. — Seu sorriso se alarga. — Eu sou Saint. — Ele estende a mão.

— Certo. — Reviro os olhos mentalmente para mim mesma e coloco minha mão na dele. Noto o tamanho dela e o anel em seu dedo indicador. Uma cicatriz que parece uma marca de queimadura cobre metade da parte superior de sua mão. — Lola, mas você já sabe disso.

O divertimento brilha em seus olhos, mas se transforma em outra coisa quando seu olhar se volta para o meu laptop. Eu me encolho, olhando para as marcas de canetinhas pretas rabiscadas em todo o painel prateado superior.

De alguma forma, Phoenix entrou em minhas coisas e ficou um pouco animado demais.

— Não a culpo. Eu também fico entediado. — Ele tira de sua bolsa um livro grosso que parece já ter visto dias melhores.

— Deve ser um livro e tanto.

A capa parece completamente desgastada e desbotada. Vincos e mais vincos marcam a frente, fazendo com que a imagem e as letras na frente pareçam pouco legíveis. Algumas páginas estão dobradas no canto e várias abas aparecem na lateral.

— É decente.

Sorrio com seu encolher de ombros casual e com a despreocupação em sua voz.

— Sou Jagger — diz o rapaz sentado ao lado de Polly, com um sorriso brincalhão nos lábios. — Louise, certo?

Meu nome de registro é Louise Larson, mas normalmente uso apenas Lola. Peguei as duas primeiras letras do meu primeiro nome e também do meu último e as combinei. Tenho dois outros apelidos, mas somente minhas duas melhores amigas os usam – Lo ou, o preferido de Daisy, milf.

— Você pode me chamar de Lola.

— Lo... — Seu sorriso vacila, os olhos se estreitam ligeiramente. — Eu conheço você?

Polly dá um leve tapa na testa dela, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. — Oh, meu Deus, Jagger, você está mesmo

tentando flertar agora? Não se passaram nem dois minutos. Você não poderia ter esperado pelo menos até a aula terminar?

— Porra, Jag. — Saint abafa uma risada.

— Não estou flertando. Ela... — Ele faz uma pausa, inclinando a cabeça, estudando-me. — Você me parece familiar. Já nos conhecemos antes?

— Uh, não? — respondo insegura, sabendo que me lembraria de conhecer alguém como Jagger. Não há como esquecer alguém que se parece com ele. Pele morena, olhos castanho-escuros, cílios grossos e encaracolados que são realmente injustos e um pequeno recuo no queixo. Ele é bonito e sabe disso. — Acabei de me transferir para cá.

— Hmmm... — ele cantarola distraidamente, passando a mão em seus curtos cachos negros. — Você parece familiar e eu saberia. Não vejo muitas ruivas. Você é ruiva de verdade, certo?

Polly lhe dá um tapinha na bochecha. — Ignore-o. Ele é um idiota. Ele é sempre um idiota.

Dou uma risada, afastando a franja do rosto. — Sim, sou uma *verdadeira* ruiva.

Não é a primeira vez que alguém pergunta se essa é a cor real do meu cabelo. Embora esteja mais no espectro de um cobre-dourado com tons de vermelho. — E desculpe desapontá-lo, mas não o conheço.

— Bem, agora você pode. — Ele empurra Polly para fora do caminho e se inclina para mais perto de mim, balançando as sobrancelhas sugestivamente.

— Como eu disse, um idiota. — Ela o empurra de volta para o assento e revira os olhos. — Apenas finja que ele não existe. Eu faço isso na maior parte do tempo.

Aceno com a cabeça, segurando uma risada, mas consigo ver a expressão ofendida em seu rosto.

— Acho que vamos ser grandes amigos, Lola — sussurra Saint quando a professora se posiciona na frente da classe, ao lado do pódio, e se apresenta.

— Estou em casa! — Fecho a porta atrás de mim. Tiro os sapatos, deixo a mochila e a bolsa no chão e me posiciono no meu lugar.

Espero até ouvir o estofamento macio contra o chão e me ajoelho, abrindo bem os braços.

— Mamãe! — Phoenix vem do corredor e corre em minha direção, seus cachos castanhos selvagens balançando a cada movimento junto com suas bochechas rechonchudas.

Ele não se parece nem um pouco comigo. Não tem cabelo ruivo, não tem olhos verdes, não tem absolutamente nada que indique que ele é meu filho. Ele se parece muito com TJ, desde os cachos castanhos, o tom uísque na íris, o nariz, os dedos longos, o sorriso de tirar o fôlego e a altura.

Ele pode ter apenas um ano e meio, mas os médicos disseram que, pela aparência de seu gráfico de crescimento, ele será alto. Eu não duvido disso. Ele pesava quase quatro quilos quando nasceu.

— Oi, querido. — Dou risada quando ele pula em cima de mim e envolve meus braços em meu pescoço. Enrolo meus braços em torno de seu pequeno corpo e inspiro o doce aroma de xarope de bordo.

Eu o seguro contra mim até que ele decida que já teve o suficiente e se afaste de mim.

— Tudo bem, tudo bem, desculpe. — Belisco sua bochecha e o coloco no chão, deixando-o correr de volta para o que estava fazendo. — Desculpe-me pelo atraso! — grito enquanto pego minhas coisas e vou para a sala de estar.

Nosso professor disse que trabalharíamos em grupos pelo resto do semestre e permitiu que escolhêssemos com quem queríamos trabalhar. Então, depois da aula, troquei números de telefone com os rapazes e com a Polly. Demorou mais do que o necessário, porque Jagger insistiu em me conhecer, embora eu tivesse dito que nunca o tinha visto na vida.

Daisy está na cozinha, segurando uma espátula em uma das mãos e um copo shaker na outra. Seu cabelo preto está em um rabo de cavalo baixo. Algumas mechas pretas estão para fora e sua pele bronze-dourada está corada por causa do exercício.

— Você chegou bem na hora. A comida está quase pronta. — Ela olha por cima do ombro, dando-me um sorriso rápido antes de olhar para a panela no fogão.

Dou a volta no sofá, deixo minhas coisas ao lado dele e sorrio para Cara, que está sentada no chão com Phoenix. Seu ursinho Pooh e alguns outros brinquedos estão espalhados pelo chão, junto com alguns biscoitos de xarope de bordo.

— Obrigada por tê-lo buscado.

Embora minhas melhores amigas tenham insistido em me ajudar, ainda me sinto culpada, porque sei que não é responsabilidade delas.

— Não faça isso. — Ela me olha com firmeza, sabendo exatamente no que estou pensando. — Eu queria ir buscá-lo e saí da aula mais cedo. Não tenho dever de casa nem preciso trabalhar, então está tudo bem. Não é verdade, Phoenix? — Ela enrola os cachos dele em seu dedo.

— Mmm. — Ele mal reconhece o que ela disse, pois está muito ocupado brincando com a bola em sua mão.

Cara e Daisy não querem que eu agradeça, mas faço mesmo assim. — Obrigada.

Desde o momento em que descobri que estava grávida, elas estiveram presentes em cada passo do caminho. Mesmo quando estavam em estados diferentes, elas sempre me apoiaram. Daisy até convenceu seus pais a me deixarem morar com ela quando meus pais me expulsaram de casa e, quando dei à luz, as meninas estavam lá.

Não estava em nossos planos irmos juntas para a faculdade. Daisy disse que estava com saudade de casa e que odiava estar do outro lado do país, por isso saiu da Califórnia e voltou para a

Carolina do Norte. Foi um pouco estranho, considerando o quanto ela amava a Califórnia, mas não questionei isso. E Cara disse que estava cansada de pagar mensalidades fora do estado e que se sentia excluída.

Quando elas se mudaram de volta para a Carolina do Norte, Daisy teve a ideia de alugarmos um apartamento juntas. Depois de analisarmos nossas finanças, conseguimos fazer com que tudo desse certo. Infelizmente, ainda não estou ganhando o suficiente com meu pequeno negócio de pintura, por isso não posso pagar nenhum dos apartamentos próximos ao campus. Conseguimos encontrar um decente, e os pais da Daisy conhecem a Elena, minha babá, então deu certo. A única desvantagem é que fica a uma hora de distância, mas poderia ser pior.

Mas isso não importa, porque as coisas estão finalmente começando a melhorar para mim.

CAPÍTULO 6

Tj

Eu gemo, puxando o edredom por cima da cabeça, bloqueando os feixes de luz intensa que passam pelas cortinas. Resmungo novamente, desejando que o edredom tivesse o mesmo efeito sobre minha dor de cabeça latejante.

Minha intenção era ficar em casa ontem à noite e colocar a lição de casa em dia. Embora as aulas tenham começado há duas semanas, já estou atrasado. Apesar de ter uma sala de estudos obrigatória, já que sou atleta, ainda consigo procrastinar. Não é a coisa mais inteligente a se fazer, mas não consigo evitar. Embora eu sinta que trabalho melhor sob pressão.

Meu colega de quarto e de equipe, Saint Arlo, conseguiu me convencer a sair, mas não foi preciso muito esforço da parte dele. Tudo o que ele disse foi que um dos caras do time de futebol estava organizando a festa e que haveria um suprimento ilimitado de álcool. Ajuda o fato de que os atletas que moram fora do campus moram na Ashford Drive, então estamos a apenas cinco minutos de caminhada da nossa casa até a deles.

Não apaguei de tanto beber, mas bebi o suficiente para fazer minha dor de cabeça durar. E essa não foi a única coisa que fiz na noite passada.

Um braço jogado sobre meu peito nu me faz lembrar que Alexia está deitada ao meu lado, completamente nua.

Minha dor de cabeça diminui lentamente à medida que sua mão percorre meu peito até meu estômago.

Afastando o edredom, sento-me na beirada da cama e olho para ela por cima do ombro.

— Bom dia — sua voz sonolenta me cumprimenta. Ela se senta e se inclina contra a cabeceira da cama, esticando os braços acima da cabeça, e exibindo seu corpo firme, tonificado e absurdamente gostoso.

Alexia e eu nos conhecemos no primeiro ano em uma festa durante um jogo de Jenga bêbado. Ela era uma parceira horrível, mas incrível de se ver. E ela sabia disso, pelo modo como esfregava a bunda em mim e pela maneira como se portava com toda a confiança do mundo.

Depois daquela noite, concordamos mutuamente em manter as coisas simples. Sem sentimentos, e podíamos transar quando e com quem quiséssemos. É o melhor dos dois mundos, porque não estamos procurando um relacionamento, apenas nos divertindo.

Meu único foco é o basquete e a preparação para o draft da NBA em abril do ano que vem.

A última coisa que preciso ou quero é um relacionamento. Eles não são nada fáceis. Exigem muito tempo e atenção, algo de que não posso me dar ao luxo de abrir mão.

— Quer se juntar a mim no chuveiro?

Ela sai da cama com toda a sua glória nua e vai para o meu banheiro.

— Você quer sair? — pergunta Alexia.

Ela se olha no espelho, penteando os dedos no cabelo preto úmido.

— Tenho uns trabalhos da faculdade que preciso terminar — respondo, prendendo a pulseira de couro marrom no pulso e girando-a, passando a ponta do polegar sobre o nome desbotado.

— Tudo bem. Nós poderíamos...

— Tenho muita lição de casa.

Não era uma mentira completa. Graças à sala de estudos obrigatória, consegui fazer a maior parte da minha lição de casa, mas ainda precisava trabalhar no meu portfólio final. Estou me formando em Arte de Estúdio, concentrando-me em fotografia. Há duas semanas, pediram que escolhêssemos algo que nos capacitasse e, no final do ano, deveríamos apresentá-lo. Ainda não decidi o que quero fazer. Pensei em basquete, mas é muito previsível. Quero fazer algo diferente. Só não tenho certeza do quê.

Deixando o dever de casa de lado, não estou com vontade.

Não é horrível sair com ela. Gosto do fato de ela não ser apegada a mim e não estar me usando para chamar a atenção. Pareço convencido, mas as pessoas estão sempre tentando se aproximar

de mim por causa de quem eu sou e de quem meu pai e minha cunhada são.

Com Alexia, não preciso me preocupar com isso. Ela já recebe atenção suficiente nas mídias sociais.

Transamos, ocasionalmente saímos juntos e depois seguimos com nosso dia. É muito bom, se você quer saber. Ela não tem expectativas e eu também não.

Mas apesar de tudo isso, gosto do meu espaço.

— Você quer ao menos almoçar?

Não sou uma pessoa matutina, nunca fui e nunca serei. A única exceção para acordar cedo é quando se trata de basquete. Fora isso, nunca acordo antes das 11h, especialmente em dias de festa.

Estou surpreso que já sejam duas da tarde.

— Vou comer aqui. Realmente preciso começar a fazer minha lição de casa.

Ela sai do quarto e sigo logo atrás. — Bem, se você mudar de ideia, mande uma mensagem.

— Tudo bem — respondo distraidamente, não me concentrando no que ela está dizendo, mas na música que passa por baixo da porta de um dos meus colegas de quarto, Landon Taylor.

Somos cinco pessoas que moram nesta casa e, dos cinco, ele é o mais reservado. Ele está sempre em seu quarto, a menos que Jagger Spears, meu outro colega de quarto, obrigue-o a sair conosco, ou a menos que envolva faculdade ou basquete. Ele odeia

isso e tenho certeza de que odeia qualquer pessoa que esteja perto dele. De alguma forma, ele ainda tolera Spears, apesar de suas personalidades diferentes.

— Você já se decidiu? — ela pergunta quando estamos na porta da frente.

— Hã?

— Você já decidiu se quer ir para a Liquid no próximo fim de semana?

A Liquid é uma boate que abriu há cerca de um mês e, desde sua inauguração, tornou-se extremamente popular. Alexia já me convidou algumas vezes para ir com ela, mas quando quis ir, surgiu um imprevisto e eu tive que mudar de planos. Embora as coisas funcionem melhor assim. Às vezes, quando saímos juntos, as pessoas presumem que estamos namorando, e essa é a última coisa que eu quero que uma garota presuma.

— Ainda não sei. Depois aviso.

— Mande uma mensagem se mudar de ideia sobre sair mais tarde. — Ela gira a maçaneta da porta e sai, felizmente sem me dar a chance de responder.

Fecho a porta atrás dela e entro na sala de estar. Jayden Thompson, meu outro colega de quarto, está sentado no sofá com um controle de PlayStation na mão.

Ele me olha de lado brevemente antes de mudar seu foco para o jogo. — Você quer jogar?

— Vou jogar, mas não no seu time.

Ele me dá as costas, movendo agressivamente o cursor com o polegar. — Estou melhorando, mas essa merda é difícil.

— Está melhorando? — zombo, olhando para o placar.

1-5

E esses cinco pontos não são dele.

— Como se você fosse melhor do que eu. Droga — ele grunhe, jogando o controle para o outro lado do sofá quando o outro time marca um gol.

— Sim, você está *definitivamente* melhor.

Ele esfrega os olhos, respirando com dificuldade. — Vá se foder. Essa merda é difícil. Ainda não entendo por que Taylor chama isso de futebol.

— É assim que chamam no lugar de onde ele vem. — Eu o lembro, embora não seja necessário. O sotaque britânico de Taylor é um sinal de alerta. — Mas faz sentido. Eles chutam a bola assim...

— Vamos testar essa teoria agora mesmo — diz Jagger da cozinha, seguido pelo som de uma garrafa sendo batida na mesa.

— Jag, são duas da tarde. Guarde essa merda — diz Polly.

Minhas sobrancelhas se contraem ao ouvir sua voz. Ela é a melhor amiga de Jagger e Landon, e ocasionalmente os visita com Gabby, sua outra melhor amiga.

— Você se esqueceu do projeto, não foi?

Saint mencionou algo sobre um projeto em que está trabalhando com Jagger, Polly e outra garota da classe. Eles

disseram que iam usar a cozinha, mas esqueci que estavam trabalhando nisso hoje.

— Bem, se você for entrar lá, não faça barulho. Polly me deu uma bronca porque eu não sabia que eles estavam gravando alguma coisa. — Ele zomba, cruzando os braços contra o peito, com a irritação gravada em seu rosto cor de âmbar. — Como eu poderia saber? Nem parece que eles estão ocupados. Jag está flertando loucamente com a garota desde que chegou aqui.

— Não me diga que você está com medo, Little Red[2] — provoca Jagger.

— Eu já disse para não me chamar de Little Red — diz a garota com a voz agitada.

— Little Red? — pergunto.

— Ela é gostosa. — Jay pega o controle novamente, com os olhos voltados para a cozinha e depois de volta para mim. — Mas não é seu tipo.

— Não é meu tipo?

— Ela é ruiva. — Ele sorri, sabendo que é tudo o que eu preciso ouvir.

Não é que as ruivas não sejam meu tipo, mas na última vez que estive com uma ruiva, eu a chamei acidentalmente pelo nome de outra pessoa. Foi uma coisa ruim de se fazer e eu pedi desculpas. Não era minha intenção, mas o nome *dela* acabou saindo da minha boca antes que eu pudesse impedir. Gostaria de poder dizer que

[2] Uma referência ao cabelo dela, pode ser traduzido como Ruivinha.

foi a única vez que isso aconteceu, mas não foi. Conheci outra ruiva em um jogo fora de casa e fiz isso de novo. Não consegui evitar. As luzes estavam apagadas e eu vi *seu* rosto.

Quase não penso mais nela, portanto, se eu quisesse, poderia sair com uma ruiva e *ela* nem passaria pela minha cabeça.

— Gosto de ruivas — digo com naturalidade.

Ele ri de forma condescendente. — Bom para você, mas isso não importa de qualquer forma. Jagger está flertando com ela há uma hora, e ela está alheia ou não dá a mínima. Ela nem está dando bola para o Saint...

— Saint é um calouro — eu o interrompo. Não que isso importe. Embora ele seja calouro e tenha apenas dezenove anos, as garotas estão sempre flertando com ele, tenham elas dezenove ou vinte e quatro anos.

— Você sabe que isso nunca impediu ninguém.

— Bem, eu não sou Jagger ou Saint — desafio.

Ele retoma seu jogo. — Sim, tudo bem. Boa sorte, Kingston.

Revirando os olhos, entro na cozinha, mas vacilo em meus passos. A ruiva está ao lado de Polly, de costas para mim, e, embora não consiga ver seu rosto, tenho uma visão incrível de sua bunda.

Droga.

Fico atordoado até que Saint limpa a garganta. Quando nossos olhos se encontram, ele sorri com conhecimento de causa.

Ninguém mais diz nada para mim, e isso me faz saber que provavelmente estão gravando, então não digo nada.

Afastando o estupor, fico em frente à geladeira e abro a porta. Olho para a variedade de bebidas que temos, mas tudo em que consigo me concentrar é na voz da ruiva e na risada que vem depois que Saint diz alguma coisa.

Inalando bruscamente, minha mão aperta a maçaneta, querendo que meus pensamentos não se desviem para a *garota* de dois anos atrás. Estou realmente louco, porque a garota que está a apenas alguns metros de mim me parece familiar.

Sacudo a cabeça, irritado por ela ser a primeira pessoa em quem penso quando vejo uma ruiva. Porra, estou ficando maluco e preciso voltar a dormir. O dever de casa e a comida podem esperar.

Pegando uma garrafa de água, fecho a porta e, quando estou prestes a sair, Saint me impede.

— Espere, não vá embora. Precisamos de sua opinião sobre algo.

Eu me viro e me encosto na geladeira, fazendo o possível para não deixar meus olhos caírem na bunda dela novamente.

Abrindo minha garrafa, bebo metade dela. Isso até a ruiva se virar e, quando nossos olhares se cruzam, a água se aloja no fundo da minha garganta e eu engasgo.

— Jesus, você está bem?

Ouço alguém dizer, mas estou tossindo muito forte para responder. Eu ficaria envergonhado com a água que escorre pelo meu queixo se não fosse pela minha tosse alta que toma conta da cozinha.

Depois de me controlar, Jagger joga um bolo de papel-toalha na minha direção e, assim como Saint e Polly, fica me olhando, divertido.

— Você está bem?

Ignoro a pergunta e fico olhando, atônito, para a garota à minha frente. — Lo... — Eu me encolho com o som de minha voz rouca. Limpando a água, limpo minha garganta. — Lola.

— TJ — ela sussurra, incrédula, os olhos arregalados com algo que não consigo decifrar.

— Vocês dois se conhecem?

CAPÍTULO 7

Tj

— Bem, foda-me. — A voz de Jagger me tira de meu estupor e força meu olhar de volta para o dela. — Que mundo pequeno.

— Sim, o mundo é pequeno, de fato. — Eu sorrio para ela, embora ela não retribua o sorriso. Ela não parece nem de longe feliz em me ver. — Já faz o quê? Dois anos?

Ela acena fracamente com a cabeça. — Sim... dois anos...

Saint tosse, cortando o fio invisível daquela tensão constrangedora. — Então, como vocês se conhecem?

Quando ela não responde, eu respondo. — Semana do último ano em Miami. Nós nos conhecemos em nosso aniversário.

A lembrança passa pela minha cabeça como se fosse ontem.

26 de maio. Suco de pêssego. Nossa conversa na praia. As pulseiras. O museu. As fotos. A pintura. Os golfinhos. O pôr do sol. Ela.

Eu pairo sobre seu corpo nu, com as mãos em cada lado de seus ombros.

Ela está linda, com os cabelos espalhados sobre a fronha branca, as bochechas coradas de rosa, uma camada de suor no rosto e os lábios inchados.

— Por que está me olhando assim? — Ela sorri timidamente.

Peça o número dela, idiota.

— Sou grato pelo suco de pêssego.

— Eu também. — Ela acaricia minha bochecha coberta de suor.

— Obrigado por tornar esta noite inesquecível.

— Vocês dois compartilham o mesmo aniversário? — Os olhos de Polly se desviam entre mim e Lola, com as sobrancelhas erguidas em descrença.

— 26 de maio — respondo assim que um pensamento me vem à mente. Provavelmente não deveria, mas realmente não consigo me conter. — Não é mesmo, *Peaches*?

O apelido que dei a ela tem o efeito oposto do que eu esperava. Em vez de me dizer para não a chamar assim, ela se vira e arruma todas as suas coisas na mochila.

— Sim... 26 de maio. — Sua resposta é baixa, quase inaudível, mas todos nós a ouvimos.

As sobrancelhas de Saint se unem e as de Jagger se arqueiam; ambos me olham com uma expressão de *que porra você fez?* Estou tão confuso quanto eles, porque foi ela quem saiu sem se despedir.

Dou de ombros, esfregando a nuca, tentando descobrir onde eu poderia ter feito besteira há dois anos, mas nada me vem à mente.

Lola quase derruba seu café gelado no chão, mas Polly o pega antes que isso aconteça. — Espere, aonde você vai? Ainda não terminamos.

— Eu, uh, eu — ela gagueja por um segundo antes de respirar. — Acabei de me lembrar que preciso passar na loja antes do trabalho.

— Ah, é isso mesmo.

Lola hesita quando Polly pega seu estojo de lápis e o entrega a ela.

— Esqueci que você tinha me falado sobre isso. Você precisa comprar mais pincéis, certo?

— Sim. — Dessa vez, seu sorriso é genuíno. Nada nunca me abala, mas agora estou genuinamente ofendido. — Mais pincéis. — Lola fecha o zíper de sua bolsa e a joga sobre os ombros. — Vou terminar o resto do trabalho e entregá-lo hoje à noite.

Mantenho os olhos fixos na parte de trás da cabeça dela e me forço a não deixar que desçam para a bunda, mesmo que pareça que ela está me implorando por isso. Ela está usando legging verde-escura e, caramba, parece que foi pintada em seu corpo. Ela molda cada curva dela, o tecido destacando exatamente o tamanho da bunda.

— Não se esqueça de nossa aposta, Little Red.

— Jagger, pare de me chamar de Little Red. — Ela afasta a franja de seus olhos. Será que ela tinha franja há dois anos? — E eu nunca concordei com a aposta.

— Então, como vou saber que você não está mentindo, Little Red? — Ele lhe dá um sorriso torto.

Ela revira os olhos, mas ainda assim sorri. — Não me importa se você acredita em mim ou não.

— Então você está mentindo...

Saint dá uma cotovelada em seu lado. — Jag, deixe-a em paz. Vamos, Lola, eu a acompanho até a saída. — Ele sacode a cabeça em direção à sala de estar.

Ela acena com a cabeça, sorrindo enquanto pega seu café gelado.

Não que eu me importe, mas por que diabos ela está sorrindo para todos, menos para mim?

— Não. — A palavra sai da minha boca antes que eu possa processá-la e todos os olhos caem sobre mim, exceto os de Lola. As expressões de choque em seus rostos se dissolvem em questão de segundos e todos sorriem para mim. — Quero dizer, eu posso acompanhá-la até a saída.

— Não — ela responde nem mesmo um segundo depois. — Está tudo bem. Eu posso sair sozinha. Tchau, pessoal.

Ela sai apressada da cozinha, deixando no ar um cheiro doce que não consigo identificar.

Quando ouvimos a porta da frente se fechar, todos olham para mim com olhos questionadores.

— Ora, ora, Teddy, que porra você aprontou agora? — Jagger ri, apoiando o quadril no balcão e cruzando os braços contra o peito.

Levanto o dedo médio para ele, odiando o apelido idiota com o qual ele me chama desde o primeiro ano. Meu nome é Theodore Jackson, mas todos me chamam de TJ. Mamãe não conseguia decidir qual avô ela escolheria ao dar o meu nome, então o que ela fez? Ela me deu o nome dos dois e, como se isso não bastasse, insiste em me chamar de Teddy.

Desde que Jagger ouviu esse apelido idiota, ele só me chama assim. É verdade que ele tem um apelido para todo mundo, mas ainda assim eu odeio.

— Nada — respondo na defensiva, levantando as mãos. — O que faz você pensar que eu fiz alguma coisa?

Fodemos a noite toda, embora nem sei se *foder* é o termo certo para o que rolou. Foi lento e bom pra caralho.

O único erro que cometi foi nunca ter anotado seu número ou sobrenome. Naquele momento, parecia inútil, mas me arrependi quando acordei e ela não estava em lugar nenhum.

— O fato de que essa é *a primeira* garota que sai de uma sala em que você está. Na verdade, a primeira garota que não parece nem um pouco interessada em você — ressalta Polly.

Saint solta uma gargalhada. — Isso foi engraçado pra caralho. Eu gosto dela.

— Por favor, não me diga que você e ela...

O sorriso apertado em meu rosto revela tudo.

— Legal. — Jagger acena com a cabeça em sinal de aprovação. — Louise é... — ele pondera, esfregando o queixo, pensando profundamente.

— Louise?

— O nome completo dela é Louise Larson — responde Saint, enquanto toca o telefone. — Mas ela usa as duas primeiras letras de seus nomes e, juntas, formam Lola.

— Hmmm. — Ela não havia me contado isso. Não que tivéssemos compartilhado muito, para começar. Não dissemos isso em voz alta, mas ambos sabíamos que era inútil, porque presumimos que nunca mais nos veríamos.

Mas não sabíamos.

Agora ela está aqui, eu estou aqui, mas isso não importa. Nós não nos conhecemos e, na verdade, somos *apenas* estranhos. Se isso não ficou óbvio pela maneira como ela saiu e mal me reconheceu.

Não que eu me importe. Não me importo com o que ela faz ou deixa de fazer.

Eu realmente não me importo...

Não mesmo.

— Jagger, não termine essa frase. — Polly estreita os olhos para ele em advertência, e eu me pego fazendo a mesma coisa. Jagger não tem vergonha de dizer o que sente por uma garota. Posso definitivamente ver o brilho interessado em seus olhos e os pensamentos que provavelmente estão circulando em sua mente

sobre ela. — E você. — Ela olha para mim. — Não sei o que você fez com ela, mas não torne as coisas estranhas. Eu gosto muito da Lola. Ela é a primeira garota que eu conheço que não baba ou surta por nenhum de vocês.

Não me dou ao trabalho de argumentar que não conheço Lola de verdade e que não fiz nada. Não menciono que fiz questão de dar a ela os dois melhores dias de sua semana de formatura. Ou que eu tinha sido o melhor namorado, apesar de odiar a ideia de estar em um relacionamento.

Eles podem acreditar no que quiserem. Não preciso me explicar a eles. Isso foi há dois anos. Pelo que sei, somos *apenas estranhos*.

CAPÍTULO 8

Lola

Durante todo esse tempo, TJ esteve no mesmo estado, a apenas três horas de distância.

— Lola?

Em minha visão periférica, vejo algo difuso, mas só quando pisco os olhos percebo que Julianna está acenando com a mão bem cuidada para chamar minha atenção.

— Desculpe, o quê?

— Está tudo bem? — pergunta ela, preocupada. — As crianças não se comportaram bem hoje? Porque se não se comportaram, eu posso...

— Não, não, elas foram ótimas — respondo rapidamente. — Desculpe, é que eu não consegui dormir ontem à noite.

Ela acena com a cabeça de forma compreensiva. — Phoenix a manteve acordada?

Conheci Julianna há alguns meses, quando vim para duas entrevistas de emprego. Naquele dia, a sorte não estava do meu lado, pois tive que trazer Phoenix comigo depois que minha babá cancelou e todos os meus reforços não puderam me ajudar. Os dois gerentes com quem me reuni não gostaram do fato de eu ter

trazido meu filho comigo e, após duas breves entrevistas de cinco minutos, disseram que me ligariam de volta.

Não foi preciso ser um gênio para perceber que isso significava que não havia a menor chance de eles me ligarem de volta. Sei que eles pensaram que eu poderia não ser confiável devido ao fato de ter meu filho, portanto, não iriam perder seu tempo comigo.

Após a decepcionante constatação, fui ao Hall of Arts Museum para espairecer, quando conheci Julianna. Bem, Phoenix a conheceu primeiro. Eu o havia deixado passear para cansá-lo antes de voltarmos para casa. Enquanto caminhava, ele se distraiu com a doce melodia que vinha do piano, e foi então que a conhecemos.

Não era minha intenção, mas acabei falando com ela sobre meu dia. Ela ouviu e abraçou Phoenix enquanto caminhávamos pelo museu. Quando terminei de falar, ela disse que poderia me ajudar.

Saí do museu naquele dia como a nova guia do museu e a nova professora de arte para as crianças do centro comunitário. Eu não estava sendo paga para trabalhar no centro, mas era por uma boa causa e eu só tinha que ir a cada dois domingos.

Além de trabalhar com Julianna e ir à escola com ela, posso fazer algo que adoro, que é falar sobre arte. A melhor parte de trabalhar no museu é ajudar quando há exposições e conhecer novos artistas.

— Não, mas ele acordou cedo. — Enrugo o nariz ao pensar nisso, mas não poderia ficar irritada, mesmo que quisesse. — Mas com seu urso no meu rosto e um beijo no meu nariz.

Phoenix é parte da razão pela qual estou exausta, mas também são muitas outras coisas. Além de TJ não sair da minha cabeça, fiquei pensando em toda a lição de casa que tenho para fazer, nos compromissos que vêm por aí e em tudo o que a minha vida caótica envolve.

Além de trabalhar no museu, tenho meu próprio negócio, fazendo pinturas ao vivo para qualquer evento. A ideia surgiu quando eu estava em meu pior momento, lutando contra a depressão pós-parto e sem saber o que queria fazer com minha vida depois do parto.

Os negócios têm sido lentos, mas estou esperançosa de que acabarão se recuperando.

— Pare — diz ela, com o rosto iluminado. — Isso é tão fofo. Juro que amo o seu filho.

Sorrio com a sinceridade em sua voz. Juls é uma das pessoas mais genuínas que já conheci e também uma das mais impressionantes. Não é exagero dizer que ela é a definição literal de perfeição. Cabelos loiro-dourados, pernas longas e magras de morrer e uma pele impecável que eu invejo. Ela é o tipo de garota que você vê nas revistas de moda.

— Sim, ele é muito bonito... — Eu me arrasto, meus pensamentos se desviam para TJ.

Ele sorri. — Já faz o quê? Dois anos?

— Desculpe-me por ter feito você sair comigo. — Sua voz me arrasta de volta ao ponto em que estamos. Depois que saímos do centro comunitário, Juls me convidou para tomar um café, e quem

era eu para recusar café de graça? — Podemos ir embora para que você possa descansar um pouco. Não consigo imaginar o quanto você deve estar cansada.

— Não, tudo bem. Eu só estava pensando na conversa que tive com um dos rapazes do meu grupo. — Eu me encolho internamente com a lembrança de como entrei em pânico e saí. — Estávamos falando de depressivos e, sem querer, deixei escapar que tenho uma tolerância um pouco alta ao álcool, e Jagger...

— Jagger? Como Jagger Spears? — ela me interrompe, com sua sobrancelha marrom-escura perfeita arqueada. — Esse é o cara em cuja casa você foi antes para o projeto?

Eu aceno com a cabeça. — Sim, na casa dele. Seu colega de quarto, Saint, também faz parte do nosso grupo. Por quê?

Ela me lança um olhar sombrio.

— Por que está me olhando assim? — Eu rio, arrancando um pedaço do meu muffin de mirtilo e colocando-o na boca. — Você os conhece?

Ela pega sua caneca, tamborilando os dedos na porcelana branca. — É claro — ela responde sem muito entusiasmo. — Todo mundo os conhece, mas não são eles que eu não suporto. É o mais alto. Se você ainda não o conheceu, fique bem longe. Ele é o maior babaca que você vai conhecer. Confie em mim.

Não processo sua última declaração, porque minha mente está voltando para a primeira, *todo mundo os conhece*.

— Como assim, todo mundo os conhece?

Ela me encara com incredulidade. — Você só pode estar de brincadeira.

Balanço a cabeça.

— Você acompanha algum dos atletas ou esportes daqui?

Balanço a cabeça novamente. — Não tenho tempo para isso.

— Você tem sorte. — Ela tira o celular da bolsa e o desbloqueia, indo direto para o Instagram. Ela vai até a barra de pesquisa e digita *ncu.basketball*, e imediatamente aparece a conta do time de basquete masculino. Ela clica em uma foto do time e da equipe que foi tirada dentro da arena e coloca o telefone na minha frente. — Apresento a você o time de basquete da NCU, também conhecido como os idiotas mais arrogantes. Além do time de futebol, é claro.

Eu deveria saber, considerando a altura deles. Nunca me preocupei em questionar ou prestar atenção em suas conversas sobre o draft da NBA, estatísticas ou qualquer outra coisa que não tivesse a ver com nossa lição de casa.

— Então, se Saint e Jagger estão no time de basquete, então TJ... — Eu respiro fundo quando meus olhos param em seu rosto. Ele está na terceira fileira, com os braços atrás das costas, com um sorriso radiante no rosto. Ele está vestindo uma camisa azul-clara com um número seis branco contornado de preto no meio.

— Não sei se você os conhece bem, e não estou tentando falar mal deles porque não suporto atletas, mas tome cuidado com Jagger e TJ.

— Por quê? — eu me pego perguntando, embora tenha medo de descobrir a resposta.

— Eles gostam de se movimentar *muito*. Não que isso seja uma coisa ruim, mas eles não estão procurando nada sério. Portanto, se você estiver, fique longe deles. Confie em mim, para o bem de sua saúde mental, não faça isso. Especialmente TJ, entre todas as pessoas.

— Oh. — Sinto uma queda estranha em meu estômago e meu apetite desaparece completamente.

Ela recolhe o celular e o desliga. — Sim, TJ é exatamente a pessoa de quem você precisa ficar bem longe. Ele é ótimo de olhar, mas não vale a dor de cabeça. Todo mundo tem uma obsessão estranha por ele e o adora. Principalmente as garotas. Elas ficam malucas por ele.

— Oh...

— Isso é...

— Insano — Cara finaliza para Daisy.

Assim que cheguei à minha casa, contei tudo às meninas. Desde o momento em que vi TJ até tudo o que Juls me falou. Agora estou sentada entre elas, segurando meu telefone, olhando para a conta dele no Instagram.

Ele não é apenas verificado, mas tem quase setecentos mil seguidores.

— Não consigo acreditar que ele esteve aqui todo esse tempo. Todo esse tempo, ele esteve a três horas de distância de nós. — O

choque na voz de Daisy corresponde exatamente ao que Cara e eu sentimos. — Não consigo acreditar nisso, porra.

Não consigo dizer à Daisy para colocar um dólar no pote. Tudo o que posso fazer é olhar para o nome de usuário estúpido que me provoca.

Quando descobri que estava grávida, tentei encontrar o TJ nas mídias sociais, mas tentar encontrar um rapaz cujo sobrenome eu não conhecia foi inútil. Fico chateada por nunca o ter encontrado porque o nome de usuário é simplesmente *tj.kingston*. Em retrospecto, eu nunca o teria encontrado, porque não sigo nenhum atleta nem acompanho nenhum esporte, especialmente o basquete universitário. Toda a minha mídia social consiste em arte, bebês e café.

Um silêncio pesado se abate sobre nós enquanto refletimos sobre as notícias, olhando para a página dele no Instagram, mas sem nunca rolar a tela.

Meus pensamentos saem do controle, indo em todas as direções diferentes, ainda sem acreditar que ele esteve aqui todo esse tempo.

— Não consigo acreditar no quanto eles são parecidos. — Cara quebra o silêncio. — TJ tem alguns genes fortes.

Em minha visão periférica, vejo o celular dela em sua mão e percebo que a conta dele está aberta. Na tela dela, há uma foto de TJ sentado em uma cadeira com seu uniforme, braços apoiados nas coxas enquanto segura uma bola de basquete nas mãos, um sorriso presunçoso e confiante demais no rosto.

Daisy pega meu celular das minhas mãos e clica em uma de suas postagens. Na foto, há uma imensa multidão atrás dele e ele está sorrindo, vestindo o uniforme azul-claro.

Apesar de só terem se passado dois anos, posso dizer que ele mudou. Na última vez que o vi, ele não tinha barba por fazer e seus braços não eram tão definidos e musculosos. Ele não tinha uma manga de tatuagem completa cobrindo o braço direito e não tinha um cabelo desbotado com seus cachos no lugar.

Eu gostaria de poder dizer que ele não está tão bem quanto há dois anos, mas ele está ainda melhor do que me lembro.

— Deus realmente caprichou na cópia — acrescenta Daisy.

Afasto meus pensamentos, percebendo que estava olhando para ele e não pensando no que realmente importa.

— Phoenix se parece comigo. — No momento em que essas palavras saem de meus lábios, elas se olham e riem.

Daisy me olha de cima a baixo. — Lo, sinto muito em lhe dizer isso, mas Phoenix não se parece nada com você.

— Sim, claro que parece. E-eu... — gaguejo, incapaz de apontar uma única coisa em que ele e eu sejamos parecidos.

Ao mesmo tempo, nós o observamos brincando com os brinquedos que os pais de Daisy lhe deram de aniversário.

Eu poderia negar o quanto quisesse, mas até mesmo meu subconsciente não deixará isso passar, porque sei a verdade. Meu filho não se parece em nada comigo.

— Tanto faz — resmungo.

— Então, quando você vai contar a ele? — Cara joga o celular para o lado, girando o corpo para olhar para mim.

Toco meus dedos, sem saber como responder, sentindo um aperto no peito.

— Lo, você vai contar a ele, certo? — Daisy pergunta cautelosamente e, mesmo que eu não esteja olhando para nenhuma delas, sinto seus olhares perscrutadores.

— Não é que eu não queira contar a ele, mas... — Eu me arrasto, achando difícil engolir. É como se uma pedra tivesse crescido e ficado presa no meio da minha garganta. — A vida está finalmente melhorando. Imagine se eu contar a ele e ele não receber bem a notícia? Ou se ele conhecer Phoenix e não quiser mais fazer parte de sua vida? Ou se ele for realmente um idiota? E se...

— Uau, uau, uau. — Cara interrompe abruptamente minha divagação. — Respire — ela instrui, esfregando minhas costas em círculos suaves e pequenos.

Inspiro e expiro lentamente, limpando as palmas das mãos úmidas em minha legging. — Só estou com medo. Não quero que o que aconteceu com meus pais se repita. — Tento bloquear a lembrança, mas ela consegue entrar sorrateiramente em minha cabeça e tocar em um loop.

A lembrança faz minhas têmporas latejarem, e o ar ao meu redor fica mais denso. Soltando um suspiro áspero, apoio a cabeça no encosto do sofá e fico olhando para o teto.

— Você sabe que nós o amamos e apoiaremos qualquer decisão que você tomar. — A voz de Daisy se suaviza, o que me surpreende, porque ela está longe de ser suave ou gentil. Ela é mais do tipo de pessoa que fala na cara e diz como é.

— Mas?

— Mas, um dia, Phoenix terá perguntas sobre quem é seu pai — responde ela.

— Sei que você tem medo de que tudo se repita como há dois anos, mas todas nós sabemos que TJ é o pai. Ninguém pode negar o quanto eles são parecidos e, se for preciso, é para isso que existem os testes de DNA — acrescenta Cara. — Se você contar ao TJ e ele negar ou não se importar, pelo menos você fez a sua parte, e isso não vai pesar na sua consciência. Porque Daisy tem razão: um dia, Phoenix vai crescer e fazer perguntas.

Olho de relance para Phoenix. Ele ainda está ocupado brincando com seus brinquedos, sem nenhuma preocupação no mundo.

As meninas têm razão. Eu deveria contar a ele. *Preciso* contar a ele, mas há um sentimento persistente de ansiedade de que, quando contar a ele, tudo vai explodir em chamas e a única pessoa que estará lutando para apagá-las serei eu.

CAPÍTULO 9

Tj

— Filhos da puta, stronzis, vaffan... — Saint está surtando, soltando palavras em italiano que eu não faço ideia do que significam. — Por que vocês me deixaram dormir até mais tarde?

— Achamos que você sabia — responde Jayden, fazendo o possível para conter o sorriso. Ele olha para Jagger e para mim com um olhar de conhecimento. — Ele mandou mensagem para todo mundo.

— Sim, eu sei disso, mas todos vocês me disseram que não era obrigatório. Todos vocês juraram que não precisávamos ir. — Ele está furioso, olhando para todos nós enquanto nos sentamos em uma das mesas no Cameron Hall.

Acabamos de terminar o treinamento e agora viemos almoçar em um dos refeitórios. Bem, *a maioria* de nós terminou o treinamento. Os calouros e os transferidos treinaram, mas também tiveram uma longa *conversa* – em outras palavras, uma punição – com nosso treinador, Frank Warren, sobre a importância de seguir as instruções e ser pontual.

— Eu *não* jurei nada — diz Landon, sua voz cheia de tédio. — A culpa é sua, você é burro. A única pessoa que pode ser culpada é você mesmo por dar ouvidos a eles.

Ontem, todos nós recebemos uma mensagem de texto informando que tínhamos um condicionamento *opcional* às 6h da manhã. Qualquer pessoa que conheça o técnico Warren sabe que *opcional* não significa nada. Ele espera que todos estejam na arena às 5h45 da manhã e nem um minuto depois.

Fizemos Saint acreditar que ele não precisava ir ao condicionamento matinal, assim como os outros rapazes da equipe, com os outros calouros e transferidos. Isso e algumas outras coisas são apenas parte de nossas boas-vindas a eles na família. Na melhor das hipóteses, é um trote leve. Poderia ter sido pior.

— Pensei que fôssemos todos amigos. — A voz de Saint está fingidamente magoada, mas vejo que não é bem assim e um pequeno sorriso se abre. — Que diabos, pessoal? Estou muito magoado.

— Ótimo. — Landon espeta o *lo mein* com o garfo e o enrola até pegar o bastante. Antes de levantá-lo, ele olha para Saint com uma expressão de desdém. — Não somos amigos. Eu nem gosto de você.

Sua expressão e voz apáticas não são novidade para mim. Este não é apenas o terceiro ano que jogo basquete com ele, mas também o terceiro ano em que sou seu colega de quarto.

Dito isso, há poucas coisas que eu sei sobre Landon Taylor. E por poucas, realmente quero dizer poucas.

Primeiro e mais importante, ele é antissocial. Se Jagger não conseguir convencê-lo a sair conosco, ele não sairá. Segundo, ele não é a pessoa a quem você deve pedir conselhos, a menos que

queira nada além da verdade brutal. E terceiro, ele é esperto pra caralho.

— Eu sei que você não está falando sério. — Saint se livra de sua declaração com um sorriso idiota. — Sei que, por trás desses olhos mortos, frios e sem alma, há um cara que ama de todo o coração, e você não pode me dizer o contrário.

Landon mastiga, olhando para Saint apaticamente, depois ignora a ele e ao resto de nós.

Saint dá de ombros, sem se incomodar com seu ombro frio. Ele só sorri, como sempre. Não sou contra sorrisos, mas ele sorri como se fosse o maldito trabalho dele.

— Voltando aos assuntos mais urgentes, ainda estou magoado por vocês terem me feito uma coisa tão suja. — Ele pega seu sanduíche, balançando a cabeça com desapontamento.

— Pare de ser uma vadia. Você tem sorte de não ter sido o único que decidiu dormir até mais tarde. — Jayden olha para longe, lembrando-se da vez em que foi o único a dormir quando era calouro.

— Eu sei, mas...

— Olha só, é a Little Red — Jagger o interrompe, inclinando a cabeça para o mar de estudantes que examinam os diversos cardápios dos vários restaurantes do Cameron Hall.

Não tenho ideia de por que minha cabeça vira instantaneamente. Por algum motivo desconhecido para mim, sinto que estou preso no piloto automático. Meu corpo, meu cérebro e meus olhos trabalham por conta própria. Como se ouvir

Little Red e avistar a garota com cabelos cor de cobre-dourado fosse uma ocorrência cotidiana.

Porque, de alguma forma, em meio ao mar de alunos, eu a encontro de imediato. O pior de olhar para ela é não conseguir parar. Há uma voz em minha cabeça que me diz para parar de olhar, para pensar em outra pessoa, mas a voz é baixa, na melhor das hipóteses. É quase inaudível se comparada à voz estridente que está me dizendo para *não* desviar o olhar.

Meus olhos traidores obedecem e permanecem grudados em Lola. Ela fica de lado, passando os dedos na franja para afastá-la dos olhos enquanto olha para o celular.

Ela não tinha franja antes. Só me lembro porque *talvez* eu tenha voltado às minhas fotos para ver se ela a tinha ou não. Ela também não se parecia com... *isso*.

Preciso me impedir de olhar abertamente para ela, mas não consigo. Ela está diferente de alguns anos atrás. A blusa branca que ela está usando delineia seus seios, que estão maiores agora, e a legging laranja-pastel se agarra às suas coxas grossas como uma segunda pele.

— Porra, Teddy, feche a boca.

Não sei quando isso aconteceu, mas meus lábios estão de fato ligeiramente entreabertos. Limpo minha garganta e desvio o olhar, sem dizer nada a Jagger enquanto ele sorri. Sei que ele está esperando que eu diga alguma coisa, mas não digo.

Especialmente agora que encontro os olhos de Landon. É minúsculo – qualquer um que não o conheça não notaria, mas eu

noto. Vejo o interesse em seus olhos cinzentos e a leve contração em sua bochecha.

É claro que, na única vez em que se trata de mim, ele se importa.

— Essa é Louise? — Landon pergunta, seu olhar se desviando na direção dela. — *Aquela* com quem TJ estava se engasgando?

Reviro os olhos ao me lembrar disso. É algo que os caras parecem não conseguir esquecer. Já faz dois dias que aconteceu e, desde então, eles não param de me encher o saco por causa disso. Eles até me imitam, fingindo que estão engasgando com a água como se fossem idiotas.

— *A* própria — responde Jayden, com desdém.

— Hmmm... — ele murmura pensativo enquanto seus olhos percorrem o corpo dela. — Okay.

Há outra leve contração em sua bochecha, mas ele não diz mais nada enquanto desvia o olhar dela. Quero perguntar o que foi aquilo, mas não quero lhe dar o benefício de saber que ele está me irritando.

Os rapazes da equipe acham que eu não sei, mas todos estão apostando para ver quem consegue me irritar primeiro. Não sei quem começou, mas sei que está lá. Mal sabem eles que sou um mestre nessa merda. Não tenho outra escolha, pois sou um atleta universitário D1 que está sendo projetado para ser a escolha número um no draft do próximo ano. E possivelmente ser classificado como a equipe número um do país pela segunda vez consecutiva já é pressão suficiente.

Estou constantemente sob um maldito microscópio, sendo comparado ao meu pai e ao meu irmão quando jogavam basquete na faculdade, a jogadores anteriores a mim que foram a escolha número um do draft nos últimos anos e a jogadores atuais. Se não são os analistas esportivos, são as pessoas nas mídias sociais. Eles nunca deixam de dar opiniões e conselhos que ninguém pediu.

Sei que todo mundo lida com isso, mas, meu Deus, é desgastante.

Se alguém vir algo que se assemelhe a uma rachadura em minha vida, vai me destruir. Foi o que fizeram no meu primeiro ano após minha lesão. Não preciso disso novamente.

— Vou dizer a ela para se juntar a nós.

— Não — digo imediatamente, mas me arrependo quando eles olham para mim com olhares questionadores. — Quero dizer, por quê? Ela provavelmente está ocupada.

— Não, ela está esperando a amiga — informa Saint.

— Como você sabe disso?

— Mandei uma mensagem para ela. — Ele segura o celular como se isso fosse explicação suficiente.

— Você mandou uma mensagem para ela? — Jayden rouba as palavras da minha boca.

— Sim — ele responde como se isso fosse uma ocorrência cotidiana. — De qualquer forma, ela só está esperando a amiga.

Ele coloca o celular no meio da mesa, deixando todos nós olharmos para a selfie que ela lhe enviou. Ela está olhando para o

teto, quase como se estivesse revirando os olhos e com o nariz franzido. O texto diz: *Esperando minha amiga no Cameron Hall. Estou morrendo de fome. O que você recomenda?*

Ela lhe enviou uma foto?

— Você está brincando comigo, porra? — Jagger pega o telefone e o levanta até o rosto. — Por que diabos ela respondeu a você e não a mim?

Ele também manda mensagens para ela?

— Porque ela sabe que não estou tentando transar com ela — ele responde, pegando o telefone de volta.

Jagger zomba dramaticamente. — Não estou tentando transar com ela. Só estou tentando conhecê-la.

— Jag, isso é o equivalente a você tentar transar com alguém — diz Jayden com a boca cheia.

Seu queixo cai e suas sobrancelhas se contraem, fingindo ofensa.

— Idi-

— Pare de falar besteira, amigo — diz Landon simplesmente. — Você quer transar com ela.

— Vocês podem calar a boca? — eu explodo, cerrando a mandíbula. — Jagger, há um monte de garotas gostosas no campus. Pare de ficar obcecado por *uma* garota.

— Mas ela não é apenas *uma* garota qualquer. — Landon inclina a cabeça, o canto do lábio se ergue um pouco, os olhos cinzentos brilham com malícia. — Ela é, TJ?

— Não olhe para mim desse jeito. Você parece assustador, porra. — Ignoro o modo paternalista como ele está me olhando e espeto o frango grelhado com o garfo.

— Não desvie o assunto — ele rebate.

Eu me contenho para não revirar os olhos diante de seu comentário idiota. Landon se acha muito inteligente com suas besteiras analíticas, mas está longe disso.

— Ela disse que está vindo, e está trazendo sua amiga.

Fico olhando para eles com indiferença. — Ok.

Não é minha intenção, mas me pego procurando por ela no meio do mar de alunos, mas ela não está em lugar nenhum. Discretamente, deixo meus olhos vagarem de uma direção para a outra, mas ainda assim não há sinal do cabelo ondulado dourado-acobreado.

— Sorria. — Saint puxa meu olhar de volta para ele. Ele segura o telefone na frente do meu rosto, com a sobrancelha arqueada como se soubesse o que estou fazendo, mas não me chama a atenção para isso. — Você também, Landon. Você parecia um assassino no meu último vídeo.

Saint é famoso nas mídias sociais. Ele está sempre em seu telefone, seja fazendo vídeos sobre um dia em sua vida ou entrando ao vivo e cozinhando enquanto fala sobre seu dia e responde a perguntas.

Desde que Saint se mudou para cá, ele tem tentado fazer com que Landon sorria. Eu lhe disse que ele só estaria perdendo tempo. Eu o vi vagamente fazer isso uma vez, quando ganhamos o

campeonato da NCAA em abril, mesmo assim, não tenho certeza se vi direito.

Mas Saint não desiste. Ele adora um desafio.

Landon empurra o celular para longe. — Vá se foder.

— Você não é um raio de sol? De fato, eu gosto disso, *Sunshine*. É apropriado, você não acha? Em vez de The Grim, eles deveriam chamá-lo de Sunshine. — Ele sorri e registra a comida que pediu.

— Você sabe que seria uma pena se você não acordasse amanhã.

Não sei o que é mais perturbador – o fato de Landon estar falando sério em cada palavra ou o sorriso de Cheshire no rosto de Saint.

— Você sabe que eu... — Ele faz uma pausa no meio da frase. Sigo sua linha de visão e vejo que ele está olhando para a amiga de Lola.

Quando meu olhar se volta para Lola, nossos olhos se fixam e juro que há um momento de... não sei exatamente o que é esse *momento*, mas desvio o olhar. Penso que talvez seja porque ela é muito atraente, e com um corpo como esse... talvez devêssemos terminar o que começamos. Não namorar, mas nos conhecermos fisicamente.

Saint apoia os braços sobre a mesa, entrelaçando os dedos, com os olhos brilhando de interesse. — Olá, Lola e *amiga.*

— Olá, pessoal. — Lola sorri, com os olhos voltados para cada um de nós. — Esta é a Daisy, minha melhor amiga.

— Daisy — Saint repete como se estivesse testando o nome em seus lábios. — Prazer em conhecê-la.

— Prazer em conhecê-los. — Ela sorri brevemente, mas não chega a seus olhos. Ela não parece nem um pouco interessada em Saint. Na verdade, ela parece irritada, mas sua expressão muda quando seus olhos encontram os meus.

Ela me encara, perplexa. Não é nada parecido com o tipo de reação que normalmente recebo de fãs ou garotas aleatórias. Não, é quase como se ela estivesse chocada, mas isso não dura nem um segundo antes de sua expressão ficar vazia.

Spears sorri, com a diversão brilhando em seus olhos. — E este é *meu* melhor amigo, Landon.

Lola coloca uma agenda esfarrapada e o que parece ser um caderno de desenho debaixo do braço e acena para ele. — É isso mesmo, ainda não nos conhecemos. Você é o outro colega de quarto. Prazer em conhecê-lo. — Ela o cumprimenta com um sorriso muito doce, mas eu? Eu não recebo nada.

— Sim... é um prazer conhecê-la. — As sobrancelhas de Landon se contraem levemente. Seus olhos se desviam e se estreitam na tatuagem em meu antebraço.

Rapidamente, eu a escondo atrás do outro braço, mas agora percebo que me entreguei. Certamente, ele não deve ter percebido.

— Não vamos ficar muito tempo. Só preciso falar com TJ em particular.

Minhas orelhas se animam instantaneamente e eu quase engasgo com a porra do ar. É patético, mas sinto uma sensação de gratificação por saber que é comigo que ela quer falar.

— Se estiver tudo bem para você?

Ela sorri para mim. Um sorriso genuíno e caloroso que parece irreal de tão inesperado.

— Sim. — Ignorando todos os olhares dirigidos a mim, levanto-me e fico ao lado de Lola.

— Prometo que não vou me demorar — diz ela a Daisy.

— Não tenha pressa. — Saint dá um tapinha no lugar agora vazio ao lado dele. — Vamos fazer companhia à *Daisy*.

Daisy murmura algo baixinho, balançando a cabeça diante do interesse óbvio na voz dele. Apesar disso, ela se senta em meu lugar e coloca a comida na mesa. — Não se preocupe, Lo.

Inclino a cabeça na direção das portas duplas que dão para o lado de fora e faço um gesto para que ela me siga.

— Então... — Eu não sei por que estou pensando no que quero dizer. As palavras estão bem ali, mas quando dou uma olhada nela, meus pensamentos desaparecem. A mancha verde de tinta em seu cotovelo me distrai. — Você tem tinta no cotovelo. Algumas coisas não mudam, não é?

A lembrança da pintura nela ressurge em minha cabeça como se fosse ontem.

— Apenas finja que não está vendo. Não se surpreenda quando me vir novamente e houver tinta em outro lugar do meu corpo.

Sei que ela não quis dizer isso, mas ainda assim não consigo impedir que minha mente entre em espiral.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Sua resposta é rápida e um leve tom de vermelho cobre suas bochechas.

Dou uma risada e seguro a porta para que ela saia primeiro. — Então, isso significa que vou vê-la mais vezes?

Saímos e caminhamos pela lateral do edifício, em direção a uma alcova.

— Sim... espero que sim.

Meus pensamentos vão em mil direções, mas todos acabam no mesmo lugar: meu quarto, nós dois nus, em todas as posições possíveis.

— Desculpe-me por ter saído no domingo. Você ainda tem a pulseira? — Ela olha com espanto para o couro marrom em volta do meu pulso.

Eu ia tirá-la, mas nunca consegui fazer isso. A menos que seja em um treino ou em um jogo, eu sempre a uso e, quando não a uso, é estranho. Está muito desgastada e o nome Peaches está desbotado, mas gosto muito para tirar.

— Como eu não poderia? — Torço meu pulso para exibir. — Foi um presente de aniversário da minha *ex-namorada*.

Suas sobrancelhas se ergueram em descrença. Para ela, tudo era fingimento, mas para mim foi real. Ela foi minha primeira e única namorada.

Ficamos de frente um para o outro dentro da alcova, tão próximos que sinto o aroma de baunilha.

— Oh — ela exala, arrastando os dentes pelo lábio inferior. A ação leva minha mente à lembrança dela puxando meu lábio inferior entre seus lábios. Ela foi gentil, suave e *inesquecível*.

Pisco os olhos e limpo a garganta.

— Então, o que é tão importante que você queria falar em particular, *Peaches*?

Sua bochecha se contrai e eu sei que ela está tentando desesperadamente não sorrir, mas ela falha quando o sorriso se insinua em seus lábios. — De novo com o apelido? Eu tenho um nome.

— Eu sei, mas Peaches é muito adequado. — Sem vergonha, deixo meus olhos passearem pelo seu corpo, demorando-me para absorver lentamente como sua cintura se curva para dentro e depois para fora até os quadris. — Nós nos conhecemos tomando suco de pêssego.

Percebo que um debate se desenrola em sua cabeça, sem dúvida querendo argumentar contra minha declaração. Ela sabe que isso não é a verdade inteira, mas deixa passar com um suspiro de rendição.

Depois de um segundo de silêncio, ela solta um suspiro trêmulo. — A razão pela qual eu queria falar com você em particular é porque...

— TJ!

Lola e eu nos viramos na direção da voz. Alexia está a alguns metros de nós, segurando o telefone e a outra mão como se estivesse dizendo: *Onde está o seu telefone?* Isso me faz lembrar que tínhamos planejado nos encontrar para uma foda rápida.

Estendo o dedo, dizendo a ela para me dar um segundo. Seus olhos se voltam para Lola e suas sobrancelhas se contraem como se não tivesse percebido que ela estava ao meu lado.

— Não tenho o dia todo — diz Alexia.

Aceno com a cabeça para ela e volto a olhar para Lola. — Desculpe-me por isso. Nós tínhamos combinado de... estudar.

— Certo. De qualquer forma, este não é o melhor lugar para lhe contar.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Contar o quê?

— Você está ocupado nesta sexta-feira?

— Não, eu estarei em casa, mas o que você quer me contar?

— Vou para lá novamente para trabalhar em outro projeto. Podemos conversar lá.

Nunca me destaquei pela paciência ou pelo cuidado de pensar antes de falar. É uma característica ruim, mas estou trabalhando nisso.

— Você pode me contar agora. Posso estudar com Alexia mais tarde.

— Está tudo bem. Prometo que contarei na sexta-feira. Você provavelmente deveria ir estudar.

Estou prestes a lhe dizer que prefiro ouvir o que ela tem a dizer, mas ela já se decidiu e se afasta.

Alexia decide que não quer esperar e se aproxima de mim. — Você está pronto?

Não consigo explicar o que sinto ao ver Lola se afastar, mas deixo isso de lado e olho para Alexia.

— Deixe-me pegar minhas coisas.

CAPÍTULO 10

Tj

Eu me sinto como um perseguidor de primeira categoria.

Eu deveria estar trabalhando na discussão da minha aula, editando minhas fotos que preciso enviar amanhã ou comendo meu almoço que tenho cem por cento de certeza que está frio. Eu deveria estar fazendo qualquer coisa que não fosse pensar em Lola e seguir sua conta no Instagram.

Não é nem mesmo pessoal, mas de negócios, porque a outra é privada. Eu não pretendia encontrar essa, mas apareceu em meu feed há algum tempo. Agora estou pateticamente rolando o feed, vendo as postagens dela, especialmente aquelas em que ela aparece. Que não são muitas.

Não que eu me importe; suas pinturas são incríveis. Conheci algumas pessoas extremamente talentosas, mas Lola, seu nível de talento, é outra coisa. Eu não deveria estar chocado, considerando que ela me deu uma tela com o pôr do sol pintado nela.

Atualmente, ele está pendurado na parede do meu quarto aqui na Carolina do Norte. Tenho certeza de que, se eu a tivesse deixado em casa, minha irmã Hazel a teria levado para o quarto dela.

A próxima postagem em que clico é de uma criança com cabelos castanhos encaracolados, olhos cor de mel e o sorriso mais fofo do mundo. Ao ler a legenda, meus olhos se viram duas vezes para a

criança, porque ela colocou a legenda *Minha musa. Meu ursinho. Minha fênix*. Minha mente dispara para uns pensamentos estranhos, mas logo os enterro, porque a criança não se parece em nada com ela.

Em vez de procurar mais, saio do Instagram. Não só porque me sinto como um perseguidor, mas também porque estou esperando pateticamente a confirmação de que Lola aceitou minha solicitação.

Não há motivo para segui-la, mas minha curiosidade levou a melhor. Não posso deixar de me perguntar o que ela tem feito nos últimos dois anos.

Tudo o que sei é que ela foi transferida de uma faculdade comunitária, tem seu negócio de pintura ao vivo e é obcecada por café gelado e muffins de mirtilo. Isso foi tudo o que Saint me contou, porque*, aparentemente,* ele e Lola são melhores amigos agora.

— O que você está fazendo aqui? — A voz de Jayden interrompe minha linha de pensamento.

— Esperando por Saint.

Não percebo que Landon está de pé ao lado dele até que levanto a cabeça e encontro seu olhar. Seus olhos parecem um buraco negro que suga a vida de tudo.

Ele arqueia uma sobrancelha, seu olhar se desloca pelo corredor e depois volta para mim. — Apenas *uma* garota?

— Pare de analisar tudo em excesso.

— Por que você está esperando Saint se você veio de carro até o campus? — Jayden pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

— Vocês dois não têm um lugar para ir? — Pego minhas coisas e enfio tudo na mochila, sabendo que a qualquer momento eles estão prestes a sair da sala de aula.

— Nós deveríamos estar lhe perguntando a mesma coisa. — O sorriso idiota no rosto de Jayden se alarga. — Corrija-me se eu estiver errado, Landon, mas quando foi a última vez que TJ esteve no campus que não envolvesse basquete ou transar com uma garota?

— O que importa se... — Meu olhar salta para a onda de alunos saindo da sala. Embora não seja em nenhum deles que eu me concentro, mas em Lola, quando ela sai com os rapazes e Polly bem ao lado dela. Sentindo os olhos de Landon e Jayden ardendo em mim, olho para eles novamente. — O que faço ou deixo de fazer não deveria dizer respeito a vocês.

— Certo. — Diversão escorre da voz de Jayden. — Você vai comer isso?

Reviro os olhos, dando a ele o que sobrou antes de pegar as minhas últimas coisas, tomando cuidado com a bolsa que contém a minha câmera. De longe, vejo as pessoas olhando curiosamente para mim e também para Lola, que está rindo de algo que Jag diz. Não só noto isso, mas o braço dele também está pendurado no ombro dela.

Jagger deve ter percebido que eu estava olhando, porque quando nossos olhos se cruzam, um sorriso de merda se estende

por seu rosto. Ele se inclina e sussurra algo em seu ouvido que a faz olhar para ele. Ela sorri, mas balança a cabeça, ao que ele ri e solta o braço.

Eu sei o que ele está fazendo e não estou acreditando. Sei que ele está tentando me sacanear, mas ele não sabe que eu não me importo.

— Ei — diz Polly, mal prestando atenção em nós enquanto olha para o celular.

— Olá, pessoal. — Um sorriso pequeno e envergonhado ergue os lábios de Lola quando seus olhos pousam nos meus.

Aquele sorriso, aqueles lábios, seus malditos olhos. Eles não deveriam estar passando pela minha cabeça. Não deveriam ser o que eu tenho pensado ultimamente. Especialmente pensando em seu cabelo longo e ondulado enrolado em meu punho.

Eu me afasto de meus pensamentos impulsivos, odiando-me por ter pensado aquilo novamente e pela facilidade com que me entreguei na frente dos rapazes. As únicas duas pessoas alheias aos meus pensamentos são Polly e a garota que tem estado no fundo da minha cabeça desde domingo.

— Ei — todos nós dizemos, embora, pela cara dos rapazes, eu possa dizer que eles estão morrendo de vontade de dizer algo estúpido, exceto Landon. Nunca consigo saber quando ele quer dizer algo ou o que está pensando.

Lola olha para o celular, com os olhos arregalados. — Tenho que ir, mas vejo vocês amanhã às cinco?

— Parece bom. — Saint sorri de forma atrevida. — Você ainda vai tomar café? — Ele olha para mim, embora sua pergunta seja dirigida a ela.

— Sim, não vou aguentar a viagem de volta se não tiver cafeína. — Ela cobre o bocejo com as costas da mão, e é então que noto uma fênix vermelha tatuada em seu pulso.

— O TJ também vai tomar café. Ele me deve *um*.

— Oh. — Ela parece tão chocada quanto eu.

Não há aviso com Saint. Ele é do tipo, vamos fazer *e perguntar* depois, mas, na maioria das vezes, ele é do tipo, vamos fazer *e nunca perguntar.*

— Estou indo para o Union Center. Meu carro está estacionado naquele lado do campus.

— Não tem problema. Estacionei aqui perto. — Isso é mentira. Meu G-Wagon está estacionado no lado oposto do campus, mas não importa, não é nada demais.

— Ok, bem, vejo vocês amanhã. — Ela sorri e diz adeus.

— Tchau, Lola — dizem todos em uníssono e olham para mim quando ela se vira.

Jayden e Saint não deixam de ser infantis pra caralho e fazem barulhos baixos de chicotadas.

Quando me viro, levanto o dedo do meio para eles e me coloco ao lado de Lola. A última coisa que ouço antes de sairmos do prédio são aqueles dois idiotas que chamo de Coisa Um e Coisa Dois

fazendo barulho de chicote. Não sei o que é, mas quando eles estão juntos, tendem a fazer coisas estúpidas.

Surfe com a multidão. Dançar em mesas de café, cadeiras e telhados. Se houver uma superfície plana, eles estarão lá dançando. Apostar em quem consegue ficar com o maior número de garotas ou quem consegue obter o maior número de telefones. Os desafios insanos. Organizar uma competição de volta às aulas com toboágua e beer pong somente para meninas. A lista continua, mas quando eles estão juntos, o inevitável está fadado a acontecer.

Caminhamos em silêncio pela rua de tijolos, e me dou conta de que, pela primeira vez, não tenho ideia do que quero dizer a uma garota. Eu poderia lhe perguntar uma variedade de coisas. As perguntas estão na ponta da língua, mas não consigo perguntar nada a ela.

Olhando para ela, noto como o sol lança uma tonalidade dourada ao seu redor, os raios quentes que incidem sobre seu rosto tornam seus olhos mais vibrantes e seus lábios um tom ligeiramente mais escuro de vermelho.

— Estou com tinta em mim de novo?

A pergunta me tira de uma estranha névoa, e sou grato por isso, porque me senti um pouco confortável demais nela.

— Tinta?

— Você está olhando para mim. — Ela levanta um braço e depois o outro, procurando por qualquer sinal da tinta. — Não me diga que está no meu rosto?

Sua pergunta me surpreende até eu perceber que estou olhando estupidamente para ela.

Olho para frente. — Não, eu estava olhando para a tatuagem no seu pulso. Você não a tinha há dois anos, certo?

Lola hesita, mas balança a cabeça. — Não, eu não tinha. Foi tudo por capricho. — Ela ri suavemente, como se estivesse se lembrando do momento em que a conseguiu. — Em um minuto, eu estava bebendo com Daisy e Cara. No outro, estávamos com tatuagens e piercings. Um conselho: nunca beba com Daisy, porque ela vai convencê-lo a fazer coisas que você nunca imaginou fazer.

Eu rio. — Parece o Saint.

Ela concorda com a cabeça. Penso em perguntar a ela o que ele a convenceu a fazer, pois eles mal se conhecem. Decido rapidamente que não vou fazer isso, porque não me interessa.

Ela levanta o braço e gira o pulso, mostrando-me a tinta vermelha.

— Eu realmente gosto disso — falo.

Sem pensar muito, coloco minha mão em volta do pulso dela. Tudo acontece em câmera lenta. Meu cérebro me diz para parar, para retrair meu toque, mas minha mão não está entendendo o recado.

Agora parece que tudo está em curto-circuito porque, no momento em que sinto sua pele macia sob minha palma, sou levado de volta a dois anos atrás.

Tocá-la é nostálgico. Eu me pego querendo me agarrar a um momento do passado e não o largar mais. Mas não me permito ficar remoendo o passado e afasto as lembranças, concentrando-me no agora, no presente.

— Por que uma fênix? — pergunto, ignorando a forma como minha mão se aquece contra sua pele e como posso sentir seu pulso irregular antes de soltar seu pulso.

— O significado. Simboliza a renovação da vida. — Sua voz é baixa, quase um sussurro. — Superar as adversidades da vida.

Juro que vi um lampejo de tristeza cruzar seus olhos.

— Droga, as minhas não são nem de longe tão significativas quanto uma fênix. — Olho para o meu braço direito e coloco a mão no bolso. Muitas são coisas aleatórias de que gosto, mas há uma em particular que é a minha favorita.

— Essa é a *única* significativa que eu tenho.

Eu arqueio uma sobrancelha. — Você tem mais?

Examino cada centímetro dela, mas ela está usando calça cargo verde-sálvia e um top bege. Ela parece tão bem, e estou me desviando do caminho.

— Sim. — Suas bochechas se cobrem de um tom suave de rosa enquanto ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Em outros lugares.

Minhas sobrancelhas se erguem. — Outros lugares?

— Sim... outros lugares.

Fico olhando sem piscar, tentando descobrir onde poderia estar o resto de suas tatuagens. Isso é um erro, pois quanto mais penso nisso, mais inadequados se tornam meus pensamentos.

Eu deveria parar e pensar no que estou prestes a dizer, mas realmente não consigo me conter. — Que outros lugares? Você não pode simplesmente me dizer que tem outras tatuagens e não me dizer onde.

Ela sorri de forma brincalhona. — São cinco pequenas, mas elas não estão em lugares loucos.

Seu tom é casual, mas aquele sorriso e aqueles olhos me dizem o contrário. Algo me diz que eu deveria descobrir onde estão localizadas, de preferência em um lugar onde estejamos apenas eu e ela, e absolutamente sem roupas.

— Você vai mesmo me deixar em suspense?

Ela ri e eu não posso impedir de me deixar levar por isso. É ótimo saber que, pela primeira vez, não é dirigido a um de meus amigos.

— São apenas tatuagens. O local não é importante.

Há uma voz desesperada no fundo da minha cabeça implorando para que pergunte a ela, mas eu me abstenho de fazer isso, porque não quero parecer desesperado. Há uma coisa que me recuso a fazer, que é implorar.

— Tudo bem. — Dou de ombros, sem insistir mais no assunto. — Então, Saint me disse que você foi transferida. O que a fez vir para a NCU?

O que eu realmente quero perguntar é o que Jagger sussurrou em seu ouvido, mas decido não fazer isso.

— A NCU sempre foi a escola dos meus sonhos. Eles têm um programa de arte incrível e eu gosto da atmosfera. Eu já tinha recebido minha carta de aceitação e planejava vir para cá no meu primeiro ano — ela faz uma breve pausa antes de continuar —, mas aconteceram coisas e eu tive que ir para a faculdade comunitária. E quanto a você? O que o fez vir para a NCU?

Eu rio. Já fui entrevistado inúmeras vezes, mas essa é uma pergunta que nunca me fizeram. Mesmo as pessoas que estão *tentando* me conhecer nunca perguntam isso.

— Você está falando sério?

Suas sobrancelhas se franzem. — Por que eu não estaria?

Todos sabem que meu pai, meu irmão Ben e minha cunhada Mariah jogaram basquete aqui. Meu pai também esteve na NBA e Mariah está atualmente na WNBA. Embora Lola não seja todo mundo, porque ela fica me olhando como se não tivesse ideia dessa informação. Ou talvez ela saiba, mas não se importa. Não sei dizer.

— Muitas pessoas acham que é por causa da minha família, mas a verdade é que eu conheci inúmeros técnicos e nenhum me marcou tanto quanto o técnico Warren. Há muitas coisas boas nele, especialmente sua paixão pelo jogo e como ele trata nós, jogadores, como pessoas e não como troféus. Jogar com ele faz com que eu me apaixone novamente pelo esporte.

Ela acena com a cabeça como se entendesse exatamente o que eu quero dizer. — É assim que me sinto com relação aos

professores de arte daqui. Eles fazem com que eu me apaixone novamente pela arte.

Sorrio enquanto seguro a porta para ela, deixando-a entrar na minha frente. Dirigimo-nos à cafeteria e fazemos nossos pedidos.

Fico sabendo que Lola gosta de experimentar novos cafés. Eu gosto de ficar com meu café habitual, porque não gostaria de pagar por algo que pode não ser bom, mas ela me convenceu.

Agora nós dois estamos indo para o carro dela com *cold brews* de creme irlandês com leite de aveia, porque ela disse que nunca tinha experimentado antes. Quem era eu para recusar? Principalmente quando ela parecia tão empolgada. Felizmente, para nós dois, acabamos gostando.

— Você não precisava me acompanhar até o estacionamento — diz ela pela décima vez, como se isso fosse me fazer mudar de ideia. Não que eu ache que o estacionamento não seja seguro, mas são seis horas e ela é uma garota andando sozinha. — E, por favor, deixe-me pagar de volta.

— Você realmente acha que eu a deixaria andar sozinha? E não quero seu dinheiro, então pare.

— Está bem. Da próxima vez, será por minha conta.

Isso não vai acontecer. — Ok.

— Bem, fico aqui. — Estamos em frente ao carro dela, o único no estacionamento. — Obrigada por me acompanhar. É muito assustador andar sozinha a esta hora.

— Se quiser, posso vir com você nos outros dias. — Há dias em que não poderei vir por causa dos jogos ou dos treinos, mas tenho certeza de que posso fazer isso funcionar.

— Não, está tudo bem. Não é nada demais. Eu tenho um taser e um spray de pimenta. — Ela balança as chaves em suas mãos. — Eu vou ficar bem.

— Não seja teimosa. Eu realmente não me importo.

Ela concorda com relutância. — Tudo bem, mas, falando sério, não se sinta obrigado. Prometo que ficarei bem.

— Isso não é uma obrigação. Eu quero fazer isso. — A ideia de ela andar sozinha não me agrada.

— Bem, é melhor eu ir andando. O trânsito vai ser terrível. — Ela abre a porta da frente e entra. — Obrigada por isso.

— Sim, a qualquer momento. Você ainda vai me contar esse grande segredo que tem que esperar até amanhã?

— Sim, como prometido. Vou contar amanhã.

— Até amanhã, Lola.

— Até amanhã, TJ.

Ela sai dirigindo e eu não percebo, até que o carro dela tenha desaparecido completamente, que estou parado no meio de um estacionamento vazio com o sorriso mais idiota possível no rosto.

CAPÍTULO 11

Lola

— Ele é insano. Verdadeira e totalmente talentoso. Ele tem tudo. Ele é gracioso na quadra. Ele se move rapidamente. Consegue bloquear qualquer arremesso. Ele tem tudo o que qualquer equipe gostaria de ter. — Daisy lê dramaticamente em seu laptop. — E isso foi apenas o que Cane Williams disse. Tem mais gente assim rasgando elogios ao TJ, como se ele fosse a segunda vinda do Messias para a NBA — diz ela, não muito impressionada com o que os jogadores da NBA têm a dizer sobre TJ.

— Você pode culpá-los? Ele é muito bom — diz Cara, sem tirar os olhos do livro que está sobre a mesa da cozinha à sua frente. — Você viu como Karson Riley o chamou? *O Invencível*.

Eles o chamam assim porque, durante seu primeiro jogo no primeiro ano, ele se machucou. Não quebrou nada, mas a recuperação demorou mais do que o previsto. Todos pensaram que ele estava acabado, mas ele provou que estavam errados no segundo ano e agora o chamam de *O Invencível*. Desde então, só se fala nele no mundo do basquete.

Então, talvez eu tenha pesquisado sobre ele no Google e acabei passando algumas horas lendo tudo sobre ele. Não era minha intenção, mas um artigo levou a um tweet, que levou a uma

publicação no Instagram, que levou a outro artigo na Sports Illustrated e assim por diante.

Suas estatísticas não foram a única coisa com que me deparei. Julianna não estava brincando quando disse que ele é adorado e que as garotas ficam loucas por ele. Não só encontrei contas de fãs dedicadas a ele, como também vídeos de garotas pedindo uma chance com TJ. Isso é apenas um exagero da minha parte, porque elas definitivamente querem mais do que apenas um *encontro* com ele.

Não consigo esquecer a garota bonita com quem ele teve que *estudar* na terça-feira. Não sou uma idiota. Sei o que isso significa.

— Ok, podemos parar de falar sobre o TJ? — Odeio o fato de que só de dizer o nome dele meu coração bate um pouco mais rápido e minhas mãos ficam úmidas.

Eu não deveria estar nervosa, mas não consigo parar de pensar em como isso pode dar errado.

— Mãe. — Phoenix dá um tapinha no meu antebraço, avisando-me que está na hora de um punhado dos biscoitos de xarope de bordo.

Ele segura um puff em forma de estrela na palma da mão. Arrancando a estrelinha de sua mão, eu a jogo no ar e a pego em minha boca. Ele bate palmas e sorri alegremente.

Fico observando enquanto ele pega duas, mas levanto uma sobrancelha e balanço a cabeça. Ele sabe o que está fazendo porque dá risada e coloca apenas uma na boca. Ele pode ter apenas um ano e meio de idade, mas é inteligente o suficiente para

saber o que está fazendo. Apesar de o puff se dissolver facilmente, eu me preocupo que ele possa se engasgar.

Dou um beijo em sua testa. — Valeu.

— Mmm. — Ele sorri e retoma a pintura.

Para distrair minha mente de TJ, peguei meus materiais de arte, um lençol branco e algumas telas para Phoenix e eu pintarmos. Se há uma coisa que pode aliviar meu estresse, é meu filho e a pintura.

— Desculpe. — Daisy fecha o laptop, levanta-se do sofá e senta-se em cima do lençol ao lado de Phoenix. — Eu pesquisei sobre ele uma vez e, desde então, é só o que aparece. TJ ou basquete.

Minha sobrancelha se arqueia e um sorriso de canto escapa — É só isso?

Ela zomba, deixando-se cair dramaticamente sobre suas costas. — *Cállate*.

— Você é tão dramática. Ele é bonito. Não vejo qual é o problema — Cara diz exatamente o que estou pensando, ou praticamente o que qualquer pessoa que vê Saint pensa.

— Ele é dois anos mais novo do que eu. — Ela ergue dois dedos no ar para que Cara e eu vejamos. — Dois.

— *Dos*. — Phoenix também segura dois dedos volumosos cobertos de tinta, entusiasmado por não apenas saber dizer o número, mas também por poder levantar os dedos como ela.

Daisy se deita de lado, apoiando-se no cotovelo e deitando a cabeça em seu ombro. Ela sorri para ele com orgulho e bagunça seus cachos. — *Muy bien, bebê*.

Daisy e sua família querem muito que Phoenix aprenda espanhol e eu sou totalmente a favor disso. Eu sei um pouco de espanhol, mas definitivamente não sou fluente.

— Então você concorda que ele é gostoso? — Cara dá a volta no sofá e se senta no lençol ao meu lado.

— Essa não é a questão. Ele é dois anos mais novo do que eu, e tenho certeza de que *não*... — seus olhos se voltam para Phoenix e depois para nós — *deve saber* o que ele está fazendo.

— Isso nunca a impediu antes. Você já esteve com pessoas *sem* experiência antes.

— Sim, mas nunca com alguém mais jovem do que eu. — Ela segura um dos biscoitos de xarope de bordo, joga-o no ar e o pega na boca. — Já é bastante difícil encontrar caras maduros da nossa idade que saibam o que estão fazendo. Não consigo imaginar alguém como ele sabendo alguma coisa, e sua aparência não me fará mudar de ideia.

Um sorriso provocador curva os lábios de Cara. — Então você admite que ele é gostoso.

— Você é insuportável. — Ela solta uma risada exasperada. — Enfim, voltemos a você.

Concentro-me atentamente em minha tela e faço o possível para ignorar seus olhares ardentes.

— Vai ficar tudo bem. — A voz suave de Cara deveria me tranquilizar, mas faz o oposto disso. Tudo o que consigo pensar é que *nem* tudo vai ficar bem. — Eu sei que é difícil para você ver dessa forma, mas se você diz que ele ainda é o mesmo cara de dois anos atrás, então sei que vai ficar tudo bem.

Respiro fundo, deixando minha mente vagar até ontem. Apesar da estranha tensão, nossa conversa e interação pareciam completamente normais. Era como se estivéssemos de volta a dois anos atrás, sem o falso namoro.

— E lembre-se de que já faz dois anos que vocês não se veem. Vai ser chocante para ele, e se ele não acreditar em você, pode fazer um teste — acrescenta Daisy. — E você sabe que estaremos por perto se ele quiser ver Phoenix.

As meninas vão me deixar na casa dele, mas ficarão por perto, caso ele queira se encontrar com Phoenix.

Sorrio para meu filho quando ele olha para o urso sentado ao seu lado e depois para sua pintura. Acho que o urso é sua musa, porque a tela está coberta apenas por pinceladas de tinta marrom-claro.

Apesar do nervosismo, sei que contar ao TJ é a melhor coisa a fazer. Ele tem o direito de saber que tem um filho, e Phoenix tem o direito de saber quem é seu pai.

— E é assim que incorporaríamos a Hierarquia de Necessidades de Maslow em nossas vidas — diz Polly, encerrando a apresentação.

Teríamos terminado a gravação há algum tempo, mas demorou mais do que o esperado. Saint se atrasou, Jagger acidentalmente excluiu sua parte da tarefa e, quando começamos a filmar, só na metade percebemos que não tínhamos apertado o play.

— Você provavelmente deveria colocar um pouco de gelo nisso — digo a Saint enquanto Polly pega a câmera e a desliga.

Saint não só chegou atrasado, mas também com um corte no canto do lábio. Está um pouco inchado, mas não parece muito ruim.

— Estou bem. — Ele acena com a mão com desdém e, para provar que está bem, lambe o canto onde está o corte. — Nada que um pouco de saliva não resolva.

Reviro os olhos diante de seu duplo sentido.

— Eu ainda estou tentando entender como diabos você fez isso com você mesmo? — Jagger pergunta, com as sobrancelhas franzidas.

— Eu lhe disse que estava tentando consertar o lençol da minha cama. Não segurei o canto direito e, sem querer, dei um soco no meu lábio — responde ele, girando uma pequena adaga na mão.

— Você é um maldito idiota. É claro que você faria algo assim. Só você, calouro.

— Eu lhe disse para parar de me chamar de calouro. As meninas não me levam a sério quando você me chama assim. — Saint dirige sua atenção para mim, dando-me um sorriso torto. — Por falar nisso, você já conversou com a Daisy?

— Ela não está interessada. Você é muito jovem.

Ele zomba, surpreso. — Muito jovem? Sou apenas dois anos mais novo que ela. Eu realmente não entendo qual é o problema. Você sabe que as pessoas sempre me dizem que sou muito maduro para a minha idade.

— Ela é muito gostosa para você — responde Polly enquanto coloca todas as suas coisas na bolsa.

— Concordo com a Polly. — Jagger sorri, divertido. — Talvez eu devesse...

— Ela não está interessada, então nem pense nisso. — Eu rio do choque nos rostos dos dois.

— Sei que ela vai me reconsiderar — afirma Saint, muito seguro de si.

— Certo, continue sonhando. Enfim, Little Red, você quer sair hoje à noite depois que você e TJ... — Jagger se arrasta.

— Não é assim — falo rapidamente, mas posso dizer pelo olhar que ele está me dando que não acredita em mim. É o tipo de olhar que diz: *Já ouvi isso antes.*

Não me preocupo em me explicar a ele, porque não lhe devo nada e nem mesmo saberia como lhe dizer.

Polly joga a bolsa no ombro e dá um soco no braço de Jagger. — Deixe-a em paz, Jag, mas se você mudar de ideia, estaremos no The Tap House. Eles têm bons drinques, comida e karaokê. Os favoritos de Gabby e Jagger.

— Eu adoraria, mas tenho que terminar uma pintura hoje à noite.

Normalmente, trabalho em casamentos ao vivo, mas ocasionalmente faço pinturas regulares em paralelo.

Um homem me procurou e perguntou se eu poderia pintar um quadro dele e de sua noiva em seu primeiro encontro. Já terminei praticamente toda a pintura, mas ainda há algumas coisas que preciso acrescentar antes de entregá-la amanhã. Também não tenho ninguém para tomar conta do Phoenix, portanto, não poderia ir mesmo que quisesse.

— Você ainda vai fazer minha pintura, certo? — pergunta Saint.

Não tenho certeza de como isso aconteceu, mas desde o primeiro dia de aula, Saint e eu criamos um vínculo instantâneo. Não só nos tornamos grandes amigos, como também temos interesses semelhantes. Como nosso amor por muffins de mirtilo, não ter irmãos e arte.

Quando lhe contei sobre meu negócio, ele não hesitou em pedir um quadro. Ele não viu meu trabalho, mas disse que confia em mim.

Achei que, depois de lhe dizer o preço, ele desistiria. Surpreendentemente, ele não desistiu, e não só não desistiu como me pagou na hora e me deu uma gorjeta maior do que a necessária.

Eu não queria aceitar o dinheiro dele, considerando que nem tinha começado a pintar o quadro, mas ele foi persistente.

Ou ele nunca ouviu um não em sua vida ou se recusa a aceitar um como resposta.

Até hoje, ele ainda não viu meu trabalho, ou pelo menos é o que ele diz. Ele diz que quer se surpreender. Ele também disse que consegue distinguir facilmente entre uma pessoa honesta e uma pessoa falsa. Algo sobre sinais reveladores, que eu ainda não descobri o que significa.

— Eu vou fazer, prometo. Tenho mais três para fazer e depois farei o seu.

— Ótimo. — Ele sorri como sempre faz e me puxa para um abraço.

— É melhor você soltá-la antes que T apareça. — Jagger dá uma risadinha quando TJ entra na cozinha com dois copos de café nas mãos. — Por falar no demônio.

Tento dizer ao meu coração para se acalmar, mas ele não se acalma. Não sei como fazê-lo parar ou como dizer a ele para desacelerar, mas quando nossos olhos se encontram, minhas palmas ficam úmidas.

Ele mantém meu olhar fixo por alguns segundos antes de voltar seus olhos para o braço de Saint ao meu redor. Seu olhar não se detém por muito tempo antes de se voltar para Jagger.

— Sim, ele está bem atrás de mim. — TJ joga o polegar sobre o ombro, apontando para onde Landon está atrás dele.

Ele entra na cozinha com a expressão mais impassível que já vi em alguém. Não há nada brilhante ou caloroso nele, apenas um olhar vazio que, de alguma forma, consegue gritar *foda-se*.

— Tenho coisas melhores para fazer. — Ele desconsidera as palavras de TJ e olha para seus amigos. — Vamos ou não?

— Olá, olá para você também. Juro, Landon, somos melhores amigos há sete anos e você ainda não consegue dizer olá? — diz Polly, sem se incomodar com o tom cortês dele.

Acho que eu também não me incomodaria se meu melhor amigo tivesse um sotaque inglês profundo, mas suave.

— Olá, Polly — ele responde em um tom suave. — Vamos ou não?

— Podemos parar para comer? Estou morrendo de fome! — Jayden grita da sala de estar. Se ele não tivesse dito nada, eu nunca saberia que ele estava aqui.

— Eu também. — Saint dá um tapinha em sua barriga enquanto me solta. — Tchau, Lola.

— Tchau. — Sorrio para ele e para todos os outros que saem da cozinha, até ficarmos apenas TJ e eu.

Quando a porta da frente se fecha, ele se aproxima, mas deixa um pequeno espaço entre nós. Ele me entrega um dos copos.

Rapidamente disfarço o choque com o gesto e tento domar o sorriso em meu rosto enquanto pego o copo. Inspiro, sentindo o aroma mais doce e terroso.

— Achei que poderíamos experimentar algo novo hoje. Normalmente, gosto de me ater ao meu pedido habitual de café, mas você me incentivou a sair da minha zona de conforto. — Ele sorri timidamente ao olhar para o rótulo do copo. — Não tenho ideia do que diabos é matcha e espero que você goste de leite de coco, porque foi isso que a barista sugeriu. Então, se você não gostar, podemos culpá-la.

Eu dou uma risadinha. — Você não precisava fazer isso. Na verdade, era minha vez de nos comprar café.

— Da próxima vez... — ele fala devagar enquanto sopra no pequeno orifício da tampa. — Cuidado, está *quente*.

Se eu não estivesse aqui para contar que temos um filho, talvez tivesse encontrado coragem para ser ousada e entrar na brincadeira. Mas esse não é o caso. Não posso flertar com ele sabendo que tudo vai mudar para melhor ou pior.

Não espero que TJ fique pulando de alegria quando descobrir. Espero confusão e talvez negação, mas também que ele esteja disposto a me deixar explicar o que aconteceu depois que descobri que estava grávida. E espero que ele queira conhecer Phoenix hoje, mas se não quiser, não me importo com passos de bebê. Alguma coisa é melhor do que nada.

Levo o copo aos lábios assim como ele e, lentamente, tomamos um gole ao mesmo tempo. Ficamos olhando um para o outro em choque e em silêncio enquanto tomamos outro gole.

— Isso é...

— Delicioso pra cacete. — TJ termina para mim. — Nossa, essa barista merece um aumento.

Concordo com a cabeça, tomo um gole mais longo e suspiro de satisfação quando o bordo, o coco e algo de nozes se misturam em minha boca.

— Então, sobre o que você queria falar? Sabe, você se excedeu em me manter em suspense.

Rio sem jeito, olhando ao redor dele, esperando que seus amigos tenham realmente ido embora.

Ele olha por cima do ombro e depois de volta para mim. — Você quer conversar no meu quarto? Ou podemos ficar aqui. Deve demorar um pouco até eles voltarem. Mas talvez Landon apareça. Ele não é muito... sociável.

— Você se importa se a gente for para o seu quarto?

— De modo algum. Vamos lá.

CAPÍTULO 12

Lola

— Não acredito que você guardou isso. — Fico olhando incrédula para o pôr do sol que pintei há dois anos. A tela está pendurada na parede do quarto de TJ. Está estrategicamente posicionada no meio e ao redor dela há porta-retratos com fotos de pessoas próximas a ele e outras coisas aleatórias.

Estou surpresa não só por ele ter guardado o quadro, mas por ele estar aqui e não na Flórida. Já se passaram dois anos, mas parece novo, como se tivesse sido meticulosamente cuidado.

— Por que eu não ficaria com isso? — ele pergunta. — É uma obra-prima.

— Definitivamente não é uma...

— Não faça isso. Não se subestime — ele me interrompe. — Isso é muito bom. Parece quase realista.

É verdade o que dizem, somos nossos piores críticos. Enquanto TJ vê uma obra-prima, eu vejo uma pintura que ainda precisa de muito trabalho. Eu não deveria estar analisando demais algo que fiz em um período de poucas horas, mas não consigo evitar meus pensamentos investigativos.

— Confie em mim, não estou dizendo que é bom da boca para fora. Nunca fui de dizer às pessoas o que elas querem ouvir.

É como se ele mergulhasse fundo em meus pensamentos e soubesse exatamente o que eu estava pensando.

Quando olho para ele, ele já está me olhando de cima a baixo. Um pequeno sorriso nos lábios e aqueles olhos cor de uísque, tão convidativos que quase esqueço o que foi dito.

— Você não pode fazer isso com você mesma, Peaches — ele repreende.

Eu me contenho para não revirar os olhos ao ouvir o apelido, porque agora percebi que, mesmo depois de dois anos, ele não vai deixar isso de lado.

— Fazer o quê?

— Não se deixe levar. Tenha confiança no que você faz o tempo todo. Mesmo que nem sempre saia do jeito que você quer na primeira vez. Você não tem que ser humilde o tempo todo. — O pequeno sorriso se transforma em algo mais arrogante.

— Deixe-me adivinhar. — Faço uma pausa, arqueando uma sobrancelha. — Como você?

Em suas entrevistas e nas coisas que li sobre ele na Internet, descobri que TJ não é tão humilde. Há muitas coisas sendo ditas sobre ele, mas a que mais se comenta é que ele é extremamente arrogante. Embora muitas pessoas pensem assim a seu respeito, todas concordam que ele é um excelente jogador.

— Exatamente. — Ele acena com a cabeça, sorrindo com orgulho. — Às vezes, você só precisa dizer foda-se a humildade.

— Mas você sabe que, às vezes, mostrar um pouco de humildade é bom.

— Sim, mas isso nem sempre levará você muito longe. — Ele dá de ombros com indiferença, embora, pelo olhar vacilante em seus olhos, eu possa dizer que ele está falando por experiência própria. — Algumas pessoas não se importam com a humildade, e outras só fingem se importar para dar um show. Não estou dizendo que ser humilde é uma coisa ruim, mas há momentos em que você deve ser humilde e outros em que não deve. Ser humilde nem sempre coloca você no topo.

Considero suas palavras e penso em minhas próprias experiências. Percebo que ele pode ter razão.

Ele não diz nada, mas tenho certeza de que ele sabe que entendi que ele está certo. Não sei por que, mas esperava um grande *eu avisei* ou algo igualmente arrogante, mas, em vez disso, ele me surpreende.

O sorriso em seu rosto suaviza, e ele olha para a frente, encarando minha pintura como se fosse a coisa mais fascinante que já viu.

Um silêncio reconfortante se abate sobre nós enquanto fico imersa nas fotos penduradas em sua parede. Elas não se parecem com fotos comuns. Devem ter sido tiradas profissionalmente ou editadas, pois parecem algo que se vê em uma revista.

— Você tirou essas? — pergunto, tomando um gole de minha bebida.

— Sim — responde ele, parecendo quase chocado com o fato de eu ter perguntado isso. — Tirei.

— São boas.

— Obrigado. Eu me esforcei muito por elas — diz ele com orgulho.

Continuamos olhando em silêncio, mas minha visão fica presa em uma foto quando sinto o calor de sua mão perto do meu braço. Faço o possível para me concentrar no que está à minha frente, mas meu corpo está muito atento à sua mão. Tenho certeza de que, se eu esticasse o dedo mindinho, conseguiria tocá-lo.

Meus dedos se contorcem ao meu lado, quase como se estivessem me tentando, mas decido não aceitar os sinais que meu cérebro está enviando. Volto a me concentrar na imagem que estava olhando nos últimos segundos, mas é inútil quando sinto o leve roçar da junta de seu dedo em meu braço.

Não me mexo. Fico parada, prendendo a respiração ao sentir novamente. O aperto em meu copo fica mais forte. Eu deveria ter cuidado, considerando o quanto o copo está quente, mesmo com a proteção em volta dele. Mas o calor que emana dele não é nada comparado ao calor que vem de seus nós dos dedos.

Suave, gentil, lento – é a melhor forma de descrever. É um toque quase inexistente, quase fantasmagórico, mas meu corpo reage a ele mais do que deveria e eu me pergunto... será que ele também sente isso?

Por um segundo, sinto vontade de me inclinar em seu toque, mas o estranho calor que nos envolve se dissolve quando seu telefone vibra.

Nós dois nos afastamos um do outro como se tivéssemos sido pegos fazendo algo que não deveríamos estar fazendo.

Ele limpa a garganta e me lança um olhar de desculpas enquanto segura o celular para que eu o veja. MOM com um emoji de coração aparece em sua tela. — Tenho que atender.

Aponto o dedo por cima do ombro, para que ele saiba que vou sair para lhe dar privacidade, mas ele balança a cabeça. — Fique — ele diz antes de atender.

— Ei, mamãe...

Não que eu queira escutar, mas como estou bem aqui, não posso deixar de sorrir e segurar uma risada com a conversa entre os dois. Não tenho certeza do que ela disse exatamente, mas quando ele jura que não queria usar a identidade falsa do irmão, o riso que eu estava tentando segurar me escapa.

— Foi só uma vez — TJ se defende. — Achei que eles não iriam me reconhecer.

A conversa continua com outra coisa e a voz dele fica mais suave. Não consigo evitar a pontada em meu peito. Saber que nunca terei isso com meus próprios pais.

Agora fico pensando... como os pais dele vão reagir quando descobrirem que têm um neto?

— Peaches.

Eu suspiro, assustada com sua mão em meu ombro. — Desculpe, o quê?

— Eu chamei seu nome umas seis vezes. — Sua mão permanece em meu ombro antes de soltá-lo. Quando eu o encaro com um olhar fixo, ele levanta a mão em sinal de rendição. — Ok, talvez não seja seu nome de verdade, mesmo assim eu chamei você.

— Você nunca vai deixar esse nome de lado, não é?

— Porra, não. Eu realmente gosto de *Peaches* — ele brinca, com os olhos não tão sutilmente descendo pelo meu corpo antes de levantá-los rapidamente de volta. — É uma fruta muito boa. Doce... suculenta... redonda.

— Sim, elas são ótimas, Theodore, ou devo dizer Teddy? — eu o provoco. Jagger e Saint podem ter me contado o quanto ele odeia quando as pessoas o chamam pelo seu nome verdadeiro ou pelo apelido que sua mãe lhe deu.

— Idiotas de merda — ele murmura antes de tomar um gole de sua bebida. — Por favor, não me chame de Teddy.

— Então não me chame de Peaches.

— Acho que é justo. Só *você* pode me chamar de Teddy.

— Você é frustrante, sabia? — Tento manter uma expressão séria, mas não consigo quando ele dá uma risadinha. — O quê?

— Isso parece um... déjà vu. — Suas sobrancelhas se franzem, os lábios se achatam em uma linha reta. Ele olha para longe como se estivesse tentando se lembrar de uma memória.

— O quê?

— Nada. — Ele sorri, balançando a cabeça. — Então, sobre o que você queria conversar pessoalmente?

Eu tinha feito um bom trabalho para manter meus nervos afastados, mas agora eles voltaram e, de repente, minhas palmas estão encharcadas de suor. *Eu não deveria estar nervosa*, é o que continuo dizendo a mim mesma enquanto ele olha para mim, esperando uma resposta.

— Certo. — Tomo um gole da minha bebida, esperando que ajude minha garganta seca, mas não faz nada. — Eu queria conversar em particular porque preciso lhe dizer algo muito importante.

— Isso é sobre a semana do último ano?

Aceno com a cabeça, mas sinto meu pescoço tenso. Soltando um suspiro trêmulo, tiro a franja dos olhos e lambo os lábios.

Antes que eu tenha a chance de abrir a boca, um sorriso conhecedor ergue seus lábios e ele acena com a cabeça como se soubesse o que estou prestes a dizer. — Ouça, tudo bem se você não quiser falar sobre isso. Podemos fingir que nunca aconteceu, se você preferir assim, e não se preocupe, não contarei a ninguém.

— Não, não é disso que se trata. — Eu rio sem jeito, tamborilando os dedos no copo.

Ele me encara, chocado. — Ah, tudo bem. Então...

Inspire. Expire. — Um mês depois de sair de Miami, descobri que estava grávida. Do seu bebê.

TJ congela com o copo a meio caminho da boca, e o franzido das sobrancelhas some. Ele abaixa o copo e me encara como se estivesse tentando processar minhas palavras.

Achei que levaria muito mais tempo para ele registrar o que eu disse, mas ele toma um gole. — Quem a colocou nessa situação? Foi Spears? Foi isso que ele sussurrou em seu ouvido no outro dia?

— Sussurrou? — Balanço a cabeça, sem ter ideia do que ele estava falando. — Eu estou...

Ele estala os dedos e aponta o indicador como se tivesse descoberto algo. — Não pode ter sido ele. Tem de ser Arlo. Eu sei que ele ainda está chateado por causa do trote... — Seu sorriso se fecha como se ele tivesse percebido que falou demais. — Não conte a ninguém que eu disse isso.

— Eles não...

— Não, Arlo não é tão mesquinho assim. Foi Taylor, não foi? Filho da puta. Eu deveria saber que ele faria uma merda dessas. — Ele ri para si mesmo, passando os dedos pelo cabelo. — Tenho que admitir que isso foi muito bom. Eu quase acreditei.

— Isso não tem nada a ver com eles. Esta é a verdade. Eu-

— Lola, vamos lá, sei que um deles colocou você para fazer isso. Está tudo bem, você pode dizer a eles que me pegaram.

— TJ! — Levanto minha voz, sentindo-me exasperada. — Estou falando sério.

O pânico passa por seus olhos, mas ele balança a cabeça e dá uma risadinha. — E estou falando sério também. Eles estão escondidos em algum lugar por aqui? Esses filhos da puta...

— Estou falando sério — eu o interrompo. Engulo com força antes de me repetir novamente. — Estou falando sério.

A diversão que dança em seus olhos e o sorriso que curva seus lábios vacilam por um breve segundo. Quando digo as cinco palavras novamente, sua expressão fica vazia.

— Nós temos um bebê juntos.

Passa uma batida de silêncio. Um segundo. Dois segundos. Dez segundos. Trinta. O silêncio prolongado se torna ensurdecedor.

Tento avaliar sua expressão, mas não vejo nada.

— Sei que é difícil de acreditar e sei que você provavelmente tem muitas perguntas, mas...

— Sim. — Um músculo de sua mandíbula se contrai. — Eu tenho *uma* pergunta.

— Claro, pergunte-me qualquer coisa.

Ele sorri, mas não chega a seus olhos. — O que você esperava ganhar com tudo isso?

A pergunta dele me deixa confusa, e a voz em minha cabeça está gritando que não vou conseguir o resultado que esperava. Ela também está me dizendo que isso vai ser muito pior do que eu imaginava, mas decido não pensar demais.

Ele está em negação. Acabei de lhe contar que temos um filho. Sua reação é normal. Ele está apenas em choque.

— Eu só queria que você soubesse que temos um bebê. Eu queria que nosso...

TJ zomba, seus lábios se apertam em uma linha reta. — Deixe de besteira e pare de fingir. O que você esperava ganhar com tudo isso?

Um suor frio escorre pelas minhas costas e meu coração dispara mais rápido do que nunca. Continuo dizendo a mim mesma para respirar, mas a batida do meu coração parece estar em meus ouvidos. — Não estou mentindo. Estou lhe dizendo a verdade. Juro que temos um bebê juntos. Sei que é difícil de acreditar, mas é a verdade.

Ele fica tenso, pisca algumas vezes antes de desviar o olhar. Eu poderia jurar que um fio de medo brilhou em seus olhos. Mas era apenas minha imaginação, porque quando ele olha para mim novamente, posso dizer que ele já se decidiu sobre o que quer que esteja prestes a dizer.

— Tudo isso faz sentido. Você está desesperada por atenção. — Ele solta uma risada sarcástica e faz uma pausa por um momento. — Era isso que você queria, não era? Engraçado como você tem aulas com meus colegas de equipe que, por acaso, são meus colegas de quarto. Não é apenas uma coincidência?

— O quê? — A palavra mal sai em um sussurro.

— Lola, pelo amor de Deus. Você realmente achou que eu — ele aponta o polegar para o peito — ia acreditar nisso? Você realmente espera que eu acredite que você e eu temos um *bebê*? A porra de

um bebê? — Ele ri sem humor. — Você se acha esperta, não é? Isso é coisa de perseguidora nível avançado.

Meu coração despenca no chão. — Não sou uma perseguidora. Eu nem sabia que você estava aqui até...

— O quê, hein? Dinheiro? Popularidade? Que porra você esperava ganhar de mim? — Seus olhos escurecem, a mandíbula se contrai. — Porque você realmente se superou.

A raiva que corre em seus olhos e o tom de voz carregado de repulsa me levam de volta a junho, dois anos atrás. Quando eu estava nessa mesma situação com meus pais. Eu disse a mim mesma que nunca mais deixaria ninguém me fazer sentir pequena, mas agora ele está fazendo exatamente isso.

Meu lábio inferior treme e meu nariz arde. Tenho de me conter para não piscar, pois as lágrimas me saltam aos olhos.

— Se você não acredita em mim, pode fazer um teste.

— Eu não vou fazer nada, mas o que você vai fazer é sair da minha casa. Juro por Deus que nunca mais quero ver você — ele diz com amargura, suas palavras geladas de raiva, causando um arrepio na minha espinha.

Mordo a parte interna da bochecha com força até sentir o gosto de algo metálico. As palavras ficam entupidas no fundo da minha garganta, implorando para serem ouvidas. Em vez disso, enxugo a única lágrima que consegue escorrer pela minha bochecha.

— Não se preocupe, você não vai.

Saio correndo do quarto, ligo para Daisy enquanto junto minhas coisas na cozinha e deixo a casa.

— Você quer que a gente...

— Por favor, venha me buscar — imploro, afastando-me o máximo possível da casa enquanto enxugo as lágrimas que não param de rolar pelo meu rosto.

CAPÍTULO 13

Lola

Eu não devia estar afogando as mágoas no sorvete, mas poderia estar fazendo coisa bem pior.

— Mãe? — Phoenix leva uma colher cheia de sorvete à minha boca.

Sorrio e abro a boca, deixando que ele coloque a colher entre meus lábios. Ele a retira e a mergulha de volta no litro de cheesecake de morango e caramelo. Ele pega mais do sorvete e, curiosamente, sua colher tem mais do que a minha.

— Sério?

Meu filho acha que é esperto, mas esquece que quanto mais sorvete coloca na boca, maiores as chances de ter aquela dor de cabeça congelante.

Eu deveria impedi-lo de cometer esse erro pela segunda vez desde que peguei o sorvete, mas acho que ele continua esperando que o resultado seja diferente. Ele coloca a colher na boca, fecha os olhos com força, estremece e seu corpinho treme.

— Frio. — Ele faz beicinho, apontando para a testa, olhando para mim como se eu devesse resolver o problema.

Eu não deveria rir, mas já o avisei várias vezes para não fazer isso. Reprimindo uma risada, eu me inclino e beijo a coroa de sua

cabeça. Deixo meus lábios se demorarem por alguns segundos até ouvir um suspiro baixo e satisfeito.

— Melhor?

— Hmm. — Ele sorri de forma atrevida e continua a colocar mais sorvete na colher como se nada tivesse acontecido.

Talvez eu não saiba o que estou fazendo na metade do tempo, mas uma coisa que sei é que meus beijos são como o Ursinho Pooh aos olhos de Phoenix. E isso diz muito, considerando que ele é obcecado por esse urso.

Eu o observo repetir o processo e tento ouvir o que ele está dizendo, mas algumas de suas palavras soam como um jargão. Faço o possível para não me concentrar na bagunça selvagem de cachos em sua cabeça e em como a cor de seus olhos é do mesmo tom que a *dele*. Tento me deleitar com esse momento, mas muitas de suas características me fazem lembrar dele.

Quase parece que alguém lá em cima está zoando com a minha cara. Sério, que porra é essa? Será que devo aprender alguma coisa com isso? E, se for o caso, o quê? Porque tudo isso parece uma grande piada e eu não estou rindo.

Recostando a cabeça no armário da cozinha, fico olhando para o teto. Meu nariz arde novamente e meus olhos se enchem de lágrimas pelo que parece ser a quinta vez hoje. Mas não permito que elas caiam, porque disse a mim mesma que não choraria. Muito menos na frente de Phoenix.

Ontem foi a única exceção, mas me recuso a fazer isso novamente. Minhas lágrimas não vão resolver minha situação. Ainda sou uma mãe solteira e Phoenix ainda não terá um pai.

Minhas têmporas latejam sem parar, a dor aumentando a cada segundo. Não ajuda em nada o fato de minha mente repassar suas palavras ofensivas e a expressão de repulsa em seu rosto.

Ouço as vozes das minhas melhores amigas ao longe. Quando a porta da frente se abre, suas vozes ficam mais altas. Eu deveria me levantar do chão da cozinha, mas não consigo me importar.

— Lo, sério mesmo? — A voz de Cara me arranca do teto para ela e Daisy, paradas na porta da cozinha. — Dois litros de sorvete?

— Em minha defesa, um deles estava quase vazio — menti.

Devorei sem pudor um litro inteiro de sorvete e, sim, já estou no segundo. Mas não fiz isso sozinha. Tive um cúmplice.

Ele definitivamente parece culpado com o sorvete espalhado em seu cabelo e rosto.

— Já conversamos sobre isso — repreende Daisy, abaixando-se para pegar o pote vazio e o que está em meu colo. Eu o seguro com mais força, mas com um olhar ameaçador de Daisy, eu o solto.

Phoenix olha com decepção enquanto ela tampa o pote e o guarda de volta no freezer.

— M-mais — ele implora.

— Não, isso é o suficiente. Sua barriga vai doer. — Dou um tapinha na barriga dele enquanto Cara me entrega uma toalha de

papel úmida para limpá-lo. — Vá brincar com seus brinquedos — eu digo depois de limpá-lo.

Ele pega seu urso e corre para a sala de estar.

— Ele é um pedaço de merda, Lola. Ele que se foda — diz Daisy quando Phoenix sai do alcance dos ouvidos. — Você deveria ter me deixado cortar os pneus dele.

— Sabemos onde ele mora e que carro ele dirige. — Cara se abaixa para se sentar ao meu lado.

— Não — eu digo sem rodeios. — Não vai ter pneu furado, vidro quebrado nem guerra de paintball com ele ou a casa dele.

Digo isso principalmente para Daisy porque, embora Cara possa pensar nisso, Daisy o faria cem por cento. Quando ela decide fazer algo, não há como impedi-la. É um pouco assustador ver as engrenagens de sua cabeça girando. Ela não é uma louca propriamente dita, mas se ela diz que vai fazer algo, então ela vai fazer.

Ela geme de frustração. — Por que você sempre tem que estragar minha diversão?

— Você está tentando entrar na faculdade de direito. A última coisa de que você precisa é ser presa por algo estúpido. — Aponto para Cara e depois olho para Daisy. — E você... você não precisa ser presa... de novo.

Daisy se inclina contra o balcão, cruzando os braços contra o peito. — Valeu a pena, e valeria a pena novamente.

— Mas não quero que vocês sejam expulsas. Preciso de vocês duas aqui. — Não apenas para manter minha sanidade mental intacta, mas elas são minha família. Não tenho certeza do que faria sem elas. — Olha, eu sei que vocês duas estão bravas, mas prefiro seguir em frente.

— Seguir em frente? — Daisy zomba, olhando para mim, perplexa. — Não é justo que você...

— Não é. A vida não é justa. A vida não é justa, mas o que você quer que eu faça? Implore para que ele esteja ao lado de Phoenix como eu implorei aos meus pais para que estivessem ao meu lado? Que o obrigue a fazer algo de que provavelmente acabará se ressentindo? Que ele faça parte da vida de Phoenix e só esteja lá quando for conveniente para ele? Ou pior, fazer com que meu filho tenha esperanças? Sei que vocês não concordam comigo, mas chega. Para mim, basta. Se e quando Phoenix tiver perguntas, eu as responderei, mas até onde sei, sou sua única responsável.

Cara e Daisy olham uma para a outra. Percebo que elas estão tentadas a dizer outra coisa, mas não o fazem. Daisy cai no chão e se senta à nossa frente.

— Ok — ela suspira. — Mas até onde eu sei, ainda sou a tia favorita do Phoenix.

— Supere isso. — Cara ri. — É bastante óbvio quem é a favorita, e definitivamente não é você.

Eu reprimo uma risada, sentindo-me aliviada por elas não insistirem no assunto. Sei que elas tem boas intenções, mas não

posso continuar pensando em algo que não tem sentido, e elas também não.

Encontrá-lo era algo com que eu sonhava desde que descobri que estava grávida. É ridículo agora, mas, na época, criava cenários em minha cabeça de como seria a vida se eu o tivesse encontrado. Cada um deles era diferente, mas sempre acabava feliz.

Agora virou realidade, e é muito mais amarga do que imaginei. Ele não é a mesma pessoa que conheci há dois anos, e nem eu.

— É melhor irmos. — Cara cutuca meu lado com o cotovelo.

Respiro fundo, desejando que a dor em meu peito desapareça.

— O quê?

— Vamos para a Liquid. — Daisy brilha.

Minhas sobrancelhas se contraem. — Liquid?

— É uma boate que abriu recentemente. Não fica muito longe daqui, provavelmente uns trinta minutos de carro — explica Cara.

— E uma das meninas da minha turma disse que os drinques são bons *e* baratos — acrescenta Daisy, animada. — Nós vamos lá hoje à noite.

— Não posso. É tarde demais para ligar para a Elena e pedir que ela fique de babá, e não tenho nada para vestir.

E tenho planos de não fazer nada além de tomar sorvete, pedir tacos e assistir à TV a noite toda.

— Não se preocupe com isso. — Daisy se levanta. — Nós já cuidamos disso.

— O que vocês fizeram?

— Apenas confie em nós. De qualquer forma, estamos no final de setembro e ainda não tivemos nossa noite de garotas. Nós vamos sair e ponto final.

As meninas não estavam brincando quando disseram que tinham tudo sob controle.

Enquanto eu estava chafurdando na minha miséria na sexta-feira à noite, elas entraram em contato com a Elena. Ela não estava ocupada hoje à noite, então concordou em cuidar do Phoenix. Depois que as meninas me informaram sobre nossos planos para esta noite, não demorou muito para que Elena fosse buscá-lo.

Elas também pagaram a ela e se recusaram a aceitar meu dinheiro. Disseram que a única coisa que aceitariam era que eu saísse. Não que elas me dessem muita escolha, mas não ia brigar com elas por isso.

Não sou a única que precisa sair. Além das aulas, Cara tem um emprego de tempo integral e está em busca de um estágio em um escritório de advocacia. Até agora, ela não encontrou nada, e sei que está estressada com isso.

Daisy é uma estudante de treinamento esportivo. Parte do requisito do programa é fazer exames clínicos com duas das equipes esportivas durante todo o ano. Ela foi colocada no time de natação e no time de futebol.

Daisy precisa disso porque, se não ficar bêbada hoje à noite, ela matará um dos jogadores de futebol na segunda-feira.

No momento, estamos esperando na fila para entrar na Liquid. A fila é ridiculamente longa, mas o grupo de garotas que está na nossa frente disse que a espera vale a pena.

— Droga, *mami* — assobia Daisy, seus olhos percorrendo meu corpo. — Você está linda. — Ela junta os dedos, leva-os aos lábios e os beija antes de jogá-los para o alto.

— Eu não quero ter filhos, mas você está me fazendo reconsiderar. — O olhar de Cara desce lentamente pelo meu corpo, parando no meu peito e quadris por um segundo antes de voltar a subir. — Sério, seu corpo é insano, Lo.

— Tudo graças à Daisy — eu digo.

Se não fosse por ela me motivar constantemente a ir à academia e a preparar as refeições, eu não estaria na forma que estou agora. Depois que dei à luz, meu corpo mudou drasticamente.

Engolir essas mudanças não tem sido nada fácil. Gostaria de poder dizer que passei a amar e aceitar o fato de meu corpo estar diferente agora, mas há dias em que odeio me olhar no espelho. Há dias em que troco de roupa porque me sinto constrangida.

Esta noite foi a primeira vez em algum tempo que me arrumei de verdade e a primeira vez que não troquei de roupa depois da primeira.

Cortesia de Daisy, estou usando seu espartilho de terracota sem alças. Ele levanta meus seios e aperta minha cintura. E a calça de couro preta deixa minha bunda linda.

E graças à Cara, minha maquiagem é incrível. Eu consigo fazer o mínimo, como passar rímel, mas nada comparado ao que ela consegue fazer.

— De nada. — Ela sorri com orgulho, jogando o cabelo liso por cima do ombro.

Conversamos sobre outras coisas enquanto esperamos e, quando entramos, entendemos por que todo mundo é obcecado por vir aqui.

Sei que é um efeito especial, mas as paredes parecem ser feitas de água. No centro do edifício está pendurada uma imensa garrafa virada de cabeça para baixo. Embaixo dela há um copo que capta o líquido que sai da garrafa. Névoa de luz e luzes estroboscópicas em cores vibrantes cobrem a pista de dança. Há também um segundo andar para os VIPs.

— Oh, porra! — Daisy grita por cima da música alta. — Lola, não olhe para a seção VIP.

Mas já é tarde demais. Vejo TJ com os amigos e umas garotas em volta, rindo e se pendurando neles. Reconheço imediatamente uma das garotas. Era ela que precisava *estudar* com ele.

Quando vou desviar o olhar, nossos olhos se fixam. É como se ele tivesse percebido que eu estava olhando para ele, e agora estamos nos encarando do outro lado do clube. Um instante se passa antes que eu desvie o olhar.

— Podemos ir ao The Tap House, ao The Lucky Jersey, ou há também...

— Não, está tudo bem. Nós estamos aqui. Vamos nos divertir — interrompo Cara.

— Tem certeza? — pergunta Daisy. — Podemos ir a qualquer lugar que você quiser.

— Não, nós vamos ficar e vamos nos divertir. Agora vamos para o bar. As bebidas são por minha conta. — Sorrio, sem dar a elas a chance de dizer mais nada enquanto me afasto. Não preciso me virar para saber que elas estão atrás de mim.

Também não quero me virar, porque juro que posso sentir seus olhos em mim.

CAPÍTULO 14

Tj

Nós temos um bebê juntos.

Isso é tudo em que tenho conseguido pensar desde ontem. Tentei me distrair, mas foi inútil, porque, a cada poucos segundos, essas cinco palavras voltam à força para o meu cérebro. É como se essas palavras estivessem presas no replay, e minha mente só consegue girar em torno disso.

A expressão de mágoa em seu rosto e a *sinceridade* com que ela falou.

E se isso for verdade? E se eu for realmente pai? Isso significa que perdi um ano de sua vida. Ele está andando? Ele fala? Com quem ele se parece?

Não, porra. Não. Não tem como. Não tem como eu ser pai.

É por isso que estou na Liquid com meus amigos, cercado de álcool ilimitado e garotas atraentes. Eu queria afogar meus pensamentos, mas parece que o universo tem um senso de humor muito ruim.

Lola está aqui e ela parece... droga.

Inalando bruscamente, tomo um longo gole de minha cerveja, porque, que se foda.

Há apenas vinte e quatro horas, ela me disse que tínhamos um filho juntos. Eu já deveria tê-la apagado de minha memória. Bloqueado cada detalhe que minha mente ainda está agarrando de dois anos atrás, mas não consigo.

Uma constatação feia se instala em meu íntimo. Meus amigos, o álcool e as garotas não são suficientes para *apagá-la* permanentemente.

Tudo o que ela disse ontem deveria ter sido suficiente, mas, de repente, meu cérebro parece não registrar nada nem se conectar com o resto do meu corpo. E sei que estou extremamente fodido, porque não consigo parar de olhar para ela.

Soltando o fôlego, bebo o resto da cerveja e a vejo se virar com as amigas, que se dirigem ao bar.

Infelizmente – é errado que eu esteja pensando nisso – Alexia está na minha frente, passando o braço em volta da minha cintura. Ela enrola o dedo, fazendo sinal para que eu me incline. Quando o faço, ela se aproxima até que sinto seus lábios em minha orelha.

— Preciso ir ao banheiro. Você quer vir?

Ouço o tom sugestivo em sua voz em alto e bom som. Sei exatamente o que ela quer e, normalmente, eu não hesitaria em dizer sim, mas não consigo me sentir excitado com uma transa rápida.

— Não, estou indo para o bar. Você quer alguma coisa? — Eu seguro minha garrafa vazia para ela ver. A última coisa que quero é ficar perto da Lola, mas realmente preciso de uma bebida. Não posso ficar bêbado se não tiver álcool.

Ela ignora a garrafa e franze a testa. — Você não quer...

Não tenho certeza se Saint estava ouvindo, considerando que a música está extremamente alta, mas ele intervém no momento perfeito. — Eu vou com você. Acho que vi a Lola e suas *amigas*.

E por amigas, ele está se referindo à Daisy. Tenho certeza de que ele não está concentrado em Lola ou Cara. Desde que conheceu Daisy, ele está obcecado por ela.

— Oh, com certeza estou indo. — Jag sorri como um idiota, bebendo o restante do que está em seu copo. — Vamos, Landon.

— Não se preocupe com isso. Vou pegar as bebidas — falo rapidamente, afastando-me do abraço de Alexia.

— Quem é Lola? — A pergunta de Alexia está repleta de irritação.

Saint responde antes que eu tenha a chance: — Namorada do TJ da semana de formatura.

Eles não sabem os detalhes daquela semana e sabem que nunca planejei contar a eles o que aconteceu. Surpreendentemente, Lola não contou nada. Achei que ela teria contado a alguém para chamar a atenção, mas ninguém sabe nada além de mim, dela e talvez de suas amigas.

Como eles não têm ideia do que aconteceu, criaram cenários falsos do que acham que aconteceu.

Os cantos da boca de Jagger se curvam em um sorriso diabólico. — Ela é uma ruiva gostosa.

Posso ver tudo registrado em seus olhos, mas não espero que ela fale ou que meus amigos façam qualquer outro comentário. Eu me afasto deles e vou em direção ao bar.

Deus, eu preciso desesperadamente de algo mais forte.

— O que há com você? — pergunta Saint, caminhando ao meu lado.

— Nada.

— Não parece que não seja nada. Você parece tenso.

— Estou bem — eu grito.

— Tem certeza?

Meu maxilar treme e minha têmpora lateja. — Saint, estou muito bem.

Não estou olhando naquela direção, porque sei que ela está lá, mas sigo sua linha de visão e, com certeza, ele está boquiaberto, olhando fixamente para Daisy.

— Você não está vendo – droga... — Sua voz é quase inaudível devido à música alta.

— Nem se dê ao trabalho. Ela não quer você. — Seria ótimo se ele parasse com a fixação que tem por ela. Quanto menos estivermos perto delas, melhor.

Não contei aos rapazes sobre a Lola porque é inútil. Confio mais em meus colegas de quarto do que em qualquer outra pessoa, mas é melhor que menos pessoas saibam. A última coisa de que preciso é de boatos por aí.

E confessar o que ela disse faz com que pareça muito real.

— Ela não está nem aí para você — diz Landon. Sei que ele não está sorrindo fisicamente, mas interiormente ele está saboreando esse fato.

Saint nos encara, irritado. — Por que vocês dois estão sendo tão negativos? Faz apenas algumas semanas, e eu sou uma pessoa muito agradável. Se ela ainda não gosta de mim, logo gostará.

— Com certeza. — Jayden aparece do nada. — Você fala com a Daisy e eu falo com a amiga dela.

Ergo uma sobrancelha.

Ele me mostra um sorriso descontraído. — Não se preocupe, não a Lola. Cara.

— Faça o que você quiser. Por mim, fale com a Lola.

— Certo — eles dizem em uníssono.

Reviro os olhos e me dirijo ao bar. Felizmente, o barman me nota e, quando levanto minha garrafa, ele rapidamente pega outra.

Eu deveria ir embora. Não preciso mais ficar aqui, mas quando a ouço rir, não consigo deixar de olhar para ela. E a razão por trás de sua risada não é outra senão o merdinha do Jagger.

Ela só pode estar fingindo, porque ele não tem graça nenhuma. Eu saberia, pois este é meu terceiro ano morando com ele.

Quando tomo um gole de minha cerveja, consigo bloquear momentaneamente o som de sua risada, mas ainda estou ciente de sua presença.

Tenho certeza de que é só por causa do que ela disse. Também tenho certeza de que é todo o álcool que bebi esta noite que está

fazendo meu corpo vibrar. Portanto, faz sentido que eu esteja hiperconsciente dela.

E, sem perceber, é assim que me perco nela. Tento me forçar a olhar para outro lugar, mas meu olhar turvo não está disposto a se desviar. Culpo o álcool por isso, porque se eu estivesse em meu juízo perfeito, a presença dela não me encantaria.

Não se trata nem mesmo da maneira como ela está vestida. Impressionante não é uma palavra suficiente para descrever a aparência dela. Ela está usando um top laranja-escuro e calça de couro. Seu top é apertado. Seus seios se esticam contra ele e são empurrados para cima, quase saindo para fora.

Meus olhos permanecem em seu peito até que eu os force a descer, mas isso é um erro. Quando eles param em sua bunda, sinto tantas coisas que não deveria estar sentindo.

Eu gostaria de poder desviar o olhar. Gostaria de poder me concentrar em qualquer pessoa que não fosse ela, mas não é seu corpo ou a maneira como está vestida que me distrai completamente. É apenas o fato de ela existir.

Quando levanto meu olhar de volta, as luzes estroboscópicas brilham sobre ela, lançando um brilho laranja ao redor de seu rosto como um halo. Digo a mim mesmo para não ir até lá, mas antes que possa encerrar qualquer pensamento, eu me vejo preso em uma memória de dois anos atrás.

Nunca prestei atenção no céu. Nunca prestei atenção às cores que se misturam e se espalham amplamente. Não até agora, neste

exato momento com Lola. Ela olha para o céu com admiração, como se fosse a primeira vez que estivesse presenciando um pôr do sol. Mas eu a encaro como se fosse a primeira vez que a estou vendo.

Embora eu esteja. Esta é a primeira vez que a vejo, que a sinto sem sequer tocá-la. Ela é como uma chama, queimando cada centímetro de mim por dentro. Não tenho certeza de como é possível sentir uma queimadura quando tudo o que estou fazendo é olhar para ela.

Pode ser o pôr do sol refletindo nela ou talvez seja o contrário. Seu sorriso, tão suave e caloroso, seus cabelos ondulados de cobre-dourado caindo em cascata por seus ombros, fluindo suavemente com o vento. Ela é a personificação de um pôr do sol: quente, elétrica, hipnotizante.

— Amigo, feche sua boca. — Landon está ao meu lado, com uma expressão vazia, mas posso sentir seu julgamento. — Você está envergonhando a si mesmo e a mim.

A lembrança se desvanece e eu volto ao presente.

Não me lembro de ter aberto a boca, mas meus lábios estão ligeiramente entreabertos.

— Você?

— Estou bem perto de você. — Ele faz uma careta, destampando sua garrafa de água. Antes de tomar um gole, seus olhos se voltam para Lola, especificamente para o peito dela. — Estou vendo o apelo.

Ele está me provocando. Ele quer uma reação de mim. É o que continuo dizendo a mim mesmo.

Quando estou prestes a tomar um gole, detenho-me quando Jagger se inclina. Ele não fecha o espaço entre eles, mas está perto o suficiente para que seus lábios estejam pairando sobre a orelha dela.

Não entendo por que eles são tão próximos. Ele não a conhece há muito tempo, então o que poderia estar dizendo a ela?

— Você sabe... — Ele faz uma pausa, com os olhos voltados para o meu antebraço direito. Quase o escondo, mas decido não o fazer. Com certeza, ele não sabe. — Achei que esse rosto me era familiar.

— Eu pensei que você não bebia? Você parece bêbado.

Landon nunca bebe. Eu sei disso. Todo mundo sabe disso, mas eu preciso mudar a conversa.

— Apenas *uma* garota, mas o rosto *dela* está tatuado em seu braço — ele responde secamente, com um tom condescendente.

No primeiro ano, fiquei bêbado, e não estou dizendo isso de forma leviana. Já havia ficado bêbado antes, mas daquela vez foi diferente. Eu já tinha passado do ponto sem volta. Tenho certeza de que estava em algum lugar no esquecimento, porque permiti voluntariamente que um jogador de futebol – que também era calouro – tatuasse meu braço.

Naquela noite, eu não estava com a cabeça no lugar. Estava chateado, achando que minha carreira tinha acabado antes mesmo de começar. Saí com os rapazes e fui parar na casa de um

dos jogadores de futebol. Tudo o que me lembro daquela noite é do álcool sendo entregue a mim ou derramado em minha garganta, e todo o resto é um grande borrão.

Jayden me disse que eu havia perdido uma aposta e que meu castigo seria ser tatuado por um dos rapazes. Ele também disse que eu concordei de bom grado em deixá-los tatuar o que quisessem. Chance, o cara que me fez a tatuagem, optou por uma sereia. Aparentemente, ele ficou com pena de mim e me deixou escolher como eu queria que ela fosse e, em meu estado de embriaguez, mostrei a ele uma foto da Lola.

Por que ela? Não sei. Eu não estava no estado de espírito certo, mas, felizmente, Chance é talentoso e não me enganou. Infelizmente, a tatuagem não é apenas grande, mas envolve meu antebraço e está permanentemente gravada em minha pele com o rosto da Lola. É apenas a lateral do rosto dela, mas ainda é ela.

— Não sei do que você está falando.

Como esperado, ele não diz nada. Sei que ele consegue ver minhas besteiras, mas não se importa o suficiente para me chamar a atenção. Embora eu não pense que ele possa usar isso contra mim mais tarde.

Minha cabeça se inclina em sua direção quando a ouço rir novamente.

Sua cabeça está jogada para trás enquanto ela ri do que Jagger disse. Eu não entendo o que diabos é tão engraçado. Ele *não é* engraçado.

Nem sei o que ainda estou fazendo aqui. Não dou a mínima se ela ri das piadas idiotas dele.

Sem pensar mais nisso, afasto-me do bar e volto para a seção VIP.

— Tem certeza de que não quer dançar? — pergunta Alexia, exasperada.

Sacudo a cabeça pelo que parece ser a milésima vez esta noite. Ela e algumas outras garotas me convidaram para dançar. Não tenho certeza se não estou sendo claro o suficiente, mas elas não param de insistir.

— Não. Vá dançar com outra pessoa.

Ela tem opções. Já vi rapazes se aproximarem dela, mas ela continua recusando.

— Oh, vamos lá, TJ. Só uma vez. — Ela puxa meu braço.

Eu gemo interiormente. Não estou apenas irritado porque ela continua perguntando, mas também porque Lola está lá embaixo dançando. Ela dançou com Jagger e agora com suas amigas.

Não que eu esteja de olho nela, mas a última coisa que quero é estar perto dela. Deixei claro que não quero vê-la novamente, mas obviamente isso é impossível, considerando que frequentamos a mesma universidade.

— Eu já lhe disse... — Fecho a boca, olhando para Lola enquanto ela se dirige ao banheiro. — Volto logo.

Eu deveria pensar bem no que estou prestes a fazer, mas estou muito frustrado. A última vez que me senti assim foi no primeiro ano após minha lesão. Nunca pensei que me sentiria tão irritado novamente. Eu queria me divertir. Em vez disso, fiquei observando meus amigos flertarem com ela.

Até mesmo Landon falou com ela esta noite. Normalmente, ele não dá atenção a muitas garotas, mas por *alguma razão*, ele falou com Lola.

Não presto atenção às outras pessoas que tentam falar comigo. Tudo é irrelevante, pois mantenho meu olhar fixo à frente. Não tenho certeza absoluta do que vou dizer, nem mesmo sei por que estou me incomodando, mas estou culpando o álcool por isso.

Passando pela aglomeração de pessoas, finalmente chego ao corredor que leva ao banheiro. O corredor é longo e estreito e, apesar das luzes fracas, consigo ver a silhueta dela no final do corredor.

Ela está sozinha. Olho para trás, imaginando se suas amigas vão aparecer. Depois de alguns segundos de espera, percebo que eles não estão chegando, e só isso me irrita mais do que deveria.

— Por que você está aqui sozinha?

Ela suspira alto, dando um pequeno salto para trás.

Respiro fundo e digo a mim mesmo para me acalmar, mas quando me aproximo dela, só fico mais irritado.

— Você não deveria estar aqui sozinha. O que diabos está pensando? — falo irritado.

O choque em seu rosto se dissipa e suas sobrancelhas se contraem. Seus lábios se entreabrem e espero sua resposta, mas ela nunca vem. Ela desvia o olhar, ignorando-me completamente.

— Você não tem noção do perigo de ficar sozinha aqui?

Mais uma vez ela me ignora.

— Estou falando com você. Não é seguro ficar sozinha. — Eu me aproximo mais, notando como seus olhos estão brilhantes e o rubor em suas bochechas, mas ela não parece bêbada. Pelo menos não acho que esteja.

E, novamente, nada além de silêncio.

— Lola, pare de me ignorar. Você não deveria estar aqui sozinha.

Sua carranca se aprofunda, os olhos se endurecem. — Louise. Meus amigos me chamam de Lola. Os estranhos me chamam de Louise.

— A última coisa com que você deve se preocupar é com o que eu chamo você. Você deveria se preocupar com o fato de estar aqui sozinha. Com os malditos idiotas bêbados lá fora. — Eu jogo minha mão por cima do ombro, apontando para o outro lado do corredor.

Ela cruza os braços contra o peito. Juro por Deus que não é minha intenção, mas meu olhar se volta para seus seios.

— O que você quer? Você me disse para ficar longe de você, e é exatamente isso que estou fazendo. Na verdade, vamos fingir que não nos conhecemos. Então, por gentileza, vá se foder.

A atitude dela deveria me irritar, mas está fazendo o oposto disso. Sacudindo rapidamente esse pensamento, solto um suspiro áspero.

— É difícil fazer isso quando você está sendo descuidada.

Ela zomba. — Descuidada?

— Sim. Além de mentirosa, você está sendo imprudente pra caralho ficando aqui sozinha. Não percebe como é fácil para qualquer cara vir aqui e prender você? Arrastá-la para um desses banheiros? — Eu nem menciono que ninguém seria capaz de ouvi-la se ela pedisse socorro. A música está tão alta que mal consigo me ouvir.

Ela ri sem humor. — Sim, eu fui descuidada ao dormir com você. Isso é certo, mas não sou mentirosa. Se você decide não acreditar em mim, isso parece ser um problema pessoal.

Fico sem palavras por um segundo, sem saber o que dizer. Isso é o que ganho por beber tanto, porque agora estou pensando em sua primeira declaração.

— Apenas admita que está mentindo — exijo.

— Não preciso que você acredite em mim e, sinceramente, não me importo mais. De agora em diante, somos completos estranhos. De qualquer forma, não é como se eu realmente tivesse conhecido você.

Dessa vez, não sei o que dizer e, antes que eu possa organizar meus pensamentos, ela dá um passo para trás e se afasta. Não tenho certeza de quanto tempo fico parado nesse maldito corredor, mas percebo nesse momento que não consigo me importar com a mentira dela. Preciso ter certeza de que ela está com suas amigas.

Dirijo-me ao bar e fico ao lado de Saint, que está conversando com Jayden. Olho em volta, passando pela multidão, mas ela não está em lugar nenhum, nem suas amigas.

Acotovelo seu lado, chamando sua atenção. — Onde está Lola?

— Ela foi embora. Disse que não estava se sentindo bem.

— Entregue-me seu telefone. — Pego meu celular e clico em uma nova mensagem.

— Para quê?

— Apenas entregue seu telefone.

Ele me olha com cautela, mas tira o celular do bolso e o entrega para mim. Isso não tem nada a ver com o álcool. Não sei mais o que pensar, mas estou me sentindo um lixo.

Encontro o contato dela e digito seu número no meu telefone.

Eu: É TJ.

Eu: Só quero ter certeza de que você chegou bem à sua casa.

Não espero uma resposta, mas, nas horas seguintes, fico grudado no celular. Esperando pacientemente que apareça *lido* abaixo da minha mensagem, mas isso não acontece.

CAPÍTULO 15

Tj

— Ei — Saint bate suavemente em minha porta. — Estamos indo agora. Tem certeza de que não quer que esperemos por você?

— Não, vão em frente e saiam sem mim. Estarei lá em alguns minutos.

— Tem certeza de que está bem? — Agora é Jay quem pergunta.

Estou bem? Porra, não, estou longe de estar bem. Tem mil pensamentos rodando na minha cabeça, mas só um faz sentido e não me larga.

Nós temos um bebê juntos.

É terça-feira de manhã e é só nisso que tenho pensado desde sexta-feira. Queria conseguir desligar isso e pensar em qualquer outra coisa. Qualquer coisa. Mas essa porra de pensamento não para de martelar.

E se ela não estiver mentindo?

E se ela estiver dizendo a verdade?

E se eu realmente tiver um filho?

Eu respondo calmamente: — Tenho certeza.

Depois de um instante, eu os ouço descerem as escadas. Quando a casa fica em silêncio, exalo um longo suspiro, mas isso não alivia o aperto no peito.

Fico pensando naquela noite.

Estávamos seguros. Usamos preservativo e só transamos uma vez. Já fiquei com muitas garotas, algumas mais de uma vez, mas nenhuma delas jamais me disse que estava grávida.

Embora já tenham feito outras merdas que quase superam a carta do bebê.

Já acordei com garotas aleatórias em minha cama, sem serem convidadas. Depois de festas, garotas entraram sorrateiramente em meu quarto enquanto eu estava desmaiado, para dormir ao meu lado sem minha permissão. Já tive garotas que flagraram meu pênis através da calça jeans. E algumas garotas que não sabiam como aceitar um *não* como resposta.

Não é preciso dizer que agora mantenho minha porta sempre trancada. Mantenho distância de certas garotas e sou muito claro quanto às minhas intenções. Nunca induzirei uma garota ao erro. Se eu estiver interessado, ela saberá. Se não estiver, ela também saberá.

Isso me faz parecer um idiota, mas é errado querer ter limites? Não me importo de sair com elas e não me importo de convidá-las para ir ao meu quarto, mas às vezes isso se torna demais.

Às vezes, eles ficam um pouco confortáveis demais e fazem perguntas. Dentre as muitas perguntas, a que mais me fazem é quanto eu acho que vou ganhar quando for convocado. Estou

confiante em minha capacidade de entrar na NBA, mas nada é certo. Tudo pode mudar em um piscar de olhos.

Como a confissão de Lola para mim no outro dia, se é que posso chamar assim.

Não sei por que estou pensando nisso. O que eu deveria estar fazendo é me preparar e ir para a arena. O treinador Warren vai me dar uma bronca. Não, ele não vai só me dar bronca. Vai me foder bonito.

Isso se ele já não estiver irritado por eu não ser o primeiro ou o segundo a chegar. Sempre sou eu ou Jag que estamos lá primeiro. Somos capitães e, por isso, muita responsabilidade recai sobre nós.

Tenho certeza de que não serei o segundo a chegar lá, nem mesmo o quinto, mas isso é um fato isolado e não acontecerá novamente. Pelo menos não estou atrasado. Se há algo que o treinador odeia mais do que perder, é o atraso.

Nunca me atrasei e não pretendo começar a me atrasar agora.

Minha cabeça está latejando quando chego à arena. Para piorar a situação, os rapazes estão explodindo os bate-papos em grupo. Tenho um bate-papo em grupo com meus colegas de quarto e outro com todos os meus colegas de equipe. E ambos os bate-papos estão sendo inundados por mensagens.

Eles provavelmente estão se perguntando onde estou, por isso silenciei meu telefone. Eu provavelmente deveria atender, mas não posso me incomodar.

São apenas 5h55 da manhã, e minha cabeça já está me matando.

Sei que vai ser um dia daqueles e estou com medo. Eu até faltaria às aulas, mas sei que, se não for o meu orientador designado para mim, será o treinador que entrará em contato com meus professores para garantir que eu esteja na aula. No meu primeiro ano, faltei a algumas aulas e aprendi da maneira mais difícil por que é importante não faltar.

Antes de ir para o vestiário, vou direto para a arena. Normalmente, eu não iria, mas tenho certeza de que, se Warren não me vir, ele vai me ligar e essa é a última coisa que eu quero.

Quando entro, todas as cabeças se viram em minha direção e a quadra inteira fica em silêncio.

— É verdade? — Saint pergunta, cortando a energia tensa e incômoda que irradia pela arena.

— O que...

— Frank quer vê-lo em seu escritório agora — diz Reggie, um dos assistentes técnicos, batendo palmas para chamar a atenção dos rapazes. — Muito bem, pessoal, concentrem-se!

Permaneço no mesmo lugar, atônito. Isso até que Jared, outro dos assistentes técnicos, coloca-se na minha frente. — Não vá para o vestiário. Vá direto para o escritório dele.

— O que está acontecendo?

Uma linha de apreensão enruga suas sobrancelhas. — Você não tem usado seu telefone, tem?

Balanço a cabeça. — Não.

Criei o hábito de não olhar meu telefone logo pela manhã, a menos que sejam meus pais ou um técnico tentando entrar em contato comigo. Foi o que meu terapeuta recomendou após minha lesão.

Pegar o celular sempre era a primeira coisa que eu fazia quando acordava, mas depois que tudo foi por água abaixo no meu primeiro ano, tive que parar. Eu estava deixando os comentários nas mídias sociais mexerem com a minha cabeça e tive um ataque de pânico.

Ninguém, exceto meus pais e o treinador, sabe que isso aconteceu. Depois do ocorrido, eles me indicaram um terapeuta e aconselharam que eu reduzisse o uso das mídias sociais. Ainda uso, mas não tanto. Especialmente em dias de jogos. Não entro nela de jeito nenhum.

— Apenas... vá falar com Frank e não olhe para o seu celular. — Ele me dá um sorriso de lábios fechados.

— Está bem — respondo com relutância e me ponho a andar.

Meu celular parece pesado no bolso enquanto caminho para o escritório dele. Quase o tiro do bolso, mas decido não tirar.

Quando chego ao escritório dele, meus passos vacilam ao ouvir sua voz profunda ecoar pelo corredor vazio.

— Isso não é uma maldita piada. Diga à sua equipe para tirar essa merda do ar. Agora! — É tudo o que ele diz antes de eu ouvir o telefone sendo batido. — Entre, TJ, e feche a porta atrás de você.

Perguntas passam pela minha cabeça quando entro em seu escritório e fecho a porta atrás de mim.

— Sente-se — diz ele em um tom cortado.

— Está tudo bem? — pergunto, sentando-me em frente a ele.

Minha mente vagueia pelas últimas semanas, mas nada se destaca em minha cabeça. Nada que grite que *fiz besteira*. Não sou estúpido o suficiente para me meter em problemas. Embora não veja mais meu terapeuta, tenho seguido todas as suas sugestões. Não falto às aulas nem me atraso para elas. Não bebo tanto quanto costumava beber e tenho uma alimentação bastante saudável. Estou me certificando de que Saint não esteja fazendo nenhuma besteira, ou pelo menos fazendo o máximo que posso. Tomar conta dele é como cuidar de uma criança. Ele faz o oposto do que todos lhe dizem, embora recentemente não tenha feito nenhuma besteira. O treinador me pediu para ficar de olho nele. É por isso que ele está morando conosco e é meu colega de quarto quando estamos em jogos fora de casa.

Ele se inclina para trás em sua cadeira e tira os óculos, jogando-os sobre a mesa. Ele fecha os olhos, apertando a ponte do nariz antes de expirar ruidosamente.

Eu pigarreio sem jeito. — Treinador?

Ele abaixa a mão e abre os olhos. — Presumo que você não tenha pegado seu telefone esta manhã?

— Não, mas posso... — Vou puxá-lo, mas ele levanta a mão, dizendo que não há necessidade de fazer isso enquanto vira o monitor.

É como se o ar tivesse sumido da sala. Fico congelado na cadeira enquanto leio o artigo de notícias da NCU várias vezes, olhando para a foto de Lola comigo na Liquid.

Nosso armador júnior, Theodore Jackson Kingston, também conhecido como TJ, tem um filho com Louise Larson.

Fico olhando para a maldita tela até minha visão ficar embaçada, mesmo assim, não pisco os olhos, não me mexo. Não faço nada até que meus pulmões queimem e implorem para que eu respire.

Meus lábios se separam e tento dizer alguma coisa, mas nenhuma palavra sai. Minha boca está muito seca e meus pensamentos estão em todos os lugares. Tento me recompor, reunir meus pensamentos, mas eles estão todos espalhados em um frenesi.

— TJ. — A voz do treinador Warren me afasta de minha mente afogada e agitada.

— Hmm? — Estou muito concentrado nas palavras na tela para prestar atenção em qualquer outra coisa. Já devo ter lido as palavras centenas de vezes, porque meus olhos começam a arder, mas não pisco os olhos.

Isso até ele mover o monitor de modo que a tela fique voltada para ele novamente.

Nós temos um bebê juntos.

— Falei com a Nancy, a diretora, e ela disse que vai tirar a foto. — Suas palavras me tiram do meu estupor, e então ele suspira. Já sei que não vou gostar do que ele vai dizer a seguir. — Mas esse não é o *único* artigo em que *isso* aparece. Está... em todo lugar.

— Em todo lugar? — É como se alguém tivesse tirado o ar de mim.

— Veja...

Suas palavras se tornam distantes e sua presença quase inexistente enquanto meus pensamentos se voltam para a única pessoa que poderia ter feito isso. É claro, quem mais poderia fazer isso? Ninguém sabia além dela, de suas amigas, tenho certeza, e de mim. A menos que ela tenha contado a alguém. Quero dizer, por que não contaria? Não acredito que fui estúpido o suficiente para acreditar que ela não faria isso.

— TJ.

— Desculpe, o quê? — Solto um suspiro trêmulo.

Estou fazendo o possível para manter a calma, mas quanto mais penso nas palavras dela, no artigo estúpido e na ideia de que isso está em toda parte, mais fico irritado.

Olho para o local onde meu celular está guardado no bolso. Ele parece quente e pesado. Tudo o que quero fazer é abri-lo para ver o que todos estão dizendo.

— Não vale a pena. Não faça isso — diz ele como se pudesse ler meus pensamentos.

— Eu não tinha ideia, não pensei que ela... — gaguejo, incapaz de encontrar as palavras certas.

Eu nunca sou assim. Estou sempre calmo e controlado, exceto pela única vez em que tive um ataque de pânico.

— Respire fundo e fale devagar.

Inclino a cabeça para trás, olhando para o teto enquanto inspiro e expiro lentamente. Minha frequência cardíaca se estabiliza por um segundo, mas quando olho para ele novamente, ela volta a subir.

— Lola, a garota do artigo, ela me contou sobre o bebê. Eu não acreditei nela e...

— Espere um pouco. — Ele levanta a mão para me impedir de falar. — Então isso não é totalmente falso? Você sabia sobre isso?

— Sim, eu sabia disso, mas não é verdade.

Sua expressão se torna impassível, e já posso ver que o que quer que eu esteja prestes a dizer vai irritá-lo. Ele cruza os braços contra o peito e se inclina para trás na cadeira.

— Ok, bem, estou ouvindo. Gostaria de saber como minha estrela está em todas as mídias sociais e nas malditas notícias.

Minha mandíbula despenca. Meu estômago também.

— Não se preocupe, foi apenas o noticiário local, mesmo assim *você* apareceu no noticiário. Embora eu tenha certeza de que a

ESPN vai pegar o assunto antes do meio-dia de hoje. Então, por favor, esclareça-me.

Fico olhando para ele como um idiota, incapaz de processar tudo o que ele acabou de dizer.

As notícias. A mídia social. O bebê. Porra.

— Ela me disse na sexta-feira passada... — Conto a ele tudo o que é necessário, desde que conheci Lola há dois anos até ela me dizer que temos um filho.

O silêncio é assustador por alguns segundos, até que ele se levanta, pega alguns papéis em sua mesa e os enrola. Ele dá a volta em sua mesa e fica de frente para mim.

— Droga, TJ! — Ele levanta a voz e bate em minha cabeça com os papéis enrolados. — Ela lhe deu uma notícia devastadora e você não pensou em contar a ninguém ou fazer nada a respeito?

O técnico joga os papéis em cima de sua mesa e se senta na beirada, cruzando um tornozelo sobre o outro. Posso dizer que ele está tentando controlar sua raiva, porque seu nariz se inflama enquanto ele cruza os braços tensos contra o peito.

Não há muitas pessoas que me assustam, exceto duas: mamãe e o treinador.

Se o treinador pudesse, tenho certeza de que ele me esganaria. Mesmo que ele tenha me dito inúmeras vezes que eu preciso tomar cuidado para não me machucar porque sou seu principal jogador. Neste momento, tenho certeza de que ele não se importaria. Agora que temos o Saint, imagino que ele poderia acabar com minha vida.

Ele pode ter quarenta e um anos de idade, mas é construído como uma máquina e não hesitará em lhe dar uma surra. Se ele cometesse um assassinato, ninguém jamais questionaria que foi ele. Todos estão obcecados demais com sua aparência e não se importariam. Todos acham que ele se parece com Jalen Hurts. Alguns chegaram ao ponto de chamá-lo de Jalen Hurts do basquete.

— Eu não achei que ela fosse...

Ele ri de forma sarcástica. — É claro que não. Se tivesse usado a cabeça, não teria sido tão imprudente.

— Eu não fui imprudente. Eu estava pensando que não a via há dois anos, e ela aparece dois anos depois e me diz que temos um filho juntos. Dois malditos anos, treinador.

Nós temos um bebê juntos.

— Depois do treino, você vai falar com a Janet...

— Você quer que eu me encontre com a chefe de relações públicas?

— Fico feliz que você pense que tudo isso é um jogo para você, mas isso não afeta apenas você. Afeta também a sua equipe. Janet orientará sobre o que você pode e o que não pode dizer até que possamos provar se é seu filho ou não.

— Você realmente não está sugerindo que eu...

Tudo acontece rápido demais, porque o treinador enrola os papéis em sua mesa e me acerta novamente. — É sua responsabilidade fazer tudo certo. Não dou a mínima se você a

conheceu há cinco anos. Como capitão e alguém que muitos garotos admiram, você precisa assumir a responsabilidade.

— Responsabilidade? — Tento não gritar, mas não acredito que ele acabou de falar isso. — Foi ela quem começou essa merda.

— E, no entanto, ela é a única de quem todos podem sentir pena.

Cerro os dentes, apertando as mãos ao lado do corpo.

— Você vai se encontrar com a Janet hoje depois do treino. Você não fala com ninguém e não responde a ninguém.

Isso significa qualquer pessoa que possa distorcer minhas palavras.

— Mas...

— Nada de mas, TJ. Não acredito que você tenha sido tão irresponsável. Isso não é algo que se faça de ânimo leve e, sinceramente, estou desapontado com a forma como você lidou com isso. Você deveria saber melhor. — Ele bufa, balançando a cabeça. — Isso não afeta apenas você, mas também a equipe. Se você acha que eles já não estavam nos observando, com certeza estarão agora. Eles vão dissecar cada detalhe, cada errinho, cada maldita coisinha que você nem pensou que eles notariam. Essa é a última coisa que você ou alguém precisa. Nós não...

— Treinador...

— Não me interrompa. — Ele me bate novamente com os papéis enrolados. — Não precisamos que o foco central de nossa nova temporada seja isso. — Ele vira o monitor, batendo com o papel

enrolado na tela. — Se ela é tão inflexível que essa criança é sua, então você terá que fazer um teste, porque essa é a única maneira de esclarecermos tudo.

CAPÍTULO 16

Tj

O basquete é a única coisa que nunca falha na minha vida. Posso estar no pior dia da minha vida, mas quando estou em treino ou dia de jogo, tudo some. Todo tipo de emoção possível é expelida de meu corpo, e fico apenas com uma sensação de euforia.

Mesmo quando tudo termina, ainda me sinto como se estivesse flutuando nas nuvens. É isso que o basquete faz comigo. A euforia, a adrenalina, a sensação surreal como nenhuma outra. Nunca teve um dia em que eu não me sentisse assim... até hoje.

Durante os treinos, consegui me esquecer até o final. Quando acabou, lembrei-me do que estava esperando por mim.

Nós temos um bebê juntos.

Essas palavras se repetem em minha cabeça enquanto caminho de volta para o vestiário. Normalmente, sou o primeiro a chegar lá, mas eu precisava desesperadamente de silêncio para pensar em tudo isso. Sem falar que os rapazes vão fazer perguntas. Eu consegui ignorar os olhares e bloquear as perguntas sutis quando fizemos intervalos, mas isso não será possível agora.

Solto um suspiro pesado, entro no vestiário e me arrependo na hora de ter decidido tomar banho aqui. Reconheço instantaneamente a voz detestável que ecoa por toda a sala. Mark Simpson. O criador do podcast Behind the Athlete.

Na maioria das vezes, esse idiota fala mal dos jogadores que ele odeia e elogia os que ele ama. Especialmente da NCU, não importa o que dizem as estatísticas ou quão bem jogamos, não há uma única coisa boa que ele tenha dito sobre qualquer um de nós. Nem mesmo Saint, que todo mundo adora.

Então não me surpreendo nem um pouco quando ouço: — É chocante que TJ Kingston tenha um filho? Vocês vão mesmo fingir que estão chocados? Se estiverem, tirem a cabeça de suas bundas. Só estou chocado por não ter acontecido antes. — Ele ri com vontade.

— Desligue essa porra. — Vou até meu armário, pego minhas coisas e ignoro os olhares queimando minhas costas.

— Então, é verdade? — pergunta Jagger.

Aperto minha mandíbula com força, impedindo-me de explodir. Demoro um longo segundo antes de me virar com minhas coisas nas mãos. — Qual é o sentido de me perguntar se você vai ouvir as merdas dele?

— Mark não é o único que está falando sobre isso — diz Trae, um dos meus colegas de equipe. — Todos estão falando sobre isso.

Solto um suspiro. — Todo mundo gosta de falar merda. Não sei por que estão todos surpresos.

— Então aquela garota Lola inventou tudo isso? — pergunta Wyatt, outro dos meus colegas de equipe. A menção do nome dela faz minha cabeça latejar e meu maxilar doer devido à força com que o aperto. — Puta que pariu, tudo isso...

— Cale a boca — diz Saint, e é a primeira vez que o ouço falar tão sério. — Você não sabe se veio dela. Em nenhum lugar foi dito que veio.

— Só estou dizendo — rebate Wyatt com um encolher de ombros. — Não sou o único que pensa assim. Todos vocês sabem o quanto essas garotas estão desesperadas, atrás de atenção e tal. Todos vocês sabem o que elas estão dispostas a fazer só para dizer que estiveram conosco. Ela não é diferente. Não é engraçado o fato de ela ter sido mencionada e ninguém mais? Vocês são todos estúpidos por acreditarem naquela maldita vadia...

Eu surto. Empurro Wyatt contra o armário, enfiando meu antebraço em sua garganta. Seus olhos se arregalam, minha reação repentina o pega desprevenido. Quando ele se recupera do choque, tenta me afastar, mas não me mexo. Empurro meu braço ainda mais até que ele esteja ofegante, mesmo assim, não cedo.

— Não fale da Lola, porra. Se eu ouvir você falando merda dela de novo, pouco me importa se é meu companheiro de time, arrebento você.

Sinto que os rapazes estão atrás de mim, mas antes que tenham a chance de me segurar, eu me afasto dele. Estou me sentindo dez vezes mais irritado do que antes. Não tenho certeza do que me deixa mais irritado, mas não me preocupo em pensar nisso enquanto saio e me dirijo ao banheiro.

Minha reunião com a Janet terminou há trinta minutos e ainda estou tentando digerir tudo. Ela disse muitas coisas, mas a mais inflexível é não ficar bravo durante as entrevistas.

Não sei por que ela sugeriu que eu ficaria bravo. Já fiz inúmeras entrevistas e, em algumas delas, até me fizeram perguntas extremamente idiotas, mas nunca perdi a calma. Sempre me sinto bem sob pressão e sei como me comportar.

Não importa o quão fodida seja essa situação, a única coisa que eu não vou fazer é perder a cabeça ao vivo na porra da TV nacional. Especialmente agora, mais do que nunca. Todos que se importam com o basquete estarão assistindo, terão seus próprios pensamentos e darão suas opiniões não solicitadas. Isso nunca deixa de acontecer.

— Você quer falar sobre isso? — Saint pergunta, colocando um copo na mesa de centro à minha frente.

Ninguém deveria estar em casa neste momento. Foi por isso que vim para cá. Duas das minhas aulas foram canceladas, então vim para casa, porque precisava de paz e tranquilidade, e estava ficando cansado dos olhares que recebia. A notícia sobre o bebê não demorou muito para se espalhar.

Acho que, afinal, não terei paz e tranquilidade. Às vezes, Saint não sabe como aceitar uma dica.

— Não há nada para falar. — Meus olhos se voltam para o copo e, quando leio o que é, gemo.

— O quê? Pensei que você gostasse de matcha?

Depois que Lola e eu a experimentamos juntos, comecei a pedir. Agora não consigo pensar nessa bebida verde sem pensar nela. Seja frio ou quente, eu sinto o cheiro, vejo e só consigo pensar no sorriso em seu rosto quando ela toma a bebida. Como seus olhos se iluminam e como ela lambe os lábios como se estivesse tentando se certificar de que não perderá uma única gota.

— Eu gosto... só não estou *com vontade*, mas obrigado mesmo assim.

Ele dá de ombros, com um sorriso estampado no rosto. — Não agora, *pelo menos*.

Quando levanto meu olhar para o dele, ele me encara com um olhar que não consigo decifrar. Mas não questiono isso. Não estou a fim de ouvir as merdas dele ou de qualquer outra pessoa no momento.

Mandei uma mensagem de texto para ela depois que terminei de falar com a Janet, mas ela não respondeu.

— Por que você está aqui? Você não tem aula agora?

— Sim, mas tenho uma reunião com meu pai. — Ele se levanta, vai até a mesa da TV e abre as gavetas, retirando uma caixa preta fosca. Ele se deixa cair no sofá ao meu lado e abre a caixa.

— Oh... — é tudo o que eu digo. Acho que Saint e seu pai não têm o melhor relacionamento. Toda vez que eles conversam, ele sempre enrola um baseado. Ninguém tem permissão para fumar. Somos testados antes, depois e no meio da temporada. No entanto, de alguma forma, ele se safou quando fizemos o teste há uma semana. — Está tudo bem?

— Sim, está tudo ótimo. — Ele sorri, colocando a caixa sobre a mesa. Ele pega um moedor, um filtro, papel e maconha. — Está tudo bem com você? Afinal de contas, você acabou de descobrir que é pai.

Nada está bem, mas não vou admitir isso para ele nem para ninguém.

Eu hesito antes de responder. — Eu não sou... *pai*.

— Você já sabia disso, não sabia? — Ele para de moer a erva e olha para mim sem me julgar. — Ela lhe contou na sexta-feira. Era sobre isso que ela queria falar com você.

A lembrança daquele dia se repete em minha cabeça. Meus nós dos dedos roçando seu braço, a pintura, a admiração em seu rosto ao ver minhas fotos, o matcha, sua *confissão*, minhas palavras, a única lágrima.

Apoio minha cabeça no encosto do sofá, olhando para o teto. — Sim, ela fez isso.

— Deixe-me adivinhar, você não acreditou nela?

— Não. Você conhece a história de como nos conhecemos. Faz dois anos desde a última vez que nos vimos, dois anos desde que nos falamos. Você pode me dizer que teria acreditado nela?

— Entendo seu ponto de vista, mas eu teria considerado tudo antes de decidir se acreditaria nela ou não.

Olho para ele como se tivesse perdido a cabeça. — Considerar o quê? Diga-me, Saint, o que há para considerar?

Ele dá uma tragada lenta em seu baseado antes de soltar uma baforada de fumaça no ar. — Para começar, ela escolheu contar a você em particular em vez de contar a qualquer outra pessoa.

Dou uma risada seca, amarga. — Particular? As notícias estão em toda parte. Todo mundo acha que eu tenho um filho porque ela não conseguiu o que queria.

— Eu vi os vídeos, as postagens. Nada afirma que foi ela quem disse alguma coisa. Eles nem sequer insinuaram que foi ela quem disse algo. Se não me engano, todos disseram que alguém ouviu sua conversa quando vocês dois estavam discutindo na Liquid.

A única coisa que vi e ouvi foi o que o técnico me mostrou esta manhã e o podcast que os rapazes estavam ouvindo no vestiário. Eu sabia que se olhasse e visse o que disseram, isso iria me perturbar, então fiquei longe do meu celular. Só o tenho checado de vez em quando para ver se Lola respondeu.

— É engraçado você acreditar em alguém que mal conhece — respondo, sentindo-me agitado. — Pensei que fôssemos melhores amigos. Você não deveria estar do meu lado?

Ele sorri preguiçosamente, dando outra tragada lenta. — Não se trata de lados, mas de considerar os fatos. Você está sempre muito ocupado checando-a para perceber. E não é que eu *não* esteja do seu lado, mas ela também é minha amiga.

— E-eu não a estou checando — respondo de forma fraca.

Saint bufa, arqueando uma sobrancelha. — Como você quiser, TJ.

— Você não tem uma reunião com seu pai?

Ele levanta a mão, olhando para o relógio preso em seu pulso. — Ainda tenho mais alguns minutos. Então, você vai fazer um teste?

Fico olhando para ele. — Está falando sério?

— Sim. Eu gostaria de saber se vou ser tio. Não tenho irmãos, portanto nunca terei sobrinhas ou sobrinhos de sangue. Isso será a coisa mais próxima disso.

Procuro por algum traço de humor em sua expressão, mas logo percebo que ele está falando sério.

Franzo a testa diante da estupidez que sai de sua boca. Deixe para Saint dizer algo assim. — Você é um completo idiota.

— Não, esse é você, *stronzo*. — Ele coloca o baseado entre os lábios e pega o celular na mesa de centro. Ele digita alguma coisa antes de se levantar e pegar sua caixa. — Mandei uma mensagem para Lola e disse para ela me encontrar no Midnight Brew às quatro.

— Você não tem aula com ela nesse horário?

— Imagino que ela vá faltar. Você não é o único de quem eles estão falando mal. — O sorriso em seu rosto se torna apertado antes de se suavizar. — Não sei se ela vai aparecer. Ela não respondeu às mensagens que enviei há duas horas, mas vale a pena tentar. Só não estrague tudo.

— Por que eu estragaria algo?

— Você nem sempre tem o melhor jeito com as palavras. Juro que você e Landon empatam no quesito maior *estronço*. Não faria mal a nenhum de vocês ser um pouco gentil de vez em quando.

— Não, mas as pessoas gostam de tirar vantagem — argumento. Ele está começando a me irritar mais do que o normal.

— Você tem razão, elas fazem isso, mas acredite em mim quando digo que não é o caso dela. De qualquer forma, quando se encontrar com ela, não seja um idiota, ou eu lhe darei uma surra. — Um sorriso doentiamente doce se estende por seu rosto. Ele não diz mais nada enquanto se afasta e sobe as escadas até desaparecer.

Você não é o único de quem eles estão falando mal.

Apoiando os cotovelos nos joelhos, fecho os olhos, odiando a tensão que sinto enquanto a ansiedade aperta meu peito dolorosamente. Mas tudo piora quando meu celular vibra no bolso. Não preciso olhar para ele para saber de quem se trata. Ignorei essa ligação o dia todo e sei que não posso mais adiá-la.

— Olá.

— Por que você tem ignorado minhas ligações? — Hazel grita, fazendo com que eu afaste o telefone do meu ouvido. — Mamãe e papai estão ficando loucos!

— Não há necessidade disso. Diga a eles que já está tudo resolvido. — Deixo minha cabeça pender, passando os dedos pelo meu cabelo, puxando-o com força.

— Então, você é pai? — Não perco o tom de empolgação em sua voz.

— Hazel, não seja estúpida. Eu não sou pai.

— Não fique bravo comigo. Não fui eu quem engravidou uma garota. — Antes que eu possa responder, ela continua. — Então é verdade? Porque está em toda parte. Puta merda, você é pai. Um pai!

— Não acredite no que foi dito. Não sei de onde eles tiraram essa informação, mas eles...

— É seu irmão que está ao telefone? Deixe-me falar com ele. — Ouço a voz da mamãe ao fundo e, em seguida, há um ruído até que ela fale.

— Theodore Jackson Kingston! — Sua voz se eleva a cada nome.

Esfrego a parte de trás do meu pescoço. — Oi, mamãe.

— Por favor, por favor, por favor, diga que você não engravidou uma garota? — A raiva se infiltra em sua voz, mas ouço um pouco de decepção. — Você tem apenas 21 anos e ainda está na faculdade! Devo lembrar que você na cozinha é uma merda?

— Mãe, por favor, pare de gritar. — Afasto o telefone do ouvido. — Eu não engravidei *nenhuma* garota e, só para informá-la, meu cozimento... progrediu.

A verdade é que na cozinha sou uma merda. Cozinhei um total de três vezes desde que vim morar aqui, e todas as três vezes foram uma merda. Nem me preocupo mais com isso, e os rapazes não deixam Jagger nem eu chegar perto da cozinha.

— Theodore — diz meu pai. Ótimo, estou no viva-voz. — Estão dizendo que você engravidou uma garota. Filho, há preservativos e...

— Sério, Phil? Este não é o momento para falar de preservativo. Isso já passou da conversa sobre preservativo. O bebê já nasceu!

— Quando poderemos conhecer o bebê?

— Hazel! — dizemos os três.

— O quê? Estou animada para ser tia — responde ela, divertida, claramente gostando disso.

— Você é uma maldita idiota. Não há bebê nenhum.

— Theodore, cuidado com a linguagem e, Hazel, este não é o momento para isso. Pelo que sabemos, é uma mentira. É tudo mentira, certo? Nós conversamos sobre isso. — A preocupação na voz do meu pai me diz que ele não tem certeza se acredita no que está falando.

— Sim, eu sei como usar um preservativo e retirá-lo.

Hazel diz: — Aparentemente, não.

— Hazel, cale a boca — repreende minha mãe. — Theodore, precisamos resolver isso. Seu nome está em toda parte. Se isso for uma mentira, precisamos garantir que essa garota receba algum tipo de punição por mentir. Afinal, quem é essa tal de Lola?

Hazel ofega alto e depois grita como uma criança. — Esta é *a* Lola?

— *A* Lola? — perguntam mamãe e papai.

— Lola é *a* garota da última semana. — Ouço a alegria em sua voz. — A garota que você me pediu para ajudá-lo a encontrar. Oh, meu Deus, é *aquela* Lola. Como não me lembrei disso antes? Não é à toa que ela me parece tão familiar.

Eu havia esquecido que tinha pedido à Hazel para me ajudar a procurá-la no Instagram. Então, talvez... eu estivesse um pouco desesperado para encontrá-la depois que ela saiu de Miami.

— Ela não é apenas uma garota qualquer. Lola é *a* garota pela qual TJ ficou de castigo. A razão pela qual ele pegou o iate sem a permissão do papai. E, se bem me lembro, encontramos o papel alumínio do preservativo, então o bebê tem que ser do TJ.

Eu me arrependo de ter dito algo a ela.

Mamãe suspira com resignação. — Você precisa conversar com essa garota e, se ela insistir que é seu, você precisa pedir um teste.

Meu queixo cai. — Mãe, por favor, diga que você não está...

— Vou pegar o próximo voo para aí e não duvide, porque eu vou mesmo.

— Pai...

— Ouça sua mãe. Converse com a Lola e, se ela for inflexível, faça o teste. Fim da discussão.

Não digo mais nada, porque começo a sentir o pânico aumentar. Tento pensar em todos os cenários em que tudo isso poderia ser algum tipo de pesadelo, mas só estou mentindo para mim mesmo.

Essa é a realidade... eu posso ser pai.

CAPÍTULO 17

lola

Por que não pensei nisso?

Isso é o que se chama de caçador de influência, senhoras e senhores.

Se há uma criança, onde está a prova?

Eu juro, tem gente que faz qualquer coisa por atenção.

Pelo menos ela é gostosa.

É preciso receber o salário.

É engraçado o que as pessoas fazem para chamar a atenção.

É claro que alguém usaria o TJ.

Alguém chame o Maury.

Não se preocupe, TJ, nós não acreditamos nisso.

Ela é da rua.

É óbvio que ninguém está mentindo.

Os perseguidores de Jersey estão realmente no próximo nível.

Quem diabos é essa garota?

Ela realmente disse pensão alimentícia.

Os comentários são intermináveis. Não preciso continuar lendo para saber o que todos estão dizendo sobre mim. Enquanto isso,

todos têm pena do TJ. Todos acham que ele faz parte do *meu esquema* para chamar a atenção e ganhar dinheiro.

Mordo a parte interna da bochecha, olhando para o único comentário que me deixa de queixo caído. Não é só por causa de quem disse, mas porque, somente nesse comentário, há quase mil curtidas e sessenta respostas concordando com ela.

Esse comentário veio da garota com quem TJ teve uma *sessão de estudos*, a garota que esteve em cima dele na Liquid.

alexiawatts *Alguém sempre faz o máximo para chamar a atenção, mesmo que isso signifique prejudicar outra pessoa no processo. Qualquer pessoa que conheça TJ sabe que isso não é verdade. Qualquer pessoa que acredite nessa mentira não deveria se chamar de fã ou estar associada a TJ.*

Eu não deveria ter clicado mais, mas meus dedos têm vontade própria e, quando toco no nome dela, vejo que ela postou há menos de uma hora.

A postagem é uma foto dos dois juntos. Ele está com o braço em volta da cintura dela e ela está encostada ao seu lado, enquanto ambos sorriem. Quando vejo a legenda dela, não consigo deixar de morder minha bochecha com mais força.

alexiawatts *Sempre torcendo por você!*

Sinto uma queimação no nariz e meus olhos se enchem de lágrimas. Minha visão fica embaçada até que tudo o que consigo ver são cores indistinguíveis misturadas na tela como uma só.

Continuo dizendo a mim mesma que não vale a pena. Que eles não sabem a verdade. Que tudo vai ficar bem, mas os comentários

me fazem sentir uma merda e me lembram do que aconteceu há dois anos. As reações dos meus pais quando contei a eles, e meu ex-namorado e seus amigos descobrindo e me chamando de vadia.

Eu me esforço para conter as lágrimas, mas é tarde demais, pois uma lágrima escorre pela minha bochecha, seguida de outra.

Só depois de ouvir a porta sendo aberta é que eu as afasto e pego minhas coisas.

— Sinto muito. Não tinha percebido que havia ultrapassado meu tempo. — Eu fungo, fazendo o possível para não me desmanchar na frente de quem quer que tenha entrado.

— Lola — diz Cara atrás de mim, e quando ela me abraça, eu me derreto em seu abraço.

Quando sinto outro par de braços nos envolvendo, não preciso olhar para saber que é Daisy. Suspiro pesadamente, deixando-me relaxar nelas enquanto algumas lágrimas escorrem pelo meu rosto e se agarram ao meu queixo.

Fico em silêncio por alguns segundos até limpar a garganta. — Sinto muito.

— Você não tem nada do que se desculpar — disse Cara suavemente.

— Já conversamos sobre isso antes. Você não pede desculpas a menos que seja necessário — repreende Daisy.

As duas se afastam de mim e se sentam uma ao lado da outra. Não olho para elas, mas sei que ambas estão olhando para mim. Só um segundo depois me dou conta de que as duas deveriam

estar na aula, não aqui comigo, enquanto eu me afundo em autopiedade.

Só descobri que a notícia havia vazado quando cheguei à aula hoje de manhã e vi Gabby. Ela foi a primeira a me contar porque, aparentemente, a notícia está em toda parte.

Eu não acreditei no que ouvi até que vi um artigo, seguido de uma postagem, seguido de outra coisa que me levou a cair em uma toca de coelho.

Foi assim que me vi enfurnada em uma das salas de estudo da biblioteca Atkins. Eu precisava descomprimir antes de voltar ao campus. Dizer que fiquei sobrecarregada é pouco. Minhas mãos não paravam de tremer e suar, e eu estava pensando demais nos piores cenários possíveis.

— Como vocês me encontraram? — Eu fungo, limpando algumas das últimas lágrimas com as costas da minha mão.

— Lembre-se de que temos a localização uma da outra — diz Cara.

Aceno com a cabeça, lembrando que, desde o início das aulas, decidimos compartilhar nossas localizações umas com as outras em caso de emergência.

— Eles estão dizendo muita coisa... — Não preciso explicar para que eles saibam do que estou falando. — E nada do que dizem sobre mim é bom.

— É claro que não, e nunca será bom.

Cara zomba. — Ela já está se sentindo uma merda. Não há necessidade de dizer isso.

— Por que fingir que não vimos o que foi dito? Esses *hijos de puta, pinches pendejos, cabrones*... porra, eles me fazem falar palavrões em espanhol — resmunga Daisy. — Esses idiotas ficam todos na defensiva achando que têm esse direito só porque vivem na ilusão de que conhecem o TJ. Eu *sei* que isso dói e odeio que você esteja sofrendo. Se eu pudesse, daria um tapa em todos que estão falando merda.

Um sorriso se abre em meus lábios, porque imagino que ela poderia fazer exatamente isso.

— Não posso fazer isso, mas o que posso lhe dizer é que todos nós sabemos a verdade. Todos nós sabemos que TJ é o pai, e sei que não é o que você quer ouvir, mas eles são muito parecidos.

Daisy nunca deixa de ser honesta.

— Essas pessoas não sabem nada sobre você ou sobre TJ e, apesar de saberem disso, continuarão a falar merda porque se sentem no direito de opinar. Especialmente quando não se trata deles, mas se os papéis fossem invertidos, a história seria diferente.

Cara solta uma risada seca. — Essa é a verdade.

— Nenhuma dessas pessoas sabe e não saberão a menos que TJ decida fazer o teste. — A mandíbula de Daisy se contrai, seu nariz se inflama.

Eu disse às meninas que não vou implorar para que ele faça o teste. Depois do que ele me disse na sexta-feira, estou farta. Não

posso passar pelo que passei com meus pais novamente. Foi exaustivo, e a última coisa de que preciso é cair em um buraco de depressão como fiz há dois anos.

Portanto, isso não vai acontecer. Se Phoenix perguntar, eu lhe direi a verdade, mas até lá, não tocarei no assunto.

— Independentemente de um teste, você não precisa provar nada a ninguém. Por favor, não se deixe levar por esses comentários negativos — acrescenta Cara, com simpatia, esfregando minhas costas.

— Você foi longe demais para deixar que isso a abata. Você é uma mãe foda que trouxe uma criança ao mundo. Não só está estudando em tempo integral, como também está trabalhando e tem seu próprio negócio.

— Eu não estaria aqui se não fosse por vocês. — Sorrio para as duas, sentindo as lágrimas brotarem em meus olhos.

Serei eternamente grata às minhas melhores amigas e aos pais da Daisy por terem me ajudado. Se não fosse por eles, eu não estaria onde estou agora.

— Nós não fizemos nada além de lhe dar um empurrãozinho. Você fez tudo sozinha, e não poderíamos estar mais orgulhosas. — Cara sorri para mim.

— Mas eu realmente não sei o que faria sem nenhuma de vocês...

— Ok, ok — Daisy me interrompe, provavelmente se sentindo constrangida. Ela é carinhosa, mas só até certo ponto. Não é de chorar nem de abraçar. A última vez que a vi chorar foi quando

Phoenix nasceu, e mesmo assim ela tentou disfarçar. — Agora que já tiramos isso do caminho, só quero saber quem começou essa merda.

Suspiro, pegando a tinta presa sob a minha unha. Tenho me perguntado quem poderia ter dito algo, mas ninguém me vem à mente. As únicas pessoas que sabem são as meninas e o TJ. A princípio, pensei em TJ – não acredito que estou dizendo isso –, mas não acredito que tenha sido ele.

Dou de ombros. — Quem sabe, mas não acho que tenha sido o TJ. Seus amigos não agiram de forma diferente quando os vimos no sábado.

Certamente, eles teriam dito algo se fosse esse o caso. Eles ficaram em cima de nós na Liquid, mas nenhuma vez fizeram uma sugestão sobre um bebê. Embora tenham dito algumas coisas que me deixaram frustrada. Para começar, esse foi o motivo pelo qual fui ao banheiro.

Os rapazes insinuaram que TJ estava com ciúme.

Se ao menos eles soubessem que ele não queria me ver novamente. Eu não mencionei isso a eles, mas deixei claro que não me importava.

— E ele me mandou uma mensagem.

— O quê?

— Quando?

— O que ele disse?

— Não faz muito tempo. — Desbloqueio meu celular e me arrependo de não ter saído do Instagram, porque eles veem a foto de Alexia e TJ. — Eu a vi comentar em uma das postagens que falava sobre mim... — Conto a eles o que aconteceu e o que me levou a clicar na página dela.

— É melhor você esperar que eu não a veja.

— Ela não vale o estresse, Daisy. Ela realmente conhece TJ. Eles são próximos. — Engulo com dificuldade, mas o nó em minha garganta permanece. — De qualquer forma, foi isso que ele escreveu.

Saio do Instagram e abro suas mensagens.

TJ: Precisamos conversar.

TJ: Isso não é uma piada. Precisamos conversar.

TJ: Pare de me ignorar.

TJ: Eu só quero conversar.

— O que você vai fazer? — Cara pergunta, colocando meu telefone de volta na minha frente.

— Não quero falar com ele. Tenho certeza de que ele vai querer que eu admita que comecei isso e que estava mentindo.

Um sorriso malicioso surge no rosto de Daisy. — Você deveria encontrá-lo e, enquanto o distrai, eu corto os pneus dele — diz ela, sacando o canivete.

Eu bufo, empurrando a ponta da lâmina para baixo com meu dedo. — Não, você não vai fazer isso.

Cara olha para mim como se fosse eu quem estivesse com atitudes irracionais. — Ele dirige um G-Wagon. Tenho certeza de que ele pode comprar pneus novos.

— Não — falo sem rodeios.

Meus olhos se voltam para o celular quando ele se acende. Três mensagens de Saint aparecem em minha tela.

Saint: Midnight Brew às 4h?

Saint: Vamos lá, não me deixe na mão.

Saint: Café e tudo o que você quiser por minha conta.

Ele e algumas outras pessoas me mandaram mensagens antes, mas não consegui responder. Principalmente o Saint. Ele tem sido muito legal comigo, mas ainda é amigo do TJ.

— Não acredito que você ainda esteja falando com ele. — Daisy torce o nariz.

— Ele é muito gentil. — Releio suas mensagens, discutindo se quero ou não o encontrar. — Você saberia se ao menos desse uma chance para ele como amigo.

— Foda-se, não. — Ela se levanta da cadeira, pega sua mochila e a coloca sobre o ombro. Ela coloca a mão em meu ombro e aperta suavemente. — Sinto muito. Gostaria de poder ficar com você por mais tempo, mas preciso ir.

— Está tudo bem. Você não devia ter largado seu estágio. E você — olho para Cara — não deveria ter faltado à aula.

Cara nunca perde aula. Não apenas porque ela diz que vai fazer valer seu dinheiro, mas porque ela realmente gosta de ir. Se eu fosse tão inteligente quanto ela, com certeza me divertiria tanto quanto ela.

— Você é importante. Fim da história — responde Cara enquanto pega sua bolsa. — Estamos aqui para você, sempre.

— Sempre — diz Daisy e, com um último aperto em meu ombro, ela me solta. — Eu a verei em casa e, faça o que fizer, não olhe para esses comentários idiotas. Eles não valem nada.

— E o que quer que você decida fazer em relação ao TJ, nós entenderemos.

Depois que elas saem, debato se quero ou não faltar à aula e me encontrar com o Saint. E se ele acabar sendo como TJ ou pior?

Saint: Vamos lá. Não se pode dizer não a um café grátis.

Eu: Ok. Estarei lá.

CAPÍTULO 18

TJ

Saint: Ela está aqui.

Saint: Não seja um idiota.

Quando desço do meu G-Wagon e entro na cafeteria, já sei exatamente o que vou dizer a ela.

A Midnight Brew fica a trinta minutos de carro do campus. Eu nunca venho aqui, mas o Saint vem.

Não vejo nem reconheço ninguém do campus. Há alguns estandes e mesas ocupados. As pessoas que estão sentadas estão ocupadas demais olhando para seus laptops ou lendo para se concentrar em quem entra ou sai. Fora isso, há cinco baristas atrás do balcão e, quando olho para uma delas, ela sorri para mim.

Retribuo o sorriso e me dirijo ao balcão, fazendo dois pedidos. Não tenho ideia do que pedi, mas a moça disse que era a nova bebida de outono e prometeu que eu iria adorar.

Enquanto espero pela bebida no outro lado do balcão, procuro por Lola, mas ela não está em lugar nenhum.

— TJ — a barista chama meu nome, colocando as duas bebidas no balcão. — Procurando alguém?

— Sim, tenho certeza de que ela está...

— Ela provavelmente está lá embaixo. — Ela aponta para a escada preta em espiral à nossa esquerda.

— Ah, tudo bem, obrigado — falo e desço as escadas.

Ao contrário do andar de cima, há prateleiras cheias de livros e pessoas olhando para eles, lendo ou em seus laptops.

Andando um pouco mais para dentro do salão, procuro por ela até encontrá-la sentada em uma cabine, escondida nos fundos. Meu coração dispara – e eu odeio isso. Mesmo quando ela não está por perto, isso acontece e, quando os caras falam sobre ela para serem idiotas, ele bate desnecessariamente um pouco mais rápido.

Só de pensar nela, meu coração bate acelerado.

Soltando um suspiro, vou em sua direção, mas vacilo quando percebo que ela não está sozinha. Um cara está sentado bem em frente a ela, segurando um bloco de notas e uma caneta. Ele desenha algo no bloco, enquanto ela sorri e diz alguma coisa. Ela tenta dar uma olhada no bloco, mas ele o move bem antes que ela o faça.

Não tenho a menor ideia de quem ele seja, mas não vou ficar aqui parado enquanto eles flertam. Vou em direção a eles, mantendo meus olhos nele, e sei que ele percebe minha aproximação porque seus olhos se conectam instantaneamente com os meus.

— O que você está fazendo – ah, você só pode estar brincando comigo — diz Lola, com a voz cheia de desdém. — Não posso acreditar que ele me enganou.

Ignoro o idiota e olho para Lola, que está franzindo a testa.

— Preciso falar com você. Você tem ignorado minhas mensagens.

— Hmm... — Ela dá aquele sorriso condescendente que me tira do sério. — Sério, agora?

O cara sentado em frente a ela ri, mas quando eu o encaro, ele desvia o olhar.

— Lo-

— *Você* deixou bem claro que não queria me ver novamente e, felizmente para você, eu também não quero vê-lo novamente. Portanto, pode ir embora. — Ela me dispensa com a mão, virando a cabeça para olhar de volta para o idiota sentado do outro lado da mesa. Ela continua sua conversa com ele como se eu não estivesse bem na frente dela.

Fico atônito por um segundo. Nunca ninguém me dispensou assim.

— Lola, preciso falar com você.

— Louise — ela me corrige. — E não temos nada para conversar. De qualquer forma, como eu estava dizendo...

A trepidação enche meu peito, mas afasto minha ansiedade. — Estou aqui para fazer o que eu deveria ter feito na sexta-feira.

Ela inclina a cabeça para trás para olhar para mim. A raiva brilha nos olhos dela, mas vacila quando a tristeza toma espaço. Um nó se forma na minha garganta ao notar seu rosto inchado e os olhos avermelhados.

Isso me leva de volta à sexta-feira e ao arrependimento que senti ao vê-la chorar.

Ela desvia os olhos dos meus e olha para o idiota, dando-lhe um sorriso de desculpas.

— Desculpe, eu...

Ele desliza para fora da cabine e eu me afasto para que ele possa sair. Embora pareça que ele queira prolongar a situação, pois não sai imediatamente.

— Meu intervalo acabou de qualquer forma. Tenho que voltar, mas vejo você mais tarde.

— Ok, vejo você mais tarde. — Ela sorri para ele.

— E você estava certa. Eu desenhei um café com leite. — Ele mostra a ela o bloco de notas com a imagem de uma xícara perfeitamente desenhada.

Ela dá uma risadinha. — Você é um pouco previsível demais.

Ok, eu já superei isso. — Tudo bem, bem, tchau.

Seu sorriso se intensifica, mas ele não diz nada para mim. — Tchau, Lola, vejo você mais tarde.

— Tchau, Darius. — Ela sorri para ele, mas quando ele finalmente se foi, ela me encara. — Eu sei o que você quer ouvir, e isso não vai acontecer. Você está desperdiçando nosso tempo.

Meus lábios se separam, mas não consigo dizer o que preciso dizer. Sei que preciso acabar com isso, em vez disso, fico aqui como um idiota, olhando para ela.

Ela levanta uma sobrancelha, sem se impressionar. — Então?

Suspiro e deslizo para a cabine em frente a ela e, no processo, minhas pernas acabam roçando as dela. Alguém poderia pensar que ela se queimou, pois ela se sacode no lugar e rapidamente afasta as pernas. No entanto, ela só pode se mover até certo ponto, porque a cabine não é das maiores e minhas pernas são muito longas.

Uma de suas pernas acaba entre as minhas e a outra do outro lado de mim. Ela não diz nada, mas olha para mim como se a culpa fosse minha.

— Não olhe para mim desse jeito. Não posso evitar.

— Tanto faz.

Eu contenho a vontade de fazer um comentário inteligente, sabendo que isso não vai me ajudar em nada. Ela já está irritada e sei que, se eu não tomar cuidado, ela acabará indo embora.

Suspiro, colocando um dos copos na frente dela. — Trouxe isso para você.

Ela fica olhando para ele por um momento longo demais e depois o desliza de volta. — Eu não quero.

— Mas eu o comprei para você. — Eu o deslizo de volta.

Lola fecha os olhos por um momento enquanto seu peito se eleva em uma inspiração. Ela solta um longo suspiro e volta a abrir os olhos. Acho que ela vai empurrar de volta, mas então ela pega a bolsa que estava ao lado e tira a carteira. Ela tira uma nota de vinte dólares e a coloca bem na minha frente.

— Vou levar isso porque odeio desperdiçar, mas não preciso nem quero *nada* de você. Isso é por hoje e pelas duas últimas vezes que você me comprou café. Não faça isso de novo.

— Lo-Louise — eu me corrijo quando sua carranca se aprofunda. — Não quero seu dinheiro. Eu escolhi comprar isso para você. — Deslizo a nota de vinte de volta em sua direção.

— Eu não vou fazer isso. — Ela se levanta e, em meu pânico, coloco minha mão em seu pulso.

Percebo o quanto isso é errado no segundo em que o faço e me arrependo imediatamente, mas não pelos motivos que deveria.

Largando minha mão, engulo e pego a nota de vinte. — Não vá.

A hesitação se instala em seus olhos quando eles se voltam para as escadas. Acho que a qualquer momento ela vai embora, mas não vai.

— Eu nunca quis que isso acontecesse e não disse nada. Se você veio aqui para que eu mentisse para você porque é o que quer ouvir, isso não vai acontecer. — Ela coloca a mão em volta do copo, tamborilando suavemente os dedos ao longo dele.

— Achei que você tinha dito alguma coisa, e eu...

Ela zomba. — Você não entende por que eu quis contar em particular? Não pode me dizer que não viu o que andam dizendo sobre mim. Você realmente acha que era isso que eu queria?

— Sobre você? Eles estão falando mal de mim também.

Fico olhando para ela, confuso, quando ela tira o celular da bolsa e o desbloqueia. Ela toca a tela algumas vezes até olhar para mim e depois para o celular.

Sinto muita pena do TJ. Ele não merece isso. É claro que alguém usaria o TJ para chamar a atenção. Ninguém acredita nela. São sempre as perseguidoras de camisa que fazem merdas como essa. Todo mundo sabe o que ela quer. Eu não ficaria surpreso se ela fosse passada para trás por toda a equipe. São vadias como essa que anseiam por atenção. O TJ vai entrar na seleção e ela vai tentar ficar com todo o dinheiro dele. Uma vadia desesperada e em busca de atenção.

Se eu não estava me sentindo uma merda antes, com certeza estou me sentindo agora. Minha mandíbula endurece com a forma como seu lábio treme e sua voz fica trêmula.

— Ok, é o suficiente.

— O suficiente? Você acha que isso é o suficiente? — O nariz de Lola se enruga quando ela coloca o telefone na mesa. — Você acha que basta dizer o suficiente e os comentários vão desaparecer de alguma forma? Eles não vão, mas não se preocupe com o que estão dizendo sobre você. A maioria tem pena de você e, se não estiverem sentindo pena de você, estão apenas chocados por você ter engravidado *uma* garota qualquer. Embora o choque não dure muito tempo, pois dizem que isso acontece o tempo todo. Portanto, não se preocupe, você será mais um cara que engravidou uma garota, mas eu, eu sou aquela que arruinou tudo para *você*. Sei que você acredita que fui eu que disse algo, mas não disse. Você *não vale nada disso.*

Ela leva o copo aos lábios e desvia o olhar, mas ainda vejo o brilho úmido nos olhos e a mão trêmula em volta dele.

Nunca me odiei tanto. Essa foi a única vez em que precisei pensar antes de falar e não o fiz.

— Eu só pensei...

— Você não precisa se explicar para mim. Você me disse exatamente o que pensava na sexta-feira. — A expressão dura em seu rosto me diz que ela terminou e que, a qualquer momento, ela vai se levantar.

O nervosismo aumenta e a ansiedade retorna. — Eu quero fazer um teste.

Eu sei que estava convencido de que não queria fazer um, mas enquanto dirigia, não conseguia parar os pensamentos que giravam em minha cabeça. Tampouco consegui parar a necessidade irresistível de saber se era verdade. Embora haja uma sensação incômoda de que é, e não consigo desligá-la, por mais que tente.

Tentei me fazer acreditar que era uma mentira, mas não importava quantas vezes eu dissesse a mim mesmo, não conseguia acreditar. Quanto mais tempo fico aqui sentado olhando para ela, mais profunda é a percepção de que ela não está mentindo.

Os olhos de Lola se arregalam. — Você quer fazer um teste?

Aceno com a cabeça e engulo em seco, limpando as palmas das mãos suadas na calça jeans. — Sim. Eu deveria ter concordado com isso na sexta-feira, mas estava muito irritado e... achei que você estava mentindo.

Pego meu copo, mas não chego a beber quando sinto a palma da mão de Lola no meu joelho.

— Sua perna estava balançando e roçando na minha.

Como não percebi que estava fazendo isso? Foram necessárias muitas sessões de terapia para controlar meu joelho que balançava toda vez que eu ficava nervoso, e achava que tinha melhorado no controle, mas parece que não.

— Não, desculpe — falo e tento desviar minhas pernas para o lado novamente, mas é inútil quando minhas pernas tocam as dela outra vez. Fico quieto e tomo um gole da minha bebida para controlar a vontade de me mexer novamente.

A bebida é deliciosa, mas é difícil apreciar o sabor da canela e do bordo quando Lola está me encarando com um olhar que não consigo decifrar.

— Você realmente quer fazer um teste?

— Sim, eu quero.

Ela pondera, franzindo os lábios. — Preciso encontrar uma clínica e...

— Eu já encontrei uma. Não é muito longe daqui. Se você quiser, podemos fazer isso amanhã?

Depois que aceitei a ideia de fazer o teste, pedi aos meus pais que me ajudassem a encontrar um lugar que nos desse os resultados o mais rápido possível.

Ela mexe na proteção que envolve seu copo. — Tenho que trabalhar amanhã e quinta-feira, mas estou livre na sexta-feira.

— Ok, bem, eu vou amanhã, porque estarei ocupado na sexta-feira, mas vou lhe enviar o local.

— Oh... ok.

— Por causa do basquete. — Não sei por que estou me explicando para ela, mas não consigo parar. — Com a temporada chegando, estamos treinando mais.

— Certo, eu vou na sexta-feira — diz Lola antes de sair da cabine.

Por algum motivo desconhecido para mim, meus dedos se mexem e sinto a necessidade de pará-la. Não tenho a menor ideia do motivo, mas não faço isso. Eu a vejo pegar suas coisas e ficar na ponta da mesa.

Lola hesita, seus lábios se separam e depois se fecham, mas então ela balança a cabeça. — Tchau.

Quero dizer mais alguma coisa, mas me seguro. Fiz o que precisava fazer, e isso é tudo o que importa. Não é mesmo?

— Tchau...

Eu a vejo se afastar e, assim como na sexta-feira e no sábado, parece errado.

CAPÍTULO 19

TJ

Dez dias.

Foi tudo o que tive para me preparar para este momento. Eu deveria saber que nenhum tempo seria suficiente para me preparar para isso. Quando me sento ao lado da cama, segurando o envelope branco que determinará o resto da minha vida, nunca nada pareceu tão esmagador

A ansiedade toma conta de mim, as palmas das minhas mãos não param de suar, meu joelho não para de balançar e meu coração martela, descompassado, contra minha caixa torácica.

— TJ!

— O quê? — Minha cabeça se volta para a porta.

Não percebi que havia perdido o foco até ver Saint enfiar a cabeça pela pequena fresta.

— Bati na porta algumas vezes, mas você não respondeu. Só estou me certificando de que você está bem. — Seus olhos azul-claros piscam para o envelope ainda fechado em minhas mãos. — Sei que não é da nossa conta, mas estamos aqui, caso precise de qualquer coisa.

Saint abre minha porta com força. O restante dos meus colegas de quarto está ao lado dele. Além do treinador, meus pais e Lola

saberem sobre o teste, contei aos rapazes. Apesar de nossas discussões e desentendimentos, confio neles mais do que em qualquer outra pessoa.

Balanço a cabeça, pedindo que eles entrem.

Saint se senta ao meu lado, Jayden fica na cadeira, Jagger fica no chão e Landon se encosta na parede. Eles não dizem nada, mas o silêncio é mais alto do que as palavras quando todos olham para o envelope.

Talvez seja porque eles estão aqui, mas um pouco da tensão e da pressão diminuem. Com uma inspiração profunda, rasgo a lateral e retiro dois pedaços de papéis bem dobrados de dentro. Soltando um suspiro trêmulo, eu os desdobro e leio o primeiro.

Certificado de Teste de Paternidade

Theodore Jackson Kingston, 26 de maio.

Phoenix Larson, 6 de março.

Passo os olhos pelo documento, pulando as partes que já conheço. Colocando o primeiro papel sobre a cama, leio o segundo, e meus olhos imediatamente se fixam nos resultados. Há um gráfico com três linhas. Uma intitulada Sistema de DNA, a segunda linha com os critérios de DNA com meu nome e a última com os critérios de DNA de Phoenix Larson.

Passo os olhos pelo gráfico. Quando chego ao final, prendo a respiração.

Conclusão:

Com base em nossa análise, está praticamente comprovado que o Sr. Theodore Kingston é o pai biológico da criança Phoenix Larson.

Dez, vinte, trinta vezes, reli a conclusão. Todas as vezes, ainda acho difícil de acreditar. Embora não devesse, porque, no fundo, eu sabia que esse seria o resultado.

Eu sou... pai.

Oh, meu Deus, sou pai.

— O que está escrito? — Saint pergunta, rompendo meu choque.

Meus lábios se separam, mas nenhuma palavra sai. Tento novamente, mas minha boca está muito seca.

— TJ... — Jayden diz com cautela.

— Hmm. — Não consigo me concentrar em nada do que ele está dizendo, porque está tudo no papel. As palavras se misturam até que tudo o que vejo são pontos pretos dançando em minha visão.

— O que está escrito?

Meu silêncio é resposta suficiente, mas sei que eles precisam me ouvir dizer isso verbalmente. Eles não são os únicos; o papel é uma confirmação suficiente, mas sei que preciso me ouvir dizer isso em voz alta.

— Eu — limpo a garganta diante da aspereza e da tensão em minha voz. — Deu positivo. — Engulo seco, desviando os olhos do papel para eles. — Eu... sou pai. Phoenix... ele é meu filho.

Todas as expressões são as mesmas, exceto a de Landon. A dele é estoica. Surpreendentemente, ele não diz nada, não faz um comentário inteligente, nem nenhum dos outros rapazes. Mas o que eles poderiam dizer? Parabéns?

Saint pega o papel das minhas mãos. Quando ele termina de lê-lo, Jagger o pega e depois Jayden. Landon é o único que não olha para ele, não que ele pareça interessado.

— Tudo bem, mas Phoenix é um nome muito ruim. — Saint sorri, balançando a cabeça para si mesmo.

— Você só pode estar de brincadeira — Jagger o encara, incrédulo.

— Sim. Quero dizer, você poderia imaginar se Lola o chamasse de Stewart ou algo assim?

Não posso acreditar, gosto muito do nome, mas não posso compartilhar o entusiasmo de Saint.

— Jesus Cristo, TJ — diz Landon com firmeza, apertando a ponte do nariz.

— O que...

— Eu sei que não era o que você queria, mas o que você esperava? Você transou. Sexo dá nisso, seu idiota. Crianças nascem de sexo. — Há uma mordida em seu tom quando ele olha para mim, irritado. — Entendo que você está chocado, mas vai ter

que se recompor. Você já tem sua resposta. Agora precisa fazer uma escolha. Seja um pai ou deixe essa merda para trás e aja como se nunca soubesse. E se decidir se afastar, certifique-se de *nunca* olhar para trás, porque a última coisa que essa criança precisa é a esperança de alguém que nunca vai aparecer.

Suas palavras são como uma ducha de água fria, tirando-me de um estado de confusão e trazendo-me de volta à realidade. Nunca pensei que Landon fosse tão duro e direto, mas ele tem razão. Preciso me recompor e fazer uma escolha.

— Você está certo.

— Então, o que você vai fazer? — Jagger pergunta.

CAPÍTULO 20

lola

TJ: Estarei aí em 5 minutos.

TJ me enviou uma mensagem de texto há duas horas, perguntando se poderíamos nos encontrar, porque ele finalmente recebeu os resultados. Ele não entrou em detalhes, mas sei que ele vai dizer uma de duas coisas. Ou ele vai querer fazer parte da vida de Phoenix ou vai me dizer que não quer.

Se dependesse de mim, eu não teria concordado em encontrá-lo. Se dependesse de mim, eu teria ignorado a mensagem. Teria fingido que ele não existia e seguido em frente com minha vida, mas, apesar de fisicamente querer fazer isso, mentalmente não consigo seguir em frente.

Mesmo que eu nunca mais queira vê-lo, sei que não posso tomar essa decisão por Phoenix. Se houver uma chance de TJ realmente querer fazer parte da vida dele, não serei eu quem vai tirar isso dele. Mesmo que isso signifique que eu tenha que interagir com TJ no processo.

Não me importa que ele tenha se esforçado para dizer a seus seguidores que parassem de me assediar. Surpreendentemente, isso foi o suficiente para que a maior parte do assédio parasse. Ocasionalmente, recebo olhares no campus e há algumas pessoas

nas mídias sociais que ainda me xingam, mas não é tão ruim quanto na semana passada.

Nenhum de seus amigos me disse nada. Eu os vi pelo campus e eles acham que não noto que estão olhando para mim, mas noto. Quanto ao Saint e ao Jagger, não os vi em sala de aula, mas o Saint ocasionalmente me manda mensagens. Polly não me trata de forma diferente. Ela deve ter percebido que eu não me sentia à vontade para falar sobre isso, pois não tocou no assunto.

Se todos os outros fossem assim.

Solto um suspiro e, antes de fechar os olhos, ouço um carro parando. Quando viro a cabeça, vejo o G-Wagon preto do TJ estacionado ao meu lado.

Isso é para Phoenix. Digo a mim mesma ao sair do carro.

— Olá, desculpe o atraso.

— Está tudo bem.

Seu cabelo está úmido e sua camisa está amassada, mas, apesar disso, ele está bonito. Eu jamais admitiria em voz alta, mas não dá para negar: ele é bonito.

— Eu tive treino. Isso é constrangedor, mas eu lavo minhas roupas e nunca as tiro do cesto — explica ele. Seu olhar desce para a parte amassada da manga longa de sua camisa e volta para mim.

— Você não precisa se explicar para mim. — Dou de ombros, esperando não parecer tão irritada quanto me sinto.

Eu não deveria estar irritada. Sei por que ele está atrasado e não parece que tenha feito de propósito. Especialmente quando

noto dois copos em suas mãos. Mas não me concentro neles, pois noto a pulseira. Ela mal aparece por baixo da manga de sua camisa, mas eu a vejo.

Ele estende um copo grande, distraindo meus pensamentos da pulseira. Preciso de tudo em mim para não o aceitar. Eu mal dormi na noite passada.

— Eu comprei isso para você.

— Não tenho dinheiro comigo no momento e não quero. — Cruzo os braços contra o peito e dou um passo para trás. — Podemos conversar para que eu possa ir embora? Tenho coisas para fazer.

Ele engole, com o pomo de Adão subindo e descendo, mas não retira a mão. — Eu não quero seu dinheiro, e...

— TJ-

— Lo-Louise — ele suspira. — Sinto muito por tudo o que eu disse. Sei que isso não vai consertar nada e não trouxe isso para que você pudesse me perdoar. Comprei isso porque... pensei em você. É algo que nunca experimentamos antes. Por favor... apenas aceite.

— Mas você disse...

— Eu sei o que eu disse e realmente sinto muito, e sei que nenhum pedido de desculpas será suficiente, mas eu realmente sinto. Sinto muito, Louise.

A sinceridade em sua voz, juntamente com o calor e a suavidade de seus olhos, *quase* derrubam o muro que construí. Mas ele está certo. Nenhum pedido de desculpas será suficiente.

Pego o copo, certificando-me de que meus dedos não toquem os dele.

Suas sobrancelhas se erguem, provavelmente surpreso por eu ter aceitado sem discutir com ele, e um sorriso fraco e aliviado se forma em seus lábios.

— Estou levando isso porque realmente preciso. Da próxima vez que eu o vir, vou pagar. — Quando seus lábios se separam, balanço a cabeça, fazendo-o saber que não vou discutir com ele. — E só para deixar claro, não me importo com suas desculpas. — O sorriso em seu rosto desaparece e sinto um leve puxão em meu peito, mas o ignoro. — Não estou aqui por você ou por mim. Estou aqui por Phoenix.

Eu costumava sonhar com esses cenários impossíveis, onde TJ, Phoenix e eu seríamos... uma família. Parece estúpido e extremamente rebuscado, mas não é como se eu tivesse controle sobre o que sonho. Quando eu acordava no meio da noite, às vezes esses sonhos pareciam tão reais... que eu continuava vivendo no sonho enquanto estava acordada.

Mas, no final, eram apenas sonhos. Nada real. Assim como este momento aqui.

Enquanto TJ e eu estivermos diante um do outro, sempre seremos nada mais do que duas pessoas que têm um bebê juntas.

— Certo, é sobre isso que estou aqui para falar com você.

Ele inclina a cabeça na direção do parque, olhando para uma mesa de madeira que fica ao lado de um lago. Sorrio para mim mesma, sabendo que Phoenix adoraria vir aqui.

— Você já esteve aqui antes? — pergunta TJ.

— Não, é minha primeira vez aqui. Por quê?

— Você me pediu para encontrá-la aqui. Achei que você já tinha estado aqui antes.

— Este parque fica bem no meio. Achei que seria justo se nos encontrássemos na metade do caminho.

— Na metade do caminho? — Eu ouço a confusão em sua voz.

— Moro a uma hora de distância do campus. Estou exausta demais para dirigir uma hora para voltar, então optei por este lugar. É a mesma distância para nós dois.

— Se soubesse, eu...

— Não se preocupe com isso. Não é nada demais.

A última coisa de que preciso é que ele sinta que precisa se esforçar por mim. Como comprar esse café idiota que eu ainda não experimentei.

Ele não diz nada quando chegamos à mesa. Quando nos sentamos, um em frente ao outro, sua perna roça na minha, como aconteceu na cafeteria. Tento mover minhas pernas, mas, de alguma forma, elas ainda acabam tocando as dele.

— Desculpe, eu realmente não consigo evitar.

— É claro que não consegue — digo com sarcasmo.

— Posso ficar de pé, se você quiser? — ofereço.

— Não, tudo bem.

Levo o copo aos lábios e tomo um gole lentamente, certificando-me de não queimar a língua. Tento me concentrar no sabor doce do caramelo e do que parece ser açúcar mascavo com canela, mas seu joelho roça na parte externa da minha coxa.

— Então...

— Eu, uh. — Ele solta um suspiro baixo e passa os dedos pelo cabelo. — Sei que não é o que você quer ouvir, mas sinto muito. Não posso mudar o que eu ou alguém disse, mas só quero que saiba que realmente sinto muito. Quando você me contou, eu pensei – pensei que você estava tentando me usar. Você não acreditaria nas pessoas que tentaram me usar...

Eu dou uma risada seca.

— Diga — ele pede.

Penso nisso, mas, em vez disso, balanço a cabeça. — Não interessa. Eu só quero...

— Um idiota. Um pedaço de merda. Você pode dizer isso, Lola, eu sei que sou o maior idiota por fazer suposições. Não se contenha.

Eu afasto minha franja. — Isso não faria com que eu me sentisse melhor. — Encolho os ombros quando a lembrança do que foi dito sobre mim on-line passa pela minha cabeça. A dor em meu peito volta como se fosse a primeira vez que estivesse lendo aqueles

comentários odiosos. — Eu só quero seguir em frente. Como falei, não estou aqui por nós. Estou aqui por Phoenix.

Desvio meu olhar do dele e fico olhando para longe, observando o sol que começa a se pôr lentamente. Fazendo com que o céu pareça algodão doce com tons de rosa, roxo e listras amarelas.

— Quero fazer parte da vida dele, e não quero que você me odeie.

As palavras de TJ me levam de volta a ele. Elas se repetem como se estivessem presas em um loop, mas ainda assim, tenho dificuldade em acreditar que o que ele disse é verdade.

Não deveria ser chocante, considerando que isso é algo que eu previ, mas estava mais inclinada a achar que ele não queria ter nada a ver com Phoenix.

— Você quer mesmo estar na vida dele?

TJ se senta mais ereto e apoia as mãos sobre a mesa, entrelaçando os dedos, mas ele as solta e em vez disso, coloca a mão em volta do copo. Seu joelho balança, roçando em minha perna. Seus ombros estão tensos e a apreensão marca seu rosto.

— Sim, eu quero. Para ser sincero, isso me dá muito medo. Estou tendo dificuldades para entender o fato de que sou... pai, mas se você me permitir, quero fazer parte da vida de Phoenix.

— Não me arrependo de ter tido Phoenix, mas estar grávida aos dezenove anos não era algo que eu queria. Houve muitas oportunidades que perdi, coisas que tive de recusar e pessoas que... perdi.

Não posso acreditar que confiamos em você. Depois de tudo o que fizemos por você, é assim que nos retribui? Não posso acreditar que nossa filha seja uma prostituta.

Não tenho certeza se podemos continuar a chamá-la de nossa filha.

— Peaches?

Pisco os olhos, tirando-me do flashback. Eu me odeio por ter ido até lá, por ter pensado neles.

Eu o encaro. — Não me chame assim.

— Desculpe. — Sua bochecha se contrai e posso dizer, pelo divertimento que transparece em seus olhos, que ele não está arrependido de forma alguma. Mas então a expressão em seu rosto se suaviza e, pelo meu ângulo, vejo sua mão livre se aproximar de mim, mas ele não me toca. — Sinto muito por tudo. Pelo que disse, pela forma como reagi. Você não merecia isso. Eu realmente sinto muito.

— Já lhe disse que está tudo bem. Eu só quero...

— Eu sei o que você quer, mas não quero que você me odeie. — Ele passa os dedos pelos cabelos, abaixando a cabeça por um momento. E quando ele a levanta e nossos olhos se fixam, vejo o desespero brilhando em seus olhos, mas devo estar vendo coisas. — Eu realmente não odeio.

Apesar do que meu cérebro pode ou não querer acreditar, eu me lembro do motivo pelo qual estou aqui.

— Eu não sinto nada por você. — Não entendo por que a sensação de afundamento em meu estômago volta, mas volta, e quando vejo seus ombros caírem e o calor em seus olhos evaporar, ela se aprofunda ainda mais. — Eu não odeio nem gosto de você. Já lhe disse por que estou aqui e, se você quer mesmo apoiar Phoenix, preciso dizer isso.

— Se você quer fazer parte da vida dele, preciso saber se você *realmente* vai estar lá. Preciso saber que você não estará presente apenas quando for conveniente para você ou se tiver vontade. Entendo que sua vida é agitada e que você tem muita coisa para fazer, mas eu também tenho, e ainda assim arrumo tempo para ele. Portanto, estou aqui para lhe dizer que não tenho tempo para desculpas ou besteiras. A última coisa que quero é desapontá-lo porque você decidiu que isso era demais para você. — Faço uma pausa, lambendo meus lábios secos. — Entendo que tudo isso é novo para você. Sei que é estressante entrar em algo para o qual nunca se preparou, mas não vou deixá-lo fazer isso sozinho. Estarei aqui em cada passo do caminho até que possamos descobrir uma maneira de sermos pais juntos.

O silêncio nos envolve até que ele estende a mão e a coloca em cima da minha, envolvendo-a completamente. Não entendo por que ele está me tocando até que olho para minha outra mão e vejo como ela treme.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter tocado em você. — Ele retira a mão, mas a mantém bem em frente à minha, onde nossos dedos médios se tocam. — Eu não faço muitas promessas, mas prometo não dar desculpas ou fazer besteira. Aniversários,

feriados, reuniões de pais e mestres, eu estarei lá. Prometo. Farei tudo o que puder para estar ao lado dele, e se você...

Eu o interrompo, afastando minha mão. — Só precisa estar presente para o Phoenix. É tudo o que peço.

Uma exalação resignada sai de seus lábios e ele acena com a cabeça. — Ok. Então, quando posso conhecê-lo?

— Tenho que trabalhar hoje à noite e amanhã de manhã, mas podemos nos encontrar aqui amanhã às quatro?

— Tem certeza de que quer se encontrar aqui? Eu posso dirigir até você...

— Phoenix não o conhece. Seria melhor se não fizéssemos isso muito rápido.

— Você tem razão. Estarei aqui amanhã às quatro.

Nenhum de nós diz nada. Nós nos deleitamos com o silêncio enquanto o sol se esconde sob as nuvens de algodão lilás.

Nos minutos seguintes, não falamos nada, apenas observamos o pôr do sol e tomamos nosso café até terminarmos.

CAPÍTULO 21

TJ

Algo acerta minha testa, arrancando meus pensamentos de Lola e Phoenix e me trazendo de volta ao crouton na mesa. Quando olho para cima, Jag joga um crouton no ar e o pega em sua boca.

— Eu chamei seu nome. Você não respondeu — diz ele, mastigando um pouco, dando de ombros.

— Eu disse para você parar de me chamar assim. — Eu bufo.

Os cantos de seus lábios se contraem. — Ah, vai, não faz essa cara. Ou vai ser Teddy ou Daddy. Escolhe aí, porque TJ é muito sem graça.

— Nenhum desses. — Mostro os dois dedos do meio para ele.

Jagger sorri, claramente divertido com minha irritação. — Não fui eu quem começou. — Ele segura uma risada enquanto desliza o telefone pela mesa até que ele esteja na minha frente. — Veja.

Sei que vou me arrepender de ter olhado, e é o que faço quando olho para os comentários na live do Saint. Os rapazes não iam sair hoje, então ele decidiu entrar ao vivo e cozinhar com Landon e Jayden.

Passo os olhos pelos comentários, tentando ignorar os sobre mim – impossível, já que são quase todos.

Não vamos ver nosso Daddy cozinhar também?

Onde está o pai do nosso bebê?

Se TJ fosse meu pai, eu não saberia o que fazer comigo mesma.

Vamos ver o garoto?

Sinceramente, o fato de TJ ser pai é a coisa mais gostosa que existe.

DILF!

Eu seria uma ótima madrasta!

Sou muito boa em trocar fraldas, se você precisar de uma babá.

— Droga — murmuro enquanto deslizo o telefone de volta para ele.

— Dá às pessoas o que elas querem, Daddy. — Ele ri, jogando outro crouton no ar.

Pego o crouton que ele jogou em mim e o atiro nele. Infelizmente, ele se move a tempo antes de ser atingido.

Ele ri e diz outra coisa, mas eu o ignoro. Eu me concentro nos rapazes enquanto eles cozinham a poucos metros de nós. Embora Landon odeie estar ao vivo, ele adora cozinhar, e Jayden adora as duas coisas. Ele sabe cozinhar e adora a atenção. Embora, quando Landon está no programa, a atenção esteja sempre voltada para ele e seu sotaque. Eu não entendo qual é o problema, mas as meninas ficam loucas com isso.

— Brincadeiras à parte, quando você vai anunciar que tem um filho ou não vai fazer isso?

Solto um suspiro, odiando-me quando meu joelho começa a tremer. Felizmente, ele não pode ver, mas, ainda assim, a ideia de que ele esteja vendo através de mim me deixa ansioso.

— Se a Lola estiver de acordo, eu o anunciarei hoje.

Havia muitas coisas que eu deveria ter perguntado a ela ontem, tantas coisas que eu deveria ter dito, mas fiquei paralisado. É patético, eu sei, mas hoje vou me certificar de dizer tudo o que preciso dizer.

Meu celular toca na mesa.

Alexia: Você está livre hoje à noite?

Alexia: Você sabe que estou aqui para você se precisar conversar ou se precisar de uma distração.

Ela tem me enviado mensagens de texto desde que a notícia vazou e se ofereceu para me deixar desabafar ou para usá-la como distração. Por mais tentador que pareça, não estou com vontade. A distração seria muito boa, mas sei que seria apenas temporária.

E, conhecendo-a, ela tentará arrancar informações de mim. Ela pode parecer empática, mas está longe disso.

Viro o celular, deslizo-o para o lado e para longe de mim.

— *Buon appetito stronzis*. — Saint coloca dois pratos fumegantes de macarrão na frente de Jagger e de mim.

Não sei ao certo quando pararam de cozinhar, mas os rapazes estão colocando tudo na mesa. Nem pergunto se precisam de ajuda, pois eles puxam as cadeiras para trás e se sentam.

— Não acredito que o TJ não estava na transmissão ao vivo e, mesmo assim, ele recebeu mais atenção do que o Landon normalmente recebe — disse Jayden, pegando a tigela de salada e colocando um pouco em seu prato. — Talvez eu devesse ter um filho.

Jag começa a rir. — Você ter um filho, Thompson?

— Você realmente quer ir lá? Você não sabe nem cozinhar. Tenho certeza de que seu filho passaria fome antes de chegar ao segundo dia — brinca Jayden.

Os rapazes, inclusive Landon, concordam com a cabeça, murmurando um *sim* enquanto enchem a boca de macarrão.

— Fodam-se todos vocês. O TJ nem sabe cozinhar. Vocês esqueceram que ele quase incendiou a casa? — responde ele na defensiva, apontando o garfo cheio de macarrão para mim.

— *Você* e TJ — Landon o corrige. — Você e TJ quase incendiaram a casa. TJ entrou em pânico porque o macarrão pegou fogo, e você colocou o pano seco em cima dele.

Landon e sua capacidade de se lembrar de tudo nos mínimos detalhes não são apenas estranhos, mas irritantes.

Um sorriso reminiscente curva os lábios de Saint. — É isso mesmo. Eu me sinto mal pelo Phoenix. Ele está fodido.

— Só porque eu não sei cozinhar não quer dizer que ele está fodido — retruco, mas quando eles ficam em silêncio, com os garfos batendo no prato, reviro os olhos. — Quer saber, não quero mais falar sobre isso.

— Não importa. Sua comida é irrelevante. O que eu quero saber é o que aquele urso enorme está fazendo no seu carro — pergunta Jayden com a boca cheia. — E eu vi doces lá dentro? O garoto não é um bebê? Ele pode comer isso?

Arqueio uma sobrancelha. — Você olhou dentro do meu carro?

Saint levanta a mão. — Eu também olhei, mas você não pode nos culpar. O urso está sentado no seu banco do passageiro.

— Phoenix gosta do Ursinho Pooh.

Depois que Lola e eu saímos do parque, dirigi um pouco para espairecer. Foi só quando passei por um shopping de outlets que tive a ideia de comprar algo para Phoenix. Talvez eu não saiba nada sobre ser pai, mas sei uma ou duas coisas sobre crianças.

Nos últimos três verões, participei do acampamento de basquete de verão que a NCU organiza para crianças. E durante as festas de fim de ano, não apenas compramos presentes de Natal para as crianças, mas também passamos tempo com elas. Algumas delas nem sequer querem presentes. Elas só querem passar um tempo conosco. Não passei muito tempo com crianças com menos de cinco anos de idade, mas segurei muitos bebês e crianças pequenas durante os encontros e cumprimentos.

Jagger ri. — Desculpe-me, mas não é engraçado que seu nome seja Teddy e seu filho goste de ursos? Não é apropriado?

— Não — eu digo sem rodeios.

— E quanto aos doces? — Jayden arqueia uma sobrancelha. — Ele não é muito pequeno para isso?

— Phoenix tem um ano e seis meses. Ele não é muito pequeno, e são biscoitos de xarope de bordo que se dissolvem facilmente. São os favoritos dele e Lola disse que ele os come o tempo todo.

Meu joelho começa a tremer só de pensar que ele pode não gostar deles. Não sei por que estou preocupado, mas quando tento fazer com que meu joelho pare, o outro começa a balançar. Tento me concentrar no macarrão à minha frente, mas quando sinto todos os olhares voltados para mim, o movimento para e eu olho para cima.

— O quê?

— Nada — eles dizem em uníssono e continuam comendo.

— Então, quando vamos encontrá-lo? — pergunta Saint.

O restante dos rapazes não precisa dizer isso em voz alta para que eu saiba que eles também estão curiosos para saber quando o encontrarão.

São poucas as pessoas que sabem que tenho um filho. Embora a maioria especule que seja verdade, depois que eu praticamente disse a todos na mídia social para se foderem e deixarem Lola em paz. O treinador e a Janet não aprovaram a forma como eu fiz isso, mas funcionou. Embora as pessoas ainda estejam falando mal, não é tão ruim quanto antes. Não é o que eu quero, mas não tenho muito controle sobre o que as pessoas fazem nas mídias sociais.

Também pedi a Gabby, Jagger, o melhor amigo de Landon, e nosso coordenador de mídia do time de basquete que fizessem um post contra o bullying.

Com meu garfo, arrasto meu macarrão de um lado para o outro. — Eu não sei. Meus pais querem conhecê-lo, mas não sei o que a Lola vai dizer. Ainda tenho que conversar com ela e ver como tudo isso vai se resolver antes que alguém possa conhecê-lo.

Quando compartilhei os resultados com meus pais, achei que eles iriam me xingar ou dizer que eu era uma decepção. Pensei que eles iriam dizer que eu tinha arruinado minha vida, mas não disseram.

Eles disseram que é inútil ficar remoendo algo que já aconteceu e que é preciso seguir em frente. Eles me deram um discurso sobre a importância de ser um bom pai e depois perguntaram quando poderiam conhecê-lo.

— Você sabe que vai se sair bem. — O tom de Jagger é sério, mas tranquilizador.

— Muitas pessoas têm filhos em uma idade jovem e se dão muito bem. Pelo que parece, Lola está se saindo bem e você também vai. — Landon não olha para mim, mas suas palavras são suficientes para aliviar um pouco a tensão.

— E nós apoiaremos você se precisar de alguma coisa. — Saint me dá um sorriso genuíno, fazendo com que eu saiba que ele está totalmente comprometido e não hesitará em me apoiar.

Já fui entrevistado inúmeras vezes. Já joguei em frente a milhares de pessoas. Já fiz discursos para grandes multidões. Mas todas essas coisas parecem tão insignificantes em comparação com o que estou prestes a fazer.

Já estive na televisão nacional mais vezes do que posso contar, mas a ideia de conhecer um filho que é meu faz meu nervosismo disparar.

Olho fixamente para o urso que comprei para Phoenix e para o pote de biscoitos de xarope de bordo que Lola diz que ele adora. Não sei se isso é demais, mas quando contei a papai e mamãe sobre isso, eles disseram que é uma maneira de conquistá-lo.

Esse pensamento me deixa nervoso porque, e se ele não gostar de mim? É ridículo pensar isso porque ele tem apenas um ano, e eu nunca sou de pensar demais, mas e se ele não gostar?

O som de um carro estacionando ao meu lado me tira de meus pensamentos. Quando vejo Lola sair do carro, limpo as palmas das mãos suadas nas coxas e pego as coisas que comprei para Phoenix e os copos de café que comprei para mim e para Lola.

Não comprei café na esperança de que ela me perdoe, mas se isso a ajudar a gostar de mim, nem que seja um pouco, será ótimo. Não que ela precise gostar de mim, mas faz sentido nos darmos bem pelo bem de Phoenix, certo?

Ao sair, fecho a porta atrás de mim, mas meus pulmões se contraem, fazendo com que seja doloroso respirar. Lola está a poucos metros de mim, com Phoenix apoiado em seu quadril.

Não tenho certeza de como explicar cada uma das emoções que me percorrem, mas quando olho para Phoenix, o que quer que eu estivesse sentindo segundos atrás se transforma em nada.

E então me lembro de sua postagem e da legenda.

Minha musa. Meu ursinho. Minha fênix.

Lembro-me de pensar que ele não se parecia em nada com ela, e é claro que não se parece. Ele se parece... exatamente como eu. Ele tem tudo o que eu tenho, e não há uma parte dele que se pareça com a Lola.

Desde os cachos em sua cabeça até a cor de seus olhos, ele se parece muito comigo. E ele tem apenas um ano, mas parece alto.

Phoenix se aninha mais profundamente no peito de Lola, tentando ficar o mais fisicamente próximo possível dela. Ele deita a cabeça em seu ombro e me olha com cautela, mas quando olha para o urso, vejo a curiosidade em seu olhar.

Ele sorri timidamente e juro que, se estivesse olhando para uma foto minha na idade dele, não saberia dizer a diferença.

As palavras saem da minha boca antes que eu possa me conter. — Ele não se parece nada com você.

Sei que fiz uma grande besteira quando ela faz uma carranca profunda e revira os olhos. — Sim, eu sei. Não preciso do lembrete, mas pelo menos agora você não pode negá-lo.

Sinto a amargura em sua voz e sua tentativa de me fazer sentir mal pelo que eu disse. Mas apesar do seu golpe e da dor que sinto, não posso ficar bravo. Eu mereço isso.

— Não vou. Prometo. — Inspiro profundamente, expiro lentamente e, quando finalmente olho para ela, eu me sinto bem. E tudo parece que vai ficar bem. Não faço ideia de onde veio isso, mas ignoro e estendo o copo para ela. — Comprei isso para você.

— Eu falei...

— Eu comprei o urso e os lanches para ele. É justo que eu lhe dê algo.

Não consigo evitar a forma como os cantos dos meus lábios se erguem diante da empolgação que cresce em seus olhos. Ele ainda parece hesitante, mas aos poucos isso vai se desfazendo quanto mais ele olha para o urso.

— Você não precisava fazer isso. — Ela solta um suspiro pesado, mas seus olhos se arregalam ao ver os dois copos em minha mão. — Eu só trouxe dinheiro para um...

— Não quero seu dinheiro. Só quero que você pegue o copo, por favor. É algo novo — eu peço.

Seus lábios se apertam em uma linha reta, e acho que ela não vai aceitar, mas então ela usa a mão livre para agarrá-lo. Respiro fundo quando seus dedos macios tocam os meus. Do nada, sinto um choque que interrompe a forma como meu coração bate contra o peito.

— Obrigada. Você não precisava fazer isso, e não precisava comprar o urso para Phoenix. Ele tem muitos deles em casa. — Ela sorri para ele.

Eu me deleito com o sorriso. Sei que não foi feito para mim e sei que não vai durar muito. Desde o dia em que fiz besteira, ela não sorriu para mim. Sei que mereço isso, mas, porra, não tinha percebido como seria bom vê-la sorrir novamente.

— U-urso.

Ele estica uma mãozinha rechonchuda, mexendo os dedos para que eu o entregue a ele. A hesitação desapareceu, substituída pela empolgação.

Ela o olha de cima a baixo, rindo suavemente de sua vertigem e da forma como ele se contorce contra ela. — Você quer o urso?

— Sim! — Ele acena ansiosamente com a cabeça, seus cachos balançando a cada movimento.

— Antes de você pegar o urso, preciso lhe dizer uma coisa, ok?

Ele balança a cabeça, com os olhos focados no urso.

— Este é o TJ. Ele é... — Ela faz uma pausa, pensando no que quer dizer. — Ele é seu... pai.

Eu congelo, não esperando que Lola dissesse isso abertamente. Embora eu não tenha certeza de que exista uma maneira perfeita de contar a ele. Porque como alguém dá uma notícia como essa?

Há um momento de silêncio quando o olhar de Phoenix se volta para o meu. Ele inclina a cabeça para um lado, olhando para mim

com curiosidade. Eu não esperava aquele sorriso enorme, cheio de dentes, que explode no rosto dele logo em seguida.

— Urso!

Dou uma risada com seu entusiasmo e estendo o urso para ele pegar. — É todo seu, amigo.

Quando ele pega o urso das minhas mãos, juro que seus olhos brilham e aumentam de tamanho. Ele o abraça com força, como se tivesse medo de que eu o levasse embora.

— Imagino que ele realmente gosta. — Eu sorri.

— Na verdade, ele ama. Phoenix é completamente obcecado pelo Ursinho Pooh. Não é mesmo? — Ela cutuca a barriga dele algumas vezes.

Não tenho certeza do que é, mas ao observá-los, sinto um forte desejo de abraçá-los e protegê-los. Não tenho ideia de onde vem isso, mas o pensamento é interrompido quando ele se contorce contra ela e exige ser colocado no chão.

— Para baixo— ele diz novamente até que seu desejo seja finalmente realizado.

Eu o alcanço quando ele cambaleia, mas Lola coloca a mão em meu braço e me impede.

— Ele está bem. — Ela sorri timidamente e retira a mão. — Às vezes, ele fica um pouco trêmulo, mas não se preocupe, o pior que pode acontecer é ele cair.

Minhas sobrancelhas se franzem. — Mas se ele cair, ele não vai...

— Talvez, mas ele aprenderá a ser cuidadoso. — Ela sorri ao ver a expressão de confusão em meu rosto. — Prometo que ele vai ficar bem. Se ficarmos por perto, ele se tornará muito dependente de nós.

Nós.

— Tudo bem, mas podemos observar de longe?

— Ah, sim, vamos ter que fazer isso porque... — Tudo acontece muito rápido. Phoenix nos olha por cima do ombro e, sem pensar duas vezes, sai correndo. — Porque isso vai acontecer.

É impressionante como ele é rápido, mas em dois passos eu o pego antes que tropece no urso. — Devagar, campeão, você vai cair. — Eu o levanto com uma mão, mas imediatamente percebo que fiz exatamente o que Lola disse para não fazer. — Desculpe, eu...

— Está tudo bem. Isso é bom para ele, para que se familiarize com você e se sinta confortável ao seu lado. Pelo jeito, não parece que vai demorar muito. Acho que você o conquistou com o urso.

Uma onda de alívio toma conta de mim, mas logo se mistura a outras emoções difíceis de processar.

— Para baixo — ele exige, como fez com Lola.

Assim que faço o que ele diz, ele foge, mas em vez de agarrá-lo, como me sinto tentado a fazer, eu o deixo em paz. Apesar da preocupação que me atormenta de que ele possa se machucar.

— Bem-vindo à paternidade. Isso é apenas o começo.

CAPÍTULO 22

Lola

— Mais! — Phoenix ri, levantando os braços no ar enquanto eu o empurro no balanço. — Empurre o Win!

Os olhos de TJ passam entre o urso e Phoenix, e então ele olha para mim. Como não há quase ninguém no parque e ninguém está usando os balanços, coloquei o urso em um deles.

Dou de ombros, lutando contra um sorriso. — É melhor não discutir com ele. Basta empurrar o urso.

Seus lábios se entreabrem como se ele quisesse dizer algo, mas, em vez disso, ele sorri e faz o que lhe foi pedido.

Empurramos os balanços sem dizer nada um ao outro. O único barulho vem do Phoenix, das correntes de metal que rangem de vez em quando e de uma família próxima no trepa-trepa.

Eu sei o que preciso dizer e sei que quanto mais tempo deixar esse silêncio se prolongar, mais tempo ficaremos aqui. A última coisa que quero é estar com TJ mais do que o necessário. Estamos aqui apenas pelo Phoenix. Eu deveria estar feliz por ele ter vindo vê-lo, mas a mágoa ainda permanece de suas palavras. Eu deveria deixar isso para lá, mas não consigo.

— Lola?

Penso se vale a pena dizer a ele para não me chamar assim, mas para não discutir na frente de Phoenix, não o corrijo. Eu deveria estar grata por ele não estar me chamando de Peaches.

— Hmm?

— Você gostou do seu café?

Por mais que eu queira dizer a ele que não gostei, não posso negar o quanto é bom. Especialmente porque tem a espuma fria de chocolate por cima e quatro doses de café expresso. Se eu não estivesse brava com ele, eu o abraçaria, porque era exatamente isso que estava desejando hoje de manhã.

— Sim, está bom — respondo com indiferença.

— Se você não gosta desse, posso comprar outro para você.

Quero ficar brava com ele. Não, preciso ficar brava, mas é difícil quando ele está me olhando como se fosse largar o que está fazendo para me comprar outro café.

— Não há necessidade disso. Eu realmente gostei.

— Tem certeza?

— Sim. — Forço um sorriso.

— Está bem.

Tomo um gole da minha bebida. Detesto que, nesse momento, meus olhos pousem na pulseira idiota que dei a ele. As lembranças daquela semana ressurgem em minha cabeça e, por mais que eu tenha pavor de pensar nelas, a única coisa boa que aconteceu está bem na minha frente.

O que me leva ao motivo de estarmos aqui.

— Estive pensando em como vamos fazer isso funcionar e acho que seria uma boa ideia vê-lo pelo menos uma ou duas vezes por semana. Quanto mais você estiver perto dele, mais familiarizado e confortável ele ficará com você.

— Parece uma boa ideia. — Ele sorri e me dá pena ver isso, porque me faz lembrar o quanto ele e Phoenix são parecidos e o quanto eu gostei daquele sorriso no início.

— No que diz respeito a nossas agendas.

— Ah, quase me esqueci — ele me interrompe, enfiando a mão no bolso da frente da calça jeans. Ele tira um pedaço de papel bem dobrado e o entrega para mim. — É a programação do basquete. Sei que você pode consultá-la on-line, mas achei melhor entregá-la a você — explica ele, enquanto eu a pego.

Não tenho certeza se devo ficar chocada ou impressionada com o fato de ele ter se esforçado para fazer isso.

— Tecnicamente, a temporada só começa em novembro, mas temos o Live Action na próxima sexta-feira — diz ele enquanto eu folheio a programação, observando que o primeiro jogo é logo no início de novembro. — Eles apresentam a equipe, os jogadores, há um jogo de treino e, no final, fazemos um meet and greet. É legal e todo mundo se diverte muito...

TJ para, e quando olho para ele, ele está encarando Phoenix, então seu olhar se volta para o meu. O sorriso em seu rosto se torna pequeno e juro que vejo um lampejo de ansiedade em seus olhos, mas quando pisco os olhos, ele desaparece.

— Se você quiser ir, posso conseguir ingressos para você. Phoenix não precisará de um, pois pode sentar-se em seu colo, e se suas amigas quiserem ir, também posso conseguir ingressos para elas.

Minhas sobrancelhas se erguem de surpresa. — Você quer que a gente vá?

— Sim, eu quero. Minha família também estará lá, e eles gostariam de conhecer você e Phoenix.

Se minhas sobrancelhas pudessem ficar mais altas, tenho certeza de que ficariam.

— Eles querem conhecer... nós dois?

Ele ri do choque em minha voz. — Sim, eles realmente adorariam conhecer vocês dois. Especialmente Phoenix. Eles querem ter netos e sabem que meu irmão Ben e sua esposa não têm planos de ter filhos tão cedo, por isso estão animados.

— Oh...

Sei que preciso esquecer isso e seguir em frente, mas nada dói mais do que saber que meus pais não querem ter nada a ver comigo ou com Phoenix, mas os pais dele estão animados.

Meu coração se aperta no peito e meus olhos ardem estupidamente à medida que as emoções que estou tentando enterrar ressurgem novamente.

Eles não me queriam. Eles não nos queriam. Digo a mim mesmo repetidas vezes.

— Estarei trabalhando nessa noite — consigo dizer. Eu não deveria trabalhar, mas Juls me implorou para trabalhar com ela. Meus negócios desaceleraram, portanto, no momento, tudo o que ganho vem do museu.

O sorriso em seu rosto vacila. — Ah, não tem problema. Talvez da próxima vez?

— Sim, da próxima vez. — Desvio o olhar, esperando que minhas emoções estúpidas não me exponham.

— Avise-me. Sei que o Saint iria adorar.

Sorrio ao me lembrar do Saint me mandando mensagens e implorando para que eu lhe desse o número da Daisy. — Na verdade, ela não é fã de basquete. Nunca assistiu a um jogo e disse que só o faria se fosse obrigatório. Isso deve lhe dizer o suficiente.

— Espere, mas você gosta de basquete?

Eu rio de sua apreensão. — Sim, eu gosto. Só que nunca tenho tempo para assistir.

Ele se sente aliviado. — Tudo bem, ótimo, mas se você tiver tempo, poderia vir me ver – quero dizer, vir ver a equipe?

— Sim, eu adoraria ir. Só que fica um pouco difícil com o trabalho.

— Tenho certeza de que podemos fazer isso funcionar — ele diz com esperança em sua voz.

— Sim... — Tomo outro gole de minha bebida e redireciono nossa conversa. — Então, voltando à visita de vocês, vamos

trabalhar com nossos horários. Não deve ser muito difícil resolver isso.

— Eu... — Ele fecha a boca, mas só por um segundo. — Você se importa se eu tirar uma foto dele? Meus pais gostariam muito de vê-lo.

Mais uma vez, a dor volta, mas eu a ignoro e forço um sorriso. — Sim, tudo bem.

Paro de empurrar o balanço e dou um passo para o lado. — O TJ vai tirar uma foto. Sorria muito para ele, está bem?

— Bem — responde Phoenix com alegria.

TJ fica na frente dele e segura o celular, mas antes de tirar a foto, ele olha para mim. — Está tudo bem?

Droga. — Sim, estou bem.

Ele hesita, mas não se intromete. — Diga x para mim, amigo.

— X! — Phoenix sorri, exibindo um sorriso largo e cheio de dentes ao olhar para o celular de TJ, mas então seus olhos se voltam para o pote de biscoitos. Eles triplicam de tamanho, brilhando de felicidade. — Quero!

— Tudo bem se eu der um pouco para ele? — pergunta TJ.

— Sim, está tudo bem. — Levanto Phoenix e o coloquei de pé. TJ pega seu urso e, em um silêncio constrangedor, caminhamos até a mesma mesa em que nos sentamos ontem.

Quando estou prestes a pegar Phoenix, TJ faz isso como se fosse algo que ele sempre fez e o coloca no meio da mesa, de frente para o lago.

— Desculpe, eu deveria ter...

— Não, está tudo bem. — Dou a volta na mesa e me sento bem em frente a ele. No mesmo lugar de ontem. E, assim como ontem, ignoro como sua perna roça na minha.

— Quantos ele pode ter?

— Apenas cinco.

Ele abre o pote e coloca cinco em cima da tampa, depois o coloca na frente de um Phoenix muito feliz.

— Posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro. — Eu sorrio, observando Phoenix colocar um puff na perna do urso. TJ também o observa e coloca outro puff na tampa.

— Você disse cinco — ele fornece quando eu arqueio uma sobrancelha.

Eu não deveria sorrir ao ver como isso é fofo nem discutir com ele, porque ele tem razão. Conhecendo Phoenix, ele não vai comer, porque é para o urso dele.

— Eu queria perguntar se você não se importa que eu anuncie que Phoenix é *meu*. — Ele mexe em seu copo, olhando de relance para nosso filho.

— Você quer fazer isso?

Seus olhos se voltam para mim. — Sim, e não vou publicar a foto dele nem nada do gênero. Só quero que todos saibam.

É errado eu ter presumido que ele ficaria muito envergonhado para fazer isso. Eu não esperava que ele fizesse isso tão cedo.

Talvez em algumas semanas, mas não agora. Nem mesmo pensei que seus pais quisessem conhecê-lo.

Nada é o que eu pensava que seria, e não sei como me sentir a respeito disso.

— Se é isso que você quer fazer, mas não me importo se as pessoas sabem ou não.

O dano já está feito. De vez em quando, penso nas coisas que dizem a meu respeito. Não deveria me importar, porque não sou o que essas pessoas dizem, mas ainda assim dói.

Ele suspira profundamente. — Eu também não me importo, mas isso calará a boca de muita gente e fará com que parem de falar mer-besteira.

Inclinando-me para a frente, apoio os cotovelos sobre a mesa. — Só para você saber, cada palavrão custa dez dólares no pote de palavrões.

— Você tem um pote de palavrões? — pergunta ele, divertido, enquanto também se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— Daisy é de temperamento explosivo. Às vezes, ela deixa escapar e, às vezes, eu deixo escapar uma ou duas palavras.

Ele me dá um sorriso torto e se inclina para mais perto. — Prometo fazer o meu melhor para não deixar escapar.

Eu me afasto, percebendo o quanto estamos próximos. — Mas de qualquer forma, não me importo com o que as pessoas dizem.

— Mas eu me importo. Sei que não sou melhor do que elas, mas não vou ficar sentado aqui e não fazer nada a respeito.

Nada em sua resposta soa como uma mentira ou algo que ele está se forçando a dizer por obrigação. Não há nada além de sinceridade genuína, e é errado pensar assim, mas eu gostaria que não houvesse. Assim, seria mais fácil não gostar dele.

CAPÍTULO 23

lola

— Não entendo quem perde tempo assistindo a isso na TV.

O olhar puro e absoluto de nojo no rosto de Julianna faria qualquer um pensar que ela está assistindo a algo perturbador, mas a única coisa na tela é Landon. — Não acredito que alguém assista a *isso* como entretenimento.

Juls e eu nos sentamos na sala de descanso do museu e assistimos ao Live Action. Eu não ia assistir, e definitivamente *não* estou fazendo isso pelo TJ, mas prometi ao Saint que o faria por ele.

Um a um, cada jogador está sendo apresentado. No momento, Landon está caminhando por uma passarela enquanto um locutor fala seu número, altura, cidade natal e nome.

Eu sufoco uma risada. — Quero dizer, ele não é ruim de se ver.

Ela zomba dramaticamente, com as sobrancelhas castanho-escuras se contraindo. — Não é ruim de se ver? Basta olhar para ele. Ele tem a personalidade de uma pedra. Eu realmente não entendo como alguém acha *isso* fascinante.

Tento manter meu sorriso à distância. — Eu nunca disse que ele é fascinante de se ver. E você sabe que pode dizer o nome dele.

— De jeito nenhum! É como dizer Beetlejuice três vezes. A última coisa que quero é invocar o demônio.

Eu rio com a severidade de seu tom.

— E eu não me referia a você. Eu me referia às minhas colegas de quarto e a todas as outras garotas da minha república. Todas elas o acham fascinante.

— Olha, você precisa entender... — Paro, rindo por dentro da cara de ultraje dela. Juro que qualquer um pensaria que eu a apunhalei pelas costas. Ele é imensamente alto. A tela não lhe faz justiça. TJ e o resto dos rapazes são altos, mas Landon é o mais alto entre todos eles. — Ele tem tatuagens e um sotaque. Você realmente não pode me dizer que isso não é sexy.

Ela cruza os braços contra o peito, olhando para mim, sem se impressionar. — Já vi ratos de esgoto mais atraentes.

Eu bufo, pego uma fatia de pepino de seu Tupperware e a coloco na boca. Volto meu olhar para a tela e vejo que agora é a vez de Jagger.

— Você nunca vai me dizer por que o odeia?

— Não vale a pena falar sobre isso. — Ela suspira e pega uma cenoura bebê. — De qualquer forma, obrigada por trabalhar comigo esta noite. Sei que não é assim que você quer passar sua noite de sexta-feira.

— Preciso do dinheiro e não há mais ninguém com quem eu prefira trabalhar.

— Ainda me sinto mal por não ter considerado que você provavelmente queria ir ao Live Action.

— Está tudo bem. Eu não queria. Prefiro ficar longe de qualquer coisa que tenha a ver com TJ. — Eu não diria isso a mais ninguém, mas confio na Juls. Não tanto quanto confio em Cara e Daisy, mas sei que posso confiar nela. — Algumas pessoas ficam olhando e acham que eu não as ouço falando de mim, mas ouço.

Juls descobriu sobre mim e TJ como todo mundo fez, nas mídias sociais. E, como todo mundo, ela ficou chocada. Ela não me bombardeou com perguntas, apenas disse que se eu precisasse de alguma coisa, poderia entrar em contato com ela. Quando ele anunciou oficialmente que Phoenix era seu filho na segunda-feira, ela me enviou uma mensagem e disse que não estava surpresa, porque eles eram muito parecidos. Felizmente, ela não se intrometeu, porque parece que todo mundo tem como missão saber sobre Phoenix e como TJ e eu nos conhecemos.

Esses últimos cinco dias têm sido estranhos.

Há um podcast chamado The Unfiltered Three, dirigido por três garotas que estudam na NCU. Atletas, fraternidades, festas e qualquer coisa que gire em torno da universidade, elas falam sobre isso. TJ e eu temos sido o centro de sua atenção. Na primeira página do site delas, há um artigo sobre mim e ele.

Juls solta uma risada seca. — Juro que não entendo a obsessão que todo mundo tem por esses atletas. É ridículo. — Ela mergulha agressivamente a cenoura no molho de abacate e limão e a coloca na boca. — A maioria das garotas está falando sobre isso porque

gostaria que fosse com elas. Elas não conseguem imaginar que *nunca* serão elas.

— Se elas soubessem que não tem nada de glamouroso nessa situação. Há apenas uma semana, eu era uma caçadora de camisa e ascensão social. Agora sou só *a mãe do bebê do TJ* — resmungo. Depois que a notícia foi divulgada, ninguém se refere a mim pelo meu nome. — Sabe, sinto falta de caçadora de camisa e ascensão social. Pelo menos isso tinha caráter.

Seus lábios se contraem em um sorriso malicioso. — Sabe, deveria ser o contrário. *O pai do bebê da Lola*. Por falar no *seu* pai do bebê. — Ela olha para a TV.

A arena está semiescura. Luzes estroboscópicas produzem luzes brancas e azuis, e há flashes vindos dos telefones do público.

Uma leve névoa envolve a área de onde os jogadores vêm, mas fica mais espessa quando eles sobem ao palco. Como agora, a névoa se tornou mais densa e todas as luzes estão focadas em TJ enquanto ele sobe ao palco vestindo sua camisa. A multidão fica mais barulhenta do que antes, batendo palmas, assobiando e gritando seu nome enquanto o locutor o apresenta.

— Com 1,80 m, de Miami, Flórida, usando o número seis. Senhoras e senhores, TJ Kingston!

As pessoas se levantam e o aplaudem. Pelo sorriso radiante em seu rosto, posso dizer que ele está aproveitando cada segundo disso. Ele não começa a andar imediatamente. Ele fica ali, olhando para a esquerda e para a direita enquanto observa a multidão. Ele

acena e sorri para todos e, por fim, atravessa a passarela, cumprimentando todos que estão perto dele.

Percebo que fiquei encarando tempo demais quando vejo Juls me olhando com um sorrisinho.

— Por que está olhando para mim desse jeito? — Não olho para a tela novamente, para o caso de meus olhos me traírem.

Ela sorri, balançando a cabeça, fazendo balançar seus pequenos brincos de argola dourados. — Por nada. Devemos voltar ao trabalho. O intervalo acabou.

Não insisto para que ela me diga o que está pensando e pego mais três pepinos, enfiando-os na boca. — Obrigada por compartilhar seu lanche comigo.

— Desculpe-me por não ter sido muito.

— Não tem problema. Eu não estava com muita fome.

Isso é mentira. Saí com pressa. Esqueci minha sacola de almoço no balcão. Agora estou morrendo de fome e contando os minutos até a hora de ir embora.

Pegando meu celular na bolsa, digito uma mensagem rápida para Saint e depois para Daisy.

Eu: Você estava muito bem lá!

Eu: Vou sair às dez, sei que é tarde, mas você quer comer tacos? Eu pago.

Meu carro está na oficina e só vou recebê-lo de volta amanhã. Eu ia pegar um Uber, mas Daisy se recusou a me deixar fazer isso. Ela disse que, por ser sexta-feira à noite, seria mais caro. Não discuti e deixei que ela me trouxesse ao trabalho.

Não espero uma resposta, pois sei que ela provavelmente está se exercitando. Colocando o celular de volta na bolsa, olho para a tela por cima do ombro. A câmera está focada em TJ enquanto ele se aquece.

Balançando a cabeça, saio antes de começar a olhar novamente.

— Não se esqueça de que amanhã não teremos aula — lembra Juls.

Amanhã, o prédio onde damos aula será fumigado.

— Tenho tudo anotado em meu planner. — Eu a levanto junto com meu caderno de rascunho que está apoiado na dobra do meu braço.

— Você deveria considerar seriamente a possibilidade de obter um novo planner.

Sorrio ao ver a preocupação em seu rosto. — Eu sei, mas aí eu teria de transferir tudo para o novo. E estou preocupada com o fato de que vou me esquecer de adicionar algo ao novo, e, por me conhecer, isso vai acontecer.

— Isso é justo, porque eu também seria assim.

Nós nos despedimos de Bill, o segurança, quando saímos, mas não vou muito longe antes de vacilar em meus passos. A parada abrupta faz com que Juls esbarre em minhas costas e, quando as coisas em meus braços quase caem, saio do meu estupor.

— Você esqueceu alguma coisa? Bill ainda não trancou a porta. Eu posso...

— Não, não esqueci nada — falo rapidamente. — Daisy não está aqui, mas TJ está.

Pego meu celular na bolsa, desbloqueio-o e, assim que o faço, fico paralisada.

— Não sei como isso aconteceu. Eu acidentalmente enviei isso para o TJ em vez da Daisy.

Juls olha por cima do meu ombro, mas ouvi-la rir não é a reação que eu esperava. — Você o tem como *Nothing*[3]? Oh, meu Deus, isso é ótimo.

— Essa não é a questão.

Ela gargalha. — Eu sei que não é. Sinto muito, mas você não entende o *número* de garotas da minha república que matariam para ter o número dele. É hilário que você não só tenha o número dele, mas que ele seja *Nothing*. Desculpe-me, mas isso fez minha noite.

— Fico feliz que você ache isso divertido.

---

[3] Nada.

Volto a todas as minhas mensagens e clico na da Daisy. A última coisa que eu disse a ela foi para ter um bom treino e esse foi o fim de nossa conversa. Quando clico na mensagem do TJ, vejo que enviei a ele a mensagem que pretendia enviar à Daisy.

— Você estava inconscientemente pensando nele.

— Eu não estava. Não penso nele de jeito nenhum.

Isso é mentira. É difícil não pensar nele quando tenho uma pequena cópia dele em casa. E então ele me manda mensagens para saber como Phoenix está indo, e às vezes eu o vejo pelo campus.

— Está bem. — A diversão que escorre de seu tom de voz me diz que ela não está acreditando. — Quer que eu lhe dê uma carona para casa?

A ideia parece tentadora, mas não seria justo para ela. Moramos a uma hora de distância uma da outra. — Não, está tudo bem. Vou apenas falar com ele e ligar para Daisy. De qualquer forma, Bill ainda está aqui.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Se alguma coisa mudar, é só me ligar. Eu realmente não me importo. — Ela me puxa para um abraço. — Boa noite, Lola.

— Boa noite, Juls. — Eu a deixo ir e a observo caminhar até o carro.

Depois que ela se foi, fico parada em meu lugar, pensando se devo mandar uma mensagem para ele e pedir que vá embora. Mas

quanto mais tempo fico aqui, mais me dou conta de como tudo isso parece estúpido.

Dirigindo-me ao seu SUV, solto um suspiro e bato na janela. Ele me surpreende quando não a abaixa, mas sai.

Os olhos de TJ me examinam antes de encontrarem os meus. — Ei, está tudo bem?

Olho para baixo, certificando-me de que não há nada do molho de abacate em meu vestido preto ou em meu blazer cor de vinho de grandes dimensões. Mas não vejo nada, nem mesmo uma ruga.

— Sinto muito que você tenha vindo de carro até aqui, mas eu não queria mandar uma mensagem para você.

Ele dá uma risadinha, balançando a cabeça para si mesmo. — Bem, isso explica tudo. Agora faz sentido.

— Espere, como você sabia que eu estava aqui? — Eu nunca lhe disse onde trabalhava. Quando estávamos no parque, mantive nossa conversa em um nível mínimo e apenas sobre Phoenix. Apesar de sua tentativa de fazer conversa fiada, não queria me iludir e acreditar que ele se importava com o que eu tinha a dizer.

— Saint.

Claro que sim. Ele é o único dos amigos do TJ que sabe alguma coisa sobre mim.

— Sinto muito que tenha vindo até aqui, mas não precisa esperar por mim. Vou ligar para a Daisy e...

— Eu já estou aqui. Não me importo de deixá-la em casa. — Um sorriso pequeno e esperançoso surge em seu rosto.

— Eu moro a uma hora daqui e... — Minha frase morre quando meu estômago ronca alto, traindo-me.

— Conheço um food truck de tacos muito bom a poucos minutos daqui e eles têm bebidas frescas.

Minha boca saliva e meu estômago resmunga com mais força. Se há algo de que gosto mais do que tacos, são bebidas frescas, especialmente orchata.

— Moramos a uma hora de distância um do outro e...

— Poderíamos morar a cinco horas de distância um do outro e isso não faria diferença. Vamos, deixe-me levá-la — ele pede, o sorriso em seu rosto se elevando, tornando difícil dizer não. — Prometo: vão ser alguns dos melhores tacos da sua vida.

Olhando por cima do ombro para o museu, fico pensando se devo ou não. Quando olho de volta para ele, há algo como esperança em seus olhos.

Sei que deveria ligar para Daisy, porque a última coisa de que preciso é ficar perto dele, mas, em vez disso, mando uma mensagem de texto para ela.

Eu: Não se preocupe em me buscar. Prometo explicar tudo quando estiver em casa. Amo você!

— Você sabe que agora minhas expectativas serão altas. Se eles não forem bons, você vai pagar — eu digo enquanto dou a volta em seu G-Wagon.

— E quem disse que você está pagando? — Ele me segue e abre minha porta. — Vamos, entre. Prepare-se para ser surpreendida.

CAPÍTULO 24

Tj

— Por que você não me disse que eles fazem suas próprias tortilhas? — Lola olha com admiração para o prato de tacos à sua frente.

— Esqueça as tortilhas por um momento. Eu não sabia que você falava espanhol.

— Eu sei algumas frases, mas não sou fluente. — Ela pega uma fatia de limão e a espreme sobre a carne. — Daisy e seus pais me ensinaram algumas coisas. Eles também ensinaram a Phoenix.

Minhas sobrancelhas se erguem, surpreso com a nova informação que Lola está me dando. Quando nos encontramos no parque na semana passada, ela mal falou comigo, e não posso dizer que a culpo. Sinceramente, ainda estou surpreso por ela ter concordado em vir comigo esta noite, mas não estou reclamando. Vou aproveitar cada momento que ela decidir me dar.

Afinal de contas, precisamos nos dar bem para o bem de Phoenix.

— Você está me dizendo que Phoenix consegue entender e falar espanhol? — Pego a garrafa plástica de salsa verde e esguicho o molho nos tacos.

Ela ri. — Ah, mais ou menos. Ainda é um trabalho em andamento.

Aceno com a cabeça, entregando a garrafa a ela. Fico tenso quando seus dedos roçam momentaneamente os meus. Ela pega a garrafa rapidamente, mas ainda sinto o calor de seus dedos em minha pele.

— Mas voltando ao assunto importante. Tortilhas caseiras. — Ela segura o taco, olhando para ele com admiração. É divertido vê-la tão animada. Acho que nunca conheci alguém que gostasse tanto de tacos quanto Jayden gosta quando está bêbado. É verdade que ele adora qualquer tipo de comida, bêbado ou não.

— Então, eu passei? Você está impressionada?

— Eu não sei. Tenho que experimentar primeiro.

Ela mastiga devagar, e as sobrancelhas se erguem junto com um sorriso. Mas o que me desarma é o gemido baixo e o jeito como ela fecha os olhos.

Ela balança a cabeça e dá outra mordida. — Eu-isso-uau. — Ela suspira alegremente.

— Vou precisar de mais do que apenas um *uau*. Como você classificaria isso?

Uma onda de nostalgia me atinge do nada. Sou levado de volta às lembranças de dois anos atrás.

Lola fica tensa por um instante. Quando termina seu taco, ela toma um gole de sua bebida e limpa a garganta.

Será que isso passou pela cabeça dela como passou pela minha?

— Cem. Isto — ela segura outro taco — é a perfeição. Possivelmente o melhor que já comi. Se você conhecer a mãe da Daisy, não diga a ela que eu disse isso.

O sorriso radiante em seu rosto é contagiante. Estou sorrindo tanto quanto ela. — Prometo que não direi nada, mas estou feliz por ter atendido às suas expectativas.

Eu sabia que ela havia enviado a mensagem por acidente. Os rapazes também descobriram quando Saint olhou por cima do meu ombro e leu a mensagem em voz alta. Eles fingiram se engasgar enquanto eu bebia água e disseram que era desespero da minha parte aparecer quando ela não queria enviar a mensagem para mim.

Talvez seja desespero, mas eu só quero que ela pare de me evitar. Eu sei por que ela faz isso e entendo, mas isso não significa que eu tenha que gostar.

Meu joelho batendo em sua perna faz com que meus pensamentos voltem para ela. — Desculpe, eu realmente não consigo evitar.

Um leve sorriso se insinua em seus lábios. — Eu sei. Eu deveria apenas me acostumar com isso, não é?

— Sim, você deveria. Você está presa a mim pelo resto da vida, então...

De repente, sou levado de volta ao momento em que disse exatamente essas palavras, há dois anos.

A praia, as mãos dadas, o acordo de que estávamos presos um ao outro para o resto da vida, mas não era isso que queríamos dizer. Estávamos presos para o resto da vida até que ela tivesse que partir.

Não faço ideia de como ainda me lembro disso ou como, depois de não pensar no assunto há algum tempo, ele ressurge em minha cabeça como se tivesse acontecido ontem.

Ela também está pensando nisso?

— Você sabe que falei isso por causa do Phoenix. Vamos estar ligados para sempre. — Eu brinco para aliviar a tensão incômoda, mas tudo o que ela faz é acenar com a cabeça.

Ficamos em um silêncio constrangedor até terminarmos de comer e entrarmos no meu carro. A única vez que ela quebrou o silêncio foi para me agradecer pela comida, pela carona e para me dar instruções.

O estrondo do céu à distância reflete como está sendo a noite.

Que se dane.

Tomando uma decisão sem pensar, eu me afasto para o lado, longe o suficiente para que ninguém possa nos atingir.

— O que está fazendo?

Desligo a ignição e giro meu corpo para olhar para ela. Aperto o botão para acender a luz dentro do carro e juro que, se olhares pudessem matar, eu estaria morto.

— O que você está fazendo?

— Deus, eu sinto muito, Lola. — Seus olhos se voltam para o meu joelho saltitante. Detesto o constrangimento que sinto, mas não me deixo abater pelo desconforto.

— Sei que nada vai mudar o que eu disse, mas só quero que você saiba que estou muito arrependido. Se pudesse, retiraria tudo o que falei. Eu realmente faria isso.

Algo brilha em seus olhos, mas tão rápido quanto surge, desaparece. — Leve-me...

Lola se arrepia com o rugido estrondoso e flashes de prata brilhante riscando o céu noturno.

Ela agarra minha mão, segurando-a com força enquanto a chuva cai forte, as gotas batendo no para-brisa como pelotas. A água obscurece a estrada à frente, fazendo com que tudo pareça um borrão difuso.

É extremamente alto, mas não o suficiente para abafar a forma como meu coração bate contra meu peito. O sangue bate em meus ouvidos.

Olho para a mão dela e cerro os dentes enquanto suas unhas afundam em minha pele. Não dói, mas, caramba, é uma sensação muito boa.

— Parece que não podemos ir para casa.

Ela olha para nossas mãos. Ela retrai suas mãos tão rápido que você pensaria que eu estava pegando fogo. Embora pareça que estou.

— Poderíamos ter chegado lá se você não tivesse parado.

— Nós não iríamos conseguir.

Ela passa os dedos pelo cabelo, separando-o para o outro lado. — Não havia necessidade de encostar ou pedir desculpas. Eu já superei isso.

Eu zombo. — Claramente, você não.

— Já superei isso — diz ela com os dentes cerrados.

— Não, porque se você tivesse, não agiria como se eu não existisse. Sei que você tem me evitado no campus.

Ela parece surpresa, como se não achasse que eu fosse notar.

No início, tentei fingir que não, mas não conseguia ignorar a pontada no peito toda vez que ela se virava para o outro lado ao me ver.

Ela balança a cabeça. — Não sei o que você quer de mim.

— Eu... eu quero...

Ela suspira. — Não devemos nada um ao outro. Temos um bebê juntos. Podemos nos dar bem, mas não precisamos fingir que somos amigos.

— E quem disse que eu quero fingir?

A incerteza marca seu rosto. Como se ela quisesse, mas estivesse com medo.

— O que é preciso para você acreditar que eu não quero fingir?

— Nada. Não preciso que você...

— Você quer que eu me ajoelhe e peça desculpas? — pergunto desesperadamente, meu joelho balançando mais rápido.

— Vá em frente – o que está fazendo?

Soltando o cinto de segurança, saio para a chuva torrencial. Em segundos, estou encharcado, meu cabelo gruda na testa, minha camisa gruda no peito e meus pés parecem estar mergulhados em poças.

Lola grita para eu entrar, mas fecho a porta e dou a volta na frente do meu G-Wagon.

Eu não sou de pedir. É algo que só precisei fazer uma vez, e foi quando pedi a Lola para tirar uma foto dela. Nunca pensei que precisaria fazer isso de novo, mas aqui estou eu, prestes a me ajoelhar por puro desespero.

Limpando a água do meu rosto, abro a porta e me ajoelho.

— TJ, entre. Você está se molhando, — ela implora, agarrando meu braço, mas eu me mantenho abaixado, apesar das gotas de chuva que caem sobre minha pele como pequenos punhais.

— É um pouco tarde demais para isso. — Limpo meu rosto novamente, piscando várias vezes para impedir que a água entre em meus olhos.

— Oh, meu Deus, pare de ser teimoso! — Ela sacode meu braço e tenta me puxar para dentro. — Entre!

Um arrepio frio percorre minha espinha e eu mudo de um joelho para o outro quando o cascalho os atinge. Apesar disso, permaneço enraizado no chão, olhando para a linda garota que virou meu mundo de cabeça para baixo.

Minha pele fica arrepiada e outro arrepio percorre minha espinha. — Nós estaremos na vida um do outro para sempre. Isso nunca vai mudar. Portanto, quero que nos demos bem. Quero que sejamos amigos sem fingir, ou seja lá o que você acha que eu quero.

Limpo o rosto e afasto o cabelo para o lado, a fim de tirá-lo dos olhos.

Seu rosto se suaviza enquanto o silêncio que se segue se estende entre nós.

Calafrios percorrem meu corpo e meus dentes batem quando sopra uma forte rajada de vento, mas, ainda assim, permaneço enraizado em meu lugar.

— Você me tira do sério, sabia? — Ela aperta minha camisa no meio, seus olhos ardem de raiva, mas juro que há algo mais ali. — Mas podemos ser amigos. Agora entre!

Ela resmunga algo que soa como *chato* antes de me empurrar para fora do caminho e fechar a porta.

Não é a hora, mas foi sexy.

Tire sua cabeça da sarjeta, TJ, você está encharcado. Eu disse a mim mesmo enquanto me levantava e voltava para dentro.

— Onde diabos você estava com a cabeça? — ela me repreende, com os olhos percorrendo cada centímetro de mim.

— Tempos desesperados exigem medidas desesperadas — murmuro, enxugando o rosto e afastando o cabelo para trás, estremecendo ao tirar a camisa fria e molhada.

Deixo-a cair no assoalho do banco de trás e, em seguida, desço a calça jeans. Embora seja mais difícil tirá-la, porque está grudada em minhas pernas.

— O que está fazendo?

Olho para a minha direita e luto contra a vontade de sorrir, porque ela está me encarando com os olhos arregalados. Há um tom de rosa em suas bochechas. Seus lábios se separam ligeiramente enquanto seu olhar desce para o meu estômago.

— O que parece que estou fazendo? Estou molhado, Louise. Estou tirando minhas roupas. — Tiro meus sapatos e descarto meus jeans.

— Eu também estou molhada e você não me vê tirando a roupa. — Ela aponta para o lado direito de seu corpo, que está coberto de gotas de água.

Infelizmente, parece que minha mente ainda está presa na sarjeta porque sua declaração inocente embaça meu cérebro.

Ela leva uma fração de segundo para perceber o que disse. Um tom profundo de vermelho pinta suas bochechas. — Isso não é... você sabe o que eu... pare de ser um pervertido.

Suas palavras confusas provocam um sorriso em meu rosto.

— Pervertido? Eu não sou um pervertido — eu digo, brincando.

Ela coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Bem, pare de me olhar assim.

— Olhar para você como? — Eu arqueio uma sobrancelha.

Ela respira fundo, com o peito subindo. — Apenas coloque algumas roupas.

Lola desvia o olhar, mas o vermelho nunca sai de suas bochechas.

Eu prolongaria isso, mas estou com muito frio.

Sou grato por ter sido inteligente o suficiente para trazer uma bolsa extra em meu carro para o caso de emergências.

Coloco minhas roupas e sorrio, porque ela ainda não está olhando para mim. O que é engraçado, porque há dois anos ela me viu completamente nu.

— Você está decente agora?

— Agora estou decente, Peaches. — Eu rio baixinho, alisando a palma da mão sobre minha camisa amassada.

Ela hesita, olhando-me de lado antes de se virar para mim.

— Por que é tão difícil para você dizer meu nome? — Qualquer resquício de raiva ou frustração se esvai de seu rosto, e um pequeno sorriso se abre em seus lábios. — Peaches nem é um apelido criativo. Entendo que nos conhecemos com suco de pêssego, mas e se tivéssemos nos conhecido com outra coisa?

— Como?

Ela dá de ombros, refletindo sobre o pensamento. — Não sei, suco de maçã?

— Não combina com você. — Eu sorrio quando ela recosta a cabeça no encosto, resmungando que eu sou um pervertido.

Eu poderia dizer a ela que *Peaches* me lembra o pôr do sol. Um céu vasto com pinceladas de cobre-dourado, fundido com âmbar, e um laranja ardente que faz o céu parecer em chamas. Talvez seja um reflexo de como me senti no último dia em que estivemos juntos, *em chamas*. Queimando ferozmente, mas nada que eu não quisesse parar de sentir, pelo menos não naquele momento.

— A cor do seu cabelo — respondo em vez disso.

Ela estala a língua. — Isso ainda não é muito criativo.

Absorvo a alegria de sua voz.

— E você acha que poderia pensar em algo melhor?

— Sim, Lola. — Ela sorri.

Por enquanto, vou deixá-la pensar que estou ficando com Lola. Mas para mim ela sempre será a *minha* Peaches. — Então, estamos... bem?

Qualquer traço de humor em sua expressão desapareceu há muito tempo. — Pelo bem de Phoenix, estamos bem, mas juro que nunca mais vou tolerar algo assim.

É um aviso, e sei que ela está falando sério. Se eu fizer besteira de novo, ela vai acabar comigo.

— Prometo que isso não vai acontecer de novo. — Levanto minha mão, e ela a olha confusa. — Dê-me sua mão.

— Para quê? — Ela levanta a mão hesitantemente, olhando para a minha com cautela.

É piegas, mas coloco meu dedo médio no dela. — Estou falando sério, Lola. Prometo que não vai acontecer de novo.

Como um interruptor de luz, vejo a faísca dançando em seus olhos, a lembrança de nossa promessa há dois anos.

— Promessas de mindinho são superestimadas — digo baixinho.

— São, não são? — Seus olhos percorrem nossos dedos entrelaçados enquanto eu percorro os meus sobre a costura de seus lábios.

Meu coração desacelera, a batida forte abafando qualquer outro som ao nosso redor, enquanto seus olhos se voltam para os meus lábios. Não seria preciso muito. Poderíamos fechar o espaço entre nós. São apenas alguns centímetros.

Apenas um beijo. Isso é tudo o que seria.

Palavras suspensas no ar, roubando o oxigênio ao nosso redor, sufocando com a necessidade de selar meus lábios aos dela. Sei que ela sente isso. Sei que ela está pensando nisso. Mas a incerteza dela cessa quando um relâmpago se projeta sobre o céu azul-escuro.

O transe em que estávamos presos desaparece, assim como seu dedo em volta do meu, mas ainda assim, sinto seu calor apertando-o como um torno.

— Devemos ir. — A voz de Lola é um mero sussurro sem fôlego.

Olho para o meu dedo uma última vez antes de ligar o carro e dar partida em silêncio.

CAPÍTULO 25

Lola

Uma rajada do frio de outubro passa por mim, fazendo arrepios se espalharem por toda a pele.

Eu provavelmente deveria voltar para dentro e vestir algo mais grosso, mas não volto. Fico sentada do lado de fora na nossa pequena varanda, procurando às cegas meu café gelado que havia deixado em algum lugar no chão. Quando o encontro e tomo um gole, faço uma careta com o gosto aguado. Olhando para dentro, todos os cubos de gelo que antes flutuavam no topo agora estão derretidos.

Queria poder dizer que é por devoção à pintura à minha frente, mas seria mentira.

Embora tenha conseguido trabalhar no quadro que prometi ao Saint que pintaria para ele, acabei me distraindo. Eu poderia culpar o clima frio que entorpeceu quase todo o meu corpo, mas nem mesmo o clima é frio o suficiente para entorpecer a única parte que eu gostaria que entorpecesse.

Os malditos pensamentos.

De vez em quando, as palavras de TJ da noite passada se repetem em minha cabeça como um disco quebrado.

Não entendo por que meu cérebro decidiu ficar obcecado com suas palavras e com a maneira como ele me olhou.

O som da porta se abrindo interrompe meus pensamentos. Daisy está atrás de mim, segurando um shake de proteína em uma mão e meu telefone na outra.

— Bom dia — ela diz.

Eu a encaro com cautela, pousando meu café quando ela se senta ao meu lado. — O que você fez?

Ela está de legging e, por baixo do pulôver fino, está usando um sutiã esportivo. Uma fina camada de suor cobre seu rosto corado, e seu cabelo preto está preso em um rabo de cavalo bagunçado.

Não preciso perguntar para saber que ela acabou de se exercitar, o que significa que ela está acordada há algum tempo.

Ela coloca meu telefone na minha frente. — Não fique brava.

— O que você fez?

— TJ está aqui.

Cubro minha boca com as costas da mão enquanto bocejo. — Juro que pensei que você tinha dito que o TJ estava aqui. Acho que estou com sono.

Quase não dormi na noite passada, e isso não tem nada a ver com Phoenix. Ele nem sequer dormiu em meu quarto ontem à noite. Ele dormiu no quarto da Cara. E não é por causa de minhas tarefas ou das poucas pinturas que tenho que retocar antes de entregá-las aos meus clientes.

Infelizmente, minha falta de sono se deve ao TJ. Para piorar a situação, decidi entrar na mídia social ontem. Sei que não deveria ter feito isso, mas não consegui me conter. Mas me arrependo, porque caí no buraco sem fundo que é a vida do TJ. Não que isso seja necessariamente ruim..., mas quando me deparei com vídeos de pessoas dissecando seu *jeito de garoto foda*, como foi dito tantas vezes, não pude deixar de assistir.

Não sei ao certo como me envolvi com o que ele tem feito nos últimos dois anos, mas assisti a mais vídeos sobre TJ do que provavelmente deveria.

Seu sorriso se intensifica. — Foi exatamente o que eu disse. O TJ está aqui e, antes que você pergunte por quê, ele perguntou se poderia vir nos buscar e eu disse que sim. Tecnicamente, *você* disse sim.

Fico boquiaberta com ela. — Você fez *o quê*?

— Tecnicamente, foi *você*.

— Daisy Diaz, você só pode estar de sacanagem — sussurro. — Isso não tem graça.

Não me preocupo em esperar sua resposta; pego meu telefone. Quando o desbloqueio, a primeira coisa que vejo na tela é a conversa que supostamente tive com ele.

TJ: Bom dia, Peaches, sei que não pediu, mas se precisar, posso ir buscar vocês?

Antes de ele me deixar em casa ontem à noite, combinamos que eu iria até a casa dele para que seus amigos pudessem conhecer Phoenix.

Eu: Não, tudo bem. Nós vamos de carro até lá.

TJ: Eu realmente não me importo.

TJ: E eu levarei café para vocês.

Eu: Não precisa.

Eu: Mas se você realmente quiser...

TJ: Eu realmente quero.

TJ: Envie-me os pedidos de café. Estarei aí em duas horas.

— Mas que diabos? Eu pensei que você não gostasse dele? — Desligo o telefone, tiro a presilha do cabelo e a jogo na mesinha de centro.

— Eu sei o que disse e continuo não gostando dele. Acredite em mim, precisei de tudo o que havia em mim para não dar um tapa nele, mas ele vai estar na sua vida e na vida de Phoenix. E eu quero fazer um esforço para me dar bem com ele.

Depois que cheguei ontem à noite, as meninas estavam sentadas no sofá, esperando por mim. Contei a elas a maior parte do que aconteceu, mas não consegui dizer que fiquei tentada a beijá-lo.

— Ok, bem, o que isso tem a ver com o fato de você tê-lo convidado? Achei que estávamos dirigindo até lá.

— Você sabe... — Ela me olha fixamente, sem se incomodar com minha reação a tudo isso. Ela claramente não está tão incomodada, pois um sorriso se forma em seus lábios. — Tenho pensado muito. Se ele realmente quer compensar a merda que disse, então que trabalhe para isso. É o mínimo que ele poderia fazer.

Sei que ela está certa, ela normalmente sempre está, mas essa foi a única vez em que não me importei em seguir em frente.

— E pense nisso da seguinte forma. Nós economizamos dinheiro. É claro que ele não está sofrendo por isso, então por que nós deveríamos? Também seria bom para ele ver o que você tem de passar. Você dirige para lá e para cá o tempo todo. Um dia não vai matá-lo. Ele sabe que você mora longe e mesmo assim se ofereceu para vir buscar vocês. E se ofereceu para nos pagar um café. Lo, você é estúpida se acha que vou recusar café *de graça*. Nesta economia, acho que não.

Não posso contestar sua lógica. Ela está certa.

— Está bem.

Ela se levanta, sorrindo triunfante enquanto bebe o restante de seu shake. — Vamos, *Peaches*. TJ está esperando.

Reviro os olhos e pego a tela, o cavalete e a caneca de café. — Sabe, em vez de ficar aí parada sem fazer nada, por que você não pega o meu carrinho e é tão prestativa?

— *Com prazer*. — Ela sorri, abrindo a porta e empurrando meu carrinho com material para dentro.

Inspirando longa e lentamente, entro e solto o ar quando vejo TJ parado em frente à parede da sala de estar que está coberta de pinturas. Daisy pega seu café e agradece a TJ por ele enquanto se dirige ao seu quarto. Cara e Phoenix não estão à vista, então só posso presumir que ainda estão dormindo.

— Bom dia. — Coloco meu cavalete no chão e apoio a pintura sobre ele.

— Você me surpreende.

Fico quieta por um momento antes de colocar minha caneca na mesa de jantar e fechar a porta deslizante. — O quê?

— Suas pinturas — explica ele, fechando o espaço entre nós. — Elas são absolutamente insanas. Você é incrivelmente talentosa. As fotos em seu Instagram não lhes fazem justiça suficiente.

Levanto a cabeça para trás, com a sobrancelha erguida. — Você viu as fotos em minha conta?

— Sim... eu as vi. Tenho certeza de que pedi para seguir você nessa conta e na outra, mas acho que você nunca me seguiu de volta.

Eu me lembro dele me seguindo. — É verdade, você segue. Eu não o segui de volta na minha conta pessoal porque ela tem fotos do Phoenix e eu ainda não tinha contado sobre ele. Quanto à minha outra conta, eu realmente esqueci que você me segue lá.

Na verdade, eu não havia pensado nisso até agora. Aconteceram tantas coisas desde então que acabei esquecendo.

Ele parece ter sido pego de surpresa pela minha última resposta. — Ah... você não precisa me seguir de volta, mas se quiser, pode.

— Agora que você sabe sobre Phoenix, acho que isso não importa. — Desbloqueio meu celular e vou para o Instagram. Eu o sigo de volta na minha conta comercial e depois na minha conta pessoal. — Não me persiga.

— Não posso prometer nada. — Um brilho malicioso brilha em seus olhos e seu sorriso se eleva. — A propósito, aqui está. Espero que você goste. É um latte com leite de aveia, infundido com paus de canela.

— Com infusão de canela? — Sinto um leve cheiro de canela quando pego o copo dele, mas ele não o solta enquanto nossos dedos se tocam.

— Isso é... Jesus! Você está congelando.

— Eu estava do lado de fora. Vou me aquecer logo. — Eu dou de ombros, apesar de meu corpo tremer.

— Aqui. — Ele coloca as duas bebidas na mesa e segura minhas mãos em suas palmas.

— Isso não é necessário...

— Não seja teimosa, Peaches. — Ele segura minhas mãos com mais força e me puxa para mais perto até que haja cerca de 2,5 cm de espaço entre nós. — Deixe-me aquecê-la.

— Pare de me chamar de Peaches. E eu não sou teimosa. Isso simplesmente não é necessário.

— Sim, você é, *Peaches*. E é isso mesmo. Você parou de tremer. — Ele enfatiza o apelido, lançando-me um olhar fixo.

— Eu mal estava tremendo. E não sou teimosa.

— Você estava tremendo mesmo, e pare de discutir comigo. — Ele passa os polegares lentamente sobre os nós dos meus dedos.

Espero que ele não perceba o tremor que percorre meu corpo. E, desta vez, não tem nada a ver com o clima frio.

— Por quê? Gosto de discutir com você — provoco.

Seus polegares param brevemente entre um dos nós dos meus dedos e ele desliza a ponta entre meus dedos. — Eu sei disso. É o que você tem feito desde que a conheci.

Eu me contenho com um sorriso. — É sério que você não pode me dizer que se lembra disso.

É difícil acreditar que ele ainda se lembre do que aconteceu há dois anos. A maior parte do que aconteceu ainda está fresca em minha cabeça.

— Algumas coisas são um pouco confusas, mas eu me lembro, Lola. Há algumas coisas que você *nunca esquece*. — Seus olhos se fixam brevemente nos meus antes de descerem para os meus lábios.

Minha respiração fica presa na garganta. Meu corpo entorpecido fica quente, meus nervos se inflamam.

Mas logo que ouço Cara e Phoenix, deixo cair as mãos e dou alguns passos para trás até que minha bunda bata na mesa.

— Bom dia. — Eu me encolho mentalmente com a rapidez e a falta de fôlego com que isso é dito.

— Dia — Phoenix nos cumprimenta alegremente, mas para quando seus olhos se voltam para TJ. Juro que vejo seus olhos brilharem e seu sorriso se alargar. — Oi, T!

— Oi, amigo. — TJ sorri para ele e depois olha para Cara. — Bom dia.

Seus olhos se movem entre nós dois. Sei que ela está tentada a dizer algo, mas não o faz. Conhecendo Cara, ela vai esperar até estarmos sozinhas para me bombardear com perguntas.

— Bom dia, ouvi dizer que você nos trouxe café?

— Trouxe. — Ele aponta para o copo que está na ilha. — Um macchiato de caramelo grande, com caramelo extra e leite de aveia.

Ela sorri para ele. — Obrigada. Vou me arrumar.

— Acho que devemos nos arrumar também. — Pego Phoenix e dou um beijo em seu rosto.

— Você precisa de alguma ajuda? — oferece TJ.

Penso em deixá-lo ajudar, mas tudo está em meu quarto e não confio em mim mesma para ficar sozinha com ele.

— Não, está tudo bem. Já arrumei a maior parte de suas coisas. Só precisamos nos trocar. Já volto. — Eu me afasto antes que ele diga alguma coisa ou antes que eu possa fazer papel de boba.

— Puxa vida! — Jayden grunhe, seu rosto se contorcendo de dor enquanto olha para Landon. — Você está falando sério? Isso foi desnecessário. — Ele faz uma careta, esfregando a lateral de seu estômago onde Landon lhe deu uma cotovelada.

— Amigo, não na frente do garoto. Você deveria saber melhor.

— Eu *sei*. Só fui pego de surpresa. Não dá para dizer que vocês não estão chocados com o quanto eles são parecidos. — Jayden acena com a mão entre TJ e Phoenix, olhando para os dois como se não conseguisse compreender o que estava vendo.

Acabamos de chegar à casa do TJ e, assim que entramos, os rapazes nos cercaram. Phoenix agarra minha jaqueta, mas, surpreendentemente, ele não esconde o rosto atrás do meu ombro. Ele descansa a cabeça sobre ele, olhando para os rapazes com curiosidade e eles fazem o mesmo.

— Não, eu entendo. A semelhança é louca. Este é literalmente você, TJ, mas em uma versão muito menor. Ele tem os cachos e tudo mais. — Saint se abaixa até ficar quase na altura do rosto de Phoenix e sorri para ele com ternura. — Não é verdade? Você é igualzinho ao seu pai, seu pequeno *polpetta*.

— *Polpetta*? — pergunto.

O sorriso de Saint se espalha de orelha a orelha. — Almôndega. Dê uma olhada nele. Tão gordinho e tão adorável.

— Certo. — Jayden fica ao lado de Saint e se inclina até ficar na altura dos olhos de Phoenix. — Eu não ia dizer nada, mas ele é

um garoto fofo. — Ele belisca suavemente o queixo de Phoenix, o que faz com que ele dê uma risadinha.

— Você acabou de chamar meu filho de almôndega? — TJ franze a testa.

Fico olhando para TJ sem acreditar. Eu não deveria estar chocada porque TJ prometeu que assumiria a responsabilidade, mas não era isso que eu esperava. Que ele parecesse tão... possessivo.

Polly empurra os rapazes para fora do caminho. Ela e Gabby tomam seus lugares, em pé na nossa frente.

— Não o envergonhe. Não há nada de errado em ter alguns quilinhos a mais. Não é verdade, meu querido garoto? — Ela sorri para ele, mas ele não levanta a cabeça até que Gabby acaricie sua bochecha com as costas da mão.

— Você é tão bonitinho — diz Gabby e depois olha para mim, com o rosto suavizado e o lábio inferior saliente. — Ele é perfeito.

— Imensamente perfeito. — Sua melhor amiga concorda com a cabeça.

— É claro que ele é perfeito. — Saint fica ao lado de Gabby, abaixando-se mais uma vez. — É o bebê da Lola. Ele vai ser perfeito.

— Ele também é meu filho — argumenta TJ, mas ele só recebe uma onda de desânimo de Saint.

— Parabéns. Ninguém perguntou — afirma Landon categoricamente.

— Ok, nós entendemos, ele é pequeno e gordinho. Uma pequena almôndega, ele é apenas uma criança, que por acaso é da Lola — diz Jagger do canto da sala de estar, longe de todos nós.

— E meu — acrescenta TJ, exasperado.

— Não se preocupe com ele. Crianças o deixam nervoso — sussurra Gabby, balançando a cabeça enquanto o sorriso cresce em seu rosto. Ainda mais quando Phoenix envolve a mão dela com o dedo. — Não tem nada a ver com você.

— Muito bem, parem de bombardeá-los. Eles vão ficar aqui por algumas horas. — TJ fica ao meu lado, com a palma da mão na parte inferior das minhas costas. Eu respiro fundo quando seus dedos se apertam suavemente em minha jaqueta. — Não os sufoque ou eles nunca mais vão querer voltar.

Todos se afastam. Todos começam a conversar por conta própria. As meninas conversam entre si até que Saint as interrompe e tenta conversar com Daisy.

Tenta é a palavra-chave, porque ela acena com a cabeça e depois o ignora. Ele sorri, sem se incomodar com a falta de interesse dela por ele. Ele fica ali, ouvindo e sorrindo enquanto elas conversam.

— Você quer colocar suas coisas no meu quarto?

Eu hesito e sei que ele percebe. Antes que eu possa dizer que não, ele agarra a alça da minha bolsa, tira-a do meu ombro e a prende no dele.

— Teimoso, eu lhe digo. — Ele sorri, sua voz provocativa, mas depois se suaviza. — Sinto muito, Lola. A última vez que você esteve aqui...

Balanço a cabeça. — Está tudo bem. Estamos bem agora.

TJ fica na minha frente, abaixando a cabeça enquanto acaricia o braço de Phoenix com a parte de trás dos dedos. A maneira como ele fica na minha frente dá a impressão de que está bloqueando todos ao nosso redor.

— Estamos nessa por toda a vida. — Ele sorri.

Eu retribuo o sorriso. — Estamos.

CAPÍTULO 26

Tj

— Muito bem! — O técnico Warren apita, fazendo sinal para todos nós nos reunirmos ao seu redor.

Meu peito sobe e desce com minhas respirações rápidas. O suor escorre pelo meu rosto, fazendo com que alguns dos meus cachos grudem na minha testa. — Porra — murmuro, apoiando as mãos nos quadris enquanto tento controlar minha respiração pesada como todos os outros estão fazendo.

— Duas semanas. É tudo o que temos até a temporada começar oficialmente. — O técnico faz uma pausa, seus olhos percorrem lentamente a arena, como sempre fazem, e então caem sobre cada um de nós. — Quero lembrá-los de que a vitória da última temporada e o fato de estarmos em primeiro lugar na pesquisa da AP nesta temporada não significam nada. Fico feliz que todos vocês ainda estejam em alta, mas uma derrota pode mudar tudo. Portanto, lembrem-se disso toda vez que entrarem em quadra. Cada ponto, cada vitória conta. O esforço que vocês fazem em cada treino e jogo é vital. Lembrem-se de entregar suas tarefas no prazo, tirem boas notas e *não* se metam em problemas. — Seus olhos se voltam para Saint e permanecem ali por um momento, depois se voltam para todos os outros.

— Mas...

— Arlo, não teste minha paciência — o técnico Warren o interrompe com um olhar frio.

Ele sorri, levantando as mãos em sinal de rendição.

— Muito bem, venham aqui. — Ele coloca uma mão no meio e todos nós seguimos o exemplo. — Quem somos nós?

— Knights! — gritamos em uníssono.

— Eu perguntei, quem somos nós?

— Knights! — gritamos novamente, alto o suficiente para que nossas vozes ecoem por toda a arena e, então, nos separamos.

Todos os rapazes se dispersaram para pegar suas coisas. Vou atrás deles, mas não chego muito longe quando o treinador me chama. Ele sacode a cabeça para que eu o siga.

Eu vacilo em meus passos quando chegamos ao escritório dele. Janet está sentada em uma das cadeiras em frente à sua mesa, batendo no telefone até nos ouvir. Ao largá-lo, ela se levanta e olha para nós.

— Ótimo, você está aqui. Prometo fazer isso rapidamente. Tenho certeza de que você está exausto. — Ela sorri, mas o tom de sua voz está longe de ser doce.

Eu entro, hesitante, fechando a porta atrás de mim enquanto o treinador se senta em sua cadeira atrás da escrivaninha. Janet se senta novamente e eu me sento ao lado dela.

— Você tem se saído excepcionalmente bem desde que a notícia vazou. — Ela elogia, seu sorriso cresce com a admiração, mas é breve quando se abaixa.

Isso é o que todos pensam, mas por dentro estou em pânico. Às vezes, parece que vou estragar tudo.

— Mas só porque você não tem câmeras ou pessoas fazendo perguntas sem sentido. Estou aqui para lembrá-lo mais uma vez de que é diferente quando as câmeras estão em você.

— Eu sei.

Estou fazendo isso há dois anos, e já vou completar três. Sei como alguns desses repórteres e analistas esportivos podem ser implacáveis e irritantes.

— Este ano é diferente. — Sua voz é severa, o sorriso em seu rosto desapareceu completamente. — Você tem um filho, TJ. Esse tipo de notícia não é algo que ninguém esquece. Todos estão curiosos, todos querem respostas.

Eu sei que sim. Vi tantos artigos, tantas postagens, tantos vídeos de pessoas se perguntando se conseguirei equilibrar o papel de pai e o basquete na próxima temporada.

— Não devo nada a ninguém.

— Você não deve, mas desde quando alguém se importa com isso? — Ela solta um suspiro. — Há pessoas que acham que você merece. Há aquelas que acham que você não merece. Aquelas que acham que você não merece vão apertar botões de propósito que você nem sabia que existiam. Portanto, estou aqui para lembrar você de manter a calma, não deixar que elas afetem você e *não* — ela se senta, inclinando-se para mais perto de mim — não exploda na televisão nacional.

Luto contra a vontade de revirar os olhos e me levantar. — Isso não vai acontecer. Mais alguma coisa? Preciso tomar banho.

— Sim, eu lhe enviei por e-mail algumas perguntas que provavelmente serão feitas. Use-as para se preparar para as entrevistas antes e depois do jogo.

— Ok. — Dirijo minha atenção ao treinador.

— Ouça o que ela tem a dizer, TJ. Isso não é bom apenas para você, mas para a equipe. Ela sabe o que é melhor.

Sei que o que eles realmente querem dizer é que têm medo de que eu faça alguma besteira e não confiam que eu seja capaz de me controlar.

— Isso é tudo?

— Isso é tudo.

Toco meus dedos no volante, segurando-o com força enquanto espero o sinal ficar verde.

A conversa com Janet fica na minha cabeça e, quanto mais tempo passa, mais alimenta minha agitação. Não sei ao certo o que me frustra mais: a falta de confiança que o treinador e a Janet têm em mim ou a possibilidade de que eu possa ser desencadeado por uma pergunta idiota.

— Ajude-me, TJ.

— O quê? — Meus olhos piscam da luz para o espelho retrovisor. Saint, Jayden e Jagger estão sentados no banco de trás do meu G-Wagon, enquanto Landon está sentado no banco do passageiro.

Nos fins de semana, nós nos revezamos para dirigir até o treino, diferente dos dias de semana, pois todos temos horários diferentes. Normalmente, depois do treino, vamos comer alguma coisa, mas agora que Phoenix e Lola estão em minha vida, não tenho almoçado com os rapazes.

Foram duas semanas interessantes. Aprendi algumas coisas sobre o Phoenix, como que ele já usa o penico, carrega o Ursinho Pooh para onde quer que vá, gosta de ficar abraçado apenas quando está assistindo à TV e muitas outras coisas.

Ainda não tenho a menor ideia do que estou fazendo. Há dias em que parece que finalmente peguei o jeito, mas então Phoenix faz algo que me tira do sério.

Como fazer birra porque ele queria sorvete em vez da refeição. Lola lidou bem com a situação, mas eu fiquei observando, sentindo-me inútil por não saber o que fazer.

— Ajude-me com a Daisy — ele pede.

Os rapazes riem, exceto Landon. Ele está concentrado demais no que quer que esteja em seu telefone para prestar atenção em Saint.

— Isso não vai acontecer. — Volto meu olhar para o semáforo assim que ele fica verde.

Ele zomba. — E por que diabos não?

— Você está fazendo a coisa certa, TJ. Ela é gostosa demais para ele — acrescenta Jagger, e Jayden concorda.

— Muito gostosa para mim? Você não viu o Jayden? Sou mais bonito do que ele, e a Cara está conversando com ele — argumenta Saint, sem nenhum pingo de humor em sua voz.

— Não estamos conversando. Eu lhe disse que temos duas aulas juntos. Nós apenas ajudamos um ao outro a estudar. E eu já me vi. Sou muito bonito — responde Jayden, presunçoso. — Não posso dizer o mesmo de você. Daisy nem sequer reconhece você.

— No momento, não, mas isso vai mudar porque o TJ vai me ajudar, certo? — Saint diz com esperança em sua voz.

— Eu lhe disse que isso não vai acontecer. Ela mal fala ou olha para mim quando estou na casa delas. Tenho certeza de que ela não gosta de mim. Você está por sua conta. — Entro em nossa garagem e estaciono.

Não menciono o olhar de desdém em seus olhos, os olhares não tão sutis que tenho certeza de que ela faz de propósito, suas risadinhas fracas quando falo, que me fazem saber o quanto ela não gosta de mim.

— Vamos lá, ajude-me com a Daisy e eu o ajudarei com a Lola.

Pela primeira vez desde que entramos no meu SUV, Landon me olha brevemente.

— Não estou interessado — respondo sem dizer nada, olhando para ele pelo espelho retrovisor.

Ele franze uma sobrancelha, sorrindo. — Não está interessado em me ajudar ou em ficar com a Lola?

— Saiam. Eu preciso ir.

Landon sai sem dizer uma palavra.

— Tchau, papai do bebê — Jayden e Jagger cantam em uníssono.

Levanto meu dedo médio enquanto eles saem.

O único que resta é Saint. Ele se senta, com um sorriso de merda tomando conta de todo o seu rosto. — Não se esqueça de que é comigo que ela fala todos os dias. Se precisar de ajuda, você sabe onde me encontrar. — Essa é a última coisa que ele diz antes de sair, fechando a porta atrás de si.

Não preciso de ajuda para ficar com a Lola. Não gosto dela dessa forma. Mesmo que eu *gostasse* dela dessa forma, é claro que não é recíproco. Ela deixou isso bem claro.

— Oi. — Cara está do outro lado da porta, segurando-a aberta para mim com um sorriso que me pega desprevenido.

Cara normalmente me cumprimenta com uma expressão estoica e um rígido *ei*.

— Oi. — Retribuo o sorriso e entro. Fecho a porta atrás de mim, depois tiro os sapatos e o casaco.

Ela não diz mais nada enquanto se afasta e vira à esquerda, desaparecendo no corredor que, presumo, leva ao seu quarto. Pode não parecer muito, mas gostaria de pensar que estou progredindo.

Ao entrar na sala de estar, a primeira coisa que vejo é a mobília empurrada para trás e um lençol branco cobrindo o chão. Há dois carrinhos cheios de pincéis, tintas e outros materiais de arte. Três telas brancas estão sobre o lençol, ao lado de três potes de conserva cheios de água.

— Lembre-se, o Ursinho Pooh não gosta de tinta nele. — Ouço a voz de Lola atrás de mim.

Virando a cabeça, eu a vejo saindo do quarto com Phoenix ao seu lado. E, para a surpresa de ninguém, ele está segurando o urso que lhe dei. Ele o carrega para todos os lugares desde que o dei a ele.

— Está bem. — Ele faz beicinho, soltando um suspiro pesado, mas a expressão triste em seu rosto muda quando ele me vê. Seus olhos brilham intensamente e ele se alegra ao correr em minha direção. — T!

Posso não ter a menor ideia do que estou fazendo, mas uma coisa que sei e na qual sou bom com toda a certeza é dar abraços, especialmente em Phoenix.

Não há palavras suficientes para descrever a imensa felicidade que sinto neste exato momento ou toda vez que venho até aqui. A serotonina que percorre meu corpo quando vejo a alegria pura no rosto do *meu* filho quando ele corre para mim. É algo que eu nunca pensei que fosse amar tanto.

— Phoenix! — Abro bem os braços, agachando-me rapidamente no momento em que ele pula em mim e passa os bracinhos em volta do meu pescoço. — Ei, amigo, como você está?

Ele sorri de forma atrevida. — Ótimo.

— Como está o ursinho Pooh? — Olho para o urso que ele ainda está segurando com firmeza e meu sorriso se alarga quando percebo que ele e o urso estão usando camisetas iguais.

— Bom! Pintar.

— Vamos pintar hoje? — Eu sorrio para ele e depois olho para Lola. — Oi, Peaches.

Seu sorriso vacila e ela me olha fixamente, sem se impressionar com o apelido.

Meus olhos percorrem o comprimento de seu corpo. Tento não olhar como um maldito pervertido, mas o macacão jeans que ela está usando abraça seu corpo tão bem. É um pouco folgado no peito, mas apertado nos quadris, droga.

Eu forço meu olhar de volta para o dela e não deveria sorrir, mas o olhar ameaçador que ela está me lançando é bonito. Espero que ela diga algo sobre o apelido, mas ela solta um suspiro resignado. — Ei, como foi o treino?

— Ótimo, Warren realmente nos forçou hoje. Juro que não estou sentindo minhas pernas.

Seu sorriso aumenta como se saber que estou sofrendo fosse satisfatório para ela ouvir. — É uma pena.

Isso definitivamente soou sarcástico, mas não me importo com isso. Vê-la sorrir para mim e não para outra pessoa me faz sentir muito bem.

— Você gosta de ouvir que estou sofrendo?

— Não, claro que não. — Ela se esquiva de mim. Quando ela faz isso, meus olhos imediatamente descem para sua bunda. Jesus Cristo, porra. *Foco*. — Eu só disse que é uma pena. Só isso.

Tenho certeza de que ela murmura alguma coisa quando se vira. Algo do tipo *ele deveria ter treinado com você mais forte*, mas talvez fosse apenas minha imaginação.

— Vamos. — Phoenix se contorce contra mim, incentivando-me a sentar.

Eu me recupero e vou até o lençol. Sento-me ao lado de Lola e coloco Phoenix no meu colo, mas parece que ele já se cansou de me ver segurando-o, pois ele se senta ao meu lado.

— Então, vamos pintar hoje?

— Sim, achei que seria uma boa maneira de criar laços com Phoenix. Essa é uma de suas atividades favoritas. Ele gosta tanto que comprei seu próprio carrinho. Além de ele adorar, é educativo. Não é, querido? — Seus olhos se voltam para Phoenix, com o sorriso mais bonito em seu rosto enquanto ele concorda com a cabeça. — Diga a TJ que cor é essa. — Ela aponta para a garrafa amarela no carrinho.

— *Arelo* — ele responde rapidamente.

— Uau, muito bom, amigo. Você é muito inteligente. — Eu bagunço seu cabelo. — Obrigado por me deixar fazer parte disso. Se não fosse por você, eu não teria a menor ideia do que estou fazendo.

— Obrigada por estar aqui. Por tentar. — Sua voz é suave, como uma carícia em minha alma. Seus olhos estão com um tom mais profundo de verde hoje, destacando as manchas marrons espalhadas pela íris.

— Qualquer coisa por Phoenix... e por você — digo, esticando as mãos ao lado do corpo, mas paro quando sinto a ponta do dedo dela roçar o meu.

Eu respiro fundo quando tudo fica parado e as faíscas de algumas semanas atrás voltam. Mas elas diminuem quando ela afasta a mão.

— Devemos começar a pintar. — Ela pega alguns frascos do carrinho menor que tem o nome de Phoenix e esguicha um pouco da tinta em cada paleta.

Pegando uma das paletas, coloco-a na frente de Phoenix e o urso ao lado dele. — Vou colocá-lo aqui para que ele possa ver você pintar. Tenho certeza de que ele adoraria isso. O que você acha?

Ele acena com a cabeça e sorri, pegando um pincel. — Está bem.

Quando começa a pintar, ele ignora completamente a Lola e a mim. Ele está muito concentrado em sua tarefa. Sua língua se inclina levemente para o lado e suas sobrancelhas estão contraídas.

Pego meu próprio pincel e o mergulho na tinta azul. — Sabe, eu estava pensando... — falo, adicionando a tinta à tela. — Eu não sei muito sobre você.

Ela me olha de lado, seu pincel congelando sobre a tela. — Você não sabe nada sobre mim.

Mergulho meu pincel na água, seco-o em uma toalha de papel e mergulho-o na tinta preta. Não tenho certeza do que estou fazendo e sei que vai ficar uma merda, mas coloco a tinta na tela mesmo assim.

— Você prefere café gelado a quente. E adora aquelas leggings coloridas com Converse. Tenho certeza de que suas cores favoritas são verde e laranja. Você adora comida mexicana e aposto que, se pudesse, comeria o tempo todo. — Sorrio para mim mesmo, lembrando o quanto ela adorou os tacos e como falou em comê-los novamente.

Depois de um instante de silêncio, olho para cima. Ela já está me encarando com as sobrancelhas franzidas. Percebo que provavelmente entendi tudo errado e que realmente não a conheço.

— Estou errado, não estou?

— Não, você está certo.

CAPÍTULO 27

Lola

— Como você descobriu isso?

— Seus olhos ficam mais brilhantes e seu sorriso fica maior. Não sei como explicar, mas sua expressão muda quando você toma café frio em vez de quente. Você está sempre usando aquelas leggings coloridas e o Converse. Achei que você realmente gosta de laranja e verde porque sempre os usa. E a maquiagem dos seus olhos é sempre de um tom claro de pêssego. E a comida mexicana é um dado adquirido.

De longe, vejo seus lábios se contraírem em um pequeno sorriso enquanto ele continua a pintar.

Volto minha atenção para a tela, mas é difícil me concentrar quando ele percebe algo tão pequeno quanto a cor da minha sombra.

— Tenho que admitir: sou um grande fã das leggings coloridas, e os Converse combinando são a cereja do bolo.

Meus lábios traiçoeiros se espalham pelo meu rosto. — Certo...

— Não é o motivo que você está pensando, mas se eu estiver sendo honesto... — Ele para no meio da frase. Ele olha para Phoenix e depois para mim. — Não é apropriado para *crianças*.

— Mas que cavalheiro — retruco com sarcasmo.

É duvidoso que Phoenix ouça uma palavra. Ele está em seu próprio mundo, sem se incomodar com nossa presença ou conversa.

Minha respiração fica presa quando TJ se inclina. Seu hálito quente e mentolado acaricia a concha da minha orelha. Não consigo vê-lo, mas juro que sinto um sorriso nos lábios dele. — Eu realmente adoro essas leggings, e estaria mentindo se dissesse que a sua bunda não fica ótima nelas. Embora tudo o que você usa fique muito bem em você.

O calor sobe pelo meu pescoço até as bochechas. — Obrigada, era exatamente isso que eu queria ouvir.

Ele retoma a pintura, com uma risada profunda ressoando em seu peito. — Estou apenas sendo honesto.

— Sua honestidade nunca falha. — Lanço-lhe um olhar de lado, afastando minha franja.

— Eu não mentiria para você — diz ele suavemente.

Um pensamento passa pela minha cabeça e considero se vale a pena contar a ele ou não. É bem possível que ele não se importe, e isso pode tornar todo esse momento estranho.

Sacudo a cabeça, odiando-me por estar pensando demais em toda essa situação.

— O quê?

— Não é nada. — Continuo a pintar, afastando meus pensamentos irritantes.

— Não se sinta obrigada a me contar, mas nós somos... amigos. Você pode me contar qualquer coisa. — Suas palavras são gentis, quase cuidadosas, como se ele não quisesse forçar muito, mas também como se estivesse estendendo sua própria versão de um ramo de oliveira.

— Fiquei deprimida depois que descobri que estava grávida, e piorou depois que tive Phoenix. — Rolo o pincel entre o polegar e o indicador, sentindo a madeira contra as pontas dos dedos. A ansiedade que eu não sentia há algum tempo volta. A lembrança daqueles dias sombrios parece que foi ontem. — Para me livrar disso, Daisy teve uma *grande* ideia. Ela achou que seria bom eu fazer exercícios com ela. Ela disse que a liberação de endorfinas seria ótima para meu corpo e minha saúde mental. E Cara foi quem teve a ideia do Converse. Eu já usava meus tênis brancos de cano alto e ela sabia o quanto eu gostava deles.

Reflito sobre a lembrança, recordando como Daisy e Cara apareceram inesperadamente. As duas me repreenderam por estar deitada na cama sem fazer nada, mas também me abraçaram, porque sabiam o quanto eu precisava disso. Bem, Cara sim, mas Daisy ainda me apoiou, pairando e ocasionalmente colocando a mão em meu ombro.

— Elas fizeram isso para alegrar meu humor. Depois de sua visita inesperada, começamos a nos exercitar juntas pelo FaceTime. Com o tempo, ficou mais fácil falar e passávamos horas ao telefone. Começou com vinte minutos, depois quarenta, depois uma hora, até chegar a horas. Elas viram isso como um marco e minha recompensa foram leggings e Converse.

Não menciono que meu peso e minhas estrias foram um grande fator para minha depressão. Eu estava quase cinquenta quilos acima do peso e minhas estrias estavam por toda parte. Foi difícil aceitar essas coisas. É estúpido que eu me importe tanto com isso, mas minha mania de pensar demais realmente destruiu minha autoestima.

— E é por isso que tenho tantas leggings coloridas e Converse. Sei que parece bobagem, mas...

— Não é bobagem — TJ me interrompe, seu tom sério, mas suave. — São as pequenas coisas que nos fazem continuar quando tudo parece que vai dar errado, você sabe. — Ele sorri se desculpando e depois olha para Phoenix para ter certeza de que ele não ouviu nada.

Ele olha de volta para mim. — Você tem leggings e Converse. Eu fiz tatuagens e fiquei bêbado. Não foi a ideia mais inteligente, mas as tatuagens que fiz valeram a pena.

— Você fez tatuagens no plural enquanto estava bêbado?

— Sim, eu sei o que você está pensando. O que eu estava pensando? Não estava. Fui um idiota, mas, felizmente, meus amigos não são completamente idiotas, desculpe, é um hábito. Por sorte, eles estavam lá para cuidar de mim. Eles não me impediram de fazer tatuagens, mas se certificaram de que elas não ficassem uma porcaria.

— Agora você sabe que vai ter que me mostrar essas tatuagens. — Examino cada centímetro de pele visível, mas como ele está de moletom e manga comprida, não consigo ver nada.

— Eu lhe mostrarei a minha se você me mostrar a sua. — Ele inclina a cabeça para o lado e seus olhos percorrem lentamente meu corpo.

Levanto o dedo médio e sorrio quando suas sobrancelhas se erguem e seus lábios se separam. Apesar da expressão de choque em seu rosto, vejo como os cantos de sua boca se curvam para cima. Quando viro o dedo, seus olhos flutuam até a pequena chama gravada em minha pele.

— Daisy, Cara e eu fizemos tatuagens de chamas iguais no mesmo dedo. É a nossa maneira de estarmos sempre conectadas. Sei que soa estranho, mas...

— Você quer falar de vergonha... — Ele levanta a bainha da camisa, mostrando parte de seu abdômen. Por um momento, eu me perco nos sulcos esticados e bronzeados até que ele aponta para a tinta em sua pele. — Posso ter grandes amigos, mas eles ainda são idiotas. Eles tatuaram seus nomes em mim. Até o Landon, que nunca participa de nada, decidiu fazer parte disso. Eles chamam isso de sua versão de um selo de vagabundo.

Tento controlar meu sorriso, mas é difícil fazê-lo quando leio seus nomes. O de Jayden é o primeiro, seguido por Jagger e, por último, Landon. — Poderia ter sido muito pior. A menos que haja algo pior?

— Não, essa é a pior. As outras não são tão ruins, e tenho uma em particular de que gosto muito. — Ele olha para o braço direito coberto.

— Vou ver as outras?

— Não, a menos que você me deixe ver as suas. — Ele levanta uma sobrancelha.

Volto minha atenção para a tela e continuo pintando, ignorando o modo como seus olhos me fitam. E mudo a conversa. — Então, o que você quer saber?

Uma risada profunda sai de seu peito. — Por que o nome Phoenix?

Isso realmente chama a atenção de Phoenix. Quando ele olha para TJ, os dois sorriem um para o outro, e isso mexe com meu coração.

— Quando você engravida tão jovem, todo mundo faz parecer que sua vida acabou. Que não há nada pelo que esperar depois de dar à luz em *uma idade tão jovem*. — As palavras dos meus pais e de muitas outras pessoas são repetidas em minha cabeça, assim como seus olhares de decepção e julgamento. — Por um tempo, achei que eles estavam certos, até que a parteira o colocou em meu peito. Naquele momento, tudo parecia que ia ficar bem, tudo parecia novo. Como uma Phoenix.

Um período de silêncio se instala entre nós e começo a pensar demais, imaginando se falei muito ou se tudo isso parece muito deprimente. Talvez eu não devesse ter dito nada. Em que diabos eu estava pensando?

— Você realmente me impressiona.

Aperto o pincel com um pouco mais de força, sorrindo apesar da pequena dor que sinto no peito. — Eu não deveria. Eu não fiz nada.

— Entrei em pânico quando você me contou e ainda entro em pânico... — ele se arrasta. — Se os papéis fossem invertidos, não acho que eu seria um pai tão bom quanto você.

Paro de pintar. — Você entrou em pânico? Mas você parece tão calmo... na verdade, você lidou com isso melhor do que eu esperava.

Ele ri secamente, passando os dedos pelos cachos. — Tenho de ser sincero com você. Falo com meus pais pelo menos dia sim, dia não, porque me preocupo com a possibilidade de fazer alguma besteira. É fácil fingir estar bem quando se está acostumado a ter todos os olhos voltados para você. Estou lidando com isso desde o primeiro ano. Não posso dizer que sempre foi fácil, mas finja até conseguir, certo? Sei que parece clichê, mas foi o que me ajudou a passar por isso... e você também me ajudou.

Pela primeira vez, eu realmente olho para ele e vejo a hesitação que está em seus olhos. O aperto em seu rosto e o leve desconforto quando ele olha para mim e depois para longe. Quase como se ele estivesse envergonhado por ter admitido isso para mim.

— Não é clichê e definitivamente não fiz nada. — Eu sorrio para ele.

— Juro que sim. Eu não daria conta disso sem você.

Odeio esse momento.

O modo como ele olha para mim, o modo como sorri e a sinceridade por trás de suas palavras. Acima de tudo, odeio a sensação de que, de repente, o tempo parou.

Felizmente, Phoenix interrompe o momento. Ele bate com seu pincel na paleta, fazendo com que parte da tinta respingue no colo de TJ.

— Cuidado, você jogou tinta no TJ — eu repreendo.

Phoenix se inclina para a frente, inspecionando os respingos de tinta no suéter de TJ. Ele inclina a cabeça para um lado e depois para o outro, cantarolando como se estivesse pensando profundamente.

— Pequeno. — Ele aperta o polegar e o indicador.

TJ dá uma risadinha, olhando para a tinta. — Acho que essa é a primeira de muitas obras de arte que receberei de você, não é? Aposto que você vai ser tão artístico quanto sua mãe.

Ele não limpa a tinta. Em vez disso, ele tira o telefone do bolso e toca no aplicativo da câmera. Ele se certifica de que todas as manchas estão no quadro e, em seguida, ajusta o ponto focal da câmera e tira a foto.

— Você acabou de tirar uma foto?

— Eu levo a arte muito a sério e isso — TJ segura seu telefone na minha frente, mostrando-me a foto que tirou — é uma obra de arte — ele afirma com naturalidade, colocando o telefone ao seu lado. — O que me leva à minha próxima pergunta. Estou curioso para saber como você faz pinturas ao vivo. Você tem algum tipo de memória fotográfica ou algo assim? Eu vi o vídeo que você postou na outra noite e não acredito que tenha feito tudo isso em um dia. E os detalhes? Meu Deus, você é insana.

Um sorriso presunçoso surge em meus lábios diante da expressão de espanto em seu rosto. Não só porque ele está me encarando como se estivesse confuso e surpreso com o que viu, mas também porque ele parece meio fofo.

Não... não parece fofo. Espere, ele acabou de dizer que viu meu vídeo?

— Você assistiu ao meu vídeo? — Tenho certeza de que estou espelhando sua expressão, embora provavelmente eu pareça mais confusa do que qualquer outra coisa. É um vídeo de apenas três minutos, mas não achei que fosse algo que ele gostaria de ver.

— Ela apareceu em meu feed e, assim que apareceu, não consegui desviar o olhar. A maneira como você pinta é hipnotizante.

Isso não deveria significar nada e, com certeza, não deveria me fazer sorrir feito uma boba. Mas aqui estou eu, sorrindo como se fosse a primeira vez que alguém me elogia.

— Não tenho memória fotográfica, mas secretamente tiro várias fotos durante o evento e às vezes persigo meus clientes.

Ele ergue uma sobrancelha e um sorriso divertido se insinua em seus lábios. — Persegue?

— Na maioria das vezes, um parente ou amigo me contrata, então o casal ou quem quer que seja que eu esteja pintando não tem ideia do que estou fazendo. Antes do evento, dou uma olhada em suas redes sociais, se não forem privadas, para ter uma ideia de como eles são e procurar algo importante. Como tatuagens, animais de estimação, detalhes mínimos. E quando estou no

evento, tiro várias fotos para ter certeza de que estou registrando todos os detalhes.

— Uau, e você fez a pintura no mesmo dia?

Suspiro profundamente. — Eu gostaria, mas, infelizmente, sou perfeccionista e, às vezes, volto atrás e faço alterações. Também tenho que dar os retoques finais antes de entregá-la.

— Uau... sei que já disse isso, mas você simplesmente...

— Lola! Cara! — Daisy grita da porta da frente, fechando-a com força. Ela corre para a sala de estar, com uma mão segurando um monte de sacolas de compras e a outra segurando duas caixas de pizza. Ela se interrompe quando seus olhos se deparam com TJ e seu sorriso também. — Oh... você está aqui.

Não me preocupo em avisar a Daisy para ser gentil, porque ela faz o que quer, quando quer.

— Você comprou pizza para nós? — Cara pega as caixas da mão de Daisy e as coloca no balcão. — E você comprou de abacaxi. Alguém está de bom humor.

— Eu não comprei pizza e definitivamente nunca pediria abacaxi em uma pizza. — Ela faz uma careta, olhando para a pizza coberta com abacaxi, bacon e jalapeños.

— Fui eu. TJ acabou de sair do treino, e Phoenix e eu não comemos.

Seus olhos se estreitam e, em seguida, algo brilha neles, e ele balança a cabeça. — Obrigado pela pizza, porra. Eu adoro abacaxi.

Cara segura uma fatia de pizza a poucos centímetros de sua boca, sorrindo enquanto seus olhos se voltam para o pote cheio de dólares e moedas. — São dez dólares no pote.

TJ não hesita em sacar a carteira e tira uma nota de vinte dólares, entregando-a para mim com um sorriso envergonhado no rosto. — Desculpe-me por isso.

— Não se preocupe com isso, mas são apenas dez.

— Fique com isso. Tenho certeza de que não será a última vez que escorregará.

— Mas...

— Vamos, amigo, vou ajudá-lo a lavar a tinta. — TJ mergulha o pincel no frasco, limpando a tinta, e faz o mesmo com o pincel de Phoenix.

A contragosto, mas surpreendentemente, ele ouve e TJ o levanta, e ambos desaparecem no banheiro.

— Hmmm...

Olho para Daisy, que está me encarando atentamente.

— O quê? — Coloco meu pincel no frasco e me levanto, colocando a nota de vinte dólares no pote. Vou até a ilha e pego uma fatia de pizza.

Seus lábios se achatam em uma linha reta. — Não sei, você só parece... diferente.

— Ela parece, não parece? — Cara aponta sua pizza meio comida em minha direção.

— Deixei minha franja crescer. — Aponto para elas.

— Não, não é isso. Há outra coisa que não consigo identificar. — Ela tamborila os dedos no balcão, mas depois dá de ombros e joga duas sacolas de compras para mim. — De qualquer forma, encontrei a fantasia de Halloween perfeita para você.

Agora, estreito meus olhos para ela. Seu sorriso é radiante, mas o brilho em seus olhos está cheio de malícia.

Abrindo lentamente a bolsa, tiro a fantasia e, quando a seguro, meus olhos se arregalam e meu queixo cai.

— De jeito nenhum você acha que eu vou usar isso? — pergunto incrédula, olhando para o deslumbrante, mas imensamente curto, vestido vermelho de lantejoulas sem alças com uma longa fenda na bainha.

— Ah, sim, você vai. Você será uma Jessica Rabbit de arrasar.

— Sim, você vai. — Cara concorda com a cabeça enquanto pega outra fatia de pizza.

— Devo lembrá-la de que o vestido da Jessica Rabbit é longo e este — eu o seguro junto ao meu corpo, percebendo que está bem acima do meio da minha coxa e que a fenda pararia perto do meu quadril — é extremamente curto?

— É Halloween. É para ser curto e sexy — diz ela com naturalidade, pegando uma fatia de pizza de queijo. — E acredite em mim quando digo isso, isso vai ficar muito bem em você.

Enfio o vestido de volta na bolsa enquanto ouço o barulho suave dos pés no chão e as risadas de Phoenix.

— Prometo que você vai adorar abacaxi — diz TJ a Phoenix.

— Não corrompa meu sobrinho — adverte Daisy, apontando o dedo para ele.

— Não estou corrompendo-o. Estou fazendo com que ele experimente uma das melhores coisas do mundo. — Ele sorri, colocando Phoenix no balcão, mantendo um braço ao redor dele.

— Uma das melhores coisas do mundo? — ela fala, sua voz zombando. — Deus, o nível está muito baixo.

Eu sorrio, entregando um prato a TJ. — Realmente não é tão ruim, Daisy. Você nem sequer experimentou. Como saberia que é ruim?

— Eu simplesmente sei.

— Está tudo bem. Mais para nós. — Cara pega mais duas fatias e caminha em direção à sala de estar, e Daisy segue logo atrás dela, fazendo cara feia para a caixa de pizza recheada com abacaxi.

Cortando um pedaço da pizza de queijo, entrego-a ao Phoenix, e ele não perde tempo em comê-la.

— Alguém estava com fome de... — TJ para no meio da frase e tira o celular do bolso. Seus dedos passam sobre a tela, quase como se ele estivesse pensando se deveria ou não responder a quem lhe enviou a mensagem. Mas quando ele vai responder, Phoenix dá um tapa com a pizza em sua camisa.

— Phoenix, não. — Pego sua mão antes que ele espalhe mais molho em sua camisa. — Isso não é legal.

— Não tem problema. De qualquer forma, é uma camisa velha. — TJ ri, olhando divertido para o pequeno pedaço de pizza grudado em sua camisa.

— Eu deveria ter dito que ele gosta de fazer esse tipo de coisa. — Umedeço algumas toalhas de papel, coloco um pouco de detergente nelas e as entrego a ele.

— Eu deveria saber que ele faria algo assim. — Seu sorriso se alarga quando ele tenta limpar o molho, mas só consegue manchar mais.

Seu celular vibra contra o balcão. Olho para ele e vejo uma mensagem de texto de Alexia.

Alexia: Espero que você esteja pronto para mim esta noite. Tenho algo especial para você.

Alexia: Apenas uma pequena prévia.

Alexia: Foto.

Desviando o olhar da renda preta, engulo em seco, esforçando-me com o aperto na garganta, e meu estômago cai.

CAPÍTULO 28

Tj

Repasso cada segundo, minuto e maldito instante do dia com a Lola, tentando entender onde foi que errei, mas nada me vem à cabeça.

Logo antes de a pizza chegar, Lola estava sorrindo e se abrindo comigo, mas depois ela agiu de forma diferente. Ela ficou um pouco mais quieta e seus sorrisos pareciam forçados.

Solto um suspiro pesado, olhando para o teto do meu quarto enquanto me deito na cama e repasso o dia todo. Mas meus pensamentos são interrompidos quando ouço uma batida na minha porta.

Eu gemo, fechando os olhos. — Saint, falei que não quero sair hoje à noite.

Ele e os outros rapazes, com exceção de Landon, insistiram para que eu saísse com eles. Eu lhes disse várias vezes que não queria e, depois de alguns minutos, eles finalmente foram embora, ou pelo menos pensei que tivessem ido.

O clique suave da minha porta se abrindo e fechando me fez abrir os olhos. — Que parte de... — Paro no meio da frase quando me sento e vejo Alexia, de pé em frente à minha porta, vestindo apenas lingerie preta.

Ela sorri de forma astuta e maliciosa. — Ei, já faz algum tempo.

— Alexia...

Ela me interrompe, fechando o espaço entre nós. — Achei que você estava um pouco ocupado com Phoenix e por isso não me respondeu. Então, pensei em vir e fazer uma surpresa para você. O que acha?

Eu não só estava ocupado com Phoenix e Lola, como também me esqueci de responder à mensagem.

Mantendo meus olhos apenas em seu rosto, passo os dedos pelo cabelo, sem saber como dizer o que estou pensando, mas não há outra maneira de contornar isso.

— Eu só quero ficar sozinho hoje.

Queria dizer que me sinto mal ao ver o sorriso dela sumindo e suas sobrancelhas se contraindo. Não duvido que ela esteja confusa e magoada, mas ela nunca apareceu em minha casa sem me avisar.

— É sério que você não vai dizer nada sobre o que estou vestindo?

Fico surpreso, mas só me dou conta alguns segundos depois que ela não está chateada ou confusa porque quero ficar sozinho, mas porque não admirei a porra da roupa dela.

— Não mandei uma mensagem para você vir aqui porque me esqueci.

Sei que isso me faz parecer um imbecil, mas odeio encobrir as coisas. Se há uma coisa que nunca farei é alimentar as esperanças

de alguém para meu próprio benefício. Eu poderia dizer isso de outra forma, mas qual é o objetivo? Às vezes, isso prolonga o inevitável, e não há motivo para isso.

— Seu idiota de merda! Comprei isso para você. Pensei em lhe fazer uma surpresa, já que não nos vemos há algum tempo. — Ela cerra a mandíbula, com o nariz empinado. — Você mal responde às minhas mensagens ou ligações. Que diabos está acontecendo?

Aperto a ponta do meu nariz, sentindo-me irritado porque não era assim que eu esperava que as coisas acontecessem. — Eu tenho um filho, Alexia. A temporada de basquete começou. Tenho pessoas na minha cola o tempo todo.

— Ok? E? Você sempre arranjou tempo para mim. Eu sempre estive lá para você, ou se esqueceu?

Eu a encaro incrédulo, mas me recupero. Não é de surpreender que, de alguma forma, ela tenha feito com que isso seja sobre ela.

— Já estive lá quando você queria transar. — É uma coisa ruim de se dizer, mas é a verdade. Saímos juntos ocasionalmente, mas no final, sabemos que é sempre para transar.

Alexia respira asperamente, com os olhos estreitados em fendas. — Você nunca reclamou antes. Agora, de repente, é um problema? — Ao se virar, ela pega o casaco do chão e o passa sobre a cabeça.

Agora que ela está coberta novamente, dou uma boa olhada no casaco. Não é nem mesmo dela, mas de alguém do time de futebol. Só sei disso porque todos os atletas recebem roupas esportivas personalizadas.

Eu poderia reclamar do fato de ela estar usando o moletom de outro cara, mas realmente não me importo.

— Só quero ficar sozinho hoje. — E pensar no que fiz de errado com a Lola.

— Ah — ela diz, encostada em minha porta com os braços cruzados contra o peito. Ela olha para mim como se tivesse percebido algo e sorri ironicamente. — Estou vendo do que se trata. Você poderia ter me contado.

— Contado o quê?

— Você está com a Lauren. — Apesar de seu sorriso ter se suavizado, ouço o ressentimento em sua voz.

Não sou idiota para deixar de perceber que ela disse o nome errado de propósito. Isso é infantil e idiota. Todo mundo que está me acompanhando sabe o nome da Lola.

Há tanta coisa que eu poderia dizer, mas é inútil. Já superei essa conversa.

Inspirando lentamente, eu me levanto e vou até ela. Seu sorriso mais uma vez se torna sensual quando estendo minha mão, mas ele se desfaz quando a envolvo na maçaneta e a giro.

— Vá embora, Alexia.

Ela arregala os olhos. — Você está falando sério? Eu vim até aqui por sua causa. Você vai mesmo me expulsar?

— Desculpe-me por ter esquecido de enviar uma mensagem, mas já disse que quero ficar sozinho.

Alexia solta um suspiro trêmulo e coloca um sorriso doentiamente doce no rosto. — Tudo bem, eu vou embora, mas não venha correndo para mim quando estiver entediado.

Eu me abstenho de revirar os olhos enquanto abro a porta. Ela sai e eu a sigo até chegarmos à porta da frente.

— Alexia.

Ela se vira. — O quê?

— O nome dela é Louise.

Ela franze a testa. — O quê?

— A mãe do meu filho se chama Louise. Deixe as coisas insignificantes para outra pessoa.

Ela ri amargamente, batendo na têmpora com o dedo. — Certo... Louise. Desculpe, você já esteve com tantas pessoas que é difícil lembrar o nome de todas elas.

Não sei o que ela achou que conseguiria com esse comentário, mas não adiantou nada. Não sou um santo e nunca fingi ser um. Já transei muito, mas ela também, e nunca a julguei por isso e continuo não julgando. Não me importo com o que ela faz.

— Boa noite. — Sorrio, fechando a porta atrás dela. — Porra — murmuro, esfregando a palma da mão no rosto enquanto me dirijo à cozinha. Paro na entrada da cozinha quando vejo Landon.

— Maldito pesadelo. — Ele se inclina contra o balcão, segurando uma caixa de cereal crocante com canela. Ele despeja alguns quadrados de açúcar com canela na mão e os joga na boca.

— Você a deixou entrar, não foi? — Eu o encaro quando ele não faz nada além de dar de ombros.

— Eu queria testar uma teoria.

— Uma teoria?

— Sim, uma teoria, e você provou que eu estava certo. — O canto de sua boca se levanta por pouco, mas isso dura apenas um segundo antes que seus lábios se achatem novamente.

Não tenho certeza do que me irrita mais. Seu sotaque condescendente e elegante ou o olhar em seus olhos, como se ele soubesse algo que eu não sei.

Encosto-me na porta, cruzando os braços contra o peito. — Não vai me dizer como eu provei que você estava certo?

— Não, mas você vai descobrir... eventualmente. — Ele joga mais cereal em sua boca.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, a porta dos fundos se abre. Jagger entra casualmente, sorrindo de orelha a orelha enquanto carrega um pacote de doze cervejas. Meu olhar se desvia dele para Jay, que está grunhindo e xingando baixinho, mais especificamente para o piano que ele e Saint estão carregando para a cozinha.

— Seu pedaço de merda! Achei que você tinha dito que ajudaria. — Ele respira, grunhindo e xingando Saint por tê-lo feito concordar em trazer o piano.

— Estou ajudando. Estou segurando algo realmente importante. — Ele lhe dá um sorriso torto, levantando a caixa de

doze cervejas no ar. — Eu disse para você não trazer, mas você é um idiota por concordar com isso, idiota.

— Bem, esse idiota — Saint faz uma pausa enquanto tenta recuperar o fôlego — vai ganhar dinheiro com isso.

— Como assim? — pergunto, levantando uma sobrancelha. Fico olhando para o velho piano de madeira, coberto de poeira, que parece não ser tocado há anos.

— Qualquer pessoa que queira tocá-lo tem que pagar uma taxa. Universitários bêbados pagam por qualquer coisa, especialmente quando lhes dizem que não. — Ele sorri orgulhosamente e limpa o suor da testa com a parte de trás do braço. — Quando Jayden e eu começarmos a ganhar dinheiro, não espere receber nada.

— Como se você fosse fazer alguma coisa. — Jagger abaixa a caixa de doze cervejas e tira duas garrafas. Ele me joga uma e pega uma para si.

— E é por isso que você está se formando em psicologia. — Saint diz, seu tom arrogante. — Embora pareça que você não aprendeu nada.

— Espere, estou confuso. De onde diabos você conseguiu um piano? Você não o roubou, não é? — Meus olhos estreitos se movem entre ele e Jayden.

Jay revira os olhos, pegando uma das garrafas do pacote. — Oh, meu Deus, você está realmente trazendo isso de volta? Foi um erro. Supere isso.

— Amigo, isso não foi um erro. Você roubou um cachorro da propriedade de alguém. Seu burro de merda — diz Landon,

afastando-se do balcão e pegando uma garrafa de água na geladeira.

— Nós o devolvemos. — Saint levanta o ombro em um meio encolher de ombros. — Mas para responder à sua pergunta, não, nós não roubamos isso. Ele estava parado na beira da estrada e tinha uma placa de *grátis*. Acho que ela caiu.

— É verdade. — Jagger acena com a cabeça, sabendo que não podemos confiar totalmente nesses dois idiotas.

Eu sei que eles não estão bêbados, mas com certeza sei que estão bebendo. Quando estão juntos e bebendo, fazem coisas estúpidas. Como tirar um cachorro da varanda de alguém no meio da noite.

— Já que todos vocês estão aqui. Gostaria de aumentar para cem — afirma Landon, colocando sua caixa de cereais no balcão e destampando sua garrafa de água.

— Cem? — Jagger e Jayden falam ao mesmo tempo.

— Algum problema com isso?

— Eu topo. Isso torna as coisas mais interessantes. — Saint se inclina contra o piano. Seus olhos se voltam para os meus e depois para o resto dos rapazes.

— Não, não é um problema, mas sua arrogância sempre me surpreende, Taylor. Você realmente acha que está certo? — Jayden pergunta, tomando um gole de sua cerveja.

— Estou sempre certo.

— Espere, o que você sabe que nós não sabemos? — Jagger inclina a cabeça para o lado, olhando para Landon com desconfiança. — Você nunca tem tanta certeza de si mesmo a menos que saiba alguma coisa.

— Espere, de que diabos vocês estão falando? — Fico olhando para eles, confuso.

— Não se preocupe com isso — responde Jagger, com um sorriso presunçoso.

— Não é nada — diz Jayden inocentemente, embora eu saiba que está longe disso.

— Sabe de uma coisa, eu nem quero saber. — Tomo um gole da minha cerveja. — De qualquer forma, o que vocês estão fazendo aqui? Achei que vocês iriam sair até tarde.

Landon e eu fomos os únicos que decidimos não sair. Embora ele normalmente não goste de sair para começar. Às vezes, ele tem outros planos, mas nunca nos diz quais são, nem nos convida.

— Nós nos sentimos mal por vocês dois. Decidimos voltar para casa. De qualquer forma, todos vamos sair na próxima semana. Sem exceções, Landon. — Jagger dirige sua atenção para ele.

— Eu não tenho uma fantasia. Não vou.

— Imaginei que não, mas não se preocupe, tenho tudo sob controle. Tenho a fantasia perfeita para você. — Saint sorri.

O Halloween é na próxima semana e todos nós concordamos em sair. Landon não concordou oficialmente, mas sabemos que Jagger o forçará a ir.

— Não.

Saint zomba. — Você nem sabe o que é.

— Não quero saber — diz ele.

— Que tal fazermos um acordo? Se não gostar do que é, não precisa sair conosco, mas se gostar, terá de vestir tudo e passar a noite inteira conosco.

Landon toma um gole de sua água, com o olhar distante enquanto considera as palavras de Saint. Pegando a caixa de cereal, ele despeja mais quadradinhos na palma da mão.

— O que é?

Ele faz uma pausa, batendo as palmas das mãos no piano para dar um efeito dramático. — Patrick Bateman.

— Quem diabos é Patrick Bateman? — Jayden pergunta da despensa e volta com dois pães de mel e uma lata de Pringles.

— Psicopata Americano — responde Saint de forma atrevida. — Banqueiro de investimentos durante o dia, assassino em série à noite.

— Hmmm — Jay cantarola pensativamente. — Apropriado.

Eu concordo com a cabeça. Eu vi o filme e, embora Patrick Bateman e Landon não tenham as mesmas personalidades, eu não negaria que ele poderia ser um assassino em série.

Eu solto uma risada. — De fato, é apropriado.

— Vão se foder. — Ele mostra o dedo do meio.

— Então, você vai usar? — Jagger pergunta com esperança em sua voz.

Landon se levanta do balcão e vai para a sala de estar, deixando todos nós na cozinha. — Sim, tanto faz, e tirem esses sorrisos do rosto, ou mudarei de ideia.

— Como você adivinhou que ele usaria isso? — Jagger pergunta.

— Ele realmente parece ser o tipo de pessoa que usaria de bom grado algo extravagante? — Ele ri, balançando a cabeça como se estivesse imaginando Landon usando uma fantasia de super-herói ou qualquer coisa com muita cor.

— Esperto. — Jagger lhe dá um high five e se dirige para a sala de estar, com Jayden seguindo logo atrás dele. Deixando Saint sozinho comigo.

— Como foi? Você ficou lá mais tempo do que disse que ficaria.

Dou de ombros, tomando um gole da minha cerveja. — Eu queria ajudá-la a dar banho no Phoenix, pois ficou com molho de pizza em cima dele. Ele come bagunçando tudo. — Sorrio, lembrando-me de como seu rosto estava coberto de molho de tomate e, de alguma forma, ele acabou sujando o peito. — Nós também pintamos hoje e ele fez um pouco de bagunça, então eu quis ficar e ajudá-la a limpar e colocá-lo na cama.

Não menciono que parte do motivo pelo qual fiquei mais tempo foi porque estava tentando descobrir o que fiz de errado. Então me ocorre que talvez ele possa saber. Afinal de contas, eles são *melhores amigos*.

— Por acaso, você não falou com a Lola esta noite? Falou? — Tento parecer o mais indiferente possível, mas o sorriso estúpido em seu rosto me diz que ele não está acreditando.

— Talvez... por quê?

— Será que você pode não olhar para mim desse jeito? Além disso, sei que você disse à Lola que eu não tinha comido. A propósito, isso não vai mudar nada.

Embora eu tenha melhorado um pouco com a Daisy hoje, duvido que ela ouça uma única coisa que tenha a dizer.

— Estou apenas feliz? Posso não sorrir? E não se preocupe com isso. De qualquer forma, não preciso da sua ajuda. Vou dar um jeito. Sempre dou.

Arrasto a ponta do meu dedo na garrafa fria e úmida, desenhando um L, debatendo se devo perguntar a ele novamente ou não. Eu sei que ele vai interpretar muito bem, mas que se dane, desde quando eu me importo com o que ele ou alguém pensa?

— Então, você falou com ela hoje à noite?

— Sim, na verdade, eu falei, mas foi interrompido. Algo sobre um encontro ou algo assim. Não consigo me lembrar. — Ele aperta uma tecla do piano e depois outra.

— Um... encontro? — Engulo, mas é um pouco difícil. Parece que uma bola se formou em minha garganta, e meus pulmões estão um pouco apertados. Há uma sensação estranha de afundamento em meu estômago, mas afasto isso.

Só que ela não vai embora. Ela permanece.

— Algo parecido com isso. Ela parecia animada. — Ele se afasta do piano e vai até a despensa, tirando um saco de batatas fritas. — Cara de sorte, estou certo?

— Sim... um cara de sorte.

CAPÍTULO 29

Lola

— Obrigada por me informar sobre isso.

— Não precisa ficar me agradecendo. Só não conte a ninguém ou Marcos vai me matar — responde Darius, piscando para mim do outro lado do estúdio de arte.

Conheci Darius no primeiro dia de aula, em nossa aula de Seminário de Caminhada. Como estamos fazendo muitas caminhadas para essa aula, a professora Garcia colocou todos em duplas, e ela me juntou a Darius.

Assim como todo mundo, ele descobriu que TJ e eu temos um filho juntos. A diferença entre ele e muitas pessoas é que ele não se importa com quem é o pai de Phoenix. Ele me disse abertamente que não se importa com atletas ou esportes em geral.

— Prometo que não contarei, mas você realmente salvou minha vida. Quase não tenho tempo para fazer as pinturas de meus clientes em casa, muito menos minhas tarefas.

Apesar da falta de clientes ultimamente, ainda estou trabalhando em alguns que preciso enviar em breve, além de trabalhar em minhas tarefas para as aulas. Ter TJ por perto, mesmo que por algumas horas, tem ajudado muito, mas ainda assim, sou perfeccionista e, às vezes, uma pintura demora um pouco mais.

Não deveríamos estar no estúdio de arte em um sábado às 23h, mas Darius e o assistente do professor Garcia, Marcos, são extremamente próximos. — Eles se conheceram no ano passado, quando ambos se inscreveram para serem modelos em uma aula de desenho de figuras para ganhar dinheiro extra. Desde então, eles são muito *próximos*. Eles não necessariamente colocaram um rótulo em seu relacionamento, mas são exclusivos um do outro.

— Eu realmente não entendo por que você não se torna um pintora ao vivo em tempo integral. Você não precisa de um diploma para definir o quanto você é talentosa.

Eu me desloco no banco, chamando minha atenção de volta para o cavalete. Mordo a parte interna da bochecha, olhando para a tela meio pintada até minha visão ficar embaçada e só conseguir pensar em meus pais.

Eles não acreditavam que eu faria algo por mim mesma e não acreditavam que eu conseguiria obter um diploma. Sei que poderia ser bem-sucedida fazendo pinturas ao vivo em tempo integral, mas a crença deles de que eu era um fracasso me motiva a continuar na faculdade.

— É bom ter um plano B. — Dou de ombros, esperando que ele não perceba a tensão em minha voz. É difícil manter a mágoa à distância, quando toda vez que penso neles, meu coração se afunda. — Não posso garantir que sempre terei clientes. Já não tenho quase nenhum.

— Como você deveria. Os planos B são obrigatórios. Se eu não conseguir ter meu próprio estúdio, meu plano B é vender fotos de

pés. Se tudo o mais falhar, pelo menos eu sei que tenho pés bonitos.

Eu rio, sabendo que ele está falando cem por cento sério, mas sei que ele é talentoso demais para que algo não dê certo para ele. Além de ser um pintor talentoso, ele também é ótimo em escultura.

— Depois me diga como foi. Talvez eu tenha que me juntar a você.

Estou brincando, talvez. Embora nossa casa seja barata e segura, dirigir uma hora para lá e para cá quase todos os dias se tornou cansativo. Além disso, sinto-me culpada pelo fato de Cara e Daisy terem que fazer isso, apenas porque não tenho condições de me mudar para mais perto do campus.

— Duvido que precise fazer isso. Estou confiante de que tudo vai dar certo para você.

Olhando por cima do meu ombro, vejo que ele está me olhando sorrindo. Retribuo o sorriso, sentindo a dor em meu peito se dissolver.

— Não estou tentando mudar de assunto, mas você já decidiu qual roupa vai usar na semana que vem?

— Bem...

Ele corta o espaço entre nós com sua paleta e pincel na mão. Ele sorri, com o entusiasmo estampado em sua voz. — Você tem uma fantasia. Tem que me dizer qual é.

Daisy está muito empenhada em que eu use o vestido, mas ainda não tenho certeza se conseguirei usá-lo. — Talvez eu tenha uma.

— Ok, e? — ele pergunta ansiosamente.

— Mas também ainda estou decidindo.

Darius resmunga, torcendo o nariz. — O Halloween é na próxima semana. Todas as fantasias já devem estar prontas, a não ser que você faça bricolagem com alguma coisa.

Talvez eu use a fantasia que Daisy comprou. Só espero não me arrepender.

— Tenho certeza de que encontrarei uma solução.

— Tenho certeza de que, seja qual for sua roupa, será sexy. — Ele volta para onde está sua tela e se senta em sua banqueta. — Então, como foi com o papai do bebê hoje? Acho que bem, já que você chegou um pouco tarde.

Eu não esperava que TJ ficasse tanto tempo, considerando que ele iria se encontrar com Alexia hoje à noite. Mas se eu tivesse que adivinhar, tenho certeza de que ele já está com ela.

— Você pode simplesmente dizer o nome dele — falo, mas é inútil. Parece que todo mundo adora dizer papai do bebê em vez de seu nome real. — E sim, foi... bom.

Bom é um eufemismo. Foi mais do que isso. Parecia que estava conversando com alguém que conhecia há muito tempo. Até que vi seu telefone e percebi que tinha ficado um pouco confortável demais e que eu realmente não conhecia TJ.

Não acredito que concordei em usar isso de bom grado.

Na verdade, eu não deveria estar surpresa com o fato de que, de alguma forma, Daisy me convenceu a usar o vestido, e Cara me convenceu a usar os saltos. Não que eu seja contra isso, mas sei que voltaremos para casa muito tarde, o que significa que meus pés ficarão doloridos.

Como os pais da Daisy não viam o Phoenix desde agosto, eles decidiram passar por aqui e cuidar dele neste fim de semana. Se fosse outra pessoa, eu não teria aceitado isso, mas ele cresceu com eles e eu confio neles.

— Pare com isso! — Cara grita em meu ouvido devido à música alta que está tocando em toda a Liquid. Ela me dá um tapa na mão enquanto tento puxar a barra do meu vestido para baixo pela centésima vez esta noite. — Prometo que, a menos que você se curve, ninguém vai ver nada.

Eu a encaro com firmeza. — Isso me faz sentir muito melhor.

Cara está vestida como Storm da Marvel. Embora ela esteja vestindo uma peça única de látex preto e sua bunda esteja praticamente saindo do traje, a capa colocada sobre seus ombros a cobre.

Ela acena com a mão em sinal de desdém, no momento em que o barman coloca três copos de shot à nossa frente. — Aqui, beba isso. Isso vai ajudá-la a se soltar. — Ela entrega a mim e a Daisy nossas doses.

Daisy está vestida como uma deusa grega. O sutiã e a saia curta que ela está usando são cobertos de penas douradas que ela mesma fez.

— Sorria, Lo – quero dizer, Jessica Rabbit. — Daisy sorri, seu olhar desce pelo meu corpo e volta para cima. — Eu sabia que isso ficaria bem em você.

Apesar das muitas vezes em que Cara e Daisy me garantiram que eu estava gostosa, ainda não consigo deixar de me sentir um pouco constrangida. Minhas coxas estão roçando e meu estômago definitivamente não é tão plano quanto o da verdadeira Jessica Rabbit.

— Estou sorrindo, só tentando garantir que não vou acidentalmente mostrar demais. — Desisto de puxar o vestido para baixo. Não importa quantas vezes eu faça isso, ele continua subindo.

— Ei, isso pode nos dar bebidas de graça. — A descontração em seu tom de voz me faz saber que ela não se importaria se eu aceitasse umas para o grupo.

A última coisa que quero fazer é exibir minha bunda, mas não me importaria com bebidas gratuitas.

O que diabos estou dizendo? Absolutamente não.

— Mesmo que alguém visse alguma coisa, todos se esqueceriam. Olhe para eles. — Ela acena para a multidão de pessoas que ocupam cada centímetro de espaço dentro da Liquid. — Estão todos bêbados, drogados ou ambos.

— Ela tem razão, de qualquer forma, não vamos pensar neles. É Halloween, você não tem filho hoje e é solteira. Estamos aqui para nos divertir e ficarmos meio bêbadas. Bebam. — Daisy toma sua dose, Cara e eu seguimos o exemplo, e estremeço quando o líquido quente desliza pela minha garganta.

— Esse é o espírito! — Uma voz familiar desvia minha atenção das minhas amigas e, quando o vejo, sinto-me relaxando e sorrindo.

— Olá, pessoal — cumprimento Darius e Marcos, acenando com a mão livre para eles.

— Você está linda! — Darius grita por cima da música alta. — Eu deveria saber que seria a Jessica Rabbit. É claro que você se sairia tão bem.

— Certo! — exclama Daisy.

— E vocês duas. — Darius olha para minhas duas melhores amigas com admiração. — Vocês estão incríveis! Estou obcecado. — Ele levanta ligeiramente a mão e se curva diante de nós.

Nós rimos, retribuindo o gesto enquanto observamos suas fantasias. Ambos estão vestidos como bombeiros sem camisa, com suspensórios, machados de plástico amarrados nas costas e capacetes de plástico amarelos na cabeça.

Darius se inclina. — Ei, preciso usar o banheiro. Eu já volto.

— Eu vou com você — digo a ele e me viro para as meninas. — Já volto. Prometo que não vou demorar.

— Ok, estaremos aqui. — Daisy acena com a cabeça.

— Não demore muito ou iremos caçá-la — acrescenta Cara, sua expressão severa me dizendo que ela não está brincando.

Eu dou uma risadinha. — Eu não vou.

Marcos fica com as meninas. Antes de Darius e eu sairmos, vejo Daisy pedir outra rodada de bebidas.

— Você está muito bem! Não tenho certeza do que eu estava esperando, mas definitivamente não era isso.

— Só espero não me arrepender. É mais curto do que eu esperava que fosse.

— O que isso importa? Em comparação com o que as outras estão usando, sua fantasia é bem longa. — Ele ri, olhando para o casal se beijando no corredor que leva ao banheiro antes de seus olhos pousarem na garota que está vestida de cowgirl. Ela está usando um short jeans que mal cobre sua bunda. — Pare de se estressar. Talvez você devesse ter ficado lá atrás e tomado mais uma ou duas doses.

Acaricio suavemente seu lado. — Cale a boca.

— Estou brincando, mas sério, pare de pensar demais. Você está linda. — Ele fica ao meu lado enquanto paro atrás de um grupo de garotas que esperam para usar o banheiro.

— Não espere por mim. Parece que vou ficar aqui por um tempo. — Faço uma careta, olhando para o banheiro masculino que não tem fila e depois de volta para Darius. — Não se preocupe, provavelmente estarei aqui quando você sair.

Mesmo assim, ele não se mexe. Isso até três caras entrarem no banheiro. — Porra, tudo bem, estou indo antes que uma fila comece a se formar, mas não devo demorar muito.

— Vá. — Eu o empurro naquela direção. — Eu estarei aqui.

Quando ele desaparece, olho para o meu vestido. Não tenho certeza se são as palavras genuínas do meu amigo ou o álcool que está passando pelo meu organismo, mas me sinto melhor do que antes de sair do apartamento.

Eu saboreio essa onda de felicidade antes que ela vá embora. Não sei como explicar, mas às vezes sinto essa explosão de entusiasmo, como se nada pudesse me derrubar. Parece quase uma euforia, até que não é mais. Quando ela passa, acabo me questionando e duvidando de coisas que não deveria.

Meus pensamentos param quando as meninas à minha frente começam a falar sobre alguém com quem eu não deveria me importar.

— Sabe, eu não me importo que TJ tenha um filho. Ele ainda é muito gostoso — diz uma das garotas. — Eu sempre tive uma queda por pais. Eu seria uma ótima madrasta.

Sua amiga dá uma risadinha bêbada. — Jen, você está delirando e bêbada.

— Bêbada talvez, delirante não — responde a amiga, balançando a cabeça. — Só estou dizendo que, se ele estiver procurando, eu seria uma ótima mãe. Diabos, eu seria uma ótima esposa da NBA e ficaria em casa.

— Ela está definitivamente bêbada. — Outra de suas amigas ri. — Boa sorte para fazer o TJ falar com você. Ele pode até dormir com você, mas não está procurando nada sério. Você sabe que tipo de homem ele é.

A primeira amiga faz beicinho, suspirando profundamente. — Por que você tem de arruinar meus sonhos? Sei que ele gosta de brincar, mas uma garota pode sonhar.

Sua amiga começa a rir. — Continue sonhando, Jen. Isso não vai acontecer. Tenho certeza de que a única coisa que poderia fazer TJ mudar seu jeito de garoto foda é...

Um toque no meu ombro me faz pular no meu lugar e perceber o quanto eu estava envolvida na conversa deles.

— Lauren?

— Hã? — Assim que me viro, odeio não ter uma cara de pau melhor, porque atrás de mim está Alexia.

— Desculpe, pensei que você fosse outra pessoa. — Alexia solta uma risada, parecendo envergonhada. — Você se parece tanto com a garota com quem TJ sai. — Ela faz uma pausa, com os olhos olhando duas vezes para o meu corpo. — Só que você é muito mais bonita.

— Oh. — É tudo o que eu digo, porque o que mais há para dizer? Nunca falei com Alexia, muito menos estive perto dela por tempo suficiente para conhecê-la.

— Deus, você provavelmente nem sabe quem eu sou. — Ela balança a cabeça, puxando uma trança preta por cima do ombro. — Eu sou Alexia, uma *boa* amiga do TJ. Você deve ser a Lola,

certo? — Não perco a maneira sutil com que ela disse *boa* e o que ela quis dizer com isso. — Ouvi falar muito de você. Você é famosa.

— Sim, sou Lola, e não diria que sou famosa.

Ela zomba, revirando os olhos de forma quase condescendente. — Só se fala de você.

Forço um sorriso, sentindo-me desconfortável com o tom de sua voz. — Nada que valha a pena ouvir. Nada de bom. Tenho certeza de que você já ouviu tudo.

Ela dá de ombros. — Bem ou mal, isso liga você a TJ. Juro que não é uma coisa ruim. Se eu fosse você, estaria prosperando com isso. Especialmente porque TJ tem ótimas conexões e conhece muitas pessoas. Você deveria tirar proveito disso.

É preciso fazer de tudo para não deixar meu sorriso vacilar ou me sentir irritada com suas palavras. — Não vale a pena tirar vantagem disso. Estar presa a TJ não é algo que me agrade.

— Não, claro que não. — Seu sorriso se aperta, mas se suaviza quando seus olhos percorrem meu corpo. — Sua fantasia é tão bonita. O que você deveria ser? — Ela inclina a cabeça para um lado e depois para o outro, como se estivesse tentando descobrir.

— Jessica Rabbit — falo, ajeitando a luva roxa.

Ela franze a testa. — Mas o vestido dela não é longo?

Inspiro lentamente, tentando não me sentir constrangida. — Sim, apenas decidi fazer algo diferente.

— Oh. — Seus lábios se contraem. — Diferente é... *bonito*. — Seus olhos se voltam para minha barriga, permanecendo ali por

um segundo. — O vestido realmente fica bem em você. Se fosse eu, ficaria um pouco preocupada com o quanto ele é apertado e curto, mas tenho certeza de que você tem tudo sob controle.

— Alexia! — grita uma garota atrás de nós. Quando nos viramos, vemos três garotas paradas a poucos metros atrás de nós. — Estávamos procurando por você. Vamos. Eles estão aqui.

— Estou indo! — Alexia levanta o dedo. — Foi muito bom conversar com você. Vejo você por aí.

— Sim, vejo você por aí. — Engulo, entrelaçando os dedos em frente ao meu estômago.

CAPÍTULO 30

Tj

— Sabe, eu estava com receio de vir, mas você tornou as coisas muito mais interessantes. — Landon gira o machado em sua mão, passando-o por cima da multidão.

Fico olhando para ele, confuso. — Eu?

— Acabamos de chegar e você já está procurando por ela. — Ele olha para mim enquanto as luzes estroboscópicas brilham no lado de seu rosto que tem o sangue falso respingado, dando-lhe uma aparência estranha. — A coleira está apertada, não é?

— Vá se foder.

— Lá está ela. — Saint aponta para o bar.

Minha cabeça se inclina na direção do bar. Felizmente para mim, não me importo com o que eles pensam, mas, infelizmente, não é a Lola que está no bar, mas suas amigas e um cara.

— Como um maldito cachorro — provoca Landon.

Eu me abstenho de revirar os olhos e repreendê-lo. Ele vive do meu aborrecimento, e a última coisa que quero é que ele diga besteiras a noite toda, porque sei que ele fará isso.

Se Jagger estivesse aqui, ele também estaria me enchendo o saco, mas ele está com Gabby e Polly. Ele disse que nos encontraria aqui em alguns minutos.

Lola me disse que Phoenix está com os pais de Daisy esta noite. Fico feliz que eles ainda a ajudem, mas me pergunto se os pais dela não gostariam de estar com ele. Ela raramente fala sobre eles e, quando fala, é sempre de forma vaga.

Eu gostaria de saber o que ela pensa. Na maioria das vezes, consigo entender a pessoa ou, pelo menos, ter uma ideia do que ela está pensando, mas com a Lola é difícil. Às vezes, quando acho que finalmente a entendo, percebo o quanto estou errado.

O que eu não faria para saber o que ela está pensando.

— Estou *com sede* — anuncia Saint, com os olhos voltados para a garota vestida de deusa grega. Ele entra no meio da multidão e vai em direção ao bar, sem olhar para trás para ver se estamos seguindo.

— Você simplesmente não sabe como desistir, não é? — Ouço Jayden dizer a Saint enquanto caminha ao lado dele. Landon e eu seguimos atrás deles. — Ela não quer você.

— Você não...

Não presto atenção na conversa deles. Já sei como será a noite de hoje e, com certeza, não terminará com Saint e Daisy saindo juntos. Eu o admiro por ainda estar atrás dela, pois ela não demonstrou interesse nele nenhuma vez.

Olho em volta, procurando por ela em meio à multidão, mas ela não está à vista.

— Oi! — Cara é a primeira a nos cumprimentar, com um sorriso borbulhante se espalhando por seu rosto. Embora eu tenha

certeza de que ele é dirigido ao Jayden. — Deixe-me adivinhar, piloto de Top Gun?

— Sim, Srta. Storm — ele responde. Ele arrasta os óculos de sol de aviador pela ponta do nariz e a examina descaradamente. — Você está *muito* bonita, Car.

— Eu sei, Jay. — Ela sorri, jogando o cabelo branco por cima do ombro antes de direcionar seu olhar para nós. — Ei, pessoal. Uau, Landon, espero que isso seja sangue falso.

— Infelizmente — ele responde a contragosto e se inclina sobre a bancada do bar, fazendo sinal para o barman.

— *Ciao, Margherita.* — Saint se posiciona entre Daisy e o rapaz que está ao lado dela, ficando completamente acima dos dois. — E o amigo dela.

— Eu sou o Marcos e já volto. — Ele inclina seu copo meio cheio para nós antes de desaparecer no meio da multidão.

Daisy toma sua dose e se vira para nos encarar com um pequeno sorriso no rosto. Eu me esforço para acreditar que é real, porque ela quase nunca faz isso perto de mim. Mas sei que é só álcool. Suas bochechas estão coradas e seus olhos estão brilhantes.

Ela dirige sua atenção para Saint. — Uau, você parece...

— Incrível, devastadoramente bonito, gostoso. — Ele apoia o cotovelo no balcão, com um sorriso torto curvando lentamente os lábios enquanto seus olhos percorrem o corpo da Daisy.

Ela franze os lábios, com as sobrancelhas enrugadas. — O que você deveria ser? Sei que o TJ está vestido como alguém de Money Heist e o Landon é o Patrick Bateman, mas não consigo descobrir o que você deveria ser.

— Você não pode estar falando sério?

— Muito.

— Não brinque comigo, Daisy. Você sabe exatamente quem eu devo ser.

— Nem uma única pista.

— Eu sei que você sabe quem sou...

Bloqueio a conversa deles porque algo me diz que ela está brincando com ele e ele está concordando. É óbvio que Saint está vestido de Jack Sparrow.

Examinando lentamente a multidão, vejo a maioria dos meus colegas de equipe e muitas outras pessoas que conheço. Aceno para eles, mas continuo procurando por Lola. Continuo procurando até que vejo um cabelo dourado-acobreado em minha visão periférica. Fico parado em meu lugar, hipnotizado, enquanto Lola abre caminho entre a multidão.

Ela parece um sonho, embora isso não seja novidade. Já a vi com as roupas mais confortáveis e casuais e ela sempre está deslumbrante.

Engulo com força, sentindo novamente aquela estranha gagueira em meu peito. Eu nunca havia sentido essa sensação até recentemente, e isso só acontece quando ela está por perto.

Embora a estranha gagueira pare quando ela sorri. Não é a elevação de seus lábios que faz com que o ar fique preso no fundo da minha garganta. É ver para quem ela está sorrindo que deixa um gosto amargo em minha boca.

O cara com quem ela estava na cafeteria caminha ao lado dela, junto com o cara com quem Daisy e Cara estavam quando chegamos aqui. O chato do cara do café é que eu já o vi no campus com ela.

Agora eu me pergunto se ela estava com ele na semana passada.

Ela ainda não percebeu que estou olhando para ela, e parte de mim *precisa* que ela olhe para mim, mas outra parte de mim quer desviar o olhar. Pareço desesperado pra caralho, esperando que ela incline a cabeça apenas o suficiente para me ver olhando para ela. Esperando que ela me dê uma fração da atenção que está dando a eles.

Percebo que terei de trabalhar para isso, porque Lola não se importa comigo. Ela deixou claro que a única coisa com a qual se importa é que eu seja um bom pai para Phoenix. Fora isso, ela não está nem aí para quem eu sou e para o que faço.

Eu poderia desviar o olhar e fingir que não me importo, mas eu me *importo*. Estou irritado por ela estar novamente com o cara do café.

— Droga. — Meu pescoço se sacode ao som de um assobio familiar. Não tenho certeza de quando eles chegaram, mas Jagger, Gabby e Polly estão ao nosso lado. — Ela parece bem — diz Jagger.

— Ela está uma Jessica Rabbit de arrasar. — Polly toma um gole de sua bebida, embora eu tenha certeza de que é para esconder o sorriso de reprovação dirigido a mim.

— Sim. — Limpo minha garganta seca. — Sim, ela está.

Volto meu olhar em sua direção. No momento em que nossos olhares se cruzam, Alexia aparece na minha frente, junto com suas amigas.

— Ei, finalmente você está aqui. — Ela avança um pouco, pressionando-se contra mim. — Procurei por você em todos os lugares. Mandei uma mensagem antes, mas você não respondeu.

Dou alguns passos para trás, colocando alguma distância entre nós. Olho de volta para Lola, mas sua atenção está voltada para o cara do café.

— Sim, desculpe, fiquei ocupado com os treinos e com Phoenix.

— Ah, tudo bem, você está aqui agora. — Um sorriso malicioso se espalha pelo rosto dela. É o sorriso *vamos transar.*

Há um motivo para eu não estar enviando mensagens de texto para ela – vou parar com isso. Tenho pensado muito sobre isso. Sei que não é mais o que quero. Nem parece certo.

Apesar de querer terminar as coisas, não vou ser um idiota. Não vou fazer isso aqui.

— Finalmente! Eu estava prestes a procurar por você. — Daisy levanta a voz, passando entre mim e Alexia.

Ela sorri para ela pedindo desculpas. — Desculpe, a fila estava grande.

Sei que não deveria fazer o que estou prestes a fazer, mas que se dane.

— Olá, Sra. Rabbit. — Dou um passo para perto dela e, surpreendentemente, ela não se afasta. Preciso de tudo o que há em mim para não deixar que meus olhos fiquem abaixo de seu decote, não invadir seu espaço pessoal ou mandar aqueles dois caras se foderem.

— Ei, TJ.

— Onde está o Sr. Rabbit? — Arqueio uma sobrancelha, olhando para os dois lados como se estivesse procurando por ele.

Seus lábios se contraem. — Ele não existe.

— Acredite em mim, é muito melhor assim. Você pode fazer o que quiser com quem quiser. Não é verdade, TJ? — Alexia cutuca seu cotovelo ao meu lado de forma brincalhona.

Eu olho para ela, imaginando o que ela está fazendo, mas ela mantém o olhar fixo em Lola. Antes que eu possa responder, Saint interrompe.

— Consegui que eles enviassem algumas coisas para a nossa mesa. — Saint balança a cabeça na direção da seção VIP e passa o braço em volta dos ombros de Daisy. — Vamos lá, você disse que não falaria comigo até que tivesse algo para beber. Eu consegui um pouco de tudo para você.

Daisy não protesta, mas empurra o braço dele para fora dela. — Isso não significa nada.

Todos, inclusive Alexia, seguem o exemplo. Exceto por Lola e Gabby. Elas ficam para trás, conversando sobre suas fantasias. Não quero dizer que estou me escondendo, mas é exatamente isso que estou fazendo. Eu deveria dar espaço à Lola, mas não posso passar a noite inteira ou outro dia com ela sendo estranha perto de mim.

— Lola, espere.

Não tenho certeza de onde Jagger veio. Ele estava apenas flertando com uma garota, mas agora está puxando Gabby para longe, deixando Lola sozinha comigo. Ou, pelo menos, o mais sozinhos possível.

— O quê? — Ela segue atrás deles, sem diminuir a velocidade.

— Por favor, apenas espere.

— Estamos no meio da pista de dança. Precisamos...

Coloco minha mão em volta do pulso dela e a puxo suavemente na direção oposta da seção VIP, em direção à parede que tem água caindo em cascata.

Estamos longe de estar sozinhos. Há pessoas por toda parte, mas considerando que é Halloween, tenho certeza de que ninguém está no estado de espírito certo. Pelo menos não o suficiente para saber do que estamos falando.

Soltando seu pulso, passo os dedos pelo cabelo, soltando um suspiro agudo. — Quero saber o que fiz de errado. Fico pensando na semana passada, mas nada me vem à mente. Acho que sou um idiota, porque nada me vem à cabeça, então, por favor, diga-me o que fiz de errado. Não quero que você fique com raiva de mim.

Ela não diz nada. Ela me olha fixamente e só quando a luz estroboscópica laranja brilha em seu rosto é que vejo um lampejo de tristeza em seus olhos.

— Porra, por favor, diga, o que eu fiz de errado?

— Nada, você não fez nada...

— Você diz isso, mas tem sido estranha perto de mim.

— Isso não é...

— Quero consertar o que quer que eu tenha feito de errado, mas não posso consertar se você não falar comigo.

— Tenho tentado ignorar isso, mas é difícil ficar perto de você quando as pessoas presumem que você é minha passagem só de ida para algo melhor. E então Alexia – você sabe, isso nem importa. Sinto muito. Achei que estava bem. Achei que conseguiria superar os sussurros e os olhares, mas não consigo. Sinto muito. Só estou tendo dificuldade para me adaptar a tudo isso. Sei que devo deixar para lá porque as pessoas vão falar, mas não sei como você consegue. Não consigo agir como você. Não posso agir como se isso não me incomodasse, porque incomoda.

Como posso dizer a ela que tudo isso está me sobrecarregando? Que eu achava que tinha a vida planejada, mas na verdade não tenho.

Como posso lhe dizer que não consigo parar de pensar nela... seu cabelo dourado-acobreado, os restos de tinta que às vezes permanecem em sua pele, aqueles olhos cor de terra...

Concentre-se!

Tento me concentrar, mas não consigo. Ela está me encarando com aquele olhar indecifrável que costuma me dar. Antes eu achava que isso me incomodava, não conseguir entender o que ela estava pensando, mas agora eu gosto.

— Eu falei sério quando disse que estava em pânico... — Olho em volta, esperando que ninguém esteja ouvindo. — Prefiro não falar sobre isso aqui, mas quero que você saiba que não está sozinha. — Estendo minha mão, envolvendo o pulso dela com a palma, apertando-o suavemente. — Estou aqui e não quero que você sinta que precisa fazer isso sozinha. Quando eu disse que queria estar ao lado de Phoenix, também quis dizer que estaria ao seu lado.

Seu olhar se volta para minha mão em seu pulso. — Sinto muito. Sei que já conversamos sobre isso antes, mas eu...

— Não precisa se desculpar. A culpa não é sua. — Sorrio, esperando que ela se sinta tranquilizada, mas vacilo quando o nome de Alexia ressurge em minha mente. — Espere, você disse algo sobre a Alexia?

— Não é nada importante.

— Ela disse alguma coisa para você?

— Ela... você sabe o quê? Não vale a pena. — Ela suspira, afastando a mão. — Mas quero lhe dizer que, se for ficar perto do Phoenix, bloqueie o telefone depois de usá-lo. Não quero que ele veja coisas que não deveria.

Eu dou uma risadinha, surpreso. — O que você quer dizer com isso? Juro que nunca...

— Não estou julgando você nem nada. Faça o que quiser fazer. Só não quero que Phoenix veja coisas que ele não deveria ver. — Ela desvia o olhar, com os lábios franzidos como se estivesse debatendo algo. — Na semana passada, no sábado, você recebeu fotos da Alexia, e seu telefone estava perto do Phoenix. Eu não tinha a intenção de olhar para ele, mas ele se iluminou e vi as fotos sem querer. Apenas tome cuidado ao deixar seu telefone desbloqueado perto dele.

Penso na semana passada, e então me dou conta. Isso nunca passou pela minha cabeça, mas agora tudo faz sentido.

Mas não há como – não, ela não está – Lola não estar com ciúme.

Sei que deveria me calar, mas realmente não consigo me conter.

— Você está com ciúme? — Eu arqueio uma sobrancelha.

— O quê? Não, *não estou* com ciúme. — Ela bufa agressivamente, cruzando os braços contra o peito.

— Não aconteceu nada. Eu sei o que parece, mas juro que não é assim.

Não sei por que sinto a necessidade de me explicar, mas não quero que ela pense que algo aconteceu, porque nada aconteceu. Eu só olhei a foto para excluí-la.

Ela olha para o lado, como se estivesse discutindo se acredita em mim ou não.

— Quero que você acredite em mim. — Eu me aproximo, o suficiente para inalar seu perfume. É diferente, não é baunilha, mas algo forte e cítrico. — Você está maravilhosa.

Ela dá um pequeno sorriso e revira os olhos. Percebo um brilho roxo em suas pálpebras. — Sim, tudo bem.

— Sim, tudo bem, o quê? — Sorrio, aproximando-me um pouco mais dela.

— Para ambas as coisas que você disse.

— Você não acredita em nada do que eu disse? — Deixo meus olhos percorrerem lentamente o comprimento de seu corpo, apreciando a maneira como o vestido vermelho se agarra a cada centímetro de sua pele.

Ela levanta um ombro e o deixa cair. — As pessoas dizem coisas o tempo todo. Isso não as torna necessariamente verdadeiras.

— Você quer honestidade? Eu lhe darei honestidade. — Lambo meus lábios, fazendo o possível para me concentrar em seu rosto e não em seu decote. — Eu não pedi as fotos e não dormi com ela. Você quer saber o que eu fiz no sábado à noite enquanto você estava em um encontro? Eu estava pensando no que fiz de errado para irritá-la. Eu estava pensando no que poderia fazer para melhorar as coisas, porque falei sério. Quero que fiquemos bem, quero que resolvamos as coisas. Vamos estar na vida um do outro pelo resto de nossas vidas, e espero que você não se importe com isso, porque nunca me senti tão bem com nada em *minha* vida.

Dando mais um passo, deixo um centímetro de espaço entre nós e continuo. — E um brinde a mais honestidade, porque não

ganho nada mentindo para você. Você está realmente deslumbrante, Peaches. Vou precisar de tudo em mim para não olhar para você e...

Meu coração bate mais rápido do que nunca. Ouço o barulho do meu coração em meus ouvidos, abafando a música da boate.

— E o quê?

Quase não percebo sua pergunta, mas as palavras conseguem ser registradas na minha cabeça antes de serem silenciadas pela batida irregular do meu coração.

Hesito em responder, mas decido não me conter, porque que se dane. Acho que nunca desejei nada mais do que isso.

— E não beijar você.

Seus olhos se arregalam um pouco e ela engole. — Eu preciso de uma bebida. — Ela gira em seu calcanhar e se afasta.

CAPÍTULO 31

lola

Algo está profundamente errado comigo, e não tem nada a ver com o álcool que venho consumindo desde que me afastei do TJ. Não, tem tudo a ver com o fato de que, por um segundo, eu realmente quis beijá-lo de novo. E é só nisso que consigo pensar.

É tudo o que eu ainda quero fazer.

Mas não deveria. Devo me concentrar em aproveitar ao máximo este fim de semana, sabendo que Phoenix está com pessoas em quem confio. E eu também deveria estar bebendo mais. Sim, é isso que deveria estar fazendo, bebendo mais.

— Ei! — Agarro o pulso da Daisy, puxando-a para perto para que consiga me ouvir na pista de dança. — Já volto. — Levanto meu copo vazio.

Ela acena, ainda dançando. — Eu vou com você.

— Não, relaxe. É rapidinho, o bar é logo ali.

— Lo-

— Juro que não demoro. E, olha, Darius e Marcos estão lá. — Quando os vê, seus olhos relaxam um pouco. — Acho que eles estão indo embora de qualquer maneira, então quero me despedir.

— Tudo bem, mas vou ficar de olho em você.

Eu rio, apertando o pulso dela para me tranquilizar, e a solto quando começo a me dirigir ao bar.

— Ei! — digo aos rapazes no momento em que o barman devolve o cartão de débito ao Marcos. — Vocês estão terminando a noite?

— Ah, não, querida, poderíamos ficar a noite toda. — Darius se afasta do bar, mas balança, quase caindo no processo, mas Marcos consegue passar o braço em volta dele antes que ele caia de cara no chão. — Eu estou bem. Estou ótimo. Estou melhor do que nunca, M. Só acho que... talvez... talvez eu deva... sentar.

— Você está bêbado — Marcos diz, mas lhe dá um sorriso, olhando para ele como se ele fosse a coisa mais preciosa que já viu. — Estamos indo embora.

Eu me retraio em uma gargalhada, pegando seus capacetes e machados antes que eles caiam no chão. — Eu pego isso, não se preocupe.

— Obrigado, Lola. Nosso Uber já deve estar aqui. — Marcos aperta Darius com força e o puxa em direção à porta da frente.

Sigo logo atrás, apertando tudo contra o peito e me certificando de não desviar o olhar para a multidão, na esperança de encontrá-lo. Porque, de alguma forma, meus olhos traidores têm tentado dar uma olhada, apesar dos meus esforços para ficar longe dele.

Infelizmente, tenho álcool em meu organismo e todos os pensamentos racionais fogem do meu cérebro quando viro a cabeça. É claro que na única vez em que espero não o ver, eu o encontro instantaneamente. E ele não está sozinho. Ele está com Alexia.

Mordo a parte interna da bochecha e desvio o olhar, saindo pela porta da frente.

— Nosso Uber está aqui. Muito obrigado, Lola, você é uma querida. — Marcos sorri, dando-me um rápido abraço de lado.

— Sim, sem problemas. — Recuando, abro a porta traseira para ele e deixo os dois entrarem.

— Tchau, Lola! — Darius fala baixo, acenando ao se despedir. — Não faça algo que eu não faria. — Ele dá uma piscadela, rindo.

— Nesse caso, tome cuidado, porque não há nada neste mundo que ele não faria. — Marcos ri baixinho, como se estivesse se lembrando de algo.

— Devidamente registrado. Boa noite, pessoal. — Entrego-lhes suas coisas e fecho a porta atrás deles, observando o Uber partir.

Eu me viro, mas paro abruptamente. TJ está alguns metros atrás de mim, encostado na parede do prédio, com os braços cruzados contra o peito, olhando para o local onde o Uber estava, e então seus olhos se voltam para mim.

— Você e esse seu hábito de fazer tudo sozinha. — Ele solta um suspiro pesado, afastando-se da parede. — Você realmente não percebe o quão perigoso isso é?

— Eu estou bem. Estou voltando para dentro. — Entro novamente sem precisar olhar para saber que TJ está logo atrás de mim. — Não preciso de um guarda-costas.

— Parece que sim, se for tomar decisões que coloquem você em risco.

— Não vou discutir com você. — Olho por cima do ombro, encarando-o. — Vá embora. Tenho certeza de que tem gente procurando por você.

Talvez eu tenha olhado para ele durante a noite mais do que queria. Sempre que eu o fazia, havia homens e mulheres ao seu redor.

— E podem continuar procurando — diz ele, ainda pairando atrás de mim.

Solto um suspiro exasperado. Em vez de parar no bar ou voltar para a pista de dança onde as garotas estão, vou para a seção VIP. Não há quase ninguém lá, o que significa que todos os assentos estão livres e eu finalmente poderei tirar meus saltos.

— Você poderia parar de se afastar de mim?

Rapidamente, eu me viro e quase esbarro em seu peito, mas ele agarra minha cintura, segurando-a para me manter firme.

Inclino a cabeça para trás, olhando para ele, mas meus olhos traidores descem até seus lábios. Não sei se ele percebe ou não, mas ele não diz nada sobre isso.

— Meus pés estão doendo. — Olho para baixo, para os meus saltos que, sem dúvida, deixaram a parte de trás dos meus calcanhares em bolhas. — Eu quero... — Suspiro, meus olhos se arregalam em choque quando ele se abaixa e me levanta. Ele prende firmemente um braço sob minhas coxas e o outro atrás das minhas costas, pressionando-me contra seu peito. — O que você está fazendo – coloque-me no chão! TJ, pare, as pessoas estão olhando!

— Não importa. — Ele dá de ombros, olhando para frente enquanto sobe as escadas.

Eu seguro a bainha do meu vestido, certificando-me de que ele não suba. — TJ-

— Lola, você está olhando para mim. Isso é tudo o que importa. — É breve, mas ele olha para mim antes de se concentrar em subir as escadas.

Estou presa em suas palavras. Não percebo que já estamos no lounge da seção VIP. Com cuidado, ele me coloca em um dos bancos altos e arrasta o outro para a frente do banco em que estou sentada.

Não digo nada, embora não tenha certeza do que deveria dizer. Muito menos como reagir ao fato de que algo tão simples me fez sentir tão... quente por dentro.

— Sinto muito se passei dos limites e fiz você se sentir desconfortável antes. Não foi minha intenção.

— Você não me deixou desconfortável. — Mexo com o dedo da minha luva roxa.

— Então, por que você tem me evitado? A noite toda foi uma tortura ficar olhando para você de longe enquanto você dançava e conversava com aqueles caras.

— Caras? — Alguns vieram falar com Daisy e comigo durante a noite. Cara esteve conosco a maior parte da noite, mas Jayden esteve ao lado dela. Há apenas dois caras que estavam constantemente conosco. — Darius e Marcos?

Sua mandíbula treme, suas mãos se crispam. — Eles... e os outros. Você deixou que cada um deles ficasse perto de você enquanto eu observava à distância. — Ele se inclina para trás no assento, com as pernas bem abertas.

— Não é assim... com Darius e Marcos.

Ele zomba. — Certo...

— Eles não gostam de mim assim e nunca gostarão. Eles preferem se arriscar com você do que comigo. — TJ não faz o tipo deles, mas ambos admitiram que o acham atraente.

— Oh. — Ele se senta, com os lábios se achatando em uma linha reta, com reconhecimento em seus olhos. — *Oh.*

— Já terminamos?

— Sou realmente tão ruim a ponto de você odiar ficar perto de mim?

— Não, eu não odeio ficar perto de você.

— Então o que é? — pergunta ele, exasperado.

— Eu não... não sei como me sentir em relação às coisas que você diz para mim! — desabafo. — E então você me olha de um jeito... — resmungo, sem saber como dizer o que estou sentindo.

— Como se eu quisesse beijar você? Como se eu quisesse tocar você? Porque eu quero. Muito.

Eu poderia culpar minhas próximas palavras pelo fato de o álcool ter prejudicado minhas inibições, mas sei que o que estou prestes a dizer não tem nada a ver com o álcool.

— Faça isso. — Engulo com força. — Beije-me.

Ele me encara, atônito, quase incrédulo, como se não conseguisse processar o que acabei de dizer.

Pensei que talvez o distanciamento dele pudesse clarear minha mente, mas me enganei ao acreditar nisso. Mesmo com o álcool percorrendo meu corpo agitado, tudo parece... quase quieto. A música alta, as pessoas que lotam a boate e meu coração turbulento desaceleram. — Tem certeza? Você esteve bebendo esta noite e...

— TJ, apenas...

Ele se levanta e fecha a distância entre nós. Tudo ao nosso redor se evapora em nada quando ele segura minha bochecha, inclinando minha cabeça para trás para olhar para ele.

— Ficar longe de você não vai ser possível. — Ele passa o outro braço em volta da minha cintura e me levanta do assento, pressionando-me com força contra ele. TJ abaixa a cabeça. Seu hálito quente se espalha por meus lábios, apenas roçando os meus. — Simplesmente não é mais possível.

Álcool, é o álcool falando, mas minha mente não quer se concentrar na realidade. Em vez disso, finjo que ele está falando sério e aprecio a sensação de seus dedos cravados em meu vestido, a ponta de seu polegar desenhando círculos suaves em minha bochecha e a dureza de seu corpo contra o meu.

Ficando na ponta dos pés, coloco meus braços em volta de seus ombros e pressiono meus lábios nos dele. Delicadamente, ele retribui o beijo, suave e lento, por tempo suficiente para que eu sinta o leve amargor da cerveja em seus lábios, o cheiro de madeira

de cedro de sua colônia e ouça o bater do meu coração em meus ouvidos.

— Intoxicante — ele murmura, mordiscando meu lábio inferior. — Você é inebriante pra caralho.

— Pare — falo sem fôlego. — Apenas me beije e vamos fingir...

Ele para, ainda me segurando tão perto quanto humanamente possível. — O que estamos fingindo?

— Finja que isso não é mais do que é. Você não precisa dizer nada. Então, pare de falar e apenas me beije — eu o incentivo.

TJ hesita, com os lábios entreabertos como se quisesse dizer algo, mas depois os fecha. — Então você quer fingir?

— Sim, como fizemos há dois anos.

— Está bem. — Ele sorri, deixa cair a mão em minha bochecha e a envolve em minha cintura. — Estamos fingindo, certo?

— Certo.

— Vamos fingir que você é minha.

Há algo de malicioso no jeito que ele me olha, algo possessivo no modo como me segura e algo controlador na forma como diz isso.

— TJ, isso não é...

— Peaches, estamos fingindo. — Ele inclina a cabeça, os lábios roçando os meus, enquanto seus dedos traçam levemente minhas costas, arrancando um arrepio. — Exatamente como há dois anos. Vamos fingir, hm?

Aceno com a cabeça, mas é tudo o que consigo fazer quando ele fecha o espaço e puxa meu lábio inferior entre os dentes. Em seguida, ele o suga com força e crava os dentes nele. Dói, mas a dor desaparece e uma onda de prazer me domina.

E como se o calor escaldante que percorre meu corpo não fosse suficiente, um gemido de necessidade vem do fundo da minha garganta. De alguma forma, parece que era exatamente isso que TJ precisava ouvir, porque ele para de brincar com meu lábio e desliza a língua em minha boca.

Ele me beija fervorosamente, sua língua se entrelaça com a minha com um desespero que me faz gemer mais forte. Estou sem fôlego e tonta, e não é por causa da falta de oxigênio, mas por causa do quanto ele me beija, quente e cheio de desejo.

Eu deveria parar com isso agora mesmo. Não há como fingir que isso não está me afetando. Como se minha calcinha não estivesse molhada, meus mamilos não estivessem duros e meu clitóris não estivesse pulsando. Eu deveria parar, porque isso é mais do que apenas sentir calor. Isso é... minhas costas estão contra a parede?

Ele interrompe o beijo, deixando-me ofegante, com o peito duro e querendo freneticamente mais. Eu deveria estar envergonhada com o som do meu gemido de privação.

— Diga que você é minha — ele exige com voz rouca. Suas mãos descem lentamente pela curva da minha cintura e deslizam pelos meus quadris.

— Não, beije-me — eu insisto, inclinando-me para mais perto dele.

— Não até que você diga.

Solto um suspiro áspero. — Você é frustrante, sabia?

— Sim, eu sei. — Ele me dá um sorriso torto. — Diga.

Parece que estamos ultrapassando um limite. Na ponta dos pés sobre a linha imaginária entre o fingimento e a realidade. Eu deveria ter cuidado, porque um passo em falso e vou me ferrar, mas é só uma noite.

Apenas uma noite de fingimento. De manhã, isso não significará nada.

— Implore por isso.

Seus lábios pairam sobre os meus e suas mãos descem até minha bunda. — Lola. — A aspereza de sua voz me faz prender a respiração, mas eu a contenho enquanto ele segura minha bunda com força e me pressiona contra sua ereção dura. — *Por favor,* apenas diga. Por favor, diga que você é minha. Apenas...

— Ei, droga, desculpe! — Jayden diz alto o suficiente para que eu fique sóbria por um momento, percebendo onde estamos. — Eu só queria que vocês soubessem que estamos voltando para a casa.

— Nós também estamos indo, Lola! — Cara dá uma risadinha, com as palavras arrastadas.

Olhando por cima do braço do TJ, vejo Cara e Jayden parados a poucos metros de nós. Felizmente, eles não estão concentrados

em nós, mas um no outro. O braço dele está em volta da cintura dela e ela se agarra a ele como se tivesse medo de cair.

Não há dúvida de que ambos estão quase bêbados ou já estão bêbados, pois balançam de um lado para o outro e riem do que estão dizendo um para o outro.

— Nós já vamos. — TJ respira asperamente, olhando para baixo, para sua ereção pressionada contra meu estômago.

Mordo meu lábio inferior, fazendo o possível para não sorrir, mas é difícil, pois ele geme.

— Veja o que você faz comigo.

— Isso parece ser um problema pessoal. — Eu contenho meu sorriso e encolho os ombros sem remorso enquanto me solto de seu controle.

CAPÍTULO 32

Lola

— Margherita, essa é para você. — Saint aponta o microfone que segura para Daisy.

Todos nós viemos para a casa dos rapazes, inclusive a maioria dos jogadores de basquete e várias garotas. Alguns dos rapazes e moças estão na cozinha jogando beer pong, enquanto o restante de nós está na sala de estar fazendo karaokê.

Locked Out of Heaven, de Bruno Mars, aparece na TV de tela plana montada na parede.

Saint joga o microfone para o alto e quase o deixa cair, mas consegue pegá-lo antes que caia. — Manda ver, Gabby! — diz ele, imitando a voz do Jack Sparrow. Ele até anda como ele, mas isso pode ser apenas porque ele está bêbado.

Assim que a música começa a tocar, Daisy se afunda no sofá, escondendo o rosto atrás de seu copo de plástico vermelho. — Por favor, não deixe que ele faça isso — ela implora, com os olhos cheios de desespero.

Engulo uma risada, desviando o olhar enquanto ela me lança um olhar assassino, mas seu olhar duro não é páreo para o canto de Saint.

— Pare de ser dramática. Não é tão... ruim assim.

Menti. É ruim. Ele pode ser imensamente bonito, mas cantando é horrível. Embora ninguém se importe com isso, porque estão todos muito bêbados para se importar com o fato de que ele tem uma afinação horrível, e nenhum de nós é melhor, somos igualmente ruins.

— A última coisa de que preciso é que alguém pense que estamos dormindo juntos — ela sibila. — Você não sabe o que essa música significa?

TJ se inclina, roçando seu ombro no meu. Invadindo meu espaço novamente, como fez na última hora em que estivemos aqui. Se ele não está tocando meu ombro, então sua perna está roçando na minha, e se ele não está fazendo isso, então ele está enrolando uma mecha do meu cabelo em seu dedo, como está fazendo agora. Seu braço está apoiado no encosto do sofá e uma mecha do meu cabelo está enrolada em seu dedo.

É só o álcool, é tudo fingimento, repito para mim mesma pelo que parece ser a milésima vez.

— Poderia ser pior. — Ele sorri, divertido com a expressão de horror no rosto dela. — Ora, o que é melhor do que Jack Sparrow fazendo uma serenata para você?

— Foda-se, Theodore — diz ela no tom mais sarcástico possível, estampando um grande sorriso no rosto.

— Ora, poderia ter sido o Sharkboy cantando para você.

Jagger se vestiu de Sharkboy para combinar com Gabby, que se vestiu de Lavagirl. Sua interpretação da canção de ninar que o

menino tubarão canta no filme é provavelmente a coisa mais icônica e cômica que vi a noite toda.

— Você sabe que eu gostei mais da semana de formatura do TJ.

— Mas você não me conhecia. Tenho certeza de que dissemos cerca de duas palavras um ao outro.

— Exatamente. — O rosto de Daisy se suaviza, seu sorriso se torna genuíno enquanto ela se inclina para trás no sofá, bebendo metade do que está em seu copo. — Acho que é só uma música, mas nunca mais falaremos sobre isso.

— Ela é um raio de sol — responde TJ sarcasticamente.

— Estou de muito bom humor, então vou fingir que não ouvi isso, mas me chame de raio de sol novamente e eu o apunhalarei com meu salto.

— E ela está falando sério. Não mexa com a Daisy quando ela estiver bêbada — sussurro.

A Daisy bêbada é divertida e selvagem, mas também é imprevisível.

— Entendi — ele sussurra de volta, sorrindo, embora o sorriso caia quando seus olhos se conectam aos meus.

De repente, parece que estamos de volta à boate, com a música e as vozes abafadas pelo crepitar da energia quente que nos une.

Não conversamos sobre o beijo nem sobre o fato de ele ter implorado para que eu dissesse que era dele. Continuei fingindo que não estava perto de dizer exatamente o que ele queria ouvir.

Ele está tão perto de mim, pairando e invadindo o pouco espaço que tenho. Eu deveria afastá-lo. Não deveria gostar disso. Não deveria continuar pensando nele me tocando, em sua língua...

— Já volto. — Levanto-me rapidamente, soltando um suspiro trêmulo enquanto me dirijo à cozinha, mas me arrependo instantaneamente quando um corpo duro se choca contra mim, fazendo com que a bebida dele se derrame sobre mim.

— Porra, desculpe. Não vi você — diz um dos colegas de equipe de TJ, Wyatt, embora pareça que ele está longe de se desculpar, pois seus olhos descem para o meu peito e ficam ali. — Se isso faz se sentir melhor, você está muito bem... — Ele fecha a boca e me encara com remorso.

TJ está ao meu lado, arqueando uma sobrancelha, olhando para ele com uma expressão vazia. — Você estava dizendo?

— Que eu deveria estar pegando algumas toalhas de papel para ela. Volto logo. — Ele sai rapidamente.

— Idiota de merda — TJ murmura ao se virar. Seus olhos se voltam para o meu vestido antes de se desviarem rapidamente. — Deixe-me dar a você algo para vestir.

— Está tudo bem. Tenho que ir andando.

— Espero que você não ache que vou deixar você sair dessa casa toda molhada.

Algo me diz que ele não queria que soasse assim, mas quando nos olhamos fixamente, tenho certeza de que sei o que ele está pensando, porque eu também estou pensando.

— Acho que isso não seria uma boa ideia.

— Por quê? É apenas uma camisa.

— Porque você e eu sabemos que é mais do que apenas uma camisa.

Um sorriso recatado se curva em seu rosto. — É só uma camisa.

Arqueio uma sobrancelha incrédula. — Só uma camisa?

— Só uma camisa.

Sentindo o líquido se infiltrar no vestido, decido não discutir com ele e o sigo até seu quarto. Ele me mantém perto dele, protegendo meu corpo com o seu enquanto passamos pela sala de estar, que parece mais cheia do que estava há alguns minutos.

Quando estamos em seu quarto, ele entra no closet e eu fico em frente ao quadro que ainda está pendurado na parede.

As lembranças da semana de formatura e da noite em que lhe contei sobre Phoenix ressurgem em minha cabeça. Elas desaparecem quando o sinto ao meu lado.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — Tiro minhas luvas.

— Qualquer coisa.

— Se pudesse, você voltaria atrás na semana de formatura?

Ele não hesita ao responder. — Não. Voltar atrás significaria não conhecer você, e não conhecer você significaria não ter Phoenix, e um mundo sem Phoenix é um mundo que não consigo imaginar.

Meu coração fica fora de controle.

Ele olha para mim assim como eu olho para ele. Quando nossos olhos se cruzam, sei que fiz besteira ao vir aqui.

— Aqui. — TJ estende a mão, segurando a camisa para mim.

— Obrigada. — Quando pego a camisa, meus dedos roçam nos dele e, mais uma vez, meu coração fica louco. *É um contato mínimo. Calma. Calma.* Repito para mim mesma. — Prometo devolvê-la.

— Não se preocupe com isso.

Nós dois ainda seguramos a camisa, nenhum de nós a solta. Preciso trocar de roupa e sair daqui antes de fazer algo de que me arrependa, mas não consigo me mexer.

— Lola?

— Hmmm?

— Ainda estamos fingindo?

— Eu... não sei o que estamos fazendo. — Lambo os lábios, dando-lhe um meio encolher de ombros.

— Quer que eu pare?

Eu deveria assentir, em vez disso, balanço a cabeça. — Não, eu não quero parar.

TJ pega a camisa e a deixa cair no chão. — Não me esqueci de onde paramos. Diga.

Reviro os olhos. — Não, não vou dizer isso.

Ele agarra minha cintura, apertando-a suavemente enquanto me guia para trás até que minha bunda encoste em sua mesa. — Por que você é tão teimosa?

— Por que está insistindo? Nada disso é real — rebato, inclinando a cabeça para o lado.

Soltando minha cintura, ele apoia as palmas das mãos na mesa e se curva. — Então isso não é real?

Uma mão fica na mesa enquanto a outra brinca com uma mecha do meu cabelo e depois a puxa. — Ainda não é real?

Solto um suspiro trêmulo, balançando a cabeça.

Ele afrouxa o aperto e sua mão desce pela curva do meu quadril e, quando chega à bainha, ele para.

— E agora?

Engulo, sentindo minha garganta ficar seca. Uso toda a minha força de vontade para não esfregar as coxas uma na outra. — Não.

Um sorriso presunçoso surge em seu rosto quando ele solta a bainha e sua mão desliza por baixo do meu vestido. — Vamos, Peaches, você pode me dizer que isso não é real?

Isso é real demais, se minha calcinha molhada for uma indicação disso, mas eu me recuso a admitir isso. — Não é. Especialmente porque meu nome não é Peaches. Já conversamos sobre isso.

— Já? — TJ finge ignorância, levantando os dedos na parte externa da minha coxa, provocando minha pele e deixando um pequeno rastro de fogo.

Limpo minha garganta, evitando deixar escapar um gemido. — Você é frustrante, sabia?

Uma risada profunda ressoa em seu peito. — Já ouvi dizer, mas sabe o que é realmente frustrante?

— O quê? — Odeio a maneira como pareço sem fôlego.

— Que você acha que isso não é real porque nós dois sabemos que, quando eu tocar você, meus dedos ficarão muito molhados. — Seus lábios estão tão próximos que eu mal precisaria me mover para tocá-los.

Reviro os olhos. — Você é tão cheio de si.

— Sim, ocasionalmente. — Eu odiaria o tom presunçoso dele se eu não o achasse sexy. — Mas não se trata de mim. Estamos falando de você. Apenas aceite que isso é real, e ficarei feliz em mover meus dedos exatamente para onde você quer que eles estejam.

Eu respiro fundo, agarrando a borda da mesa enquanto seus dedos se movem para a parte interna da minha coxa. — Isso não é... — ofego, sentindo um único dedo passar entre minhas dobras através do material de renda. É meticuloso e vertiginoso o modo como ele o arrasta propositalmente devagar.

Minhas unhas cravam na madeira, respirando asperamente enquanto sinto o material da minha tanga roçar em meu clitóris, adicionando apenas a menor pressão, mas é o suficiente para fazer minhas pernas tremerem.

— É real. Diga isso. Implore por isso — ele exige, repetindo minhas palavras de antes.

O último resquício da minha contenção se desfaz em nada quando ele acrescenta mais pressão e outro dedo. Eu me perco completamente quando ele finalmente toca meu feixe de nervos doloridos.

— É real — eu choramingo, mordendo o lábio com força enquanto me movo sem vergonha contra seus dedos, sentindo o tecido grudar entre minhas dobras. — Isso é real.

— Implore por isso, Lola — ele sussurra asperamente contra meus lábios.

— Por favor, TJ...

O resto das minhas palavras fica preso no fundo da minha garganta quando ele me levanta, empurra o que quer que estivesse sobre a mesa e me coloca sobre ela. — Abra suas pernas para mim.

A possessividade em sua voz provoca algo que não consigo explicar, e eu abro as pernas, levantando o vestido até a cintura.

— Tão molhada — ele diz, mordendo minha mandíbula enquanto seus dedos empurram a renda encharcada para o lado.

Exalo um fôlego trêmulo, inclinando a cabeça para trás enquanto ele arrasta dois dedos para cima e para baixo em minhas dobras, mas quando seus dedos encontram meu clitóris, um gemido alto escapa dos meus lábios. Eu ficaria envergonhada se não estivesse desesperada para encontrar minha liberação.

— Não pare — imploro, arqueando as costas enquanto seu polegar circunda o pequeno botão e seu outro dedo desliza pela minha boceta. E então, em uma fração de segundo, o primeiro orgasmo me atinge.

É embaraçoso ver a rapidez com que isso acontece, mas não tenho tempo de processar isso quando ele enfia dois dedos dentro de mim.

— Ahhh — eu gemo, apertando os dedos enquanto ele os empurra para dentro e para fora, seu polegar ainda em meu clitóris.

— Mais profundo? — ele pergunta ao lado da pulsação que ricocheteia em minha garganta.

— Sim... mais profundo — digo com necessidade, balançando a cabeça desesperadamente.

Não tenho certeza de como ele consegue enfiar os dedos tão fundo, mas eles chegam a um ponto que eu nunca tinha alcançado antes. Ele empurra os dedos, fodendo-me com eles rapidamente, enquanto eu me abro e imploro para que ele não pare.

Estou tão perto que cada centímetro do meu corpo arde e treme em antecipação. Quando abro os olhos por um breve momento, vejo o reflexo de TJ e o meu em seu espelho. Não sei o que há de errado comigo, mas com o som de seus dedos escorregadios, vendo a posição em que estamos, eu me esfregando contra ele e seus dedos entrando e saindo de mim, tenho um orgasmo forte e todo o meu corpo entra em espasmos.

Fecho os olhos com força, respirando com dificuldade, enquanto bato os quadris contra ele. Minha boceta lateja enquanto o orgasmo se espalha por todo o meu corpo.

Quando finalmente recupero o fôlego e abro os olhos, percebo que meu vestido subiu mais e TJ está olhando para minha barriga coberta de estrias.

Isso é suficiente para me trazer de volta à realidade. Eu o empurro para longe e pulo da cômoda, puxando meu vestido.

— Lola, eu...

— Já é bem tarde. É melhor eu ir andando. — Entrelaço meus dedos em frente ao meu estômago, uma onda de emoções avassaladoras se abatendo sobre mim. — Eu vou, uh... — Deus, por que sou tão desajeitada? — Vejo você mais tarde.

Dirijo-me à porta, pronta para sair correndo, mas antes que eu possa agarrar a maçaneta, as palavras de TJ me fazem parar.

— Você quer passar a noite aqui?

Demora um segundo para que as palavras sejam totalmente registradas em minha cabeça, mas mesmo quando isso acontece, sinto que, de alguma forma, ainda não o ouvi corretamente.

— O quê?

— Você quer passar a noite aqui?

Como minha cara de pôquer é uma merda, sei que provavelmente pareço um cervo pego pelos faróis, com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, olhando boquiaberta para a pergunta dele.

— Prometo que não é nada disso — diz ele antes que eu possa dizer qualquer coisa. — Só acho que seria melhor se esperássemos

até de manhã para levá-la para casa. Com todas as festas acontecendo e todo mundo bebendo, é mais seguro você ficar aqui.

Coloco meu cabelo atrás da orelha, cruzando os braços contra o peito. Um debate se desenrola em minha cabeça enquanto penso no que quero fazer. Eu nem deveria estar aqui esta noite, especialmente no quarto dele, entre todos os lugares.

— Tenho que voltar para minhas amigas. Vou chamar um Uber e pegaremos o carro pela manhã, se você e o pessoal não se importarem.

TJ olha para mim como se tivesse percebido que eu não vim sozinha. Ele sorri e acena com a cabeça de forma compreensiva. — Não vou deixar você pegar um Uber. Eu levo vocês para casa.

— Você não precisa...

— Ou eu levo vocês para casa ou ficam aqui. Não vou discutir isso.

— Ok, você pode nos levar para casa.

CAPÍTULO 33

Tj

Já fantasiei muito sobre Lola.

No início, era inocente. Ela estava lá, sorrindo e rindo tão lindamente. Era assim que sempre começava, mas então algo mudava e seus sorrisos se transformavam em lábios entreabertos, e as risadas se transformavam em gemidos ofegantes.

Não se tratava apenas de lábios entreabertos e gemidos ofegantes. Ela estaria nua em diferentes posições. Tantas maneiras diferentes de ser fodida.

Tudo o que eu conseguia fazer em meus sonhos era olhar para ela. E, quando estava acordado, fantasiava sobre como ela soaria e se sentiria.

Tudo o que eu queria era tirá-la de meu sistema, de uma vez por todas. Eu queria poder ficar na frente dela e não ter o desejo de beijá-la, tocá-la e abraçá-la.

Sou realmente um idiota por achar que isso ia funcionar. Pensar que eu seria capaz de ficar na frente dela e ainda assim não sentir o mesmo desejo. Eu não deveria chamá-lo assim, não mais. A melhor maneira de descrever a forma como ela me deixou foi consumido.

Consumido por seu toque, suas risadas, seus sorrisos, seus gemidos, suas mãos delicadas.

Estou tão consumido por ela que o cabelo ruivo, dourado-acobreado e a tinta seca atrapalham minha visão.

Não posso começar a explicar como isso aconteceu ou como fazer com que pare, mas não tenho certeza se quero.

Suspiro. Não tenho certeza de quantas vezes já me virei, mas desisto. Não importa o quanto eu tente, não consigo dormir porque a única pessoa em quem não consigo parar de pensar está dormindo no meu quarto.

Lola não teve escolha a não ser dormir aqui em casa porque Cara dormiu no quarto de Jayden e Daisy dormiu no sofá. Eu sabia que ela não estava se sentindo à vontade para dormir aqui, então me ofereci para dormir no sofá para que elas pudessem ficar no meu quarto.

Não é nada demais. Já dormi no sofá algumas vezes quando estava bêbado demais para subir as escadas. O problema é que, a cada poucos minutos, penso em meus dedos dentro da sua boceta encharcada e apertada. Penso em como ela estava molhada, em como ela os prendeu, em como ela implorou, em como ela gemeu e em como suas bochechas ficaram vermelhas. E toda vez que penso nisso, fico com tesão.

Como agora.

— Jesus Cristo... — murmuro.

Sentado, apoio os cotovelos nos joelhos, cobrindo o rosto com as palmas das mãos. Isso até ouvir o ranger das escadas.

— Desculpe, eu o acordei?

Eu só vejo a silhueta dela por causa da escuridão, mas Lola está no meio da escada, sem se mexer.

— Não, eu estava acordado. — Deus, não sei o que ela está fazendo comigo, mas meu coração está acelerado. — Não está conseguindo dormir?

— Não. Desculpe-me, mas é melhor eu ir...

— Você quer um café? — ofereço, encolhendo-me com a rapidez com que as palavras saem de minha boca. Eu deveria estar envergonhado por estar começando a desejar a presença dela, mas será que é realmente uma coisa ruim *querer* estar perto dela... o tempo todo?

— Agora mesmo? — ela sussurra.

— Agora mesmo — afirmo.

O silêncio entre nós se prolonga e, por um momento, acho que ela vai voltar para o andar de cima, mas ela desce os últimos degraus.

De pé, ajusto rapidamente minha calça do pijama, agradecendo por estar apenas semiduro e por estar escuro.

— Prepare-se: esse vai ser o melhor café que você já tomou.

— Ah? É mesmo?

— Sim. — Corto a distância, alcançando cegamente sua mão. Ela enrijece quando coloco minha palma sobre sua mão, mas ela não se afasta. — Desculpe, só não quero que você tropece em nada.

Eu poderia acender a luz, mas a última coisa que quero é que alguém acorde. Não é porque eu, egoisticamente, só queira ficar com a Lola.

Sua mão rígida se toca na minha. — Certo, vá na frente.

Guiando-a até a cozinha, seguro sua mão com firmeza e, em algum ponto do caminho, entrelaçamos os dedos. E isso me faz perceber que nada nunca pareceu tão certo.

E agora não tenho certeza de como poderei me libertar, e não me refiro apenas fisicamente.

Quando chegamos à cozinha, acendo a luz do exaustor. Ela é fraca, mas emite luz suficiente para que possamos nos ver.

Olho de relance, mas tenho que dar uma olhada dupla porque ela está usando minha camisa.

Já vi milhares de pessoas usando uma camisa ou camiseta com meu número ou sobrenome, mas ninguém nunca esteve tão bem quanto Lola está agora. Seus cabelos estão levemente desgrenhados, seus olhos hipnotizantes como o universo, seus lábios manchados de vermelho e minha camisa envolve seu corpo perfeito, parando bem na altura das coxas.

— Você está usando minha camisa. — Será que acabei de gaguejar?

— Meu vestido não era muito confortável e ainda está molhado. Espero que não haja problema em usar — ela diz timidamente.

Estou sorrindo como um idiota, mas que se dane. — Sim, está tudo bem para mim. Você pode usar qualquer uma das minhas camisas... sempre que quiser.

— Obrigada. — Ela retribui o sorriso, mas ele escorrega como se ela percebesse que não deveria estar fazendo isso e afasta sua mão da minha. — Então, sobre esse café.

— Certo. — Vou até o balcão onde fica a máquina de café novinha em folha. — Prepare-se para ficar impressionada. Eu me matei de trabalhar para aperfeiçoar o café perfeito.

Lola encosta o quadril no balcão. — Espero que você saiba no que está se metendo. Minhas expectativas são extremamente altas agora e serei uma crítica severa se o café não estiver *perfeito*.

Abro as portas do armário acima da máquina de café e pego duas canecas. — Gastei muito dinheiro nisso para que não fique perfeito.

— Você acabou de comprar a máquina?

— Uh... sim. — Sorrio timidamente, colocando as canecas no chão. — Só pensei que poderia fazer café sempre que você e Phoenix viessem aqui.

— Oh. — Lola se endireita e acho que ela fica vermelha.

— Eu moeria os grãos de café para você, mas não gostaria de acordar todo mundo.

Ela sorri e não é um sorriso pequeno, forçado, tentando ser simpática. É o tipo especial que eu a vi reservar para Phoenix, seus melhores amigos e, infelizmente... Saint.

Preciso parar de ficar obcecado com o sorriso dela ou todos se levantarão antes que o café esteja pronto.

— Pronta para ser surpreendida? — pergunto enquanto pego tudo para preparar o café.

— Surpreenda-me.

Eu me dedico a preparar nossos cafés, enquanto ela me observa atentamente e, quando lhe entrego a caneca, ela inala o vapor quente como faz normalmente. Ela geme suavemente e eu gostaria que ela não tivesse gemido, porque as lembranças dela na minha mesa passam pela minha cabeça. Mas não apenas na minha mesa, na cozinha também. Em minhas fantasias, ela está nua, curvada sobre o balcão, gritando.

O que há de errado comigo?

— Uau, desculpe-me por ter duvidado de você.

Não posso nem me gabar ou me sentir presunçoso, porque estou fazendo tudo o que está ao meu alcance para não ficar duro, mas sou fraco.

Sou um homem fraco para Lola Larson.

— Avisei. — É tudo o que consigo dizer em uma voz tensa.

Ela sopra o vapor quente antes de tomar um gole lento e, dessa vez, apenas um suspiro de satisfação escapa de seus lábios. — Sabe que vai se arrepender de ter comprado isso, né? Talvez eu apareça aqui todo dia.

— Então vou me certificar de que tenho o suficiente de tudo. — Faço uma anotação mental para me certificar de que vou comprar mais grãos de café, leite e creme de leite.

Ela ergue a caneca para cobrir a boca, mas vejo os cantos de seus lábios se erguerem. — Estou brincando.

— Eu não estou. Você e Phoenix podem vir quando quiserem.

Abaixando a caneca, os olhos de Lola se fixam nos meus. — Mas e se você não estiver aqui?

Deixo minha caneca de lado e vou até o outro lado do balcão, puxando a gaveta que contém as chaves do carro. Pego minha chave, solto do aro e a prendo em outro.

— O que é... — Ela para no meio do caminho, com as sobrancelhas erguidas e os olhos voltados para a minha palma. — Você não está falando sério.

— Estou falando muito sério. — Eu seguro o chaveiro na frente dela.

— TJ, não. — Balançando a cabeça, ela empurra minha mão e dá um passo para trás, como se estivesse colocando alguma distância entre ela e a chave.

— Lola, sim.

— Eu não vou aceitar. E os caras?

Ergo uma sobrancelha. — E os caras?

— O que eles vão pensar se eu aparecer por acaso? Tenho certeza de que não gostariam se eu aparecesse, e deixe-me dizer, Phoenix não é um garoto muito quieto. Você já o conheceu. E se

eles estiverem tentando descansar e ele for barulhento? — Sua tentativa de argumentar comigo é engraçada, mas inútil.

— Eles não vão se importar. Jagger pode ficar um pouco estranho perto dele. Ele não é muito bom com crianças, mas vai ficar bem. — E isso é dizer pouco. Jagger é uma bagunça perto de crianças, e tão dolorosamente desajeitado. — Landon está sempre em seu quarto ou nunca está em casa, então você nunca terá que se preocupar com ele. E Jayden e Saint gostam de crianças, então não é um problema para eles. De qualquer forma, agora que a temporada começou, eles dificilmente estarão em casa.

Lola morde nervosamente o lábio inferior e seus dedos tamborilam na lateral da caneca. — Não posso pegar. Não gostaria de incomodar ninguém ou que Phoenix quebrasse alguma coisa. Você sabe como ele é curioso. Ele gosta de se meter em tudo.

Deixo a chave cair no balcão quando me dou conta disso. Avanço um pouco, observando-a atentamente para me certificar de que não estou exagerando. Quando ela não se afasta, eu me aproximo e levanto lentamente a mão para tocar seu pescoço. Encostando o polegar gentilmente em sua bochecha, afogo-me no universo que são seus olhos.

— Você e Phoenix fazem parte da minha vida, e isso nunca vai mudar. Todos eles sabem disso e entendem o quanto quero estar presente na vida dele, assim como estou na sua. — Com minha mão livre, pego cegamente a chave no balcão. — Phoenix é importante e você também. Se você está feliz, então eu sei que ele está feliz, e isso é tudo o que eu quero.

Pegando a mão livre de Lola, coloco a chave em sua palma e enrolo seus dedos sobre ela, envolvendo sua mão com a minha.

— Você não precisa vir tomar café, mas use-a em caso de emergência.

— Uma emergência? — Ela inclina a cabeça para o lado, pensando profundamente. Provavelmente se perguntando que tipo de emergência a faria passar por aqui.

— Tipo uma tempestade daquelas. Você não devia dirigir no meio de uma. — A inquietação se instala dentro de mim com a ideia de ela dirigir em meio a uma tempestade. — Na verdade, vou buscá-la, a menos que eu esteja em um jogo fora de casa.

— Não preciso de motorista. — Ela sorri docemente para mim. — *Se* houver uma emergência, eu a usarei. E talvez, apenas talvez, se eu precisar de um pouco de estímulo, eu pare para tomar uma caneca de café. Agora é melhor você tomar seu café ou ele vai esfriar.

Seus olhos se voltam para a caneca que ainda não bebi.

Lá vou eu de novo, perdendo a noção do tempo. E, mais uma vez, isso aconteceu por causa dela. *Aceite isso*, meu subconsciente me diz.

— Então... — Eu me afasto, mudando meus pensamentos, porque estou balançando sobre a borda sem retorno e sei que, uma vez que cair, não há como voltar. Embora eu não tenha certeza de que isso seja uma coisa ruim. — Agora que o Halloween acabou, eu queria falar com você sobre uma coisa.

— Ah? — Ela lambe os lábios, pegando uma gota perdida que se agarra à costura de seu lábio inferior.

Gota de sorte.

— Com a proximidade do Dia de Ação de Graças, meus pais estavam pensando se você e seus pais gostariam de se reunir e fazer alguma coisa? Na verdade, não podemos nos encontrar no Dia de Ação de Graças, porque eu tenho um jogo, então teria de ser no fim de semana. Mas meus pais estão mais do que dispostos a vir aqui ou se encontrar em qualquer lugar. Eles estão loucos para conhecer Phoenix e gostariam muito de conhecer você e seus pais.

A curva de seus lábios cai para baixo e seus olhos, outrora vívidos, escurecem. Lola desvia o olhar, perdendo-se na distância enquanto exala um suspiro pesado.

— Se você não está pronta para que meus pais conheçam Phoenix, entendo perfeitamente. Não se preocupe, eu posso...

— Não, eu adoraria que seus pais o conhecessem. — Ela exibe o que deve ser o sorriso mais falso que já vi em seu rosto. — Eles apenas não poderão conhecer meus pais. Eles não aceitaram bem a gravidez. Eles tinham uma solução para o meu *problema*, mas acabei não indo em frente com ela. Então, eles me expulsaram de casa e, desde então, nunca mais falei com eles. — Seus lábios tremem, mas ela consegue manter o sorriso intacto.

— Eles expulsaram você? — Minha voz sai baixa, cheia de descrença.

Quanto mais suas palavras penetram em meu cérebro, mais a culpa afunda no fundo do meu estômago.

Que porra é essa? Eles a expulsaram?

Apesar do enorme sorriso que ela exibe em seu rosto, ela se move desconfortavelmente de um pé para o outro. — Sim... não é nada demais.

— Não é nada demais? — falo, a bile subindo pela minha garganta. — Você é a única filha deles e eles expulsaram você de casa?

Já fiz besteira mais vezes do que posso contar. Tenho certeza de que houve uma ou duas vezes em que minha mãe e meu pai pensaram em me dar uma surra, mas apesar de minhas muitas falhas, eles sempre estiveram ao meu lado.

Não consigo me imaginar sem eles, especialmente agora com Phoenix. Eles são parte da razão pela qual consigo me manter são.

Como puderam fazer isso com ela? Sua única filha.

Ela dá de ombros, sem perder o sorriso.

— Lola, não sorria como se estivesse tudo bem. Você não precisa fingir que está bem com isso. — Meu coração se aperta dolorosamente por ela.

— Eu... eu — ela funga, desviando o olhar. — Não quero mais falar sobre isso. Acho que vou para a cama.

— Espere. — Envolvo a mão no seu pulso, implorando para que aqueles lindos olhos olhem para mim. — Não precisamos

conversar ou talvez sim. Podemos falar sobre o que você quiser. Apenas deixe-me ficar com você.

— Não preciso da sua piedade. — Ela faz uma careta.

— Não, isso não é o que é. Eu só quero ficar com você.

É a verdade. Por mais furioso que eu esteja, isso não tem nada a ver com o fato de me sentir mal por ela e tudo a ver com o fato de eu gostar de estar ao lado dela.

Seu silêncio se estende pelo que parece ser uma eternidade e, apesar disso, eu me agarro à sua presença e ao seu pulso, porque a qualquer momento ela vai se afastar.

— Tudo bem, eu fico. — Um sorriso triste aparece em seu rosto quando ela afasta o pulso da minha mão.

Por um tempo, ficamos na cozinha, tomando nossos cafés, até que a luz do sol se derrama pela janela, anunciando que já é dia.

CAPÍTULO 34

Tj

Não há nada como começar a temporada em casa.

O público, a música, os cantos e as luzes são diferentes de qualquer outro. Não vou negar o nervosismo que me toma por dentro, mas, apesar dele, eu me sinto bem com a energia que vibra em toda a arena.

— Esse jogo vai ser insano. — Saint puxa o calcanhar em direção à bunda enquanto alonga a perna.

Estamos todos esperando, no túnel que leva à quadra, que o locutor nos chame.

Além de ser nosso primeiro jogo da temporada, estamos jogando contra Baylor, que recrutou Xavier Foster, cinco estrelas. Além de estar em segundo lugar no ranking nacional, suas estatísticas são excelentes. Todos falaram e ainda falam que ele será o único a me derrubar do *meu trono*. Entendo, ele é calouro, tem apenas dezoito anos, enquanto eu tenho vinte e um, sem contar que ele nunca se machucou e é um armador como eu.

Claro, é com ele que devo tomar cuidado, mas de alguma forma eles se esquecem de que estou jogando com o jogador número um do país, o Saint. Não estou preocupado ou estressado. Nem sequer jogamos na mesma posição, mas se eu *estivesse* preocupado ou concentrado em quem me derrubaria do meu trono, seria ele.

— É como qualquer outro jogo. — Jagger anda de um lado para o outro, com a cabeça balançando para o nada.

— Só espero que todos vocês joguem assim — diz Saint, fazendo com que todos olhem para ele, exceto Landon. Ele está encostado na parede, com os braços cruzados contra o peito e a cabeça inclinada para baixo.

Ele sorri como de costume, mas ninguém perde seu tom incisivo.

— Além de jogar com o Xavier — ele revira os olhos — também estamos jogando contra o irmão de Landon, Ashton, e TJ tem um filho.

Xavier e Saint têm problemas um com o outro. Não sabemos ao certo o motivo. Tudo o que sabemos é que eles cresceram juntos.

— Aonde você quer chegar? — Jayden pergunta.

— Todo mundo vai falar um monte de merda.

— *Meio-irmão* — corrige Landon com desgosto. — Se algum de vocês está muito preocupado com o que alguém tem a dizer esta noite, não se preocupe em colocar os pés na quadra. Ficaremos melhor sem vocês.

— Tão inspirador. Você sabe como nos animar — comenta Saint sarcasticamente.

— Foi você quem trouxe essa merda à tona — acusa Jayden.

Ele dá de ombros, sorrindo. — Só estou me certificando de que estamos todos na mesma página.

Reviro os olhos, sem comentar sobre sua falta de percepção ou indiferença em ler a sala. Estamos todos confiantes em nossa capacidade de jogar esta noite. Não estaríamos aqui se não achássemos isso. Mas não significa que não estejamos todos sentindo a pressão do que está em jogo esta noite.

Saint está ao meu lado. Inclinando-se, ele sussurra: — Você está bem?

— Por que eu não estaria?

Espero seu sorriso característico e uma piada aleatória, mas, pela primeira vez, ele não faz nenhuma. — Sabemos o que todos estão dizendo, mas estamos protegendo você, ok. — Não é uma pergunta, mas uma declaração tranquilizadora para que eu não duvide dele ou de qualquer um dos meus colegas de equipe e de seu apoio a mim.

Acenando-lhe com a cabeça, olho para a direção que leva à quadra. Deixando de lado a pesquisa da AP e o campeonato, o fato de eu ter um bebê tem sido o centro das atenções da equipe.

A notícia foi divulgada no final de setembro. Estamos agora no início de novembro. Eu esperava que todos já tivessem deixado isso para lá, mas eles estão determinados a falar sobre isso sempre que podem.

— Nós temos isso — diz ele, erguendo o punho.

— Nós temos isso — repito, batendo os nós dos dedos contra os dele.

Um ponto. Ganhamos por um ponto.

Estávamos indo muito bem no primeiro tempo, ganhando por vinte pontos, mas no segundo tempo, eles conseguiram se recuperar. Não há outra desculpa a não ser que fizemos merda, porque não estávamos jogando de forma coesa como uma equipe. Não ajudou o fato de Xavier e Ashton estarem provocando Saint e Landon.

Ouvi comentários sobre mim e Lola, mas consegui ignorá-los. Até agora.

— Você está cansado?

— Como assim? — Olho de relance na direção de um dos muitos repórteres que estão à minha frente no vestiário.

Derik sorri ironicamente. Ele e muitos outros repórteres seguram seus telefones e câmeras perto do meu rosto para fazer perguntas após o jogo. Algo que eu estava temendo desde que o cronômetro disparou.

— Não é nenhuma surpresa que você seja pai. Parabéns, a propósito.

Ele sempre foi um merda condescendente, lembro a mim mesmo enquanto forço o sorriso mais amigável que consigo reunir e aceno com a cabeça.

— Dito isso, ele está mantendo você acordado? Porque você parecia um *pouco* cansado lá fora.

Em outras palavras, você é a razão pela qual sua equipe teve um desempenho tão horrível.

Felizmente, Janet me fez praticar essas perguntas idiotas. Afinal, acho que não foi tão inútil assim.

— Não, ele não está me mantendo acordado. Estou dormindo muito bem.

— TJ. — Outro entrevistador acena com a mão, chamando minha atenção para ele. — Não consigo imaginar como tem sido desde que você descobriu que se tornou pai há um mês. Como está lidando com o estresse de ter um bebê e ser um atleta?

Segurando as pontas da toalha enrolada em meu pescoço, respiro fundo. — Estou lidando com isso da mesma forma que qualquer atleta profissional vem lidando há anos.

— Mas *eles* são profissionais. Não estão na faculdade, ainda fazendo dever de casa. O que estou tentando perguntar é que sua equipe parecia sobrecarregada na quadra. Você acha que eles são um reflexo de como você tem se sentido recentemente?

Trinco os dentes, com o rosto doendo de tanto forçar esse sorriso falso. Tenho certeza de que os nós dos meus dedos estão brancos devido à firmeza com que estou segurando a toalha, mas não olho. Mantendo meus olhos fixos no entrevistador, eu sorrio apesar da raiva que ferve dentro de mim.

— Admito que poderíamos ter sido mais coesos. Não há desculpa para isso. Tivemos treinamento suficiente para nos preparar para a temporada, mas um jogo não nos definirá.

Cometemos erros, mas aprenderemos com eles e estaremos preparados para o próximo jogo.

— Obrigado, TJ, foi bom conversar com você.

— Como você se sentiu...

E as perguntas continuam, uma após a outra. Eu temo cada uma delas.

— Beba isso. — Jayden me entrega um copo cheio até a borda.

Hesitante, pego o copo, inspecionando de perto antes de cheirar. Aperto o nariz e o entrego de volta a ele. — Puta que pariu, Jay, você derramou a garrafa inteira de tequila?

Um sorriso malicioso se estende por seu rosto, empurrando a bebida para trás. — Não faça perguntas, Kingston. Apenas beba.

— Ei... — Saint faz uma pausa e seus olhos se voltam para o copo cheio em minha mão. — Por que não está bebendo?

— É isso que estou dizendo. Beba — ele incentiva, tomando um gole de seu próprio copo.

Jagger se encosta em mim, jogando o braço pesado sobre meus ombros. — TJ, tire fotos... por que você não está bebendo?

Reviro os olhos diante da insistência deles, mas, acima de tudo, por mim mesmo. Não faz muito tempo, eu não teria pensado duas vezes e teria bebido tudo em segundos, mas agora não consigo fazer isso. Ou me obrigar a aproveitar a festa que os rapazes

decidiram dar em homenagem ao nosso primeiro jogo da temporada. Toda a equipe está aqui, exceto Landon, o que não é novidade.

Apesar do jogo de merda que tivemos e das entrevistas pós-jogo, há apenas duas pessoas em quem estou pensando, e elas estão a uma hora de distância de mim.

— Talvez eu não esteja tentando morrer esta noite.

Jagger estala a língua. — Isso é um pouco dramático, Teddy. Claro que você vai se ferrar, mas veja o lado positivo.

— Não há lado positivo quando você está olhando para *dentro* de um vaso sanitário logo de manhã. Não, obrigado, não estou com vontade.

— Nós sabemos, mas isso o ajudará a limpar a cabeça de... tudo.

Por tudo, eles não se referem apenas aos jogos ou às perguntas, mas ao ataque negativo de publicações e comentários em que estou sendo marcado nas mídias sociais. Ninguém perdeu um segundo para me lembrar do quão mal *eu me saí*. Eles não falam sobre como Baylor jogou sujo, mas falam sobre como *eu* fui péssimo.

Talvez eu realmente precise disso.

— Tudo bem, mas só um e pronto. Só porque não vamos treinar amanhã, não significa que eu queira ficar bêbado. — Tomo um gole grande, mas imediatamente me arrependo, pois a bebida queima minha garganta. Estremeço, balançando a cabeça enquanto a

bebida se instala no fundo do meu estômago. — Puta que pariu, o que tem aqui?

— A coisa boa. — Jayden sorri preguiçosamente para Saint, tomando seu próprio drinque.

— Esse é o espírito, Teddy. — Jagger dá um tapa forte em minhas costas, fazendo com que a maior parte da bebida caia sobre mim. — Ops, desculpe.

Eu gemo, olhando para minha câmera pendurada no pescoço, minha camisa e meu jeans. Não estou encharcado, mas molhado o bastante para precisar trocar de roupa. — Muito bem — resmungo, tirando seu braço do meu ombro. — Eu voltarei.

— Rápido! Quero que você tire algumas fotos minhas — Jagger grita enquanto eu subo as escadas.

Quando estou em meu quarto, troco a roupa molhada, mas antes de voltar, um roxo brilhante chama minha atenção.

As luvas da Lola estão sobre minha mesa. Estou querendo devolvê-las, mas não consigo me desfazer delas.

Elas não são apenas um lembrete da noite em que a fiz gozar, mas também de como a noite terminou triste. Não consigo tirar da cabeça a expressão de seu rosto, o som de sua voz, o tremor de seus lábios.

Não posso mudar a merda pela qual seus pais a fizeram passar, mas posso mudar como tudo vai se desenrolar daqui para frente. Porque não quero nada mais do que Phoenix e Lola felizes. Eles merecem tudo isso.

— Oi. — Uma voz suave me tira do transe e me faz olhar para a porta. Alexia está em frente à porta com um olhar que conheço muito bem. — Eu estava procurando por você.

— Alexia...

— Apenas ouça, ok. — Ela se aproxima de mim e, ao fazer isso, dou alguns passos para trás, certificando-me de que há espaço suficiente entre nós. Mas ela não se importa, pois dá mais um passo à frente, deixando quase nenhum espaço entre nós.

— Você pode dar um passo para trás?

Sua expressão atônita se transforma em mágoa. — É mesmo? Você não se importava que eu ficasse tão perto de você. Devo lembrá-lo das muitas vezes em que você e eu...

— Pare. Eu não quero fazer isso. — O peso de tudo começa a se acumular lentamente em cima de minha cabeça. Sinto uma pulsação aguda martelando em minha cabeça. — Não quero discutir. Já lhe disse que não quero mais.

Ela solta um suspiro irritado. — Mas eu não quero que as coisas acabem entre nós. Temos algo muito bom entre nós.

Eu terminei tudo. É verdade que não deveria ter feito isso na boate durante o Halloween, mas ela queria desesperadamente saber por que eu não a tocava mais. Eu lhe disse que não era a hora nem o lugar, mas ela não parava de me seguir e de me bombardear com perguntas.

— Podemos ser amigos, nada mais. — Eu ofereço, repetindo a mesma coisa que fiz na semana passada.

— Veja. — Ela dá mais um passo, colocando a mão em meu bíceps. — Eu sei que você está estressado e tem muita coisa acontecendo, mas eu posso ajudá-lo. Desconte em mim.

Um sorriso triunfante se espalha por seu rosto quando coloco minha mão em seu pulso, mas ele despenca quando eu a deixo cair e me esquivo dela.

— Não se trata de estresse ou do que quer que esteja pensando. Só não quero que sinta que estou lhe induzindo a isso.

Ela se senta em cima da minha mesa, cruzando a perna sobre a outra. — Então me diga o que é, porque não entendo como passamos de dois anos transando para você decidir que não me quer mais.

Uso toda a minha paciência e espero por Deus não explodir. Aprendi minha lição com Lola, e a última coisa que quero é ser um idiota.

— Não faça isso. Já terminamos. Vamos seguir em frente.

— Já terminamos? Assim, sem mais nem menos? — Ela faz beicinho, com os olhos brilhando. — O que *ela* tem que eu não tenho?

Passando a palma da mão no rosto, solto um suspiro cansado. — Não meta Lola nisso.

Ela se levanta, rindo sardonicamente. — Você a conhece há apenas três meses, apenas três malditos meses! — ela diz com amargura. — Enquanto você me conhece há dois anos, TJ. Eu não entendo ou compreendo que diferença ela fez que eu não fiz? Porque, nos últimos dois anos, era eu que estava chupando seu

pau, não ela. Sem mencionar todas as outras vadias, mas, independentemente delas, eu estava aqui! Não ela!

Eu cerro os dentes. — Eu não quero fazer isso.

— Eu não vou embora até que você me diga! — ela exige. — Não entendo como você escolheu três meses em vez de dois anos.

Eu me esforcei muito, realmente me esforcei, mas não consigo mais fazer isso. A conversa está saindo do controle e estou a segundos de perder a cabeça. Sei que ela não gosta de mim romanticamente; essa é apenas outra maneira de conseguir o que ela quer.

Respirando fundo, ignoro minha dor de cabeça latejante e digo exatamente o que deveria ter dito desde o início. Algo que eu gostaria de ter percebido antes.

— Você quer mesmo saber a verdade?

— Sim.

— Com ela, eu consigo imaginar um futuro. Com você... não vejo nada.

Sua risada é seca e sem humor. — É claro que você precisa fazer isso. Não é como se você tivesse outra escolha. Você tem a porra de um filho com ela!

Eu dou um suspiro. — Quando conheci a Lola, havia uma faísca *insignificante*. Achei que era algo alimentado pelo momento, uma emoção. — Mas ela sempre foi mais do que isso. Lola é uma descarga de adrenalina que nunca para. Ela é muito mais emocionante do que qualquer coisa que a vida possa oferecer. —

Foi tão inesperado conhecê-la, mas tão incrível. — Faço uma pausa, pensando se quero continuar, mas, que se dane, vou me certificar de que estou entendendo o que quero dizer. — Com você nunca foi assim.

Desde o início, minha alma se chocou com a dela e nunca mais conseguiu se soltar.

— Oh — diz Alexia, com a voz fraca. Há um lampejo de tristeza em seu rosto, mas ele é substituído por um sorriso astuto. — Bem, boa sorte em fazê-la acreditar nisso. Você vai precisar. — Ela passa por mim, batendo a porta atrás de si.

CAPÍTULO 35

Lola

Meu estômago ronca alto, mas eu o ignoro e olho para Phoenix. Ele está brincando em seu cercadinho, ao mesmo tempo em que assiste *Nemo*. Ele não deveria estar acordado agora. Já passou da hora de dormir, mas hoje ele decidiu que não queria dormir. Normalmente, eu não permitiria isso, mas tenho estado tão ocupada com o trabalho e as tarefas escolares que me esqueci de que deveria entregar uma pintura no domingo.

Talvez eu não tivesse esquecido disso se não estivesse tão presa nos pensamentos da semana passada.

Fico pensando demais em cada olhar, cada toque, cada palavra dita entre nós. Não ajuda o fato de ele ter comprado uma máquina de café e ter me dado a chave da casa. Meus pensamentos são desviados para o zumbido do meu telefone na mesa de centro, mas param completamente quando vejo o nome no identificador de chamadas.

TJ.

Colocando minha paleta e meu pincel para baixo, penso se devo atender. E se ele estiver bêbado e me ligar sem querer? Ou se ele estiver me ligando, eu atender e ouvir a voz de outra garota?

Não, tenho certeza de que não é nada, mas e se... *pare com isso, Lola.*

Antes que eu possa me permitir pensar demais nas infinitas possibilidades, atendo.

— Peaches, ei.

— Ei... está tudo bem? — pergunto hesitante.

— Sim, está tudo bem. Você não estava dormindo, estava? Porra, essa é uma pergunta meio idiota. É claro que você provavelmente estava. É quase meia-noite. Esta é uma hora muito ruim, não é?

— Dormir, o que é dormir? — Solto uma risada, olhando para a pintura do casal recém-casado que devo enviar no domingo.

Ele dá uma risadinha em resposta. — Vou considerar isso como um não.

— Espere, você está bêbado?

Ele dá um suspiro de alívio. — Não, felizmente não.

Colocando o telefone entre o ombro e a orelha, levanto-me do banco, esticando os braços sobre a cabeça até ouvir dois estalos. — O que isso quer dizer?

— Os rapazes, eles – você sabe, não importa. É um momento ruim?

Faço uma pausa, observando a tensão em sua voz e a ausência de ruído ao fundo. O silêncio é total e absoluto.

— Não, de forma alguma. Estou apenas trabalhando em algo. — Eu me afasto da tela, olhando para Phoenix mais uma vez antes de ir para a cozinha. — Você está bem?

— Estou... sim, estou bem. — Ouço o sorriso em sua voz, mas sua resposta parece estar longe disso. — Você vai para a cama daqui a pouco?

— Não tão cedo. Phoenix decidiu que não vai dormir hoje.

— Pensei tê-lo ouvido ao fundo. — A mudança em sua voz soa mais leve e feliz do que um segundo atrás. — Gostaria de ajuda para colocá-lo na cama?

Sorrio com a insinuação de sua pergunta. — Você quer mesmo me ajudar a colocá-lo para dormir?

— Eu quero.

— Você estaria aqui perto da uma da manhã. Você realmente vai dirigir uma hora de distância?

— E se eu lhe dissesse que já fiz isso?

— Você está aqui? — Há um pico acentuado em minha frequência cardíaca, fazendo com que uma vibração elétrica se espalhe pelo meu corpo. — Pare de mentir. Eu não acredito em você.

— Abra sua porta.

Meus olhos saltam rapidamente para a porta, olhando para ela como se ele fosse aparecer a qualquer momento.

— Vamos, Peaches, abra a porta. Está frio aqui fora.

Eu me mantenho no lugar, achando difícil acreditar que TJ tenha saído de uma festa por vontade própria, dirigido por uma hora e agora esteja aqui. Mas logo percebo que ele não está mentindo quando três batidas suaves ecoam na entrada.

— Eu provavelmente mereço ficar congelado, mas, por favor, tenha um pouco de misericórdia de mim.

Suas palavras me tiram do meu torpor e, antes que eu perceba, estou na porta. Dou uma olhada rápida em meu traje, encolhendo-me com a camiseta e a calça de moletom grandes e muito velhas, manchadas de tinta. Há manchas de tinta nova e velha nelas, e alguns buracos que se acumularam ao longo dos anos.

Estou tragicamente bagunçada, mas quem se importa? Não vou pensar demais nisso.

— Não precisa abrir a porta, mas eu só queria ouvir sua voz — ele diz quando abro a porta.

Abro a boca para dizer algo, mas não sai nada. *Isso não significa nada*. Lembro a mim mesma.

— Não estamos mais fingindo — digo, encerrando a ligação.

— Eu sei.

Lanço a ele um olhar de dúvida. — Então não diga coisas assim.

Como nós dois temos estado muito ocupados, não temos nos visto nem conversado. Felizmente, as meninas têm me ajudado com Phoenix, encontrando TJ no meio do caminho para que ele possa passar algum tempo com ele.

Elas não sabem o que aconteceu e eu não pretendo contar a elas. TJ e eu concordamos que seria uma noite de fingimento. Certamente estou fingindo que ele não me fez gozar em seus dedos, ou que eu queria que as coisas fossem mais longe.

— Não estou fingindo agora. Só queria ouvir sua voz. — Suas palavras são melancólicas e os cantos de seus lábios se erguem em um sorriso pequeno e triste. — Prometo que não estava fingindo. Eu estava falando sério. *Estou falando sério.*

A brisa fria que passa me faz lembrar que não estou respirando e que ele ainda está do lado de fora.

Ignoro o turbilhão de emoções que toma conta do meu coração e da minha mente e dou um passo para o lado, fazendo um gesto para que ele entre. A última coisa que quero é deixar que palavras que não significam nada me distraiam. Mesmo que elas pareçam sinceras e façam meu coração disparar.

— Você estava realmente tão entediado?

Ele entra e fecha a porta atrás de si. — Entediado?

— É sexta-feira à noite, perto da meia-noite, e você veio aqui. Saint me enviou vídeos — explico e essa pequena informação é suficiente para TJ saber do que estou falando. — Ele queria que eu convencesse a Daisy a ir, mas ela está trabalhando hoje à noite.

Mesmo que não estivesse trabalhando, ela não teria ido.

TJ tira os tênis e, quando seus olhos se fixam em minhas roupas, ele sorri.

— Pare de olhar para mim desse jeito. Eu sei que estou bagunçada.

— Não está, mas não é isso que estou vendo. Você só tem um pouquinho de tinta aqui. Posso tirar? — Ele levanta a mão, esperando minha permissão.

Sei que tenho mais tinta em outras partes do meu corpo, mesmo assim, aceno com a cabeça.

Ele levanta a mão e esfrega gentilmente a ponta do polegar na lateral do meu pescoço, descendo lentamente.

Fico o mais imóvel possível, lembrando-me de respirar e torcendo para que ele não sinta o peso do meu coração e não diga nada sobre os arrepios que estão surgindo.

— Então, foi realmente tão chato assim?

Ele arqueia uma sobrancelha, com os olhos atentamente fixos na pintura do meu pescoço. — Chato?

— Você acabou de ganhar seu primeiro jogo da temporada. Achei que estaria comemorando com o resto do pessoal. A propósito, parabéns.

Seu polegar faz uma pausa, queimando minha pele ao permanecer no mesmo lugar. — Você assistiu ao jogo?

— Só um pouco. A TV estava ligada na sala de descanso — admito, omitindo a parte em que eu estava tão distraída assistindo-o jogar que meu intervalo de trinta minutos se transformou em quarenta e cinco minutos.

— Ainda bem que você não assistiu a tudo. Foi um show de merda — ele responde secamente e volta a esfregar a tinta.

Eu estava muito concentrada em minhas emoções tumultuadas e não havia notado a tensão em seus olhos, a tensão em sua voz e o aperto em seus ombros.

— Está tudo bem?

Ele dá de ombros, sem dizer nada.

Talvez eu não tenha assistido a tudo, mas sei que eles venceram por um ponto e algumas pessoas não têm dito coisas muito agradáveis.

— Estou aqui se você quiser conversar. — Eu sorrio suavemente para ele.

TJ não responde imediatamente. O silêncio se prolonga, mas quando ele fala, sinto seu polegar passar sobre minha clavícula. — A festa não foi chata. Eu só precisava de ar fresco.

— Você dirigiu uma hora para tomar ar fresco? Isso não parece um desperdício de gasolina?

Ao olhar para cima, seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. — Não, não é um desperdício se vale a pena.

Eu engulo, minhas mãos ficam úmidas ao meu lado. — Vale?

— Sim, *é exatamente o que eu precisava*. — Seus olhos encapuzados se voltam para os meus lábios, e não consigo evitar lambê-los.

Toco meus dedos ao longo da coxa, imaginando se estou prestes a cometer um erro, mas é inútil porque meus pés têm vontade própria. Eu me aproximo, ficando na ponta dos pés, enquanto suas mãos seguram a lateral do meu pescoço, guiando-me para mais perto dele.

Quando estou prestes a me perder nele, Phoenix chama por mim: — Mamãe!

Nós nos separamos e eu pisco os olhos, o torpor em que me encontrava desaparece.

— Eu realmente preciso colocá-lo na cama. — Eu me viro, soltando um suspiro trêmulo.

— Ele sempre está acordado a essa hora? — pergunta ele, seguindo atrás de mim.

— Nem sempre, mas às vezes.

Quando entramos na sala de estar, ambos rimos ao ver Phoenix. Ele está de pé, com o rosto pressionado contra a lateral de malha do cercadinho.

Ele ofega e se afasta da lateral, pulando e sorrindo com alegria quando vê TJ atrás de mim. — T!

— Olá, ursinho — cumprimenta TJ quando Phoenix levanta os braços, implorando impaciente e animadamente para ser pego. — Por que você ainda está acordado, hein? — Ele se inclina sobre o cercadinho e o pega no colo, fazendo cócegas nele durante o processo. — Já passou da hora de você dormir.

— Memo, peixe.

— Você está assistindo *Nemo*? — Ele sorri para ele com ternura. — Você gosta do peixe?

— Sim!

A onda de emoções retorna, agarrando meu coração de uma forma que nunca senti antes. É como um abraço caloroso, mas muito mais intenso, uma espécie de sensação de – não, não, não, absolutamente não.

Claro, ele deu a Phoenix um apelido muito bonito e o está segurando como se não quisesse soltá-lo. E daí se Phoenix olha para TJ como se ele fosse o mundo e se sente extremamente confortável com ele?

— Acho que alguém está pronto para ir para a cama. — A voz de TJ interrompe meus pensamentos confusos. Ele olha para Phoenix enquanto esfrega os olhos e boceja.

Meus pensamentos estão muito mais confusos. Eles são caóticos, mas de uma forma boa, e eu odeio isso. Quero que eles parem, mas quando olho para Phoenix aninhado contra o peito de TJ, com os braços em volta de seu pescoço e TJ esfregando lentamente suas costas com a palma da mão, eu me derreto.

— Eu cuido disso a partir daqui. — Vou segurá-lo, mas sou pega de surpresa quando Phoenix agarra a camisa de TJ com força e balança a cabeça.

— Não — ele murmura sonolento, encostando o rosto em seu peito.

— Vamos, você ficará mais confortável em sua cama. — Tento novamente, mesmo assim ele não se mexe. — Você não pode dormir em cima do seu pai. Ele também está cansado. Você não está... o quê?

Os lábios de TJ se voltam para cima e seus olhos se suavizam. — Nada... não estou cansado.

— Mas você acabou de...

— Estou bem. Não me importo de ficar, desde que você não se importe.

— Já é bem tarde. — Hesito, olhando para Phoenix. Seus olhos se arregalam, mas como se ele pudesse sentir que estou demorando, ele segura a camisa de TJ como se sua vida dependesse disso.

— Não é bem assim. Na verdade, ainda é bem cedo.

— TJ-

— Você pode me expulsar quando ele estiver completamente adormecido, mas eu não vou embora. Não seria justo com você, e veja só como ele está confortável.

Ele não está mentindo. Phoenix parece tão aconchegante que eu odiaria mudá-lo de lugar. E não tenho coragem de lhe dizer que não. Eu realmente preciso terminar a pintura.

— Ok, obrigada. — Eu sorrio para ele.

— Não me agradeça. Estou apenas fazendo o que deveria ter feito desde o início.

Um mês atrás, eu teria achado suas palavras difíceis de acreditar. Por outro lado, há um mês, eu teria achado difícil acreditar em qualquer coisa que tivesse a ver com TJ. Mas não me sinto da mesma forma que naquela época, e a ideia me enerva mais do que deveria.

— Então, no que você está trabalhando? — Felizmente, ele muda a conversa e meus pensamentos. Ele caminha cuidadosamente em direção à minha tela, como se tivesse medo de acordar Phoenix, e quando está diante dela, suas sobrancelhas se erguem e seus lábios se abrem. — Uau.

De pé ao lado dele, eu o observo enquanto ele absorve a pintura. Enquanto seus olhos percorrem a tela, ele balança a cabeça, repetindo uau toda vez que se concentra em um determinado detalhe.

— Os detalhes são insanos. Você é simplesmente... — Ele para no meio da frase e olha para mim, da mesma forma que estava olhando para a pintura há um segundo. Ele respira fundo e sorri. — Você é extraordinária. Juro que você nunca deixará de me surpreender.

Um calor surge em minhas bochechas quando pego meu pincel. — Obrigada. Eu, uh, tenho que terminar isso. Só tenho mais algumas coisas para acrescentar e então estará pronto.

Dando alguns passos para trás, ele diz, brincando: — Não se preocupe. Prometo que não vou incomodá-la. Apenas finja que não estou aqui.

Fiel à sua palavra, TJ não me incomoda. Em retrospecto, isso não importa, porque fingir que ele não está aqui é difícil.

Ele está andando de um lado para o outro na minha sala de estar, enquanto Phoenix dorme profundamente em seu peito. Seus passos são leves, quase inaudíveis, portanto, não é um problema.

Mas gostaria que eles fossem pesados e barulhentos, como eu esperava, para que pudesse ter uma desculpa para expulsá-lo, mas não são. Sua altura e seu ritmo não são o que não consigo

ignorar. É a hiperconsciência que meu corpo tem em relação a ele. A sensação é avassaladora. Cometi dois erros com a pintura porque não consegui me concentrar.

Olhando por cima do ombro, vejo TJ parado em frente à minha parede de quadros, ainda segurando Phoenix.

Essa cena não deveria me causar coisas..., mas, Deus, causa.

— Você não quer deitá-lo?

Já perguntei umas quatro vezes, mas toda vez ele olha para mim e diz: — Posso segurá-lo um pouco mais?

E essas palavras, Deus, essas palavras não deveriam me fazer sentir de uma determinada maneira. — Você pode segurá-lo pelo tempo que quiser. Só achei que gostaria de deixar seus braços descansarem. Por mais que eu ame Phoenix, ele é um pouco pesado.

Seus lábios se contraem. — Leve até demais. Aposto que pesa o mesmo que um pão de forma.

— Um pão? — Contenho meu sorriso, viro-me e pego o verniz e o pincel.

— É algo que Jayden diria. Ele está sempre pensando em comida. — Ouço sua voz divertida e seus passos se aproximam até que o sinto atrás de mim.

Respirando fundo, despejo um pouco do verniz em uma paleta diferente e mergulho meu pincel. — Foi o que a Cara disse. Ele realmente gosta de comida, não é?

— Não, ele *adora* comida.

Dou uma risada discreta enquanto arrasto as cerdas úmidas pela tela.

— O que é isso?

— É um verniz. Ele ajuda a melhorar e proteger a pintura. Faz com que ela pareça dez vezes melhor do que já é. — Posso não ser a pessoa mais confiante do mundo, mas uma coisa da qual não só sou confiante como também tenho orgulho é minha arte.

TJ cantarola. — Hipnotizante.

— É, não é? — Inclino a cabeça para trás para olhar para ele, mas descubro que ele já está olhando para mim.

— O quê? Estou com tinta no rosto?

— Não, eu... — Ele faz uma pausa quando meu estômago ronca de forma embaraçosa. Seus olhos se voltam para minhas mãos cobertas de tinta seca e molhada e depois para a tela. Quando voltam para mim, há uma preocupação gravada em seu rosto. — Você está trabalhando nessa pintura há algum tempo?

— Algumas horas. Eu teria terminado antes, mas tive que me certificar de que os cristais no véu... — Eu paro, meus lábios se apertam enquanto meu estômago resmunga novamente.

— Deixe-me pegar algo para você comer.

— Não, está tudo bem.

— Lo-

— Já é tarde. — Olho para a hora em meu telefone. — E tenho certeza de que tudo está fechado ou fechando.

— Tenho certeza de que posso encontrar algo que esteja aberto — ele insiste.

— Não, de verdade, está tudo bem. Posso fazer alguma coisa aqui.

Seus olhos se deslocam em todas as direções, quase como se ele estivesse hesitando em alguma coisa. Depois de alguns segundos de contemplação, eles voltam para mim. — Eu posso ajudá-la. Eu, uh, não sei cozinhar, mas tenho certeza de que posso dar um jeito.

— Você não... você não sabe cozinhar?

— Nunca tive a necessidade de saber. Tentei algumas vezes e a última vez que... bem, digamos que o corpo de bombeiros teve que ser chamado.

— Tão ruim assim?

— Tão ruim assim.

Eu luto contra a vontade de sorrir. — Beleza, eu ensino a você. Mas promete que não vai colocar fogo na minha cozinha? Eu realmente gostaria de receber meu depósito de segurança de volta.

— Prometo fazer o possível para não a incendiar. — Ele ergue a palma da mão, com um sorriso estampado no rosto. — Então, o que estamos fazendo?

CAPÍTULO 36

Tj

Minhas noites de sexta-feira sempre consistiram em festas, no meu quarto ou em um quarto de hotel quando eu estava em jogos fora de casa. Nunca nos meus sonhos mais loucos eu imaginaria que estaria às duas da manhã aprendendo a fazer panquecas de mirtilo com a mãe do meu filho.

É meio selvagem, mas de uma maneira boa, e espero que isso não seja um sonho, porque acordar vai ser péssimo.

Vir para cá foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado.

Depois que Alexia saiu, não tive vontade de voltar para o andar de baixo e fingir que estava tudo bem, porque me sentia esgotado. Não fisicamente, mas mentalmente. A entrevista pós-jogo e o ataque de comentários negativos que vi sobre mim nas mídias sociais mexeram com a minha cabeça. Foi o primeiro jogo da temporada. Eu não deveria ter deixado isso me afetar.

Embora a sensação de esgotamento fosse a menor de minhas preocupações, devido à nova percepção do que sinto por Lola. Isso me dá muito medo.

Parece ridículo ter medo do que sinto, mas nunca desejei tanto alguém quanto a ela. Eu desejo ouvir sua risada, ver seu sorriso e sentir seus olhos presos em mim – só em mim. Eu seria qualquer coisa que ela quisesse que eu fosse, se ela me deixasse.

Sentindo-me sufocado e sobrecarregado, saí de casa e dirigi sem nenhum destino em mente. Eu só precisava sair de casa até ser consumido novamente pela ideia de Phoenix e Lola. Antes que eu percebesse, estava do lado de fora da casa dela, torcendo para que ela estivesse acordada.

Agora espero que eu sinta o mesmo aprendendo a fazer panquecas.

Será que isso é tão difícil assim?

Ficamos lado a lado, olhando para os ingredientes que estão no balcão à nossa frente.

Phoenix está no quarto, apagado. Graças a Deus, porque eu não sei como cuidaria dele e dela ao mesmo tempo. A multitarefa com uma criança é um trabalho à parte. Louvo todos os pais que fazem isso.

Ao pegar a mistura para panqueca em uma caixa, ela olha para mim.

— Antes de começarmos, quero que você saiba que sou péssima em seguir instruções. Eu simplesmente despejo e mexo até meu coração se sentir satisfeito.

— Despejar e mexer até que meu coração se sinta satisfeito, entendido. — Eu sorrio, dando-lhe um sinal de positivo com o polegar.

Lola se vira, mas vejo o canto de seu lábio se contrair. Ela puxa a aba na lateral da caixa e despeja o pó na tigela.

— Pessoalmente, gosto de usar leite em vez de água, porque fica mais fofa — explica Lola enquanto coloca leite na tigela. Em seguida, começa a misturar os ingredientes com um batedor e, quando atinge a consistência desejada, ela pega um punhado de mirtilos e os coloca na massa. — E lembre-se de mantê-la em fogo médio.

Ela me dá uma olhada de lado, com os lábios inclinados para cima ao lembrar que eu estava com o fogo alto.

— Está zombando de mim?

— Não, claro que não. — Ela balança a cabeça, seus lábios se erguem mais. — É apenas um lembrete, só isso.

Eu estreito meus olhos, segurando um sorriso. — Certo, um lembrete.

Um sorriso pleno se espalha por seu rosto, tornando difícil não sorrir. E quando ela olha para mim, não posso evitar que meus lábios se abram em um sorriso que reflete o dela.

— Pegue a manteiga e espalhe na chapa — ela instrui.

Faço o que ela diz e pego a tigela, despejando um pouco da massa. Faço o possível para deixá-las redondas, mas, no máximo, são ovais.

— Ok, isso não é tão ruim.

— Fácil, certo. Agora, tudo o que você precisa fazer é esperar até que as bolhas apareçam e, em seguida, virá-la.

Mantendo meus olhos fixos nas panquecas, espero pacientemente pelas bolhas e, quando elas aparecem, eu as viro.

Solto um suspiro que não tinha percebido que estava segurando quando vejo como elas estão perfeitamente douradas.

— Puta merda. Eu não as queimei.

Lola dá uma risadinha. — Agora tudo o que você precisa fazer é esperar um minuto e depois dar uma olhada para ter certeza de que esse lado também está dourado. Se estiver, você pode tirá-la.

Faço exatamente isso e repito o processo mais uma vez sem a ajuda de Lola. Ela deve ter muita confiança em mim, pois se afasta por um momento para pegar o que parece ser um caderno grande.

Depois de dar uma olhada nas panquecas, eu a vejo folhear as páginas e percebo que é um planner. Um pequeno vinco se forma entre suas sobrancelhas e seus olhos aumentam de tamanho quando ela o aproxima do rosto.

— Droga — ela murmura enquanto pega o celular. Seus olhos saltam entre a tela e as páginas como se ela estivesse tentando confirmar algo. Ela exala um suspiro áspero enquanto coloca as duas coisas no balcão e tamborila os dedos nele.

— Está tudo bem?

— Sim, não. Phoenix mexeu nas minhas coisas outro dia e encontrou meu planner. — Ela o vira, mostrando-me as páginas esfarrapadas e coloridas.

Eu me arrepio com a aparência ruim, porque é quase impossível de ler.

— Eu ia comprar uma novo, mas estava adiando. Então, acabei de transferir todas as minhas datas para o calendário do meu

celular. — Ela ri para si mesma, mas sem humor. — De alguma forma, deixei passar um casamento que marquei para o próximo sábado e não o adicionei ao meu telefone. Eu não tenho uma babá...

— Eu cuido do Phoenix.

— Mas você tem um jogo fora de casa na noite anterior. Não posso lhe pedir para fazer isso.

— Estaremos em casa logo pela manhã.

Não menciono que tenho treino naquela tarde, mas ela já parece estressada, e a última coisa que quero acrescentar é mais disso. Não sei como vou dar conta de tudo ou como não ficarei estressado. Nunca cuidei de Phoenix sozinho. Diabos, nunca fiquei mais do que um ou dois minutos sozinho com ele.

Isso pode ser um desastre, mas eu consigo. Eu acho que sim.

Ela pondera, tamborilando os dedos. — Tem certeza?

— Sim, tenho certeza. Por favor, não se estresse. De qualquer forma, isso estava destinado a acontecer — falo, na esperança de aliviar a tensão.

Lentamente, vejo seu corpo rígido relaxar e a batida do tambor parar. — Tem certeza?

Se tenho certeza de que não vou estragar tudo? Absolutamente não.

— Tenho certeza.

— Ok. — Ela exala um pequeno suspiro enquanto seus lábios se curvam e toca os dedos na tela. Provavelmente adicionando a data em seu calendário.

É um sorriso pequeno, mas que vale por tudo.

— Posso perguntar uma coisa? — Depois de tirar a última panqueca da frigideira, desligo o fogo.

— Sim, qualquer coisa. — Ela coloca o telefone no balcão, direcionando toda a sua atenção para mim.

— Esta pode parecer uma pergunta estúpida. Você já trabalha como pintora ao vivo, mas está na faculdade para se formar em arte. Por quê?

— É o meu plano B. Só para o caso de não dar certo como pintora ao vivo. E é estúpido, mas... — Ela faz uma pausa, hesitante. — Estou tentando provar que meus pais estão errados, mesmo que eles nunca venham a saber.

É preciso tudo o que há em mim para não fechar o espaço entre nós e envolvê-la em um abraço.

Sabendo o que sei agora, eu me sinto um lixo ainda maior do que antes. Saber que os pais dela a expulsaram de casa porque ela engravidou tem passado pela minha cabeça desde que ela me contou. Se eu não me sentia culpado antes, agora me sinto definitivamente culpado. Sei que não tive controle sobre esse assunto, mas não me faz sentir melhor saber que ela teve que resolver tudo sozinha.

— Sinto muito. Eu não deveria ter falado sobre isso.

— Não, não se desculpe. — Espero por Deus que o que estou prestes a dizer não piore a situação, porque não tenho a menor ideia do que estou fazendo. — Lembra quando eu disse que estaremos na vida um do outro para sempre? Isso significa que se você precisar de mim, eu estarei lá. Se precisar conversar ou se precisar de um abraço ou qualquer outra coisa, eu estarei lá. Estarei *sempre* a uma mensagem de texto ou a uma ligação de distância.

Lola olha para mim, cabisbaixa. Um sorriso pequeno e triste surge lentamente em seus lábios. — Quando contei aos meus pais que estava grávida, eles ficaram furiosos, mas, surpreendentemente, não tanto quanto eu imaginava. Mas só porque acharam que era do Matt, meu ex-namorado. Quando eu disse a eles que não era dele, foi quando tudo mudou. Eles me deram um ultimato. Ou eu fazia um aborto e fingíamos que nada tinha acontecido, ou eu ficava com o bebê e saía de casa. Bem, foi mais tipo, fique com o bebê, mas você nunca será bem-vinda aqui. Você não será nada para nós. Houve mais algumas palavras, mas é inútil repetir. Eu pensei sobre isso. Muitas vezes pensei em fazer o aborto, porque isso tornaria tudo muito mais fácil para eles. Durante todo esse tempo, pensei neles, mas nunca pensei em mim. *Eles* nunca pensaram em mim. Eu sei que *fiz* besteira. A culpa foi minha porque não estive segura o suficiente, não fui cautelosa o suficiente. Eu simplesmente não fui... *o suficiente*.

Seu lábio inferior treme e seus olhos ficam vidrados, mas, apesar disso, ela sorri como se estivesse falando sério. E eu odeio

isso, não o sorriso dela, mas saber que ela sente que precisa provar algo para alguém que não significa nada.

Quando uma única lágrima desce por seu rosto, ela a enxuga rapidamente e balança a cabeça. — Desculpe, isso é estúpido.

— Não se desculpe e não é estúpido.

Faço o possível para controlar minha raiva e pensar no que quero dizer, mas a palavra *aborto* fica repetindo em minha cabeça. No final das contas, a escolha teria sido dela e eu a teria apoiado de qualquer maneira, mas saber agora que esse foi um ultimato que seus pais lhe deram me deixa doente. Porque não teria sido um benefício para ela, mas para eles.

— É verdade, sentir-se assim por alguém que não significa nada. Eu sei o que você está pensando. É errado querer provar que eles estão errados quando eles nunca saberão. Mas você deveria ter visto a cara deles quando os encontrei e contei sobre meu negócio, sobre mudar de curso. — O sorriso em seu rosto se desvanece e ela funga. — É claro que você escolheria algo fácil que nunca levará a lugar algum. Você não passa de um fracasso, disseram eles.

Quando uma segunda lágrima desce por sua bochecha, decido fechar a distância, envolvendo-a em um abraço.

Ela se derrete em meus braços, soltando um suspiro desanimado. — Talvez eles estejam certos. Talvez eu seja um fracasso. Quase não tenho clientes agora...

Segurando seu pescoço, inclino seu queixo para cima com o polegar para encontrar seus olhos sombrios. — Eu me recuso a

deixá-la falar assim de si mesma. Não a conheço há muito tempo, mas posso dizer que nunca conheci ninguém tão resistente quanto você. Você não me surpreende apenas por ser talentosa, mas porque continuou se esforçando apesar de tudo o que aconteceu. Você é extraordinária. Por favor, nunca deixe que ninguém faça você acreditar no contrário.

Outra lágrima brota de seus olhos e, antes que ela a alcance, eu a enxugo com a outra mão e coloco os fios de cabelo soltos atrás da orelha.

— Desculpe — ela diz baixinho.

— Você não tem nada do que se desculpar.

— Eu deveria ensinar você a fazer panquecas, não tornar essa noite deprimente. Meu Deus, estou uma bagunça. — Ela deixa a cabeça cair em meu peito, murmurando: — Isso é constrangedor.

Passo um braço ao redor de seus ombros e esfrego a palma da mão em suas costas em círculos lentos. — Você me ensinou com sucesso. Não incendiei sua cozinha, portanto, com certeza receberá o depósito de volta.

É fraco, mas eu ouço sua risada.

— E você não tornou a noite deprimente. — Paro de esfregar suas costas e coloco meus dedos sob seu queixo, inclinando-o para trás para olhar para ela.

Lola é tão linda e nem se dá conta disso. Ela diz que é bagunçada, mas é como uma obra de arte. Ela é caos e imã ao mesmo tempo, coberta pelas cores do universo. E não digo isso por causa da tinta na pele. Não, é a coalizão de âmbar e verde em seus

olhos, seu cabelo dourado-acobreado, o tom de vermelho que às vezes cobre suas bochechas...

— Sei que não foi fácil e que você não precisava me contar, mas contou, então, obrigado. E eu já lhe disse isso, mas se você precisar conversar ou precisar de um abraço, estou aqui. — Sorrio para ela.

Ela retribui o sorriso. Ele não é nem de longe tão brilhante quanto normalmente é, mas uma coisa é certa. Definitivamente não é falso.

Passos de bebê.

— Obrigada.

— Não, obrigado.

— Por quê? Fui eu quem chorou em sua camisa.

Eu dou uma risadinha. — Por me dar uma chance, por me deixar fazer parte da vida de Phoenix. Por não ter feito o aborto.

Desde que o conheci, não consigo imaginar minha vida sem ele. É difícil acreditar em um mundo onde Phoenix não exista. Não sei nem posso descrever o amor incondicional que tenho por ele.

Seus lábios se erguem um pouco, mas, lentamente, o sorriso desaparece quando seu olhar desce para os meus lábios. Arrastando a ponta do meu polegar pela coluna de sua garganta, sinto-a engolir e, quando deixo meus dedos sob sua mandíbula, sinto sua pulsação irregular.

Ou pode ser a minha, ou pode ser que eu sinta nossos pulsos se unirem como um só.

Espero que ela se afaste quando coloco toda a minha mão em volta de sua garganta e encontro seus olhos quentes. Espero por qualquer sinal de hesitação que indique que ela não quer isso. Espero que ela expresse isso e, quando ela não o faz, eu pergunto. Porque a última coisa que quero é interpretar mal os sinais e estragar tudo.

— Posso beijar você?

— Sim — diz ela, sem fôlego.

Eu me sinto tão vivo nesse momento. Encosto meus lábios nos dela e inspiro o leve aroma de baunilha. Sei que nada será tão revigorante quanto isso.

Fecho o espaço entre nós, passando a língua em seu lábio inferior, sentindo como ele é macio. Enrolo meu outro braço em torno de sua cintura e a aproximo o máximo que posso, enquanto aperto sua garganta com força.

Ela me pega de surpresa quando passa os braços em volta dos meus ombros, mas o que realmente me atinge é o leve gemido que vibra contra minha língua.

Preciso acrescentar o desespero à lista: faria qualquer coisa só para ouvir esse som de novo.

No momento em que aprofundo o beijo, Lola dá um pulo e se afasta de mim quando ouvimos o barulho de chaves batendo.

Daisy está parada na entrada, olhando para nós com os olhos arregalados. — Desculpe, eu só estou indo... — Ela aponta o polegar por cima do ombro, andando para trás, mas para quando

seus olhos caem sobre a pilha de panquecas que ainda não tocamos. — Espere, vocês acabaram de fazer isso?

— Uh, sim — respondemos os dois, sem fôlego.

— Graças a Deus, estou morrendo de fome. — Ela pega duas e se vira, mas antes de se afastar, diz: — Se vocês estão prestes a fazer o que eu acho que vão fazer, embrulhe-o. E se fizerem isso no balcão, limpe-o. Boa noite.

CAPÍTULO 37

Tj

Eu estou atrasado.

Puta merda, estou trinta e cinco minutos atrasado.

Nunca me atraso, nunca!

Não, deixe-me reformular isso. Nunca cheguei na hora em consultas, aulas ou festas, mas em treinos? Nunca me atrasei. Nunca. De fato, sou sempre o primeiro a chegar e o último a sair.

As pessoas dizem que sempre há uma primeira vez para tudo, mas essa é a única coisa em que eu nunca quis ter uma primeira vez. No momento em que pisar na quadra, o treinador vai me dar uma bronca.

Se há uma coisa que Frank Warren odeia mais do que perder jogos, é o atraso. Ele sempre fala sobre a falta de consideração que as pessoas têm com seu tempo e como elas não o merecem se o desperdiçam. E essa é apenas a versão resumida, porque a versão real não é tão agradável.

— Desculpe-me! — falo apressadamente, quase colidindo com o grupo de pessoas que presumo estar fazendo um tour pela arena.

Vejo rapidamente suas expressões de choque quando olho por cima do ombro para pedir desculpas. Não tenho certeza se eles estão me encarando porque estou correndo como um louco ou

porque estou segurando Phoenix como se minha vida dependesse disso, enquanto sua bolsa e minha mochila estão penduradas em meu ombro.

— Porra — gemo quando mais pessoas aparecem. Eu me esquivo rapidamente antes de passar por cima delas.

— Porra!

Meus olhos triplicaram de tamanho. — Não, Phoenix. Não diga isso.

Ele dá uma risadinha, claramente achando isso divertido. — Po-

Fecho sua boca suavemente com minha mão. Paro para recuperar o fôlego e o encaro com severidade. — Sua mãe vai me matar. Não diga isso. Estou realmente tentando ficar do lado bom dela.

Se o treinador Warren não me matar, sei que Lola o fará.

Phoenix inclina a cabeça, segurando o urso. Seus cachos castanho-escuros balançam com o movimento. Ele sorri, sem dúvida sem ter ideia do que diabos estou falando.

— Seja um bom menino, ursinho. — Bato de leve no seu nariz e no do urso.

Sei que ele entende isso, porque acena com a cabeça, com os olhos franzidos nos cantos de felicidade pelo apelido que lhe dei.

Passando pela porta que dá acesso ao vestiário, eu o coloco na cadeira em frente ao meu armário e me agacho até o nível dos seus olhos.

Isso provavelmente será inútil. Não tenho ideia do quanto ele entenderá ou se ouvirá, mas vou tentar mesmo assim.

— Vou precisar que você se comporte. Sua mãe não está aqui e eu vou jogar basquete, está bem?

Seus olhos brilham de entusiasmo. — B-bola?

— Sim, bola. — Sorrio para ele.

— TV b-bola?

Fico olhando para ele, confuso. — TV?

— Joga bola. — Ele joga as mãos para o alto e é então que me dou conta. Ele me viu jogar na televisão. Lola não me contou isso.

Agora estou sorrindo muito. — Você vai se comportar, certo?

— Tudo bem. — Ele acena com a cabeça. Não tenho certeza se ele realmente me entendeu, mas vou aceitar.

Depois de trocar de roupa rapidamente, jogo tudo no meu armário, pego o urso dele e corro para a arena.

Quando me aproximo da quadra, o medo toma conta do meu corpo. Nunca tive medo dos treinos, mas acho que realmente há uma primeira vez para tudo.

Eu chegaria a tempo, mas não conseguia descobrir como colocar o cinto de segurança de Phoenix. Eu não tinha percebido como essa merda era complicada. Embora a fivela fosse a menor das minhas preocupações, de alguma forma Phoenix entrou no quarto do Landon, desenhou em sua parede e pegou o iogurte que Lola embalou e o espalhou sobre ele e sobre mim.

Agora eu entendo de verdade o que Lola quis dizer sobre nunca virar as costas para ele. Dez segundos bastam para o caos, pois foi o tempo necessário para que ele se cobrisse com o iogurte de baunilha.

Engolindo o caroço duro na garganta, respiro fundo, odiando como meu coração está batendo forte. Está tão alto que mal consigo ouvir os tênis rangendo contra o piso de madeira, os alongamentos sendo chamados ou a voz alta do treinador Warren ecoando pela arena.

Que se dane, penso, forçando-me a entrar.

A atenção de todos se volta para mim e, em seguida, seus olhos se voltam para Phoenix, que se agarra ao meu lado. Eles me olham fixamente, com os olhos arregalados. Exceto pelo treinador. Ele é o único que está de costas para mim.

— Theodore Jackson Kingston!

— Olá, treinador — respondo sem jeito.

— Você está atrasado. — Sua voz é cortada. — Não quero ouvir nem me importo com a desculpa. Você está tão fod...

Ele para no meio da frase, com os olhos voltados para o meu filho. Mas eu olho para ele igualmente chocado, pois é a primeira vez que o vejo atordoado demais para falar.

— Sei que estou atrasado. Sinto muito. Lola teve que trabalhar hoje e não tínhamos uma babá.

O técnico acena lentamente com a cabeça, como se ainda estivesse tentando processar o que acabei de dizer. Mas ele se

acalma e encara os rapazes. — Eu disse a alguém para parar? Que diabos vocês estão fazendo? Vamos lá!

Ele se inclina para Reggie, o assistente técnico, sussurra algo em seu ouvido, e então eles olham de volta para mim.

O treinador Warren se aproxima de mim e, ao fazê-lo, inclina a cabeça na direção do túnel, fazendo sinal para que eu siga atrás dele.

Preparo-me mentalmente para qualquer punição que ele esteja prestes a aplicar em mim. Eu gostaria de me desculpar, mas sei que é inútil. Ele não se importa com desculpas, apenas com ações.

— TJ, você fez algumas coisas realmente estúpidas e questionáveis... — Ele esfrega o queixo, pensando profundamente. E odeio isso, porque seu silêncio prolongado me enerva. — Mas tenho orgulho de você.

Estou surpreso porque essa é a última coisa que eu esperava ouvir.

— Ah, obrigado?

A carranca em seu rosto se suaviza. E isso me choca, porque *o* Frank Warren é tudo menos suave.

— Sei que as coisas não têm sido fáceis e que tentar administrar tudo com o fato de ser pai tem sido difícil. Como pai, só posso imaginar isso, mas quero que saiba o quanto estou orgulhoso de você por ter se esforçado. Sei que ser pai não é fácil, mas posso lhe prometer que vale a pena. Estar aqui para esse pequenino significará mais para ele do que você pode imaginar.

Ele sorri ternamente para Phoenix e depois para mim, mas isso dura apenas um segundo antes de seu rosto ficar sério.

— Obrigado, treinador, isso significa muito. — Sorrio, sentindo o peso em meus ombros se dissipar.

— Agora me dê o garoto e vá se aquecer. Você já perdeu muito tempo. — Ele faz um gesto com as mãos para que passe Phoenix.

Aceno com a cabeça e tento entregá-lo, mas Phoenix agarra minha camisa e endurece.

Sorrindo, olho para ele, bagunçando seus cabelos. — Você vai ficar bem. Este é o treinador Warren, e ele vai cuidar de você enquanto eu jogo bola, certo?

Phoenix o olha de cima a baixo, ainda não convencido de que deve confiar nele.

Não tenho certeza do que fazer até me perguntar o que Lola faria, e sei exatamente o que fazer. Aproximando seu urso do meu ouvido, finjo que ele está sussurrando e aceno com a cabeça.

— Você ouviu isso?

Phoenix balança a cabeça, então levo o urso ao seu ouvido.

— Está ouvindo agora? O ursinho Pooh quer ir com ele e dar ordens aos outros. Você quer mandar nos outros também?

Quando entrego o urso ao treinador Warren, Phoenix se solta da minha camisa e olha para ele com curiosidade.

— Vamos lá, garotinho. — O treinador dá um largo sorriso que se espalha por seu rosto, ganhando um pequeno sorriso envergonhado do meu filho. — Vamos dar ordens a eles. Prometo

que você vai se divertir muito. Vou até lhe dar seu próprio apito, como o meu. — Ele balança o apito que está amarrado em seu pescoço.

E é só isso para ver os nervos de Phoenix sumirem. O treinador percebe isso e o tira de meus braços.

Sorrio para Phoenix, bagunçando seu cabelo uma última vez.

— TJ — diz o treinador antes de eu ir embora.

— Sim?

— Falei sério quando disse que estou aqui para você. Isso significa que, da próxima vez, entre em contato comigo se algo assim acontecer novamente. Nós o ajudaremos.

Eu aceno com a cabeça. — Com certeza vou fazer isso. Obrigado.

— Ah, e, TJ.

— Sim?

— Da próxima vez que você se atrasar, com ou sem seu filho, haverá consequências.

Eu engulo. — Sim, treinador.

Quando encontro meus colegas de equipe na quadra, eles me olham com total descrença, sem conseguir acreditar que consegui escapar. Para ser franco, ainda estou chocado. É verdade que foi um caso isolado, mesmo assim, ele não dá passes para ninguém.

— Prestem atenção. — A voz do treinador Warren ecoa por toda a arena. É alta o suficiente para chamar a atenção de todos, mas não o suficiente para assustar Phoenix. Embora ele esteja ocupado

demais brincando com o apito e seu urso para perceber. — Temos um convidado, um convidado muito pequeno, conosco hoje. Dito isso, cuidado com sua linguagem.

Seus olhos se estreitam de forma ameaçadora, passando por todas as pessoas aqui, deixando claro que haverá consequências.

Mas, é claro, sempre há um idiota que gosta de testar as águas, e esse idiota é o Saint.

— E se estiver em outro idioma? Não é como se ele fosse entender de qualquer forma. — Saint sorri *inocentemente*.

Alguns dos outros rapazes olham para o chão, pressionando os lábios juntos ou cobrindo a boca com as mãos.

O treinador Warren espelha o mesmo sorriso. — Estou muito feliz que você ache isso divertido, Arlo, e porque você acha, agachamento na parede, agora.

O sorriso dele não se concretiza. — Mas...

— *Não* estou brincando — ele responde. Aqueles que estavam sorrindo já não estão mais. — Cuidado com sua linguagem ou então. Não me importa o idioma, apenas não diga isso. Estamos entendidos?

— Sim, treinador — dizemos em uníssono.

— Parede — ele grunhe para Saint. — O restante de vocês, exercícios de transição. TJ, arremessos.

— *Figlio di puttana* — murmura Saint em voz baixa.

— Acrescente mais cinco minutos a isso. — O técnico não olha para Saint, mas não precisa olhar, porque suas palavras são

suficientes para que ele saiba que o ouviu. E mesmo que nenhum de nós saiba o que isso significa, ele sabe que não foi algo *agradável*.

Os rapazes riem, observando Saint pressionar as costas contra a almofada que circunda o poste de basquete. Não há paredes aqui, então o treinador a usa como uma.

Algo me diz que Saint não será o único a agachar na parede.

— Muito bem, pessoal, juntem-se. — O treinador faz um círculo com o dedo indicador no ar.

— Isso inclui a mim? — Jagger pergunta, com os olhos desesperados, as pernas trêmulas e o rosto encharcado de suor.

O treinador olha para o relógio em seu pulso. — Você tem mais trinta segundos, Spears. — Ele examina a arena, com um sorriso de satisfação no rosto. — Espero que todos vocês tenham aprendido uma ou duas lições.

Gemidos, murmúrios e respiração pesada são ouvidos por toda parte, mas todos são suprimidos pelo alto *graças a Deus* de Jagger, que se levanta lentamente.

Sei que ele está morrendo de vontade de cair no chão, mas o olhar penetrante do treinador Warren o incentiva a se afastar do bloco e vir até nós.

— Bom trabalho! — Phoenix levanta sua pequena mão, esperando que Jagger lhe dê um high five.

— Foi por sua causa que me meti em problemas. — Ele o encara, mas seu rosto se suaviza depois de um tempo e bate na sua mão.

Antes do fim do treino, o técnico orientou Phoenix para dar uma volta e dizer aos rapazes bom trabalho e dar-lhes um aplauso. E agora que ele terminou sua tarefa, ele está ao meu lado, mostrando-me seu apito.

— É isso que eu gosto de ver, e é isso que é melhor ver em nosso próximo jogo. Não fiquem convencidos porque vencemos os últimos três jogos. Podemos perder facilmente se nos distrairmos, e isso é fácil de acontecer com tudo o que está acontecendo. Dito isso, estou extremamente orgulhoso de todos vocês por manterem a cabeça fria. — Ele sorri com orgulho. — Continuem com o bom trabalho, descansem bastante e permaneçam sóbrios para aqueles que têm mais de 21 anos.

Ele olha para metade da equipe, principalmente para os que têm menos de 21 anos. — Não quero receber uma ligação dizendo que algum de vocês está preso, porque se vocês forem presos, então eu vou para a cadeia. — Seus olhos se fixam nos de Saint.

Saint zomba, colocando a mão sobre seu coração. — Não acredito que você pense tão mal de mim. Acha mesmo que sou capaz de fazer algo ruim?

— Sim — todos nós respondemos por ele.

— Estou chocado e me sinto atacado. — Uma decepção fingida toma conta de seu rosto. — Sou literalmente um santo. Quero dizer, vamos lá, é literalmente o meu nome.

— Longe disso — resmunga o treinador.

Saint zomba dramaticamente. — Longe disso? O que aconteceu com *inocente até que se prove o contrário*? — Ele não consegue acreditar nas palavras que saem de sua boca enquanto ri. — Vamos lá, foi um caso isolado. Você não pode me dizer que, se surgisse a oportunidade de fazer crowd surfing, você não faria isso.

— Não, e não aja como se fosse *apenas* o crowd surfing.

— Ok, então talvez eu tenha ficado bêba...

— Saint Arlo, não termine essa frase. Você não tem vinte e um anos. — Ele balança a cabeça, passando a palma da mão exasperada pelo rosto. — Todos vão para os chuveiros.

Vou buscar Phoenix, mas o treinador me impede.

— Absolutamente não. Vá tomar banho.

— Muito obrigado. — Afago os cabelos de Phoenix antes de me dirigir ao banheiro.

Os caras cercam Saint, que está segurando Phoenix quando eu volto para a arena.

— É isso mesmo, eu sou o padrinho — ele afirma com orgulho e não recua quando nossos olhos se cruzam. — Não é verdade, TJ?

Ele decidiu se proclamar padrinho do Phoenix há algum tempo. Se fosse outra pessoa, eu teria dito não, mas parece que Lola concordou, e posso dizer que ele realmente se importa com ele.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, o treinador se coloca na minha frente.

— Sei que é muito cedo para dizer isso, mas acho que alguém pode estar seguindo seus passos. Os olhos dele estavam completamente fixos em você o tempo todo. Até tentou imitar algumas das coisas que você estava fazendo — diz ele com um sorriso. — Continue com o bom trabalho, agora mais do que nunca. Você tem alguém muito importante olhando para você. — Ele dá um tapinha em meu ombro e se afasta.

Há um sentimento que não consigo explicar crescendo em meu peito, e nem percebo o quanto estou sorrindo até estar diante dos rapazes.

— TJ, ele é tão parecido com você. É ridículo. Eu sei que ele é seu filho, mas, Jesus, a semelhança é incrível. — Q fica boquiaberto, abaixando-se na frente de Phoenix.

— Você era tão gordo assim? Puxa, olhe para os pãezinhos. Nix, amigo, precisamos cortar os puffs. — Jayden bufa, cutucando-o.

— Não se parece nem um pouco com a Lola. — Landon inclina a cabeça para o lado, avaliando-o como se estivesse tentando encontrar um traço que pudesse se assemelhar a ela.

Há um: é o formato de suas sobrancelhas. Não é a primeira coisa em que alguém repara, mas eu reparo. Como posso não notar? É difícil não notar tudo nela.

— Espere... você acabou de chamar ele de Nix? — pergunto, surpreso.

— Sim, o que você acha? Todos nós temos apelidos, então por que ele não deveria ter? Além disso, ele é praticamente parte da equipe — diz Jayden, fazendo caretas para o meu filho. — Não é verdade, Nix?

Eu sorrio, concordando com a cabeça.

— Espero que todos vocês tenham aprendido algo valioso hoje — diz o treinador atrás de nós. — Só porque vocês usam preservativo não quer dizer que funcione sempre. Façam o que quiserem com essa informação. — Ele e Reggie riem como se tivessem contado uma piada e só eles a tivessem entendido.

— É melhor você acreditar que tenho um plano B comigo aonde quer que eu vá — afirma Jagger, parecendo mortificado.

CAPÍTULO 38

Tj

— Então, quando é que a Lola deve voltar? — Jagger pergunta.

— Eu, uh, não tenho certeza.

A cabeça de Jagger gira em minha direção. — Como assim, você não tem certeza?

— Bem... — Esfrego a nuca.

Eu tinha toda a intenção de fazer perguntas à Lola. Até fiz uma anotação no meu celular para não esquecer, mas assim que cheguei à casa dela, eu me distraí.

Juro que não estava tentando ser um canalha, mas Lola estava correndo sem nada além de uma toalha, encharcada. Ela ainda estava se arrumando para o evento quando cheguei.

Qualquer pensamento racional simplesmente evaporou. Enquanto ela se vestia, fiquei brincando com Phoenix tentando pensar em qualquer coisa – qualquer coisa – que me ajudasse a não ficar excitado.

Eu sei o quão patético isso soa.

— Eu meio que esqueci.

— Você se esqueceu? E se ela nunca mais voltar? — Jagger fica boquiaberto, esfregando a nuca.

— Seu idiota. É claro que ela vai voltar. — Jayden lhe dá um tapa na cabeça.

— Ela vai chegar um pouco mais tarde. Isso eu sei. O casamento era um pouco longe — explico.

— Então, o que vamos fazer agora? — Jay pergunta.

Ficamos em frente ao sofá, aglomerados ao redor de Phoenix, olhando para ele. Ele está sentado no sofá, brincando com seu urso e seu apito.

— Tem umas festas rolando na rua das fraternidades... sei lá, a gente podia levar ele. Parece que ele gosta de uma farra — sugere Jagger.

Busco tudo em mim para não lhe dar um tapa.

— Ah, claro, ótima ideia: vou levar meu filho para uma casa cheia de todas as drogas possíveis. Lola vai amar saber que nosso filho estava cercado de maconheiros e cheiradores de cocaína — falo, carregado de sarcasmo.

Saint balança a cabeça em sinal de desaprovação. Pela primeira vez, ele não está sorrindo. Ele está olhando para Jagger como se quisesse lhe dar um tapa de bom senso. — O que há de errado com você?

— Jagger, você é um idiota. — Jayden lhe dá outro tapa e, dessa vez, ele me olha de relance, fazendo com que eu saiba que ele fez isso por mim.

— Foi apenas uma sugestão...

Landon o corta com um olhar frio. — Seu idiota. Quando foi a última vez que o garoto comeu? — Ele olha para Nix.

Como se pudesse sentir seu olhar assustador, ele inclina a cabeça para trás para encarar Landon. Um sorriso grande e alegre se espalha por seu rosto e, surpreendentemente, é o suficiente para suavizar o olhar duro de Landon.

— Eu lhe dei um lanche antes do treino. Tenho certeza de que ele está com fome agora.

— Bem, vamos pegar algo para ele comer antes que tenhamos que explicar à Lola por que o filho dela morreu de fome.

Jay bufa, abaixando-se para tirá-lo do sofá. — Você viu esses rolinhos? Tenho certeza de que ele vai ficar bem.

Nix não faz ideia do que ele está falando, mas dá risada quando Jayden cutuca sua barriga.

— Então, o que ele come? — pergunta Landon.

— Macarrão com queijo.

Ele é obcecado por isso. Tenho certeza de que, se pudesse, ele se afogaria em um balde de molho de queijo. Pelo menos foi isso que Lola disse.

Meu Deus, sinto falta dela. *Você a viu hoje de manhã.* Meu subconsciente zomba de mim.

— Ah, nós vamos ao Benny's. — Jayden decide, já se dirigindo à porta da frente com Saint a reboque.

Benny's é uma lanchonete pequena e decadente a apenas dez minutos daqui, mas, apesar de sua aparência, tem algumas das

melhores refeições rápidas da região. Além disso, não costuma estar lotada de estudantes universitários como qualquer outro restaurante.

Quando saio, trancando a porta atrás de mim, envio algumas mensagens para Lola, atualizando-a mais uma vez. Ela está ocupada, então não espero uma resposta, mas continuo dizendo a mim mesmo que ela vai gostar muito. E estou desejando desesperadamente sua atenção.

Eu: Vou ao Benny's com os rapazes. Phoenix vai adorar lá. Eles têm o melhor macarrão com queijo.

Também tiro uma foto de Saint e Jayden brincando com Phoenix e seu urso e a envio para ela.

Eu: Jayden inventou um apelido para Phoenix. Nix, o que você acha?

Eu: Além disso, Phoenix é praticamente parte da equipe agora, então ele é obrigado a ir aos jogos e treinos.

Não espero uma resposta em troca, mas fico surpreso quando recebo uma foto.

Peaches: Foto.

É uma selfie dela, sorrindo com a pintura do casal que está se casando ao fundo.

Ela parece tão celestial, é irreal. E o sorriso dela, caramba, eu adoro esse sorriso.

Tive a chance de ver o que ela estava vestindo antes de sair para o casamento, e fiz de tudo para não tirar uma foto. Principalmente porque isso me faria parecer um canalha.

Eu: Penso tanto em você que chega a ser doentio, e então você me manda essa foto.

Digito, mas como sou covarde, não envio. Quando estou prestes a excluí-la, Jayden chama meu nome.

— TJ, você está pronto para ir? Estamos morrendo de fome aqui!

— Sim, estou indo... — Olho para a tela, percebendo que, de alguma forma, enviei a mensagem.

Foda-se.

Não consigo parar de olhar para a mensagem que enviei à Lola há duas horas. Ela provavelmente não a viu, mas há uma voz

irritante e patética em minha cabeça me dizendo que ela viu e não se importa.

Especialmente porque ela não falou sobre o Halloween ou sobre o beijo da semana passada. Tentei falar sobre isso, mas ela sempre se cala e isso está me deixando louco. Não consigo parar de repetir o beijo em minha cabeça e o quanto quero fazê-lo novamente.

— Acho que fiz besteira. — A voz de Saint interrompe meus pensamentos.

Guardando o celular no bolso, levanto a cabeça. — Como assim, você acha que...

— Está preso em mim — reclama, puxando o canguru preso no peito com toda força.

— Como você conseguiu fazer isso? — Eu rio.

— Não sei. Eu só estava experimentando porque... isso não importa. Ajude-me a tirá-lo.

— Onde estão os rapazes? — Apoio Phoenix no quadril e tento tirá-lo com a mão livre.

Depois do Benny's, o plano era ficar em casa até a chegada da Lola, mas Saint disse que a casa não era *adequada para crianças*.

Que casa universitária é adequada para crianças? Temos uma caixa cheia de coisas que as pessoas deixaram nas festas que organizamos. Há também duas bonecas infláveis em algum lugar e uma ou duas caixas de preservativos espalhadas por lá. E temos álcool, muito álcool.

Não planejamos o que compraríamos. Tudo o que sei é que Jayden pegou um carrinho de compras e desapareceu com Landon e Jagger há uma hora. E isso foi depois que Saint disse para comprarmos o que quiséssemos e que era por conta dele. Eu lhe disse que pagaria, mas ele falou: — Como padrinho, é meu dever mimá-lo.

— Eles disseram que iriam conseguir algo que seria benéfico para o aprendizado-mental de Phoenix, porra, se eu sei. Eles disseram um monte de coisas.

Eu não deveria chamar sua atenção, considerando sua situação, mas realmente não consigo me conter. — São dez dólares no pote.

O pote de dinheiro de Lola me deu a ideia de comprar um para minha casa. Atualmente, há cem dólares nele.

Ele resmunga algo que parece muito com italiano. Talvez eu não fale italiano, mas tenho certeza de que ele me xingou.

— Isso está realmente preso em você. — Eu falho miseravelmente e rio, vendo-o se esforçar para tirá-lo.

— Ótimo, acho que é melhor eu fazer bom uso disso. Venha cá, *Polpetta*. — Ele tira Nix de mim e o coloca dentro do canguru. — É melhor você se tornar útil e usar suas habilidades fotográficas para tirar uma foto minha.

Arqueando uma sobrancelha, mas sem questionar, tiro uma foto. Sorrio para Phoenix. Ele está alegremente pendurado nele, segurando seu urso. Ele está tão tranquilo e tão tonto que meu sorriso aumenta.

— Agora envie para Lola e diga a ela para enviar para Daisy.

— Por quê?

— Porque a maioria das garotas adora quando os rapazes são bons com crianças. Especialmente se forem crianças com as quais têm parentesco. E a Daisy ama o Nix mais do que qualquer coisa neste mundo, portanto, se ela o ama, vai me amar por amá-lo.

Se isso não for um grito de delírio, não sei o que será.

— Já faz o quê? Alguns meses e ela ainda não lhe mostrou sinais de interesse. Estou impressionado com sua persistência. Isso nunca vai acontecer, mas eu o aplaudo por sua determinação.

— Você diz isso agora, mas ela sorriu para mim outro dia — ele afirma com tanta seriedade que não sei se devo rir ou não.

Meu lábio se contrai. — Um sorriso?

— Não olhe para mim dessa forma. Sei o que está pensando, mas é um progresso.

— Certo, *progresso*.

— Mais do que você já fez com a Lola.

Eu estreito meus olhos. — O que você sabe sobre mim e Lola?

Um sorriso malicioso curva seus lábios. — Mais do que você pensa.

Meu sorriso diminui e, antes que eu possa lhe perguntar qualquer coisa, ele sai. Eu o sigo, meus pensamentos se alastrando com a ideia de Lola ter dito algo a ele sobre nós.

— O que você sabe? Ela disse alguma coisa para você?

Ele para em frente aos brinquedos para bebês, passando os olhos pelos coloridos. Ele aponta para alguns, perguntando a Phoenix qual é o seu favorito.

— Saint.

— Esse é o meu nome.

— Pare de brincar. Ela lhe disse alguma coisa sobre mim?

Ele dá de ombros. — Possivelmente.

Solto um suspiro irritado. — O que ela disse?

— Não posso dizer. Fiz um juramento de segredo. — Ele finge fechar os lábios.

Você só pode estar brincando comigo. — Segredo?

— Fazemos parte do OCC. Está em nosso juramento.

Eu pisco os olhos. — OCC? Juramento?

— Only Child's Club[4]. Não temos irmãos, então dependemos uns dos outros, esse tipo de coisa. — Ele pega um cachorro azul para o qual Phoenix está apontando e pressiona sua pata. Reconheço o cachorro de um programa que ele começou a assistir recentemente e pelo qual ficou obcecado.

Fico olhando para ele, sem piscar. — Confiar um no outro? Você conhece a Lola há quase três meses. Quando vocês ficaram tão... próximos?

---

[4] Clube do Filho Único.

Há algo *verde* e nojento perfurando meu peito, provocando um gosto amargo em minha boca.

— Não sei. Simplesmente aconteceu — ele responde com toda a indiferença do mundo. — Temos aulas juntos, então, ocasionalmente, nós nos encontramos, tomamos café e conversamos sobre coisas.

Juro que meu olho direito está se contorcendo. — Conversam sobre coisas?

Ele olha para mim, rindo, enquanto Phoenix fica ocupado com o cachorro azul.

— Coisas que não dizem respeito a você. — Ele sorri de forma atrevida.

Como ele está me irritando e eu sou um idiota, sorrio, fazendo o possível para não deixar aquela *coisa* verde e feia aparecer novamente.

— Você pode ter conseguido um sorriso, mas Daisy fala comigo agora, e eu estou na casa dela o tempo todo.

É isso mesmo, Daisy e eu estamos em um nível diferente em nossa... *amizade*. Ela não olha mais para mim como se quisesse me esfaquear nos joelhos. E agora ela fala mais comigo, como se estivesse conversando de verdade comigo.

Eu esperava que isso o irritasse, mas ele respira fundo e o sorriso em seu rosto se alarga. — E um dia esse serei eu.

— Não suporto você.

— Você me ama. E eu amo você.

Ele tenta beliscar minha bochecha, mas afasto sua mão.

— Aí está você. — Nós nos viramos ao ouvir a voz de Jagger.

Meu olhar se volta para o carrinho cheio de todo tipo de coisas.

— Jesus Cristo, vocês compraram a loja inteira? — Fico de boca aberta. Ao examinar o carrinho, vejo coisas que sei que Phoenix não tem idade suficiente para usar ou comer. — Para que você precisa de um Oculus?

— Isso tudo é para desenvolver seu crescimento. Se houver um surto de zumbis, isso realmente preparará Nix.

— E Nintendo serve para quê? — Eu seguro o jogo do Mario.

— É do Mario que estamos falando. Ele não pode ter uma infância se não brincar com ele. — Landon o pega de minha mão.

Fico olhando para eles, perplexo. — Nada disso é necessário. Só vamos comprar o que precisamos.

— Meu Deus, você parece um pai. — Jayden solta uma risada.

— Não se preocupe, é como tirar um ou dois dólares de minha conta bancária. Eu não vou perceber que sumiu e nem você. — O sorriso de felicidade e sorte característico de Saint aparece em seu rosto.

Acho que isso não importa, pois ele recebe uma boa mesada todo mês. Eu também recebo. Não vou minimizar o fato de eu receber muito. Meus pais não só criaram um fundo fiduciário para mim e meus irmãos, como também recebemos mesadas todos os meses, com exceção do Ben, que agora tem um emprego.

Apesar de eu receber muito, isso não se compara ao que ele recebe.

— E não se preocupe, temos tudo o que você nos disse para comprar. — Jayden aponta para as tampas de tomadas, fechaduras de armários, um portão de bebê para as escadas e algumas outras coisas que eu disse a eles que precisávamos.

Jagger passa o braço sobre meu ombro, guiando-me na direção do caixa. — Agora pare de se estressar, papai do bebê, e vamos para casa.

Nunca, em meus sonhos mais loucos, imaginei passar uma noite de sábado com meus amigos bebendo suco – isso mesmo, suco. Estamos com *meu* filho, brincando com seus brinquedos e bebendo caixas de suco do tamanho para crianças.

— Muito bem, ursinho, está na hora de dormir.

É uma loucura como o tempo passou rápido. Em um momento, estávamos descarregando tudo dos carros, desempacotando e nos certificando de que não havia nada pequeno para Phoenix colocar na boca. Em seguida, estávamos brincando com seus brinquedos, fazendo apostas e perdendo dinheiro.

Tudo começou com o brinquedo de colmeia que Phoenix escolheu. Ela é do tamanho de uma bola de basquete com um buraco no topo. Seu objetivo é colocar o máximo de abelhas dentro

dela antes que o tempo acabe. Quando eu ensinei Phoenix a jogar, era para ser apenas diversão, até que Saint fez uma aposta.

Nenhum de nós resistiu e concordamos. No início, era simples: colocar a colmeia no chão e jogar as abelhas dentro dela. Mas como somos todos muito competitivos, dificultamos a tarefa, colocando-a longe de nós. Colocando-a na parte inferior da escada enquanto estávamos na parte superior, e em muitos outros lugares.

Não tenho vergonha de admitir que estamos brincando com ela há mais de uma hora, mas tenho vergonha de admitir que Landon venceu todos nós.

— Bem, isso foi divertido. — Um leve sorriso se esboça no rosto de Landon.

— Mas? — Jayden olha para ele.

— Mas o quê?

— Você não deveria dizer melhor sorte da próxima vez?

Ele nos olha fixamente. — Não. Isso não é sorte. Sou apenas o melhor.

— Tanto faz. — Nós reviramos os olhos.

Pegando Phoenix do sofá, pego os biscoitos de xarope de bordo que Lola embalou para ele e os coloco em sua bolsa de fraldas. Se ele pudesse, comeria tudo.

Separo uma muda de roupa e tudo o que preciso e o preparo para dormir enquanto os rapazes se arrumam. Quando ele está pronto, eu me sento na poltrona reclinável e o embalo, mas alguns

minutos se passam e ele ainda se mexe, falando coisas sem sentido com seu urso.

— Como ele não está cansado? Estou me sentindo exausto. — Jagger boceja.

— Tive uma ideia. — Landon se levanta do sofá e, antes que eu o questione, ele sobe as escadas e volta em um instante com seu violão. — Cubra os ouvidos do garoto — ele instrui.

Eu o encaro, confuso, mas os cubro mesmo assim. — Por que você...

— Se algum de vocês, idiotas, gravar ou fizer um único comentário, tornarei suas vidas miseráveis pelo resto do ano. E não me testem, porra. — Seus olhos passam por todos nós, certificando-se de que entendemos que não se trata de uma ameaça, mas de uma promessa.

Nós não dizemos nada. Não só porque sabemos que ele cumpriria suas promessas, mas também porque estamos todos chocados com o fato de que ele vai cantar na nossa frente. Desde que moramos com ele, nunca o ouvimos cantar. Ocasionalmente, nós o ouvimos tocar, mas nunca cantar.

Landon se senta no chão e se encosta na parede enquanto prepara seu violão. Ele limpa a garganta e dedilha os dedos ao longo das cordas até que uma melodia suave e lenta soa pela sala.

Estou perdido em sua voz profunda e melódica. Um segundo depois, percebo que ele está tocando Beautiful Boy, de John Lennon.

Ficamos olhando uns para os outros, sem palavras e atônitos, enquanto ele continua a cantar. Exceto por Jagger, o que não é surpreendente, já que ele o conhece há mais tempo e eles são os mais próximos.

Olhando para Phoenix, sorrio quando seus olhos se arregalam e ele se aconchega ainda mais em meu peito. Beijo o topo de sua cabeça, deleitando-me com a música, e faço a contagem regressiva dos minutos até ver Lola novamente.

CAPÍTULO 39

Lola

Cara: Você precisa entrar no Instagram! Agora!

Daisy: Entre na sua conta comercial agora!

Eu: Por quê? É realmente importante? Estou quase em casa.

Estou no mercado comprando as últimas coisas que precisamos para nosso Dia de Amigas. Como não estarei com Daisy e sua família no Dia de Ação de Graças deste ano, as meninas e eu decidimos fazer algo juntas. Também convidamos Gabby, Polly e Juls.

Daisy: Sim, é importante!

Eu: Oh, Deus, por favor, não me diga que é algo ruim?

Cara: Não, é muito bom! Dê uma olhada agora mesmo!

Embora tenham dito que não é ruim, não consigo deixar de me sentir ansiosa.

A mídia social e eu temos uma relação de amor e ódio. Às vezes, isso resulta em coisas boas, como conseguir novos clientes e receber comentários gentis sobre minha arte. Outras vezes, é um

lembrete de que as pessoas são uma merda e isso prejudica minha saúde mental.

Ultimamente, não tem sido assim e, embora seja ótimo que as pessoas não estejam me enviando mensagens de ódio ou deixando comentários desagradáveis, eu adoraria conseguir novos clientes. Infelizmente, tem sido muito lento. Tão lento que estarei trabalhando só no museu até que milagrosamente consiga novos clientes.

Abrindo o aplicativo, mudo para minha conta comercial. Juro que meu queixo bate no chão e, se fosse possível, meus olhos sairiam das órbitas. Da última vez que verifiquei minha conta, eu mal tinha mil seguidores, mas agora estou perto de quatro mil e eles continuam chegando. Se isso não fosse suficiente para me chocar, fico ainda mais chocada quando vejo que o motivo do aumento do número de seguidores e do fluxo de mensagens é a publicação na qual TJ me marcou.

Não tenho certeza de quando ele tirou as fotos da minha parede ou dele em frente aos meus quadros. Ele trouxe a câmera algumas vezes, mas não dei muita importância a isso. Achei que ele estava fazendo o dever de casa.

Cara: Ele me pediu para tirar uma foto. Agora tudo faz sentido.

Daisy: Droga, ele está realmente tentando se redimir. Ainda está na minha lista de merda, mas definitivamente não é mais o número um.

Cara: Ele não só está tentando se redimir, mas também está tentando provar algo...

Daisy: Estou muito feliz por você estar pensando o mesmo que eu.

Eu: Parem com isso.

Daisy: Parar o quê? Isso é tão óbvio!

Eu: Não. Não estamos indo lá.

Cara: Sim, estamos! Ele é tão óbvio sobre isso, como você ainda não percebeu?

Eu: Estou farta dessa conversa.

Daisy: Nós não estamos! E já que estamos falando do assunto, precisamos discutir a MASSIVA tensão sexual.

Eu: *emoji de olhos rolando*

Eu: Vocês precisam de alguma coisa do mercado?

Cara: Ah, olhe para você. Negação em sua melhor forma.

Daisy: Compre algo para comemorar!

Guardo o celular na bolsa, tentando disfarçar o sorriso, mas é impossível segurar quando o motivo dele está a quilômetros de mim.

O time de basquete está fora da cidade para o Invitational, que este ano será em Las Vegas. Eles estão fora desde a última quarta-feira e só voltarão amanhã, um dia antes do Dia de Ação de Graças. No mesmo dia em que ele voltar, vamos decolar para a Flórida.

Estou nervosa. Vou conhecer a família dele pela primeira vez e ficarei lá por quatro dias.

Estou sempre pensando demais. No início não parecia ruim, mas depois meus pensamentos saíram do controle. E se eles não forem tão legais quanto parecem? E se eles forem como meus pais? E se eles perceberem que se arrependeram de ter me convidado e me expulsarem? E se eles acharem que estou tentando usar TJ para obter atenção e dinheiro?

É ridículo pensar nisso, considerando que eles pagaram minha passagem de avião, apesar de ter dito ao TJ que poderia pagar por ela.

Oh, Deus... e se eu estragar tudo? O pânico me acerta como um tapa no rosto.

— Oi. — Uma voz alegre me tira de meus pensamentos, lembrando-me de que estou no mercado, em pânico no meio do corredor de batatas fritas.

Acabo reconhecendo essa voz. Com medo, eu me viro, colocando um sorriso no rosto. — Oi.

— Como você está? Já faz algum tempo. — Alexia sorri, jogando o cabelo preto e sedoso por cima do ombro.

— Sim, é verdade, estou bem.

A última vez que nos vimos foi no Halloween. Eu a vi pelo campus, mas sempre de passagem.

Seu olhar percorre meu corpo, parando nas manchas de tinta seca em meu macacão jeans. — Eu não sabia que você era tão

talentosa. Vi seu trabalho na conta do TJ e estou impressionada. É *realmente* muito bom.

Há algo na maneira como ela diz isso, mas digo a mim mesma para não pensar demais. Talvez ela esteja apenas sendo simpática.

— Obrigada. — Eu alivio o sorriso apertado em meu rosto.

— Também vi que seus seguidores aumentaram desde que TJ mencionou você. Você estava com o quê? Oitocentos e vinte ou algo assim?

Aceno com a cabeça, querendo perguntar como ela sabe o número exato, mas antes que eu tenha a chance, ela fala.

— Eu lhe disse que é ótimo ter alguém como TJ ao seu lado. Conhecê-lo vai abrir muitas portas para você. Dizer a ele para postar sobre você foi inteligente.

— Eu não disse a ele para fazer nada — respondo, fazendo o possível para não perder o sorriso.

— Ah. — Suas sobrancelhas se erguem como se ela estivesse genuinamente surpresa por ele ter feito isso sem que eu tivesse que pedir. — Você definitivamente deveria dizer a ele para postar você com mais frequência para que as pessoas não se esqueçam de quem você é.

Alexia está mais ereta, com os ombros retos e um sorriso largo e brilhante. Seu olhar parece paternalista e quase como se ela estivesse tentando me avaliar.

Eu odeio confrontos. Enquanto Cara e Daisy se dão bem com isso, eu não. Minhas mãos ficam frias e úmidas, e meu coração

sempre parece que vai implodir. E odeio o resultado disso, porque penso demais em tudo o que disse. É um ciclo pelo qual odeio passar, e é por isso que raramente o faço.

Mas agora é a exceção.

— Eu sei que tem alguma coisa entre você e TJ, e seja lá o que for... não quero estar no meio.

Ela dá uma risada amarga. — Só estou tentando ser legal com você. Isso não tem nada a ver com o fato de eu e o TJ *transarmos*. Se você tem problemas comigo, receio dizer que você terá problemas com metade da população feminina da universidade.

Ela fala *transar* daquele jeito que deixa bem claro que quer que eu imagine os dois juntos – e consegue.

— Certo, legal. Embora pareça que você é quem tem problemas. Não me importo com o que ele faz, mas parece que você se importa, já que está falando sobre isso.

Sua mandíbula se contrai, mas ela exibe um sorriso arrogante no rosto.

— Você não precisa acreditar em nada do que eu digo, mas TJ não gosta de compromisso nem de monogamia. Eu saberia. Ele transou comigo e com todas as outras garotas durante dois anos. Não pense que você é especial só porque tem um filho com ele. Espere até ele ser convocado. Eu já vi o que as garotas estão dispostas a fazer só para ter uma pequena fração da atenção dele. Imagine o que elas farão quando ele estiver ganhando milhões. Faça com essa informação o que você quiser.

— Essa é provavelmente a melhor coisa, além de lhe dar Phoenix, que TJ poderia ter feito. — Cara olha para a tela de seu telefone, com um sorriso de satisfação estampado no rosto. — Os números não param de subir.

— É muito gentil que ele tenha feito isso. — Juro que se Gabby pudesse, ela se derreteria na hora, enquanto seus olhos castanhos brilhantes se suavizam e seu lábio inferior se sobressai.

— Vinte pessoas já lhe enviaram e-mail perguntando o que... agora vinte e uma. — Daisy sorri, olhando para meu e-mail no laptop. — Vinte e uma pessoas enviaram e-mail para ela querendo reservar um evento ou ver se podem fazer uma pintura antes do Natal.

— Foi inteligente da parte do TJ postar isso agora. Pense em todas as pessoas que ainda não compraram presentes de Natal — acrescenta Polly com entusiasmo.

— Isso é tão emocionante. Estou muito feliz por você. — Julianna sorri do chão, onde está brincando com Phoenix.

Gostaria de poder compartilhar a empolgação delas, mas não consigo parar de pensar no que Alexia disse. Isso tem atormentado minha mente desde que voltei para casa, durante o jantar e o jogo. Não ajuda em nada o fato de meus olhos traidores parecerem seguir cada movimento dele. E nem me faça contar quantas vezes meus ouvidos se arrepiaram só de ouvir o nome dele. E foram

muitas, porque TJ parece ser o tópico de discussão favorito dos comentaristas.

Ocasionalmente, eles falam sobre seus outros colegas de equipe ou sobre a USC, a outra equipe que está jogando, mas o assunto sempre volta para ele. Não posso dizer que os culpo. Ele está arrasando hoje. Eu quase não o vi jogar, mas não preciso ver para saber que ele é muito bom.

— Quer dizer, você está brincando comigo? Esse é o TJ por quem todos nós nos apaixonamos no primeiro ano! — exclama ansiosamente o analista esportivo Gary Woods. — Ele vai para cima deles e continua indo para cima deles, e não para. Não dá para deixar de torcer pelo garoto. Ele é imparável, ele é feroz, ele é....

— Determinado — acrescenta o outro analista esportivo, Johnny Williams. — Como se ele estivesse tentando provar algo ao mundo e, deixe-me dizer, ele está fazendo exatamente isso. Quero dizer, faltando três minutos para o fim do jogo, ele marcou trinta pontos e pegou doze rebotes, sem contar que fez todos os dez lances livres.

— Ele está conduzindo o ataque de forma agressiva, mas jogando com muita fluidez. É realmente uma maravilha ver Kingston jogar.

— E não quero nem começar a falar de Saint Arlo...

Eu os ignoro, odiando-me por estar tão concentrada sempre que eles têm algo a dizer sobre ele.

Porque você sente falta dele.

— Lola?

Daisy acena com a mão na frente do meu rosto, desviando minha atenção da TV para ela.

— Desculpe, o quê?

Ela coloca o laptop no meu colo, apontando para os e-mails recebidos.

— Isso é uma loucura. Veja quantas pessoas já enviaram e-mails para você.

— Sim. — Não me preocupo em esconder o quanto não estou entusiasmada com isso.

— O que há de errado?

— Nada, eu só queria que ele não tivesse postado nada. Claro, é ótimo, mas a última coisa de que preciso é que as pessoas pensem que estou usando-o.

Embora eu não tenha certeza se isso importa, pois já presumem isso.

Todos os olhares se voltam para mim, mas são Daisy e Cara que me observam atentamente, como se pudessem ver através de mim.

— Quem disse isso? — pergunta Daisy, com as palavras afiadas e o corpo rígido, como se ela estivesse se preparando mentalmente para usar as mãos.

— Ninguém disse nada. Eu só não quero nem preciso da ajuda dele.

Um sorriso pequeno e compreensivo surge nos lábios de Cara. — Eu amo você e apoio o fato de querer fazer isso por conta

própria, mas se algum de nós aprendeu uma coisa ou duas com a mídia social é o poder da influência, e TJ tem isso.

Não posso deixar de revirar os olhos ao ouvir isso. — Claro que sim, porque ele é TJ Kingston.

Daisy fecha meu laptop e o coloca sobre a mesa de centro. — Diga-me quem disse isso ou eu mesma descobrirei.

Eu deveria simplesmente esquecer o assunto e não estragar a noite com meu humor de merda, mas não consigo esquecer as palavras de Alexia.

É lamentável que meu cérebro só queira se lembrar das coisas que me machucam.

— Encontrei Alexia no mercado e...

Polly bate com a palma da mão na boca, olhando para Phoenix. Ela estremece e abaixa a mão. — Desculpe, Lola... aquela vaca — sussurra.

Cara estala os dedos como se estivesse tentando se lembrar de quem ela é. — Alexia? Quem é Alexia mesmo?

Juls me olha com cautela, com os lábios entreabertos, mas os fecha, como se ela não quisesse dizer o que está pensando. — Ela é a garota com quem TJ está dormindo.

— Estava — corrige Polly. — A garota com quem TJ *estava* dormindo, até dois meses atrás.

Ela se senta, chocada e curiosa. — Passado, como em...

— Ou seja, ele não está mais ficando com ela, nem com ninguém. Ele oficialmente terminou tudo no Halloween, mas parou de dormir com ela antes disso.

— Como você sabe? — Cara pergunta.

— Jag me contou, mas não diga a ele que contei, ou ele não me contará mais nada. Não posso perguntar ao Landon, porque ele gosta de *cuidar da própria vida.* — Ela usa aspas ao redor das palavras. — Chato.

— Certo, cuidar da própria vida. — O sarcasmo escorre da voz de Julianna, mas é tão fraco que as meninas não o ouvem.

— Olha, o que quer que ela tenha dito, não dê ouvidos a ela. Ela só está amargurada e com ciúme porque TJ cortou relações. — Polly revira os olhos, balançando a cabeça. — Você deveria ter visto como ela o perseguiu no Halloween. Ele não queria terminar as coisas lá, mas ela não lhe deu escolha, porque estava insistindo muito. Eu deveria saber que ela não aceitaria bem.

— Acho que não a culpo. Eles estão se divertindo desde o primeiro ano. Com certeza ela desenvolveu sentimentos. Quero dizer, quem não desenvolveria?

Eu saberia. Tenho essa infeliz paixão por ele.

Ela coloca sua mão sobre a minha, apertando-a como se estivesse tentando me tranquilizar. — Não se sinta mal. Prometo que ela não merece sua empatia.

— Quero dizer, você consegue imaginar estar com alguém por tanto tempo e não se apaixonar por essa pessoa?

— Bem, então ela provavelmente sente algo por alguns dos rapazes do time de futebol e de hóquei.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — O quê?

— TJ e Alexia nunca foram — ela faz uma pausa, como se estivesse se sentindo mal pelo que está prestes a dizer — exclusivos um do outro. Era mútuo porque nenhum dos dois estava procurando algo sério. Apenas um bom momento. Se ela chegou a sentir algo por ele, nunca o revelou, porque quando não estava com TJ, estava com alguém.

— Oh...

— Alexia é uma garota bonita. Ela pode chamar a atenção sozinha, mas chama mais quando está com alguém como TJ, ou Eli, o QB, ou Brooks, o capitão do time de hóquei. Especialmente quando ela publica sobre eles no Instagram, as pessoas adoram. As garotas querem ser como ela, e os rapazes querem estar com ela. É assim que a mídia social funciona, e ela sabe como usá-la a seu favor. Ela é sutil, mas faz questão de que você saiba que ela os *conhece*.

Ela faz uma pausa como se estivesse tentando se lembrar de algo e depois acena com a cabeça.

— Esta é a única coisa que posso afirmar que ela disse palavra por palavra: *Você consegue imaginar ter alguém que todos querem? Porque eu consigo.* Você deveria ter visto a expressão perturbada no rosto dela. É por isso que sei que ela não gosta dele. Ela gosta da ideia de querer alguém que ninguém mais pode ter.

— Algumas das meninas da minha irmandade são amigas dela, e posso afirmar que isso é verdade — acrescenta Julianna.

— E agora *você* tem a única pessoa que ela não pode ter. — Polly sorri, apontando para mim.

— Não, eu não tenho ninguém. Ele não é meu. — Rapidamente, encerro qualquer ideia que esteja passando pela cabeça delas. — Nem quero que ele seja meu.

Mentiras. Mentiras. E mais mentiras.

— Ele sabe disso?

— Por que ele saberia? Não somos nada mais do que amigos, que por acaso têm um filho juntos.

Olho para Phoenix, sorrindo enquanto ele brinca com a pequena bola de basquete que TJ comprou para ele na noite em que cuidou dele. Mas me arrependo de ter pensado naquela noite, porque me lembro da mensagem de texto que ele me enviou.

Penso tanto em você que chega a ser doentio, e então você me manda essa foto.

Como ele não tocou no assunto, finjo que nunca a vi. Só gostaria que minha mente recebesse o memorando, pois penso nisso mais do que deveria.

— Ela está na fase da negação — provoca Cara, rindo.

— Não estou.

— Sim, você está.

— Não existe fase. Pare de tentar procurar algo que não está lá.

— Sério agora? — Um sorriso malicioso surge no rosto de Daisy. — Vamos fingir que a escova de dentes dele não está no seu banheiro? Ou que você não esvaziou uma gaveta da sua cômoda para as roupas dele porque ele tem ficado *muito tempo aqui*. E não me deixe esquecer a máquina de café de dois mil dólares que ele trouxe na outra noite.

Simultaneamente, seus queixos caem.

Então, talvez ele tenha dormido aqui em casa mais de uma vez, mas eu me sentia mal por fazê-lo dirigir de volta para a casa dele, porque ele sempre ficava até muito tarde. E, na outra noite, ele trouxe a cafeteira da casa dele. Ele disse que é mais útil tê-la aqui para que eu possa fazer café sempre que quiser.

— Ele comprou a máquina sofisticada que está em seu balcão? — Gabby fica boquiaberta, seu rosto se ilumina.

Olho para baixo, tentando esconder a forma como meus lábios traidores se erguem para cima. — Sim..., mas não é nada demais. Ele só sabe o quanto eu gosto de café.

— Não é nada demais? — Eu ouço a alegria em sua voz. — Ele pagou dois mil dólares e isso não é nada demais? Ela está se ouvindo?

— Oh, meu Deus! — Julianna sorri e seus olhos brilham como se ela tivesse ouvido a coisa mais gloriosa. — Vocês estão...

— Ele dorme no chão — eu a interrompo, olhando para Daisy, que parece que não consegue calar a boca. — Tirem qualquer ideia da cabeça. Não somos nada mais do que amigos. Eu não vejo TJ assim e ele não me vê assim.

Eu minto, mas é melhor do que admitir em voz alta o que sinto por ele.

Gabby suspira. — Estou com tanta inveja de você.

— Não há motivo para ter inveja.

— Quero dizer, também estou com inveja, porque, quão alheia você deve ser para não perceber como ele é óbvio? — Polly dá uma risadinha.

— Certo! Ele é tão óbvio e nem tenta esconder isso. — Cara concorda com a cabeça.

— Juro que achei que estava vendo coisas. Notei o olhar em seus olhos.

— Ele está muito mal.

— Muito mal.

— Ele está lançando tantos sinais.

— Tantos.

— E...

Eu interrompo Gabby: — Ok, já chega. Como passamos de uma conversa sobre a Alexia para isso?

— Oh, Lola. — Daisy sorri, com seu tom paternalista.

— Já terminei essa conversa. Veja, perdemos os últimos minutos do jogo. — Finjo um gemido de decepção, chamando minha atenção de volta para a tela.

— Sabíamos que eles iriam vencer. Eles estavam ganhando por vinte de qualquer maneira.

Eu sei, porque o técnico Warren só senta TJ nos últimos minutos de um jogo se ele estiver ganhando por tantos pontos.

Daisy diz alguma coisa, mas mais uma vez meus olhos se fixam em TJ. Ele está perto do túnel, conversando com uma das repórteres, Shannon. Os torcedores ficam ao fundo, debruçados sobre a grade, estendendo as mãos para ter a chance de um high five ou de ter suas camisas autografadas por ele e por qualquer jogador que passe por ali.

Gostaria de poder dizer que são as perguntas que a repórter está fazendo que me fascinam, mas não consigo parar de olhar para o suor que cobre a pele e a camisa dele. Como escorre pela lateral de seu rosto, pescoço e peito. Como a camisa se agarra ao seu torso esticado e impressionantemente definido.

Suas mãos estão nos quadris, mas, de vez em quando, ele levanta a mão para mexer nos cachos úmidos grudados na testa. Juro que fico com água na boca ao ver seus bíceps flexionados.

Estou tão concentrada em seus braços que não ouço a pergunta até registrar uma palavra muito familiar.

— Pêssegos.

— Sério, pêssegos? — A repórter cantarola, aparentemente impressionada com sua resposta. — Faz sentido, porque você jogou de forma fenomenal esta noite.

A tela se divide ao meio, ele e Shannon de um lado e, do outro, um replay de todas as cestas que ele fez hoje.

— Obrigado. Você não faz ideia de como é energizante comer um pêssego. Comi um hoje cedo e era tudo o que eu precisava para me

dar aquele impulso extra. Juro que os benefícios são insanos. — Sua bochecha se contrai.

— Obrigado pelo incentivo — disse ele hoje cedo quando conversamos pelo FaceTime.

Ela sorri. — Bem, acho que eu mesma deveria comer um.

Ele coloca o lábio inferior entre os dentes, soltando uma risada profunda. — Sim, os bons são difíceis de encontrar, mas juro que quando você encontra o certo, vale a pena.

— Você está bem?

Pisco os olhos, olhando para Daisy.

— O quê?

— Você está bem... *Peaches*? — sussurra, cuidando para ninguém ouvir. Mas eu sei que Cara ouviu.

— Cale a boca. — Aperto meus lábios, tentando conter o sorriso que ameaça surgir. — Isso não significa nada.

— Isso foi ao vivo. Não pode me dizer que isso não significa nada.

— Não significa. — É uma resposta fraca e ela sabe disso.

Quanto mais eu tento afastar meus sentimentos, mais eles se aproximam.

CAPÍTULO 40

Tj

— Saint, rápido. — Olho para o meu celular e ele vibra na minha mão. Aparece uma notificação do meu Uber me avisando que ele está aqui.

— Já disse que não tenho problema em ficar sozinho em casa.

— E eu já disse que não vou deixar você sozinho. Sério, anda logo.

Ele lança um olhar por cima do ombro, com aquele sorrisinho irritante de sempre. — Para você correr logo e ver sua Peaches?

Olho para a pequena adaga em sua mesa, mas opto pela caneta e a atiro nele. Ela bate em sua orelha e cai no chão com um barulho suave. — Não a chame assim de novo.

Ele esfrega a orelha, com uma dor dramática. — Por que você é tão agressivo? Você poderia ter me cortado ou, pior, furado. Essas orelhas são de um milhão de dólares, *stronzo*. Tudo o que eu perguntei foi se você estava pronto para ver... — A suposta dor diminui em seu rosto e ele ri. — Ok, tudo bem, não vou chamá-la assim.

— Você não vai chamá-la assim *de novo*.

Ele levanta as mãos em sinal de rendição. — Não vou chamá-la assim *de novo*.

Estou mais do que pronto para ver Phoenix e Lola. Faz apenas uma semana desde a última vez que os vi, mas juro que parece mais do que isso. Durante os três jogos consecutivos, eu estava concentrado, minha mente apenas nos meus colegas de equipe e na vitória, mas antes e depois foi uma história diferente. Eles estavam sempre em minha mente. Não havia um dia sequer em que eu não pensasse neles, e cada pequena coisa me fazia lembrar deles.

Por isso fiz as malas dias antes. Queria estar pronto para sair correndo assim que chegasse. Eu já teria ido embora, mas quando estava saindo, vi Saint deitado na cama lendo um livro.

Ele deveria visitar sua avó, mas disse que os planos mudaram. Ele não me disse o motivo e eu não me intrometi. Percebi que ele não queria falar sobre isso. Mas peguei sua bolsa e disse a ele que a arrumasse com o suficiente para alguns dias. Ele estava relutante, mas acabou concordando, mas agora está se tornando um pé no saco. Estou tentado a dizer *foda-se* e deixá-lo se ele não se apressar.

— Sério, apresse-se. Não entendo por que está demorando tanto para escolher um maldito livro. Afinal, quem precisa de tantos livros assim?

Há dois livros em sua mochila, e ele está segurando um em cada mão, discutindo qual deles quer levar.

— Não sei em que estado de espírito estarei.

— Sério? Isso tem alguma importância? É um livro. Vamos lá.

Ele vira a cabeça em minha direção, olhando para mim como se eu o tivesse ofendido. — Meu Deus, você não sabe nada. Não posso simplesmente pegar qualquer livro. Tenho que ter opções.

Meu olhar se volta para a bolsa dele, observando um livro muito familiar e gasto. — Você já não leu esse?

— Isso se chama leitura de conforto. Se eu não conseguir ler nenhum desses, vou reler este aqui. — Ele joga o livro em sua mão esquerda na bolsa e coloca o outro de volta em sua estante de livros. — Muito bem, estou pronto para ir.

— Já estava na hora. Vamos embora. — Saio de seu quarto e desço as escadas.

Saint bufa, seguindo atrás de mim.

— O quê?

— Então, você e a Lola vão continuar com essas preliminares estranhas ou vocês vão oficializar a relação?

— Não há preliminares estranhas.

Saímos de casa, trancamos a porta e entramos no Uber.

— O vai-e-vem dos olhos é insano. E não me faça começar com os toques *não* tão sutis. Você deixa tão dolorosamente óbvio que a quer, que não sei por que não vai logo atrás dela.

— Não sei do que você está falando.

— Então, vamos fingir que você não ameaçou nos afogar enquanto dormíamos se verificássemos a Lola? Ou que você *acidentalmente* perdeu as chaves do carro do Quiton porque o ouviu falando sobre a bunda da Lola? Aas quais ele ainda está

procurando. — Ele segura o telefone, mostrando-me as mensagens de texto que Q enviou no chat em grupo da equipe, perguntando se alguém viu as chaves do carro dele.

Meus colegas de equipe não estavam apenas olhando para ela, mas também falando sobre sua bunda.

Não posso culpá-los, porque Lola tem uma bunda de tirar o fôlego. Sei que isso parece errado, mas ela tem o tipo de bunda pela qual as pessoas quebram o pescoço. Eu saberia, eu já fiz isso, já vi pessoas aleatórias fazerem isso e já vi meus amigos fazerem isso. É sempre tão rápido que eles acham que eu não noto, mas noto.

Não posso controlar o que as pessoas pensam ou dizem sobre ela, mas me recuso a ouvir ou ver isso. Portanto, se eu precisar ser mesquinho para transmitir meu ponto de vista, serei. Também não sou uma pessoa violenta, mas se for necessário, não hesitarei em bater em alguém.

— Talvez ele não devesse estar falando demais. — Dou de ombros.

Os cantos de sua boca se contraem. — Onde?

— Na arena.

Eu poderia ter sido um idiota e acidentalmente jogá-las no lixo, mas acidentalmente as joguei do outro lado da arena. Não tenho certeza de onde elas caíram, mas estão lá em cima em algum lugar. Há apenas vinte e um mil, duzentos e oitenta assentos. Ele as encontrará.

— Você não pode me dizer que estou vendo coisas.

— Você não está vendo isso. — Meu coração acelera, avisando-me que está bombeando mais do que deveria. Se isso não for aviso suficiente para parar de falar, as palmas das minhas mãos ficam molhadas. Por alguma razão, não consigo impedir que o resto das palavras saia de minha boca como uma represa rompida. — Eu gosto dela. Muito. E não é só querer. Eu preciso dela. De tudo que ela é. Tudo o que ela tem, eu quero. Mas o problema é que acho que ela não quer o que eu quero. Toda vez que tento falar sobre nós, ela me afasta. Como se não conseguisse suportar a ideia de estar comigo.

Isso parece um soco no meu estômago, tirando todo o ar de mim com a terrível verdade de que ela não está interessada em mim tanto quanto eu estou nela.

Não sei quando tudo aconteceu, quando me apaixonei tanto por ela, mas tudo o que sei é que *quero* ficar com Lola.

— Hmm... — ele murmura.

— Hmm o quê?

— Apenas fale com ela.

— Você não ouviu a parte em que eu disse...

Ele me dá um tapa na testa. — Que diabos há de errado com você?

— O quê? — Dou um tapa em sua mão.

— Você sempre foi muito convencido e cheio de si, não entendo por que está hesitando quando nem sequer conversou com ela.

Reflito sobre suas palavras. Debatendo sobre o que devo fazer. Sei o que quero, mas o medo de ser rejeitado é muito real. Sei que isso vai soar arrogante, mas nunca fui rejeitado. Tudo o que sempre quis, eu sempre tive. Não importa o que seja, eu sempre soube que, não importava o que acontecesse, eu conseguiria. Mas pela primeira vez, o medo da rejeição está me assustando, porque nunca quis nada ou ninguém tanto quanto quero a Lola.

Aquelas risadinhas suaves, os sorrisos contagiantes, as promessas do dedo médio, aqueles olhos cor de avelã que parecem a terra, as mãos delicadas cobertas de tinta e tudo o mais.

— O pior que ela poderia dizer é que não está interessada. — Ele sorri, levantando um ombro em um meio encolher de ombros.

Eu o encaro. — Isso é exatamente o que eu queria ouvir.

— Você precisa se preparar mentalmente para o caso de ela recusar você. E se ela recusar, use seu charme arrogante como a merda para fazer com que ela se apaixone por você.

— Você faz parecer que é tão simples assim. — Solto um suspiro pesado.

— Eu nunca disse que era.

— Você não estava brincando sobre a Lola morar tão longe. — Saint olha pela janela, na direção de onde viemos e depois para a casa da Lola. — Você está me dizendo que está dirigindo uma hora

para lá e para cá todos os dias? Como diabos você consegue fazer isso?

É cansativo, mas cada quilômetro vale a pena para ver as duas pessoas que se tornaram tão importantes em minha vida.

Saímos do Uber e vamos até a casa dela. — Eu simplesmente quero. Além disso, não tenho o direito de reclamar. Lola faz isso o tempo todo.

— Você deveria fazer com que ela viesse morar conosco. A Lola pode ficar com você, a Cara com o Jayden e a Daisy comigo — brinca ele, mexendo as sobrancelhas.

Sei que ele está apenas brincando, mas a piada alimenta uma ideia na minha cabeça. Mas eu a guardo no fundo da minha cabeça quando a porta se abre e ela sai.

Lola sai com uma mala, uma bolsa de livros presa no ombro, sua bolsa pendurada em outro ombro e Phoenix preso ao quadril, tudo isso enquanto segura um copo com canudinho, suas chaves e o telefone na outra mão.

Mesmo com tudo o que está carregando, ela ainda parece sem esforço e muito deslumbrante. Ela está usando uma jaqueta de veludo cotelê de tamanho grande, uma blusa regata preta por baixo que adere a ela como uma segunda pele, e está enfiada por baixo de jeans claro que abraça seus quadris e coxas tão bem. E toda a roupa foi combinado com Dr. Martens pretos.

Seus olhos se encontram com os meus, mas é apenas um breve momento antes de se fixarem em Saint.

Detesto que não estejam mais em mim, e detesto não querer nada mais do que puxá-la para os meus braços, mas não puxo. Permaneço enraizado em meu lugar, absorvendo-a.

— Ei, eu não sabia que você estava vindo. — Ela sorri, abraçando-o.

— Eu não estava, mas TJ não consegue suportar a ideia de ficar sem mim. Fiquei com pena de seu desespero e, infelizmente, aqui estou eu.

Ela abafa uma risada quando eu lhe dirijo um olhar não muito impressionado. — Você sabe que eu ainda posso mudar de ideia.

— Você me ama demais. Você não se atreveria.

— Estou tentado.

Ele revira os olhos, abaixando-se ao nível dos olhos de Phoenix, com um sorriso pateta nos lábios. — Ei, *Polpetta*.

— Ti! — Ele sorri animado. Eles se encontraram apenas algumas vezes, mas Phoenix já se sente muito à vontade com ele.

Saint parece surpreso. — Ti?

— Deixe-o em paz. Ele está tentando — eu digo. — Ei, ursinho. — Eu bagunço seu cabelo, batendo no nariz dele e do urso.

— Vamos trabalhar nisso. Você também terá que aprender italiano — ele afirma em um tom grave, como se meu filho devesse entender o que isso significa.

— Deixe-o aprender inglês primeiro, antes de tentarmos ensinar-lhe outro idioma. Ele mal entende o espanhol e cresceu em meio a ele — diz ela.

— Vamos dar um jeito nisso — diz ele, apesar de tudo, e arranca Phoenix do braço de Lola. — Ele realmente não se parece nada com você.

Ela faz beicinho, revirando os olhos, e eu tenho que desviar o olhar, porque imagens da mesma expressão em determinadas posições passam pela minha cabeça.

Não sei o que há de errado comigo. Faz tempo que não transo, mas estou aqui fantasiando coisas absurdas por causa de um beicinho e um revirar de olhos.

Saio da minha fantasia e pego o resto de suas coisas de suas mãos cheias.

— Obrigada. — Ela engole, e seu olhar se volta para minha mão sobre a dela. Fico esperando que ela a afaste, mas ela não o faz.

Tento impedir o pensamento, mas só consigo pensar em minha mão em sua garganta delicada.

Respirando fundo, afasto minha mão.

— É melhor irmos agora. Não queremos perder o voo. Meus pais vão me matar se não puderem conhecer seu neto hoje — digo enquanto nos dirigimos ao Uber. — Eles prometeram me deserdar se eu fizer alguma besteira.

Ela coloca uma mecha de seu cabelo ondulado atrás da orelha. — Eles estão animados, hein?

— Isso é um eufemismo. — Quando estamos fora do alcance dos ouvidos de Saint e Phoenix, agarro o pulso dela, impedindo-a de ir mais longe. — Estou muito feliz por você ter decidido ir.

— Bem, eu sei como seus pais estão animados para conhecer Phoenix.

Não perco a tristeza que permanece em sua voz e odeio o motivo por trás disso. Mas tento não ficar pensando nesses pedaços de merda.

— Quero dizer, estou feliz que meus pais vão conhecê-lo, mas quero dizer que *eu* estou muito feliz que você decidiu ir — reitero, certificando-me de que ela entenda o que estou tentando dizer. — Senti sua falta.

Seus olhos se arregalam um pouco, como se ela não acreditasse que eu disse isso. Eu também não acredito, mas não me arrependo.

Um pouco de silêncio se instala entre nós antes que um sorriso hesitante surja em seu rosto. — Eu, uh, também senti sua falta.

— Eu nunca estive na primeira classe antes. — Um sorriso satisfeito se estende pelo rosto de Lola.

Saint solta uma gargalhada. — Você mal tinha chegado lá antes de cair no sono.

— Consegui dormir cerca de três horas na noite passada, graças a ele. — Ela aperta Nix com mais força quando pegamos a escada rolante para descer.

— Sabe, fico feliz que vocês tenham tido um filho — Saint pondera, com os olhos flutuando entre mim e Lola e depois para o nosso filho. — *Agora,* mais do que nunca, eu vou estar seguro.

— Você sabe que eu e Lola usamos preservativo quando ela engravidou? — Eu arqueio uma sobrancelha, sorrindo enquanto o sorriso dele diminui e as bochechas de Lola ficam em um tom rosa brilhante.

Ele olha para nós com ar de mortificação. — Vocês não estão falando sério, estão?

— Oh, estou falando sério.

Ele arrasta os dedos pelo cabelo. — Porra.

— Linguagem — eu o aviso novamente. Eu estava fazendo isso desde que os pegamos.

— Vocês dois usaram preservativo e mesmo assim engravidaram?

— Mas eu não tomava anticoncepcional — acrescenta ela com um sorriso envergonhado.

Não tomava como no passado? O que significa que ela está fazendo isso agora... e provavelmente...

— Hmmm. — Ele parece pensativo e depois sorri maliciosamente. O tipo de sorriso que me diz que ele está prestes a fazer um comentário idiota. — Sabe... você realmente deveria levá-lo mais lá em casa. Os rapazes poderiam realmente usar isso como forma de controle de natalidade. Já imaginou o Jagger com um filho?

Eu rio, porque não consigo imaginar Jagger Spears com uma criança.

— Deveríamos arranjar uma garota para... — Uma voz familiar interrompe meu plano brilhante quando saímos da escada rolante.

Deparo-me com três pares de olhos familiares, mas nenhum deles está focado em mim. Eles estão focados no garotinho nos braços da Lola.

Meus pais explodiram meu telefone, lembrando-me de avisá-los assim que chegássemos. Eu disse a eles o horário em que chegaríamos, embora mamãe devesse saber, pois foi ela quem reservou os voos. É claro que ela disse: — E se o avião atrasar ou acontecer alguma coisa e não chegarmos no horário planejado?

Encontramos meus pais no meio, e quando coloco minha mão na parte inferior de suas costas novamente, todo o corpo de Lola fica rígido.

Eu me inclino e sussurro só para ela: — Vai dar tudo certo. Eu não traria você aqui se não tivesse certeza.

Ela não olha para mim, mas vejo seus lábios se erguerem ligeiramente.

— Estou muito feliz por vocês estarem finalmente aqui. — Minha mãe abre os braços e os envolve em mim, depois se afasta e abraça Saint em seguida.

— Desculpe, foi tudo de última hora. TJ insistiu para que eu viesse — diz ele, com a voz insegura.

— Não, estamos felizes por você ter vindo. — A voz da minha mãe é suave e carinhosa, apertando-o um pouco mais antes de finalmente soltá-lo. — Você é bem-vindo sempre que quiser.

— Estamos felizes em recebê-lo. Nunca hesite em vir. Não precisa nem pedir — garante meu pai, dando-lhe um tapinha nas costas.

Saint acena com a cabeça, seu sorriso é apertado e desajeitado, mas depois se torna mais suave e descontraído.

— Lola. — Minha mãe coloca as mãos na frente do peito e olha para Phoenix, que está com a bochecha firmemente pressionada contra o peito dela, olhando para todos com curiosidade. — Muito obrigada por terem vindo — diz ela em voz baixa, com a emoção em sua voz.

Um sorriso pequeno e apreensivo se forma em seus lábios. — Obrigada por me convidar. *A nós*.

Há um momento de silêncio em que ninguém diz nada. Sei que eles têm muito a dizer, muito a perguntar, mas não sabem por onde começar.

Vejo uma onda de emoções passar pelos olhos do meu pai, mas sei que ele não vai agir de acordo com elas. Não da mesma forma que minha mãe, pois seus olhos estão lacrimejando e sei que ela está louca para abraçá-lo. Até mesmo meu pai parece querer se aproximar dele, mas ambos hesitam em seu lugar. Tenho certeza de que eles não querem se aproximar ou deixá-lo desconfortável.

— Jesus, os genes Kingston são fortes. — Hazel quebra o silêncio, dando um passo à frente. — É bom finalmente conhecer

você. Posso ver por que meu irmão a engravidou. — Ela olha para Lola da cabeça aos pés.

— Hazel! — Mamãe e papai repreendem.

— O quê? — Ela sorri inocentemente, levantando as mãos. — Só estou sendo honesta. — Ela olha para Saint em busca de apoio, mas eu o encaro. Seus lábios se achatam, mas sua bochecha se contrai.

— Espero que todos estejam com fome. — Meu pai muda a conversa. — TJ encontrou um restaurante mexicano não muito longe daqui onde podemos comer.

— Eu sei o quanto você gosta de comida mexicana. Espero que ela não decepcione.

A apreensão diminui e um leve sorriso toma conta de seu rosto. — Tenho certeza de que não vai.

Respiro aliviado, sentindo a rigidez em suas costas e a tensão diminuírem.

CAPÍTULO 41

lola

Não consigo dormir.

Fechei os olhos mil vezes, contei até vinte, coloquei música relaxante, respondi e-mails... até tomei outro banho escaldante achando que ia ajudar. Fiz de tudo, mas nada funciona. Continuo me revirando, na esperança de que o sono chegue de mansinho, mas esta noite ele decidiu que não quer vir.

Embora eu tenha certeza de que sim, se pudesse parar de me sentir culpada por temer minha decisão de vir para cá.

Comecei a me preparar mentalmente para o pior no momento em que concordei em vir com TJ. Fiquei esperando o inevitável, achando que eles seriam o oposto do que TJ fazia parecer. Foi só quando sentei com eles e começamos a conversar que percebi: eles não têm nada a ver com meus pais.

Sinto-me estúpida agora, ao supor que eles seriam como eles. Eles não estavam apenas interessados em conhecer Phoenix, mas também a mim. Perguntaram sobre a faculdade, meu trabalho, meu negócio e outras coisas. E nem uma única vez falaram sobre meus pais. Só posso supor que isso foi obra do TJ.

Mas não foram apenas suas palavras de bondade que me fizeram sentir assim.

Eles redecoraram um quarto inteiro só para o Phoenix. Parece literalmente um país das maravilhas do Ursinho Pooh, com algumas outras coisas pelas quais ele se apaixonou recentemente. Como Nemo, Bluey e basquete.

Quem se esforça tanto se não se importa?

Ainda há uma vozinha no fundo da minha cabeça, avisando-me para agir com cautela, caso tudo dê errado. É estúpido me sentir assim, porque meu filho não só parece estar se divertindo muito, mas posso dizer que ele se sente confortável. Tanto que ele quis dormir em seu quarto esta noite.

Isso partiu meu coração? Só um pouco, porque isso significa que ele está crescendo. É inevitável, mas fico muito emocionada ao pensar que um dia ele não precisará mais de mim.

Deixando de lado esse pensamento deprimente, outro pensamento que tentei afastar vem à tona.

O que eu sinto pelo TJ não é apenas uma infeliz paixão. E tenho que parar de mentir e dizer a mim mesma que não sinto falta dele, porque sinto, sinto mesmo.

Com ele mais presente, comecei a me acostumar com sua presença. Ele me compra café ao acaso, tenta fazer panquecas de mirtilo e outras comidas, ensina Phoenix a arremessar uma bola de basquete e fica acordado comigo, apesar de lutar todas as noites pela sua vida para ficar acordado até eu ir para a cama.

Criamos essa pequena rotina, e eu não percebi o quanto senti falta dela e dele até vê-lo novamente esta manhã.

Decidindo que não posso mais ficar deitada, porque vou literalmente enlouquecer em minha própria cabeça, pego meu telefone na mesa de cabeceira e vou até o quarto de Phoenix.

Quem poderia imaginar que eu estaria dizendo isso?

Sorrio com isso e abro a porta, mas paro na entrada. TJ está sentado na poltrona reclinável, com as pernas bem abertas, braços cruzados contra o peito e um iPad apoiado no braço da poltrona.

— Oi. — Aceno sem jeito, ainda enraizada em meu lugar.

Ele toca na tela, pausando o que está assistindo. — Não está conseguindo dormir?

— Não, e tentei de tudo. Achei que poderia vir aqui e fazer algum trabalho. — Entro, fico ao lado do berço de Phoenix e acaricio gentilmente a lateral de sua bochecha com a parte de trás dos meus dedos.

— Mesma coisa — Ele vira o iPad, mostrando-me uma imagem estática do último jogo que jogou no Las Vegas Invitational. — Resolvi vir *trabalhar* também. — Ele sorri, repetindo minhas palavras.

Eu sorrio, deixando cair minha mão. — Trabalhar?

— Estou procurando erros que cometi, coisas que funcionaram e que não funcionaram. E algumas outras coisas — explica ele.

Aceno com a cabeça, entendendo o que ele quer dizer. Observei Sebastian, o irmão de Daisy, fazer a mesma coisa – no beisebol e no futebol – quando morei com eles.

— Odeio admitir isso, mas você é muito bom.

— Odeia admitir isso? Apenas *muito bom*? — Ele suspira dramaticamente e levanta uma sobrancelha, exagerando nas palavras com uma falsa ofensa em sua voz.

— Achei que poderia ajudá-lo.

— Como assim?

— Tenho que fazer você ser humilde. Se eu não o fizer, você deixará seu grande ego subir à cabeça e não jogará tão bem quanto joga.

Percebo que ele está tentando manter a expressão estoica, mas vejo a contração no canto de seu lábio e o brilho que passa por seus olhos. — Uau, obrigado. Eu certamente me sinto humilde agora. Era exatamente o que eu precisava.

— De nada. Fico feliz por ter sido útil — falo.

O sorriso que ele estava tentando domar se espalha por seu rosto e ele solta uma risada discreta. — Talvez eu devesse parar de assistir a filmes e levar você comigo o tempo todo. Eu definitivamente estaria no topo do meu jogo se tivesse você para me humilhar o tempo todo.

— Não tenho certeza se seu treinador apreciaria meus serviços.

— Ele não apreciaria isso, mas *eu* sim.

Não perco o duplo sentido por trás da frase ou da maneira como seus olhos se aquecem ao me observar. É errado dizer que não odeio o modo como ele diz isso ou olha para mim? É errado dizer que consigo me imaginar fazendo coisas que provavelmente não deveria?

— Talvez me ter perto demais possa acabar com você.

— Ou ser a melhor coisa que já me aconteceu.

Meu coração para por um milésimo de segundo, mas depois se acelera. Ele vai muito rápido e sinto que vai sair do meu peito.

Meus lábios se separam, mas por algum motivo, não consigo dizer nada. Felizmente, TJ fala.

— Você assistiu ao jogo inteiro?

— Eu assisti e ouvi algo muito interessante.

Ele se inclina para trás, apoiando o cotovelo no braço da poltrona, e apoia o queixo nos nós dos dedos. — Ah, sim? O que você ouviu?

Dou um passo à frente, cruzando os braços sobre o peito. — Algo sobre os grandes benefícios dos pêssegos.

Sua bochecha se contrai. — Sabe, também ouvi a mesma coisa. Na verdade, comi um naquele dia antes do jogo. Realmente me deu um impulso e tudo mais.

— E tudo? — Eu sorrio.

— E tudo — ele confirma. Não dizemos nada além de sorrir um para o outro, deixando o silêncio se prolongar, mas depois de um tempo, ele se levanta. — Tenho pensado muito, e há algo que realmente quero desabafar.

— Sim?

TJ solta um suspiro, esfregando a nuca com a palma da mão. Ele... ele parece nervoso?

— Tenho pensado muito sobre nós e...

Ele cerra os lábios quando Phoenix se mexe em seu sono. Ele rola para o outro lado, murmurando algo enquanto o faz. Nós dois ficamos parados, com os olhos fixos nele, esperando com todas as fibras do nosso ser que ele não acorde, porque ambos sabemos que ele não voltará a dormir se acordar.

Quando ele para de se mexer e murmurar, soltamos um suspiro de alívio e olhamos um para o outro. Nenhum de nós precisa dizer em voz alta o que está pensando.

Vamos sair daqui antes que ele acorde.

Saímos lenta e silenciosamente do seu quarto, fechando a porta atrás de nós.

— Essa foi por pouco. — Eu dou uma risadinha discreta. — Então você estava dizendo?

— Eu, uh, você está com sono?

— Não, acho que estou mais acordada agora do que antes. Por quê?

— Como estão suas habilidades na sinuca?

— De jeito nenhum. Você mentiu para mim. — TJ está de boca aberta, sobrancelhas franzidas, expressão de descrença enquanto observa a bola 8 afundar suavemente na caçapa.

Tento parecer indiferente ao fato de ter vencido pela segunda vez, mas não consigo evitar o sorriso presunçoso em meu rosto. — Como assim?

TJ se senta na beirada da mesa, cruzando os braços contra o peito. — Perguntei como estavam suas habilidades na sinuca e você disse: *Sou boa, mas não sou tão boa assim.* — Ele repete minhas palavras, imitando minha voz. — Não, é claro que você não é *boa*. Você é ótima pra caralho.

Depois que saímos do quarto de Phoenix, TJ me trouxe para a casa da piscina. Aqui ele tem não apenas uma mesa de bilhar, mas também alguns outros jogos, uma pequena – nem sei se devo chamá-la assim, pois é quase do tamanho da cozinha da casa deles – cozinha e sala de estar. A casa minúscula é tão bonita quanto sua casa real.

É insano pensar que ele passou toda a sua vida aqui, vivendo sua melhor vida.

Eu zombo. — Não pareço ser assim, e essa é a verdade. Estou apenas bem.

— Bem, uma ova. Você me venceu duas vezes e isso nunca acontece.

— Eu não teria feito isso se você não tivesse sido tão fácil comigo.

— Eu não...

Eu o interrompo com um olhar fixo. — Sim, você foi.

Seus lábios se contraem, levantando as mãos em sinal de rendição. — Ok, então talvez tivesse no começo.

— Veja... espere, foi? Eu o derrotei duas vezes. Apenas admita que estava sendo brando comigo, para que possamos fazer isso novamente e eu possa vencê-lo de forma justa.

— Eu fiz isso. No início, fui brando com você, mas na segunda vez, não fui.

— Você é tão frustrante, sabia? — Eu cutuco sua barriga dura com a ponta do taco de bilhar, deixando resíduo de giz em sua camisa. — Apenas admita, ou tem medo de que eu o derrote novamente? — Arqueio uma sobrancelha, continuando a cutucá-lo até que ele coloque a mão em volta da parte superior do taco de bilhar e o segure firmemente no lugar.

A expressão despreocupada e brincalhona em seu rosto é substituída por uma séria, e seus olhos de uísque escurecem. — Confie em mim, você não quer que eu seja sincero, e terminei. Vamos jogar outra coisa.

Como sou teimosa, empurro o taco contra seu peito novamente. — Não, não quero jogar mais nada, não até que você seja honesto.

TJ crava os dentes no lábio inferior, balança a cabeça, soltando um suspiro áspero. — Tudo bem. — Desta vez, é ele quem puxa o taco para baixo do braço, puxando-me junto com ele. — Eu fui sincero quando disse que peguei leve com você na primeira rodada, mas na segunda vez eu me distraí. — Ele o puxa novamente e, mesmo assim, não faço nada para impedi-lo. — E como você não

quer nada além da verdade, não vou minimizar meus pensamentos.

Aceno com a cabeça, sem conseguir respirar devido à sensação de ar quente e denso.

— Eu estava distraído porque, toda vez que você se inclinava sobre a mesa, eu lutava para não olhar para sua bunda e ficar duro. — Seus olhos descem descaradamente pelo meu corpo antes de voltarem a subir. — Eu estava fazendo o melhor que podia para não imaginar como eu foderia você contra essa mesa de bilhar. — Ele puxa o taco até que não haja quase nenhum espaço entre nós.

Minhas mãos ficam escorregadias de suor e minhas coxas se contraem enquanto suas palavras pintam um quadro muito sujo em minha cabeça.

— Então, não, eu não estava sendo fácil com você. Eu estava muito distraído pensando nas muitas maneiras pelas quais gostaria de transar com você, Lola.

Meu rosto queima com a imagem que passa em minha cabeça e, de alguma forma, isso faz com que uma faísca se espalhe e um fogo irrompa por todo o meu corpo. Estou muito quente. Não consigo impedir que minhas coxas se apertem novamente enquanto meu clitóris lateja, mas ele só lateja com mais força.

Ele está em sua altura máxima, elevando-se sobre mim e, com um último puxão, o taco de bilhar escapa das minhas mãos. De longe, vejo-o colocá-lo sobre a mesa e ouço vagamente um leve estalo no chão antes do meu olhar se voltar para ele. TJ passa um braço em volta da minha cintura e o outro agarra minha nuca.

Meus pensamentos são tão caóticos, mas nunca tive tanta certeza quando duas palavras saem da minha boca em um sussurro apressado: — Mostre-me.

TJ não hesita, cola a boca na minha, passa a língua no meu lábio pedindo passagem e, quando cedo, ele me toma por completo e, assim que meus lábios se separam, ele enfia a língua dentro da minha boca. É áspero, desesperado e muito exigente. Eu me esforço para alcançá-lo, mas não consigo deixar de me deleitar com a necessidade.

Ele morde meu lábio, mas não consigo me concentrar na dor, porque meu corpo arde de necessidade e meus pensamentos se fixam em como ele parece contra mim. Estou muito consumida por ele, então me permito não pensar pela primeira vez enquanto ele me levanta. Envolvo minhas pernas em sua cintura e meus braços em seu pescoço. Ele nos vira e me senta em cima da mesa.

Ele me arrasta para a borda até que minha bunda esteja quase pendurada na mesa e me pressiona contra ele.

Eu gemo em sua boca enquanto sua ereção pressiona exatamente onde eu mais quero. Enfio os dedos em seus cabelos na nuca e me inclino descaradamente contra ele até que meu âmago se contraia de ansiedade. Minha mente fica confusa, quase entorpecida, quando ele segura minha bunda e a aperta com força, empurrando-me para mais perto do orgasmo iminente.

Eu ofego sem fôlego, com os olhos marejados, enquanto ele me ajuda a girar os quadris para aumentar a fricção.

— Não pare. — Sua voz é áspera contra meus lábios. — Não pare, porra.

Eu me contraio mais rápido contra ele, mordendo a parte interna da bochecha para conter os gemidos que ameaçam sair da minha boca.

— Deixe-me ouvi-la. — Não é uma pergunta, mas uma exigência. — Não se preocupe, eles não a ouvirão. Ninguém vai ouvir. Então, deixe-me ouvir, porra.

E, instintivamente, gemidos suaves escapam de meus lábios, mas isso não é suficiente para ele. Ele abaixa a cabeça e coloca a boca na lateral do meu pescoço, onde minha pulsação irregular está batendo. Ele lambe e mordisca minha pele aquecida, mas eu gemo alto, jogando a cabeça para trás enquanto ele morde e suga com força até que meus olhos rolem para trás.

Eu sinto isso. Estou tão perto, balançando em uma borda feliz, sem me importar se não vou voltar. Meus dedos dos pés se curvam e, quando estou prestes a me desfazer, TJ para de sugar, seus lábios pairam e um hálito quente se espalha sobre minha orelha.

— Você deveria ver como está molhada. Ensopada até o pescoço. — Ele aperta minha bunda com mais força, com a voz grossa e grave, como se estivesse fazendo o possível para se controlar. — Olhe para si mesma e veja o que eu faço com você, o que você faz comigo.

Lambo meus lábios secos, soltando um suspiro trêmulo enquanto olho para baixo. Com certeza, há uma mancha molhada no meio das minhas coxas, minha excitação encharcando a

calcinha e o material fino do meu pijama verde-oliva. Eu ficaria envergonhada, mas não tenho tempo de processar isso, porque meus olhos se fixam no contorno de seu pênis duro, que está na parte de baixo do pijama. Ele é enorme e grosso, pressionando-o contra ela.

A ereção dele empurra a área úmida entre minhas coxas, fazendo com que os choques elétricos subam até meu âmago. Quero olhar para ele, mas não consigo, porque estou pensando em como seríamos se não estivéssemos vestidos.

— Eu sei no que você está pensando.

Pisco para sair do torpor e levanto a cabeça para encontrar seus olhos escuros e encapuzados. — Eu-

— Mantenha seus olhos em nós.

Não discuto com ele e deixo meu olhar cair para nós, onde estamos separados apenas por um tecido fino.

— Olhe para você e como sua boceta carente implora para ser fodida — ele diz. Mesmo que eu quisesse negar, a mancha úmida entre minhas coxas cresce. — Você pode ver isso, não pode? Meu pau enchendo você.

— Sim — ofego, sentindo-me tonta com a sensação e o som inebriantes dele.

— Vamos, Peaches, mostre-me o quanto você quer ser fodida. Mostre-me o quanto *você* quer isso. — Eu gostaria de poder dizer que odeio o quão arrogante sua voz soa agora, mas ela tem o efeito oposto em meu corpo. Ele se desenvolve e queima com suas palavras e com o som profundo e rouco que elas têm.

— Por favor. — Fico chocada com o gemido gutural que sai dos meus lábios, ou com o fato de eu prender minhas pernas em sua cintura e não as soltar quando tenho sua ereção exatamente onde quero.

— Boa garota — ele geme em meu ouvido. — Agora goze.

Duas palavras, como o estalar de um dedo, fazem com que eu me solte. Estou me debatendo contra ele, gemendo e ofegando alto, implorando para que ele faça com que meu orgasmo nunca pare.

E, Deus, ele não para. Ele me segura firmemente contra ele, como se soubesse que manter a pressão sobre meu clitóris é tudo de que preciso para que ele não pare.

— TJ, por favor, não pare — imploro, encostando minha testa em seu peito.

Outra onda de prazer toma conta do meu corpo e, assim que a sinto, minhas pernas tremem e se desprendem, mas antes que elas caiam, ele agarra meus tornozelos e os prende no lugar.

— Você está se saindo muito bem. Não as solte. — Ele mantém a mão ainda nos meus tornozelos e a outra no meu quadril. Ele me mantém no lugar, observando-me enquanto eu gemo e me esfrego incansavelmente contra ele, até que vejo uma luz branca, brilhante e ofuscante quando um segundo orgasmo se abate sobre meu corpo.

— Oh, droga. — Eu fecho os olhos, cravando meus dedos em suas costas. Estremeço. Um arrepio quente percorre minha espinha e, apesar de eu finalmente ter me recuperado, TJ me segura. Como se ele soubesse que ainda pode me arrancar outro,

e tenho certeza de que pode, porque há uma leve pulsação entre minhas pernas.

— Lola? — ele diz depois que eu recupero o fôlego.

— Hmm?

— Você quer parar?

Fico esperando que a dúvida ou qualquer semelhança com o que senti no Halloween apareça, mas ela nunca aparece. Quando inclino minha cabeça para trás para olhar para ele, sinto-me confiante ao responder.

— Não.

CAPÍTULO 42

Tj

Eu nunca vi nada tão hipnotizante quanto o rosto da Lola agora. lábios inchados, bochechas coradas, olhos queimando de desejo. Parece um sonho – um daqueles que a gente tem medo de piscar e perder. Ela é um sonho que se tornou realidade e, apesar de tê-la aqui na minha frente, tudo parece irreal. Como se, se piscar, ela desaparecerá e eu acordarei.

— O quê? — Ela limpa a voz rouca, colocando atrás da orelha os fios de cabelo que escaparam do prendedor do rabo de cavalo.

As palavras *eu gosto de você* estão na ponta da língua, mas não é aqui que quero dizer a ela. A última coisa que quero é que ela pense que só estou contando a ela porque a coloquei nessa situação. Percebi que ela pensa demais e precisa de garantias.

Em vez de dizer o que queria dizer, eu me contento com: — Não quero que você pense que isso não significa nada.

Mantenho o discurso curto e simples, porque há muita coisa que preciso dizer, mas decido não fazer isso. Vou lhe contar, mas não hoje.

Engancho meus dedos sob o cós de sua calcinha, deslizando-os ao longo do tecido amassado. — Tem certeza de que não quer parar? Porque estou quase arrancando suas roupas e dobrando-a.

Ela se senta mais ereta. Seus braços em volta dos meus ombros se apertam. — Tenho certeza.

Essas duas palavras de confirmação são tudo de que preciso quando agarro a bainha da sua camisa. Mas antes que eu tenha a chance de puxá-la sobre sua cabeça, ela coloca a mão em cima da minha para me impedir.

— Não, não tire minha camisa.

— Ei. — Coloco meu dedo sob seu queixo, inclinando sua cabeça para trás para que eu possa ver aqueles olhos bonitos e terrosos. — Não faça isso.

— Eu só... — Ela sorri timidamente. — Confie em mim, é melhor deixá-la.

— E acredite em mim, é melhor tirarmos isso. Eu quero ver você inteira. Cada detalhe. Essas marcas não tiram nada – só provam o quanto você é incrível.

As sobrancelhas dela se erguem. — Isso não o incomoda?

Depois do Halloween, percebi por que ela abaixou rapidamente o vestido e notei que ela costuma colocar as mãos na frente da barriga.

— Incomoda? Lola. — Tiro minha mão da bainha e do queixo e seguro sua mandíbula com as duas mãos. — Você gerou nosso filho. Trouxe vida ao mundo. Essas marcas são só mais uma prova de como você é forte pra caralho. Por favor, pelo amor de Deus, nunca sinta que precisa se sentir envergonhada ou escondê-las de mim ou de qualquer outra pessoa. Elas são parte de algo lindo que você e eu criamos.

Algo em minha última declaração parece um déjà vu, e acho que ela também sente isso pela maneira como me olha. Não consigo identificar por que isso me parece tão familiar, mas não fico pensando nisso e me concentro na garota que me deixa louco.

— Se você não quiser tirar a camisa, entendo e respeito completamente sua decisão, mas espero que um dia você possa vir a gostar dessas linhas tanto quanto eu gosto delas.

Caramba, TJ, como você é suave. Burro.

— Ok. — Ela respira.

Deixo cair minhas mãos enquanto ela puxa lentamente a camisa por cima da cabeça e a deixa cair atrás dela sobre a mesa.

Um sorriso envergonhado curva seus lábios enquanto eu descaradamente arrasto meu olhar sobre sua parte superior quase nua. Deixo que ele se detenha nas linhas desbotadas que marcam sua pele de marfim-claro. Elas estão espalhadas por sua barriga, sem rumo. Algumas são pequenas e outras um pouco mais longas.

— Você é tão linda — digo suavemente, segurando sua cintura, e deixo a ponta do meu polegar percorrer sua pele com firmeza. — Nunca deixe que isso faça você se sentir menos bonita.

O sorriso envergonhado é substituído por outro um pouco mais confiante. A hesitação permanece em seus olhos, como se ela estivesse insegura, mas apesar disso, ela não impede que meus dedos errantes a toquem.

Paro, sem querer forçar muito, e volto minha atenção para o rosto dela, embora ela vacile ao ver seu peito se erguer.

Meu pau lateja dolorosamente enquanto olho para seus seios macios que quase saem do sutiã de renda fina que ela está usando. Nem tenho certeza se é um sutiã, mas isso não importa, porque estou colado em seus mamilos como pedrinhas e como eles estão se esforçando, implorando para sair.

— Quero gozar nesses seios — sai sem filtro, e nem tento voltar atrás. Segurando seu seio, aperto o botão entre meus dedos.

O gemido mais suave ecoa por toda a sala, e sei que ela está fazendo o máximo para não fazer barulho, preocupada com a possibilidade de alguém ouvir, mas sei que não ouvirão.

Aperto o mamilo com mais força, girando-o e puxando-o até que suas coxas estejam roçando, e vejo a mancha úmida entre suas coxas crescer.

Hmm.

— A ideia de gozar sobre seus peitos a excita? Ou a possibilidade de alguém nos flagrar? Ou é o fato de me ver brincando com você?

Ela morde o lábio quando outro gemido é emitido por eles e mantém os olhos em meus dedos enquanto eles se movem para o outro mamilo.

— Ou são as três coisas?

Paro meu ataque e agarro a renda, puxando-a para baixo com força até que seus seios se espalhem e caiam em um salto.

Arrepios circundam seus mamilos rosados e se espalham por seu peito.

Com os lábios, vou descendo, apimentando os beijos e mordiscando sua pele até chegar ao hematoma grande, redondo e rosa-arroxeado abaixo de sua mandíbula. Sei que ela vai me odiar quando vir isso, mas, meu Deus, como eu adoro isso. A cor é um grande contraste com seu tom de pele. Penso em cobrir seu corpo com mais, mas a última coisa que quero é que ela nunca mais me deixe fazer isso de novo, então continuo a descer. Lambo a linha de sua clavícula, apreciando a forma como seu corpo se contorce sob mim.

Quando chego ao topo de seu seio, olho para cima para ter certeza de que ela está olhando e, com certeza, ela está.

Eu sorrio ao ver como suas bochechas se aquecem como se ela estivesse envergonhada, mas ela não desvia o olhar.

— Para de me olhar assim. — Ela solta o ar, quase sem fôlego.

— Assim como? — provoco, já sabendo que não vou parar, arrastando minha língua para baixo da protuberância de seu seio, mas paro acima do botão apertado esperando para ser sugado.

Lola solta um suspiro. — Eu... eu não sei, mas apenas pare.

— Você sabe, diga.

Brinco com seu outro mamilo, beliscando-o, puxando-o, rolando-o entre os dedos enquanto arrasto a ponta da língua ao redor dele, apreciando como suas coxas se apertam novamente.

— TJ — ela insiste, empurrando o peito para fora.

— Peaches — eu provoco.

Seus dedos se enroscam em meu cabelo, puxando-o com força enquanto ela solta um suspiro irritado. — Como se você estivesse gostando muito disso.

Eu sibilo, estremecendo de dor enquanto ela puxa sem remorso, mas, droga, como é bom.

— Não consigo parar de olhar para você assim porque *estou* gostando demais. Nunca me peça para parar porque, enquanto eu puder vê-la assim, nunca vou parar de gostar. Não até que eu tenha memorizado cada centímetro de você.

Deixo que ela absorva minhas palavras antes de arrastar e girar minha língua sobre e ao redor de seu mamilo sensível. Repito o movimento várias vezes até que ela esteja ofegante e gemendo, e as respirações entrecortadas cheias de *sim, assim* ecoem.

Mas quando chupo com força e mordo, suas costas se curvam e o *sim* é substituído por *quero mais*...

— Mais? — Eu o solto, lambendo a lateral de seu peito, e o chupo com força até que o mesmo hematoma rosa-arroxeado esteja colorindo sua pele.

— Sim... me incline. — Sua súplica é tímida, pegando-me desprevenido, porque a expressão em seu rosto está longe de ser tímida.

Meu pau se sacode e sinto o pré-sêmen grudar na minha cueca, tornando desconfortável o movimento, mas todos os pensamentos acalorados são interrompidos por uma constatação desagradável.

— Eu não tenho preservativos.

— Está tudo bem, podemos parar. — O desapontamento está em sua voz.

Uma ideia perversa me vem à mente. Não sei como ela se sentirá em relação a isso, mas algo me diz que ela pode gostar.

— Você confia em mim?

Ela não hesita ao responder: — Sim.

Agarro seu cotovelo e a levanto, depois a giro e a prendo na mesa.

— Se quiser parar, é só falar. Aqui a gente só faz o que você quiser.

Olhando por cima do ombro, ela acena com a cabeça, e a ansiedade cresce em seus olhos escuros e dilatados.

Engancho meus dedos sob a faixa da calcinha e da calça do pijama e, em seguida, arrasto-as para baixo, deixando-as cair sobre seus pés.

— Porra — murmuro, engolindo com força ao ver a bunda dela. Os sonhos que sempre tive não são nada em comparação com o que ela parece agora. — Maldição, Lola. — Eu apalpo a bochecha de sua bunda antes de trazer minha mão de volta e dar um tapa forte. Eu gemo quando bato e ela grita, sentando-se, mas logo depois geme.

— Abra as pernas e apoie uma em cima da mesa. — O tom grave de minha voz me choca, porque estou muito animado para falar assim.

Ela chuta as roupas para o lado e, como instruí, levanta a perna, apoiando a parte interna do joelho em cima da mesa de bilhar.

— Agora se incline e me deixe ver como você está molhada.

Dou um passo para trás para gravar a imagem de Lola curvada, com a bunda para o alto e a boceta encharcada, exposta para mim e somente para mim.

Eu passo a mão sobre minha calça, esfregando-me. Não fiz nada, mas sei que, por mais frio que seja o chuveiro, nunca vou deixar de sentir tesão com a imagem de Lola assim. É realmente uma pena que eu não tenha minha câmera, não que isso importe, porque tenho certeza de que ela não me deixaria tirar fotos, mas as coisas que eu faria para poder fazer isso.

Largando minha mão, agarro seus quadris, apertando-os com força, e me ajoelho bem na frente dela. — Gostaria que você pudesse se ver. Sua boceta está tão molhada. Sei que vai encharcar meu rosto, e aposto que seu gosto vai ser muito bom.

Ela olha por cima do ombro. Seus olhos se encontram com os meus momentaneamente antes de se voltarem para os meus lábios.

Lanço um sorriso torto antes de voltar minha atenção para sua bunda. Arrasto as palmas das mãos até suas coxas grossas e as deslizo até os tendões. Eu os agarro, empurrando-a para cima até que ela fique na ponta dos pés.

— Fique assim mesmo.

Inspiro bruscamente, cerrando a mandíbula enquanto levo meus dedos à sua boceta. Ela está tão molhada que eles ficam escorregadios com sua excitação e a parte interna de suas coxas brilha e se cobre com ela.

— Mmmm... — Lola geme, e eu ouço levemente o estalar de seus dedos.

Deslizo meus dedos ao longo de sua fenda antes de afundá-los lentamente dentro dela. Quanto mais fundo eu os enfio, mais ela empurra a bunda e arqueia as costas.

Apesar de estar tão molhada, ela é tão apertada que posso sentir suas paredes se contraindo contra meus dedos. Só posso imaginar como seria bom se fosse meu pênis dentro dela.

— Você é tão apertada.

— Já faz algum tempo...

— Você quer dizer...

Levantando a cabeça, olho para ela, mas dessa vez ela não está olhando para mim.

— Eu não estive com ninguém depois de você. Quero dizer, já saí, mas... o que estou tentando dizer é que não tenho experiência. Podemos parar se você quiser.

Que se dane isso. Não sei de onde vem o súbito impulso de possessividade, mas não luto contra ele.

— Se eu disser alguma coisa agora, vou parecer um idiota possessivo.

Ela finalmente olha para mim, com as sobrancelhas franzidas. — Como o quê?

— Nada. — Empurro meus dedos mais fundo, mas mais devagar dessa vez. — Você não quer que eu diga o que estou pensando. Não quero nada mais do que saborear você.

— Eu quero saber o que você está pensando... ahhh — ela geme um pouco mais alto quando encontro seu clitóris com minha outra mão.

— Não quero que ninguém a veja assim. — Eu circundo o pequeno feixe de nervos e fico admirado com o quanto sua boceta aceita meus dedos. Imagino-me transando com ela por trás, vendo sua bunda balançar contra mim. — Eu *nunca* quero que ninguém a veja assim.

— Ohhh — ela geme, erguendo-se nas pontas dos pés enquanto suas coxas começam a tremer. — Por favor, não pare.

— Estou falando sério, Lola. — Aumento o ritmo, empurrando meus dedos para dentro e para fora, e quando ela começa a se contorcer, sua respiração se tornando irregular, enrolo meus dedos e os movo tipo tesoura dentro dela.

— Eu, meu Deus! — grita ela, com o orgasmo se manifestando. Ela tem espasmos, gemendo a plenos pulmões, enquanto eu continuo a foder sua boceta com os dedos. E quando sinto que ela está se recuperando, substituo meus dedos pela minha boca e mergulho minha língua dentro dela. Eu a devoro como se minha vida dependesse disso, enquanto acaricio seu clitóris com meu dedo repetidamente.

Eu gemo, deleitando-me com a maneira como ela cavalga meu rosto. Ela rebola a bunda, respondendo a cada investida, até que fica imóvel e seu corpo se contrai.

— TJ, TJ. — Meu nome sai voando de sua boca como uma oração de gritos e ela treme incontrolavelmente contra mim, seu clitóris pulsando ao acaso, as paredes se apertando ao redor da minha língua.

Suas pernas ainda estão trêmulas quando ela desce, e sua respiração é irregular. — TJ, estou muito... sensível — ela quase choraminga, com as pernas implorando para cair embaixo dela, mas eu agarro sua coxa, fazendo com que ela saiba que não vou deixar isso acontecer.

Retirando minha língua de dentro dela, tiro o dedo do clitóris e beijo a parte interna de sua coxa.

— Vamos lá, só mais um.

Com um último beijo, levo minha boca até seu clitóris inchado e alterno entre chupar e passar a língua sobre ele. Enquanto isso, uso minha outra mão livre para arrastá-la ao longo de suas dobras escorregadias, recolhendo um pouco de sua excitação em meus dedos. Quando sei que eles estão bons e molhados, eu os levo até sua bunda. Ela se enrijece e espero que me diga para não a tocar ali, mas ela não o faz.

Seu corpo estremece quando ela se inclina sobre meu rosto. — Isso... isso é bom. — É um sussurro manso, como se ela estivesse envergonhada de dizer isso.

— Sim? — eu grito, bebendo-a, apreciando o gosto doce dela e a sensação de seu traseiro apertado.

Faço um círculo com meu dedo ao redor dela e, quando ela não está muito tensa, enfio lentamente um dedo dentro dela.

— Porra — ela balança os quadris, gemendo e quase se sentando enquanto eu continuo a empurrar dentro dela.

— Estou quase lá. Você está se saindo muito bem, Lola — eu incentivo, cravando meus dedos em sua pele delicada.

Quando finalmente estou com os nós dos dedo bem fundos, eu o retiro e o enfio lentamente de novo, atraindo seu clitóris para minha boca novamente e sugando com força. Não demora muito para que ela goze novamente, sua bunda se fechando ao redor do meu dedo enquanto ela goza com força, chorando e implorando com palavras ininteligíveis.

— Oh, meu Deus — diz ela, e a perna que estava apoiada em cima da mesa se afrouxa.

Retirando meu dedo, lambo sua excitação dos lábios e me debruço sobre ela. Seus olhos estão fechados, os lábios entreabertos, como se ela ainda estivesse tentando recuperar o fôlego, e os cabelos grudados na testa úmida.

Sorrio, inclino-me sobre ela e beijo seu ombro nu. — Venha para a cama comigo.

Seus olhos se abrem e, lentamente, ela se levanta, ajeitando o sutiã no processo. — Você não quer que eu... — Seu olhar se volta para o meu pênis duro.

Não há nada que eu queira mais do que ver seus lábios inchados me envolvendo, mas posso ver o sono em seus olhos e o bocejo que ela está tentando abafar.

— Não se preocupe com isso. — Com certeza vou cuidar disso no chuveiro. — Então, você quer vir para a cama comigo?

— Você quer que eu durma no seu quarto?

— Sim. — Prendo a respiração enquanto lhe entrego a camisa de volta.

Já joguei para multidões que queriam me ver cair ou esperavam que pudéssemos ter outra vitória. Às vezes, fico um pouco ansioso, mas nada me deixa tão nervoso quanto esperar um *sim* dela agora.

Ela termina de se vestir e um sorriso pequeno e radiante toma conta de seu rosto. — Tudo bem.

— Vamos para a cama. — Pego sua mão na minha, entrelaçando nossos dedos.

CAPÍTULO 43

Lola

Não tenho ideia de que horas são, mas não me importo, porque este foi possivelmente o melhor sono que tive em algum tempo. Não me lembro da última vez em que não acordei me sentindo grogue ou desorientada.

Espere um pouco.

Meus alarmes não dispararam, e deveriam ter disparado, porque eu já os tinha programado.

Não é possível que eu tenha dormido durante todos os seis.

Ainda devo estar me recuperando do pós-orgasmo para ter dormido tão bem por algumas horas. Sem falar que o colchão do TJ é o mais confortável em que já dormi.

Essa constatação faz com que meus olhos se abram com a súbita lembrança de onde estou. Raios de sol atravessam o vidro, cobrindo todo o cômodo com luminosidade.

Quando dou um tapinha na lateral da cama, percebo que TJ não está deitado ao meu lado. Seu lado está bagunçado, mas vazio.

Ao me sentar, pego meu celular na mesa de cabeceira e meus olhos quase se arregalam quando vejo a hora: 11:10 da manhã.

Como consegui dormir depois dos meus alarmes? Oh, Deus, Phoenix!

Tirando o edredom do meu corpo, pulo da cama e saio do quarto de TJ. Antes de chegar ao quarto de Phoenix, esbarro em um peito macio, mas sou eu que quase caio no chão.

— Calma aí. — Uma mão macia envolve meu antebraço, estabilizando-me e mantendo-me no lugar antes que eu caia de bunda no chão. — Você está bem?

— Desculpe, eu não estava prestando atenção. — Eu me desculpo e olho para Hazel.

Ela não é tão alta quanto seu irmão, mas definitivamente é mais alta do que eu. Gostaria de salientar que tenho altura média de 1,65 m, apesar de minhas melhores amigas sempre lembrarem que sou a mais baixa do grupo.

— Está tudo bem, nenhum mal. — Ela acena com a mão em sinal de desprezo, um sorriso amigável curvando seus lábios antes de se tornar malicioso quando seus olhos se concentram em meu pescoço. — Hmm... você usa base? Ou talvez corretivo?

Eu sei que não sou a coisa mais bonita do mundo logo de manhã, mas caramba. — Uh... sim? Por quê?

— Bom. — Seus lábios se contraem, como se ela estivesse tentando domar seu sorriso. — Talvez você queira usar para cobrir — ela aponta para o meu pescoço — isso.

Minhas mãos imediatamente cobrem o local logo abaixo da minha mandíbula, onde a boca de TJ esteve na noite passada.

Meu rosto está quente, com o constrangimento se formando no fundo do meu estômago. Agora entendo seu comentário. — Eu, uh, isto é, nós...

— Não se preocupe, você não precisa se explicar para mim, e eu gostaria de não ouvir os detalhes.

— Certo, desculpe. — Meus lábios se apertam em um sorriso forçado.

Deus, apenas me leve agora.

— De qualquer forma, estou muito feliz por você ter vindo. Meus pais estavam um pouco preocupados, mas eu sabia que você viria.

— Sério?

— Sim, até o TJ estava um pouco preocupado, mas prometi que me comportaria da melhor maneira possível.

Eu sorrio, sentindo o constrangimento desaparecer.

— Por que você teve que prometer que se comportaria da melhor maneira possível?

— Porque tenho a tendência de dizer coisas que não deveria. Prometo que estou trabalhando nisso, mas às vezes não consigo me conter. — A malícia brilha em seus olhos. — O mundo seria entediante demais se eu não colocasse um pouco de caos nele.

Ela parece muito orgulhosa e um pouco arrogante em sua declaração, não deixando dúvidas de que é irmã de TJ. Além disso, ela tem os cachos castanho-escuros, olhos e altura.

Fico olhando para ela, divertida. — Às vezes, o caos é bom.

Ela me faz lembrar a Daisy, mas em uma versão muito mais alegre.

— Certo, obrigada por apreciar isso. Minha família nem sempre aprecia. — Ela estala a língua, revirando os olhos. — Sabe, dois anos atrás, eu sabia que você seria incrível, e provou-se que eu estava certa.

— Dois anos atrás? Mas nós não nos conhecíamos naquela época.

— TJ é uma criatura de hábitos. Ele gosta de dormir a vida toda, é arrogante só por ser e não tem senso de direção na cozinha.

Não tenho ideia de onde ela quer chegar com isso, mas ouço mesmo assim.

— Mas você deve ter causado uma ótima impressão, porque ele se esforçou muito por alguém que não conhecia. Ele sabia que ficaria de castigo, mesmo assim pegou o iate do papai sem permissão só para impressionar voc. Lembre-se de que o iate era novo em folha quando ele o pegou.

Imagens fracas daquele dia passam em minha cabeça. Não penso naquele dia há muito tempo, mas, de alguma forma, ele se passa em minha cabeça como um filme e é tão claro quanto o dia.

Está tudo bem. Só estou feliz por você não ter me deixado na mão.

Eu não faria isso com você. Estou muito envolvido e não posso voltar atrás agora, figurativa e literalmente falando.

Oh, meu Deus.

Ela interpreta meu silêncio como uma aprovação para continuar.

— E, para completar, ele vai e batiza a cama.

Abro a boca para falar, mas não sai nada.

— Não se preocupe, ele ficou de castigo por três semanas e tudo ficou bem. — Ela dá de ombros.

— Oh, meu Deus. Como vou olhar para seus pais agora? — Tento esconder meu pânico interno, mas ele escorre de mim como uma inundação incontrolável.

— Eles ficaram bravos no começo, mas isso não importa agora. Vocês lhes deram um neto. Foi um choque para todos nós, mas você deveria ver como eles ficaram felizes depois que passou o efeito. Especialmente mamãe. Ela exagerou nas compras para o Phoenix, mas acho que não se pode culpá-la. Ele é o único neto. Meu reinado como a mais nova acabou, mas não me importo com isso. Ele é muito fofo, e aquelas bochechas — diz ela.

Meu coração se contrai e murcha dolorosamente, sabendo que é isso que eu gostaria que meus pais tivessem feito.

— De qualquer forma, deixe-me calar a boca ou vou falar até cansar sua orelha. Se estiver procurando por TJ e Phoenix, eles estão na quadra jogando com Saint.

A tristeza diminui. — Há quanto tempo eles estão lá? Coloquei meu alarme, mas acho que dormi.

— Não muito tempo, talvez trinta minutos ou mais, e não tenho certeza de qual alarme você está falando, mas não ouvi nada.

— Você não ouviu todos os seis alarmes?

— Seis? — Ela fica boquiaberta, com uma expressão perplexa. — Não, não ouvi, mas se TJ perguntar, diga a ele que você acordou sozinha.

— Por que ele perguntaria isso?

— Porque eu costumo ser um pouco barulhenta e ele estava com medo de que eu acordasse você. De qualquer forma, vou me arrumar antes que o resto da família comece a aparecer. — Ela me dá um sorriso antes de caminhar na direção oposta ao quarto de TJ.

Em questão de segundos, ela desaparece, mas eu continuo parada em meu lugar, sentindo-me estupefata.

Sei que foi tudo no calor do momento, mas juro que vou matar TJ. Antes de me olhar no espelho, eu esperava algo pequeno e fraco em meu pescoço. Mas é o oposto disso. Está enorme, vermelho-vivo, e as marcas de seus dentes recortaram minha pele.

Nunca coloquei tanto corretivo em um só lugar e, mesmo assim, não foi suficiente para cobrir. Um pouco do vermelho passou pelo corretivo, e pequenas manchas incômodas ainda cobrem meu pescoço.

— Talvez eles não vejam. — É o que continuo dizendo a mim mesma enquanto me certifico de que meu cabelo está cobrindo a mancha.

Limpando as mãos úmidas em minha legging, caminho até a quadra onde todos estão.

TJ fez um tour comigo e Saint por sua casa ontem, mas já era bem tarde quando ele o fez. Agora que estou do lado de fora, em plena luz do dia, eu realmente observo o exterior, maravilhada com a grande piscina imaculada, as palmeiras, a grande mesa retangular que pode acomodar cerca de doze pessoas, a enorme fogueira que está enterrada no chão, uma quadra de basquete à esquerda e a casa da piscina à direita, ao lado dela.

Fico surpresa em saber que as pessoas vivem assim. Meus pais não eram ricos, por si só, mas tinham o suficiente para viver confortavelmente.

Sorrio com a visão que tenho diante de mim. Os pais de TJ estão sentados em um banco, torcendo por Phoenix enquanto ele corre com a minibola de basquete nas mãos até a rede em miniatura que eles compraram para ele. Saint finge bloqueá-lo e deixa que Phoenix o derrube. Ele cai sobre a borracha polimérica de forma dramática, segurando o nariz com uma das mãos enquanto a outra está com o punho no ar.

— Falta flagrante! Falta flagrante! Falta flagrante no *Polpetta*!

— Não é uma falta flagrante. Ele não tem culpa se você tropeçou em seus próprios pés — argumenta TJ.

Phoenix não se incomoda, corre para a cesta e, assim como TJ vem lhe mostrando, afunda a bola. Desde que TJ lhe mostrou isso, ele está obcecado em afundar a bola e nada mais.

Ele levanta os dois braços no ar, pulando para cima e para baixo, com seus cachos balançando junto com ele.

— Isso não conta. Ele deveria ser expulso. É melhor ele torcer para que meu nariz não esteja quebrado, ou eu o processarei. — Saint continua fingindo estar machucado enquanto geme alto e dramaticamente. — Vou me certificar de que vou pegar até o último biscoite de xarope de bordo e vou vender os ursos dele para pagar minha cirurgia.

— Venha cá, amigo. — TJ acena com a mão e Phoenix vai alegremente. Quando está ao lado dele, TJ se abaixa e faz sinal para que nosso filho acompanhe o que ele está fazendo. Os dois colocam as mãos em concha e as colocam atrás das orelhas.

Sei o que ele está fazendo porque já o vi fazer isso em jogos após uma vitória e uma vez perguntei a ele sobre isso. Com toda a arrogância do mundo, ele disse: — É um grande *foda-se* para todos que falam demais. Quero que eles saibam que estou ouvindo, mas não estou nem aí.

Um sorriso malicioso se abre nos lábios de TJ. — O que é isso? O que é isso? Não estamos nem aí! Você continua sendo uma droga!

Eu rio, observando Saint ficar de pé e correr atrás de Phoenix. É verdade que Saint está andando, porque um passo para ele é como dez passos para Phoenix.

Os olhos se voltam em minha direção, mas é TJ quem corre até mim. A cada passo, seu sorriso se alarga e quando ele finalmente

está na minha frente, cada segundo da noite passada se repete em minha cabeça.

Eu estava curvada em sua mesa de bilhar, enquanto sua língua e seus dedos estavam simultaneamente em mim. O que me faz lembrar.

— Tire esse sorriso do rosto — sussurro.

Seu sorriso diminui e seu olhar me observa com preocupação. — O que há de errado?

Levanto levemente o cabelo, mostrando-lhe o chupão. — Mas que diabos é isso? Como vou encarar seus pais com isso no meu pescoço?

Ele sorri de forma irritante. — Isso é um chupão. E relaxa, eles nem vão perceber. E se perceberem... não vão ligar.

Eu faço uma careta. — Pare de ser espertinho. Como você sabe que eles não vão se importar? Eles vão saber que algo aconteceu ontem à noite.

— E se eles souberem? Como eles acham que Phoenix foi trazido a este mundo?

—Nós... nós não estamos juntos. — Odeio o gosto amargo dessas palavras, mas é melhor dizê-las do que fingir que a noite passada significou mais do que só algo feito no calor do momento. — E eles sabem disso. O que estou tentando dizer é que...

— Você tem medo do que vão pensar de você — ele termina para mim.

Lanço meu olhar para baixo. É estúpido me preocupar com o que eles vão pensar, mas há uma dúvida que persiste na parte de trás da minha cabeça. E se eles mudarem de ideia a meu respeito? E se eles se revelarem como todo mundo? E se...

— Eu quis dizer o que disse ontem à noite. — TJ pega minha mão com a sua. — Eu lhe disse para não pensar que não significava nada porque...

— O que está acontecendo! Onde está meu sobrinho?

Uma voz alta vem de trás de nós, mas antes que eu possa me virar, TJ aperta minha mão, pedindo que eu olhe.

— Há algo que queria falar com você, mas prefiro não fazer isso aqui. Prometo que assim que tiver a oportunidade, eu direi. — Ele aperta minha mão uma última vez, soltando-a quando a voz alta se aproxima de nós.

— Prazer em conhecer a garota pela qual meu irmão ficou de castigo. — Um cara tão alto quanto TJ está ao lado dele, exibindo o mesmo sorriso malicioso que Hazel tinha antes.

Mesmo que ele não tivesse dito irmão, eu saberia que eles são parentes. Suas características são surpreendentemente familiares, com algumas diferenças.

— Ben, cale a boca — diz TJ.

Ben passa o braço em volta dele, colocando-o em uma chave de braço. Enquanto eles lutam, uma garota para na minha frente, e eu também a reconheço das fotos. Pele marrom-escura brilhante, um sorriso radiante e pernas que duram dias.

Posso ou não ter descoberto que ela é a esposa de Ben e que eles se conheceram por meio do basquete quando estavam na faculdade.

— Ei, eu sou Mariah, e aquele idiota ali é meu marido, Ben. — Ela aponta o polegar por cima do ombro, onde Ben está agora em uma chave de braço.

Eu sufoco uma risada, sorrindo para ela. — Ei, é um prazer conhecê-la. Eu sou...

— A primeira e única Lola. Ouvimos falar muito de você, e não me refiro às mídias sociais.

Eu a encaro com curiosidade, mas ela não explica. Ela apenas sorri para mim com doçura, como se eu devesse saber o que isso significa.

— Desculpe-me por isso. Eu tinha alguns assuntos pendentes com esse aqui. — O braço de Ben está em volta do ombro de TJ, bagunçando seu cabelo como se ele fosse uma criança.

TJ afasta a mão dele, sorrindo apesar do revirar dos olhos. — Não...

— Benjamin e Theodore — Charlotte bufa, caminhando em nossa direção junto com Phillip, Saint e Phoenix. — Não na frente da Lola! Deixe-a nos conhecer primeiro, ou ela nunca mais vai querer voltar.

Ben empurra TJ para fora do caminho e envolve sua mãe em um abraço. — Ela já se entrosou muito bem lá no iate.

— Benjamin! — Charlotte vai dar um tapa em seu ombro, mas ele se move bem a tempo.

Se meu rosto pudesse derreter devido ao calor, tenho certeza de que derreteria. E tenho certeza de que minha mandíbula se deslocou devido à força com que caiu no chão.

TJ mencionou que seu irmão não tinha filtro. Eu me preparei para isso, mas não o suficiente.

— Desculpe. Eu só precisava quebrar o gelo.

— Da mesma forma que você quebrou do papai...

— Não deveria ter sido assim a quebrar o gelo. Sinto muito, Lola — Ben imediatamente interrompe TJ, com um sorriso envergonhado no rosto enquanto Phillip estreita o olhar para ele. — Tudo bem, Arlo. — Ele dá a Saint um rápido aceno de cabeça antes de se abaixar um pouco na frente dele, segurando Phoenix. — Deixe-me dar uma olhada no meu sobrinho.

Phoenix agarra a camisa de Saint, cobrindo metade de seu rosto contra o peito dele, olhando timidamente para ele.

TJ agarra a parte de trás de sua camisa, puxando-o para trás. — Você está assustando meu filho com essa sua cara feia.

— Antes de mais nada, idiota...

— Linguagem! — todos dizem, menos eu.

TJ bate na parte de trás de sua cabeça. — Serão dez dólares no pote.

— Dez dólares? Para quê?

Mariah ri, balançando a cabeça. — Você é um idiota. Precisa ter cuidado com sua linguagem na frente dele. Não é verdade, homenzinho? — Ela se aproxima um pouco mais, mas deixa espaço suficiente para que ele não se sinta sobrecarregado. — Então pague para o bebê P.

Meu coração se aquece com esse apelido.

Phoenix dá uma olhada nela. Um sorriso pequeno e hesitante surge em seus lábios.

— Eu só ia dizer que não sou feio — ele murmura, saca a carteira e tira uma nota. — Eu só tenho uma nota de cinquenta.

— Isso serve. — TJ pega com cuidado da mão de seu irmão e o coloca no bolso de sua bermuda.

Ben não discute com ele e se inclina novamente na altura dos olhos de Phoenix. — Sinto muito, bebê P, e sinto muito por você ser tão parecido com seu pai. — Ele coloca o dedo indicador sob seu queixo, acariciando-o gentilmente. — Meu Deus, você tem as bochechas, os olhos e os cachos. Você tem certeza de que é mesmo a mãe? — Ele olha para mim, com um olhar cético.

— Ele se parece comigo — eu me defendo fracamente.

Todos olham para Phoenix, depois para mim, depois de volta para Phoenix e depois para TJ. Eles não precisam dizer nada para que eu saiba com quem eles acham que ele se parece.

—Talvez em outra vida ele até parecesse com você — diz Saint.

CAPÍTULO 44

Tj

— Ele é tão bonitinho — diz Hazel, juntando as mãos ao queixo.

— Ele é um Kingston, claro que é bonito — provoca Ben, com um orgulho debochado, tirando Hazel do caminho para poder olhar Phoenix mais de perto.

— Vocês podem calar a boca? Ele vai acordar — sussurro, empurrando os dois para longe do berço. — E eu juro que, se ele acordar, vocês dois ficarão acordados até que ele volte a dormir.

Há algumas horas, terminamos o jantar de Ação de Graças e, depois, jogamos bola com o Nix. Pouco tempo depois, ele começou a bocejar. Lola ia lhe dar banho e colocá-lo na cama, mas eu disse que cuidaria dele enquanto ela se preparava para dormir. Eu estava fazendo um bom trabalho, até que meus irmãos decidiram entrar e o rodearam como se ele fosse um animal de zoológico.

— Nós só o temos por mais um dia. Vou correr o risco. — Hazel dá de ombros, mas ainda mantém a distância, respeitando os limites.

— Olhe só para você, sendo um bom pai — brinca Ben, com a voz muito mais suave do que antes.

— Espero que sim.

— Ei. — Ben cutuca meu lado com o cotovelo, sem a provocação em sua voz. — Você é um bom pai. Não deixe que esses idiotas entrem em sua cabeça.

— Não se trata deles — respondo honestamente.

Sei que ele está falando dos otários online que vivem despejando merda sobre mim, mas não é com eles que me preocupo.

Estou mais confiante do que antes em relação às minhas habilidades como pai, mas ainda tenho medo de estragar tudo. A última coisa que quero fazer é decepcionar Lola e Phoenix. Essas são as únicas pessoas cujas opiniões importam.

— Então – oh... — Eu ouço o sorriso em sua voz sem olhar para ele. — Sei que *ela* também pensa assim.

— Espero que sim.

— Ela pensa. Se não pensasse assim+, ela não teria confiado em você para prepará-lo para dormir sozinho — acrescenta Hazel, ficando ao meu lado. — Confie em mim, ela pensa e nós também. Você é um bom pai, TJ. Estou muito orgulhosa de você. — Ela me envolve em um abraço.

— Acho que estamos fazendo isso, não é? — Ele passa os braços em volta de nós, apertando-nos com força.

— Olhe para nós, tão adoráveis. Se a mamãe vir isso, ela vai perder a cabeça. — Sorrio, esperando que isso possa mascarar as emoções que sinto me dominando.

— Oh, desculpe.

Viramos a cabeça na direção da porta. Lola está do lado de fora do quarto de Nix, sorrindo timidamente.

— Não se preocupe, estávamos apenas criando laços e tal — diz Ben casualmente, tirando os braços ao nosso redor, e Hazel faz o mesmo. — Mas estamos indo embora agora. Sei que vocês dois terão um dia cheio amanhã.

Olho de lado para Ben, dando-lhe um olhar de *que porra é essa.* E ele me lança um olhar de *merda, eu não sabia.*

Fiz planos para amanhã à tarde que Lola não tem a menor ideia, e pretendo continuar assim. Eu não tinha a intenção de deixar meus irmãos saberem, especialmente Hazel, mas eles ouviram papai e eu conversando. Eu não teria problemas em compartilhar esses planos se soubesse que eles poderiam manter a boca fechada. E não é que eu não confie neles, mas Ben fala demais só para me irritar, e Hazel acaba contando tudo quando fica animada.

— Eu quis dizer que Hazel vai arrastar você por toda Miami. Portanto, esteja preparada e use sapatos confortáveis, e não tenha medo de mandá-la calar a boca. Ela vai falar o que você quiser se você deixar — ele fornece rapidamente.

Hazel revira os olhos dramaticamente, fazendo o papel de ofendida. Felizmente, Lola não questiona o fato e acena com um sorriso.

— De qualquer forma, vamos embora antes de acordar o bebê P — diz Hazel, dando-me um rápido abraço de lado antes de se

aproximar de Lola. Enquanto elas se perdem na conversa, Ben dirige sua atenção para mim.

— Não consigo imaginar como isso tem sido difícil para você, mas você está fazendo um bom trabalho. — Suas palavras são sinceras e ele dá um tapinha no meu ombro, apertando-o com firmeza. — Fico feliz que você tenha se destacado. Poucas pessoas fazem isso, e eu não poderia estar mais orgulhoso de você.

Não há nada de brincalhão ou provocador em suas palavras, e isso me choca, mas de uma forma positiva.

Ben é a pessoa mais irreverente – além do Saint – que já conheci. É por isso que ele não seguiu os passos de meu pai e entrou para a NBA. Ele disse que seria cancelado antes de sua carreira começar, porque não sabe quando calar a boca. Ele também não gosta de *seguir regras*. Ele disse que isso não está em seu sangue. É por isso que ele é seu próprio patrão, trabalhando como instrutor particular de basquete para famílias extremamente ricas que estão dispostas a pagar centenas de dólares.

— Obrigado. — Eu sorrio para ele.

Ele me puxa para um abraço e sussurra: — Que se dane o mundo e que se dane quem pensa o contrário.

Aceno com a cabeça quando nos separamos.

— Tudo bem, boa noite para vocês dois. Divirtam-se amanhã e obrigado por se sacrificar pelo time. — Um brilho maroto acende nos olhos dele.

Não posso dizer que estou surpreso com o que sai da sua boca.

As sobrancelhas de Lola se franziram. — O quê?

— Você deu à mamãe o primeiro neto dela. Mariah e eu demos a ela um cachorro, mas o pobre Cash, nosso golden retriever, não foi suficiente — ele explica sombriamente, mas vejo a contração em sua bochecha quando ele sai do quarto e Lola entra. Olhando por cima do ombro, ele sorri, seus olhos se fixam no pescoço dela. — De qualquer forma, cuide-se. Tem algo no ar de Miami que faz as pessoas fazerem coisas... *selvagens.*

Os olhos de Lola se arregalam ligeiramente e suas bochechas ficam vermelhas.

— Bem-vinda à família, Lola. — Ele ri e se afasta.

— Seu irmão é outra coisa. — Ela fica em frente ao berço, acariciando gentilmente a bochecha de Nix com a parte de trás dos dedos.

— Esse é o Ben para você. — Fico ao lado dela, colocando minhas mãos em cima da grade ao lado das dela.

O vermelho em suas bochechas se torna um rosa fraco, e seu sorriso envergonhado se transforma em um sorriso mais suave. — Obrigada por colocá-lo na cama.

— Já disse para parar de me agradecer. Estou apenas cumprindo meus deveres de pai.

— Desculpe, força do hábito. — Seu cabelo úmido cai como uma cortina, cobrindo a lateral de seu rosto.

Levantando minha mão, coloco seu cabelo atrás da orelha. Eu deveria ter parado por aí, mas vejo o hematoma vermelho-escuro

que cobre a lateral de seu pescoço. Sinto-me satisfeito quando envolvo a parte de trás do pescoço dela com meus dedos e passo o polegar devagar sobre a marca.

— Venha para a cama comigo.

Sua pulsação bate em meu polegar. — Você quer que eu durma com você de novo?

— Sim. Quero que você durma comigo novamente — asseguro, minha voz baixa e rouca.

Ela volta o olhar para Nix, com os dedos tamborilando no balcão. — Não sei se isso seria uma boa ideia.

— Por que isso?

— Sua cama é muito confortável, e vou acabar dormindo demais de novo.

— Você não dormiu demais. Eu desliguei seus alarmes.

Suas sobrancelhas se erguem. — Você fez isso?

— Espero que esteja tudo bem. Achei que você gostaria de dormir até mais tarde. Sei que não pude ajudá-la muito, mas prometi que faria o melhor possível sempre que pudesse.

Tem sido difícil tentar ajudar a Lola com o Nix pela manhã porque, se não estou nos treinos de basquete, estou nos jogos fora de casa. Mas disse a mim mesmo que, assim que tivesse a chance, eu a ajudaria, mesmo que fosse necessário cada centímetro da minha força de vontade para me levantar.

— Obrigada. — Seus lábios se curvam para cima e ela os fecha quando eu ergo a sobrancelha.

— Se quiser me agradecer, pode vir para a cama comigo. — Tiro minha mão de seu pescoço e pego sua mão na minha, puxando-a para fora do quarto de Nix e guiando-a até o meu.

— Eu nunca concordei. — Lola tenta parecer séria, mas eu ouço a brincadeira em sua voz.

— Não, mas sua escova de dentes está no meu quarto, e minha cama é muito mais confortável do que a do quarto de hóspedes — digo, em vez de ressaltar que ela facilmente me deixou levá-la ao meu quarto. Ela não hesita nem me impede, e mesmo quando fecho a porta atrás de nós, ela mantém a mão na minha.

— E se seus pais descobrirem? Eles não vão ficar bravos?

— Não sei, depende... — Eu sorrio.

— Do quê?

Eu não deveria, mas realmente não consigo me conter. — Vamos só dormir... ou vamos fazer barulho?

Seu queixo cai e aquelas bochechas de marfim-claro ficam vermelhas. — Isso não é – nós não vamos – você é tão frustrante.

— Você continua dizendo isso, mas acho que não está falando sério. — Eu agarro seus quadris, levando-a para trás até que suas costas estejam pressionadas contra a parede.

— Estou falando sério. — Não há convicção em sua voz, apenas um tremor quando deslizo minha mão por baixo da calça e da calcinha do pijama dela. — Nós realmente não deveríamos fazer isso... não de novo... não aqui.

Seus olhos se arregalam, um pequeno gemido escapa de seus lábios enquanto eu arrasto dois dedos entre suas dobras, que ficam molhadas a cada passada.

Ela solta um suspiro, agarrando meu braço. — TJ...

— Sim? — falo, inclinando-me para beijar sua mandíbula enquanto meus dedos continuam a deslizar sobre ela.

— Deveríamos parar. — Suas unhas cravam em minha pele e ela abre as pernas, empurrando minha mão para baixo enquanto meus dedos a provocam.

Eu me deleito com seu suspiro trêmulo enquanto coloco meu dedo médio dentro dela. — Deveríamos, não deveríamos?

— Sim, nós realmente...

Uma batida suave na minha porta nos tira da névoa de luxúria, ainda assim, não movo meus dedos, ao contrário de Lola, que está tentando me afastar.

— TJ?

— Sim, mãe?

Olhando para ela, retiro um pouco o dedo e coloco outro. Sussurro: — Não faça barulho.

A mandíbula de Lola se contrai, suas unhas cravam ainda mais em meu braço enquanto eu bombeio lentamente para dentro e para fora.

— Vou dormir agora, mas só queria dizer que estou muito feliz por Phoenix e Lola terem vindo. Espero que seu irmão não tenha impedido Lola de vir novamente.

— Não, mãe, tenho certeza de que a Lola *vai vir* de novo. — Retiro meus dedos e os enfio de volta, batendo a palma da mão com força em seu clitóris. Suas coxas se contraem, apertando minha mão enquanto seus lábios se separam. O mais fraco suspiro consegue sair de sua boca antes que eu a cubra com minha outra mão livre. — Shhh — eu digo suavemente, dando um beijo em sua testa antes de fazer isso novamente.

— Ótimo — responde ela, parecendo satisfeita com minha resposta. — Vou para a cama agora. Boa noite, Teddy. Eu amo você.

— Boa noite, mãe, também amo você.

Deixo minha mão cair quando o som de seus passos desaparece.

— Então, onde estávamos?

— Não posso acreditar... — ela geme, apertando os olhos com força enquanto eu acelero o movimento. — Não acredito que você fez isso. Precisamos parar ou... — ela geme. — Ou eles vão nos ouvir.

Enfio dois dedos em sua boca enquanto coloco meus dedos tipo tesoura dentro dela. — Problema resolvido. Agora chupe e fique quieta, ou como você disse — eu me inclino e meus lábios pairam sobre a concha de sua orelha, sussurrando: — eles vão nos ouvir.

Ouço sua respiração aguda e, por um momento, acho que ela vai me afastar, mas ela suga meus dedos mais profundamente em sua boca e tenta passar a língua ao redor deles. Percebo como isso é uma péssima ideia, porque agora estou extremamente duro. Meu

pau está latejando, pressionando contra minha cueca e meu suéter, querendo nada mais do que ser tirado para fora.

Parece que vou tomar outro banho frio hoje à noite.

Afastando esse pensamento, eu me concentro em Lola e em como ela se torna carente, enquanto se agarra à minha mão e chupa meus dedos mais rapidamente.

— Você está indo tão bem. Chupando meus dedos assim, como se fossem o meu pau. — Sua boceta se aperta ao redor dos meus dedos e juro que ela fica mais molhada, e ela se move mais rápido, incentivando-me com a outra mão a fodê-la mais rápido.

Ela choraminga, murmurando algo que soa como *por que* contra meus dedos quando eu me afasto ligeiramente.

— Respire fundo para mim — eu ordeno e, sem hesitar, ela o faz, e eu coloco um terceiro dedo dentro dela. — É por isso. — Beijo sua têmpora, apreciando os sons distorcidos que se misturam aos seus gemidos quando ela abaixa a cabeça em meu peito.

Ela fica parada e tensa, gemendo enquanto enfio meus dedos mais fundo dentro dela. Ela é tão apertada que sua boceta se aperta a cada investida e, quando estou com os nós dos dedos bem fundo, ela pulsa ao redor deles. Mas, caramba, sua boceta se estica e fica mais escorregadia.

— Vamos, chupe — digo, enfiando meus dedos mais fundo em sua garganta até que ela engasgue. Demora um segundo, mas depois que ela recupera o fôlego, passa a língua em volta dos meus dedos e os chupa. — Agora cavalgue minha mão, Lola.

Ela olha para cima, com os olhos pesados e atordoados. É preciso todo o meu autocontrole para não remover meus dedos e fodê-la contra a parede, porque ver sua boca e sua boceta cheias com meus dedos alterou o estado da minha química de foda.

Nada será tão hipnotizante quanto ter Lola à minha mercê.

— Venha cá. — Rapidamente, retiro meus dedos e a arrasto para nossa cama.

— O que você está fazendo?

Se não posso fazer com que ela monte em meu pênis, então meu rosto serve. — Sente-se em meu rosto — digo.

— Você quer que eu...

— Sim, a menos que você não esteja de acordo com isso. — Eu estou muito excitado. Meu pau está dolorosamente duro. Não pensei se ela se sentiria confortável o suficiente para fazer isso. — Desculpe-me, esqueça. Eu não estava...

— Tire suas roupas.

Não é uma pergunta, mas uma exigência, o que me causa uma reação de chicotada, pois essas quatro palavras me pegaram desprevenido. Ela se move de um pé para o outro. Um sorriso pequeno e hesitante surge em seus lábios, e os dedos tamborilam nervosamente ao seu lado.

— Pare de olhar para mim dessa forma. Só acho que é justo que eu retribua o favor.

— Você quer... — Tenho quase certeza de que fui para o céu, porque isso parece irreal, longe da realidade. Lola não pode estar

insinuando o que eu acho que ela está. — Tem certeza? Não está se sentindo...

Minha boca seca enquanto a vejo tirar a roupa. Ela está nua na minha frente e, apesar do vermelho carmesim que floresce em suas bochechas, a determinação em seu rosto não vacila.

— TJ, tire suas roupas.

Em um tempo recorde, estou nu.

— Cama, agora. — Ela lambe os lábios, com os dedos tamborilando na lateral da coxa.

Sem perguntas. Sem hesitação. Nada de *e se*.

Subo na cama, deito-me de costas e acompanho cada movimento dela como um falcão. Ela sobe na cama e eu respiro fundo, com o coração pronto para explodir, quando ela se posiciona de frente para mim e se inclina até que eu sinta seu hálito quente tocar a cabeça do meu pau.

Ainda estou preso em qualquer atordoamento em que ela tenha me puxado, até que ela passa sua língua quente e úmida pela costura e eu saio dele.

Luto contra a vontade de gemer e coloco meus braços sob suas pernas. Ajeito a bunda dela e abro as bochechas, mas paro quando ela me leva à boca, e as vibrações suaves de seus gemidos me deixam embriagado.

— Droga. — Reviro os olhos, soltando um suspiro áspero antes de prender sua boceta à minha boca e puxar seu clitóris pulsante para dentro da minha boca. Alterno entre chupar e passar a língua

nele, fazendo uma pausa enquanto ela me chupa. Estou lutando para me concentrar, pois a cada sucção, gemido e vibração, eu me perco.

Não sei bem como, mas consegui sair da névoa. Em uma longa e lânguida passada, arrasto minha língua pelo pequeno botão até a entrada de sua boceta e a enfio dentro dela.

Seu corpo se sacode, mas eu a mantenho no lugar enquanto a penetro rapidamente, saboreando-a, banqueteando-me com seu sabor. Ela rebola fervorosamente os quadris, balbuciando murmúrios incoerentes em meu pênis, e então ela para, com as costas arqueadas. Ela se senta enquanto sua boceta se convulsiona contra minha língua.

Paro o que estou fazendo quando ouço o mais leve grito sair de seus lábios. Passo uma mão de sua perna para suas costas e a empurro de volta para baixo.

— Coloque sua boca no meu pau, baby.

Seu corpo tenso treme incontrolavelmente, e pequenos miados saem de sua boca de vez em quando.

— Lola, baby, chupe.

Lambo a parte interna de sua coxa e, no mesmo local, mordo-a até ela ofegar. Isso consegue tirá-la do sério e ela me leva à boca, chupando-me até que eu sinta sua saliva escorrer pelas minhas bolas.

— Assim mesmo. — Solto um suspiro áspero enquanto ela trabalha em mim. As suaves sucções de sua boca se misturam com seus gemidos, arrastando-me de volta à névoa.

Cerro os dentes, forçando-me a me concentrar nela novamente. Preguiçosa e lentamente, eu a lambo até o cu. Ela fica tensa e se senta. Nossos olhos se fixam quando ela olha por cima do ombro para mim.

— Você quer que eu pare?

Ela puxa o lábio inferior entre os dentes e balança a cabeça.

— Você quer assistir?

— Sim.

Afasto ainda mais suas bochechas e, com os olhos fixos um no outro, eu a lambo. A cada lambida, sua bunda pulsa em minha língua enquanto ela rola lentamente os quadris. Ela suspira suavemente, sussurrando palavras indiscerníveis, e inclina a cabeça para trás, com os cabelos balançando contra as costas.

Não tenho certeza do que me deixa mais desesperado: gozar ou ter os olhos dela em mim. E, de alguma forma, ela deve ter lido minha mente, porque olha para mim uma última vez antes de se abaixar e continuar de onde parou.

Ela passa a língua em volta do meu pau e, quando o sinto completamente imerso em sua saliva, ela o puxa para dentro da boca e me chupa.

Tento me concentrar nela, mas não consigo mais, porque meu corpo fica tenso e meu pau incha. Sinto como se um fio elétrico tivesse me detonado. Cada fibra em mim explode como fogos de artifício e eu gozo com força dentro da sua boca.

Inclino a cabeça para trás, apertando minha mandíbula com força. Agarro os quadris dela até sair da euforia que se espalha continuamente pelo meu corpo.

Não sei quanto tempo dura, mas quando finalmente paro, estou exausto e me sinto tonto.

— Uau. — Limpo minha garganta, soprando um fôlego irregular enquanto Lola se deita ao meu lado. Algumas gotas de esperma permanecem em seu queixo.

— Tudo bem?

Eu as limpo com meu polegar. — Tudo bem? Não consigo nem começar a descrever como isso foi fenomenal.

Ela sorri, sem dizer mais nada, e, como na noite passada, estendo meu braço e ela se aconchega em mim.

— Boa noite, Peaches. — Beijo o topo de sua cabeça e puxo o edredom sobre nossos corpos nus.

— Não posso acreditar que estamos aqui novamente. — Olhos quentes e terrosos percorrem lentamente o iate, absorvendo o exterior antes de se voltarem para o oceano.

A água azul, antes límpida, agora é um espelho do céu. Vermelho ardente, laranja profundo e um dourado vibrante parecem ter sido jogados no céu de forma caótica e meticulosa. Parece que alguém começou a misturar as cores de forma tão bela, mas no final terminou a pintura em um frenesi.

Isso me faz lembrar da pintura que Lola e eu vimos no museu há dois anos.

Apesar do estado do céu, ainda é hipnótico ver como as cores se misturam com a água. Se não fosse pelo sol se pondo no horizonte, iluminando a última parte do dia antes de desaparecer pelas próximas horas, seria difícil dizer onde o céu e o mar se encontram.

De pé na proa do iate, ela se inclina sobre a grade, segurando o copo de café que paramos para comprar antes de virmos para cá, junto ao peito. Fico olhando, hipnotizado, enquanto os cantos de seus lábios se erguem lentamente. Ela não disse nada, mas posso ver o flashback em sua mente, como acontece comigo.

— Então somos só nós? — pergunta ela, com os olhos ainda fixos no mar.

— Só nós.

Não tenho certeza se isso é exagero, se eu deveria estar fazendo mais ou se está tudo bem, mas achei que o melhor lugar para falar com Lola é onde tudo começou. Apenas Phoenix, ela e eu. É verdade que Nix está dormindo no quarto, exausto depois que Hazel deu a eles e a Saint um tour por Miami. O que não me incomoda em nada. Quero a atenção completa e integral da Lola em mim.

— Você não o pegou sem permissão dessa vez, não é? — Ela toma um gole de sua bebida, seu sorriso se esconde atrás do copo.

É claro que Hazel deixaria escapar sobre isso, e agora não apenas Lola sabe, mas Saint também.

— Desta vez, não, mesmo que eu tivesse feito isso, teria sido por uma ótima causa.

— Uma ótima causa?

— A primeira vez que peguei foi porque estava tentando impressionar minha namorada.

— Sua namorada... ficou impressionada?

— Eu gostaria de acreditar que sim. — Olho fixamente para a pulseira enrolada em meu pulso e respiro fundo, inalando o ar salgado. Sinto-me reconfortado e tranquilo com o sentimento nostálgico desse momento. — Talvez seja isso que eu esteja tentando fazer, novamente.

A mão dela congela no ar, o copo de café a apenas alguns centímetros de distância dos lábios entreabertos. — E o que é isso?

Respiro fundo e tudo fica parado.

— Tenho pensado muito, tentando descobrir como colocar meus pensamentos em palavras. Para ser sincero, tenho medo de estragar tudo, porque ainda não descobri como quero dizer como me sinto sem parecer estúpido.

O choque em seu rosto diminui, mas ela não diz nada e eu tomo isso como minha deixa para continuar.

— Eu... — Faço uma pausa, pensando no que quero dizer, porque o que quer que saia da minha boca vai soar piegas ou insuficiente. Que se dane. — Penso muito em você. Tanto que você se consolidou permanentemente em meus sonhos e pensamentos.

Penso tanto em você que isso provavelmente já passou do limite do saudável, porque me torno obcecado em ter toda a sua atenção.

Respire, idiota. Respire.

— Odeio quando você dá qualquer fração de sua atenção a qualquer cara, enquanto eu a busco desesperadamente o tempo todo. Odeio quando eles flertam e olham para você como se tivessem uma chance com você. Isso me irrita, Lola. Não consigo passar mais um dia olhando para você e não cair ainda mais. Todo dia eu caio, e juro que tentei parar. — Ansiosamente, passo os dedos pelo cabelo, odiando como eles tremem e minha respiração parece difícil. *Respire.* — Tentei controlar o que sinto, porque às vezes é demais e meu coração fica muito apertado. Mas isso é estúpido e eu deveria saber que lutar contra o inevitável é inútil. Gosto muito de você e não posso parar de sentir o que sinto por você, a menos que você me diga para parar.

Mesmo assim, não tenho certeza se seria capaz de fazê-lo.

Lola é a própria encarnação de um pôr do sol. Algo que você sempre espera ansiosamente, mesmo sabendo que ele aparecerá todos os dias, mais ou menos na mesma hora. Porque você sabe que não será sempre com as mesmas cores. Às vezes, você tem um céu de algodão-doce que traz paz à sua mente e, às vezes, um céu ardente que incendeia sua alma. E, às vezes, em dias especiais, você tem uma coalescência de ambos.

Lola me olha fixamente, sem piscar, como se não estivesse entendendo minhas palavras ou a realidade. Seu copo agora está pendurado na mão ao seu lado.

— Por favor, diga alguma coisa.

Ela engole com dificuldade. E então olha para mim com uma expressão que conheço muito bem e meu estômago afunda.

— Desculpe-me, mas eu...

— Você não se sente da mesma forma. — Meu coração se aperta dolorosamente em meu peito, mas suporto e coloco um sorriso no rosto.

— TJ-

— Não, está tudo bem. Eu só queria contar como...

— Você pode calar a boca e ouvir? — Ela faz uma careta, mas vejo um leve tom de vermelho em suas bochechas. Então, percebo que ela tamborila os dedos seu copo e solta um suspiro trêmulo. — Eu não queria admitir isso porque me assusta, para ser sincera, mas eu também gosto muito de você.

Prendo a respiração, esperando pelo *mas*, apesar de estar me sentindo muito feliz no momento.

— Mas você e eu sabemos que isso não vai funcionar.

— O que faz você pensar isso? Nós nem sequer tentamos. Por que você é tão rápida em encerrar o assunto? — Minhas palavras saem muito rápido da minha boca. Eu deveria estar envergonhado por parecer tão desesperado, mas não consigo me importar.

— Simplesmente não daria. — Sua voz é baixa e cheia de desconforto. Seus olhos nem sequer encontram os meus.

— Não me venha com essa. Seja sincera. Sempre sou honesto com você — digo, querendo nada mais do que estender a mão e tocá-la, mas não o faço.

Ela olha para mim como se sentisse dor ao dizer isso. — Não estou procurando algo de curto prazo. Finalmente estou conseguindo a estabilidade de que preciso em minha vida, e não posso ficar com alguém que talvez não me dê isso.

Não sei o que eu esperava, mas não era isso. — Curto prazo? Você acha que eu quero curto prazo?

Um sorriso triste surge em seus lábios. — Por que nos iludirmos? Você vai embora no ano que vem, e eu vou ficar aqui. Estaremos a quilômetros de distância um do outro, e tenho certeza de que você conhecerá muitas pessoas pelo caminho.

Entendo suas palavras em alto e bom som. Ela acha que eu não seria fiel. Não sei se devo ficar chateado por ela não confiar em mim ou feliz por ela ter considerado a possibilidade de termos um relacionamento.

— Ao contrário do que você pensa, eu não me esforçaria para ficar com você se fosse trair. Posso ser muitas coisas, mas traidor não é uma delas. Sei que minhas palavras provavelmente não significam nada, mas juro que nunca machucaria você. — Dessa vez, dou um passo à frente, estendo minha mão para a dela e coloco meu dedo médio ao redor do seu. — Se não quiser acreditar na minha palavra, pode perguntar à minha última namorada sobre o tipo de homem que sou. Namoramos por três dias há cerca de dois anos, mas juro que fui o melhor namorado.

Sua bochecha se contrai, mas ainda assim ela olha para mim como se estivesse com dor, como se não soubesse o que fazer.

— Eu só quero ser *seu*, como quero que *você* seja minha. — Desespero sai da minha boca. — Não importa quantos quilômetros e pessoas estejam entre nós. Somos apenas você e eu. — Eu solto seu dedo, entrelaçando meus dedos entre os dela. — Dê-me uma chance e deixe-me provar isso a você. Por favor, Lola, por favor.

Ela respira fundo, acenando com a cabeça, e o sorriso triste se transforma em algo um pouco mais brilhante. — Ok, vou confiar em você.

Respire, idiota. — Sim?

— Sim. — O sorriso dela incendeia meu coração, e sei que esse fogo nunca vai apagar.

Há tanta coisa sobre a qual precisamos conversar, mas, por enquanto, eu a abraço com força, sabendo que nunca vou soltá-la.

CAPÍTULO 45

lola

— Sei que você preferia estar em qualquer outro lugar, mas valeu por vir.

A multidão está extremamente barulhenta, mas ainda consigo ouvir os *yeah, yeah* de Daisy.

Cara passa o braço em volta do ombro dela, com os lábios se esticando em um sorriso brincalhão. — Acalme-se. Sei que está animada, mas diminua um pouco o entusiasmo.

Eu rio do sarcasmo de Cara.

Viemos para o nosso primeiro jogo de basquete da NCU e Daisy não estava entusiasmada por estar aqui. Ela nunca se interessou o suficiente pelo jogo para entendê-lo. É por isso que ela nunca assistiu a um jogo. É por isso que ela nunca foi a um jogo, mas depois de implorar um pouco, ela cedeu e veio.

— É melhor que eles ganhem ou quero meu dinheiro de volta. — Ela tira um pedaço de fiapo inexistente de sua blusa azul-clara.

— Você não pagou sua entrada. — Bufo, ajustando os protetores de ouvido com cancelamento de ruído no Phoenix.

Os protetores de ouvido continuam caindo, porque ele está muito animado e fica pulando no meu colo. Ele está imerso no burburinho da multidão, na banda marcial, no mar de preto,

branco e azul-claro que representam a escola, nos dois mascotes cavaleiros e nas líderes de torcida.

— Não, mas eles vão ter que pagar uma taxa de aborrecimento por desperdiçar meu tempo — diz ela, num tom dramático.

— Ei, estou tão feliz por vocês terem vindo! — Gabby vibra, acenando para nós da quadra. Ela está em frente à fileira de cadeiras que foram colocadas para a equipe.

Graças à Gabby, conseguimos entrar sem pagar um centavo. Ela está trabalhando como estagiária de coordenação de mídia para a equipe, tirando fotos e carregando-as no Instagram e em outras contas de mídia social. Não sei ao certo como ela conseguiu os ingressos, mas tudo o que ela disse foi que ser estagiária e ter dois melhores amigos na equipe tem suas vantagens.

— Obrigada por nos conseguir os ingressos — respondo, retribuindo o sorriso. — Sei que foi tudo de última hora, mas...

— Não se preocupe com isso. A expressão no rosto do TJ vai valer a pena. Vocês estão tão bonitinhos. — Olhos castanhos brilhantes piscam para a camiseta que estou usando com o número do TJ antes de passar para o Nix, que está usando a mesma camiseta. — Posso tirar uma foto, por favor?

Antes de TJ e eu começarmos a namorar, eu havia pensado em ir a um jogo, mas meu horário de trabalho sempre batia com o horário do basquete. Isso foi até eu voltar de Miami há alguns dias e descobrir que não precisaria trabalhar hoje. Uma ideia levou a outra e agora estamos aqui.

Pedi ao Darius e ao Marcos que viessem, mas eles tiveram que trabalhar. Polly está aqui, mas ela está em um encontro com alguém. E Juls disse que o inferno tinha que congelar antes de ela botar os pés numa arena para ver o filho do capeta jogar. Palavras dela, não minhas.

Não disse ao TJ que viria porque queria fazer uma surpresa para ele, mas agora não consigo parar de pensar nisso. Começamos a namorar há poucos dias e agora estou aqui no jogo com a camisa dele. É estúpido que eu esteja pensando demais nisso, mas não consigo me conter.

— Sim. — Fico de pé, ajustando Nix no meu quadril, certificando-me de que a camiseta dele esteja à mostra para a câmera.

Ela tira algumas fotos e depois nos dá um sinal de positivo. — Tenho que ir, mas vocês são tão adoráveis.

Sorrio, acenando para ela se despedindo antes de entrar no túnel. Mas antes que eu possa me sentar, alguém bate em meu ombro.

Quando me viro, eu me deparo com quatro rostos sorridentes. Não sei muito sobre irmandades, mas sei que essas moças fazem parte delas. Elas usam orgulhosamente o broche com o símbolo grego de sua irmandade em suas blusas.

— Desculpe incomodá-la, mas você é a Lola? — pergunta uma das garotas.

— Uh, sim, eu sou a Lola. — Sorrio timidamente, fingindo que não ouvi uma das garotas sussurrar discretamente: — Eu falei — para a outra amiga.

— E ele é — seus olhos se voltam para Nix — o filho do TJ?

— Sim, ele é *nosso* filho.

É difícil avaliar suas expressões. Às vezes, consigo perceber quando alguém está sendo falso. Outras vezes, eles disfarçam tão bem que é difícil perceber.

Mas me sinto à vontade quando os cantos de seus lábios se erguem em sorrisos genuínos.

— Oh, meu Deus. — Todas elas começam a gritar e a cantar.

— Ele se parece muito com o TJ.

— Ele é tão bonito e tem cachos.

— E vocês dois ainda por cima vieram combinando com TJ. Ai, sério, isso é fofo demais!

Elas dizem mais algumas coisas até que finalmente vão embora, mas isso não é o fim. Outras pessoas, não apenas estudantes, passam por aqui e fazem as mesmas perguntas.

Você é a Lola?

Esse é o filho do TJ?

Assim que eu dizia que sim, eles falaram comigo como se eu fosse uma amiga perdida há muito tempo, com quem eles haviam perdido contato.

— Malditos *intrometidos* — murmura Daisy, enquanto um casal que falou comigo por mais tempo se afasta. — Você está bem?

Aceno com a cabeça, sentando-me e sentando Phoenix em meu colo. — Estou bem. Isso foi... foi muita coisa.

Eu achava que sabia o quanto TJ era popular, mas realmente subestimei isso. Ele não está nem perto de ser uma celebridade, mas é popular o suficiente.

— Não dê importância a elas. Você sabe que as pessoas adoram ser intrometidas — Cara fornece, revirando os olhos. — Esta é a primeira vez que você vem a um jogo com Phoenix. As garotas querem conhecer *a* pessoa que tirou do mercado o maior pegador da NCU, e os pais só querem algo para conversar.

Daisy sorri, levando a mão em punho aos lábios, fingindo que é um microfone. — Por favor, Lo, conte-me. Como é a sensação de ter o cara mais desejado do campus?

Ela aproxima sua mão de meus lábios, mas eu a afasto.

— Cale a boca. — Eu retraio um sorriso. — Você nunca vai deixar isso de lado, não é?

— Como ela pode? Nossa Louise vai para Miami solteira e volta com um namorado e um chupão. — Um sorriso malicioso aparece no rosto de Cara. — Lá se foi o fato de *não ter* sentimentos por ele. Ainda bem que vimos isso acontecer.

— Eu só...

— Nós sabemos. — Um sorriso compreensivo surge nos lábios de Daisy.

Às vezes, a dúvida persiste e eu me preocupo com os *e se*, mas me lembro do que TJ disse.

Eu não me esforçaria para ficar com você se fosse trair. Posso ser muitas coisas, mas traidor não é uma delas.

A voz do locutor me tira de meus pensamentos, mudando meu foco para os rapazes que saem correndo do túnel para a quadra.

A arena fica mais barulhenta e o público se descontrola, torcendo, batendo palmas e batendo os pés. Quando o locutor chama os nomes dos jogadores, eles se posicionam em frente às cadeiras alinhadas para eles.

Borboletas enlouquecidas percorrem meu estômago quando meus olhos encontram os do TJ. Eu o vi jogar na TV, mas estar fisicamente aqui e vê-lo em seu uniforme é diferente.

— Eles estão gostosos, hein? — Cara sorri, com a sobrancelha perfeitamente estilizada arqueada para cima.

Meu rosto se aquece. — Sim, é verdade.

Ele ainda não me viu, e duvido que me veja, pelo menos até o fim do jogo. Estamos sentados bem perto do time, mas como estamos todos vestindo as mesmas cores, nós nos misturamos à multidão.

Eu poderia tentar chamar sua atenção, mas não faço isso. Fico observando e admirando a forma como seus músculos se projetam e se flexionam a cada movimento. E a maneira como ele ri e balança a cabeça para tudo o que Saint diz a ele.

Os olhos de TJ percorrem a multidão, absorvendo tudo como ele sempre faz. Quando seus olhos deslizam sobre a seção em que estamos, eles imediatamente voltam para mim até que nossos olhares se conectam.

Ele pisca algumas vezes, com as sobrancelhas unidas e a cabeça ligeiramente inclinada, como se não pudesse acreditar que estamos aqui. Quando sorrio e aceno para ele, a confusão se dissipa e o vinco entre suas sobrancelhas se suaviza. Ele se inclina para o Saint e lhe diz alguma coisa, depois vem até nós.

O técnico Warren grita com ele, mas ele o ignora. Seus olhos se concentram em nós, determinados, enquanto ele contorna a fileira de cadeiras e sobe os degraus até nós.

Meus olhos se arregalam, não de choque por causa do que ele está fazendo, mas de preocupação por causa da expressão no rosto do treinador.

— O que você... — Minhas palavras são interrompidas quando ele nos puxa para um abraço, mas não me aperta com muita força, pois Phoenix está em entre nós. Ao se afastar, ele olha para mim, ainda com uma mão em minhas costas.

— Ei, amigo. — TJ passa o dedo sob o queixo de Phoenix, o que lhe rende uma risada engraçada.

— T! — diz nosso filho com entusiasmo.

Seu sorriso extasiado apaga toda a dúvida que pairava sobre minha cabeça.

— Você veio.

— Surpresa. — Eu sorrio.

— Considere-me muito surpreso. — Alguma coisa muda em seus olhos quando eles se voltam para a minha camiseta. TJ aperta minha cintura, seu pomo de Adão sobe e desce. Ele se inclina, com os lábios perto da minha orelha. — Como é que eu vou me concentrar com você usando a minha camiseta e ficando... porra, tão linda assim?

— Apenas finja que eu não estou aqui.

— Isso não era possível antes e definitivamente não será possível agora.

— Talvez eu o recompense *se* você ganhar... — Inclino a cabeça para trás, encontrando seus olhos, que agora estão escuros, e seus lábios, agora erguidos em um sorriso que quase parece assustador.

Ele beija minha testa, mas seus lábios permanecem ali. — Espero que minha recompensa seja você de quatro, só com essa camiseta no corpo.

— Ah, vamos lá! Você está falando sério? — Daisy grita, colocando as mãos em volta da boca. — Número nove, isso não é futebol. Levante sua bunda!

O jogador do Kentucky, número nove, Deion Lowry caiu do nada. Além de ter sido uma queda absurda, ele está segurando o nariz com as duas mãos. Gritando, devo acrescentar.

Sei que o nariz dele não está machucado, mas eu realmente gostaria que estivesse.

Durante toda a noite, ele e seus colegas de equipe se uniram contra TJ, e somente contra ele. Sei que isso faz parte do jogo, mas já vi basquete suficiente na minha vida para saber que eles estão tentando intimidá-lo. Embora a intimidação já tenha passado.

Já perdi a conta de quantas vezes eles acidentalmente deram cotoveladas, empurrões e tropeços nele. Tudo isso com aqueles sorrisos estúpidos e presunçosos em seus rostos.

Por mais irritada que eu esteja, não me permito demonstrar, porque estou segurando Phoenix. Por ter quase dois anos de idade, ele é extremamente atento e sintonizado com o que TJ está fazendo e com o que está acontecendo com ele. Sempre que algo acontece, ele olha para mim como se estivesse pedindo garantias de que seu pai está bem.

— Juro que vou dar um soco em alguém. — Daisy fecha a mão, cerrando a mandíbula.

Cara e eu olhamos uma para a outra, evitando fazer comentários sobre o quanto ela está gostando disso. Ela jurou que ia ficar entediada e que provavelmente ficaria no celular a noite toda. Desde o momento em que o jogo começou, ela tem estado de pé mais do que qualquer uma de nós, gritando quando Kentucky faz alguma besteira e aplaudindo quando NCU faz uma cesta.

Ela *definitivamente* não está deixando de se divertir.

— Phoenix, acho que você e eu vamos ter que mostrar a eles como se faz. — Ela pega a pequena bola de basquete que TJ lhe

deu e mostra como arremessá-la. É cômico ver isso, porque Daisy não tem ideia do que está falando e está usando termos de futebol.
— Talvez um dia seja você lá.

Toda a minha raiva desaparece quando penso em Phoenix seguindo os passos de TJ. Ainda estamos muito longe de isso acontecer, mas consigo imaginar. Já vi como Nix ouve quando TJ está lhe mostrando como arremessar a bola na cesta de seus pequenos brinquedos ou como ele se concentra quando está assistindo a um filme com seu pai. Ele explica o que está acontecendo e, apesar de Phoenix não ter a menor ideia do que ele está falando, ele olha para TJ como se ele fosse o mundo.

Deixando de lado os pensamentos sobre o futuro, concentro-me no jogo que está sendo retomado.

Kentucky parece ter se acalmado, o que é surpreendente, considerando que estamos no segundo tempo, ganhando por oito pontos, faltando apenas quatro minutos.

Há um zumbido de ansiedade flutuando pela arena, todos contando os segundos que faltam para a campainha soar. Todos nós sabemos que três minutos e meio ainda é muito tempo até o final do jogo. Tudo pode acontecer.

Como Dieon, que acertou um belo arremesso de três pontos, deixando Kentucky apenas cinco pontos atrás.

— Está tudo bem. — Cara solta um suspiro trêmulo. — Só mais três minutos. É tudo o que temos. Nós conseguimos.

Prendo a respiração, mantendo meus olhos fixos em TJ enquanto Jayden lhe passa a bola e a dribla pela quadra. No

momento em que ele se esquiva de um dos jogadores e pula, soltando a bola no ar, outro jogador lhe dá um tapa e, de alguma forma, consegue dar uma cotovelada nele, fazendo com que ele caia para trás, batendo com força no chão.

— Que porra é essa? — Fico de pé, jogando minha mão para o alto.

Ninguém aguenta mais as palhaçadas do Kentucky, ainda mais os jogadores. Especialmente Landon. Ele não se importa, pois não apenas bate o peito contra o peito do jogador que machucou TJ, mas também empurra o jogador agressor com força, fazendo-o cair e deslizar pelo chão.

Outro jogador do Kentucky empurra Landon, mas Jagger vem por trás e o empurra de volta. Tudo acontece muito rápido. Jogadores de cada lado começam a se empurrar enquanto outros puxam seus companheiros de equipe de volta. Os técnicos estão gritando e os árbitros estão soprando seus apitos, mas é inútil, porque não há muito o que fazer.

Desvio minha atenção da cena caótica para TJ. Ele está sentado no chão, conversando com o treinador esportivo enquanto ele o avalia e de vez em quando, conversa com Saint e Jayden, que estão ao seu lado. Meu coração bate forte quando noto manchas vermelhas em sua camiseta.

Eu não tinha percebido que estava prendendo a respiração até que o treinador esportivo se move, dando-me uma visão melhor de TJ. Quando nossos olhos se cruzam, juro que, por uma fração de

segundo, eu o odeio. Seu lábio ensanguentado se ergue em um sorriso tentador e ele pisca para mim.

Jesus Cristo, Theodore. Somente você.

Seus amigos o ajudam a se levantar enquanto o treinador continua a falar com ele. Ele acena várias vezes com a cabeça, com os olhos ainda fixos em mim, e seu sorriso nunca sai do rosto.

A cena caótica que se desenrolou diante de nós já se acalmou. Cada jogador está em seu respectivo lado, seus técnicos gritam e os árbitros conversam entre si.

TJ recebe tapinhas nas costas de seus colegas de equipe e, em seguida, é seu treinador que fica na frente dele, segurando seu queixo, movendo-o de um lado para o outro.

— Maldito Nash — ele rosna, com o lábio torcendo de desgosto enquanto revira os olhos. — Kingston, você está bem? Ou você...

— Estou *muito bem*, treinador — ele responde despreocupadamente e lambe o lábio machucado.

— Muito bem! — Ele sorri com orgulho, dando um tapinha em seu ombro.

O resto do jogo passa voando e vencemos, apesar de Landon ter sido expulso por empurrar Nash. Ele também foi expulso e nada foi mais gratificante do que ouvir toda a arena vaiá-lo enquanto levavam Nash para o túnel.

Assim que os rapazes saem de seu grupo e se dirigem ao túnel, TJ vem até nós. Ele sorri e acena para as pessoas que o

parabenizam e imploram por sua atenção, mas não para até estar na minha frente.

— Você está bem? — Olho para o corte em seu lábio inferior. Está um pouco inchado e rachado com sangue seco.

Eu sei que é errado pensar nisso, mas de algum jeito isso só deixa ele ainda mais irresistível. Seu rosto está corado, com um brilho molhado cobrindo cada centímetro de seu rosto. Gotas de suor rolam da lateral do rosto até o pescoço e o peito, fazendo com que a camiseta fique colada ao tronco.

Nunca prestei atenção aos ombros, mas eles são largos e musculosos, e não consigo evitar a maneira como meus olhos percorrem esses ombros. Sigo a leve marca em seu bíceps, mas não chego muito longe antes que uma risada profunda se espalhe entre nós.

— Estou ótimo. E você?

CAPÍTULO 46

Tj

— Tem certeza? Depois disso, não tem volta.

— Tenho certeza, Peaches. — Com a mão para trás, pego a gola da minha camiseta e a puxo pela cabeça, depois a deixo de lado. Caio no chão e me deito de barriga para baixo em cima do lençol branco que ela esticou, olhando para ela. — Vamos lá, use-me como sua tela viva.

Estou tentando não me sentir presunçoso, mas adoro o modo como ela me olha e a maneira como seus olhos se dilatam.

— Não seja tão convencido. — Lola desvia o olhar, caindo no chão ao meu lado, cercando-me. Ela se senta logo abaixo da minha bunda, com seu material de pintura já preparado, pronto para ser usado.

Eu rio, dobrando meu braço sobre o outro, descansando o lado do meu rosto sobre eles. — Você está tornando difícil não fazer isso.

— Ah, não vem com essa — ela brinca.

— Que você estava me examinando? Não se sinta envergonhada, Lola, você pode me observar o quanto quiser.

— E alimentar seu ego? Acho que não.

Fecho os olhos e respiro fundo ao sentir o pincel frio e úmido cheio de tinta em minha pele. Mas não me importo com isso. Pelo menos é uma ótima distração para não ficar excitado.

Lola está usando apenas minha camisa e calcinha. Então, na verdade, se alguém está tendo dificuldades aqui, sou eu.

A última vez que tivemos contato físico foi quando estávamos em Miami. Passaram-se apenas alguns dias, mas parece que foi há uma eternidade.

— Mas eu adoro quando você alimenta meu ego. — Apoio meu cotovelo no chão, apoiando o queixo na palma da mão, e a encaro de volta. Mas é um grande erro e me arrependo instantaneamente.

Meu pau se contrai e tenho que me esforçar para não ficar duro. E para não imaginar como ela pareceria se eu estivesse deitado de costas.

Um sorriso de tirar o fôlego se abre, iluminando seu rosto. Metade do seu cabelo se espalha sobre um ombro, caindo em cascata em ondas. Enquanto a outra metade está presa atrás da orelha. Minha camisa está dobrada em torno de seus quadris, expondo cada centímetro de suas coxas grossas. E quando olho entre elas, vejo sua calcinha preta.

Engulo com força, arrastando lentamente meu olhar para cima, apreciando-a por inteiro, antes que meus olhos se fixem em seu peito. Seus mamilos estão duros, pressionando o tecido.

— Pare de se mover e volte para baixo. Não quero fazer besteira.

Seus olhos não se encontram com os meus. Eles estão atentamente focados no pincel em sua mão enquanto ela o gira em torno da paleta, misturando a tinta.

Eu chamaria sua atenção pelo modo como ela parece corada e pelo leve aperto de suas coxas, mas não faço isso. Já estou lutando e Phoenix está dormindo em seu berço.

Voltando à mesma posição, fecho os olhos, concentrando-me na forma como o pincel desliza em minhas costas.

Após o jogo, os rapazes decidiram dar uma festa em casa. Como foi tudo de última hora, não tínhamos uma babá. Lola insistiu que eu ficasse, mas eu não queria estar em um lugar onde ela não estivesse.

Mesmo que eu tivesse ficado, teria ficado pensando na entrevista de merda pós-jogo e bebido até esquecer. É algo que faço de vez em quando, quando me sinto muito excitado para ficar quieto ou dirigir. É um mecanismo de enfrentamento pouco saudável, mas sempre me faz sentir bem. Isso foi até Lola voltar à minha vida.

— TJ? — Lola me cutuca com a ponta do pincel, fazendo com que eu perceba que havia perdido o foco.

— Desculpe, o quê?

— Sei que não é divertido e provavelmente não é assim que você quer passar sua noite de sábado. Eu realmente não me importo se você for embora. Tenho uma pintura que preciso terminar e enviar logo e tarefas escolares para fazer.

Ela tenta se levantar, mas eu agarro seu tornozelo, mantendo-o firme.

— Não vou a lugar nenhum e também não quero que você vá. — Eu sorrio para ela, na esperança de tranquilizá-la. — Só me perdi um pouco em meus pensamentos, mas juro que não é nada importante. Desculpe-me por ter dado a impressão de que não queria estar aqui, porque não há nenhum lugar onde preferiria estar.

Lola acena com a cabeça, retribuindo o sorriso, mas ele vacila. Ela me encara como se tivesse descoberto tudo o que estou pensando.

Seu corpo relaxa quando solto seu tornozelo, e ela se acomoda novamente. — Você está bem?

— Eu... — Viro-me de costas, apoiando o queixo sobre os braços cruzados, e cruzo o tornozelo sobre o outro para impedi-lo de balançar.

— Você pode falar comigo. Estou aqui — diz ela suavemente antes de retomar a pintura.

Eu me deleito com o silêncio, absorvendo seu calor e me deliciando com o aroma de seu perfume de baunilha.

— Quando me machuquei pela primeira vez, no meu primeiro ano, achei que estava tudo acabado. Achei que nunca mais me recuperaria. Parece dramático, mas naquele momento, juro que pensei que sim — sussurro as palavras que tive medo de dizer em voz alta. Ela não diz nada nem impede que as cerdas deslizem sobre minha pele. Dando a mim a coragem para continuar falando.

— Machucar-me foi muito revelador e assustador. Sei que voltei melhor do que nunca, mas às vezes o medo de me machucar de novo mexe com minha cabeça. E aí penso na merda que as pessoas dizem.

Os comentários, os destaques pós-jogo, as entrevistas, as perguntas e tudo o que aconteceu desde então provocam um arrepio frio em minha espinha.

— Eu não costumava me importar, mas às vezes me incomodo com o que está sendo dito sobre mim, como se suas palavras fossem determinar meu futuro. É ridículo, mas às vezes parece que suas palavras têm algum tipo de verdade. Como se eu fosse chegar ao auge na faculdade e não conseguisse fazer nada. Ou que vou conseguir, mas perceberei que o talento que tenho não se compara ao dos outros. Sei que a comparação é um ladrão de alegria, e estou melhorando, mas às vezes tenho meus momentos. E depois há aquelas entrevistas idiotas. Meu Deus, eu as odeio.

O peso dessas palavras é retirado de meu peito, facilitando a respiração pela primeira vez em muito tempo.

Eu a sinto se inclinar, pairando levemente sobre mim. Ela brinca com o cabelo em minha nuca, com o dedo girando em torno de um cacho. Estou atrasado para um corte de cabelo, mas sei o quanto ela gosta de brincar com meu cabelo e eu também gosto.

— Eles adoram antagonizá-lo porque é difícil obter uma reação de você. Você só lhes dá respostas sólidas, apesar das perguntas que lhe fazem. Mas, às vezes, por ser você mesmo, suas respostas parecem arrogantes. Às vezes, isso é um pouco irritante, mas sei

que você não está fazendo por mal. Eles simplesmente não percebem isso e não se importam. Mas você não deve mudar nada para agradá-los. Afinal de contas, você é *o invencível*.

Minha cabeça se levanta. Olho para ela por cima do ombro. — Você andou me stalkeando.

— Não quero ouvir isso. — Ela se senta, pegando o pincel que havia deixado no chão.

Não consigo evitar o sorriso presunçoso em meu rosto. — Você me viu e leu sobre mim.

— Sério? De tudo o que eu disse, foi isso que você captou?

— Apenas admita. Isso fará com que eu me sinta melhor. — Finjo tristeza em minha voz.

Há uma contração no canto de seu lábio, mas ela me olha fixamente. — Você não é tão importante assim. Eu não o persegui.

— Eu persegui.

O pincel está suspenso sobre minhas costas, e seus olhos se encontram com os meus.

— Isso foi uma perda de tempo.

— Nada em você é uma perda de tempo.

Lola puxa o lábio inferior entre os lábios como se estivesse tentando reprimir o sorriso, mas não consegue quando os cantos se erguem para cima. — Vire-se ou eu nunca vou terminar.

Eu sorrio, virando-me.

— É por isso que eles adoram antagonizar você, porque querem desesperadamente encontrar uma falha. E se isso significa obter uma reação de você, eles o farão. — Ela continua a pintar. — Sei que é mais fácil falar do que fazer, mas você precisa encontrar sua felicidade. Quando isso acontecer, acho que será mais fácil passar pelas entrevistas.

Fico pensando em suas palavras, embora não precise, porque ela está certa. É algo que o treinador Warren tem pregado em nossas reuniões mensais individuais. Encontrar o que faz você feliz – é o que ele diz. Quero brincar com isso, mas quanto mais me detenho em suas palavras, percebo que já encontrei minha felicidade enquanto torço a pulseira de couro extremamente desgastada.

— Você ainda a tem?

— Tenho o quê?

— A pulseira que combina com a minha? Você ainda a tem? — pergunto com impaciência.

— Por quê? — Ouço o sorriso em sua voz.

— Porque não há melhor maneira de dizer que estou comprometido do que usar *seu* nome em meu pulso. E você?

— Isso parece um pouco possessivo.

— Porque eu sou. Que tipo de namorado eu seria se não fosse? — Tento parecer que estou brincando, mas não há nada dentro de mim que pareça brincalhão. — Então, você a tem?

— Pode estar em minha caixa de joias.

— Você pode se levantar por um segundo?

Ela abafa uma risada. — Ainda não. Estou quase terminando. — Eu me mexo no lugar, arrancando algumas risadas silenciosas dela. — TJ, pare de ser tão impaciente. Estou quase terminando.

Tento me levantar, mas Lola me segura com uma mão em meu ombro. Eu poderia facilmente nos virar, mas não quero estragar o que ela fez.

— Fique quieto — ela exige, ainda mantendo uma mão em meu ombro.

— Estou. — Levanto minhas mãos em sinal de rendição. — Você vai me dizer o que está pintando?

— Ainda não. — Ela tira a mão do meu ombro e, quando ouço o pincel balançando no pote de vidro cheio de água, aproveito a chance para me levantar e girar o corpo. Ela solta um pequeno suspiro ao aterrissar bem acima do meu pau.

Não pensei bem nisso e é um grande erro, pois sinto que estou ficando duro com a visão dela montada em mim.

Ela solta um suspiro agudo. — Você vai estragar tudo.

Minhas palmas estão atrás de mim, segurando meu peso. — Prometo que não vou.

Digo a mim mesmo para me levantar, mas não consigo fazer isso. Não quando ela está me encarando com olhos ardentes e sinto suas coxas me envolverem.

Seus olhos se voltam para os meus lábios e, lentamente, ela se inclina enquanto eu faço o mesmo. Fecho os olhos, pronto para

sentir seus lábios contra os meus, mas eles se abrem novamente quando sinto o toque em minha bochecha.

Um sorriso arrogante se ergue em seus lábios enquanto ela passa o pincel pela minha bochecha até meu pescoço e peito. — Eu lhe disse para parar de se mexer. — Seus olhos brilham com malícia e, rapidamente, ela se levanta, deixando cair o pincel ao meu lado enquanto foge.

— Por que está correndo, hein? — Eu me levanto, caminhando lentamente em sua direção. A cada passo que dou, ela dá dois para trás.

É como se estivéssemos jogando um jogo de gato e rato. Ela fica do lado oposto do sofá, mantendo o máximo de distância possível de mim. Enquanto isso, ela se esforça ao máximo para não rir, pois, por mais que estejamos nos divertindo, ambos sabemos que, se fizermos muito barulho, acordaremos Nix.

— Lave sua mão primeiro e eu paro. — Seus olhos descem para meus dedos cobertos de tinta.

— Venha cá.

Ela balança a cabeça. — Não.

— Lola, venha cá. Agora — peço gravemente.

Uma centelha de desafio acende seus olhos enquanto um sorriso recatado surge em seus lábios. — Não. Não até você lavar a mão.

— Ok, tudo bem. — Eu me viro, indo em direção à cozinha. Em minha visão periférica, vejo que ela se aproxima lentamente de

mim e é aí que aproveito a chance e dou meia-volta, correndo em sua direção.

Um grito abafado passa por seus lábios enquanto ela tenta fugir, mas eu consigo agarrar sua cintura.

— TJ, pare. — Ela ri, tentando se afastar, mas é inútil. Aperto sua cintura com mais força e a pressiono contra meu corpo. — Não, não faça isso. Não faça isso... — Sua mandíbula cai quando eu seguro sua bochecha com meus dedos cobertos de tinta.

— Desculpe, o que foi isso? Eu não ouvi. — Beijo sua testa, arrastando minha palma da bochecha até o pescoço, envolvendo-a em sua garganta.

Deixo meus pensamentos impulsivos levarem a melhor e aperto sua garganta. Meus dedos pressionam firme contra a pele dela, sentindo o ritmo constante de sua pulsação aumentar. Eu deveria largar minha mão e afastar meus pensamentos imundos, porque Nix está a apenas alguns metros de distância. A única coisa que nos separa é a porta fechada.

Lola já está olhando para mim quando eu olho para ela. A brincadeira se foi, transformando-se em algo mais sombrio e... hesitante?

Não tenho tempo de imaginar o que ela poderia estar pensando antes que ela se ajoelhe na minha frente.

O ar fica preso em meus pulmões. Já fantasiei com Lola de joelhos na minha frente. Mas essas fantasias não chegam perto da realidade.

— Você não precisa fazer isso. — Engulo em seco, embora seja impossível, porque minha garganta está muito seca. — Você realmente não precisa...

— Você quer *mesmo* que eu pare? — Seus dedos se engancham sob meu moletom e boxer, mas ela não os puxa para baixo.

Uma vez eu disse que era um homem fraco por ela e estava falando sério. *Sou* um homem fraco para a Lola.

Limpando a garganta, sacudo a cabeça. — Não, não quero que você pare.

Meu pau duro lateja de ansiedade. Observo ansiosamente enquanto ela puxa meu moletom e minha cueca boxer para baixo em um movimento rápido, até que eles se acumulem nos meus tornozelos.

Estávamos nos movendo tão rápido que não me concentrei em sua expressão em Miami, mas agora que realmente percebo, sorrio. Seu sorriso é manso, e seus olhos arregalados sobem e descem pelo meu corpo como se ela não tivesse certeza se deveria olhar para o meu pau ou não.

Estou mais duro do que nunca, e meu sêmen não está apenas cobrindo a ponta, mas está vazando pela lateral do meu pau.

— Uau.

— Você está alimentando o meu ego.

Ela revira os olhos.

— Vou fazer você engasgar com meu pau se fizer isso de novo.

Ela me olha fixamente, com os olhos arregalados, e faz isso de novo.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Sua voz é suave, quase baixa, e se eu não estivesse prestando atenção, não a teria ouvido.

Lola solta um suspiro trêmulo, coloca a mão em volta da base e se inclina para frente. A língua dela se projeta para fora, passando a ponta, espalhando o pré-sêmen por toda a língua como se estivesse provando.

Meus olhos se fecham, minha cabeça se inclina para trás, mas o ar em meus pulmões quase para quando sua boca inteira pega a cabeça. Eu gemo, cerrando a mandíbula, sentindo sua língua quente e úmida circular ao meu redor, mas meus olhos se arregalam quando ela a suga.

— Porra — murmuro, olhando para ela.

O cabelo dela cai na frente do rosto como uma cortina, e eu o afasto, porque a última coisa que quero perder é a expressão de seu rosto quando ela se engasgar comigo.

— Cuspa nele — falo, inalando um fôlego enquanto ela desliza a palma da mão para baixo.

Ela puxa a boca para trás e cospe duas vezes em mim. Um fio de saliva se prende em seu lábio inferior, escorrendo pelo queixo. Lola não a lambe, seu olhar se concentra na mão que sobe e desce lentamente pelo meu pau.

— Abra sua boca e chupe.

Inclinando-se para a frente, entreabrindo os lábios, ela envolve a cabeça e me leva o mais fundo que pode antes de engasgar e recuar.

— Não pare. — Eu empurro sua cabeça para trás, fazendo-a engasgar.

Eu não deveria gostar desse som, gostar da forma como seus olhos lacrimejam e as unhas cravam em minhas coxas. Meu Deus, eu não deveria gostar tanto disso quanto gosto, mas, caralho, eu gosto.

E é o que faço. Empurro sua cabeça novamente, mantendo-a ali até sentir a sálvia sair de sua boca.

— Eu disse que faria você engasgar com isso — murmuro, afrouxando o aperto na cabeça dela, mas não no cabelo.

Ela se esforça, com o peito subindo e descendo rapidamente. Apesar das lágrimas que escorrem pelo rosto e da saliva que escorre pelo queixo, ela sorri timidamente e lambe os lábios. — Eu merecia isso. Agora deixe-me parabenizá-lo como você merece.

Lola me leva em sua boca até que eu atinja o fundo de sua garganta. Ela se afasta e faz de novo, mas mais rápido. Estou respirando com dificuldade, fechando os olhos enquanto me delicio com sua boca molhada sugando meu pênis.

— Porra, Lola. — Ela me tira de sua boca e passa a língua ao longo da costura da minha ponta. Em seguida, ela percorre meu comprimento até que sua boca esteja em minhas bolas e, quando ela as puxa para dentro da boca e chupa, eu gemo. — Caralho... isso, desse jeito — eu a encorajo enquanto ela desliza a palma da

mão fechada em meu eixo para frente e para trás, a saliva ao redor dela ajuda a mão a me bombear enquanto ela continua a sugar minhas bolas.

Quando abro os olhos, vejo que ela já está olhando para mim, com um brilho de satisfação.

— Porra, não pare — sussurro roucamente quando sua língua desliza de volta para cima e leva meu pênis à sua boca.

As vibrações de seus gemidos fazem com que disparos quentes e elétricos desçam pela base da minha coluna. Minha respiração se torna irregular e eu grunho baixinho: — Foda-se — enquanto suas bochechas se contraem cada vez que ela suga.

Meu queixo cai e tenho que conter qualquer ruído que esteja tentando sair da minha boca enquanto toda a minha alma deixa de existir. Eu entro em sua boca com força, segurando sua cabeça no lugar.

Demoro alguns segundos para me recompor e, quando consigo, eu a levanto. Observo seus lábios inchados, o esperma e a saliva escorrendo pelo queixo e a cor profunda de seus olhos.

— Eu... — Meus lábios se separam, mas não digo nada, porque me sinto genuinamente sem palavras, como quando estávamos em Miami.

— Fique bem aqui. Não se mexa. — Puxo minha cueca e visto. Vou silenciosamente até o quarto dela, dando uma olhada rápida no Nix para ter certeza de que ele ainda está dormindo, e pego o que preciso antes de sair.

De pé na frente dela, limpo seu queixo e jogo os lenços no chão, em cima do lençol.

— Eu poderia ter feito isso — ela murmura sonolenta.

— Minha bagunça, minha responsabilidade. — Pego seu pulso e coloco a pulseira de couro em volta dele. — Possessivo, obsessivo e pegajoso pra caralho. Espero que você não se importe com isso.

Ela sorri, olhando para o meu nome gravado no couro marrom. — Não me importo com isso.

Enrosco meus braços em suas costas, puxando-a para perto do meu corpo, e beijo sua testa.

Ela exala suavemente, envolvendo seus braços ao meu redor. — Eu pintei um pôr do sol caótico. Eles sempre me fazem pensar em você.

CAPÍTULO 47

Lola

— Você é incrível. Muito obrigada por fazer isso.

— Eu sei. Normalmente me chamam de genial, mas incrível serve — diz Daisy com um sorriso presunçoso.

Eu a abraçaria, porque ela conseguiu comprar o presente do TJ para mim a tempo, mas sei que ela se sentiria constrangida se eu o fizesse, então me contento com o sarcasmo.

— Sua arrogância nunca deixa de me surpreender.

Ela dá de ombros. — Bom. Nunca deixe que isso pare.

Eu reviraria os olhos para ela se já não estivesse nervosa e com muitas emoções. Meu coração dispara tão forte que quase consigo ouvi-lo quando abro o presente de Natal do TJ e dou uma olhada nele, certificando-me de que tudo está certo.

— O que você acha? — Mastigo meu lábio inferior, esperando ansiosamente por sua resposta ou expressão. — Sei que parece rápido demais, e talvez seja, mas eu queria fazer isso. Acho que é apropriado, e não importa o que aconteça entre nós, eu...

Daisy aperta gentilmente meu braço, interrompendo minha enxurrada de palavras. — Você não precisa se explicar para mim nem para ninguém. Desde que você esteja feliz, então eu estou

feliz. — Fico aliviada ao vê-la sorrir enquanto pega o presente das minhas mãos e o folheia delicadamente. — Como você se sente?

— Estou me sentindo bem. Entusiasmada. Nervosa. — O nervosismo se instala dentro de mim. Toco meus dedos em cima do meu colo. — É como se eu estivesse fechando um ciclo – um que precisava ser encerrado. Não sei se isso faz sentido, mas...

— Não, entendo. — Ela me devolve o presente. — Muita coisa aconteceu desde que você descobriu que estava grávida, e muita coisa mudou neste último mês.

Muita coisa mudou desde que TJ e eu começamos a namorar há um mês. Embora quase não nos vejamos por causa de nossas agendas lotadas, as coisas têm sido estáveis e nada menos que incríveis. Ocasionalmente, penso demais, mas sempre me lembro de que prometi confiar nele.

Levanto-me, vou até o closet que será da Daisy nos próximos dias e coloco o presente na prateleira de cima. Deveríamos comemorar o Natal na casa dela, mas sua família está na Europa, porque seu irmão, Sebastian, foi convocado para um teste de futebol. Como eles saíram durante a semana de provas e ainda não têm certeza de quando voltarão, ela não foi.

Então, estamos em Miami, passando o Natal com a família de TJ e Saint. Embora Saint e TJ não estejam aqui, porque estão em Atlanta, Geórgia, para o CBS Sports Classic e não virão até amanhã, véspera de Natal.

Queríamos ir, mas não conseguimos por causa do trabalho.

É um pouco estranho estar aqui sem o TJ, mas a família dele nos recebeu de braços abertos – e nos fez sentir totalmente em casa. Eles não hesitaram em deixar Daisy ficar e insistiram em nos buscar no aeroporto, para que não tivéssemos que vir de Uber. E a mãe de TJ perguntou se ela poderia ficar com Nix enquanto Daisy e eu nos acomodávamos.

Sentando-me novamente na cama, deixo-me cair para trás, assim como Daisy, e ficamos olhando para o teto em silêncio por um momento.

— Diga.

— Eu não estava pensando em nada — minto.

Ela dá uma cotovelada em meu braço. — Ah, qual é, você está falando comigo.

Fico pensando se devo ou não dizer alguma coisa, mas ela tem razão. É com Daisy que estou falando, minha melhor amiga.

— Às vezes... as coisas parecem boas demais para ser verdade. Como se tudo fosse desandar de uma hora para outra porque estou ficando muito... confortável. Será que sou horrível por pensar assim?

Eu confio no TJ, confio mesmo, mas de vez em quando há uma sensação em meu peito que não vai embora. É um peso sufocante no peito, como se me esmagasse por dentro. Não sei por que e não consigo me livrar dela. Não importa o que eu faça, sempre volta.

Ela se inclina para o lado, apoiando a cabeça no ombro enquanto olha para mim. — Você não é horrível por pensar assim. É compreensível, considerando o... passado do TJ, mas acredite

quando digo que sei que ele realmente gosta de você. — Ela pega uma mecha do meu cabelo e a enrola em seu dedo. — Você sabe o que eu sempre digo...

— *El amor es para pendejos* — eu digo para ela. Ela já disse isso tantas vezes que consigo falar quase perfeitamente, mas não consigo enrolar meu R tão bem quanto ela.

— É, mas não é assim com vocês. Ele fica olhando para você como se, se não olhar para você a cada cinco segundos, você vai desaparecer no ar. *Puf*. — Ela acena com a mão no ar, enfatizando a palavra. — Ele olha para você do jeito que as pessoas delirantes sonham ser olhadas.

Sorrio. — Pessoas delirantes?

— Os tolos apaixonados que desejam esses romances de contos de fadas.

Rio baixinho, voltando a olhar para o teto. — Eu sei que só estou pensando demais e preciso simplesmente... respirar.

CAPÍTULO 48

Tj

Nossa sequência de vitórias acabou e a culpa é toda minha.

Eu sempre sou bom em bloquear tudo, mas quando um jogador do Kansas, Keegan Rucker, começou a falar sobre Lola na noite passada, eu surtei de vez.

No início, consegui ignorá-lo, pois sabia que ele estava apenas me provocando, fazendo com que eu explodisse.

Tudo estava bem até que ele tocou no assunto dela e disse que a havia contratado para um *especial individual.* Eu me esforcei para ignorar como isso me fazia sentir, mas então ele me levou ao limite e perguntou se ela usaria sua fantasia de Jessica Rabbit.

— Você acha que ela vai usar a fantasia da Jessica Rabbit? Eu vi as fotos, mas tenho certeza de que ela fica melhor pessoalmente. Ela parece tão gostosa, eu sei que você sabe. Quando você terminar com ela, posso ficar com ela em seguida?

Eu não deveria ter lhe dado uma cotovelada forte no estômago, tirando-lhe o ar, mas ele não deveria estar falando demais.

Por mais que eu odeie a nossa derrota e odeie o fato de ser o responsável por ela, valeu a pena ficar em cima dele, observando a expressão de agonia em seu rosto enquanto ele tentava recuperar

o fôlego. E nada foi mais satisfatório do que ver os torcedores do Kansas se borrando porque eu não fui expulso.

Como isso não aconteceu? Eu realmente não sei, mas não estou questionando.

Normalmente, eu ficaria pensando no resultado desta noite, mas as derrotas são inevitáveis. Sinto-me culpado por ter me deixado levar pelas emoções e decepcionado meus colegas de equipe, mas não me arrependo do que fiz.

Entro silenciosamente no meu quarto, mas paro na porta assim que Lola sai do banheiro.

Pedi a ela que dormisse em meu quarto, mas ela disse que pensaria no assunto. Sei que ela está preocupada com o que meus pais pensam, mas eles não estão nem aí. Eles sabem que ela é minha namorada – sou obcecado por como isso soa perfeito – e que temos um filho juntos.

Lola parecia tão insegura que pensei que ela fosse dormir no quarto de hóspedes com Daisy, mas ela está aqui.

Deixando minhas coisas no chão, fecho a distância entre nós e a tomo em meus braços. Com ela em meus braços, tudo fica parado. Estou submerso em seu calor e em seu aroma de baunilha.

— Porra, como eu senti sua falta.

Um sorriso de tirar o fôlego se espalha pelo rosto dela. — Você me viu há alguns dias.

Eu a seguro no pescoço e inclino sua cabeça para trás, beijando sua testa. — Alguns dias a mais.

Ela encosta a cabeça em meu peito. — Eu também senti sua falta.

Já faz alguns dias que não vejo ela e Nix. Nós conversamos por FaceTime e mensagens de texto sempre que podemos, mas ainda assim, nada é melhor do que tê-la fisicamente na minha frente.

Não sei se isso é normal, mas *sempre* sinto falta dela. Eu realmente odeio quando não estamos juntos e odeio toda vez que tenho que dizer adeus.

Tenho pensado muito no draft ultimamente porque, se eu for convocado, o Toronto Raptors pode ter a primeira escolha. Isso significa que, se eu for o primeiro na seleção, estarei me mudando para o Canadá sem Nix e Lola.

Nunca, em um milhão de anos, eu teria pensado que algo assim soaria tão deprimente.

Ainda não conversamos sobre nosso futuro juntos. Eu quero fazer isso, mas com nossas agendas lotadas, não é algo que eu queira fazer por telefone. Também não tenho certeza de qual seria o momento certo para falar sobre *nosso* futuro. Apesar de estarmos juntos há apenas um mês, sei que Lola é e sempre será a minha cara-metade.

Além do basquete, nunca tive tanta certeza de algo em minha vida, e Lola é uma certeza.

— O que você está fazendo acordada tão cedo?

Ela inclina a cabeça, olhando para mim. — Acordei há uma hora e não consegui voltar a dormir. Como Nix vai acordar em uma ou duas horas, achei melhor me preparar para o dia.

Lenta e preguiçosamente, arrasto a palma da mão em suas costas. — Volte a dormir. Vou ficar de olho nele.

— Está tudo bem. Sei que você está exausto. — Seus olhos se arregalam e seu corpo estremece com o movimento.

— Na verdade, não. Na verdade, estou bem desperto.

— Você está bem?

— Sim... — eu falo, mas o olhar que ela me dá me diz que ela pode ver através da minha besteira. — Só estou me sentindo um pouco ansioso, mas juro que não é nada. Isso vai passar, eventualmente.

Um sorriso pequeno e triste surge em seu rosto, mas não é um sorriso de pena, e sim um sorriso que parece que ela entende como me sinto. Ele não dura muito tempo em seu rosto e é substituído por um mais alegre.

— Você quer ir a algum lugar?

— Irei para onde você quiser.

Inspiro profundamente, inalando o ar salgado, sentindo outro peso sair dos meus ombros.

Já faz anos desde a última vez que acordei para ver o nascer do sol. Tenho certeza de que, da última vez, eu estava no ensino médio. Mamãe e Hazel sempre tentavam me convencer a ir com elas, mas eu nunca conseguia me incomodar em acordar cedo o suficiente para vê-lo.

Está um pouco escuro, mas ao longe, a coroa do sol mal aparece no horizonte, e o resto se esconde atrás dela. Há um tom de vermelho-claro que envolve a esfera dourada e um leve amarelo que se ilumina logo acima dela.

Olhando para o meu lado, eu sorrio, observando o olhar maravilhado de Lola enquanto ela observa a praia quase vazia. Trouxemos Nix conosco, porque ele acordou cedo, e Daisy e Saint decidiram nos acompanhar. Além de nós, há alguns corredores ao longo da orla.

Levantando minha câmera, capto a expressão em seu rosto antes que ela desapareça.

Ela sorri enquanto toma um pequeno gole de sua bebida gelada que paramos para comprar antes de chegarmos aqui. Não está muito frio aqui fora, apesar de ser final de dezembro, mas ainda há uma brisa gelada. Mesmo assim, tenho certeza de que poderíamos estar em graus negativos e Lola ainda beberia algo gelado.

— Em vez disso, você deveria estar tirando uma foto disso. — Ela acena com a mão na praia.

— Está bem — eu digo, ficando alguns metros atrás dela. — Vire-se.

— Eu disse para tirar uma foto da praia, não de mim.

— E vou. — Sorrio. — Lola?

— Sim?

— Sorria, garota dourada.

Um sorriso etéreo toma conta dela, como sempre acontece quando digo isso a ela. Percebo como seus sorrisos são diferentes sempre que digo isso, em vez de simplesmente dizer *sorria*. Eles são sempre mais vibrantes, mais suaves, fazendo seu rosto brilhar como agora.

No início, eu dizia isso apenas para provocá-la. Um dia, ela se pintou com tinta dourada e eu não percebi até estarmos do lado de fora assistindo ao pôr do sol. As listras douradas a banharam, revelando a mancha abaixo de sua mandíbula e prendendo-a em uma chuva de luz solar.

Embora o sol não precise cobri-la como um véu para obter o efeito, pois mesmo na escuridão o mesmo brilho a envolve.

Rapidamente, tiro a foto enquanto ouço as vozes dos nossos amigos se aproximando.

— Ele apenas me ama mais — Saint provoca Daisy, carregando Nix em seus ombros.

— Você o subornou com sorvete. Essa é a única razão pela qual ele escolheu você.

— Não, ele teria me escolhido de qualquer maneira. Não é verdade, *Polpetta*? — Ele cutuca a barriga de Nix algumas vezes, fazendo com que ele dê uma risadinha.

— Continue dizendo isso a si mesmo.

Saint levanta Phoenix de seus ombros e o entrega a mim. Eu o pego com alegria, ajustando-o em meu quadril enquanto Lola e Daisy se afastam alguns metros de nós.

Não tenho certeza do que se trata, mas aproveito a chance para falar com Saint.

— O que você acha que está fazendo?

Um grande sorriso bobo se abre em seu rosto. — Do que você está falando?

— Provocando Daisy, irritando-a. Pensei que estivesse tentando conquistá-la.

— Oh, eu ainda estou. Apenas decidi mudar minhas táticas.

— Táticas? — Eu dou uma risadinha. — E como isso está funcionando?

Ele suspira cansado. — É... um trabalho em andamento.

— Não tenho certeza se devo aplaudi-lo por ser um otimista delirante ou por seu comprometimento.

Já se passaram três meses e ela ainda não demonstrou nenhum interesse. Mas eu o elogio por sua dedicação persistente. Ninguém faz isso melhor do que Saint Arlo.

Ele dá de ombros, sorrindo, enquanto seus olhos se voltam para os dela. Curiosamente, é como se ela tivesse nos ouvido, pois seus olhos se encontram com os dele e ela o encara.

— Ela está apenas se fazendo de difícil. Ela definitivamente me quer.

Eu concordo com sua ilusão. — Certo, ela *definitivamente* quer você.

— Por que você não pode ter fé em mim? Eu tinha fé que você e Lola acabariam juntos. Foi por isso que apostei tanto dinheiro... — Ele fecha a boca com um estalo.

— Você fez o quê?

Ele tem uma expressão inocente. — Nada, eu não fiz nada.

Eu estreito os olhos e, antes que eu possa interrogá-lo, as meninas voltam.

— Arlo. — Daisy sacode a cabeça, fazendo um gesto para que ele a siga.

— Já vou, Diaz. — Ele se dirige a ela, mas olha por cima do ombro e diz: — Ela me quer — enquanto Lola volta para mim.

Eu rio, balançando a cabeça para ele.

— O que é isso? — pergunta Lola, com os olhos saltando entre mim e Saint.

— Saint apenas sendo Saint.

— Ahhh. — Ela me dá um sorriso compreensivo.

Enquanto caminham pela orla, Lola estende o cobertor de praia sobre a areia. Ela tira de sua bolsa os brinquedos que trouxe para Nix brincar, colocando-os ao lado do cobertor, junto com o presente de Natal que me deu.

Eu lhe disse para não comprar nada para mim, mas assim como eu, ela insistiu, porque eu também comprei algo para ela. Há

algum tempo venho pensando nesse presente e sei que ele será extremamente útil para ela.

Nós íamos esperar para abrir os presentes hoje à meia-noite, quando fosse oficialmente Natal, mas ela disse que não podia esperar mais para me dar o meu.

Colocando seu presente no chão, nós dois nos sentamos e observamos Nix começar a trabalhar. Ele pega a pequena pá e coloca a areia macia e fresca em um balde de plástico igualmente pequeno.

Enquanto ele se ocupa, tiro algumas fotos dele e deixo a câmera pendurada na alça em volta do meu pescoço.

Nós nos aquecemos no silêncio, olhando para as ondas espumantes que rolam firmemente em direção à costa e depois se dissipam quando são puxadas para trás. Elas vêm em camadas, rugindo e batendo suavemente, enquanto o sol sobe lentamente e sem pressa.

Fechando os olhos por um segundo, respiro o ar salgado e aprecio os grunhidos suaves do meu filho enquanto ele pega a areia e Lola o elogia pelo quanto ele conseguiu pegar, as ondas balançando para frente e para trás.

Minha vida sempre foi acelerada, e sempre será assim, mas estando aqui com eles, parece que tudo fica mais lento. Todo o caos da minha vida simplesmente silencia, o que me permite recuperar o atraso e apreciar cada segundo que passo com eles.

Quando abro meus olhos e olho para as pessoas que se tornaram tudo para mim, *minha família*, percebo que elas são *tudo de que preciso*.

Uma constatação se instala em meu íntimo e me deixa perplexo.

Como podemos passar a vida inteira e perder a chance de conhecer as melhores pessoas do mundo? A ideia de nunca conhecer Lola e nunca ter Phoenix mexe mais com a minha cabeça do que a minha lesão.

Essa ideia me perturba, porque não quero estar em nenhum lugar onde eles não estejam.

— O quê? — Lola sorri.

Já ouvi alguém dizer: *Quando a gente sabe, a gente simplesmente sabe.*

Sempre achei que era irrealista e piegas, porque como é possível saber? Como alguém pode sentir isso? Não é algo que passa constantemente pela minha cabeça, mas em uma ocasião extremamente rara, pensei sobre isso.

E hoje essas raras perguntas foram respondidas, porque *eu sei*.

— Eu... — A ansiedade que me acometeu antes não se compara à maneira avassaladora como meu coração dispara ou como meus pensamentos se voltam para a garota sentada ao meu lado. Eu deveria dizer algo, mas amarelo e decido não falar nada, pelo menos por enquanto. — Quero que você abra seu presente.

Eu o entrego a ela, odiando a forma como as palmas das minhas mãos estão suadas e trêmulas. Por que diabos estou tão nervoso?

— Você realmente não deveria ter feito isso. — Ela sorri timidamente e tira da sacola de presente a caixa coberta com papel de embrulho verde-floresta com flocos de neve dourados.

— Eu realmente queria. Estava na hora de fazer um upgrade.

As sobrancelhas de Lola se contraem, formando um vinco profundo entre elas enquanto a confusão toma conta de seu rosto. — Upgrade para — seus olhos triplicam de tamanho e seus lábios se separam enquanto ela rasga o papel de embrulho — um iPad?

— Antes que você comece a discutir comigo e decida que não pode aceitar, porque gosta de ser teimosa e brigar comigo. — Eu a encaro com firmeza antes que ela possa dizer qualquer coisa. — Você é uma mulher muito ocupada, e achei que deveria ter algo confiável, algo que Phoenix não possa rasgar.

— Isso é demais. Não posso aceitar isso — diz ela suavemente.

— Você vai fazer isso. — Pego a sacola do seu colo, retiro a caneta que também comprei e a entrego a ela. — Ver você ainda usar essa piada de agenda não só a deixa estressada, como também me deixa estressado.

Seu queixo balança e não perco a maneira como ela pisca repetidamente para conter as lágrimas que inundam seus olhos. Ela deixa tudo de lado e se ajoelha, depois passa os braços em volta do meu pescoço. — Você realmente não precisava ter feito isso, mas obrigada. Prometo que vou usá-lo o tempo todo.

— Eu sei que você vai. — Coloco a mecha de cabelo que conseguiu escapar de seu coque bagunçado atrás da orelha.

Mas nos afastamos quando ouvimos um estalo suave seguido de outro. Nix sorri de forma atrevida, batendo sua pá contra a caixa do iPad.

— Phoenix, não faça isso. Temos que ter cuidado, ok? — Lola o pega e o guarda de volta na sacola. — Assim como tomamos cuidado com o ursinho Pooh.

Ele ouve a mãe explicar para que vai usar o iPad. Capturo o momento com minha câmera e tiro mais algumas fotos com o oceano atrás deles.

O sol tangerina já nasceu na metade do caminho, mas se esconde atrás de nuvens fofas, parecidas com travesseiros, que se estendem ao longo do horizonte. Ainda assim, os raios conseguem se infiltrar por entre elas, recusando-se a ficar escondidos. Feixes em tom de ouro rosado se espalham pelo céu e o oceano. Misturando-se com os restos do céu azul noturno em um efeito ombré. A transição da noite para o dia é lenta, mas a espera vale a pena.

Especialmente porque, a cada segundo que passa, as cores brilham em Lola e Nix.

Como se estivesse lendo minha mente, ela se inclina e une nossos lábios. O beijo é breve, mas ainda sinto seus lábios nos meus, mesmo depois de ela ter se afastado.

Ela solta um suspiro trêmulo, segurando o presente que me deu. — Espero que você goste disso. Não é nada caro, mas...

— Poderiam ser meias e eu ainda adoraria — brinco, pegando a bolsa.

Embora eu saiba que não são meias, porque a sacola é extremamente leve e, quando tiro o presente, vejo como ele é fino. Ela sorri timidamente, mas ainda assim me incentiva a desembrulhá-lo.

Olho fixamente para o envelope do Priority Mail. Ele foi aberto, mas está preso por um único pedaço de fita adesiva transparente. Ao retirá-la, olho para dentro e vejo apenas uma única folha de papel e nada mais.

— Esse é um daqueles presentes tipo bilhete em que você me deixa fazer o que eu quiser? Uma vez, Hazel me deu... — Puxando-o para fora, meu coração bate perigosamente dentro do peito enquanto leio as grandes letras pretas em negrito.

Certidão de Nascimento

Phoenix Kingston

Releio o nome várias vezes, sem respirar a cada vez que o faço.

— Puta merda. — Minha voz é apenas um sussurro rouco. Sei que meu filho está bem na minha frente. Eu não deveria ter dito isso, mas não consegui impedir que as palavras saíssem de meus lábios. Ou parar a ardência na ponte do meu nariz ou a maneira como meus olhos se borram de lágrimas. — Isso é... isso... isso é real?

Releio a certidão, limpando a névoa sob os cílios.

— Se ele vai se parecer com você, pode muito bem ter o seu sobrenome. — Ouço o sorriso em sua voz, mas não me atrevo a olhar para ela, porque estou quase perdendo a cabeça. E tenho certeza de que ouvi a voz dela se embargar, então, se ela chorar, com certeza vou perder a cabeça.

Com um suspiro, coloco a certidão de volta no envelope e o coloco de volta na sacola. Em seguida, puxo Lola para um abraço apertado.

— Você não faz ideia do quanto isso significa para mim. — Beijo o topo de sua cabeça, mas não me afasto. Não até que Nix agarre meu antebraço, como se estivesse nos dizendo que não quer ser deixado de lado.

Eu rio baixinho, piscando algumas vezes antes de soltá-la e levantá-lo.

— Por favor, não deixe que isso suba à sua cabeça — ela provoca, sabendo que é o que nós dois precisamos.

— Oh, é melhor você acreditar que sim. — Minhas bochechas doem de tanto sorrir, mas não consigo parar. — Phoenix Kingston, isso soa bem. Não é mesmo?

— Sim, é verdade.

O olhar de alegria em seu rosto é tudo o que eu precisava para que o último peso em meus ombros se dissolvesse completamente.

Caminhamos até a orla, com os pés afundando na areia fresca e úmida enquanto o sol continua a nascer. Paramos para deixar

Phoenix maravilhado com os pássaros que voam sobre nós e, como ele gosta de nos manter atentos, ele sai correndo.

Lola e eu nos olhamos brevemente, sorrindo, antes de correrm os atrás dele.

Nunca me senti tão em paz como agora.

CAPÍTULO 49

Tj

— Landon, *amico* — diz Saint, com um sorriso torto, enquanto passa o braço em volta do ombro de Landon, puxando-o para junto de si. — Dê um sorriso, porra. É Ano Novo.

— Não. — Ele empurra Saint para fora, com o lábio superior curvado em desgosto.

Tomo um gole da minha cerveja, escondendo meu sorriso por trás dela.

Como todo estudante universitário que não está em uma república ou em casa comemorando o Ano Novo, estamos na Liquid, esperando o relógio bater a meia-noite.

Não sei como Jagger o convenceu a vir, pois Landon estava decidido a ficar em casa. Mas ele está aqui, continuando com aquela cara fechada de sempre, mas está aqui. Ele nem sequer abriu um sorriso quando duas garotas se aproximaram dele e perguntaram se ele estava a fim de se divertir. E elas não foram as únicas que tentaram.

Qualquer outro homem não teria hesitado em acompanhá-las até sua casa, mas Landon não se incomodou.

Saint revira os olhos, mas não deixa que isso impeça o sorriso em seu rosto. — Você ainda vai se divertir pra caralho antes da noite acabar. Vou me certificar disso.

— Não se preocupe. Fiquem felizes por ele ter vindo e não ter ido embora. — Jagger solta uma risada, tão animado quanto Saint e Jayden.

Saint se aproxima de mim, passa o braço em volta do meu pescoço e encosta o gargalo de sua garrafa no canto do meu celular. — Pare de olhar. Ela logo estará aqui.

Meus olhos instintivamente se voltam para a tela escura do meu telefone, esperando que Lola já tivesse respondido, mas ela não respondeu. Ela teve que trabalhar hoje à noite, mas disse que estaria aqui com suas amigas assim que terminasse.

Enquanto ela trabalhava, eu fiquei com Nix até meus pais chegarem e assumirem o controle.

Desde que a publiquei em meu Instagram, muitas pessoas entraram em contato para pedir pinturas. Mas o número dobrou quando Saint postou a pintura que Lola deu a ele há algumas semanas. Como ele tem um número maior de seguidores, ela recebeu mais pedidos.

Embora eu seja totalmente a favor do crescimento de seus negócios, odeio o fato de que mal a vejo. Ela fica fora quase um dia inteiro quando faz uma pintura ao vivo para um casamento. Ela diz que essas são as mais demoradas, mas são as que pagam mais.

— Se eu soubesse que você seria tão obcecado assim, teria apostado mais dinheiro — resmunga Jayden, embora a música alta o abafe rapidamente.

— Aposta? Que aposta? — pergunto, guardando meu celular no bolso.

— Eu disse aposta? Eu quis dizer...

— Você sabe exatamente o que quis dizer. Na verdade, se bem me lembro, você — estreito os olhos para Saint — também disse algo sobre uma aposta.

Sorrisos atrevidos surgem em seus rostos, exceto no de Landon.

— A gente apostou em quanto tempo você ia parar de fingir e finalmente chamar Lola para sair. No começo, era só por diversão, mas depois Landon tornou as coisas interessantes e transformou o jogo em uma aposta — explica Jagger e franze o nariz.

Gostaria de dizer que estou surpreso, mas não estou. Sou amigo de um bando de idiotas.

— Presumo que você não tenha ganhado?

— Eles não, mas eu sim. — Pela primeira vez desde que chegamos aqui, o canto do lábio de Landon se contrai e, por um breve segundo, ele parece vivo.

— Como você...

— Sabia? Amigo, você foi tão óbvio.

— Eu realmente gostaria de não ter apostado tanto dinheiro. — Jagger solta um suspiro forte, tomando um grande gole de sua cerveja.

— E você está estudando psicologia? — Landon estala a língua, seu tom é condescendente. — Você deveria pensar em mudar de curso... ah, foda-se.

— O que você está... — Eu sigo sua linha de visão, imaginando o que poderia tê-lo deixado irritado, mas paro na garota que me deixa louco.

Lola já está sorrindo, mas o sorriso aumenta quando nossos olhos se encontram. Embora eu dificilmente consiga mantê-los nos dela por muito tempo antes que eles se desviem para o comprimento de seu corpo.

É difícil olhar ou me concentrar em qualquer outra coisa, porque ela está usando um vestido dourado curto e cintilante que se molda ao seu corpo como se tivesse sido feito especificamente para ela. Uma fina corrente de ouro envolve seu pescoço algumas vezes, mantendo o vestido no lugar na parte superior de seus seios.

Estou lutando com todas as minhas forças para desviar meu olhar deles, mas o decote profundo faz pouco para esconder seus seios.

O vestido dourado se prende em sua cintura, mas depois flui logo abaixo do meio da coxa. E a cada movimento, a bainha se eleva perigosamente, mas de alguma forma consegue se manter no lugar.

Sou totalmente a favor de que Lola use o que quiser e se sinta confortável, mas esta é a única vez em que eu realmente gostaria que ela estivesse usando qualquer coisa que não fosse aquele maldito vestido.

Preciso parar de olhar para a minha namorada, porque sinto o sangue correndo para o meu pau. A última coisa que preciso é de uma ereção, mas sou tão fraco por ela.

— Lola, eu sabia que você tinha um gosto ruim para homens, mas amigas... — As palavras de Landon me tiram da minha névoa de tesão.

Movendo meu olhar, percebo que Lola tem outra companhia além de suas melhores amigas, Polly e Gabby. Reconheço a loira, Julianna Sparks. Ela faz parte de uma das irmandades, mas não sei quem é a outra.

— Lola. — Julianna a fixa com um olhar. — Achei que você tinha dito que essa *coisa* não viria.

— Eu não sabia que ele...

— Bem, se não é o equivalente humano à peste bubônica — Landon a interrompe, com os olhos ardendo em Julianna.

— Cuidado, eu vou matar você. — Um sorriso arrogante enrola seus lábios.

— Se isso significar me livrar da miséria que você parece terrivelmente carregar para onde quer que vá, aceitarei a morte de bom grado.

— Vocês dois se conhecem. — A voz doce e amigável de Gabby corta a animosidade que emana deles.

— Infelizmente — eles respondem em uníssono.

— Já é quase meia-noite. Você não deveria estar escondido em uma caverna, sacrificando alguma pobre alma ou conversando com o diabo?

Alguém precisa dizer alguma coisa, mas é como ver um acidente de carro acontecer em câmera lenta. Nós o vemos chegar, sabemos o quão ruim será, mas não há nada que possamos fazer para impedi-lo.

— Eu tentei, mas para que o sacrifício funcione, a pessoa precisa ter uma alma. E você, Hollywood, não tem. — Ele estala a língua em desapontamento. — Mas não se preocupe, tenho certeza de que eles têm um lugar especial para você em algum lugar.

Seus lábios se apertam em uma linha reta. — Obrigada pelo convite, mas estou indo embora antes que eu diga ou faça algo de que me arrependa.

— Por favor, faça isso. Sua presença é exaustiva e desanimadora.

— Foda-se.

— Não, obrigado. Prefiro me engasgar com o vômito — ele responde secamente.

— Como se eu fosse deixar você me tocar. — Ela o encara como se ele fosse a coisa mais nojenta que ela já viu. — Tchau, pessoal. — Ela acena para nós e, antes de ir embora, dá um tapa na cara

de Landon sem lhe dar um olhar. A garota que veio com elas segue o exemplo.

— Que porra acabou de acontecer? — A voz de Daisy nos tira de nosso transe.

— Isso foi... intenso. — Gabby ri desajeitadamente.

— Apenas mais um dia. — Jagger dá de ombros, com exasperação em sua voz. — Na verdade, esse foi o dia mais civilizado que já vi.

Cara levanta uma sobrancelha. — O mais civilizado?

— Isso foi divertido — Saint solta uma gargalhada.

Enquanto todos conversam, esquecendo-se do que acabou de acontecer, Lola vem em minha direção, como faço com ela, mas Jagger entra na minha frente antes que eu possa agarrá-la.

Eu me esquivo dele no momento em que ele preguiçosamente passa o braço em volta do ombro dela. Um brilho perverso brilha em seus olhos e ele sorri.

— Little Red, sempre que você se cansar desse babaca e quiser um homem de verdade, cuido de você. — Ele pisca para ela. — Posso não servir para ser pai, mas como *daddy* eu dou conta do recado.

— Pelo amor de Deus. — Empurro o braço de Jagger para longe de Lola e envolvo o meu próprio braço em sua cintura, puxando-a para o meu peito. — Vá se foder, Jagger.

Sei que ele está apenas brincando, mas que tipo de namorado eu seria se não fosse tão possessivo quanto prometi à Lola. A

última coisa que eu quero é enganá-la para que ela não tenha o pacote completo de namorado.

— Não fique com ciúme, Teddy.

Eu zombo, dando uma olhada rápida nele. — Eu lhe prometo que não há motivo para ficar com ciúme.

— Little Red, se mudar de ideia, você tem meu número. — Ele pisca para ela antes de se juntar a todos os outros.

Desloco seu corpo para que ela fique de frente para mim, seguro seu queixo e inclino sua cabeça para trás. — Você precisa excluir o número dele.

— Não fique com ciúme, Teddy. — Ela dá uma risadinha, repetindo e abaixando a voz como Jag.

Meus lábios se aproximam dos dela, sentindo um leve cheiro de pêssego e uísque em seu hálito.

— Não consigo evitar. Especialmente quando você está vestida assim... — falo devagar, minha mente ficando bêbada e confusa quando sinto a pele macia na parte inferior de suas costas.

Estou atordoado demais para falar enquanto arrasto a palma da mão sobre suas costas completamente expostas. De vez em quando, a corrente dourada que serve de suporte para segurar seu vestido faz cócegas em minha mão.

— Eu fico com um pouco de ciúme quando alguém olha para você do jeito que eu olho. — Fecho a distância, unindo seus lábios aos meus.

Ela sorri contra meus lábios. — Você não deveria.

— Já disse que não consigo evitar — falo com a voz rouca.

— Então, como é que você olha para mim?

Eu sei o que ela está fazendo. Um sorriso tentador enrola seus lábios e seus olhos brilham com malícia.

— Para que eu não fique duro no meio da Liquid, use sua imaginação.

Ela franze os lábios como se estivesse se segurando para não sorrir.

— Está mesmo fazendo jus ao apelido de garota dourada, hein? — Arrasto as pontas dos meus dedos, uma a uma, por sua coluna vertebral, deleitando-me com a forma como ela estremece contra mim. — Você está realmente muito bem.

Antes que ela responda, Daisy e Cara a puxam para longe de mim.

— Estamos pegando bebidas. Nós a traremos de volta! — Cara grita por cima do ombro para mim.

— Vai ser uma noite longa. — Jayden está ao meu lado, soltando um suspiro irregular. Seus olhos se fixam em Cara até que ela e as meninas se misturem à multidão de bêbados.

— Uma noite longa pra caralho. — Bebo o resto da minha cerveja, imaginando como diabos vou conseguir chegar até a meia-noite e não arrastar Lola para fora daqui.

Foi uma... noite.

Todos estão se divertindo, mas estou quase pirando aqui.

Parece dramático, mesmo para mim, mas é isso que acontece quando sua namorada tem um corpo insano, usa um vestido que a faz parecer uma deusa e está dançando de forma tão erótica.

Pelo menos para mim parece, porque, do meu ponto de vista, a maneira como ela balança os quadris, sacode a bunda e sorri maliciosamente mexe comigo. Faz com que imagens imundas apareçam em minha cabeça e me tentem de vez em quando simplesmente mandar um foda-se e puxar ela daqui.

Em vez de fazer o que meu cérebro e meu pau querem desesperadamente que eu faça, fico quieto e a observo à distância, deixando-a aproveitar o tempo com suas melhores amigas. Ela não se solta com frequência e, mesmo quando o faz, está sempre pensando no Nix.

Esta noite, eu me certifiquei de que a única coisa em sua mente fosse a diversão. Para manter sua mente sobrecarregada em paz, já enviei várias mensagens de texto aos meus pais para perguntar como ele está e pedir fotos.

Especialmente porque esta é a primeira vez que eles estão cuidando dele.

O DJ abaixa a música, anunciando que faltam dez minutos para o ano novo, e a enorme tela atrás dele ilumina a hora em grandes letras brancas destacadas.

Antes que eu tenha a chance de ir até Lola, ela já está vindo até mim.

Abro bem as pernas, pedindo que ela fique entre elas. Quando ela o faz, eu a observo, sorrindo para seu peito corado, seus olhos vidrados e o sorriso torto em seu rosto.

Segurando sua cintura com uma mão, apoio a outra na parte de trás de sua coxa. — Está se divertindo?

Ela se balança, passando os braços em volta do meu pescoço e deixando-os pendurados sobre meus ombros. — Estou, mas vou me divertir mais se você vier comigo.

— Não me juntarei a vocês.

Não havia como eu não ir, mas depois de ficar quase embaraçosamente duro quando ela decidiu esfregar a bunda em mim, desisti.

Suas unhas cravam suavemente em minhas costas enquanto seus olhos vidrados se transformam em algo sombrio, cheio de luxúria, e aquele lábio inferior carnudo se projeta em um beicinho. — Mas eu queria que você fosse.

Inspiro com força, ignorando o peso do meu coração dentro do peito ou como o sangue corre para o meu pau, fazendo-o latejar.

— Pare de me olhar assim — imploro.

Como as coisas mudaram. Há um mês, ela havia me pedido a mesma coisa, e agora sou eu. Sou eu que estou implorando com cada centímetro de mim para que ela pare de me olhar como se quisesse que eu a fodesse.

Ou talvez eu esteja exagerando, porque já faz um tempo que não faço sexo e estou desesperado. Para dobrá-la, puxar seu

vestido sobre a bunda e fodê-la até que ela encharque meu pênis com sua excitação.

— Como o quê? — Um sorriso sedutor se espalha pelo rosto dela, dando a ilusão de que essas duas palavras não deveriam ser nada além de uma pergunta inocente.

Mas eu ouço além da doçura que escorre de sua voz e sinto suas pernas ligeiramente abertas.

— Como se esperasse que eu tocasse você agora mesmo.

O fogo se acende em seus olhos quando eles descem até meus lábios. — Talvez... seja isso que eu queira.

— Você esteve bebendo. — Essa é a única razão pela qual ela sugeriria que eu a tocasse *em público*.

Não que alguém possa nos ver, pelo menos eu acho que não, porque estão todos bêbados ou perdidos em seu próprio mundo.

Ninguém perceberia se eu enfiasse a mão por baixo do vestido dela.

— Só um pouco, mas não estou bêbada. Estou lhe dando consentimento, TJ. — Sua voz é tão mansa que quase não a ouço.

— Podemos ser pegos... — Lentamente, arrasto a palma da mão por sua coxa até sentir a bainha de seu vestido fazer cócegas na parte superior da minha mão.

Ela lambe os lábios, olhando para a esquerda e para a direita e depois de volta para mim. — Sim... nós poderíamos.

Passo a mão por baixo de seu vestido e arrasto meu dedo médio sob a curva de sua bunda lisa e, em seguida, coloco-o em uma

concha, apertando-a com força. Seus lábios se separam e, se a música não estivesse muito alta, tenho certeza de que eu a ouviria arfar.

— Nós seríamos expulsos. — Solto sua bochecha e dou um tapa nela antes de deslizar minha mão sobre seu quadril, sentindo a renda que envolve sua pele sob as pontas dos meus dedos.

— Ou talvez não. Talvez tenhamos sorte.

— Alguém pode estar nos gravando. Você sabe como são as pessoas.

Dou uma olhada rápida, certificando-me de que ninguém está olhando, e não estão. Faltam apenas mais alguns minutos para a meia-noite. Ninguém está em seu juízo perfeito neste momento e, mesmo que esteja, não poderia se importar menos com o que estamos fazendo.

Seus olhos se arregalam por um instante e, em seguida, ela desvia o olhar para minha mão entre suas coxas. Imaginei que isso a assustaria e a faria se afastar, mas acontece o contrário e ela se aproxima um pouco mais.

Minha boca fica seca, mas meu pau endurece instantaneamente, sem se conter mais.

— Você gostaria disso? Não gostaria? — Levo minha mão até a renda que cobre sua boceta, saboreando o quanto ela está molhada quando se agarra a ela. Arrastando dois dedos por sua fenda, ela se move de um pé para o outro e seus dedos agarram meus ombros para se apoiar. — Responda-me.

Mas ela não responde. Parece que ela voltou a ser tímida, mas isso vai mudar agora mesmo.

Deixando a renda de lado, arrasto meu dedo sobre seu clitóris inchado, passando-o repetidamente até que seus lábios se separam e seu peito suba e desça ao acaso.

Com a outra mão, agarro sua cintura com força. — Responda, caralho.

— Eu... *ahh* — ela suspira, com os olhos vidrados pela necessidade, os lábios se abrindo mais a cada movimento. Lola desvia o olhar, os dentes afundando em seu lábio inferior antes de soltar. — Sim... eu gostaria disso.

Não tenho certeza se é possível fazer absolutamente nada, mas juro que poderia fazê-lo agora mesmo.

— Olhe para mim — eu exijo e, como a garota obediente que é, ela olha. Tiro meu dedo do seu clitóris e o arrasto pela fenda, colocando dois dedos dentro dela. Ela se sacode, mas eu a mantenho firme com minha outra mão.

Os olhos de Lola se arregalam e suas coxas apertam minha mão enquanto eu bombeio meus dedos para dentro e para fora dela. Ela está tão molhada que se estica com facilidade, acomodando meus dedos e os absorvendo tão bem até que os nós dos meus dedos estejam enterrados profundamente dentro dela.

— Olhe para mim, Lola — ordeno, sentindo suas paredes se fecharem. — Não queremos que ninguém saiba o que estamos fazendo. Portanto, sorria e *aja* como se não estivéssemos fazendo nada além de conversar e nos divertir. Está bem?

Ela acena rigidamente com a cabeça. Seus lábios se erguem, mas seu sorriso é fraco, na melhor das hipóteses.

— Responda. — Acelero o ritmo dos meus dedos, batendo em seu clitóris com a ponta da palma da mão.

— Ok — diz ela, sem fôlego. Ela está extremamente tensa, seu corpo quase tremendo, mas de alguma forma consegue sorrir genuinamente.

— Agora goze para que possamos ir para casa.

Seu corpo se enrijece e seus lábios se separam apenas um centímetro enquanto sua boceta tem espasmos em ondas e aperta meus dedos. Eu não desisto, nem quando ela esconde o rosto na curva do meu pescoço. Continuo a enfiar meus dedos dentro dela, sorrindo ao ver as respirações sufocadas e os gemidos abafados que escapam daqueles belos lábios.

Seus dedos cravam na lateral do meu pescoço. Não tenho certeza de quando ela os moveu, mas gosto da dor que eles provocam.

— Eu tenho você. — Eu a mantenho no lugar, ainda bombeando meus dedos para dentro e para fora dela, e diminuo o ritmo até que seu corpo não esteja mais tremendo contra mim.

Quando tiro meus dedos, o clube inteiro entra em erupção, gritando Feliz Ano Novo a plenos pulmões. Confetes, serpentinas, champanhe e Deus sabe o que mais chovem sobre nós.

— Feliz Ano Novo, Louise. — Eu a mantenho pressionada contra mim enquanto puxo minha cabeça para trás e beijo sua testa. — Agora vamos para casa.

CAPÍTULO 50

Tj

Nunca odiei tanto o Saint como agora.

Em qualquer outro dia, eu não me importaria se ele ficasse bêbado, mas de todos os dias, ele tinha que encher a porra da cara logo hoje.

Landon normalmente é muito bom em cuidar dessas coisas, mas em algum momento no meio da noite, ele desapareceu. Não pude pedir ajuda ao Jagger, porque ele foi para casa com duas garotas de uma república e o Jayden foi para a casa da Cara, então eu fiquei encarregado de cuidar dele.

Ajudá-lo não é o problema, porque já cuidei dos meus amigos muitas vezes. O problema é que demorou duas horas para que ele dormisse. Ele estava em todo lugar, insistia que precisava fumar e, quando não deixei, ele tentou me bater.

Lola se ofereceu para ajudar, mas recusei. Eu disse a ela para esperar em nosso quarto, mas pelo tempo que ela teve que esperar, tenho certeza de que ela adormeceu.

Esfregando a mão no rosto, entro derrotado no meu quarto, esperando ver Lola dormindo, mas fico agradavelmente surpreso ao ver que ela não está.

Ela está deitada de barriga para baixo, com os joelhos dobrados, as pernas no ar e um tornozelo cruzado sobre o outro. Ela está muito ocupada olhando as fotos da minha câmera, não percebeu que estou aqui. Mas isso rapidamente me tira do meu estupor, percebendo que ela está usando a câmera que eu nunca deixo ninguém tocar.

Em passos rápidos, arranco a câmera das mãos dela e a desligo. — Você não deveria estar olhando para isso.

Suas sobrancelhas se juntam, e um pequeno vinco se forma entre elas. — Por que não?

Lola pode olhar meu telefone, minhas redes sociais, o que quiser, mas essa é a única coisa que eu não queria que ela olhasse. Pelo menos, ainda não.

— Porque... — Não há nenhuma intenção maliciosa por trás dessas fotos, mas não sei como ela reagirá. Algumas das fotos eu obtive permissão para tirar, outras não.

— Essas são fotos minhas.

Coloco a câmera na minha cômoda ao lado das outras, encosto-me nela, apoiando as palmas das mãos atrás de mim na borda, e cruzo o tornozelo sobre o outro.

— Elas são.

O canto de seus lábios se contrai para cima. — Por que você tem fotos minhas? Isso parece meio obsessivo da sua parte.

— Não é o que você está pensando. — Eu sorrio, sentindo-me aliviado por ela não estar chateada com isso. — É para um projeto.

— Um projeto? Você vai continuar sendo enigmático ou vai me contar?

— No início do semestre, pediram-nos que escolhêssemos algo que nos fortalecesse. As fotos devem transmitir o que sentimos. Elas devem falar por nós, assim como devem falar para qualquer pessoa que as veja.

Lola se senta, o sorriso desaparece de seu rosto. Ela me olha fixamente, surpresa. — Eu lhe dou poder?

— Você dá.

Uma risada incrédula sai de sua boca. — Como? Eu não faço nada para isso.

— Sua resiliência. A maneira como você simplesmente segue em frente na vida, apesar de tudo o que aconteceu. Você realmente me surpreende e me dá um sentido para tudo. Não consigo me lembrar da última vez que algo me fez sentir como você faz.

Eu poderia ficar divagando sobre a maneira como ela me faz sentir, como ela me faz ver a vida, como encarar a vida, mas acho que nunca encontrarei as palavras certas. Mas as imagens descrevem como eu a vejo e como ela me faz sentir fortalecido.

Um sorriso terno e radiante se estende por seu rosto, e um tom rosado cobre suas bochechas. Ela se levanta e fecha o espaço entre nós. Seus saltos fazem um clique, seu vestido balança a cada movimento.

Abro os braços e solto os tornozelos, dando-lhe as boas-vindas em meu espaço. Eu a abraço, envolvendo meus braços em seus ombros enquanto ela passa os seus em volta da minha cintura.

— Eu não fiz nada.

— Você fez tudo.

Tudo o que eu nunca seria capaz de fazer se não fosse por ela.

Ela inclina a cabeça para trás, com os olhos vidrados cheios de lágrimas não derramadas. — Você está me deixando emocionada.

— Eu costumo ter esse efeito nas pessoas. — Sorrio, girando a corrente de metal fria em meu dedo.

Lola revira os olhos.

— Certo, revire os olhos de novo para mim.

Ela olha para mim, encarando-me com os olhos arregalados e revira os olhos com tanta insolência.

Eu sorrio, beijando sua testa. — Você fica uma gracinha quando age como uma pirralha.

— Eu não sou uma pirralha... — Ela ofega quando eu nos giro e depois a torço, prendendo seu peito contra a parte superior da minha cômoda.

Coloco a palma da mão ao lado de sua cabeça, apoiando meu peso enquanto pairo sobre ela, com os lábios em seu ouvido enquanto pego uma das minhas câmeras distraidamente. Sua respiração é superficial e irregular, e seus olhos acompanham meus movimentos. Eu ajusto a câmera para ter certeza de que ela vai capturar nós dois, mas não a ligo.

— Não vou apertar o botão até que você me diga para fazê-lo, e se você mudou de ideia e não quer mais fazer isso, tudo bem, desde que você esteja confortável.

Ela solta um suspiro trêmulo, com o olhar fixo na câmera. — Ligue-a.

Essas três palavras acionam algo dentro de mim como um interruptor. Meu dedo trabalha rapidamente, ligando a câmera, e eu pressiono o botão para gravar. Meu pau se ergue, abrindo minha calça jeans e cutucando a bunda dela.

— Fique quieta. Eu realmente odiaria acordar o Saint.

Eu não poderia me importar menos se ele acordasse, mas tenho certeza de que ele não vai porque está completamente nocauteado.

Além de nos observar, nada a excita mais e lhe dá mais emoção do que a possibilidade de sermos pegos, e a maneira como ela luta para não gemer.

Afastando-me dela, coloco a palma da mão em sua nuca, mantendo-a presa à cômoda e, com a outra mão, levanto a bainha do vestido acima de sua bunda perfeitamente redonda, deixando-a presa nos quadris.

Engulo um gemido, cerrando os dentes, olhando para a calcinha minúscula que ela está usando. Não sei se estou realmente punindo a ela ou a mim mesmo. Meu plano é excitá-la, mas não sei se serei capaz de fazer isso.

Foda-se. Foco.

— Lembre-se de que eu avisei para não revirar os olhos para mim.

O resto de minhas palavras é interrompido, sua respiração fica entrecortada e ela se sacode, mas mantenho a palma da mão firmemente em seu pescoço.

Sua bunda balança e uma marca vermelha de mão decora uma bochecha. — Tão perfeita, porra — murmuro, deslizando minha mão entre suas coxas escorregadias, tocando sua boceta através da tanga. — Você está molhada, mas não o suficiente. Sei que você pode fazer melhor do que isso. Não pode?

— Sim... — Ela aperta a mão, pressionando os lábios para abafar um gemido.

Afasto minha mão e a balanço de volta antes de dar um tapa na outra bochecha, sorrindo em agradecimento pela marca vermelha da mão que agora a cobre.

Lola se contorce, esfregando as coxas e cravando as unhas na madeira. — Já estou molhada o suficiente. — Sua voz é baixa, quase abafada, mas eu a ouço.

Abro o botão da calça jeans e puxo o zíper para baixo, mas não o tiro, ainda não. Só preciso dar espaço para respirar, mas estou perto de gozar e ainda não entrei nela.

Deslizando minha mão entre suas coxas novamente, ela está certa. Uma mancha úmida e pegajosa se infiltra no tecido fino, fazendo com que ele se prenda entre os lábios de sua boceta.

Não consigo evitar o sorriso malicioso que se forma em meus lábios. — Você está, não está? — Arrasto meu dedo médio para cima e para baixo em sua fenda, apreciando a forma como ela se move de um pé para o outro, contorcendo-se sob meu toque, e urra

como se estivesse prestes a gozar. — E você também está perto, não está? Seu corpo parece tão apertado, sua calcinha está encharcada, você está molhando minha mão e está esfregando as coxas, buscando desesperadamente.

— Sim, sim, sim. — Ela retém um gemido, fechando os olhos enquanto revira os quadris e toca minha mão. — Estou tão perto.

— Eu sei. — Rio secamente, retirando minha mão. Enrolo o cordão entre a bunda dela em volta do meu dedo e deslizo o tecido encharcado entre sua fenda.

— TJ! — Ela se levanta, mas eu a empurro de volta para baixo. — Que diabos está fazendo?

— Castigando você, é claro.

Ela se vira para me olhar, com a raiva se espalhando por aqueles olhos cor de avelã dilatados, o nariz inflado e a mandíbula cerrada. — Está falando sério?

— Muito. — Pisco para ela, com um sorriso presunçoso.

Usando meu pé, afasto suas pernas, puxando o tecido para cima para tocar seu clitóris.

— Isso não é... — Seus lábios se separam, mas quanto mais eu puxo o tecido, mais seus lábios se afastam.

Eu nunca fiz isso, nunca fui tão lento, mas desde o Halloween, tenho tido esse desejo de possuí-la completamente, de controlá-la. E não tenho dúvidas de que ela gosta disso. Caso contrário, ela não estaria empurrando a bunda contra mim ou encharcando minha mão.

— Oh — Lola murmura, com as costas arqueadas, quase levantando da cômoda. — Assim. Bem aí. Não pare — ela reclama sem fôlego, os nós dos dedos ficando brancos enquanto os aperta com força.

Puxo o tecido e o movo de um lado para o outro, roçando o ponto que a está deixando louca.

Afastando minha mão de seu pescoço, passo os dedos por seu cabelo, pegando um punhado. Levanto levemente a cabeça dela, solto o tecido e ajeito-o na sua boceta. — Rebole na minha mão do jeitinho que você sabe, baby.

Empurro meu dedo para o clitóris dela, aumentando a pressão enquanto ela rola rapidamente os quadris em movimentos circulares. Mantenho meus olhos colados abaixo de sua cintura, olhando hipnotizado enquanto sua bunda balança.

Lola bate em minha mão freneticamente. Os gemidos que ela está tentando tanto conter saem de seus lábios em gritos ofegantes enquanto seu corpo fica tenso e rígido. — Oh, meu Deus. — Ela se afunda novamente, seus gemidos são tensos e baixos enquanto ela goza.

— TJ? — diz ela depois de recuperar o fôlego.

— Lola? — Soltando seu cabelo e sua boceta, beijo a parte superior de seu ombro nu enquanto me esforço para tirar a corrente.

— Foda.

Paro e levanto o olhar, encontrando seus olhos escuros encobertos e bochechas vermelhas. — Sim?

Ela acena com a cabeça. — Sim.

Soltando minhas mãos, eu a giro e bato meus lábios contra os dela, forçando minha língua a entrar em sua boca. Ela me responde com uma necessidade fervorosa, com a boca e a língua tão desesperadas quanto as minhas. E quando ela geme em minha boca, as vibrações enviam um calor abrasador pela minha espinha. Dobro os joelhos, mantendo minha boca na dela, e seguro sua bunda, erguendo-a, e ela coloca as pernas em volta de mim.

Vou até a cama, sem nunca interromper o beijo até que deito Lola de costas e depois me posiciono sobre ela. Ela está linda, com as bochechas coradas, a pele brilhando, os cabelos espalhados pelo meu edredom e o vestido enrolado nos quadris, expondo o quanto ela está molhada entre as coxas.

Passando a mão sobre a cabeça, puxo a gola da camisa e a tiro, deixando-a cair no chão enquanto chuto os sapatos para o lado. Em seguida, tiro a calça jeans e a cueca boxer, lutando contra a vontade de não sorrir quando ela se apoia nos cotovelos e seus olhos se desviam para baixo até pararem no meu pau dolorosamente duro.

Ela pisca e volta a olhar para mim. Ela pode fingir que não está afetada, mas seus olhos estão selvagens e cheios de calor não filtrado.

— Cale a boca. — Ela afasta uma mecha de cabelo de seu cílio.

— Eu não disse nada — digo inocentemente. Abrindo a gaveta da minha mesa de cabeceira, pego um preservativo e o coloco ao lado dela.

— Seu sorriso idiota diz tudo.

Rastejo sobre ela e me acomodo entre suas coxas. Ela as afasta mais, dobrando os joelhos.

— O que é dito? — sussurro, bicando o canto de seu lábio, e desço até sua mandíbula. Agarro-me à sua pele quente e chupo com força, provocando mais gemidos ofegantes.

Ela se deita novamente, apertando o edredom como se estivesse precisando de algo para se segurar e, então, meu nome sai de sua boca em uma súplica carente. — TJ.

Recuando, olho com satisfação para o tom escuro de vermelho que se acende em sua garganta.

— O vermelho realmente fica bem em você. — Passo o polegar sobre o local, sentindo o peso de seu pulso contra a almofada.

— Não vou nem perguntar qual é o tamanho dele.

— É bom que você não faça isso. — Minha bochecha se contrai. — Esse vestido precisa ser tirado.

Eu lhe dou espaço para tirá-lo e, quando ela o faz, leva as mãos à barriga.

— Não faça isso. — Eu as afasto para o lado e me abaixo até sua barriga. — Isso — passo os lábios suavemente sobre suas estrias — mostra como você é forte. — Beijo uma extremidade da sua barriga. — Como você é incrível. — Beijo o meio da sua barriga. — Como você é linda. — Beijo a outra extremidade da sua barriga e depois me sento, pairando sobre ela. — Eu amo tudo em você.

Estrias e tudo mais. — Eu sorrio para ela, puxando-a para um beijo suave.

Sinto a tensão se dissipar de seu corpo quando me sento novamente, coloco meus dedos sob sua calcinha fio dental e a deslizo para baixo.

— E os meus saltos?

— Vamos ficar com eles. — Pego o preservativo, arranco o papel alumínio e o coloco sobre meu pau. — Pronta?

— Sim. — Ela solta um suspiro agudo enquanto eu o arrasto para cima e para baixo em sua boceta encharcada. Provoco sua entrada algumas vezes antes de elevá-lo até seu clitóris sensível e deslizar preguiçosamente sobre ele.

— *Oh...* — Ela fecha os olhos quando eu o abaixo novamente e deslizo a ponta em sua entrada. Empurro um pouco mais para dentro e respiro tenso ao ver como ela parece apertada.

— Relaxe — falo, beijo sua testa e espero por Deus que eu não me sinta bem por mal estar dentro dela. — Ainda não estou nem na metade.

Ela levanta a cabeça, apoiando-se nos cotovelos, e olha para onde estamos conectados.

Lentamente e de forma provocante, eu me dedico a penetrá-la, sabendo o quanto ela está gostando disso. É angustiante para mim, porque só quero penetrá-la logo, mas ela está ficando excitada conosco. Ela está mais molhada do que antes e, a cada investida, sua boceta se agarra a mim.

Mas só aguento por um tempo, porque seus gemidos e choramingos ecoam pelo quarto silencioso e, quando ela abre mais as pernas, eu entro completamente dentro dela.

— Porra — nós dois gememos.

— Maldição, Lola, você é tão gostosa. — Abaixo minha cabeça, soltando um suspiro.

Ela prende as pernas em volta de mim, com os saltos cravados em minhas costas. — Não diminua a velocidade.

Eu sibilo de dor, esmagando-me enquanto suas coxas se apertam ao meu redor, aumentando a fricção.

— Mais rápido — ela exige, com a cabeça inclinada, mas seus olhos ainda estão focados abaixo de nossas cinturas. — Mais forte.

Eu me movo com força e rapidez, minhas bolas batendo em sua boceta escorregadia, o som se misturando aos seus gemidos e aos meus gemidos. Os ruídos me incentivam a fodê-la com mais força, porque nada soa mais erótico e eufórico do que o som que fazemos. É cru e muito animalesco.

— Essa boceta é minha e somente minha — eu digo com voz rouca.

— Sim! — ela grita, balançando os quadris para cima e jogando a cabeça para trás. — Só sua.

Eu me retiro, mas permaneço em sua entrada. — Olhe para nós.

Nós dois olhamos para o meu pau, completamente coberto pela sua excitação. Ela observa enquanto eu agarro a base e deslizo

para dentro dela, desaparecendo completamente até que eu o retiro e repito o movimento.

Nunca em minha vida eu teria pensado que algo seria tão hipnotizante, tão erótico, mas não consigo desviar o olhar. Estou completamente fascinado pela forma como a cabeça desaparece dentro dela e logo sua boceta quente engole meu pau. Ela se aperta toda vez que estou prestes a me retirar, e toda vez que o faço, nós gememos.

Ao me retirar, eu me sento sobre meus joelhos. Agarro seus quadris e a levanto ligeiramente, alinhando-me à sua entrada. Em seguida, eu a puxo para frente e rapidamente a empurro para dentro dela.

— TJ... — ela ofega, chorando alto enquanto eu me aprofundo com força em seu interior. — Por favor, não pare.

Lambo meus lábios, levando meus olhos para seus seios enquanto eles balançam. — Tão lindos, porra.

Sem sentir que estou bem dentro dela, sento-me sobre a bunda e recuo até que minhas costas estejam pressionadas contra a cabeceira da cama, comigo ainda dentro dela. Suas mãos serpenteiam em volta do meu pescoço enquanto eu agarro sua bunda e a mantenho presa ao meu pau.

Aperto seu queixo e a faço olhar para mim. — Juro que não me canso de você. Nada nunca será suficiente. Preciso me perder completamente em você. — Estou respirando com dificuldade, minha alma ardendo e ansiando por ela. Ela fecha a distância entre nossos lábios e me beija, mas, entre eles, eu digo: — Mas

mesmo que eu fizesse isso, acho que nunca seria suficiente. Estou tão apaixonado... — falo e a seguro enquanto sua boceta sufoca o meu pau.

Preciso de tudo em mim para não gozar, pois ela assume o controle, pegando-me desprevenido. Ela não apenas se agarra à cabeceira da cama, mas alterna entre balançar sobre mim e balançar para frente e para trás.

— Deus, assim, Lola. Não pare, porra — eu gemo, deixando minha cabeça cair para trás.

Lola me cavalga até gozar. Seu corpo se sacode e, de repente, fica parado por um segundo tenso antes de ela ter espasmos e gritar meu nome. Ela passa os braços em volta dos meus ombros, segurando-me com força enquanto sua boceta quente me agarra. Eu me perco por um momento, saboreando a sensação até que a levanto e a empurro para baixo.

Ela está deitada de costas, com o peito arfando, a pele corada e coberta por uma camada de suor, e fios de cabelo grudados no rosto.

Inclinando-me sobre ela, eu me alinho e a penetro. Suas costas se arquearam, com as unhas cravadas em meus braços. — TJ, eu vou gozar de novo.

— Ótimo, goze comigo. — Eu balanço meus quadris mais rápido, com mais força, mais rude, até que minhas bolas se apertam, minhas costas ficam rígidas e um choque elétrico percorre minha espinha. Eu gozo assim como ela.

Abaixo a cabeça, estremecendo ao me liberar dentro do preservativo. Demoro um pouco para sair de cima dela, porque juro que não paro de gozar.

Eu ofego com força e, finalmente, saio de dentro dela e descarto o preservativo enquanto ela vai ao banheiro.

Quando ela volta, ficamos deitados um ao lado do outro, extremamente cansados, suados e exaustos.

— Uau, isso foi...

— Sim... — Eu me demoro, afastando para o lado o cabelo que gruda na testa úmida dela e o beijo.

— Feliz Ano Novo para nós.

Eu sorrio, abraçando-a com força. — Feliz Ano Novo para nós.

As três palavras que tenho guardado desde o Natal estão na ponta da minha língua. Eu deveria dizer algo, e meus lábios se separam para dizê-las, mas nada sai.

Eu vou dizer para ela..., mas ainda não é a hora.

CAPÍTULO 51

TJ

— Isso é muito estranho.

— Ainda não consigo acreditar que isso esteja acontecendo.

— Aposto que ele mexeu na caixa do Saint.

— Ele nem parece chapado para mim.

— Eu saberia se ele mexesse na minha caixa.

— Bem, ele tem que estar tomando alguma coisa, porque que porra é essa?

— Ou talvez estejamos todos drogados? Em algum tipo de estado de desrealização.

— O amor realmente faz você fazer coisas loucas, porque no passado TJ nunca faria.

— O TJ do passado teria incendiado a casa.

— O TJ do passado *não* estaria usando temperos.

— Ou limas.

— Estamos ferrados. O mundo está acabando. Essa é a única explicação para isso.

— Vocês não têm nada melhor para fazer? — Desvio o olhar da carne na chapa para meus amigos idiotas que me olham como se eu fosse um maldito unicórnio de outro planeta.

— Não — respondem simultaneamente, no momento em que Landon entra na cozinha, mas faz uma rápida parada. Seu rosto vazio de sempre agora está perplexo.

— Cara, você está... — ele para, com os olhos fixos na pinça em minha mão. — Cozinhando?

— Sim, estou cozinhando. Sim, comprei mantimentos. Sim, eu sei o que é sal.

Sal! Saint disse tom de brincadeira, quando me viu pegar o saleiro. Mas agora que penso nisso, acho que ele não estava brincando.

Se não fosse a carne chiando, a cozinha estaria em silêncio.

As sobrancelhas de Landon se ergueram. — Você comprou mantimentos?

— Peguem suas piadas e vão embora. — Virando as costas para eles, concentro minha atenção no que importa, que é garantir que não queime a comida. A última coisa que quero é servir tacos queimados para a Lola.

Trabalhei muito duro para que tudo isso se torne uma merda. Comprei a carne ontem e deixei marinando durante a noite. Gabby fez a salsa para mim. Comprei sua bebida mexicana favorita e tortilhas caseiras no mercado hispânico local, porque não tinha certeza de que ficariam boas.

Talvez eu tenha descoberto a potência da chama que preciso usar para não queimar a cozinha, mas ainda não estou cem por cento confiante em minhas habilidades culinárias.

Mesmo que a cozinha esteja uma bagunça, estou tentando manter as coisas simples. Quero concentrar toda a minha atenção em Lola e Nix assim que eles chegarem, e a limpeza é a última coisa em minha mente.

Estamos chegando ao final de janeiro e quase não a vi. Nossas agendas têm sido caóticas desde o início do ano. Além dos jogos e treinos, falta um mês e meio para o início do March Madness e, além disso, estou me preparando para o draft da NBA.

Ainda tenho tempo para ver Nix, mas ver Lola tem sido difícil. Sempre que tenho tempo livre, ela está trabalhando e, quando ela está livre, estou em um jogo ou treino fora de casa. E quando finalmente estamos juntos, ela está ocupada e eu estou com Nix.

O fato de não nos vermos me trouxe uma ideia à mente e não vejo como ela não concordaria. Foi por isso que decidi jantar em casa e não fora.

— Tão domesticado. — Jagger solta uma risada.

— Vou ficar de prontidão caso precisemos ligar para o nove-um-um. — Jayden ri junto com os outros caras que se sentam ao redor da mesa de jantar. Landon, no entanto, está encostado na parede, seus olhos queimando minhas costas.

Eu não digo nada, mas os afasto enquanto transfiro a carne para a tábua de corte.

Eles conversam entre si, mas seus olhos acompanham cada movimento meu. Até que ouvimos a porta da frente se abrir e passos suaves percorrerem o chão.

Nix entra correndo, com seus cachos saltitantes, seu sorriso alegre e radiante, com Lola logo atrás dele.

Ele passa correndo pelos rapazes enquanto eu me agacho, abrindo bem os braços para pegá-lo quando ele pula em cima de mim. — Ei, ursinho.

— Oi, papai!

— Ei, Lo... — Minha cabeça se volta para Phoenix. — O quê? Do que você acabou de me chamar?

— Pa — ele faz uma pausa, com as sobrancelhas franzidas, olhando para o lado como se estivesse pensando profundamente — pa-papai. — Ele sorri, batendo palmas, orgulhoso de si mesmo.

— Você acabou de me chamar de papai? — Meus olhos se voltam para Lola, que já está me encarando com o mesmo sorriso de alegria que ele está exibindo. — Ele acabou de me chamar de *papai*.

— Estamos praticando. — Ela sorri, quase pulando em seu lugar.

Meu coração transborda e uma onda avassaladora de emoções me invade. O mesmo sentimento feliz que senti quando vi a nova certidão de nascimento de Phoenix retorna. Nunca pensei que algo tão simples como o fato de Phoenix me chamar de papai provocaria uma onda avassaladora de emoções.

Amo meus pais e irmãos. Amo o basquete. Mas nada se compara ao imenso amor que tenho por Phoenix e Lola. Nunca me senti vazio em minha vida. Sempre tive o que quis, mas agora tenho tudo o que preciso.

Meus amigos me olham fixamente, e já posso ver as engrenagens de suas cabeças girando. Só posso imaginar as piadas que estão formulando em suas cabeças sobre mim, à beira das lágrimas. Surpreendentemente, elas não vêm. Pelo menos acho que não virão agora.

Saint e Jayden são muito infantis para não dizer algo, mas acabarão dizendo.

Jag estala os dedos, apontando para Lola. — Agora eu sei de onde conheço você.

Todos nós compartilhamos o mesmo olhar confuso. Sem saber do que diabos ele está falando.

— Achei que estava ficando louco. — Ele balança a cabeça, rindo para si mesmo. Ele estuda Lola como se finalmente tivesse encontrado a peça do quebra-cabeça que faltava. — Mas sabia, eu conhecia você de algum lugar.

— Juro que nunca nos conhecemos — diz Lola, mesmo assim, ele balança a cabeça, recusando-se a acreditar no que ela disse.

— Não foi que nos conhecemos, mas vi uma foto sua. E seu rosto está tatuado no braço do TJ.

Seus olhos arregalados se voltam para o meu braço, embora ela não o veja, porque estou usando uma manga comprida. — De jeito nenhum.

— Sim, claro. — Ele sorri. — Resumindo a história, no primeiro ano, ele perdeu uma aposta e teve de fazer com que um dos rapazes do time de futebol tatuasse algo nele. TJ podia estar bêbado, mas foi o seu rosto que ele quis tatuar no braço.

Jayden acena com a cabeça, estalando o dedo. — Agora eu me lembro.

— Já era hora de vocês perceberem — diz Landon.

— Espere, você sabia? — Jagger pergunta.

— É claro que eu sabia.

Saint bufa. — Eu me sinto tão excluído.

Enquanto os rapazes começam a falar sobre aquela noite e relembram o ano de calouro, Lola fica ao meu lado. Ela não diz, mas eu sei que ela quer ver, então coloco Nix no meu quadril e puxo a manga da camisa o máximo possível.

— Aqui está você. — Aponto para a sereia gravada em minha pele.

Seus olhos aumentam de tamanho e sua mandíbula fica frouxa. — Ele não estava brincando. Uma sereia?

— Eu não escolhi a sereia, mas ele perguntou com quem eu queria que ela se parecesse.

Ela a estuda, e seus dedos delicados percorrem seu rosto até a cauda. — Obsessão pouca é bobagem, hein?

— Você não faz ideia. — Eu dou uma piscadela para ela.

— Lola. — Jayden limpa a garganta, chamando a atenção dela para ele. — Quero avisá-la que TJ cozinhou, e isso é um fenômeno raro, *extremamente* raro. Portanto, se eu fosse você, mastigaria com cautela e teria o nove-um-um de prontidão.

Seus lábios se contraem. — Acho que isso não será necessário. Gosto da comida do TJ.

Todos olham para ela como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Pisque duas vezes se ele coagiu você a dizer isso — diz Saint lentamente em voz baixa, como se eu não estivesse a poucos metros dele.

— Ele não fez isso, mas...

Jagger a interrompe, parecendo surpreso. — Sei que ele é seu namorado, mas não precisa dizer isso para que ele se sinta bem consigo mesmo. Deus sabe que ele vai deixar isso subir à cabeça.

Landon também diz: — O que quer que ele esteja lhe pagando, prometo que não vale a pena mentir por isso. Aquele ego gigantesco dele pode aguentar.

Eu lhes mostro um sorriso presunçoso. — Não sinto muito por estourar suas bolhas, mas meu ego sempre vai prosperar.

— Seu convencido... — Landon se interrompe, com os olhos voltados para o meu filho. — Eu ainda não sei o que você vê nele, Lola.

— Vocês não têm um lugar para ir?

Não tenho certeza de quais são os planos deles para esta noite, mas é fim de semana, então certamente eles têm algo para fazer. Sei que Saint tem um encontro ou uma transa marcada, ou algo do gênero.

Ele finalmente parou de perseguir Daisy depois que ela lhe disse verbalmente que nunca estaria interessada e que ele era jovem demais para ela. Apesar de a diferença de idade ser de

apenas dois anos. Mas isso foi o suficiente para acabar com qualquer paixão que ele tivesse por ela.

Desde que parou de persegui-la, ele está se envolvendo com garotas aleatórias, levando-as para casa, até mesmo duas de cada vez.

Todos finalmente entendem a dica, mas ainda fazem piadas quando saem da cozinha.

Nix se contorce contra mim, fazendo com que eu saiba que ele já está cansado de ser carregado. — Papai, eu quero descer.

Acho que não vou me cansar de ouvir isso.

Eu o coloco no chão e ele sai correndo para a sala de estar.

Lola passa os braços em volta da minha cintura enquanto eu coloco os meus em volta de seus ombros. Ela inclina a cabeça para trás, olhando para mim.

— Espero que você esteja com fome.

— Estou morrendo de fome. — Ela lambe os lábios, com o olhar fixo no meu.

Eu sei o que isso significa e, se Nix não estivesse aqui, eu diria que se dane a comida, mas não é o caso.

Afastando esse pensamento, beijo sua testa e solto meus braços dela. — Vamos comer. Tenho algo que quero falar com você.

— Estou tão cheia. — Lola geme baixinho, colocando as mãos em cima do estômago. — Isso estava tão bom.

Minha namorada, a mãe do meu filho, acabou de dizer que *minha* comida é boa. Há muitas coisas que realizei e que ainda quero realizar, mas se nunca conseguir, ouvir essas quatro palavras será suficiente para o resto da minha vida.

Estou tentado a dizer a ela para repetir, só para que eu possa gravá-la e enviá-la para o bate-papo em grupo. Tenho certeza de que eles perderiam a cabeça, e nada seria mais satisfatório se isso acontecesse, mas há algo importante que preciso dizer.

— Você gostou mesmo? — Sento-me ao lado dela no sofá, saboreando a expressão de satisfação em seu rosto.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava um pouco preocupado. Foi minha primeira tentativa de fazer tacos. Tudo o que eu tinha a meu favor eram os vídeos do YouTube que assisti e as instruções dadas por Gabby.

— Eu realmente gostei. Tudo estava nota dez de dez. — Ela gira o corpo para ficar de frente para mim, lançando-me um daqueles sorrisos bonitos. — Então, o que é tão importante que você quis esperar até terminarmos de comer?

Olhando para Nix, certificando-me de que ele ainda está distraído com o urso e a bola de basquete, direciono minha atenção para Lola.

— Com convocação tão próxima, tenho pensado muito em nosso futuro.

Ela se senta e seu corpo fica rígido. — Tudo bem?

Pego sua mão com a minha antes que ela possa batê-la em seu colo. — Nada está garantido quando entrar no draft, não até o draft combine em maio. Mesmo assim, não há certeza de qual será a minha escolha, mas pelo que estou ouvindo, posso estar entre as quatro primeiras. E, se isso for verdade, posso ser convocado para o Canadá, Texas, Washington ou Michigan. — Respiro fundo, esfregando a parte superior de sua mão com o polegar. Isso ainda pode mudar, mas essas são as escolhas projetadas. — Não sei aonde vou parar, mas independentemente de onde for, quero que você e Phoenix estejam lá comigo.

Ela não responde imediatamente. O que é bom. Eu meio que esperava que ela ficasse chocada, mas espero que seja um bom tipo de choque.

Suas mãos ficam úmidas contra as minhas. — Não posso.

— Você está brincando, certo?

— Não, não estou brincando. Não posso ir com você.

Espero um pouco para que ela me diga que está brincando comigo. Espero que ela me diga que não gostaria de nada mais do que vir comigo, mas quanto mais espero, mais o silêncio se estende entre nós.

— Por que você não pode vir comigo?

— Porque... — ela se atrasa, desviando o olhar.

E então me dou conta.

— Você está tentando provar um ponto para pessoas que não fazem mais parte da sua vida. Estou certo?

Lola afasta sua mão da minha, com a cabeça pendurada enquanto passa os dedos pelas coxas. — Você não está entendendo.

— O que há para entender? Essas pessoas abandonaram você quando mais precisava delas. A opinião delas sobre você deveria ser a menor de suas preocupações.

— Quem disse que era apenas a opinião delas? — Quando seus olhos se encontram com os meus, não vejo neles o mesmo brilho de alguns minutos atrás. — Você não vê o que falam de mim na internet? Ainda me chamam de interesseira, de garota que pula de amigo em amigo. Sempre que sou vista com os caras, sou uma *homie hopper*. A única razão pela qual eu tenho uma carreira é por sua causa. Só sou *remotamente* interessante porque estou namorando você. Devo continuar? Porque há muitos outros comentários como esse. Você pode imaginar o que dirão se eu largar a faculdade para ficar com você?

— Quem se importa? Não importa o que você faça, as pessoas sempre vão falar.

Ela zomba. — Certo, é fácil para você dizer isso.

— Fácil para mim? — Solto uma risada sem humor. — Devo lembrá-la do que estão dizendo sobre mim neste momento? — Perdemos um total de quatro jogos e caímos no ranking da AP. Perdemos nosso último jogo em casa por dez pontos. *Você é um júnior acabado e sem jogo. Você é uma vergonha para o programa,* foi possivelmente a mensagem mais simpática que recebi esta

semana. — Mas é inútil, porque encontrei meu lugar feliz e achei que você também tivesse encontrado.

Nunca pensei que seria fácil enfrentar os comentários e as entrevistas, mas desde que encontrei meu porto seguro – Lola e Phoenix – tudo ficou mais suportável de lidar.

— Eu tentei, mas não é fácil fingir que isso não me incomoda. Eu não posso ser você.

Meu joelho treme e a ansiedade paira sobre mim, mas tento controlá-la.

— Não preciso que você seja eu. Só preciso que você seja você. Só preciso que você e Phoenix estejam lá, porque não quero estar em nenhum lugar onde vocês não estejam.

Não me importa o quão desesperado isso pareça. Só preciso que ela entenda, mas o olhar em seu rosto me diz que ela não entende meu desespero.

Então, quando ela não diz nada, eu digo: — Você vai mesmo deixar que uns desconhecidos na internet ditem a sua vida? Depois de tudo o que passamos, a opinião deles é muito mais importante do que a nossa?

— Não faça isso — diz ela calmamente.

— Fazer o quê? Dizer como as coisas são? Porque é exatamente isso que você está fazendo. Você não só está preocupada demais com o que as pessoas aleatórias têm a dizer. Pessoas aleatórias que não sabem nada sobre você, mas você ainda se importa com *duas pessoas* que sabem.

Imediatamente, eu me arrependo das palavras quando elas saem da minha boca, e odeio como ela olha para mim como se tivesse lhe dado um tapa.

— Lola, eu não deveria ter...

— Tudo bem — diz ela de forma concisa. — Vamos encontrar uma maneira de você ver Phoenix, mas eu vou ficar até me formar.

Soltando um suspiro resignado, pego sua mão na minha, esfregando os nós dos dedos cobertos de tinta. Há mais coisas que quero dizer, mas tenho medo de estragar tudo e dizer a coisa errada.

Eu forço um sorriso. — Tudo bem, vamos dar um jeito.

No passado, eu teria dito *foda-se* e discutido com ela até que ela concordasse em vir comigo, mas aprendi muito e sei que só a afastaria. A última coisa que quero é ser um idiota ou forçá-la a fazer algo que ela não quer.

Mesmo que por dentro eu esteja em pedaços, sabendo que vou ficar a quilômetros de distância das duas pessoas que mais importam para mim.

CAPÍTULO 52

lola

— Está difícil de assistir. — Gabby se encolhe, apoiando os cotovelos na mesa, com os dedos entrelaçados sob o queixo.

No momento, a equipe está perdendo por vinte e cinco contra a Universidade da Flórida e faltam apenas três minutos para o fim do jogo.

Tem sido estressante vê-los jogar. Eles cometeram muitos arremessos, erraram metade dos lances livres e a defesa não está funcionando.

Como eles estão jogando na Flórida, as meninas, Gabby, Polly e Darius vieram ao bar The Lucky Jersey para assistir ao jogo. Assim como muitos outros alunos da NCU, que estão lotando o bar.

Nix está com a babá. Eu não o teria trazido aqui de jeito nenhum.

Nas últimas três horas, o ambiente mudou significativamente. Todos os que vieram torcer pela equipe com espírito esperançoso parecem chateados ou completamente irritados.

Embora muitos dos que estão irritados sejam os rapazes. Há um grupo específico perto do bar que, tenho certeza, é apenas um bando de garotos de fraternidade falando demais.

No início, eu os ignorei, mas foi difícil à medida que a noite avançava. Especialmente quando um deles disse: — TJ jogava bem até arrumar uma mulher. E olha que ela nem vale isso tudo. — Isso fez com que o restante de seus amigos concordasse e acrescentasse suas próprias opiniões que não se afastaram do que ele disse.

— Ei, olhe para mim. — Cara move a cabeça, bloqueando o grupo de rapazes do meu campo de visão. — Não dê ouvidos a eles. Eles são apenas um bando de idiotas bêbados.

— Um bando de idiotas — diz Polly com desdém em sua voz. — É sempre aquele tipo de babaca de mocassim e calça cáqui que adora bancar o sabichão. Sério, não dê ouvidos a eles. Eles provavelmente estão nervosos porque perderam o dinheiro que apostaram.

Sorrio e aceno com a cabeça, desviando minha atenção para uma das muitas TVs de tela plana penduradas no teto.

Falta apenas um minuto e eles conseguiram marcar cinco pontos, mas ainda estão perdendo por vinte. Não demora muito para o jogo terminar e os jogadores apertarem as mãos do outro time. Suas cabeças estão baixas enquanto se dirigem para o túnel, não poupando um olhar aos torcedores da Flórida, que aplaudem e cantam a vitória de seu time.

— Bem, poderia ter sido pior. — Daisy dá de ombros enquanto pega seu copo de cerveja e bebe o líquido restante.

Darius levanta uma sobrancelha, olhando para ela, divertido. — Pior? Eles perderam por vinte pontos.

Talvez Daisy entenda um pouco mais de basquete e assista agora sem reclamar, mas ela não está extremamente interessada.

— Todo mundo tem jogos ruins e essa é a quinta derrota da NCU em *toda a* temporada. Você já viu as estatísticas da Flórida e quantas vezes eles perderam desde o início da temporada? — Ela dá uma risadinha, com um tom condescendente. — Eles têm mais derrotas do que vitórias e a temporada já está no fim. Mas ainda assim, vão jogar o March Madness.

Ou pelo menos eu achava que ela não estava interessada. Cara e eu olhamos uma para a outra. Nenhuma de nós diz o que está pensando.

Fico pensando em sua declaração, sabendo que ela tem razão. Sei que as pessoas on-line não concordarão. Elas terão muito a dizer, mas por que isso deveria importar?

Essa é uma pergunta que tenho feito a mim mesma desde que TJ me convidou para morar com ele.

— Eu já volto. Vou ao banheiro. — Deslizo para fora da cabine e fico na beirada da mesa. Ninguém diz que precisa ir, então passo pela multidão e entro no banheiro.

Mas quase volto quando vejo Alexia em frente ao espelho acima da pia. Normalmente, não nos encontramos, mas quando isso acontece, ela sempre tem algo a dizer. Ela nunca é má, mas sempre parece sarcástica.

Antes que eu possa dar um passo para trás, seus olhos se fixam nos meus no espelho. Um sorriso profundo se estende por seu rosto e ela gira.

— Oi, como você está? — Seu sorriso alegre me surpreende, mas então noto o olhar vidrado em seus olhos e as bochechas rosadas.

— Ei, estou bem. Como você está? — Sou tão dolorosamente desajeitada que me encolho internamente.

— Estou muito bem.

— Bem... foi bom ver você. — Viro à esquerda para ir até um dos boxes, mas paro quando ela fala novamente.

— Eu o conhecia há dois anos, mas isso não o impediu de fazer brincadeiras.

Volto a me virar, bufando de frustração. — Veja...

— Você realmente acha que ele está aceitando bem a derrota desta noite? Você não o conhece como *eu*. Você não esteve lá nos últimos dois anos como *eu*. Sabe o que ele faz depois de uma derrota? Ele encontra alguém para transar, e posso lhe garantir que é exatamente isso que ele está fazendo esta noite.

Aperto a ponta do meu nariz, gemendo com esse absurdo. Há alguns meses, eu havia considerado essa possibilidade. Pensava demais no que TJ estaria fazendo, mas ele não fez nada para quebrar minha confiança.

E embora TJ possa ter feito isso depois de uma derrota, isso foi antes de mim. Não vou contemplar ou pensar demais no que ele pode estar fazendo hoje à noite, porque ele não me deu um motivo para duvidar dele.

— Você é mesmo amarga, né?

Ela me encara, ofendida. — Desculpe?

— Toda vez que encontro você, sempre tem algo a dizer. Não entendo qual é o seu problema.

— Problema? Não tenho nenhum problema. Só estou tentando cuidar de você.

— Você não está tentando cuidar de mim. Tudo o que fez foi falar merda desde o momento em que vi você. Eu nem sequer conheço você.

Seu nariz se inflama, os lábios se contraem e as bochechas ficam vermelhas. — Você age como se o conhecesse, mas não conhece. Fui eu quem esteve lá por dois anos e depois ele me deixou de lado como se eu não importasse. Acha que ele não fará isso com você? Bem, fique de olho, porque ele vai descartar você como lixo quando encontrar alguém melhor.

Eu poderia discutir e ficar chateada, mas sei que estaria perdendo meu tempo. Também não me importo com o que ela tem a dizer. Estou farta de besteiras e de deixar que as pessoas me irritem.

— Então por que você não fez nada a respeito? Você teve dois anos. O que impediu você?

Ela hesita, solta um suspiro irregular e seus olhos lacrimejam. — Porque ele estava sempre ocupado transando. Com certeza você já viu quanta atenção ele recebe. Quantas garotas mandam mensagens para ele, olham para ele, vão até lá e conversam com ele. Certamente você não é tão ingênua e alheia a isso. Ele adora a atenção, adora as garotas que se atiram sobre ele. Não sei que

tipo de mentira ele lhe contou, mas ele não vai permanecer fiel. Homens como ele nunca são. E se você não acredita em mim, verifique o telefone dele. Embora eu aposte que ele não vai deixar você fazer isso. — Ela enxuga agressivamente as lágrimas que escorrem por sua bochecha.

Mal sabe ela que eu sei todas as senhas dele e que ele é famoso por deixar o celular em qualquer lugar. Se eu preciso do telefone dele para alguma coisa, ele nunca hesita em me dar.

E não estou preocupada com as mulheres. Sim, elas ainda tentam flertar com ele, mas ele nunca as entretém.

Eu confio nele, mas seus amigos gostam de provocá-lo na minha frente, especialmente Jagger. Ele disse que sempre que as garotas pedem para tirar fotos, ele mantém distância entre elas e fica com os dedos entrelaçados atrás das costas.

— Não sei o que dizer. Sinto muito que as coisas não tenham dado certo entre vocês dois?

— Você não é nada especial. — Ela ri amargamente, com os olhos fixos em mim.

— E você é? — Escapou antes que eu pudesse me conter. — Quero dizer... — Por que estou voltando atrás? — Eu nem conheço você e prefiro que continue assim.

— Eu deveria ter ficado de boca fechada. A notícia nunca teria... — Ela rapidamente fecha a boca, com os olhos arregalados.

— Foi você? Você é a razão...

— O que isso importa? Você ganhou. Você o tem. — Ela passa por mim com agressividade, bufando alto ao abrir a porta. — Quando ele ferrar você, não se surpreenda, porque a culpa vai ser toda sua.

Alexia sai correndo do banheiro, deixando a porta bater atrás de si.

Espero que surjam quaisquer pensamentos de dúvida, mas pela primeira vez em muito tempo, não sinto nada.

Surpreendentemente, sinto-me bem, apesar do final da conversa.

— Por que você está tão quieta? — A voz de Cara me tira de meus pensamentos.

— Você ainda não está pensando no que a Alexia disse? Está? — Daisy arqueia uma sobrancelha.

— Não. — É a verdade, porque minha mente tem se preocupado com TJ.

Não conversamos muito ontem à noite depois do jogo dele. Embora não tenhamos conversado muito desde nossa conversa de duas semanas atrás.

Fiquei chateada no início, mas ao pensar no que ele disse, percebi que ele não estava errado.

Eu estava.

— TJ me pediu para ir com ele depois do draft.

O espanto toma conta de seus rostos. Elas deixam tudo de lado e direcionam sua atenção para mim.

— Quando ele a convidou? — perguntam em uníssono, com a voz embargada pelo choque.

— Quando vocês vão embora?

— Para onde vocês estão indo?

— Oh, meu Deus, você vai ser uma milf da NBA!

— Vou sentir sua falta e do Nix, mas estou muito feliz por vocês!

— Você vai ter que nos enviar muitas fotos e usar o FaceTime.

— Precisamos informar ao escritório central que não vamos renovar nosso contrato de aluguel.

— Precisamos...

— Esperem, parem — eu as impeço de fazer mais comentários ou perguntas. — Eu disse a ele que não ia.

— Você não vai? — perguntam ao mesmo tempo, com confusão estampada no rosto.

Eu suspiro e conto a elas o que aconteceu e tudo o que foi dito.

Tomo um gole do meu café, mas faço uma careta, porque ele já está frio. Eu sabia que deveria ter continuado a beber café frio. Colocando a caneca na mesa de centro, sento-me e observo Phoenix brincar com seus brinquedos enquanto giro a pulseira de couro em meu pulso.

Eu me arrependo de ter feito parecer que TJ não entendia o que eu estava passando. Como se fosse difícil lidar com os comentários negativos quando ele lida com isso diariamente.

A noite passada é um excelente exemplo disso, pois os comentários foram horríveis. Apesar de termos uma temporada quase perfeita, os torcedores não se importaram, porque queriam a vitória. Eles agem como se os rapazes não quisessem tanto quanto eles.

— Eu não deveria ter dito o que disse, mas quando ele falou dos meus pais, foi um pouco doloroso. — Eu sei melhor do que ninguém que eles não se importam comigo. — Pouco, na verdade, é generosidade. Eles simplesmente não se importam. — Eles me expulsaram e não olharam para trás.

— Foi errado o modo como ele disse, mas ele não está errado. — Daisy se senta mais perto de mim. Ela tira meu cabelo do coque e começa a entrelaçar três mechas em uma trança. — Os perdedores on-line sempre vão falar o que pensam. Isso nunca vai mudar. É a mídia social. Eles expressam suas opiniões só porque podem.

— Sim...

Cara me observa como se tivesse descoberto algo. — Mas você realmente não se importa mais com isso, não é?

— Quero dizer, dói quando me deparo com algo sobre mim. — É uma droga, mas parei de me importar há algum tempo. Assim como parei de me importar com o que Alexia tinha a dizer.

Quando Daisy termina de trançar meu cabelo, ela o solta e começa de novo. — Mas essa não é a razão pela qual você está tão determinada a terminar os estudos, não é?

Eu mentiria, mas somos amigas há tanto tempo que elas perceberiam.

— Não, não é. — Fico olhando para a tela no cavalete ao lado da porta de vidro deslizante. Terminei a pintura esta manhã. Estou apenas esperando que seque para enviá-la ao feliz casal que se casou na semana passada. — Meus pais disseram que um curso de arte não me levaria a lugar nenhum e que eu estaria perdendo meu tempo. Se eu fosse embora, estaria provando que eles estavam certos. Não quero que todo o dinheiro que investi, os empréstimos que fiz, as madrugadas viradas, as idas e vindas de carro, sejam por nada. Sem mencionar que vocês tiveram que suportar morar a uma hora de distância do campus, quando certamente poderiam ter se mudado para mais perto, só para me ajudar. Não seria justo. Lembrem-se de que o plano é terminarmos a faculdade juntas. Foi por isso que alugamos este apartamento.

— Oh, Louise.

Tamborilo meus dedos ansiosamente. Fazia muito tempo que Cara não me chamava pelo meu nome legal.

— Eu amo você, mas não. — Ela estala a língua, balançando a cabeça em sinal de desaprovação. — Entendo seu ponto de vista, mas lembre-se de que o diploma sempre foi seu plano B se não desse certo se tornar uma pintora. E todos nós sabemos que está realmente dando certo para você.

— Está indo tão bem que você teve que colocar as pessoas em uma lista de espera. Quero dizer, vamos lá, quando em seus sonhos mais loucos você pensou que isso aconteceria? Uma maldita lista de espera! — Daisy exclama com entusiasmo.

Elas não estão mentindo. Meu diploma sempre foi meu plano B se tudo mais falhar, e uma lista de espera não é algo que eu imaginava que aconteceria. Já fiz tantas reservas que ganhei dinheiro suficiente para me mudar para mais perto do campus e comprar materiais novos e melhores. Embora eu não precise, porque TJ já comprou.

Um pacote apareceu na minha porta quando ele estava em um jogo fora de casa na semana passada. Eu só havia mencionado que precisava de suprimentos melhores uma vez, e isso foi tarde da noite. Achei que ele não se lembraria, pois estava exausto e prestes a dormir.

— E sim, concordamos em viver juntas até nos formarmos, mas isso foi antes de TJ. Prometo que eu e a Daisy ficaremos bem. Não vamos ficar chateadas por estar escolhendo o que faz você feliz. Sabemos que *ele* faz você feliz.

— Ele me faz muito feliz. — Meu nariz arde na ponte e meus olhos lacrimejam. — Sei que parece ridículo, mas só queria provar que eles estavam errados. Queria que eles soubessem que, apesar do que pensavam, eu era capaz.

— E você fez isso, *você* fez isso. Não *eles* — diz Cara.

— E quem se importa com o que eles pensam. Se eles não puderam estar presentes em seus momentos mais baixos, não

merecem estar presentes em seus momentos mais altos. — Daisy solta meu cabelo e me abraça, fazendo com que as lágrimas que eu estava tentando conter rolem pelo meu rosto. — Se for o caso, sempre pode fazer aulas on-line, mas faça o que deixa você feliz, Lo. Não importa o que aconteça, nós apoiaremos o que você decidir fazer.

Cara nos abraça. — Mas juro que, se você se mudar, precisaremos falar com Phoenix.

Nix levanta a cabeça e nos encara com curiosidade, depois se levanta e caminha até nós. — Eu quero subir.

— Venha cá. — Quando as meninas me soltam, eu o levanto e o seguro pelo tempo que ele permitir.

Enquanto o abraço, eu sei: já tomei minha decisão. É o melhor para mim e para Phoenix.

CAPÍTULO 53

Tj

Pouca gente consegue me intimidar, mas se tem alguém capaz de fazer isso, é o treinador Warren.

O sorriso descontraído e a postura relaxada com que ele me cumprimentou quando entrei em seu escritório não estão mais à vista. Seus lábios estão apertados, os ombros rígidos e seus olhos se fixam profundamente em minha alma.

Exalando um suspiro agudo, ele se levanta do outro lado da mesa e caminha até a porta, fechando-a completamente. Ele se senta à minha frente, apoiando os cotovelos na mesa e apertando a ponte do nariz.

— Ok, você vai ter que se repetir, porque acho que não ouvi direito.

— Não vou me declarar para o draft. Decidi que vou esperar até o próximo ano.

O basquete tem sido minha vida inteira.

Tudo o que já fiz foi sempre pelo basquete. A universidade que escolhi, a razão pela qual acordo de madrugada, analisando filmes quando poderia estar fazendo qualquer outra coisa, e priorizando-o em detrimento de qualquer outra coisa.

Tudo o que eu fazia era pelo basquete, mas agora que Phoenix e Lola estão em minha vida, tudo o que faço é por eles.

Eu ainda quero jogar na NBA. Esse é o meu objetivo, mas agora não é o propósito da minha vida. É por isso que não posso me declarar este ano. Não posso ir embora sabendo que as pessoas que amo estão ficando para trás.

Já conversei com meus pais e eles disseram que me apoiam cem por cento em tudo o que eu decidir fazer. Ter o apoio deles significa muito para mim, porque sei que tomei a decisão certa.

Inclinando-se para a frente sobre os cotovelos, um profundo vinco se estabelece entre suas sobrancelhas, com preocupação gravada em seu rosto. — Você está com *problemas*?

— Problemas, não?

— Alguém o coagiu? — ele pergunta com cautela.

— Coagir?

— TJ, filho, alguém ameaçou, manipulou ou forçou você a não ir? Com tudo o que está acontecendo, posso ver por que alguém o faria...

— Não, a decisão é minha.

A cadeira de couro range quando ele se inclina para trás e cruza os braços contra o peito. Seus olhos se estreitam, estudando-me com um olhar perscrutador.

Depois de um tempo de silêncio, ele pergunta: — Você fumou alguma coisa? Cheirou alguma coisa? Juro por Deus que se você estiver mal agora...

Solto uma risada, sacudindo rapidamente a cabeça. — Não, eu juro que estou limpo. Você pode me testar.

Ele esfrega as têmporas, fechando os olhos por um breve momento antes de abri-los novamente. — Certo, então o que diabos está acontecendo? Você não parou de falar em se declarar desde o primeiro ano e agora não quer fazer isso? A mídia está afetando você? Eu sei que é muito difícil, mas você se comportou bem.

— Não se trata da mídia. — O que, na verdade, não me interessa nem um pouco. Eles podem falar toda a merda que quiserem. Já superei toda essa besteira. Sei o meu valor. — Se eu esperar até o ano que vem, poderei me formar.

Ele me lança um olhar incrédulo. — Não me venha com essa, Theodore. Posso ter o dobro da sua idade, mas não sou idiota. Eu pareço um idiota para você?

É uma pergunta retórica, mas de qualquer forma, ele quer que eu responda. — Não, senhor, você não parece um idiota para mim.

— Então, vamos tentar novamente. Por que, de repente, você não quer fazer algo pelo qual trabalhou a vida inteira? Algo sobre o qual você nunca se cala. Algo para o qual você estava contando os dias?

— Minha família. — Eu ia deixar por isso mesmo, mas por algum motivo, não consigo evitar que o resto das palavras saia de minha boca. Não devo nada a ninguém, mas ele, mais do que ninguém, merece saber.

— Minha namorada e meu filho estão aqui. Não faz sentido eu simplesmente ir embora depois de tudo que a gente passou. E não quero perder a vida de Phoenix mais do que já perdi. Perdi seu nascimento, seus primeiros passos, seu primeiro aniversário e muitas outras coisas. Sei que não há nada que eu pudesse ter feito, porque não sabia que Lola estava grávida, mas posso fazer algo a respeito agora. Sei que é inevitável perder certas coisas, mas se puder evitar, eu o farei. E Lola, eu não quero que ela sinta que precisa fazer algo sozinha.

Revi nossa conversa várias vezes em minha cabeça, imaginando o que eu deveria ter dito para que ela concordasse em se mudar comigo. Mas ao pensar nisso, percebi o quanto tinha sido uma grande besteira fazê-la desistir de tudo pelo que ela tinha trabalhado duro.

Além disso, trazer os pais dela à tona foi uma coisa de merda. Nunca saberei qual é a sensação de ser abandonado pelas pessoas que mais deveriam estar ao seu lado. Mas o que farei é passar o resto de minha vida garantindo que ela nunca mais se sinta assim.

Um sorriso se estende por seu rosto, e sua expressão séria se suaviza. Ele me encara da mesma forma que faz quando eu levo Nix para o treino.

— Lola deve significar muito para você, se já se decidiu por algo que desejou a vida inteira.

Minha *necessidade* por ela é mais do que um desejo.

— Ela é tudo para mim. É a mãe do meu filho.

— Se é isso que você realmente quer, eu apoio sua decisão. Você sabe que pode contar comigo para tudo o que precisar. E acho que não me importarei de tê-lo por mais um ano.

Eu sorrio com o desdém fingido em sua voz. — Obrigado, treinador, eu realmente aprecio seu apoio.

— Não, obrigado por ser homem o suficiente para assumir a responsabilidade. Não é fácil, nada é, mas posso lhe prometer que vale a pena. Especialmente as coisas inesperadas.

O encontro com Lola foi inesperado. Não planejamos nada. Simplesmente aconteceu.

Assim como eu não esperava me apaixonar por ela, simplesmente aconteceu. Eu não tinha percebido o quanto estava apaixonado até que percebi que, se não é ela, não é mais ninguém.

Cada momento que passo com ela me faz querer mais dela.

Não há um momento que pareça menor do que outro, porque eu anseio por tudo o que gira em torno dela. Desde os momentos barulhentos até os mais calmos. Passar nosso tempo na cozinha enquanto ela me ensina a cozinhar. Vê-la nos meus jogos vestindo a minha camiseta. A risada que brota dela sempre que tento pintar. Experimentar um café novo enquanto fazemos panquecas de mirtilo no meio da noite. E minhas tentativas de manter meus olhos abertos até que ela esteja satisfeita com suas pinturas.

Se não for ela, então qual é o objetivo?

— Se você mudar de ideia, o prazo final é 26 de abril. — Ele levanta a palma da mão, para que eu saiba que ele ainda não

terminou. — Pense nisso. Eu apoio sua decisão, mas muita coisa pode mudar daqui até lá.

Embora ainda faltem dois meses, já me decidi. Também fiz algo que não posso voltar atrás.

— Obrigado, treinador, por tudo.

— Desde que você não esteja fazendo nada ilegal, sempre apoiarei você e o resto do pessoal. — Ele se levanta, dá a volta em sua mesa e abre a porta. — Agora vá para lá. Preciso que você se concentre. Faltam apenas algumas semanas para March Madness e preciso de você no seu melhor.

— Sim, senhor. — Sorrio, levanto-me da cadeira e saio de seu escritório.

Jagger: Juro que vocês nunca me verão sendo chicoteado.

Jayden: Nós sabemos.

Ninguém acrescenta mais nada a isso, porque todos nós concordamos plenamente com Jay.

Jagger: Fodam-se todos vocês. Eu sou capaz de ser um bom namorado.

Saint: Como é que você diz que nunca vai ser chicoteado, mas depois diz que é capaz de ser um bom namorado?

Jayden: Faça com que faça sentido.

Jagger: O que estou dizendo é que nunca serei chicoteado, mas se eu fosse um namorado, seria um ótimo.

Ninguém responde a essa mensagem, porque todos nós sabemos que ele não seria um bom namorado. Não porque ele seja um cara horrível ou algo do gênero, mas ele não se importa com monogamia ou com estar amarrado. Pelo menos foi isso que ele disse.

E a ideia de Jagger com uma namorada parece... ilógica.

Jagger: Uau! Sério? Landon, você não vai me apoiar?

Landon: Deixe-me fora disso.

Landon deixou a conversa.

Saint acrescentou Landon à conversa.

Jagger: Aposto que nenhum de vocês pensou que TJ fosse um bom namorado, mas aqui estamos.

Saint: Você tem razão, não pensamos, mas como você disse, aqui estamos. TJ não vai se declarar porque quer ficar com sua Peaches.

Além dos meus pais, irmãos e treinador, também contei aos meus amigos. Eles me apoiaram desde o primeiro dia e continuam apoiando. Eles ficaram chocados, mas entenderam por que estou

fazendo isso. Exceto Jagger. Ele ainda me apoia, mas disse que eu era um homem melhor, porque ele nunca poderia fazer isso.

Eu: Eu já lhe disse para não a chamar assim.

Landon: Peaches... adequado.

Se ele estivesse aqui, eu lhe daria um soco, mas ele está sabe-se lá onde, e eu estou no museu, esperando por Lola. Ela não sabe que estou aqui. Ela teve com problemas com o carro, então Cara a deixou aqui. Falei para Cara que não se preocupasse em buscá-la e que não contasse nada a ela, porque eu também havia reservado uma de suas visitas guiadas pelo museu.

Tive que improvisar, pois quase não a vejo. Portanto, se isso significa que vou marcar horário para vê-la, então farei isso.

Eu: Saint, pare de adicioná-lo novamente ao bate-papo.

Landon: Acho que vou ficar um pouco mais.

Eu: *emoji de dedo médio*

Jagger: De qualquer forma, FODAM-SE TODOS por acharem que eu não seria um bom namorado. Vocês verão que, no dia em que eu me tornar um, isso acabará para vocês, suas vadias!

Saint: *emoji de caveira*

Jayden: Claro, Jag.

Eu: Certo...

Landon: K.

Jagger: TJ, mal posso esperar pelo dia em que a Lola cair em si e perceber que você não vale a pena e deixar o seu rabo. Quando isso acontecer, papai estará aqui para consolá-la.

Eu: Por favor, nunca mais se chame assim.

Quando o telefone vibra na minha mão, avisando que recebi outra mensagem, a voz de Lola chama minha atenção para ela.

O nervosismo de antes volta à tona enquanto penso no que quero dizer. Já sei o que preciso dizer, mas continuo repetindo para ter certeza de que ainda soa bem.

Ela está de costas para mim enquanto conversa com a recepcionista, portanto, não percebeu que estou aqui. E isso é mais do que bom para mim, porque deixo meus olhos se arrastarem pelo comprimento de seu corpo.

O look dela é simples, mas elegante: blusa branca de cetim com mangas compridas dobradas até o cotovelo, saia marrom que vai até a metade da panturrilha, amarrada na cintura, e um salto baixo que ainda assim dá um pouco mais de altura. Os saltos que ela está usando não são muito altos, mas aumentam um pouco mais sua estatura. Seu cabelo ondulado habitual está liso dessa vez e cai em cascata pelas costas.

Antes que minha mente se desvie para pensamentos perversos, eu os deixo de lado para um dia posterior e me levanto, caminhando até ela antes que ela se vire. Fico a alguns metros de

distância dela e, quando ela se vira, preciso de tudo para não a abraçar e beijar.

O sorriso pequeno e profissional em seu rosto se desfaz e um sorriso doce e bonito toma conta dele. Os olhos de Lola dobram de tamanho quando ela dá um passo à frente, mas não fecha o espaço entre nós. Vejo sua mão se levantar, mas ela a solta rapidamente e gira a pulseira de couro marrom em seu pulso. Sei o que ela está pensando, porque estou pensando a mesma coisa, mas nenhum de nós age de acordo com isso, porque ela ainda está trabalhando e precisa ser profissional.

— Você está aqui.

— Estou aqui.

— Espere, você é meu compromisso das oito horas?

— Sim, sou. — Dou mais um passo e me inclino, o mais discretamente que posso, para sussurrar em seu ouvido: — Gostaria muito de marcar outro horário. Você trabalha fora do horário comercial?

Ela olha para mim, inclinando a cabeça para trás apenas o suficiente. O sorriso profissional e prático está de volta em seu rosto, mas vejo o brilho brincalhão em seus olhos.

— Teria que verificar minha agenda. Sou uma mulher muito ocupada.

— Com certeza você pode me encaixar. Prometo que não tomarei muito de seu tempo. — Olho para o botão que está apertado em seu peito, pronto para ser aberto.

Ela cantarola. — Nesse caso, acho que posso encaixar você.

— Eu *sei* que você pode. — Meu olhar se volta para sua boca enquanto a dela desce abaixo da minha cintura.

Sei que ela está se esforçando, mas aqueles lábios lindos que eu adoraria foder crescem e se abrem.

Ela se esquiva de mim e olha por cima do ombro. — Vamos lá, temos que começar.

Lado a lado, começamos na frente do museu e, lentamente, percorremos o caminho. Ela me conta sobre cada obra de arte e artista. Só na nossa quarta parada, uma estátua de um anjo com um arco na mão, mas com a flecha atravessando seu coração, é que ela não diz nada.

— Lo-

— Sinto muito. — Lola olha para mim. Os mesmos olhos que me receberam com carinho agora são melancólicos e seus lábios estão voltados para baixo. — Desculpe-me por diminuir seus sentimentos e agir como se você não entendesse, quando ninguém melhor do que você entende como as mídias sociais são uma merda.

Minhas mãos se flexionam ao meu lado, querendo nada mais do que abraçá-la, mas em vez de agir de acordo com o que quero fazer, eu as coloco nos bolsos. Ela precisa ser profissional, e a última coisa que quero é colocá-la em apuros.

— Você não precisa se desculpar. Você não estava necessariamente errada.

— Eu estava, eu...

Não posso abraçá-la como gostaria, mas não posso não a tocar. Tirando uma das mãos do bolso, entrelaço meu dedo médio ao dela.

— Foi fácil dizer o que eu disse, porque tive de lidar com isso por quase três anos. Sem mencionar que eu estive em terapia por causa disso, e então você e Nix apareceram e eu encontrei meu lugar feliz. — Eu sorrio, apertando seu dedo, ganhando um pequeno sorriso dela. — Mas você, você foi jogada nisso e eu realmente gostaria que não tivesse sido assim. Eu gostaria de poder fazer tudo isso desaparecer. Eu realmente gostaria de poder, Lola. Mas mesmo que eu não possa, saiba que sempre estarei aqui. Se eu precisar xingar alguém on-line, eu o farei. Vou até descobrir onde eles moram, se for preciso.

Uma risada fraca passa por seus lábios, e o sorriso que eu tinha visto antes volta. — Por favor, não faça isso. A última coisa de que preciso é que você seja preso.

— Por você, eu faria. — Sorrio, entrelaçando outro dedo no dela. — Desculpe-me pelo que disse sobre seus pais. Eu não deveria ter tocado no assunto e dito aquilo.

— Você não estava errado. Eu só... eu queria tanto provar que eles estavam errados, mas é burrice se fixar nisso porque, conhecendo-os, eles ainda não se importariam. No fundo, eu sempre soube disso, mas parte de mim sempre... teve esperança. Sei que é besteira, mas...

— Não é besteira. Eu *tinha esperança* que você me perdoasse e aqui estamos nós. Eu tinha esperança que você *gostasse* de mim de volta. Tinha esperança que você me *quisesse* tanto quanto eu queria você. Tinha esperança que você *pensasse* em mim como penso em você.

— Está tornando difícil não beijar você.

Abro um sorriso. — Eu sei.

Ela bate suavemente com a mão em meu ombro e, quando seus olhos se desviam para o lado, ela solta seus dedos entrelaçados aos meus. Ela dá um sorriso profissional e dá alguns passos para trás. Não percebo, até que ela faça isso, o quanto estávamos próximos e nenhum de nós notou.

Eu me viro para ver para quem ela está sorrindo e reconheço a pessoa do outro lado da sala. É a chefe dela e ela está olhando para Lola com um olhar que conheço muito bem. É o mesmo olhar que o treinador Warren dá a Saint quando ele está fazendo algo que não deveria estar fazendo.

— Eu realmente quero beijar você agora.

— Não diga isso para mim quando você sabe que eu não posso — ela repreende, soltando um suspiro áspero. — Deveríamos continuar com a turnê, para que você possa fazer valer o seu dinheiro.

— Oh, vale. — Sem vergonha, deixei meus olhos percorrerem seu corpo. — Minha guia turística é gostosa.

Ela revira os olhos, mas vejo a diversão em seu rosto quando ela se vira e continua até a próxima obra de arte.

Eu me coloco ao lado dela, mas antes que ela possa continuar com o resto da turnê, falo: — Sabe, você me surpreende.

— Você já disse isso antes.

— Eu queria lembrar novamente.

Ela olha para mim e sorri, enquanto eu sorrio para ela.

Durante as duas horas seguintes, ela me deu um tour completo pelo museu. Poderíamos ter terminado há uma hora, mas ficamos enrolando. Embora isso tenha funcionado a nosso favor, porque quase todo mundo foi embora. Há apenas algumas pessoas que ficam aqui e ali, mas não na sala em que estamos.

Estamos em frente à última pintura e, agora que ela terminou de me contar sobre ela, ela se vira para mim e um sorriso atrevido se abre em seu rosto. — Então, o que você achou da sua guia turística?

Há tantos pensamentos passando pela minha cabeça, mas há um que é constante. Um que me lembra repetidamente que Lola é uma certeza e que, se não for ela, não será mais ninguém.

— Acho que estou apaixonado pela minha eu guia turística.

Seu sorriso vacila e ela me encara com uma expressão vazia, como se não estivesse registrando minhas palavras.

Este provavelmente não é o melhor lugar para contar a ela, mas eu não posso mais esperar. Guardei essas palavras por tanto tempo e, agora que as disse, eu me arrependo de não as ter dito antes.

O nervosismo me consome quando ela ainda não diz nada, mas sei que preciso confirmar o que disse. Preciso tranquilizá-la, porque é disso que ela precisa.

— Louise, eu amo você. — Pego a mão dela e coloco sobre meu peito, bem onde meu coração está batendo feito louco. — Isso aqui é seu. Sempre foi e sempre vai ser. Quero que saiba que cada parte de mim é sua, e ninguém, absolutamente ninguém jamais terá isso, porque é tudo para você, meu amor, minha felicidade, meu tudo, somente para você.

Quando seus olhos ficam brilhantes e seu lábio inferior treme, entro em pânico, imaginando onde poderia ter errado.

— Você me ama? — Seus olhos suaves procuram os meus.

— Louise, eu amo você, porra.

Ela solta um suspiro trêmulo, sorrindo apesar de seu lábio inferior tremer. — E eu amo você.

Palavras tão simples, mas juro que elas inflamam cada centímetro de mim.

Eu não deveria, mas não consigo mais evitar. Fecho o espaço entre nós e conecto meus lábios aos dela. Aprecio a maciez antes de puxar seu lábio inferior entre os meus lábios e introduzir minha língua em sua boca. Envolvo os braços em torno do sua cintura enquanto ela passa os braços em volta dos meus ombros. Seus dedos se emaranham em meus cachos na base do pescoço, provocando arrepios que sempre surgem quando ela me toca.

Nada nunca foi tão bom. Quero permanecer nesse momento, mas então me lembro de onde estamos e tenho certeza de que ela também se lembra, pois se afasta.

— Nunca fui tão grato por um suco de pêssego na vida.

Lola dá uma risadinha, mas depois fica séria. Seu olhar se desvia de um lado para o outro e então algo brilha em seus olhos como se ela tivesse tomado uma decisão.

— O quê?

— Meu turno acabou..., mas eu topo fazer hora extra.

CAPÍTULO 54

Lola

Sei bem dos problemas em que podemos nos meter se alguém nos pegar, mas não consigo me prender a isso agora.

Levo-nos ao único cômodo do museu ao qual ninguém vai, exceto Juls e eu. É o depósito que guarda todas as decorações de Natal e outras coisas aleatórias.

Viemos aqui em nossos intervalos quando queremos tirar um cochilo, porque há um banco estofado sem encosto. Ou quando queremos tirar fotos por causa do impressionante e opulento espelho de parede com moldura dourada e arco superior.

Hoje à noite, não preciso me preocupar com o fato de Juls aparecer, porque ela não está trabalhando, nem com ninguém mais. Quase todo mundo foi embora, menos o segurança. Mas não preciso me preocupar com ele, porque ele nunca vem até o segundo andar do museu.

Assim que fecho a porta atrás de nós e a tranco, ele me pressiona com força contra seu peito e empurra nossos corpos até que minhas costas batam na parede.

Ele fecha o espaço restante e envolve meus lábios com os seus, beijando-me fervorosamente. É bruto, dominante, puxando e sugando meu lábio inferior com tanta força que fico ofegante, sem ar. Separo meus lábios apenas um pouco para recuperar o fôlego,

mas TJ força sua língua a entrar em minha boca. Quando nossas línguas se chocam, esqueço a necessidade de respirar e deixo que sua boca me consuma, a maneira como sua mão aperta minha cintura e sua ereção dura penetra em meu estômago.

Eu me perco com a força de sua boca, sem pensar em mais nada até que ele interrompe o beijo, encostando a testa na minha.

— Porra — ele murmura sem fôlego. — Eu não tenho preservativo.

Meus ombros caem com a decepção, mas estou desesperada, com tesão e sem paciência.

Estou tão desesperada que um pensamento me vem à mente, e eu deveria tê-lo encerrado imediatamente. Eu deveria tê-lo apagado, mas minha necessidade por ele é mais forte do que minha vontade.

E já faz tanto tempo que eu quero isso.

— Ok, e? — É uma resposta precipitada e sem fôlego, mas não penso muito sobre isso.

Ele levanta a cabeça, olhando para mim com incredulidade. — Tem certeza?

— Sim, tenho certeza.

Como se nunca tivesse parado, ele volta a me beijar com mais intensidade do que antes. Enquanto isso, suas mãos puxam minha camisa de dentro da saia e desabotoam os botões em um frenesi.

— Foda-se — ele geme em minha boca e, em sua pressa febril e impaciente, agarra minha camisa pelo meio de cada lado e a puxa, fazendo os botões restantes voarem e baterem no chão com um estalo abafado.

Eles saltam e se espalham pelo chão, perdendo-se atrás das caixas. — TJ, que diabos?

— Eu comprarei outra. Apenas tire a porra da camisa — ele ordena asperamente, e seu olhar duro não deixa espaço para que eu discuta ou o questione.

Isso não deveria ter soado tão sexy quanto soou, mas soa. Gosto quando ele é arrogante e presunçoso. E quando ele está falando sério assim, isso me excita.

Eu dou de ombros, deixando-a cair no chão enquanto ele puxa a camisa pela cabeça e a joga em algum lugar.

Seus olhos se voltam para o meu peito e eu não espero que ele me diga para tirar o sutiã. Eu me aproximo por trás e solto o fecho, deixando as alças deslizarem pelos meus ombros e caírem de mim. Meus mamilos ficam tensos e os arrepios do ar frio se espalham pelos meus seios.

Vejo o tique em sua mandíbula antes que ele feche o espaço entre nós, devorando minha boca enquanto se curva e coloca as mãos embaixo das minhas coxas. Instintivamente, enrolo minhas pernas em torno de seu tronco e ele me bate contra a parede fria.

Afastando a boca da minha, ele deposita beijos molhados da minha bochecha até a mandíbula e se agarra à minha pulsação. Deixo minha cabeça cair para trás, gemendo suavemente com o

calor que inunda meu sistema. Eu deveria dizer a ele para parar, porque quando ele faz isso, sempre deixa os maiores chupões e minha maquiagem cobre apenas uma parte. Mas eu realmente não consigo me importar.

— Mmmm... — Enfio os dedos em seus cabelos na base do pescoço, mordendo o lábio enquanto ele suga com mais força e meu clitóris lateja pesadamente.

Quando termina, ele beija o local, mas seus lábios se demoram. Seu hálito quente refresca o local agora frio, apesar de arder por dentro.

— Sempre que se olhar no espelho, quero que veja isso e lembre quem manda em você — murmura grave contra minha pele. — Lembre que você é minha, porra.

Minha respiração fica presa quando nossos olhos se conectam, porque a cor de uísque em suas íris escurece em duas poças de âmbar derretido.

Ele segura meu queixo com o polegar e o indicador e move minha cabeça para cima e para baixo. — Diga: Sim, TJ.

Oh, Deus, por que isso é tão sexy?

— Sim, TJ — eu respiro.

Assim que respondo, ele solta meu queixo e abaixa a cabeça até meus mamilos que parecem pedrinhas. Ele puxa o botão apertado para sua boca, seus dentes o seguram enquanto sua língua passa sobre ele.

Tento conter os gemidos, mas à medida que ele continua seu ataque, não consigo detê-los. Eles saem à força, ecoando pela sala.

Ele sibila quando eu puxo seu cabelo, mas isso parece apenas encorajá-lo, pois ele chupa, morde e mexe em meus mamilos com mais força.

— Eu amo você. — Ele beija a inclinação do meu peito antes de levantar a cabeça.

— Eu também amo você. — Afrouxo o aperto em seu cabelo, sentindo-me mal por estar puxando-o com tanta força.

— Eu me referia aos seus peitos, mas também amo você.

A culpa se dissipa instantaneamente. — Você é irritante.

— Mas eu sou *sua* pessoa irritante. — Ele sorri, beijando meus lábios.

Reviro os olhos para a expressão arrogante em seu rosto. Às vezes, posso gostar dele, mas às vezes é irritante.

— Adoro quando você revira os olhos — diz ele, apertando minhas coxas enquanto me leva para longe da parede e para quando estamos no banco verde-oliva. — Isso me dá mais motivos para foder você.

Engulo com força, apertando as coxas enquanto meu clitóris lateja com necessidade novamente.

— Faça isso então.

Algo brilha em seus olhos e ele me coloca de pé novamente. Apoia as mãos em meus quadris e me gira de modo que eu fique de costas para ele. Nossos olhos se fixam no espelho e outro sorriso

se insinua em seus lábios. Mas não deixo que meu olhar se detenha no dele, porque dou uma olhada em mim mesma.

Minhas bochechas estão coradas, meus lábios estão inchados, meu cabelo, que antes estava liso, agora está uma bagunça com frizz, um chupão chamativo colore a lateral do meu pescoço e meus mamilos estão extremamente esticados e doloridos.

Eu já pareço ter sido fodida, e ele mal me tocou.

Saio dos meus pensamentos quando ouço o som de seu zíper sendo puxado para baixo. Pelo espelho, vejo que ele já havia tirado os sapatos e, então, meus olhos se voltam para a calça jeans, enquanto ele a desce pelas pernas longas junto com a cueca boxer.

TJ está em sua glória nua atrás de mim e, quando vou me virar, suas mãos agarram meus quadris novamente. — Fique assim. Quero que você continue olhando para si mesma.

Meu coração bate forte e meus dedos se flexionam ao meu lado enquanto o vejo se sentar. Ele desliza as mãos para trás e então o sinto puxar o nó que prende minha saia. Ele puxa as tiras até que eu sinta a saia se soltar na cintura e o material sedoso cair, ficando em volta dos meus pés. Em seguida, ele coloca os dedos sob o cós da minha calcinha e a puxa para baixo.

Eu não ia usar saia, porque estamos em meados de fevereiro e ainda está muito frio, mas estou muito feliz por ter usado.

— Droga. — Ele solta um suspiro. — Você é perfeita.

Longe disso. As estrias se espalham pela minha barriga, pela lateral dos quadris, na curva da bunda e na parte interna das coxas. E tenho celulite.

— Eu não... — Eu grito com a picada quente na bochecha da minha bunda.

— Podemos concordar em discordar de muitas coisas, mas essa não é uma das coisas sobre as quais discordaremos. Você. É. Absolutamente. Perfeita. — Seus olhos se fixam nos meus, sem qualquer forma de diversão, enquanto ele enuncia cada palavra. — E eu quero que você acredite nisso também, porque é verdade. Diga.

— Eu... eu sou perfeita — falo calmamente.

— Mais alto, Louise.

— Eu sou perfeita.

— Você é. Cada centímetro de você. Cada parte de você. Cada coisa microscópica não é nada além de perfeição. Não vou deixar você acreditar no contrário.

E eu acredito nele. Pelo modo como seus olhos ardem nos meus e sua voz é aveludada e suave, apesar da ligeira aspereza, sei que ele está falando sério.

Sorrio e aceno com a cabeça. Ele me olha como se estivesse se certificando de que eu acredito e, depois de um longo período de silêncio, ele o quebra.

— Agora vire-se e fique de joelhos.

O momento doce se transforma em algo elétrico. Sinto que ele queima cada nervo dentro de mim.

Meu corpo obedece ao seu comando e faço o que ele diz, virando-me e ficando de joelhos. Engulo, olhando para a mão dele

enrolada em seu pênis. Ele é enorme, grosso e imponente, vazando sêmen.

O nervosismo está à flor da pele, porque já lhe dei dois boquetes e, ainda assim, a ideia de tê-lo em minha boca é assustadora.

— Você fez um trabalho muito bom da última vez — ele elogia. — Venha cá. — Eu me inclino para mais perto e, com sua outra mão livre, ele pega um punhado de meu cabelo. — E sei que você fará um bom trabalho novamente. Não é mesmo?

— Sim.

— Boa garota.

Nunca em minha vida eu imaginaria que duas palavras soariam tão válidas. Especialmente *essas* duas palavras que provocam algo selvagem dentro de mim, e eu anseio por ouvi-las novamente.

Lambendo os lábios, eu os separo e coloco minha língua para fora, lambendo a ponta. Ele geme em agradecimento quando arrasto minha língua ao longo da costura e depois a giro, sentindo o gosto de seu sêmen.

Ao olhar para ele, vejo que seus olhos já estão em mim. Escuros e encapuzados, com a mandíbula apertada e o nariz dilatado.

A maneira como ele me encara me incentiva a abrir mais os lábios e chupar a cabeça de seu pênis. Ele solta um suspiro agudo quando eu o aprofundo até não poder mais.

— É isso, Lola, você está se saindo tão bem, enchendo sua boca com meu pau. — Sua voz está tensa, como se ele estivesse perdendo todo o seu autocontrole. — Agora chupe, porra.

Eu faço exatamente isso.

Eu o chupo e substituo a mão em seu eixo pela minha. Alternando entre minha mão e minha boca.

— Merda — ele geme, a palavra mal escapa da sua boca.

Eu sorrio, o olhar atordoado em seu rosto me satisfaz. A dúvida que havia obscurecido minha mente desaparece, deixando-me apenas confiante.

Aumentando a velocidade, chupo cada vez mais rápido e com mais força enquanto bombeio, minhas bochechas ficam encovadas e a saliva escorre pela lateral do meu queixo. Sinto as gotas em meus seios, e algo sobre isso me faz sentir sexy e devassa.

Eu o sugo mais profundamente, apesar da minha garganta reagir ao ter algo tão grosso enfiado dentro de mim. Meus olhos se arregalam com lágrimas e minha mandíbula queima com a rápida sucção, mas não desisto, porque os ruídos que TJ emite valem muito a pena.

Ele geme e murmura palavras tensas. Olho para ele novamente, mas ele não está olhando para mim. Ele está olhando para o espelho.

— Sua bunda parece tão boa — fala, com a mandíbula tensa enquanto geme novamente. Seu aperto em meu cabelo causa uma leve dor ser puxado, mas algo nessa dor é bom. — Preciso que você se sente no meu rosto novamente.

Esfrego minhas coxas, lembrando-me da posição em que estávamos em Miami. Se eu não estava sentindo calor antes, com certeza estou agora.

Seu corpo inteiro fica tenso e, antes que eu possa continuar, ele solta meu cabelo e me puxa para cima.

— Por que você...

— Se eu gozar, vou gozar dentro de você.

Tudo acontece muito rápido, ele me vira de costas para ele. Observo meu reflexo, notando como meus lábios estão inchados, brilhando com minha saliva.

— Mmm, você parece um sonho — diz ele, com as mãos em volta das minhas coxas e os lábios na curva da minha coluna. Ele me beija, deixando um rastro de arrepios enquanto desce até que seus lábios estejam bem acima da minha bunda.

Ouço a respiração aguda dele antes que dê um beijo em cada bochecha e me puxe de volta.

— Abra suas pernas para mim.

Levanto uma sobrancelha com incerteza. — Não devo me virar?

— Confie em mim, eu sei que você vai adorar isso. — Lá está ele, aquele sorriso arrogante irritante, puxando o canto de seu lábio. Ele me encara com tanta autoconfiança que não consigo deixar de confiar nele, porque meu corpo agora está zumbindo de ansiedade.

Tirando os sapatos de salto alto, abro as pernas e me aproximo dele até ficar entre suas pernas. Fico olhando, cativada, enquanto

ele coloca a mão na base do pênis e bombeia algumas vezes, enquanto eu fico na ponta dos pés e minha boceta paira sobre ele.

— Faz um favor?

— Sim? — Minha mente está agitada, sabendo exatamente o que estamos prestes a fazer.

— Mantenha seus olhos no espelho.

E eu mantenho. Acompanho todos os seus movimentos, a mão segurando meu quadril, os dedos cravados em minha pele aquecida, a palma da mão em volta do pênis, posicionando-se em minha entrada, encharcada e pronta para recebê-lo.

Meus lábios se separam e eu prendo a respiração enquanto ele me guia para baixo até sentir a ponta entre minhas dobras e, quando afundo, a coroa de sua ponta desaparecendo dentro de mim, nós dois ofegamos levemente.

Quanto mais fundo ele vai, mais eu pulso e me agarro a ele, esticando-me de uma forma que parece irreal.

— Lola — ele geme roucamente. — Sua boceta é maravilhosa. Sei que você pode aguentar mais de mim. Não pode?

Aceno com a cabeça, gemendo diante da visão erótica que tenho diante de mim. Seu pênis está na metade do caminho dentro de mim, escorregadio da minha saliva, mas agora com minha excitação. Sinto-me tonta, mas da melhor maneira possível, e isso me dá um impulso para me deixar afundar rapidamente nele.

Eu gemo mais alto, sem me conter, porque ele atinge um ponto que nunca atingiu antes e eu me sinto tão preenchida. Meus olhos

quase saltam das órbitas e meu queixo cai fisicamente de tão cheia que me sinto.

— Oh, meu Deus — gemo diante de nosso reflexo. Minhas pernas estão bem abertas, minha boceta à mostra para nós dois vermos, meu clitóris inchado e latejando mais do que antes. Mas nada parece mais indecente – e excitante – do que ver o pau dele enterrado fundo em mim.

O calor sobe pelo meu pescoço até a bochecha, dificultando a respiração, porque estou um pouco envergonhada com o quanto estou gostando disso. É obsceno e muito sujo, mas me excita tanto que posso me sentir fisicamente mais molhada.

— Porra, Lola, não se mexa. — Ele abaixa a cabeça para o meu ombro. Seus dedos se flexionam e escavam a minha pele, e seu hálito quente se espalha pelas minhas costas. — Fique parada por um segundo, porque juro por Deus que vou gozar.

Eu deveria ouvi-lo, mas não consigo me conter, porque estou desesperada por alívio. Então, lentamente, giro os quadris para frente e para trás, apesar de sentir seu corpo tenso contra mim.

— Louise. — É uma advertência grosseira, mas não dou ouvidos. Deixo meu corpo assumir o controle, minha mente turva e perdida, perseguindo a estrada da euforia. — Juro que amo você — diz TJ antes de recuperar o controle sobre mim e colocar a palma da mão enorme sobre meu estômago, forçando-me para trás até que minhas costas fiquem encostadas em seu peito. Ele desliza a palma da mão entre minhas coxas e passa o dedo preguiçosamente em meu clitóris.

Quero continuar olhando, mas não consigo impedir que meus olhos rolem para trás até que tudo o que vejo seja preto. Fico uma bagunça, meus gemidos e choramingos se misturam e minhas palavras estão longe de ser inteligíveis.

— Mais rápido, baby — ele respira asperamente em meu ouvido. — Mexa os quadris mais rápido. — Ele dá um tapa na lateral da minha bunda.

Eu sibilo de dor com a picada, mas quando ele faz isso de novo, alterno entre girar e balançar os quadris, gemendo quando ele faz isso de novo. Dói, mas é muito bom. Não quero que ele pare.

Isso acontece rápido demais quando o orgasmo toma conta do meu corpo. Ele me entorpece do rosto para baixo, prendendo-me em uma euforia sem fim. Minha boceta tem espasmos incontroláveis contra ele, todo o meu corpo treme.

— Abra seus olhos, Lola. — Ele não interrompe o toque em meu clitóris, mas para de me bater e faz círculos suaves e calmantes em minha pele enrubescida. — E apenas olhe para você, cheia de mim. Você está se saindo muito bem, tomando meu pau assim. Veja só como você está encharcada. Aposto que seu gosto é bom.

Minha cabeça balança enquanto tento abrir os olhos, mas os abro quando percebo TJ levando os dois dedos molhados aos lábios e chupando-os.

— Sim, seu sabor é melhor do que eu imaginava. Prove. — Ele os traz à minha boca. Soltando um suspiro trêmulo, separo os lábios e deixo que ele os coloque dentro da minha boca, sentindo um leve gosto de mim mesma. — Bom, não é?

Aceno com a cabeça, ainda chupando seus dedos, enquanto ele coloca a outra mão em volta da minha garganta e aperta levemente.

Não sei como isso consegue me surpreender, mas eu gozo novamente. Não tenho tempo para processar isso. Estou balançando os quadris, batendo-os de vez em quando nele até minhas pernas tremerem.

— Oh! — murmuro contra seus dedos, meu corpo tremendo e escorregadio de suor. — Oh, porra.

Não sei o que me possui, mas quando sinto que um terceiro está chegando ao limite, começo a pular sobre ele. As batidas fortes de suas bolas contra mim só me incentivam a me movimentar mais rápida e freneticamente.

Meus seios balançam a cada movimento, e minha boceta o aperta e o agarra com força. TJ está grunhindo e gemendo para que eu não pare enquanto ele tira os dedos da minha boca e garganta e coloca uma mão nas minhas costas e a outra no meu quadril. Ele me empurra um pouco para a frente e, no espelho, vejo seu olhar quente cair para a minha bunda, e ele a encara com estupefação. E quando ele lambe os lábios, minha mente entra em frenesi.

— Isso mesmo, assim. Porra, mexa sua bunda assim. — Ele ofega, com a mandíbula cerrada e a respiração irregular saindo dele.

A expressão em seu rosto e todo o seu autocontrole se esvaindo me deixam fora de mim e eu me arrepio quando o sinto se liberar dentro de mim com um gemido gutural.

Todos os nervos do meu corpo explodem de uma vez, e tudo o que vejo é um clarão branco tomando conta de mim. Minhas pernas estão tremendo violentamente, estou ofegante e respirando como se tivesse corrido uma maratona, meu clitóris e minha boceta estão extremamente sensíveis e meu coração parece muito inflado.

Meu corpo inteiro cede e eu caio sobre seu peito escorregadio que sobe e desce rapidamente.

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos sentados assim, ele ainda dentro de mim, seu esperma vazando, mas não dizemos nada. Tudo o que fazemos é tentar recuperar o fôlego e nos acalmar, embora isso seja difícil de fazer porque, a cada segundo que passa, meu cérebro repete esse momento.

— Porra — ele diz roucamente e limpa a garganta. — Eu nunca... isso foi... você foi... porra, Lola, você me quebrou.

Isso é que é um impulso para o ego. — Isso vai subir à minha cabeça.

— Deveria.

Os braços de TJ envolvem meus ombros, seu braço tatuado se destaca contra minha pele pálida. Traço a tinta em seu braço, especialmente a minha tatuagem.

— Eu amo você — diz ele, beijando a parte superior do meu ombro.

Sorrio, suspirando de felicidade. — Eu amo você.

CAPÍTULO 55

Lola

— E aí, para onde você está me levando?

TJ se aproxima do console, coloca a palma da mão em cima da minha coxa e a aperta levemente. — Pare de ser impaciente. Estamos quase lá.

— É difícil não ser quando você está sendo tão misterioso.

— Prometo que valerá a pena. — Ele aperta minha coxa novamente.

Eu suspiro. — Está bem.

Ele ri, dando-me uma rápida olhada de lado antes de voltar a se concentrar na rua familiar. — Você vai me contar suas novidades?

— Não até que você me conte a sua? — falo com esperança em minha voz.

— Eu posso esperar.

Reviro os olhos. — Você é frustrante, sabia?

— Engraçado... você não estava reclamando ontem à noite quando estava montando meu rosto... ou quando estava gritando no travesseiro — ele sussurra.

Um arrepio percorre minha espinha, o calor se espalha por todo o meu corpo e minha garganta fica seca, dificultando a respiração com as lembranças da noite passada inundando meu cérebro.

Quando saímos do museu ontem à noite, fomos para minha casa. Cara ainda estava acordada quando chegamos lá e, assim que nos viu, um sorriso de conhecimento surgiu em seus lábios. Não foi apenas o grande chupão na lateral do meu pescoço que nos denunciou, mas nossas roupas amassadas e cabelos desgrenhados. Tentei me recompor, mas não havia muito que eu pudesse fazer.

Como Cara cuidou de Nix, ele acabou adormecendo em seu quarto.

Não planejamos a segunda rodada. Ela simplesmente aconteceu. Em um momento, eu estava me secando depois do banho. No momento seguinte, eu estava sentada no rosto do TJ, segurando a cabeceira da cama. E em algum momento no meio da noite, aconteceu o terceiro round. Ele me dobrou na cama e me fodeu até o sol nascer.

— Cale a boca e experimente o café.

O sorriso em seu rosto se torna presunçoso. — Sim, Peaches.

Hoje de manhã, depois da nossa terceira rodada, ele me disse que tinha uma surpresa para mim, mas não ia me contar, porque precisava me levar a um lugar primeiro.

Tudo o que ele disse foi para me arrumar enquanto ele preparava o Nix. Paramos para tomar o café da manhã e, depois, compramos dois cafés diferentes. Desde a primeira vez que ele me

trouxe café, isso se tornou uma coisa nossa. Não foi intencional no início, mas acabamos entrando em uma rotina e agora estamos determinados a experimentar todos os cafés que existem.

Ele para no sinal vermelho e dá um gole pequeno e cauteloso no latte quente de caramelo brulée, enquanto eu provo o meu gelado de caramelo.

Olhamos um para o outro e nossos lábios se erguem ao mesmo tempo. Nenhum de nós precisa dizer nada para saber que escolhemos bem. Infelizmente, nem sempre é o caso, e já houve ocasiões em que recebemos bebidas muito ruins.

Trocamos as bebidas quando o semáforo fica verde, mas antes de tomar um gole da dele, eu o olho com cautela.

— O que estamos fazendo aqui?

Ele entra no estacionamento do complexo de apartamentos da Gabby e da Polly. Examino a área, esperando que as garotas apareçam ou que os rapazes estejam por perto, mas além de um grupo de garotas saindo do prédio, nenhum de nossos amigos está por perto.

Um sorriso envergonhado surge em seu rosto quando ele estaciona seu G-Wagon.

— TJ, o que estamos fazendo aqui?

— Vamos lá. — Ele tira o cinto de segurança, sai do SUV e abre a porta do Phoenix. Ele se certifica de que ele está bem agasalhado, já que o frio de fevereiro é intenso, e o leva para fora.

— Papai, Win. — Nix aponta para o urso sentado ao lado do assento do carro.

— Oh, desculpe. Como pude me esquecer? — O olhar tenso em seu rosto diminui e se ilumina apesar do dia frio e sombrio. TJ pega o urso e o entrega a ele.

A maneira como TJ sorri sempre que nosso filho o chama de papai ou pai, me impressiona. Eu só quero capturar cada momento, porque a expressão em seu rosto é sempre inestimável.

Ao piscar os olhos, lembro-me de que ainda não sei o que estamos fazendo aqui.

Ao sair, eu o sigo para dentro do prédio e subo pelo elevador até o terceiro andar. Devo ter lhe perguntado algumas centenas de vezes o que estamos fazendo aqui, mas sem sucesso. Ele não responde.

— Estamos indo para a casa da Gabby... — falo devagar enquanto passamos pelo apartamento dela e seguimos até pararmos em frente a uma porta com os números de latão polido *3010*.

Ele gira a maçaneta da porta e faz um gesto para que eu entre antes dele, mas não entro. Permaneço enraizada em meu lugar.

— O que estamos fazendo? Isso não é invasão de propriedade? — Toco meus dedos ao longo do copo, olhando de um lado para o outro, esperando que alguém saia e grite conosco por invasão de propriedade.

— Não podemos arrombar se essa for a nossa casa.

— Desculpe, o quê? — Fico olhando para ele, atônita, mas o peso que estava me segurando se desprende de mim quando TJ me leva para dentro. — Nossa casa? — a minha voz sai num sussurro incrédulo. — Você acabou de dizer que isso é nossa casa?

Ele coloca Phoenix de pé e ele imediatamente sai com seu urso, rindo animadamente. — Sim, nossa casa pelo menos pelo próximo ano.

Observo seus cachos desaparecerem mais para dentro do apartamento enquanto continuo parada no lugar.

TJ pega minha mão com a sua, entrelaçando nossos dedos. — Venha, deixe-me fazer um tour.

Só chegamos à sala de estar ampla, mas vazia, antes de eu tirar minha mão da dele e ficar na sua frente. Meu olhar segue Phoenix enquanto ele corre de um lado para o outro, seus passos suaves ecoando de um cômodo para o outro.

Volto minha atenção para TJ, tentando, mas não conseguindo, entender suas palavras e a situação em que nos encontramos. — Sério, o que estamos fazendo aqui?

Um largo sorriso se estende em seu rosto quando ele levanta as mãos, mexendo os dedos. — Surpresa.

Balanço a cabeça. — Por favor, diga que não.

— Eu fiz.

Agora me arrependo de não ter contado a ele antes, mas fiquei presa no momento em que ele me disse que me amava e tudo o mais que aconteceu depois disso.

Estou muito concentrada em meus pensamentos, e ele interpreta meu silêncio como um sinal para explicar.

— Tenho pensado muito em você e em Phoenix, e decidi que vou esperar até o ano que vem para entrar no draft.

Tudo para de forma surpreendente. Meus lábios se separam, mas ele me interrompe. Passando os braços em volta da minha cintura, ele me puxa para perto dele.

— TJ, você...

— Sei o que você está pensando, mas falei sério quando disse que não queria estar em nenhum lugar onde você e Phoenix não estivessem. Sinto muito por tê-la feito escolher entre mim e a faculdade. Isso foi estúpido e egoísta. Não pensei bem naquilo, mas pensei muito nisso. — Ele acena com a mão para a sala de estar e a coloca novamente em minha cintura. — Há três quartos, então Daisy e Cara terão seus próprios quartos, e o apartamento fica a apenas dez minutos do campus.

Se meu coração pudesse, entraria em combustão. Meu Deus, estou tão apaixonada por esse homem.

Ficando na ponta dos pés, coloco meus braços em volta do seu pescoço e junto nossos lábios. É um beijo rápido, mas é o suficiente para me deixar em chamas. Também não quero que Nix nos descubra dando uns amassos.

— Eu amo você, TJ — falo contra seus lábios.

— E eu amo você, Lola. — Ele beija minha testa e se afasta um pouco. — Não quero que você tenha que fazer nada sozinha, porque, enquanto eu puder, vou ajudá-la e estar ao lado de

Phoenix. E, por favor, não comece a pensar demais. Essa é a minha escolha. Eu quero fazer isso. Sempre há...

— Você tem que ir.

Ele me encara, surpreso. — Não, você não...

— Eu sei e eu o amo demais para deixar que você não siga seus sonhos. Eu sei o quanto você quer isso, o quanto você quer isso desde que era criança.

Na iminência de adormecer, em uma das muitas noites em que ele se recusou a ir para a cama até que eu fosse, pedi que ele me contasse quando soube que queria jogar na NBA. Conversamos por horas, mesmo depois de eu ter terminado.

Eu sei o quanto ele ama o jogo, mas essa conversa aumentou a certeza de que ele é extremamente apaixonado pelo esporte.

— É, é o meu sonho..., mas sempre vai ter o próximo ano. Você e Phoenix são a minha prioridade. Vocês vêm antes de tudo. O resto... é segundo plano.

Acaricio sua bochecha, sentindo a barba por fazer sob a almofada do meu polegar. — Você faria isso por nós?

— Eu faria qualquer coisa por vocês dois. Mesmo que isso signifique adiar por mais um ano, porque por mais que eu ame o basquete, não quero nada mais do que ter as duas pessoas que mais significam para mim. E não posso jogar se vocês não estiverem presentes. O basquete tem um propósito na minha vida, mas vocês dois também *são* o meu propósito.

Sinto uma pontada no dorso do nariz, mas o enrugo e afasto as lágrimas que se acumulam no canto dos olhos.

Felizmente, Nix entra correndo, distraindo TJ de me ver transformada em uma bagunça emocional. Não seria a primeira vez, mas preciso me recompor antes de dar a notícia.

TJ me solta e se agacha, colocando seu copo no chão enquanto nosso filho corre para seus braços. — O que você acha, ursinho? Este será a nossa nova casa.

Nix suspira, seus grandes olhos castanhos brilham intensamente. — Casa?

— Casa. — Ele sorri, batendo suavemente em seu nariz e depois no do urso, porque Deus não permita que TJ se esqueça do outro membro importante da família.

Um tsunami de emoções me atinge quando olho para eles, minha família.

Minhas melhores amigas também são minha família, mas eu sabia que eventualmente nos separaríamos. Um dia, Cara será uma excelente advogada, mas em algum lugar de Boston ou Nova York. Ela sempre gostou das grandes cidades. E Daisy, ela fará algo relacionado a fitness e nutrição, mas viajando. Ela sempre quis conhecer o mundo.

Então, eu sabia que um dia seríamos apenas Phoenix e eu. Mas agora, não somos apenas nós. TJ está em nossas vidas. E ele não é apenas alguém que vai estar aqui de vez em quando, mas alguém que vai estar aqui para sempre.

— Precisamos visitar o resto do apartamento, para que você possa...

— Phoenix e eu não ficaremos aqui.

Seu sorriso vacila e suas sobrancelhas se contraem. — Prometo que você vai adorar este apartamento. É maior do que o da Gabby, e Daisy e Cara terão seus próprios banheiros. A varanda também é maior e há um depósito para todos os seus materiais de arte. Eu prometo que você vai...

— Não vamos ficar aqui, porque vamos com você. — Finalmente, conto minha novidade.

Ele se levanta. O canto de seus lábios se contrai, mas ele não sorri, apenas me encara com ceticismo. — Vocês o quê?

— Também tenho pensado muito em tudo o que aconteceu desde que nos encontramos novamente. Mas quanto mais tempo gastava com esses pensamentos, melhor percebia a pouca importância que têm. Não preciso ficar aqui, porque isso não seria justo com Phoenix. Ele ama você e gosta de estar com você sempre que pode. Não consigo imaginar o que será para ele se você for embora. E eu não consigo imaginar ficar longe de você.

A vulnerabilidade me deixa um pouco ansiosa. Não preciso ficar, mas o fato de falar o quanto preciso dele faz com que eu me sinta um pouco sobrecarregada.

— Não vou a lugar nenhum. Vou ficar aqui — ele me garante.

— Mas você não precisa ficar aqui. Você precisa estar onde quer que seja convocado, e Phoenix e eu estaremos com você.

— Mas e a faculdade e seus negócios? Sei como eles são importantes para você. Posso esperar mais um ano.

Sorrio com sua preocupação. — Conversei com meus consultores e posso terminar meu último ano on-line, e a beleza do meu negócio é que posso fazer as malas e levá-lo para onde quiser.

Graças a TJ e Saint, meu negócio está prosperando. Até criei um site, e Saint praticamente me forçou a aumentar meus preços. Ele fez as contas e disse que, aparentemente, eu estava cobrando pouco. No início, hesitei, preocupada com a possibilidade dos meus clientes acharem que era muito caro, mas como disse Saint, se eles não gostarem dos preços, podem procurar outro. Eu não deveria ter duvidado dele, porque ninguém reclamou e até recebo gorjetas. Eu não as peço, mas nunca as recuso.

— Papai, eu quero descer. — Phoenix se agita nos braços do TJ.

Ele o coloca no chão, mas não antes de bagunçar seus cabelos e tocar a cabeça do urso. — Seja bonzinho.

Nix dá uma risadinha e sai correndo para um dos quartos, arrastando seu companheiro com ele.

Coloco meu copo no chão ao lado do dele e passo os braços ao redor de seus ombros. — Você não deveria perder essa oportunidade. Não deixe que isso suba à sua cabeça, mas você é extremamente talentoso para ficar aqui.

Ele me dá um sorriso torto e passa os braços em volta da minha cintura. — Você acha que sou extremamente talentoso?

— Eu lhe disse para não deixar isso subir à cabeça. — Reviro os olhos, mas não consigo impedir que meu sorriso aumente. — Mas brincadeiras à parte, você precisa estar lá fora. Onde quer que seja, nós estaremos com você.

Seu rosto se suaviza. — Lola, tem certeza? Não se sinta obrigada a fazer isso. Já lhe disse que não me importo de esperar mais um ano.

— Eu sei, mas realmente não há motivo para você esperar. Prometo que não me sinto obrigada. Eu quero fazer isso.

— Eu... — TJ faz uma pausa, seu silêncio se estende a cada segundo que passa. — Tem certeza? Porque para onde você vai, eu vou.

— Tenho certeza.

— Está bem. — Ele me pega no colo e nos faz girar. Um grito misturado com uma risadinha passa pelos meus lábios, mas não consigo controlar. A empolgação dele é contagiante demais.

Quando ele me coloca no chão, um pensamento passa pela minha cabeça. — Espere, mas como você conseguiu o apartamento e o que vai acontecer com ele agora?

— Vantagens de ser um atleta e o técnico mexer alguns pauzinhos. Ele está desocupado porque está sendo reformado, mas deve ficar pronto em julho. Mas acho que, como não preciso mais dele, vou receber meu depósito de volta e os meses adiantados que paguei.

— Cara e Daisy podem ficar aqui? Eu lhe pagarei de volta.

— Você não vai me pagar nada, e eu falarei com o gerente do escritório. Vou me certificar de que eles aceitem ficar com o dinheiro.

— Sério, deixe-me pagar de volta.

— Eu não quero seu dinheiro, então pare de ser teimosa. Não vou aceitar — diz ele.

Balanço a cabeça. — Não posso aceitar seu dinheiro.

Ele agarra meu queixo. Inclinando minha cabeça para trás, seus lábios pairam sobre os meus. — Sua boceta é minha. Então meu dinheiro também é seu. Pare. De. Ser. Teimosa.. — Ele enuncia cada palavra antes de beijar meus lábios enquanto Nix aparece novamente.

Aperto os lábios para reprimir o sorriso, mas é inútil, pois ele continua a se estender pelo meu rosto. — Ok, tudo bem.

— Assim é melhor. — Ele sorri, mas depois solta um suspiro de decepção ao pegar o Phoenix. — É uma pena não podermos mais batizar o quarto.

Claro que ele diria algo assim.

Dou uma risadinha, pegando nossos copos.

— Lola?

— Sim?

— Sou grato pelo suco de pêssego.

— Eu também — respondo com um sorriso que só ele entende.

CAPÍTULO 56

Lola

UM MÊS E MEIO DEPOIS

— A gente vai ser pego. Sério, temos que parar.

Olho por cima do seu ombro, observando a luz vermelha que envolve os botões do painel na parede do elevador. A luz vermelha muda de número para número enquanto continuamos a subir até o andar dele.

— Você não para de dizer que a gente vai ser pego e que tem que parar..., mas está esfregando essa boceta molhada e carente na minha mão de um jeito tão... — ele se arrasta, seus lábios depositam beijos quentes e molhados na lateral do meu pescoço.

Solto um suspiro trêmulo, meus olhos se fecham e o pulso sob minha mandíbula está quase implodindo de tão violento que está batendo.

— Cale a boca.

Ele agarra minha garganta e captura meus lábios com os seus, mordiscando meu lábio inferior antes de deslizar a língua em minha boca.

Eu me perco nele. Agarrando sua camisa, eu o puxo para mais perto de mim, apesar de seu corpo já estar pressionado contra o meu.

Só quando o elevador para e ouvimos o toque suave, informando que estamos no andar designado, é que nos separamos.

Quando a porta se abre, passo os dedos rapidamente pelo cabelo enquanto TJ se ajeita, certificando-se de que sua ereção não seja perceptível. Mas ao dar uma olhada para baixo, reprimo minha risada, porque ela é tudo menos invisível.

— Olha só o que você faz comigo... — ele rosna.

— Parece um problema pessoal. — Encolhendo os ombros, ando rapidamente pelo corredor, rindo enquanto ele pragueja, mas em passos rápidos, ele me alcança.

Girando-me, ele se abaixa e eu levo alguns segundos para perceber o que ele está fazendo, mas quando isso fica registrado na minha cabeça, é tarde demais. Ele passa os braços em volta das minhas coxas e me levanta, jogando-me sobre seu ombro.

Luto contra a vontade de rir. — Coloque-me no chão. Vamos nos meter em encrenca e você não precisa se meter em encrenca de novo.

— Então fique quieta. — Ele dá dois tapas na minha bunda antes de envolver sua mão em minhas coxas novamente.

Tento disfarçar minha vertigem com irritação, mas só pareço sem fôlego e nervosa. — Você é insuportável, sabia?

— Para você, sempre.

Sorrio, sem me preocupar em domar a forma como meus lábios se espalham de orelha a orelha. Meus cabelos estão soltos, balançando de um lado para o outro a cada passo que ele dá no corredor.

Eu penso em dizer outra coisa, mas é inútil, porque toda vez que separo meus lábios, não consigo evitar uma risada ou um aperto nas coxas.

— Senti sua falta, porra — ele suspira.

— Também senti sua falta.

Tem sido um mês e meio extremamente agitado e ocupado para nós dois.

No início de março, comemoramos o segundo aniversário do Phoenix na casa dos pais da Daisy. Todos os membros da família do TJ foram, assim como todos os rapazes e treinadores do time de basquete. Juntamente com a família da Daisy e da Cara, a casa ficou lotada, mas Phoenix se divertiu muito.

Ele adorou toda a atenção que recebeu de todos e os presentes. Especialmente o carro elétrico que Landon lhe deu.

Depois do seu aniversário, começou o March Madness e eu fiquei extremamente ocupada. Com a conclusão das minhas tarefas escolares, a preparação para as provas finais, o trabalho no museu e as pinturas ao vivo, e TJ com jogos e treinos, quase não nos vimos.

Não deixamos que isso nos impedisse de continuar nos falando ou nos vendo. Fosse por meio de FaceTime, passando a noite na casa um do outro e ficando acordados até estarmos prontos para dormir.

Agora estamos no início de abril e, na semana passada, mal nos falamos ou nos vimos. Depois de vencer outra rodada, os rapazes chegaram às quartas de finais. O técnico Warren tem uma regra para o que acontece quando eles chegam tão longe no torneio, que é não usar o telefone, a menos que seja para emergências. Todos já estão com as emoções à flor da pele e não precisam da energia negativa da mídia social para afetá-los.

Ele não está errado. Embora os rapazes tenham recebido um enorme apoio, basta cair no lado errado da mídia social para que sua saúde mental se deteriore.

Mas ontem, depois que eles passaram para a final, o técnico deu a eles luz amarela para ficarem com seus telefones e descansarem para o grande dia de amanhã.

E foi amarelo, não verde, porque, apesar de permitir que eles tenham calma, eles não podem sair do hotel nem fazer bagunça. Mais cedo, Saint e Jayden se meteram em encrenca porque estavam atirando um no outro com armas de brinquedo, mas por causa deles, todos ficaram encrencados.

Curiosamente, o treinador Warren não ficou bravo por eles estarem fazendo barulho ou perturbando, mas preocupado com a possibilidade de tropeçarem em algo e se machucarem. Por isso, ele deu a eles a opção de ficarem em seus quartos ou no salão.

Todos estão lá no momento, junto com as meninas e Phoenix. Eu estava planejando ficar com eles, mas assim que vi TJ, ele pediu a Cara para cuidar de Nix por duas ou três horas no máximo e me puxou para o elevador.

Então, aqui estamos nós, indo para o quarto dele.

Se o técnico Warren descobrir, estamos ferrados. Mas esse é um daqueles momentos de foda-se, vale a pena

Não conseguimos nos preocupar, e ele disse que eles poderiam ficar em seus quartos.

— Você está usando?

— Usando o quê? — pergunto timidamente.

— Lola. — Meu nome sai de seus lábios em um tom áspero, cheio de desespero. — Não brinque comigo agora.

Eu posso ou não ter enviado fotos minhas para TJ usando apenas uma lingerie verde-esmeralda. E posso ou não ter enviado a ele vídeos de mim me tocando na cama ou no chuveiro.

— Talvez... — provoco, arrastando o dedo devagar pelas costas dele. — Ou talvez não.

Dou risada enquanto ele acelera até parar em frente ao que presumo ser sua porta e usa o cartão-chave que o hotel lhe deu para destrancá-la.

Ele a abre, dando outro tapa na minha bunda. — Eu juro que você vai se arrepender de ter provocado...

O restante de suas palavras se perde e ele para abruptamente na entrada.

— Alguma dessas coisas era real?

Essa voz me parece familiar. Por que parece, Daisy?

Como se estivesse lendo minha mente, TJ me coloca no chão. Fico olhando, atordoada demais para falar, para Saint e Daisy, que estão um em frente ao outro.

Suas cabeças virão em nossa direção. Os olhos de Saint estão vazios e os de Daisy estão inundados de tantas emoções que me chocam momentaneamente antes que eu me recupere.

— Esqueça isso. Vá se foder.

— Daisy, eu... — Ele agarra o cotovelo dela, mas ela o afasta.

— Encoste em mim de novo e, juro por Deus, eu quebro a porra da sua mão! — ela cospe, tomada de raiva antes de vir em nossa direção e sair do quarto.

— O que você fez? — pergunto, sacudindo o estupor, mas não espero por sua resposta. Saio do quarto, seguindo Daisy, e TJ fica para trás. — Daisy, espere!

Ela entra no elevador, mas antes que a porta se feche, consigo me espremer lá dentro.

Ela ainda não apertou nenhum botão, apenas olha para eles, mas seu olhar é distante, como se ela não estivesse aqui.

— Daisy — falo com cautela.

Ela solta uma risada, pisca e olha para mim com um sorriso no rosto que não chega aos olhos. As emoções de antes foram extintas. — Não é nada.

— Isso não pareceu ser nada. Estou aqui para você. Você não precisa...

— Lola. — Há uma mordida em seu tom, mas ela suspira. — Não há nada para falar, ok? Eu estou bem. Tudo bem. Está bem?

Quero dizer alguma coisa, mas sei que se eu a pressionar, ela vai revidar.

— Estou aqui. Cara e eu estamos. Se você quiser conversar. Estamos aqui para você. Sempre. — Quero abraçá-la, mas me abstenho de fazê-lo, pois sei que ela odiaria isso.

— Eu sei. — Ela força um sorriso, e dessa vez ele é de verdade, mas ainda carrega um peso que me deixa inquieta.

Ela aperta o botão onde fica a sala de estar e, em silêncio, descemos.

CAPÍTULO 57

Tj

Eu me agacho na frente do meu filho de dois anos e ergo minha mão, com a palma voltada para cima. — Pode me dar um high five da sorte?

Ele bate com entusiasmo sua pequena mão em minha palma, o tapa quase não é audível, mas Nix sorri alegremente, satisfeito com a força com que me atingiu.

— Obrigado, ursinho, agora posso receber um abraço de boa sorte?

Ele dá uma risadinha, abrindo os braços o máximo que pode antes de envolvê-los em torno de mim.

Envolvendo-o com as minhas mãos, eu o pego no colo, provocando mais daquelas risadinhas fofas que se transformam em bolhas de riso.

— Eu amo você, Phoenix. — Encosto minha testa em sua testa pequena.

— Amo você, papai. — Ele sorri de forma atrevida.

Eu me agarro a ele pelo tempo que ele me permite, saboreando esse momento antes que ele e Lola tenham que sair para passar a noite.

Eles não deveriam estar no meu quarto de hotel, mas o que o treinador Warren não sabe não o prejudicará. Além disso, não estou fazendo nada para me prejudicar. Estou apenas passando um tempo com minha família. Eu mal os vi no mês de março. Se eu tiver a chance de passar um tempo com eles, é melhor acreditar que vou aproveitá-la.

Apesar de amanhã ser a final contra Baylor, tudo ficará mais caótico depois disso. Não só vou me apresentar para o draft da NBA no final deste mês, como também estarei treinando rigorosamente, viajando para conhecer equipes e fazendo treinos particulares com elas. Estarei ocupado por quase dois meses até o dia do draft em junho.

Portanto, se eu quiser passar um tempo com minha família, que se dane, vou passar um tempo com eles.

Nix parece ter se fartado de nosso tempo de união, pois ele se afasta e se encolhe contra mim. — Eu quero descer.

— Oh, não. — Eu ofego dramaticamente e ele também ofega, seus grandes olhos castanhos se arregalam. — Ih, ferrou. Acho que estou colado em você, cara.

Finjo que estou tendo dificuldade para me afastar dele e isso me rende mais algumas risadas, pois ele também tenta se afastar.

— Veja, estamos presos um ao outro. Não posso deixá-lo ir agora.

Com as palmas das mãos em meu peito, ele tenta se afastar e quase desiste, até que Lola o incentiva a empurrar com mais força.

Ela se senta na beirada da minha cama, com as pernas cruzadas e o iPad no colo. — Você consegue, querido. Você está quase lá.

Soltando um suspiro alto, ele empurra mais uma vez até que eu finalmente ceda e o solte. Seus olhos se iluminam, com um sorriso de triunfo no rosto, enquanto eu o coloco no chão.

— Tudo bem, acho que você ganhou desta vez. — Eu bagunço seu cabelo, sorrindo quando ele levanta os braços para que Lola o pegue no colo.

Ela o levanta e deposita um beijo em sua bochecha antes de ele se acomodar em uma das extremidades da minha cama, aninhado no edredom, e brincar com seu urso de pelúcia e seu cachorro. Ele volta a assistir à TV como se nada tivesse acontecido.

Sento-me ao lado de Lola, envolvo um braço em suas costas, coloco o outro sob suas pernas e a levanto em meu colo para que ela se sente de lado. Enquanto ela descansa a cabeça em meu peito, eu a abraço com mais força, inalando o doce aroma de baunilha, e me deleito com o calor e o conforto que ela me traz.

Beijando o topo da sua cabeça, olho para baixo, observando a tela iluminada. O calendário está aberto e quase todos os dias estão preenchidos com alguma coisa.

— Você acha que pode me informar sobre sua agenda lotada? — Giro a pulseira de couro marrom em seu pulso.

— Não sei... sou uma mulher muito ocupada. Não preciso de distrações.

— Do tipo que você ia adorar.

Ela levanta uma sobrancelha. — Do tipo bom?

Abaixo o tom de voz. — Sim, seria muito benéfico para nós dois. Você sairia do sério, eu sairia também. É uma situação em que todos ganham.

Seus lábios se curvam para cima e sua voz é tão baixa quanto a minha. — E como exatamente você me tiraria do sério?

— Informe e descubra.

— Acho que posso encontrar tempo. — Ela olha para mim. Aqueles olhos cor de terra se suavizam quando encontram meu olhar, e um sorriso de tirar o fôlego se espalha por seu rosto.

— Eu amo você. — Capturo seus lábios com os meus, mas sou breve, pois Nix está aqui.

— E eu amo você. — Ela brinca com meu cabelo na nuca, fazendo com que a última parte da tensão que repousa em meus ombros diminua. — Eu deveria ir embora. Você precisa descansar.

Amanhã é o grande dia, a final da NCAA. É uma sensação surreal e, por mais confiante que eu esteja, também estou nervoso. Somos a oitava escola a chegar à final consecutivamente. Dizer que a pressão é real é pouco. Parece que o mundo inteiro está em cima dos meus ombros. Tentei não pensar muito nisso, mas de vez em quando, o nervosismo se infiltra em mim e mexe com minha cabeça.

— Fique. — Sei que provavelmente estou sufocando-a com meu abraço, mas ela não reclama.

— Eu gostaria de poder, mas o Nix comeu muito açúcar hoje. Se ficarmos aqui, ele ficará acordado a noite toda e não deixará você ou Saint dormirem. — Ela faz uma pausa, seus olhos se voltam para a cama vazia dele. — Por falar em Saint... ele lhe disse alguma coisa?

Há muitas coisas que eu esperava que acontecessem enquanto estivesse em Nova Orleans para a final, mas Daisy no quarto de hotel que Saint e eu estamos dividindo não é uma delas. Ela deixou bem claro várias vezes que não estava interessada e, embora eles não estivessem necessariamente fazendo nada, algo aconteceu.

— Tentei fazer com que ele falasse comigo, mas ele não disse muita coisa, e depois teve que sair, porque ia se encontrar com o pai. Daisy disse alguma coisa para você?

Ela suspira. — Não. Ela disse que estava tudo bem, mas não acredito nela. Mas não insisti, porque ela não gosta quando as pessoas ficam perguntando.

— Não se estresse. Tenho certeza de que eles vão nos contar, eventualmente. Apenas dê a ela algum tempo. Se Saint me contar alguma coisa, eu lhe direi, está bem? — Beijo o topo da sua cabeça, esperando ver seu lindo sorriso novamente.

Seus lábios se inclinam para cima e ela acena com a cabeça. — Está bem.

— Agora, que tal você e eu entrarmos sorrateiramente no banheiro e você me fazer um boquete?

— É tentador, mas não, você precisa descansar. Você tem um grande dia amanhã.

Eu dou uma risadinha. — Estou brincando. Talvez uma mão...

Ela bate suavemente em meu ombro, mas seu sorriso se alarga.

Falta um minuto e quinze segundos para o fim do segundo tempo. O placar é 82 a 78.

Infelizmente, esses 82 pontos pertencem a Baylor.

Logicamente, ainda temos tempo mais do que suficiente para recuperar o atraso e assumir a liderança, mas parece que o tempo está passando rápido demais. Também não ajuda o fato de estarmos jogando contra o meio-irmão de Landon, Ashton, e o rival de Saint, Xavier.

Ashton e Xavier têm falado merda, ficando na cara deles, provocando-os com todo tipo de besteira. Enquanto Landon tem se mostrado surpreendente e assustadoramente calmo, Saint parece que vai perder a cabeça. Ele não parece bravo, mas aquele brilho no olhar, por trás do sorriso falso, é de quem está a um passo de socar alguém.

Felizmente, Baylor fez seu último intervalo e agora Saint parece ter se acalmado, sem a agitação em seus olhos. Ele sorri como se nada tivesse acontecido e não tivesse passado quase duas horas tendo alguém atrás de si.

O árbitro apita, sinalizando que o tempo acabou e que precisamos voltar para a quadra.

— Kingston — Saint me chama, segurando seu punho. — Nós temos isso.

Embora só tenhamos jogado por um ano, vou sentir falta dele e de nossos cumprimentos. Isso se tornou nosso hábito durante toda a temporada. No início ou no final do jogo, ganhando ou perdendo, sempre batemos os punhos.

Conheci o Saint há alguns anos, jogando em acampamentos e tudo o que girava em torno do basquete, mas nunca nos aproximamos até o ano passado. Morar na mesma casa, ser padrinho do meu filho e dividir quartos de hotel realmente nos aproximou.

Não é um adeus para sempre, mas a menos que ambos joguemos pelo mesmo time na NBA, nunca mais jogaremos juntos novamente.

Portanto, não vou me concentrar no nervosismo que mais uma vez se insinua dentro de mim, na arena turbulenta que abafa o som dos meus batimentos cardíacos caóticos ou no tempo restante. Vou aproveitar os últimos minutos que passo com os caras que chamo de meus melhores amigos e este momento.

E de jeito nenhum vou deixar alguém falar mal e pensar que nós hesitamos.

Bato meu punho no dele. — Nós temos isso.

A bola é do Baylor. O número onze dribla a bola na linha de fundo antes de passá-la para Xavier. Ele a dribla pela quadra, Saint o bloqueia e, quando vai roubá-la, Xavier a joga na cesta, mas ela bate no aro e Landon pega o rebote.

Ele a entrega a Jagger enquanto corremos pela quadra, com Baylor em alerta, correndo levemente para trás enquanto eles acompanham cada movimento nosso.

Preparamos a nossa jogada e o número vinte e dois ataca Jagger, como esperado, antes de passar a bola para Jayden e depois para mim. Driblando a bola para baixo, eu a jogo para Saint. Ele sorri com toda a confiança do mundo, pula e solta a bola no ar. Ela afunda rapidamente e sem esforço, garantindo-nos dois pontos.

Trinta segundos zerados no cronômetro de lances exibido acima da tabela, faltando menos de um minuto para o fim do jogo. Baylor tem a bola novamente. Ashton a dribla até a metade da quadra, com Jayden o cercando, mas outro jogador do Baylor o bloqueia, e Ashton consegue escapar.

Ele se esquiva de Landon, girando para lançar a bola, mas Landon a bloqueia, dando um tapa em sua mão antes que ela possa sair de seu alcance. Saint a pega e dribla, depois a passa para mim.

Eu corro, com um jogador do Baylor no meu encalço, mas é tarde demais, porque pulo, afundando a bola. Meus dedos deslizam pelo aro antes de soltar a bola e Baylor toma posse dela.

Um mar de azuis, pretos, verdes e dourados vai à loucura, ambos os lados no limite e inquietos porque agora estamos empatados. Faltam apenas alguns segundos para o jogo terminar ou ir para a prorrogação.

Sei que não sou o único que sente a energia ansiosa da torcida. Todos os jogadores na quadra irradiam a mesma energia, sabendo o que está em jogo. A arena está mais barulhenta com os gritos e cantos do que estava há apenas um minuto, o chão vibra com a força com que todos pulam e batem os pés, e meu coração está quase explodindo com a força de suas batidas.

O número três dribla pela quadra, passando a bola para Ashton, que está bem aberto, mas Landon salta na hora certa, rouba a bola e a passa para mim.

Dois defensores fazem uma marcação dupla em mim, pressionando-me a entregar a bola, mas os idiotas não levam em consideração que Jagger está livre.

Eu passo a bola para ele, mas prendo a respiração e juro que todos os outros também. Faltando apenas dois segundos para o fim da partida, ele se mostra determinado, salta da metade da quadra e arremessa a bola para o alto quando a campainha toca.

O tempo para. A arena inteira, que segundos atrás rugia, agora prende a respiração. É só a bola no ar. E nós, prendendo a respiração enquanto todos observamos a bola voar. Meus pulmões ardem com a necessidade de respirar, mas não o faço.

Não até que a bola entra suavemente na rede. O barulho da rede ecoa por toda a arena, mas é abafado pelos gritos mais intensos e satisfatórios que já ouvi. Ondas de azul e preto abafam o verde e o dourado, com as mãos no ar e as câmeras piscando.

Jagger acabou de fazer aquele lance.

Puta merda! Jagger acabou de fazer um lance de meia quadra!

Ganhamos!

Voamos para cima do Jagger, esmagando-o em um abraço coletivo. É grito, é riso, é lágrima. É o fim perfeito. A equipe de filmagem está na nossa frente, gravando e tirando fotos de nós enquanto continuamos a comemorar.

Eu me divirto com a adrenalina que ainda está correndo por mim, com a multidão animada que torce por nós, com meus colegas de equipe que se abraçam e com a última vez que usarei essa camisa.

Tento manter meu sorriso tonto à distância quando apertamos as mãos do time de Baylor, mas não consigo controlá-lo. E quando nos entregam bonés com a inscrição NCU NATIONAL CHAMPIONS, ele se espalha pelo meu rosto quando o coloco virado na cabeça.

Passando pelos meus colegas de equipe e pela equipe de filmagem, corro em direção à multidão irregular até chegar à frente das duas pessoas com quem mais quero comemorar.

Lola está ajustando os protetores auriculares de Phoenix e, quando eles estão posicionados, ela o coloca em seu quadril. Ele está radiante, batendo palmas animadamente enquanto Lola ri.

Quando nossos olhos se fixam e eu fico de frente para eles, todos os outros desaparecem. O barulho, os tapinhas nas costas, a ondulação de azul e preto se tornam apenas um borrão, porque ter os dois aqui é *tudo de que preciso*.

— Parab-

Eu nem a deixo terminar. Puxo Lola para os meus braços e beijo como se o mundo tivesse parado ali.

— Parabéns! Estou muito orgulhosa de você! — ela consegue dizer antes de eu lhe dar outro beijo.

Quando me separo, pego Nix e o levanto em meus ombros e seguro a mão dela na minha, entrelaçando nossos dedos. Quando a puxo em direção à quadra, chovem confetes pretos, brancos e azuis.

Lola sorri, com os olhos brilhando, olhando atônita para o papel fino que cai sobre nós. Não preciso olhar para Nix para saber que ele está igualmente feliz, pois seus pés minúsculos chutam meu peito e ele pula em meu ombro.

— Isso é incrível. Não posso acreditar nisso. — Bolhas de riso escapam enquanto ela pega o celular e tira fotos minhas com Nix. — Estou tão orgulhosa de você!

Gabby aparece com sua câmera na mão, parada na nossa frente. — Deixe-me tirar uma foto. Vocês estão tão adoráveis!

Coloco meu braço em volta da cintura dela e a puxo para o meu lado enquanto Gabby prepara a câmera. Pouco antes de tirar a foto, Lola enfia de volta um cacho úmido que conseguiu passar por baixo do meu boné e sorri.

— Ok, agora está tudo certo. — Ela lhe dá um sinal de positivo com o polegar.

Dando uma rápida olhada em Nix para ter certeza de que ele está olhando para Gabby, olho para Lola.

— Sorria, garota dourada.

E ela sorri, deslumbrante como sempre.

Enquanto as fotos são tiradas, eu aperto seu lado e ela olha para mim.

— Sou grato por você... e pelo suco de pêssego.

— Eu também.

EPÍLOGO

Lola

UM ANO DEPOIS

— Ainda está pensando nisso? — TJ passa por cima do console e pega minha mão com a sua, entrelaçando nossos dedos.

— Sim, eu simplesmente não consigo superar isso. É simplesmente... tão inesperado.

— É mesmo. Vê-los juntos é... — Ele ri, sem saber o que dizer.

Todos os nossos amigos vieram a Miami para comemorar nosso aniversário, mas também trouxeram notícias chocantes.

Desde que nos mudamos para Toronto, depois que TJ foi recrutado como a primeira escolha no draft, quase não os vimos. Especialmente nos últimos meses, que têm sido agitados e meio selvagens.

O Toronto chegou às finais da conferência, mas perdeu o quarto jogo. Apesar disso, TJ virou manchete pela forma como segurou a temporada depois que o melhor jogador do time, Jeremiah, rompeu o ligamento cruzado logo antes do início da temporada.

Muitas pessoas duvidaram e ficaram extremamente céticas até que ele começou a vencer. Além de ter tido uma temporada muito

boa, ele recebeu o prêmio de novato do ano da NBA no mês passado e teve muitos contratos com marcas que o procuraram.

Com toda essa exposição, os fãs apareceram aos montes. Não me importo com isso. Às vezes, é muito, porque todo mundo não só quer saber cada detalhe da vida dele, mas também da minha. Isso me deixa um pouco nervosa, mas todo mundo tem sido legal, na maioria das vezes. Ainda há pessoas ruins na Internet, mas já me conformei que isso nunca vai mudar.

Eu me formei este mês, mas não cheguei a participar da formatura. Meu negócio ainda está prosperando, mas tive que reduzir o número de pinturas ao vivo que faço. Quando TJ se tornou popular, as pessoas começaram a me reconhecer nos eventos. Não posso dizer que isso acontece o tempo todo, mas quando acontece, sou interrompida no meio da pintura para que alguém fale sobre as estatísticas do TJ ou sobre as equipes, para conhecê-lo ou para tirar fotos comigo. E já me atacaram algumas vezes.

O TJ, é claro, não aceitou bem esse último e contratou alguém, sim, isso mesmo, contratou alguém para me proteger, mas somente quando eu estiver em um evento. Eu diria que é um exagero, mas depois de um encontro bêbado com um dos padrinhos do noivo, decidi levar Silas, o guarda-costas, comigo.

O ponto alto do meu ano foi quando fui contratada pela minha atriz favorita de todos os tempos, Josephine Flores, para pintar o casamento de seu irmão. Precisei de tudo o que havia em mim para não agir toda fangirl, mas consegui manter meu profissionalismo até chegar em casa.

Depois que pintei para seu irmão, ela me recomendou a outros amigos e conhecidos. E agora, ocasionalmente, pinto para celebridades e saio com Josephine.

— Papai, estou com fome — reclama nosso filho de três anos no banco de trás.

Há três meses, Phoenix fez três anos, e fico triste ao ver que meu bebê está crescendo. Mas estou feliz por poder compartilhar todos os marcos do Nix com TJ e por estarmos morando juntos. Isso facilitou muito as coisas para o nosso filho, mas acho que isso se deve principalmente ao fato de ele poder ir com o pai à arena. Ele adora visitar e ver os rapazes da equipe.

— Desculpe. Eu não...

Como todos chegaram hoje, decidimos jantar na casa dos pais do TJ e amanhã vamos comemorar oficialmente. Mas ainda não estamos indo para a casa deles. TJ disse que precisávamos fazer uma parada rápida em algum lugar primeiro.

— Trouxe alguns lanches. — Ele dá uma olhada na minha bolsa. — Biscoitos Graham e fatias de maçã.

Não sei como não notei, mas, com certeza, há dois sacos Ziplock com lanches. Um com bolachas e o outro com fatias de maçã pequenas.

Entrego a ele um lanche de cada vez. A última coisa de que preciso é que ele se engasgue, mesmo que eles tenham o tamanho ideal. É melhor prevenir do que remediar.

— Eu pensei que você tinha dito que estávamos fazendo um desvio rápido?

— Achei que Nix provavelmente não conseguiria esperar até lá. O garoto adora seus lanches.

— Isso ele adora. — Sorrio e lhe entrego uma fatia de maçã. — Então, para onde estamos indo?

— Algum lugar.

— Onde fica algum lugar?

— Um lugar...

— Você está fazendo isso de novo.

— Que coisa?

— Onde você está sendo enigmático.

— Estou?

Eu resmungo: — Você é frustrante, sabia?

— Para você, sempre. — Ele sorri, esfregando a ponta do polegar sobre os nós dos meus dedos. — Você está linda.

— Não tente ser gentil. Não vai funcionar. — Infelizmente, um sorriso me trai, porque ele sempre faz com que essas borboletas selvagens vaguem em meu estômago quando diz coisas doces como essa.

— Bem, não posso falar sujo, Peaches. Temos uma criança aqui dentro.

Eu me forço a não sorrir novamente e balanço a cabeça. — Você diz as coisas mais doces para mim, Teddy.

— Faço o melhor que posso. — Ele pisca para mim.

Passamos metade do trajeto conversando sobre nossos amigos e o que perdemos desde que fomos para o Canadá, mas a outra metade sou eu falando. TJ fica quieto na maior parte do tempo, exceto por algumas respostas murmuradas.

De repente, o joelho dele começa a bater sem parar – o sinal clássico de que alguma coisa o está corroendo por dentro. Esse é o sinal que ele dá quando está ansioso. Não tenho certeza do motivo e pergunto o que há de errado, mas ele diz que não é nada. Ele está sendo estranho, e eu quero ser capaz de tirar o que quer que o esteja incomodando.

Ele lidou com muita coisa depois que Jeremiah teve de ser afastado pelo resto da temporada e, depois de perder a final da conferência há apenas alguns dias, tem sido difícil. Ele assume muita responsabilidade por isso. Eu gostaria que ele não o fizesse, mas é difícil para ele deixar para lá.

Tudo o que posso fazer é estar fisicamente aqui para ele e lembrá-lo de que estou sempre aqui.

Levo minha mão até sua nuca e mexo em seu cabelo. Infelizmente, ele cortou o cabelo, então não posso emaranhar meus dedos em seus cachos, mas, felizmente, ele está dez vezes mais bonito do que já estava.

— Ei, eu amo você.

— E eu amo você. — Ele sorri, leva minha mão aos lábios e beija os nós dos meus dedos.

— Estou aqui.

— E eu nunca fui tão grato.

Seu joelho saltitante para, mas agora seus dedos tamborilam no volante.

Quero dizer algo, mas antes que eu possa, ele entra em um estacionamento muito familiar. A Miami Davenport Marina, para ser exata.

Minhas sobrancelhas se franzem. — O que estamos fazendo aqui?

— Tenho que lhe mostrar uma coisa — diz ele simplesmente antes de sair e pegar Phoenix.

Não tenho tempo para fazer mais perguntas enquanto ele se dirige ao portão que diz Pier B.

Depois de sair rapidamente, eu o sigo até o iate do seu pai. Ainda não tenho certeza do que estamos fazendo aqui e não tenho a chance de fazer perguntas, porque ele me pede para pegar a garrafa de suco na geladeira e encontrá-lo na proa.

Enquanto me dirijo para lá, observo o horizonte em chamas enquanto o sol se põe abaixo dele, mas se agarra ao céu azul-claro que está lentamente se transformando em escuro. Faixas douradas rasgam as nuvens, pintando um céu que parece em chamas – lindo e quase irreal.

Olhando para a frente, paro em meu caminho, segurando o gargalo da garrafa enquanto olho para a grande tela ao lado de TJ e Phoenix.

— Isso é...

— Você decide. — Um sorriso suave, doce e carinhoso se forma em seus lábios.

Meu coração dispara e minhas mãos ficam úmidas quando diminuo a distância entre nós. — Você... comprou. — As palavras saem num sussurro, como se minha cabeça ainda não tivesse alcançado meu coração, olhando incrédula para o quadro que não vejo há quatro anos. Aquele que TJ e eu vimos em nosso encontro de faz de conta durante a semana do último ano.

Ele pega minha mão com a sua, a outra segurando Phoenix. — No começo, eu não entendia, mas depois você explicou e tudo fez sentido. Assim como quando você apareceu em minha vida novamente, aos poucos tudo começou a fazer sentido. Com todo o caos e a paz em minha vida, decidi que *não* quero mais ninguém com quem passar o tempo além de você. Quero a calma e a loucura, desde que você esteja nela.

Soltando minha mão, ele coloca Nix no chão e sussurra algo em seu ouvido antes de decolar. Vou agarrá-lo, mas TJ me impede e se ajoelha diante de mim.

Meus olhos se arregalam, meu coração para de bater e meus pulmões queimam quando prendo a respiração.

— Leia o rótulo da garrafa.

Pisco os olhos para ver além das lágrimas que embaçam minha visão e solto um suspiro trêmulo.

Peaches,

case comigo?

As lágrimas que eu estava desesperadamente segurando caem como uma cachoeira quando TJ abre uma pequena caixa de veludo preto. Um diamante do tamanho de uma rocha está no meio, brilhando intensamente.

Ele pega minha mão esquerda, deslizando a ponta do polegar sobre os nós dos dedos enquanto respira fundo. — Somos jovens, muito, muito jovens. Ainda temos muito neste mundo para experimentar, muito para ver, muito para aprender e muito para fazer. Mas, Louise, não há ninguém, absolutamente ninguém neste mundo com quem eu preferiria passar a vida do que com você. — Ele pega minha mão e coloca a palma em seu peito, onde seu coração repousa e troveja erraticamente. Seus olhos cor de uísque escurecem, cheios de uma intensidade que queima minha alma.

— O mundo é cheio de infinitas possibilidades, Louise. Algumas a gente escolhe, outras simplesmente acontecem. Conhecer você foi acaso..., mas amar você? Essa foi a escolha mais fácil que eu já fiz. Algumas estão sob nosso controle e outras não. Conhecer você estava fora do meu controle, mas amar você era algo sobre o qual eu tinha total e completo controle. Você é a minha possibilidade mais favorita e inesperada, e não quero parar de explorar as infinitas possibilidades que a vida tem a oferecer, desde que você esteja nela.

Ele faz uma pausa, sorrindo para mim.

— Você gostaria de ter um marido para o resto de sua vida? O que você acha, Louise, de se casar comigo?

— Sim! — Eu me engasgo com a palavra, enxugando as lágrimas enquanto ele pega o anel e o coloca em meu dedo.

Ele se levanta, envolve seus braços ao meu redor e me beija.

Quando ele me coloca no chão, Nix corre até nós, batendo palmas e rindo. Tenho certeza de que ele não faz ideia do que está acontecendo, mesmo assim, está feliz.

— Venha cá, ursinho, vou me casar com a sua mãe. — TJ o pega no colo e nos abraça longamente.

A vida nem sempre saiu como eu sonhei, mas, no fim, ela me deu tudo o que eu precisava – exatamente aqui, com eles.

Fim.